# QUADROS NAVAES

OU

# COLLECÇÃO DOS FOLHETINS MARITIMOS

## DO PATRIOTA

SEGUIDOS DE HUMA

## EPOPEIA NAVAL PORTUGUEZA

PARTE II — TOMO III

# QUADROS NAVAES
## OU COLLECÇÃO
DOS
# FOLHETINS MARITIMOS
## DO PATRIOTA
SEGUIDOS DE HUMA
## EPOPEIA NAVAL PORTUGUEZA

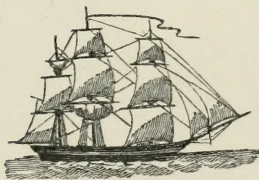
POR

JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES

OFFICIAL DA ARMADA

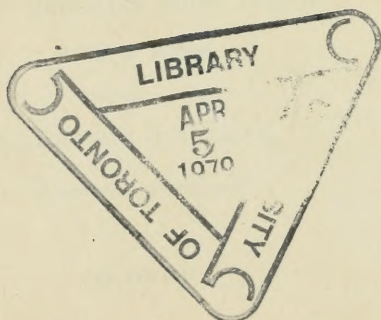
PARTE II—EPOPEIA

Segunda impressão

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1863

Michellis lith. Lith. da I. N.al

*Joaquim Pedro Celestino Soares.*
*8 de Junho de 1863, aos 70 annos de idade.*

ANNO DE 1833. N.º 92. PREÇO 20 REIS

Sexta feira 19 de Abril.

# CHRONICA
# CONSTITUCIONAL DO PORTO.

## Documentos Officiaes.

Fazendo-se digno de contemplação o Segundo Tenente da Armada Real Joaquim Pedro Celestino Soares, actualmente Commandante das Canhoneiras do Douro, pela bravura com que, commandando a Escuna = Ilha Terceira = sustentou um fogo successivo por espaço de oito dias contra as baterias inimigas, causando-lhes grande estrago, e retirando-se de bordo com a sua guarnição só quando aquelle navio, em consequencia de rombos que havia recebido, se submergiu: e igualmente pela maneira distincta por que se comportou em todo o tempo que dirigiu a bateria da Victoria, que passou a guarnecer com a sua tripulação depois que abandonou a sobredita Escuna; bem como em o dia dezesete de Dezembro do anno passado no commando da Escuna = Graciosa =; por todos estes respeitos, e por querer honral-o e condecoral-o: Hei por bem, em Nome da Rainha, fazer-lhe mercê de o nomear Cavalleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre — e — Espada do Valor Lealdade e Merito. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio no Porto, em quatro de Abril de mil oitocentos trinta e tres. = D. PEDRO, Duque de Bragança. = *Candido José Xavier.*

Com o Decreto publicado na Chronica Constitucional do Porto já transcripto, foram remettidos ao agraciado, da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, o Alvará da creação da Ordem, com os seus Estatutos nos termos seguintes:

Ill.$^{mo}$ Senhor.

De ordem de Sua Ex.$^{a}$ o Snr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, remetto a V. S.$^{a}$ a Portaria pela qual se lhe concede faculdade para poder usar da competente insignia da Antiga — e — Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, de que por Decreto de 4 de Abril do anno corrente — Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, e como Grã-Mestre, da referida Ordem, Houve por bem nomea-lo Cavalleiro.

Igualmente lhe envio um exemplar do Alvará da creação e estatutos geraes da Ordem.

E a mim me felicito pela distincta honra que me coube de annunciar a V. S.$^{a}$ esta Soberana mercê de que se fez tão digno.

Deos guarde a V. S.$^{a}$ Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino 17 de Março de 1833. — Ill.$^{mo}$ Sr. Joaquim Pedro Celestino Soares.

*José Balbino de Barboza e Araujo*

## AO TENENTE GENERAL VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA

Soldado.

Pelo valor, pela fidelidade, pela nobresa de caracter, pela firmeza de principios, pelo desinteresse, e pelo amor da Patria, Soldado, eu vos saúdo.

Tendo escripto varias obras que offertei a amigos taes como Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Estevam Coelho de Magalhaens, e Antonio Felicianno de Castilho, prestantes cidadãos, cuja memoria os annaes deste paiz hão-de abençoar pelos serviços que lhe fizeram, e pela dedicação e desinteresse que os dictou: E estando a publicar hum terceiro tomo dos *Quadros Navaes* em honra da gente Portugueza que expoz a vida em defesa da Bandeira Nacional, e usa praticar maravilhas nas occasioens difficeis para ella tremular vencedora: Depois destes illustres patricios, a nenhum outro poderia offerecer o meu patriotico trabalho, se não a hum dos primeiros valentes do nosso Exercito, a huma illustração militar dotada de fervoroso amor ao seu paiz, de huma nobresa

de caracter que todos os partidos reconhecem, e digna de receber quaesquer demonstraçoens de sympathia, que os votos de cidadãos independentes lhe possam dirigir.

Soldado. Tiveste a honra de ser encarregado dos negocios da Marinha e do Ultramar, na regencia do immortal Duque de Bragança, no reinado da Snr.ª D. Maria Segunda, no do Snr. D. Pedro Quinto, e do Snr. D. Luiz, devendo-vos esta Arma a construcção dos brigues *Vouga, Tamega, Douro, Mondego,* e a barca *Martinho de Mello,* bem como a acquisição das madeiras para a factura dos vapores *Barão de Lazarim,* e *Maria Anna,* com muitas outras providencias que a historia registrará, e ás provincias ultramarinas vão aproveitando.

Soldado. Eu vos saúdo, como a hum dos mais bizarros e illustres Cabos do nosso Exercito; distincto desde a primeira praça, acutilado, e desmontado na carga que o vosso regimento deo, em que ficaste prisioneiro dos Francezes; na emigração do feroz despotismo do usurpador; nas campanhas do Porto; e em quantas reacçoens o partido popular combateo a tyrannia: Soldado, e sempre Soldado, mutilado, mas glorioso, eu vos saúdo.

Ainda que pouca valia tenha a offerta que vos faço pelo mérito intrinseco da obra, a ideia que determinou este preito ao vosso nobilissimo caracter e virtudes civicas, he resultante do acatamento que todos prestam á integridade do vosso proceder, e á vossa immaculada conducta; e deve ser-vos grata, por partir do peito de hum Marinheiro que, vendo muitas vezes a morte avesinhar-se, nunca recuou ao seu medonho aspecto, nem transigio com a tyrannia, fosse qual fosse a fórma que

ella adoptasse, para o dobrar, em despreso da sua consciencia.

Soldado, Tenente General, Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, o cidadão e nunca desmentido patriota Joaquim Pedro Celestino Soares, velho militar da Marinha, vos saúda em continencia, e rende preito voluntario e não servil, offerecendo-vos parte das suas lucubraçoens inspiradas pelo amor á sua Arma e pelo seu patriotismo, em signal do direito que vos assiste, de serdes hum dos alvos de respeito, e das affeiçoens do magnanimo povo a que pertenceis.

Deus vos tenha em guarda, Soldado, e vos avivente tanto, quanto vos deseja

O vosso respeitador, subordinado,
e fiel amigo

*Joaquim Pedro Celestino Soares.*

Chefe de Divisão Gr.do Comm.te da Comp.a de GG. MM.

Companhia de Guardas Marinhas
7 de Dezembro de 1863.

A Dedicatoria deste terceiro volume dos *Quadros Navaes,* ao Illustre Visconde de Sá da Bandeira, estava na mente desde que lhe comecei a escrever a primeira pagina, mas não me determinaria a estampal-a, sem a devida authorisação. Em resposta ao meu empenho, Sua Excellencia honrou-me com a carta que em seguida vai, e que me lisonjeio de fazer publica, para prova do favor e amizade que sempre lhe mereci; e não só eu, se não todos os meus, que n'huma só vontade lhe consagramos, e recebemos o mais confiante affecto.

Companhia de Guardas Marinhas
13 de Dezembro de 1863.

*Joaquim Pedro Celestino Soares.*

Valle de Pereiro
10 de dezembro de 1863.

Ill.$^{mo}$ e Ex.$^{mo}$ Snr.

Tive a satisfação de receber hontem de tarde a carta de V. Ex.ª, de 7 do corrente mez.

Diz-me V. Ex.ª que tem concluido o terceiro tomo dos seus Quadros Navaes; e faz-me o favor de accrescentar, com as mais benevolas expressões, que tenciona offerecer-mo.

Esta lembrança de V. Ex.ª é para mim summamente lisonjeira; queira pois, por ella, acceitar os meus cordeaes agradecimentos.

Com o mais vivo interesse tenho lido os volumes publicados da mesma obra, na qual se mencionam feitos que constituem uma epopeia naval. Este trabalho, resultado de minuciosas e custosas indagações, só poderia ser composto por quem, como V. Ex.ª, reunisse a um intenso amor da Patria, os mais vastos conhecimentos da historia dos navegadores portuguezes.

Os exemplos de coragem, de audacia, de perseverança, citados nesta obra, hão-de servir de estimulo a muitos;

especialmente á gente maritima: pois que é á gente desta classe, e de todas as cathegorias, desde o Almirante até ao simples marinheiro, que a historia de Portugal deve muitas das suas mais gloriosas paginas.

A nossa força naval bem como as nossas colonias, cujas relações mutuas se não devem desligar, tem-me merecido sempre a maior consideração; e por isso quando as circumstancias o permittiram, procurei que algumas medidas uteis fossem tomadas a seu favor.

Seja-me concedido citar duas destas: 1.ª o decreto de 10 de dezembro de 1836, de que o dia de hoje é o 27.º anniversario, o qual abolio em toda a monarchia portugueza o trafico da Escravatura, e que foi a medida fundamental para se poder conseguir o desinvolvimento do commercio licito e da cultura da nossa Africa: e a outra medida foi a concessão de oito centos contos de réis, obtidos das Cortes, para serem empregados em construcções navaes.

Agradecendo novamente a V. Ex.ª quanto na sua carta se contém, e que me diz respeito, espero que acreditará que, com especial estima, e consideração, contínúo a ser

De V. Ex.ª

Am.º, obrigado e v.ºr

*Sá da Bandeira.*

# VÉNIA AOS LEITORES

Terminou a collecção dos *Quadros Navaes* no corrente mez de Dezembro de 1863, com o terceiro volume desta obra, não por mingua de materia, mas por falta de forças, para juntamente continuar com elles, a composição do *Annuario da Marinha,* que exige quantas hajam disponiveis para elle apparecer até Junho de 1864; pois he indispensavel dizel-o, ninguem se presta a fornecer o menor auxilio para o tornar interessante. Os *Quadros Navaes,* não tiveram para a sua laboriosa publicação, hum só collaborador, e comtudo, foi mister folhear mais de duzentas mil paginas de diversas obras, para reunir os materiaes deste pequeno monumento offerecido ás ancoras nacionaes; monumento que outro architecto mais habilitado tornaria digno do seu patriotico objecto. Ninguem supporá que, para tão exiguo producto, fosse necessario consultar tantos e tão diversos authores nacionaes e estrangeiros, e buscar por entre assumptos apparentemente disparatados, factos, e referencias applicaveis á nossa gente maritima.

Comecei pelos oitenta e seis volumes das Gazetas de Lisboa, seguindo os Mercurios Historicos, passando a extractar da Asia Portugueza, o que me parecêo digno de menção, e fui conti-

nuando com a mesma ideia, a ler as Decadas de Barros, e de Diogo do Couto; os vinte volumes da Historia de Portugal por Damião, o Gabinete Historico, a Historia Tragico-Maritima; Alguns Naufragios, Historia da India, Perygrinaçoens de Fernam Mendes, Oriente Conquistado, Fastos Lusitanos, Provas da Historia Genealogica, Dialogos de Varia Historia, Soldado Pratico, Academia dos Humildes, Annaes Maritimos por Quintella, Memorias da Marinha, Vida de D. João de Castro, Relação dos Successos do Tejo em 1831, Babron, Annales de Bajot, os vinte e seis volumes dos Nouvelles Annales de la Marine, Archeologie Navale, Hydrographie du P.e Fournier, vinte e dois volumes da Biographie Nouvelle des Contemporains, Histoire de l'Art Militaire, Force Navale de la Grande-Bretagne, treze volumes de La Vie des Marins, Vie de Jean Bart, Vie de l'Amiral Ruyter, Faits Militairs, Campagnes de Portugal, Expediction du Portugal, Histoire Filosophique des deux Indes, vinte e hum volumes da Histoire des Voyages, toda a collecção do Journal des Sçavants, Guerres Maritimes de la France por V. Lebrun, Guerres Maritimes por la Gravière, Langage des Marins, La France Maritime, Marine Française, La Mer, La Marine, Histoire de la Navigation, Faits de la Marine, The Naval Chronicle, cujo primeiro volume appareceo no principio de 1799, e centenares de outras obras, das quaes se hão-de encontrar traços nos tres volumes que imprimi relativos á Marinha deste paiz. He possivel que, menos distrahido com o meu serviço diario da Companhia de Guardas Marinhas, podesse apresentar hum trabalho mais correcto, do que o publicado até hoje; mas com as interrupções procedidas dos meus deveres officiaes, que apenas me deixavam, e deixam restos de tardes e as noites, mal se faz ideia do esforço que empreguei, para escrever as mil e setecentas paginas dos tres volumes dos *Quadros Navaes;* que todo o escriptor consciencioso deverá computar em duplicado, ou pelo menos em mais hum terço das impressas, em consequencia das erratas, das omittidas, das regeitadas, e até de algumas perdidas que se substituiram a custo; e mesmo com diverso

assumpto das originaes, onde difficultosamente se póde atar a oração.

Espero pois que me seja levada em conta, para atenuar o descosido dos seus periodos, a obrigação diuturna a que estava, e estou preso, sem nunca a ella faltar, parecendo-me que assim mesmo cercado de embaraços, tenho feito quanto de mim dependia para advogar o merecimento e direitos da minha Arma, que dá lustre e gloria ao paiz a que tenho a honra de pertencer. Se tanto não bastar para o indulto que todo o coração generoso me dispensará, pesando bem o escrupulo com que procurei nunca figurar em nenhuma das scenas ou combates navaes que descrevi (nalgumas, e nalguns dos quaes o meu nome poderia referir-se) consolar-me-hão os bons desejos de não ser huma nullidade alcatroada, mostrando que mesmo cheirando a este ingrediente nauseabundo, próvo que os sujeitos que laivos delle denunciam, pódem dar-se, e com effeito se dão a sérios estudos, diligenciando demonstrar a sua utilidade, e quanto a Marinha tem concorrido para honrar o Nome Portuguez.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1863.

*Joaquim Pedro Celestino Soares.*

Official da Armada.

Depois de escripta esta *Vénia,* e a Dedicatoria ao Snr. Visconde de Sá da Bandeira, tive certo receio de que o amor proprio me não cegasse, e offerecesse ao publico traslado da minha pequenez, e petulancia, requerendo-lhe attenção para este trabalho, e mandei todo elle ao meu amigo A. A. Teixeira de Vasconcellos, para me dar a sua opinião desapaixonada e livre da menor lisonja sobre o escripto, que lhe pedia corrigisse e cortasse, apesar de já impresso, porque preferia a *censura* de hum amigo, á censura geral. Sua Ex.ª respondeome de tal maneira, que me animou a conservar o texto, tal, e qual estava impresso, accrescentando-lhe por isto a opinião

deste insigne escriptor. He huma surpresa que lhe faço publicando a sua carta, bem como surprendo o Snr. Visconde de Sá da Bandeira, imprimindo aquella que me fez a honra de escrever. Eis a carta do Snr. Antonio Augusto:

Gazeta de Portugal. Rua da Cruz de Pau N.º 35.
Lx.ª 15 — 1 — 64.

Meu caro Celestino.

Estão dando 4 horas da manhã, porém não me recolho sem te escrever.

Li o principio do teu novo livro, e desde já te digo que, se as suas estampas não são essenciaes, é voto meu que o publiques já.

O retrato está bom, convenientemente ornado, e com a modesta circumstancia (sem tropheos nem murrião) que apontas. Approvo.

O decreto vai no livro tão apropriado como a Torre e Espada no teu peito, e o teu valor que merecem ambas as cousas. Approvo.

A carta ao Visconde de Sá está digna delle e de ti como a resposta é digna de ambos. Um e outro documento honram o paiz e devem publicar-se. Approvo.

A Venia aos leitores é uma fresta aberta no teu coração para que se veja lá dentro o amor da patria que ardeu sempre nelle, a estima da arma que illustraste combatendo e escrevendo, e o desejo de que os teus jovens camaradas imitem os exemplos dos seus predecessores. É uma lição affectuosa, e até na lista dos livros vejo incitamento ao trabalho, e indicação de que nada se consegue *sine improbo labore*. A publicação é pois util. Approvo.

Não é culpa minha, se d'este exame saes *nemine discrepante*, mas tua que não me déste materia a censura, por mais que apurei a vaidade para ver se dava um quinau a quem sendo mestre teve a modestia de me consultar.

Isto te digo na verdade de bom amigo, e de teu muito devedor, em todo o rigor da minha critica litteraria e de estylos de escriptura e sem me lembrar de que junto a estas qualidades as de teu admirador, e verdadeiramente apaixonado dos teus dotes de soldado, de escriptor, de cidadão, e de cavalheiro. Apesar d'isto creio que apreciei com justiça.

Se te resolveres a publicar já, dirás qual é a amostra que segundo o costume se hade dar na Gazeta, a qual é sempre tua e dos teus como o proprietario e director d'ella.

Quiz ir visitar-te hoje ao sair dos Prazeres onde fui enterrar meu Primo V. de Portocarreiro, mas era tarde, e eu vinha triste. Coitado. Era tão amigo meu, e da Julia e da Josepha que vim do cemiterio com as lagrimas nos olhos.

Já me é tristeza ver que se partem d'este mundo os que me crearam, e alguns, não poucos dos que entraram commigo na vida. Que fará quando chegar tempo em que me veja so, e sem encontrar quem entenda as minhas idéas ja então envelhecidas? Ha certa idade em que o homem pode dizer a respeito do mundo o que dizia Ovidio ácerca dos habitantes do Ponto: *Barbarus hic ego sum quia non intelligor illis.* Tu ainda estás longe d'isso porque no vigor do corpo que é o menos, e na disposição do espirito que é tudo, vives em dilatada juventude, e tens acompanhado o progresso das letras e das sciencias com passo vigoroso e acelerado.

Deus te conserve assim para honra da nação e particular contentamento de teu

leal e agradecido amigo e cr.º

A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Publico esta carta, sem previnir o meu amigo e sem o consultar para lhe subtrahir ou accrescentar nada ao que ella contém, por varias razoens: primeira porque ella exprime a sensibilidade de hum coração magnanimo animado de sentimentos generosos para realçar o mérito do amigo que suppõe digno de estima: em segundo logar, porque hé tão lison-

jeira para mim, attenta a capacidade e indisputavel talento de quem a escreve, que pessoa alguma, com peito de pedra que tivesse, deixaria de gloriar-se de tão grande applauso de tamanha intelligencia; em terceiro e ultimo logar para agradecer do modo que posso e de huma maneira indelevel, a sympatia que desde o primeiro momento que me encontrei com o Snr. Teixeira de Vasconcellos nos prendeo.

O nosso amigo o Snr. Marquez de Niza, a cuja meza éra admittido com singular obsequio, em companhia do nosso chorado José Estevam, lembrou-se de nos dar hum jantar sumptuoso, fóra dos outros ordinarios sempre lautos, e a este concorreo Sua Ex.ª o Snr. Teixeira de Vasconcellos: dahi por diante ficámos amigos, e fui eu que logo lhe devi favores, começando elle a fazer o panegyrico dos meus Quadros Navaes na Illustração que redigia. Nunca me deveo nada, nem deve, e só eu sou devedor, dando-lhe hoje este testimunho de gratidão, já que outro não cabe na minha alçada.

# MARINHA

## I

### VALOR DE CINCO MARINHEIROS PORTUGUEZES

A valentia não hé propriedade inherente a nenhuma raça da especie humana, assim como a força de animo, a audacia, e o desprezo da vida, não constituem o caracter especial de nenhum povo: a educação, as circumstancias do sujeito, a posição relativa do paiz, determinam de ordinario esse caracter individual ou collectivo.

A historia mostra que o heroismo, hé tão vulgar nas pequenas como nas grandes nações, e que todas ellas têm tido épocas de gloria e de triunfos, de abatimento e de revézes. No entretanto, o que mais se tem tornado evidente, hé que o amor da patria, e por consequencia os rasgos de valor e de dedicação que esta virtude inspira, são mais communs nas pequenas nações ameaçadas de perderem a sua independencia, do que nas outras que nada tem a receiar a este respeito, e aonde a paixão da gloria apenas, leva os seus cidadãos a praticarem feitos illustres, pela vaidade da sua grandeza e alarde da sua força; quando aquelles, são movidos a toda a sorte de sacrificios pelo instincto da propria conservação, pelo aferro aos seus lares atacados de mistura quasi sempre com as suas crenças religiosas, que os excitam a obrar as mais extraordinarias acções de devoção civica pela integridade do seu paiz. E tanto mais esta virtude se exalta, e tanto mais intenso hé o esforço que os cidadãos desenvolvem, quanto maior hé o nu-

mero de inimigos que os pretendem dominar, e mais repetidos são os ataques á sua vacillante existencia politica. Em geral, o que se observa, hé andar o valor a par dos riscos da vida: o soldado por exemplo, hé mais bravo do que o cidadão alheio ao serviço das armas; e o Marinheiro que tem a morte diante dos olhos a todo o momento, deve por consequencia arrostal-a com mais presença de espirito do que nenhum outro homem de guerra.

Se a hypothese que estabelecemos fosse huma realidade, como suppomos que hé, levar-nos-ía a concluir que, tendo a nação portugueza soffrido muitos ataques de outras superiores em força, e tendo conseguido saír triunfante das lutas que sustentou, está no caso de ser considerada como das mais valentes; e a sua gente do mar, que emprendeo e realisou as viagens mais longas, mais novas e mais admiraveis de que não havia exemplo, tão audaz e destemida, como toda a que pretenda sobresaír por actos de heroicidade. Quando não seja a primeira nos nobres predicados que a recommendam, pelo menos deve ter a consciencia de que nenhuma outra lhe leva vantagem, e que em posição analoga, não deve, nem tem a receiar primazias.

Em Portugal, rarissimas vezes se engrandece hum acto de valor. Alguem apostado a maldizer do que hé nosso, attribue este proceder ao vil sentimento da inveja, mas nós achâmos-lhe outra origem que, em vez de envergonhar-nos, deve ser motivo de huma certa ufania. Foi sempre tão vulgar neste paiz hum commettimento audacioso, que ninguem o acha extraordinario, e só meréce singularisar-se acto que noutras partes passaria por maravilha. Daqui nasce a especie de desprezo em que temos a galhardia nacional; daqui nasce a singeleza da descripção das nossas batalhas, das nossas descobertas, das nossas conquistas. Nem João de Barros, nem Diogo do Couto, nem Castanheda, nem Faria e Sousa, nem Fernam Mendes chamam valentes e denodados a D. Estevam de Ataide, a D. João de Castro, a D. João Mascarenhas, ao grande Albuquerque, a Salvador Ribeiro, nem aquelle perigrino chama

valente ao seu capitão Antonio de Faria; narram feitos que só podiam resultar de grandes dotes de alma, e de braços movidos por impulsos de generosos corações, mas não elogiam os guerreiros e capitães insignes que os praticaram. Este hé o caracter portuguez, modesto por natureza, commedido por essencia, e essencialmente justiceiro. Não o avançamos por paixão, vaidade ou prosapia nacional, dizemol-o por ser verdade. O facto que vamos referir, e que nos inspirou as considerações que acabâmos de fazer, veio relatado na *Gazeta de Lisboa* n.º 156 de 30 de novembro de 1809, como se fosse obra vulgar, e ácerca do qual ninguem fez commentarios ou se lembrou de fallar, posto que denotasse huma audacia espantosa, como a de se atreverem cinco homens prisioneiros e desarmados, a atacar quatorze que tinham armas e estavam senhores do navio, ficando aquelles, vencedores no fim do desigual combate.

Os Francezes não seguem este systema de moderação, pelo contrario exageram sempre as suas cousas e as pessoas que com ellas têm relação, especialmente as cousas militares em que se dizemprimar. Duguay-Trouin, hé hum heroe, porque surprendeo em boa paz a cidade do Rio de Janeiro e lhe deo saque, á frente de sete mil homens das trinta e duas náos e fragatas que os conduziram, guarnecidas com seiscentas e sessenta e duas peças de artilharia; Cassard, hé outro heroe, porque atacou por esse tempo e em boa paz a villa da Praia de Cabo Verde, com perto de tres mil homens transportados em tres náos, quatro fragatas e duas queixas; Roussin, ganhou o posto de vice-almirante, pelo *forçamento* do Tejo, que ninguem lhe disputou, commandando huma forte esquadra, em cujo feito admiravel para elles, não perdeo hum homem, sendo o successo annunciado estrondosamente na falla do Throno ás Camaras de França! Tudo que elles praticam hé digno de louvor, tudo hé grande, tudo hé glorioso! Até ultimamente, em junho deste anno de 1862, dizia o *Moniteur de la Flotte*, referindo os *seus feitos* maritimos e militares: « *Saïgon, chef-lieu de la colonie française qui vien d'être si glorieusement*

*fondée en Cochinchine, est l'une des principales raisons d'être de nôtre concession*, etc.

*Tão gloriosamente,* dispondo de grandes forças proprias, e auxiliadas pelas hespanholas de Manilha?! E não seria mais gloriosa, ou sómente gloriosa a conquista de Malaca pelos Portuguezes, e a sua conservação até ao tempo do ominoso dominio hespanhol, tendo nessa época de pelejar contra os Malaios, Achens, Borneos, Siamezes, Francezes, Hollandezes, Inglezes, e os proprios Hespanhoes que todos combatiam os nossos estabelecimentos ultramarinos, e guerreavam o nosso commercio?! Que paridade tem a guerra da Cochinchina feita pelos exercitos francezes e hespanhoes simultaneamente, e os meios materiaes de hoje, com a tomada de toda a peninsula malaia, do Pegú, das Molucas, e tantos outros pontos importantissimos da Africa, Asia e America, reduzidos á obediencia só pelo esforço do braço portuguez?! E chama o *Moniteur de la Flotte, gloriosa* a fundação da sua colonia na Cochinchina, duvidando os seus redactores e correspondentes que, no anno de 1809, fosse o imperio da China, e fossem os seus mares livres da pirataria, que os infestava, e submisso e rendido com perto de oitenta mil sequazes, pelos portuguezes o celebre *Qua-apou-Chai*, que esteve a pontos de expulsar do throno Celestial a raça tartara que o povo tolera a custo?! Duvidem os Francezes e o *Moniteur de la Flotte,* em vista da sua colonia de *Saïgon si glorieusement fondée.* Mas o feito incrivel e verdadeiramente glorioso da batalha da Bôca Tigre nunca admittio duvida, sendo confessado officialmente pelos Mandarins, cujas *Chapas* o testificavam e se conservam archivadas nos registos da cidade de Macáo. Duvidam, porque se tal victoria das nossas armas, tanta politica das nossas auctoridades, tanto patriotismo dos nossos cidadãos fossem obras francezas, não só a sua imprensa os teria feito admirar por todo o mundo, senão as suas esculpturas teriam reproduzido os bustos dos vencèdores, e os seus burís gravado as estampas das suas acções maritimas de então, como vem, inqualificavelmente figurado o *forçamento* do Tejo na *France Maritime!* Factos daquella ordem não se improvi-

sam e muito menos se podiam desfigurar, na presença de huma esquadra ingleza e do corpo de tropas desta nação que pretendia occupar Macáo, e foi compellido a volver aos seus navios pela habilidade e patriotismo com que os Portuguezes se conduziram. Ninguem até hoje deixou de acreditar na veracidade daquelle honrosissimo feito, e só agora Mr. Mallat de Bassillan no *Moniteur de la Flotte,* duvida da sua existencia, porque não o assoalhámos com o mesmo estrepito e os mesmos gabos que usam empregar os Francezes para engrandecer-se. Mas façam-no embora, sem comtudo buscar deprimir os outros que os deixam pavonear-se n'hum ambiente de louvores proprios, a ver se illudem os ignorantes do que aconteceo, e vae acontecendo: *glorieusement fondée en Cochinchine!*

Vamos porém aos nossos Marinheiros do brigue *Voluntario de Lisboa,* que mereceriam ficar bem conhecidos, e os seus nomes gravados na memoria dos patricios, para a todo o tempo se apresentarem aos estranhos, porque aos nacionaes seria ocioso tal estimulo em vista do que tem praticado a nossa gente maritima, se houvera quem os podesse saber; mas lá nos veio mencionado na *Gazeta* o nome do principal delles, do valoroso contramestre José Ribeiro, que foi o auctor da gloriosa empreza (podemos chamar-lhe gloriosa, a esta sim) de se atacarem os quatorze apresadores, com cinco prisioneiros, vencel-os, e conduzir o brigue restaurado a Lisboa. Ha muitos valentes, capazes dos mais generosos impulsos, porém a concepção do golpe arriscado, a iniciativa do commettimento, nem todos os bravos a sentem brotar no coração; a ideia da vingança e do resgate hé innata no opprimido e no captivo, porém o designio de quebrar os ferros e conquistar a liberdade, punindo os oppressores a troco da vida perdida no meio de milhares de tormentos, só hé dado a huma alma pouco vulgar e susceptivel de fantasiar os actos mais incriveis, com os quaes ficam surprendidos e vencidos aquelles que nunca os esperavam nem suppunham que viessem á ideia de ninguem.

Como imaginar que cinco homens desarmados atacassem e

surprendessem quatorze que dispunham dellas?! Quem podia suppor tal atrevimento ou tentativa?! E eis a razão do corajoso plano do contramestre José Ribeiro ser bem succedido. Mas para este valente homem o levar á execução, devia ter calculado isto mesmo. José Ribeiro contava com a decisão e valentia dos seus camaradas e com o esforço do seu braço, mas tambem com a imprevidencia e mal entendida segurança dos apresadores. José Ribeiro era, e não podia deixar de ser, homem de excellente cabeça, de forte vontade, de sangue ardente, de grande animo, e de muitas forças fysicas, não só para confiar em si, senão para infundir confiança nos outros valentes que o deviam secundar. E com effeito, o resultado provou que o audaz contramestre havia sido o ente mais logico e o executor mais discreto que as difficuldades da occasião demandavam.

Os quatorze Francezes nem sempre estavam juntos, e as circumstancias dos apresadores e dos apresados, entendendo-se pouco pela differença do idioma, concorria para os fazer andar distantes huns dos outros, e poderem os Portuguezes combinar o seu plano de ataque sem causar suspeitas. Pareceo-lhes que a maior opportunidade era depois da comida, quando o alimento principia a pesar no estomago e causa huma certa prostração, que as bebidas alcoolicas não deixam de acrescentar, e ás quaes a gente maritima, e piratas sobretudo, mal morigerados, se entregam desregradamente.

Esperaram pois que viesse a hora do jantar, e que a comida e o vinho fizessem o seu effeito. Os Francezes, para estarem mais a seu commodo, pozeram de lado as espadas e pistolas que tinham á cinta, e alguns estenderam-se a dormitar no convés. Então José Ribeiro deitou-se ao official de quarto, que era o proprio capitão da presa, arranca-lhe a espada e segura-o com hum golpe sobre o hombro direito, que o estendeo no convés; os marinheiros arrojaram-se ás espadas dos que se haviam estendido, e com ellas foram acutilando os que accudiram ao capitão, travando-se tal briga que parecia cousa sobrenatural ver como cinco homens cercados por treze, pois

hum dos quatorze jazia estirado e meio morto, se defendiam e lhe iam ganhando dianteira; mas em fim os cinco Portuguezes, escalavrados, cheios de golpes horriveis, tiveram a força, o animo, e a destreza de vencerem quatorze Francezes, seus apresadores, conduzindo-os a Lisboa no seu restaurado brigue.

Este facto, que mal se póde acreditar, vem singelamente annunciado na *Gazeta* já referida, nos termos seguintes:

«Lisboa, 30 de Novembro, 1809. Quinta feira. N.º 156:

«Temos prazer de annunciar huma acção de grande valor «de cinco marinheiros *Portuguezes.* Tendo saído o bergantim «*Voluntario de Lisboa* com a sua primeira direcção para *Bris-«tol,* com carregação de lã e sal, foi tomado a 19 de Novem-«bro pelo corsario francez *Intrepido,* o qual lhe tirou para «seu bordo o Mestre e sete pessoas mais da tripulação, e lhe «lançou quatorze *Francezes,* ficando no dito bergantim o Con-«tra-Mestre José Ribeiro e quatro marinheiros mais. O dito «Contra-Mestre no dia seguinte, 20 do dito, deo ordem aos «quatro marinheiros para que se arrojassem sobre os *France-«zes* a hum certo sinal que lhes designou: depois de terem «jantado os *Francezes,* deo-se o sinal, e valendo-se os cinco «*Portuguezes* das mesmas espadas e pistolas que os inimigos «tinham a seu lado, os accommettêrão, ferírão gravemente «sete, mettêrão os outros no porão, a excepção do Capitão da «presa, *Francez,* que foi por elles obrigado a tomar o porto «de Lisboa, onde felizmente chegarão segunda feira 27 de No-«vembro.»

## II

### O BRIGUE MONDEGO

Em 1822, hum periodico desta capital disse, que a Marinha de guerra Portugueza, gemia debaixo da influencia pestifera de *Caveira de Burro*, ou de *Arvore de Java*, porque o vivificante impulso dado a todo o paiz pelo systema politico então seguido, éra impotente contra a força do virus corrosivo daquelles symbolos de morte que sobre ella actuavam, e se oppunham a todo o melhoramento que o seu especialissimo serviço exigia [1]. E na verdade, parece que os factos confirmavam, e confirmaram este juizo, pois as reformas feitas em todos os ramos de administração, e as recompensas obtidas pela maioria dos servidores do estado, nunca abrangeram a Marinha, ou aproveitaram ao pessoal della. Insistindo nesta ideia, prova-se que a mesma arma, nunca obteve favor, por melhores que fossem as abonações que justificassem o seu direito a ser considerada, nem mesmo na presença dos combates, de que geralmente o publico parece esquecer-se, em vista do pouco empenho que os governos têm tido de os lembrar. Quem falla na campanha do Rio da Prata, apesar de haver huma medalha que a commemora? Quem menciona os serviços da Marinha na expedição da Bahia contra os insurgentes, e os seus combates de Itaparica a par das praças do Exercito, cujos officiaes que ella

[1] O jornal em que isto se disse, foi o *Astro da Lusitania*, como epigraphe de hum bellissimo artigo sobre Marinha, attribuido ao nosso talentoso camarada D. Gastão Fausto da Camara.

conduzira obtiveram dois postos nessa época de promoções? Nem ao menos galardoaram então a briosissima conducta de Borges de Sá atacando a náo *Pedro I,* nem a galhardia com que a esquadra de João Felix repellio a força e o fogo dos navios de Cokrane; nem mesmo promoveram a tenente o bravo e patriota Guarda Marinha Amaral que ali perdeo o braço direito, e tanta falta depois lhe fez em Macáo para defender-se dos assassinos que lhe deceparam a cabeça do corpo, e continuar a esclarecer as Quinas Lusitanas naquellas remotas regiões!!

Com effeito, ou *Caveira de Burro* e *Arvore de Java,* ou máo fado, e força de circumstancias inexplicaveis, de tal modo têm concorrido para o abandono e depreciamento da Marinha militar que, nem o quinhão de gloria ganho nas fileiras do Exercito Libertador, nas ilhas, no Porto e em Lisboa; nem o golpe decisivo por ella dado nas forças de D. Miguel á vista do Cabo de S. Vicente, a equipararam nas vantagens concedidas a esse Exercito onde combatera quando mais risco elle corria; já nas trincheiras da cidade invicta e da Serra do Pilar, já nas sortidas a Villa Nova, e já finalmente em todos os combates que immortalisaram os Saldanhas, os Terceiras, os Antas e outros generosos soldados, que a historia da restauração do throno da Rainha ha de celebrar, collocando-os a par dos valentes das nações mais bellicosas.

Seguindo este fatal destino, continuou sempre a Marinha a ser desattendida, mesmo nas épocas estrondosas das nossas dissensões politicas, marcadas por centenares de recompensas ao Exercito e empregados civis, cada qual mais exorbitante, terminando por esta ultima, em que apenas poucos dos seus officiaes foram promovidos para *preencherem* o quadro da Armada, que assim mesmo ficou incompleto.

Mas isto, mas este abandono, esta nullidade da Marinha, com quanto immerecidas, são nada attendendo a que os serviços della, poucos ou muitos, ha vinte e tres annos, foram prestados entre portuguezes, e a pró ou contra portuguezes; porém o que não póde explicar-se sem dó, ou que nenhum

homem que se honre com o uniforme do botão de ancora poderá consentir calado, hé que, havendo factos esplendidos desta Arma; que, derramando-se o sangue de Marinheiros de guerra entre inimigos externos em defeza da Bandeira Portugueza, esses factos deixem de mencionar-se e premiar-se, embora praticados entre barbaros a sete e oito mil leguas de distancia, por guarnições de pequenos navios, e por officiaes apenas no começo da sua carreira que, apesar de pouco esperançosa pelos motivos referidos, lhe sorria com hum troféo ganho para a patria em tão remotos climas.

Mencionaremos os Mirandas e os Rodrigues, que pereceram audazmente; aquelles a bordo de huma lorcha, surprendidos e assassinados pelos Chins a pouca distancia de Macáo; e estes a bordo do brigue de guerra *Mondego*, em combate contra os piratas Macassares nas aguas e praias de Timor. Os primeiros foram victimas, talvez do seu muito arrojo, e pouca pratica de quem os commandava; tendo poucos dias antes, com o tenente Vianna, apresado o taó *Man*, guarnecido por cem homens, dos quaes foram mortos dez, cincoenta levados a Macáo, e quarenta dispersos e fugidos a nado e nas lorchas; assim como represado o brigue inglez que o taó protegido por varias lorchas tinha varado em terra, avaliando-se a carga deste navio em 12:000$000 réis. Mas os segundos perderam a vida como a devem arriscar ou perder, aquelles que, ajudados de sciencia e dedicação, pugnam pela honra do seu nome e pela gloria do seu paiz. Por isso transcreveremos sómente e sem poesia, o que ácerca do combate que dá logar a este artigo, chegou de officio ao Quartel General da Armada.

Diz o governador de Timor Lopes de Lima:

«Daqui em diante compete ao novo commandante partici-
«par o resultado das commissões que tem tido a desempenhar.
«Importantes foram as que lhe incumbi, para de combinação
«com as forças de terra, destruir os atrevidos piratas Macassa-
«res, que tinham vindo em tres grandes barcos armados á praia
«de Dalbutidana, e ali apoiados por hum personagem da terra
«senhor daquella localidade e que com elles traficava em es-

«cravos, se haviam entrincheirado fortemente e aspiravam a «senhorear-se de toda a costa do nascente desta ilha, em des- «prezo do fraco governo portuguez de Dilly, ao qual desafia- «vam. O brigue manteve a gloria das Quinas Portuguezas em «dois combates com esses bandidos selvagens (aliás valentes), «no primeiro dos quaes lhes desbaratou parte da tranqueira, «causando-lhes grande mortandade, e tomando-lhes dois bar- «cos armados que tinham no mar, os quaes conduzio a esta «praça, carregados de mantimento e com bastante armamento «e quarenta escravos libertados; e voltando depois, foi nova- «mente bater com o seu fogo aquelle entrincheiramento, o qual «foi escallado e tomado pelas tropas de terra: e saltando ao «mesmo tempo na praia hum golpe de gente do brigue, foi «arrazada e queimada por ordem minha a tranqueira e a po- «voação, e o terceiro barco macassar que estava varado em «terra e cortadas as palmeiras; e os piratas depois de perde- «rem sete ou oito dos seus, acolheram-se aos matos, aonde as «tropas de terra os perseguem como a feras. Neste ultimo com- «bate do dia 12 de agosto nem hum ferido houve dos nossos. «Não foi porém assim no primeiro, a 3 de julho, em que além «de hum soldado do Batalhão Naval morto de huma bala de «espingarda, teve a Marinha portugueza a lamentar a perda «do segundo tenente José Antonio Rodrigues, victima da sua «bravura; porque no momento de saltar dentro do barco maior «dos piratas debaixo de hum vivo fogo da praia, recebeo na «garganta hum tiro de bacamarte, de que cahio logo morto. «A familia deste valente official morto em combate, parece-me «dever merecer alguma contemplação.»

Até aqui o governador Lopes de Lima, agora o comman-mandante do *Mondego*.

Participa elle que no dia 27 de junho partira do porto de Dilly, sendo a sua commissão visitar os pórtos de Éste, mostrar e fazer respeitar a Bandeira Portugueza, bem como aprisionar qualquer contrabandista ou pirata macassar. Que em 4 de julho tivera em Dalbutidana (ponto situado a oitenta milhas a Éste de Dilly) com dois barcos de piratas macassares, e a

terra que os protegia, quatro horas de fogo activissimo, conseguindo a final destruir o forte, pôr a gente em fuga, e aprisionar os dois barcos, conduzindo-os a Dilly. Participa que nesta acção foi morto de tiro de arcabuz o segundo tenente da Armada José Antonio Rodrigues, e de fuzil o soldado n.° 44 da 4.ª companhia do Batalhão Naval, Manuel Luiz. Continúa, dizendo que, fazendo em Dilly alguns mantimentos, voltara a Dalbutidana, e de combinação com forças timores, que marcharam por terra, arrasara completamente a fortificação dos piratas, fazendo desapparecer a povoação proxima que os protegia e o arvoredo, por meio do fogo que tudo reduzio a cinzas.

Destas duas participações conclue-se que o joven commandante Nobrega conduzio habilmente o seu navio, como piloto, e como soldado; que o fez navegar tão perto da terra que os curtos alcances dos tiros das caronadas poderam fazer effeito nas tranqueiras inimigas, talvez tendo o brigue em duas braças de fundo, e a trinta ou quarenta de distancia da terra, o que hé resultado de muita pericia maritima; e levou a sua guarnição ao fogo, o que tambem prova o seu valor, e disciplina em que tinha a guarnição, a qual correspondeo ao animo do seu chefe com a dedicação que a ardencia de dois combates coroou de virentes ainda que de ensanguentados troféos.

O Marinheiro de guerra que está nos termos de avaliar as difficuldades por que passou tão habilmente o joven commandante do brigue *Mondego,* não deixará de lhe fazer os merecidos elogios, bem como a todas as praças da sua guarnição, que o ajudaram a vencel-as debaixo do fogo inimigo; e de patentear do modo que podér, especialmente pela imprensa, o bom serviço prestado em honra da Bandeira Portugueza, legando á posteridade mais este combate da Marinha nos remotos mares do Oriente; sendo de esperar que o governo, reconhecendo a competencia do major general nesta materia, não só annúa á sua proposta abaixo transcripta, senão ainda que premeie aquelles que mais se distinguiram, e dos quaes tão pouco se tem dito ao publico, ignorando este que ainda ha of-

ficiaes da Marinha portugueza que se batem e morrem pelejando pela patria. Da nossa parte ao menos está publicar-lhes os nomes, e fazer quanto em nós couber para serem conhecidos, e chegarem aos vindouros os serviços por elles prestados, e o desfavor com que a sua e nossa Arma hé olhada geralmente. A proposta do major general é a seguinte:

«O commandante do brigue *Mondego*, o primeiro tenente «Manoel José da Nobrega, no combate que teve com os pira-«tas, destruindo-lhes o forte que os protegia, e apresando-lhes «duas das suas embarcações, fez a meu ver, hum serviço im-«portante, pelo qual deve ser elogiado; sendo para sentir a «morte do bravo segundo tenente José Antonio Rodrigues, jo-«ven que dava grandes esperanças de vir a ser hum dos or-«namentos da sua Arma; e com a sua familia e a do soldado «do extincto Batalhão Naval, Manuel Luiz, n.º 44 da 4.ª com-«panhia, morto naquelle combate por huma bala de fuzil, se «deve praticar o mesmo que a lei determina se pratique com «as familias dos officiaes e praças de pret do exercito que mor-«rem em acção.»

A Marinha portugueza não póde apresentar hoje esquadras que façam retumbar em todas as costas do orbe conhecido, quasi todas pelos seus navios primeiro avistadas, o éco dos canhões dos seus combates, ou as salvas que as Marinhas mais poderosas lhes vão dirigindo, e até com o seu estrondo e força impondo a lei; mas desses poucos vasos que possue, lá disparam as bandeiras nobremente, buscando os officiaes e equipagens que os tripulam honrar a patria, portando-se com dignidade a todos os respeitos; quer debaixo do fogo, quando elle se exige, quer em boa paz e leal proceder entre povos amigos e civilisados.

Com a mão na consciencia o dizemos, sem exceptuar a maneira bizarra e legalissima com que o commandante da escuna *Angra*, o sr. João Euzebio de Oliveira no patacho *Zambeze*, perto da Quitangonha capturou a barca negreira *Charles et Georges*. E bem que taes factos, como envolvidos em outros politicos de maior transcendencia deixem de assoalhar-se, nós,

veterano da Armada, que sentimos agitar-se-nos o sangue nas veias á noticia do menor acto de valor ou dedicação dos nossos Marinheiros e soldados, que tivemos a honra de entrar varias vezes em fogo com elles, de perder pelos tiros inimigos o navio do nosso commando, as canhoneiras 8 e 14 dos tenentes Herculano e Andrade Pinto, recolhido na nossa 12, varada tambem e cheia de mortos e feridos; de perder o escaler do mestre Landim, e o barco chato do guardião João Antonio, todos a pique nas aguas do Douro em diversos recontros ali havidos, tendo por companheiros e debaixo das nossas ordens os mais distinctos maritimos do exercito libertador, como Soares Franco, Assis, Centurini, Oliveira, Brandão, Couceiro, Cardoso, Bressanes, Januario Celestino, Soares (Pancada), Castello Branco, Doria, e outros, aos quaes vimos arriscar a vida com huma abnegação que póde igualar-se mas nunca exceder-se, especialisando entre os mais valentes os valentissimos Assis e Soares Franco, nossos briosos companheiros na espedaçada escuna *Terceira;* temos gosto de ir recordando os factos honrosos que devem tornar grata ao paiz a memoria dos seus homens do Mar, sendo huma grande fortuna nossa, o podermos incluir no numero dos mais benemeritos, desde a restauração do throno da Rainha a Senhora D. Maria II, aquelles que commandámos, e este mesmo que mais figura no presente artigo, o sr. Nobrega, por duas vezes nosso companheiro e subordinado, já em guarda marinha, já em official superior.

Não só para agora, que não devem esquecer-se, senão para o futuro, vamos colligindo quantas noticias podermos obter dos serviços que os officiaes da Armada prestaram ou vão prestando á patria, esperando que todos elles ou as suas familias e descendentes encontrem nas paginas que escrevemos e legâmos aos vindouros, o quinhão de gloria que lhes hé devido e que tem direito a esperar do enthusiasmo que todo o acto de valentia, de sciencia maritima, de amor da humanidade, e de amor patrio inspiram e devem inspirar no animo de hum Marinheiro encanecido no serviço do seu paiz.

## III

### UM RASGO DE VALOR

As pessoas que nunca embarcaram fazem quasi sempre ideia errada da vida do Marinheiro, porém, suppondo-o de ordinario com recursos e certo atrevimento, filho dos riscos da sua existencia aventurosa e vagabunda; e aquellas que apenas navegaram á vista da terra, ou que a deixaram de ver por poucos dias e na occasião das borrascas, tambem olham com attenção os navegadores de longo curso, avaliando os perigos que elles têm de affrontar na razão da distancia que os separa do porto da partida. Por isso, havia antigamente grande respeito pelos Marinheiros da India que, antes de se empregarem as maquinas de propulsão á nautica, poucas vezes se abordava com menos de cinco ou seis mezes de viagem, onde a custo de muitas fadigas, privações e golpes desastrosos, os mesmos Marinheiros reuniam aos trabalhos do mar, todos os outros que tornam recommendavel e benemerito da patria o soldado valente, ora pelejando sobre as ondas contra superiores e desiguaes adversarios, ora escalando muralhas e assaltando fortalezas, como se a sua profissão fosse somente a das armas dos exercitos de terra.

Esta sympatia éra razoavel porque raro seria hum destes ditos Indiaticos, que não houvesse exposto a vida de todas as maneiras, passando de Marinheiro a soldado, de capitão tenente ou commandante de Galia a capitão de infanteria ou de cavallos, de commandante de hum terço a capitão de mar e

guerra, de general da armada a general de huma provincia, a governador de huma praça, a védor da fazenda e mais cargos publicos, pois só os militares com oito annos de serviço activo naquelle paiz tinham direito ao seu provimento. Eis a razão por que quando se tratava de hum delles, suppunha-se ter o mesmo, visto e passado por circumstancias extraordinarias e concorrido para actos famosos, os quaes de mistura com os nomes gentilicos a que estes se referiam, ou logares onde éram praticados, davam ao sujeito author delles e a elles mesmos huma sombra de romantismo, e tal ou qual reputação de superior intelligencia que infundia respeito. Para prova disto e que os militares da India, mormente os Marinheiros, praticavam feitos illustres e obravam proezas dignas de memoria, não carecemos recorrer ás tradições antigas, nem aos testemunhos dos historiadores das nossas conquistas e descobertas que, desse tempo e da sua acquisição tudo hé de tal modo grandioso e sublime, que parece impossivel, e custa a crer, collocando a gente portugueza, se não acima da melhor da Europa, ao menos a par da que nella mais avulta em sciencia, bizarria e heroicidade; basta folhear os officios dos governadores e vice-reis desde 1762 até ao fim do reinado da senhora D. Maria I, onde estas authoridades lhe pedem desculpa de irem contra as ordens da côrte, declarando e fazendo guerra aos inimigos do Estado, tomando-lhes ou destruindo-lhes fortalezas e conquistando-lhes provincias, das quaes, invadidas ou taladas, lhe remettiam idolos dos pagodes demolidos e varios canhões mouriscos, incluindo a celebre peça *Soté-Lascar,* ou Victoria dos Exercitos, que Manuel de Saldanha e Albuquerque, conde da Ega, encontrou na formidavel praça *Mordangoro* de Pondá; cujos muros de trinta palmos de altura e vinte e quatro de grossura, foram escalados e arrazados na sua presença pelos nossos Marinheiros e soldados no 1.º de julho de 1762. Ora, como destes militares, alguns se dedicavam mais ao mar do que á terra, seguindo os póstos da Marinha, e tornando-se distinctos no seu serviço, com elles nos entreteremos, persuadindo-nos que a lembrança e relação dos seus serviços.

deve ser grata ao paiz que, ao esforço dos braços e fadigas de muitos delles, deve grande parte do seu glorioso nome e respeitosa fama admirada em toda a Asia; quer batalhando sobre as vagas em pequenos e frageis navios, quer em inhospitas praias, que até ao fim dos seculos servirão de attestar a ousadia e inicial pericia e valor dos Marinheiros portuguezes, seus primitivos descobridores e dominadores. Mas hoje não ha-de a penna que manejamos buscar entretecer de ficções agradaveis, a descripção de hum facto verdadeiro e comprovado por documentos, como outras vezes tem procedido, pois elle não precisa de côres emprestadas, nem de atavios brilhantes, para causar interesse e mover o nosso animo a prestar homenagem a quem o praticou, dispondo-nos a seguir os admiraveis exemplos de audacia e de patriotismo que no mesmo facto se encerram, capazes de excitar as mais gratas sensações e despido de episodios que podessem tornar duvidosa a sua incontestavel existencia.

A 6 de janeiro de 1764 botou fóra da barra de Gôa, a Armada de Guarda Costa, que se compunha da fragata *Vencimento,* commandada pelo capitão de mar e guerra D. Lopo José de Almeida; da náo *Necessidades,* do commando do capitão de mar e guerra Antonio de Mello e Castro; da palla *S. Pedro,* do commando do capitão de mar e guerra D. Christovam Carcome Lobo; e das manchuas *Santo Antonio e Nossa Senhora dos Remedios,* commandadas pelos capitães tenentes Martinho Pereira de Vasconcellos e Luiz Antonio Gonzaga.

Chegando esta a Cochim, teve D. Lopo noticia de haverem os Maharathas aprezado hum grande navio dinamarquez na altura de Calecut, e por isso fez elle signal de *virar de bordo e procurar o inimigo com toda a força de véla.* Viraram com effeito os navios, e poseram no bordo do Norte, cingindo o vento que soprava fresco de Éste a És-nordeste [1] (E. a ENE); po-

[1] Continuamos a lembrar, como fizemos no I tomo, a razão de escrevermos os rumos por extenso, e não como se usa o bordo, pois esta obra não hé classica, nem de estudo technico, mas para pessoas extranhas ao mar.

rém os que mais forcejaram foram a palla *S. Pedro*, e a náo *Necessidades*, que nesse dia perderam de vista a capitania *Vencimento* e as manchuas; tão ligeiras e de tão bom pé como a palla e mais do que a náo, que éra o navio mais pesado da esquadra, os quaes ambos foram seguindo para o Norte em bordos curtos, ao rumo onde diziam achar-se a esquadra dos Maharathas. Qualquer que podesse ser a sua força, não éra de metter medo aos dois habeis commandantes que arrostariam todo o poder que taes inimigos podessem juntar, entretendo-os com manobras debaixo do maior risco até se reunir a Armada, para lhes dar huma severa lição, ou faltando-lhe o soccorro irem a pique.

Com esta ideia, e cheios do seu fogoso patriotismo, manobraram tão opportunamente, puxando com quanto panno os dois velhos navios podiam aguentar, que ao anoitecer do segundo dia, deram vista da Armada inimiga no horisonte, composta de seis pallas e onze galvetas, levando a reboque o navio aprezado. Foram sempre os caçadores ganhando distancia, e no dia immediato reconheceram que as pallas Maharathas, eram de vinte e oito a trinta peças, muito veleiras, e cuja excellente marcha era retardada pela preza menos andadora. Portanto, já n'hum, já noutro bordo, com os batentes das portas debaixo d'agua, fizeram quanta diligencia humanamente se podia fazer, virando de espaço a espaço como quem tinha boa vontade de vir ás mãos, até que o destemido D. Christovão Carcome Lobo na sua palla de vinte e seis peças, talvez dirigida melhor do que a náo, e a todas as luzes, por pessoa de estimulos singulares e muita honra, pôde adiantar-se e chegar na tarde seguinte aos inimigos com os cachorros de prôa: mas elles sem diminuirem de panno ou darem huma guinada que lhes fizesse perder caminho, apenas responderam com os guardas lemes, sem quererem travar combate; e buscando ao que parecia, salvar o navio aprezado em porto amigo, antes que as forças portuguezas reunidas lho retomassem e fizessem maior damno. D. Christovão, conhecendo-lhe o intento, e buscando tambem estorvar-lhe a fuga, apesar de só,

e em navio tão pequeno, contra sete de maior lote e onze galvetas: isto he, não tendo mais de vinte e seis bôcas de fogo para oppôr a duzentas e quarenta, metteo-se no meio daquella Armada pelas onze horas da noite, fazendo-lhe e recebendo della hum vivissimo fogo, para que algum dos navios Maharathas desarvorasse, e a não podesse chegar-se e travar combate; mas debalde esperou, pois aquelles não desvelejaram e sempre foram seguindo com o mesmo panno, encobertos com o fumo e escuro da noite, que interceptava as suas manobras e evoluções determinadas por signaes de luzes e fógos de artificio. Por espaço de duas horas durou esta renhida e desigual acção, sustentada incrivel e nobremente pelos Portuguezes, até que dois navios grandes e alterosos appareceram por ambos os bordos da palla, como para lhe darem abordage, protegida esta por descargas de fuzilaria e tiros de metralha. Então o habil commandante Carcome Lobo e a sua impavida guarnição animando-se mais, se mais podiam com este acrescimo de adversarios, igualando o seu admiravel esforço essa audacia que géra os grandes e sublimes feitos, respondem áquella chuva de balas e vozeria inimiga com duas bandas successivas de palanqueta, deixam-se cahir a ré com a gavia e gata sôbre, mareiam de novo, orçam, e pondo-se a barlavento, despedem-se dos inesperados e novos aggressores com duas bandas de artilharia, á espera que a luz da manhã lhos désse bem a conhecer, para começarem mais cruenta e rara acção.

Logo que rompeo a aurora, viram-se elles cercados de embarcações: pelo sul, tinham huma cafila ingleza comboiada por dois grandes navios de cincoenta peças (que haviam atacado a palla); pelo Oeste a Armada dos Maharathas, diminuida de tres pallas, das seis que haviam combatido, provavelmente mettidas a pique ou fugidas; ao Sudoeste o navio dinamarquez rebocado e protegido pelas onze galvetas; e a náo em grande distancia hum pouco a barlavento mas em calma. Assim que o vento lhe deo bordada, o intrepido e audacissimo Carcome Lobo, seguio em demanda da preza que as galvetas não trataram de defender, reunindo-se ás tres pallas restantes, as

quaes se poseram ao largo e muito a sotavento da cafila, á espera de ensejo favoravel, que lhe tornasse o navio portuguez de algum modo inferior para o combate, que já a esse tempo viam sem mastareos da gata e de juanete de prôa, e todo o panno rôto dos muitos tiros que soffrera; porém descobrindo-se na seguinte manhã a fragata *Vencimento* e as manchuas, botaram á poppa arrazada e sumiram-se debaixo da terra [1].

Heroica palla *S. Pedro,* guerreiro D. Christovão Carcome Lobo! Qual dos maritimos de outro paiz faria mais do que vós fizeste? E qual delles, que assim honrasse a patria, deixaria de obter para o escudo das suas armas já antigas, hum florão que perpetuasse a memoria do seu valor?

Chegando a Armada a Gôa, apresentou-se ao vice rei hum capitão de mar e guerra inglez pedindo satisfação do estrago que o seu navio e outro da sua conserva, ambos de cincoenta peças (parece fabula) tinham recebido de noite da palla *S. Pedro,* que os batera sem razão, matando-lhe e ferindo-lhe muita gente, fazendo-lhe rombos no costado e causando-lhe mais avarias. A esta reclamação respondeo o Conde da Ega que: Tendo a nossa palla começado o combate com os Maharathas, sem avistar antes de anoitecer os navios inglezes, persuadio-se que todos os atacantes eram inimigos da mesma origem, não podendo suppor que os Inglezes se fossem metter no meio de huma acção, a que nenhum motivo os devia conduzir, e entrando tambem no fogo contra o navio portuguez. Averiguado bem o caso, veio a conhecer-se a injustiça e má fé dos nossos alliados, querendo encobril-as com a sua infundada queixa do fogo feito aos seus navios, mas sabendo-se que, os Maharathas tendo avistado a cafila ingleza, se foram dirigindo para ella, e lhe destacaram huma das pallas pedindo-lhe soccorro; e os alliados vendo que só hum navio portuguez entrara em combate, julgaram que apparecendo-lhe novas forças inimigas, ou julgadas taes por ser de noite, o mesmo pequeno navio se acobardaria desistindo da acção, dando tempo a que os Maha-

[1] *Debaixo da terra,* quer dizer em phrase maritima que a terra por mais alta se avista e não os navios

rathas salvassem a presa. Mas enganaram-se, pois a palla *S. Pedro* do valente D. Christovão Carcome Lobo, tão bem commandada e guarnecida por tão brava gente, á vista do grosso da Armada dos Maharathas e seus protectores Inglezes, foi perseguir com rara impavidez as manchuas rebocadoras do navio apresado, retomando-o com hum desassombro e audacia que não podia exceder-se, como em officio de 15 de janeiro de 1764 o disse o vice-rei Conde da Ega, ao ministro da Marinha Francisco Xavier de Mendonça Furtado, do qual officio aqui trasladamos o ultimo paragrapho, que não deixará de esclarecer o facto e tirar todas as duvidas aos incredulos do que fomos e temos sido na India, podemos e devemos ser em toda a parte do mundo quando os governos deste paiz não façam intibiar os nobres impulsos do generoso povo Portuguez.

«Soubemos, ainda que não com provas incontestaveis, que «os Maratás fugindo se refugiaram entre a cafila que no dia «seguinte se descobrio, e que os mesmos Inglezes pela paz «que têm com os referidos, e a opposição que nos conservam «nesta parte do mundo, sabendo que huma embarcação pe«quena se atrevia a tentar fortuna tão destemidamente, não «duvidaram com os seus grandes navios de que nos fariam «respeito, no que se enganaram; e ainda que eu não desejo ter «dissensão com alguma nação, sendo todo o meu cuidado evi«tal-as com todas, como elles foram os que se vieram metter «no combate por sua livre vontade, não deixei de satisfazer«me, que se lhe mostrasse que inda com tanta desigualdade «o não regeitavamos, abatendo por este modo a insupportavel «soberba com que pretendem tratar-nos, e com que todos os «dias nos estão dando motivos para rompimento, querendo «sempre que nos encontram, ou mostrar superioridade ou des«prezo, o que tem obrigado já por vezes os nossos capitães de «mar e guerra a rebater-lhe quasi com as ultimas razões. Te«nho dado conta a v. ex.ª do successo d'esta expedição, para «que chegando esta á presença de Sua Magestade, o mesmo Se«nhor seja informado do procedimento dos officiaes que com«mandavam a palla.»

À vista d'este officio do Conde da Ega, donde se conclue o valor e audacia com que o capitão de mar e guerra D. Christovão Carcome Lobo buscou a Armada Maharatha, afastando-se dos navios que o deviam proteger; e da intrepidez com que elle e a sua guarnição entraram no fogo, e combateram forças inimigas tão disparatadas por mais de duas horas, não éra de esperar que hum e outra tivessem hum premio correspondente á singularidade do seu brilhantissimo comportamento?! Julgarão todos que sim, e que, além dos elogios devidos á summa habilidade do commandante e valor da guarnição, que deveriam ser estrondosos para ressoarem por toda a India a fim de engrandecer o nome Portuguez impondo respeito aos povos nossos adversarios, o mesmo commandante fosse agraciado com hum posto, hum habito, ou hum titulo honorifico?! Mas nada disto aconteceo, antes pelo contrario, o caso tornou-se aggravante e até prejudicial ao nobre e honrado marinheiro Carcome Lobo que, longe de ser louvado e premiado, soffreo desgosto, affronta e injustiça; quer por ser o seu serviço reputado ordinario na India então, onde as acções illustres eram triviaes; quer por ser a arma da Marinha sempre infeliz e mal paga entre nós, que nunca a tivemos na sua devida consideração. Eis o facto final:

D. Lopo, talvez por máo caracter e desejo de arriscar o seu camarada, deixou de empenhar-se na caça que ordenara, e como devia com todos os navios do seu commando, e éra de esperar dos signaes por elle feitos á esquadra, especialmente com a sua fragata tida pela melhor da Armada da India, a qual só reunio aos combatentes quarenta e oito horas depois da acção. Mal que chegou á falla, e soube que a palla fizera a preza independentemente da náo, foi tal a sua inveja, que sem proceder a nenhuma indagação e por desfeitear o seu brioso camarada, mandou trocar o capitão da preza e a marinhagem della posta pelo commandante aprezador, a pretexto de que os soldados tinham aberto as caixas dos vencidos. O commandante da Armada que, se não éra fraco ou traidor, deixando de levar a sua fragata ao fogo (que dizia o Conde da

Ega *jogava cincoenta e oito peças)*, éra pelo menos ignorante e invejoso, não farto de insultar a intelligencia, o brio e a honra de hum official tão distincto como éra o commandante da palla *S. Pedro*, projectou roubar-lhe a gloria do seu brilhante combate e malquistal-o com o vice-rei que até o castigaria, se huma circumstancia casual não estorvasse tamanho crime, pondo a bordo do commandante accusado e mal querido, huma testemunha ocular da sua maravilhosa conducta, que restabeleceo a verdade. Era ella o ajudante general, o coronel Jacques Filippe Lendrezet que, a titulo de aprender a pelejar a bordo, obtivera do vice-rei licença de fazer aquella campanha como voluntario; e na qual D. Lopo lhe houvera dado occasião de bem instruir-se, se tivesse manobrado debaixo de todas as indicações aconselhadas pelo brio e sciencia do Marinheiro de guerra, quando quinze dias antes desta ultima infamia, avistou os Maharathas aprezando hum navio hollandez, que não soube reprezar.

Fosse porém a culpa de D. Lopo ou do máo fado que persegue os mais honrados officiaes da Marinha Portugueza, tanto na India como em Portugal, o certo foi que D. Christovão Carcome Lobo, não só deixou de ter o mais pequeno louvor ou premio, e de ser indemnisado da injuria que lhe fez D. Lopo mudando-lhe o capitão da preza e guarnição por elle posta no navio dinamarquez; se não escapou de passar por hum conselho de guerra, pelo ter reprezado com hum só navio de vinte e seis peças, contra dezesete outros guarnecidos com duzentas e quarenta bôcas de fogo!

Este exemplo hé consolador para os homens generosos e amantes do seu paiz, que não devem desanimar debaixo do peso das mais violentas perseguições, nem esmorecer por atribulados do seu bom serviço, que os invejosos e calumniadores fazem por desconceituar; pois que, se os seus contemporaneos lhe negarem o devido galardão e merecidos elogios lá virá a posteridade que lhes fará justiça: a ella pertence corrigir o effeito das más paixões, e a ella só têm direito os homens raros de merito distincto e de grande intelligencia, que

as almas apoucadas mal podem soffrer sem rancor. O presente de ordinario pertence aos homens communs, aduladores e insignificantes, que se amoldam a todos os caprichos de quem manda, e servem de fazer sobresaír a pequenez daquelles que o acaso ou favor elevou a logares eminentes.

Hé por isto que reproduzimos hoje, e faremos por dar publicidade a quantas noticias podermos obter de factos honrosos, que digam respeito a officiaes da nossa Marinha, quer dos bem apreciados, quer dos injustamente esquecidos, pois de todo o modo devem servir ao engrandecimento de quem os praticou.

«. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
«Porém não deixe em fim de ter disposto
«Ninguem a grandes obras sempre o peito;
«Que por esta, ou por outra qualquer via,
«Não perderá seu preço, e sua valia.

Lusiadas. Canto V. Est. C.

## IV

### SCIENCIA E VALOR[1]

Os historiadores de todas as Marinhas têm sempre buscado nos annaes dellas, feitos que os tornem recommendaveis aos seus respectivos paizes; e ainda que os resultados dos combates lhes fossem desvantajosos, como quasi sempre aconteceo ás Marinhas franceza e hespanhola nos seculos XVIII e XIX, procuraram provar que mesmo vencidas e anichiladas, os desastres que soffreram foram illustrados por tantos rasgos de valor e tanto heroismo, que nunca as victorias de que os vencedores se gloriam, lhes podem causar vergonha ou nodoa de individuo a individuo, de Marinha a Marinha, relativamente comparadas. Hoje os *Episodios Maritimos* e a *France Maritime,* têm feito os parallelos de varias dellas, concluindo que os officiaes e vasos tanto hespanhoes como francezes, apesar de inferiores em numero aos inglezes, não lhes cedem a primazia, nem na coragem, nem nas qualidades nauticas, e mais excellencias que os distinguem; e os hollandezes, com serem

[1] O artigo que hoje se transcreve do *Patriota* n.º 2:416 de 20 de julho de 1852, com quanto já fosse em parte publicado a pag. 429 do tomo II dos *Quadros* incluido noutro relativo á barca *Charles et Georges,* pareceo dever-se reproduzir integralmente, por dar noticia de hum facto cheio de circumstancias muito honrosas para os nossos patricios de além mar, que deixaram de mencionar-se então, pois era inopportuno tornar a analyse da violencia feita aos Portuguezes pelo aprezamento daquelle navio negreiro mais extensa, notando-se este facto por incidente e em resumo, o que agora não acontecerá.

poucos, julgam-se os primeiros homens do mar, depois que por huma destreza e audacia não suppostas e realmente admiraveis, tomaram huma bandeira de Almirante no Thamiza aos seus adversarios Inglezes, a qual por similhante affronta, só foi permittida aos mesmos Almirantes da encarnada, içarem no anno de 1806.

Por isso não ha para nenhuma destas quatro nações, ingleza, franceza, hollandeza e hespanhola, officiaes e vasos superiores aos seus, e contam d'elles tantas maravilhas que espantam; donde se conclue que o mimo do seu pessoal merece as benções da Patria, e que nessas Marinhas avulta o merito a todos os respeitos. Porém os Francezes, como aquelles cujas derrotas de *la Hogue*, de *Aboukir* e de *Trafalgar* fizeram maior éco, são os que mais se empenham em destruir o máo effeito que as mesmas produziram no animo dos outros povos, e não ha circumstancia attenuante e que aproveite ao seu intento que deixem de relatar. Com esta ideia repetem sempre que podem as gentilezas e os nomes de *João-Bart,* os exagerados e pouco provados feitos de *Duguay-Trouin, la Touche-Treville, Hamelin, Roussin, Soufrin,* e até o do seu famoso corsario dos mares da India *Surcouf,* que tomou a náo ingleza *Kent,* e a portugueza *Conceição* (por traição tratando como amigo o seu commandante em Gôa, e vindo esperal-a na costa do Natal, surprendel-a e tomal-a como inimiga); e adornam as proezas que lhes attribuem de factos pouco exactos em detrimento alheio como aquelle que mr. Dupin conta do capitão *Duperré* hoje almirante, o qual commandando a fragata *Bellone chemin faisant, il prend d'abord la frégate portugaise la* Minerva, *supérieure à la sienne, en grandeur, en hommes, en artillerie.* Ora a *Minerva* foi com effeito tomada pela *Bellone* nas Braças de Bengala comboiando dois navios mercantes do Rio de Janeiro, mas não *chemin faisant,* de França para a Ilha de França, e ainda menos por hum navio inferior, nem de menor porte.

Á vista de tantas proezas escriptas por pessoas tão authorisadas como mrs. Dupin, Babron, Luco, e outros de igual cre-

dito, julgar-se-ha que os Portuguezes foram sempre batidos por estes formidaveis guerreiros, sem haver hum só facto que lhes abone a valentia; mas o contrario temos provado, e ainda provaremos com este que hoje se escolhe de preferencia, por ser authentico, acontecido entre huma fragata portugueza e duas francezas, que ella bateo e fez fugir nesses mesmos mares da India, *qui ont été fécondes en belles actions trop peu connues, et dignes cependant de procurer à nos marins une gloire éclatante et durable*, como avança mr. Dupin no tomo II, pag. 88 da *Force Navale*. Deixando mais episodios entraremos na materia.

Monsieur Henrique Bonot, capitão atrevido e experiente pelas muitas viagens que fizera á India, discorrendo por aquelles mares nos annos de 1710 e 1711, teve a boa fortuna de aprezar varios navios inglezes e hollandezes, e de voltar á Europa carregado de riquezas. Não satisfeito com o valioso producto das suas piratarias, e tambem desejoso de ganhar nome, armou duas fragatas para novo corso, das quaes a primeira que elle commandava, era da força de cincoenta e quatro peças de calibre seis, oito e doze, com trezentos homens de guarnição; e a segunda de trinta e seis peças dos mesmos calibres, e duzentos homens, que perfaziam a somma de noventa bôcas de fogo e quinhentos combatentes todos europeos. Com este respeitavel armamento saío de *Lorient* no mez de março de 1712, costeou o Brazil e passando pelo Estreito de Magalhães ao Mar Pacifico aportou a Manilha no seguinte março de 1713.

N'aquella praça declarou que ía disposto a aprezar todos os navios que encontrasse pertencentes a qualquer nação que estivesse em guerra com a França ou Hespanha, dispondo-se a dar o primeiro exemplo da sua audacia, no aprezamento da náo de viagem de Gôa para Macáo. Não era cousa difficil com tão desproporcionados meios em relação aos navios que ordinariamente eram expedidos com aquella denominação, e até muito de esperar, engrandècendo-lhe a fama do golpe, não bem conhecido o seu valor, pois apenas constaria na Asia e na Europa o aprezamento da *náo de viagem* pelas fragatas de

Bonot, supponde-se que á denominação de náo, correspondia a grandeza e força do navio que semilhante titulo indica; mas dispoz Deos o contrario para honra dos Portuguezes, e castigo do seu orgulho e traiçoeiro proceder. Para esta façanha de surpreza, ainda reforçou as guarnições dos seus navios com cem Lusões, Negros, e Malaios, não só para a taifa e manobra, se não para os distribuir pelos navios que aprezasse; e largou de Manilha no mez de abril todo ufano e empavezado em demanda de *Pulo-Aôr*, por cuja altura devia necessariamente passar desapercebida a náo portugueza (navio de viagem, galera ou brigue), e mais barcos do alto que buscam aquelle ponto quando sáem ou entram no estreito de Sincapura e de Sonda. Neste cruzeiro tomou o brigue mercante de Macáo pertencente a Francisco Leite, e abordou muitas sommas chinezas que depois de roubadas a titulo de transportarem cargas de inimigos, abandonava ás guarnições. Nesta diligencia de dar caça ás sommas, tanto se apartou de *Pulo-Aôr*, que não avistou a náo portugueza que ali passou a 25 de junho, e éra nesse anno a fragata *Nossa Senhora da Nazareth*, do commando do capitão de mar e guerra Paulo da Costa; navio apenas de trinta e quatro peças de seis e de oito libras de bala, menos os cachorros de prôa que éram de doze, e os guardas lemes de dez, tripulado por oitenta soldados e trinta e cinco artilheiros brancos, e trinta e cinco marinheiros canarins e mestiços de Macáo, perfazendo todos cento sessenta e sete homens incluindo os officiaes.

Passada a monção dos navios da China sem que Bonot avistasse a náo de viagem, voltou a Manilha no mez de agosto; correndo ali a noticia dada pelos Chins, de que encontrando-se a mesma náo com as duas fragadas se tinham os Portuguezes defendido galhardamente, e até maltratado aquellas, seguindo depois a sua viagem para Macáo sem damno algum. O facto da mesma náo ter aportado áquella cidade, e o credito que os Portuguezes sempre tiveram de esforçados no Oriente, davam a estas vozes certo pezo que Bonot tratou de destruir, estimulando-se de que o reputassem tão fraco, e fossem tão credulos

que suppozessem possivel a fuga de duas fragatas francezas de huma portugueza; e então prometteo ao general e á nobreza de Manilha, ir esperar a náo no seu regresso a Gôa, e trazel-a prizioneira áquella praça, em prova da falsidade de taes calumnias que atacavam a sua reputação. Para isto fez novos aprestos, alardeando do seu futuro triumpho, e partio muito mais cedo do que a monção o permittia, antes que os Portuguezes receiosos dos seus ataques, lhe tomassem a dianteira. Todas estas noticias chegaram a Macáo pelos prizioneiros do brigue de Francisco Leite que Bonot soltara, e voltaram áquella cidade nas sommas chinezas, depois de vendido o casco e o carregamento.

O commandante da náo que ali aportara em 13 de julho, e éra como se disse o capitão de mar e guerra Paulo da Costa, sem receiar as ameaças do famoso corsario, nem tão pouco as noventa bôcas de fogo das suas fragatas, preparou-se para as repellir, pedindo ao governador mais dez soldados e cinco artilheiros, bem como seis peças, obtendo apenas só quatro que elle lhe pôde dispensar, e as outras duas lhe foram offerecidas pelo cidadão Manuel Gonçalves dos Santos para o serviço de El-Rei e defeza da Bandeira Nacional. Com ellas, os soldados e alguns mestiços, se completou o armamento da fragata que ficou então guarnecida com duzentas praças e quarenta bôcas de fogo. Quer dizer, propunha-se o modesto Marinheiro e valoroso capitão Paulo da Costa, a brigar com hum navio contra dois, com duzentos homens contra seis centos, e a resistir com quarenta peças de pequenos calibres, aos tiros de noventa outras de que ignorava a grandeza. Desejosos tambem os Macaenses de mostrar ao mundo o seu patriotismo, e nenhum temor das ameaças do corsario francez qualquer que fosse a força que ostentava, e o perigo que do combate lhes viria, pediram ao governador fazerem aquella campanha, em que todos á porfia desejavam entrar, mas apenas obtiveram essa honra o ex-capitão mór do campo Francisco Leite Pereira, dono do brigue aprezado, o capitão da fortaleza do Monte Francisco de Gouveia Cardoso, o ajudante general Luiz de

Mendonça, Manuel de Moraes Madureira e Simão Botelho, que ambos tinham militado com fama de valentes nas terras do norte contra os Arabes.

Dispostas assim as cousas para o combate, e não querendo o nosso commandante, como prudente que éra, deixar a sorte delle só entregue ao valor pessoal, preparou o seu navio de modo que podesse tirar alguma vantagem dos seus pequenos meios, e então cobrio-o de huma xareta de poppa á prôa e correo-lhe huma rede de abordage, passou-lhe os camarotes debaixo do tombadilho [1] para as amuradas, deixando-lhe no meio praça para jogar huma peça na poppa, e arranjou-lhe neste logar seis caixões de fogo, á moda da China, e poz a sua guarnição a póstos da seguinte maneira: Deo o commando geral da bateria ao seu immediato o capitão tenente Manuel Pestana, e ás ordens delle, commandando as peças de bombordo, Francisco Leite Pereira, e as de estibordo Luiz de Abreu Bustamante; as peças de caça ao capitão de infanteria Manuel Moniz e ao alferes Filippe Nery; as de guarda leme, a Luiz de Mendonça, e os pedreiros da poppa a Manuel de Medeiros; o paiol da polvora, a Francisco de Gouveia Cardoso, e ás ordens delle commandante o segundo tenente do mar Alvaro Rodrigues. Tambem fizeram viagem nesta occasião cinco Jesuitas e hum seu leigo que recolhiam a Gôa das missões da China.

Chegada a época da partida, levantou a fragata *Nazareth* ferro, a 17 de janeiro de 1714, encommendando-se o commandante á Padroeira della, bem como a guarnição que esperava merecer-lhe este favor e confiavam na sua protecção, assim como no valor dos seus braços e animos varonis, que

[1] Como se conclue deste arranjo de camarotes, que vem descripto no impresso donde o copiamos, a tal dita fragata éra hum navio de tombadilho, sem portas debaixo delle, visto que o commandante lhe poz *os camarotes á amurada* (textual) *e deixou espaço para jogar huma peça a meio.* Dos mais arranjos se conclue igualmente que havia só huma bateria, pois esta foi entregue a hum só commandante della, e as peças de BB a fuão e as de EB a cicrano, etc.

os feitos a elles devidos tão respeitado fizeram o nome Portuguez por aquellas remotas partes.

Desde o dia 17 até 29 de janeiro soprou-lhe vento de servir, que levou a fragata de escôtas largas pelo Golpho de Hainão e Costa da Cauchinchina, porém ali lhe acalmou de sorte que, só com bafagens, poderam avistar Malaca em 6 de fevereiro. Chegando pelas tres horas da tarde a distancia de tres a quatro milhas, içaram bandeira fazendo-se igual cumprimento da fortaleza. Continuando a navegar e descobrindo no ancoradoiro, entre muitos navios, dois mais alterosos e grandes com bandeiras brancas atravessaram, colheram a sua, e deram hum tiro de peça, á espera que de terra mandassem a bordo perguntar o que pediam; mas não vindo escaler nem lancha, tornaram a marear, seguindo, até se prolongarem com os navios suspeitos, que reconheceram pelas duas fragatas inimigas, fazendo-se logo depois no bordo do mar. Immediatamente aquellas dispararam nove tiros para a terra, que não lhes respondeo, e fizeram-se de véla no mesmo bordo da *Nazareth.*

No entretanto, cruzavam-se as lanchas das duas fragatas francezas, como quem communicava ordens, e atracou á maior dellas hum langabote da mesma nação, partido do ancoradoiro á véla e remos. Este, e huma das lanchas assim forcejando, adiantaram-se como caçadoras, até que chegando á falla lhes perguntaram os Portuguezes que fragatas éram aquellas? Responderam:

—São da Companhia.

Tornaram os primeiros a perguntar-lhe:

—São da Companhia e trazem bandeira franceza?

Responderam:

—Todos somos bons francezes.

Então o commandante lhes disse:

—Se avançam mais duas remadas, mando mettel-os a pique.

Com esta ameaça arribaram e foram buscar as aguas das fragatas.

Proseguiram os nossos a sua derrota com boa vigia de noite, até que ao amanhecer descobriram os dois navios inimigos ao mesmo rumo, porém distantes, e tanto que, mesmo fazendo toda a força de véla neste dia 7, nunca chegaram a tiro de canhão. Por isto, foram-se os Portuguezes dispondo para serem atacados de noite, a qual se passou a póstos e com grande vigilancia, quer por já haver apenas cinco braças de fundo, quer por causa dos inimigos, e quer finalmente por se ter entrado no canal de *Pulo Parcellar*, que dista doze leguas ao noroeste de Malaca, sendo então mister largar ancora até romper o dia. Mal que amanheceo, descobriram-se aquelles tambem surtos em distancia de duas a tres milhas. Naquelle estreito e em tal posição, não se navega com ventos contrarios, e por isso esperavam os Portuguezes a viração da tarde para se fazerem de véla; mas os inimigos que em todo o caso contavam aprezal-os, mandaram sondar o canal pelo langabote que, marcando-lhe o fundo por signaes de bandeiras, os induzio a levantar ferro e buscarem aquelles, pela huma hora, com a pequena aragem que os favorecia.

Vendo isto o commandante, chamou para ré o Estado Maior, e fallou-lhe d'esta maneira:

«Esta fragata hé del Rey nosso Senhor (transcripto litte-«ralmente). Leva em si o produzido do negocio da Companhia «de Gôa, de cujos interesses pende a opulencia do Estado «Portuguez na India. Confiou-se ao meu cuidado a sua con-«ducção, e a sua guarda, impondo-me o preceito nas ordens «que me deram, não buscasse occasioens de aventural-a. Vos-«sas Mercês souberam muito bem em Macáo, pelas noticias «tão repetidas que alli tivemos, que este Cossario nos espe-«rava, promettendo entrar triunfante das nossas armas em «Manilha, levando esta Náo aos olhos dos Castelhanos por tes-«temunha da sua victoria. A verdade deste aviso se comprova «com os havermos achado em Malaca, e com a diligencia que «desde alli tem feito em nosso seguimento. Atégora muito «contra o meu brio cuydei em evitar o combate, por não me «apartar hum ponto das ordens do Vice-Rey; mas ao presente

«todos vemos que nos falta a maré, e o vento para nos adian-
«tarmos. Esta pequena aragem com que os inimigos se nos
«vem avezinhando, nos não serve a nós mais que para enca-
«lhar em terra; mas que utilidade podemos tirar desta reso-
«lução? El-Rey perderá a fragata, a Companhia a fazenda, nós
«a honra, e as nossas armas o credito. Que vergonha para a
«Nação entenderem estes Cossarios que lhes vay fugindo huma
«Náo de guerra Portugueza? Atéqui lhes poderia fazer enten-
«der a distancia, que continuavamos a nossa viagem: agora
«que se achão já tão perto, crerão sem duvida que nos acom-
«panha o mêdo. Estou já determinado a esperalos surto neste
«lugar; por que me parece que teremos mais da nossa parte
«o respeito que inspirará nos seus animos a nossa resolução.
«Bem considéro quanto as nossas forças são inferiores ás suas
«em vasos, em artilharia, e em gente; mas com menos vanta-
«gens costumão pelejar, e vencer os Portuguezes, pois com
«esta excellencia se distinguirão sempre das outras Naçoens.
«De que nos servirião, se não de injuria, estes aprestos que
«fizemos em Macáo para a peleja? Com razão se diria que qui-
«zemos augmentar os despojos ao inimigo, e ficaria o nosso
«nome afrontado, e com o oprobrio de fracos, e com o crime
«de inconfidentes. Não os chamei a Vossas Mercês para lhes
«recommendar os logares que lhes tenho distribuido, nem
«para os animar á peleja, porque fôra grosseira desattenção
«minha, lembrar-lhes o que já corre por conta da sua honra,
«e esquecerme de que são Portuguezes. Todos faremos por imi-
«tar os nossos antigos Nacionaes, que com acções semelhantes
«a milagres assombrárão este Oriente, e fizérão immortal
«nelle o nome da Patria».

Todos ouviram esta pratica cheios de animo, e responderam que nenhum outro designio os trouxera de Macáo, aonde deixaram empregos, fazenda e familia, se não ganharem mais honra defendendo a *náo d'El-Rei, e o credito da Nação.*

Os Francezes tinham-se neste meio tempo aproximado com a maré e a pequena aragem que mal lhes enchia o panno de brim, pelo que, estando a alcance lhe atiraram os Portuguezes

com o cachorro de EB (estibordo) da prôa, que era a unica peça que conteirava nesta occasião, por estar a fragata afilada á corrente, e içaram bandeira. A este tiro responderam os inimigos com tres das suas peças da amura, pois vinham de roda á roda, largaram bandeira igualmente, e foram arribando para bombordo a buscar posição accommodada ao objecto de baterem o navio surto.

Como a distancia não era ainda sufficiente para o emprego dos seus projectís, deixaram-se cahir obra de duas amarras, com que ficaram a menos de meio alcance, e largaram ancora, o maior hum pouco a ré da amura, e o outro pela alheta da fragata portugueza. Então romperam o seu vivissimo fogo, parecendo-lhes que, dentro em poucos minutos a renderiam, mas pelo contrario, assoprando logo após a viração da tarde, e picando os Portuguezes a amarra, buscaram os dois aggressores tão audazmente prolongando-se com a maior das duas fragatas, e tratando-a de maneira, que esta picou tambem a sua amarra, e fugio a incorporar-se á mais pequena que lhe ficava na poppa, a qual neste instante mareou, tendo perdido o ferro como a primeira.

Velejados os tres navios, procuraram os Francezes ganhar barlavento, que era então pela amura de bombordo, mas os Portuguezes mais destros e melhores manobristas deixaram-nos por sotavento. Comtudo, como eram dois navios atacando hum terceiro, sempre a manobra de hum dos dois lhe era facil, e por isso emquanto o maior dava costado áquelle, o mais pequeno cahia a ré, e o batia pela alheta; mas não obstante a duplicidade do ataque e das muitas forças dos corsarios, como os Portuguezes dispunham do campo de batalha por estarem senhores do vento, foram-no sustentando com tal habilidade e denodo, que os Francezes, sem nunca melhorar de posição, ás sete horas da noite botaram á poppa e foram fundear. A fragata *Nazareth*, senhora sempre do campo de batalha, fundeou tambem.

Em todo o dia a briosa guarnição deste invencivel barco, apenas tivera tempo de acudir á manobra e ao serviço das suas

bôcas de fogo, que escaldavam, sem tomar alimento; e agora, apesar do cansaço e da fome, era-lhe mister reparar as suas avarias antes que o inimigo voltasse á carga. Consistiam ellas, em muitos rombos no costado, todo o panno roto, os cabos fixos, e mesmo os de laborar cortados, e o mastareo do velaxo com huma bala no terço e outra no calcez. Botaram-lhe arrotaduras, chapados no panno, unhões na enxarcia, pranchadas e tacos nos rombos, e fizeram costuras nos cabos da manobra, ou passaram alguns novos; comendo alguma cousa no entretanto, sempre á espera do inimigo para mais renhida e decisiva acção. Logo que despontou o dia, vio-se a maior fragata andar de véla, por ter buscado de noite ganhar barlavento, e já em pequena distancia, por bombordo da portugueza, e a outra que tambem suspendera, muito sotaventeada.

Não tardou a *Nazareth* em suspender e manobrar conforme o caso pedia, até que ás sete horas se aproximou a maior fragata inimiga tocando os seus instrumentos bellicos, e rompeo o fogo com huma banda de metralha e descargas de fuzilaria, que foram galhardamente recebidas com igual apparato, e destreza. E tanto a proposito isto se executou, que os inimigos cahiram a ré por doze ou quinze minutos, provavelmente para repararem as avarias soffridas; mas seguiram de novo para voltarem ao combate com furia immensa, que durou até ás onze horas. Neste meio tempo em que os dois contendores se aggrediam só em gavias, e seguindo pouco, tinha-se aproximado a outra fragata que andava longe, e vinha a grande alcance disparando as suas tres peças da amura de barlavento; porém recebendo a maior dellas, huma banda bem dirigida da *Nazareth*, arribaram ambas e pozeram-se ao largo.

Estava ella, como sempre, senhora do campo de batalha, quando a maior fragata de Bonot lhe offereceo outra vez costado, e entreteve, para a outra mais pequena manobrar e mettel-a entre dois fogos; ao que os Portuguezes foram acudindo com raro valor e habilidade, porém apesar delles, conseguiram os inimigos o seu intento pelas duas horas da tarde, de maneira que nesta conjunctura, lhes fizeram hum fogo horrivel

e tão vivo, continuando de tal modo, que lhe cortaram a adriça da bandeira. Cuidando elles então que esta fôra arriada, gritaram ao seu modo: *Vive le Roy, vive le Roy!* Porém o leigo Jesuita, que fôra artilheiro, tendo com toda a presença de espirito conteirado cinco peças de ré, para as jogar de cochia quando o inimigo desse alguma arribada, tão bem e tão opportunamente as disparou, que lhe metteo o painel da poppa dentro, com cuja avaria, e talvez muitas peças desmontadas e muita gente morta, a maior fragata foi arribando, seguida da outra, acossadas ambas pela *Nazareth*, que deo fundo ao anoitecer deste glorioso dia 9 de fevereiro de 1714, em que os Portuguezes n'hum só barco de quarenta peças, tripulado por duzentos e dez homens, poseram fóra de combate e destroçaram, como depois se soube, dois outros, guarnecidos com quinhentos europeos e cem mestiços ou Malaios e Luzoens, montando noventa bocas de fogo.

Deram fundo os Portuguezes, não só para repararem as suas avarias, senão tambem por causa da maré, e o vento que os ia empurrando contra os baixos, e gastaram toda a noite em novos aprestos; quando ao amanhecer viram as duas fragatas inimigas meias desmantelladas, a maior dellas sem mastaréos, sem verga do velaxo, e a do traquete arriada, parecendo que havia grande faina a bordo da outra, donde as lanchas se cruzavam com a primeira. Convindo então os Portuguezes que os inimigos tinham ficado em circumstancias de não tentarem nova acção, mas nunca tão mal tratados que, com a pequena fragata não tirassem algum partido da *Nazareth* toda cheia de rombos, e a sua intrepida guarnição meia morta ou ferida, deram á véla para Gôa, aonde chegaram triunfantes de tão numerosos inimigos, e aonde a sua victoria foi celebrada como merecia, sendo em prémio della promovido pelo Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, o capitão de mar e guerra Paulo da Costa, a capitão-mór da Armada do sul.

E mr. Bonot, que promettera voltar a Manilha com a náo portugueza prisioneira, bem longe de cumprir a sua promessa, mudou de rumo, e foi então de bordada larga aportar em

Pondechery, aonde chegou com as duas fragatas em tal estado, que a maior dellas ali se desfez, e a outra para voltar á Europa, foi preciso ver-lhe o fundo; ali foi preso pelo governador, por ter passado o estreito de Magalhães, contra as convenções desse tempo; como tambem por ter apresado hum navio portuguez, depois de assignado o tratado de paz entre as duas corôas de Portugal e França, e ter batalhado com outro da mesma nação inutilmente, perdendo cem homens no combate, e ficando-lhe duzentos feridos.

Eis-aqui demonstrado authenticamente, por hum relatorio *impresso em Lisboa na officina de Pascoal da Silva, impressor de Sua Magestade no anno de* 1716, (donde esta presente narração se extractou) que os Portuguezes na India, e principalmente os Marinheiros, eram não só valentissimos, generosos, prudentes, se não até instruidos e com excellente juizo, como se deprehende da pratica feita a bordo da fragata *Nossa Senhora da Nazareth,* pelo seu esforçado commandante o capitão de mar e guerra Paulo da Costa, cujo nome recordamos a todos os apaixonados do credito e da honra nacional, para que o repitam cheios daquelle orgulho que as acções heroicas dos compatricios só inspiram, e animados do nobre desejo de as imitarem.

V

## MASTROS DA CORVETA PORTO[1]

A Marinha de guerra portugueza ha muito que estava agonisante, porém ainda nos seus ultimos paroxismos, mostrou por meio do brigue *Lebre* e da escuna *Velha de Diu*, que o corpo moral desta arma, seguindo no seu modo de existir as mesmas leis dos corpos fysicos, havia sido animado de grandes espiritos, e conservava debaixo do peso da sua decrepitude e decadencia, desejos de não manchar por huma morte aviltante, a memoria da sua vida honrada; e as partes dispersas do seu cadaver, como por habito de certo movimento pundonoroso e cavalheiresco, deram tambem ideia de que o mesmo corpo, já roto e dilacerado, fôra de militar aguerrido, submergindo-se nas aguas do Douro perto de Massarellos e em frente do Terreiro; ou á vista do Cabo de S. Vicente, quando o navio *Maia e Cardoso*, batido pela alheta, falto de manobras e sem mastaréo de velaxo, sustentava içada a sua bandeira (posto que branca) ornada das Quinas de Affonso Henriques, e dos castellos com que outro Affonso symbolisara os seus heroicos feitos no Algarve contra os infieis.

Desta época em diante os restos mortaes daquelle ser, tão nobre e bem constituido, foram-se decompondo ou convertendo em vermes hediondos e abjectos, atacando-lhe os ossos incorruptos quantas operações podiam ideiar-se para o redu-

[1] Publicado no *Patriota* n.º 2:030 de 29 de março de 1851.

zir ao nada. Com effeito, depois não houve mais Marinha, tudo que appareceo com este nome foram deformidades. Dos cascos velhos ou mercantes fizeram brigues, curvetas e fragatas, no nome que não no arreganho e beldade militar; das fragatas fizeram *náos rasas* (!!); e das náos fizeram monstros, cortando-lhe os beques, descompassando-lhe os mastros, mettendo-lhe tres barras de encosto no painel da poppa, e arranjando este de modo que, se não causa riso, mette dó, indicando o gosto e conhecimentos technicos de quem produz taes artefactos, e de quem os tolera.

Para mais ainda alejarem o aggregado dessas partes podres chamadas Marinha, mandaram construir vasos de guerra por mestres carpinteiros mercantes, assistidos incompetentemente de officiaes militares ou civis, que nunca aprenderam a galivar hum páo, e a desenhar a projecção de hum navio; pois bem que estas funcções especialissimas e technicas pertencessem aos engenheiros constructores, na falta delles deviam fazer as suas vezes discipulos da academia, habilitados de modo que os podessem substituir. Daqui resultou que os vasos saídos dos estaleiros de Damão e do Porto, ficaram defeituosos, como se vê na curveta *D. João I,* e obras mortas da fragata *D. Fernando*[1]; no brigue *Douro,* que desarvorou de ambos os mastros ao primeiro golpe de vento fresco por causa da pregadura das romans; no *Serra do Pilar,* que levou hum fabrico e emendas tão dispendiosas como o seu primeiro custo, e na curveta *Porto* que mal amanhada e meia mercante, vai tirar os mastros para poder navegar! Este ultimo caso hé grave, e talvez novo nos annaes da nossa Marinha de guerra!

Sem referencia a pessoas, porque só analysamos factos, perguntariamos primeiro, se o beque deste navio, sua collocação tanto acima da roda, e angulo do garupés ao horisonte, sua poppa e seus mastareos de juanetes, podem nunca inculcar-se como de curveta, cuja beldade e finura são requeridas em to-

[1] Note-se bem que o alejão, hé só nas obras mortas, onde houve arbitrio do official incumbido de vigiar a obra.

das as Marinhas militares, como indicando os mais ligeiros e graciosos navios que nellas se ostentam? Dado que sim, perguntariamos tambem o modo por que se enfeixaram e encacholaram aquelles mastros, qual hé a sua solidez, e se em todas as suas partes ella hé homogenea, e elles correspondem ás exigencias de hum navio caçador? A faina de lhos despirem e tirarem, são garantes das nossas duvidas, e mostram que pericia e intelligencia da materia presidiram á sua confecção. Segundo boas informações, consta que as antenas delles, eram de pinho de Quebec, muito inferior ao de Riga, do custo de 650$000 réis, e tão curtas que foi mister encabeçar com pinho da terra os mesmos mastros, a porção delles que enfurna desde a coberta á carlinga! Que fizeram as authoridades sabedoras deste facto extraordinario e não previsto? Sanccionaram tudo que teve logar com o seu silencio, sem lhes occorrer que na primeira commissão daquelle navio os mastros lhe iriam pela borda fóra, ou levantando as cobertas e resvalando para o costado pelo topo das partes encabeçadas, arrombariam o mesmo costado, e submergiriam nas ondas o valor de 60 a 80:000$ réis, e duzentas e cincoenta a trezentas pessoas, innocentes victimas de tão inqualificavel proceder! E hoje quem hé o responsavel do excesso de despeza que se accummula aos encargos publicos? Quem fez, quem authorisou a feitura de taes mastros, contra todas as regras de construcção e architectura naval, quem deixou de ver que huns mastros encabeçados de semelhante maneira, difficilmente se podiam manter a prumo, quanto mais aguentar o esforço das vélas? Ha de isto passar sem se lhe fazerem as devidas observações, para demonstrar que nesta terra a totalidade dos cidadãos não hé totalmente ignorante? Parece que sim, e trataremos de o provar.

Para não ficar só monstruosa a parte material do corpo complexo a que alludimos no começo deste artigo, deram patentes de officiaes de Marinha a paizanos ou militares de outras armas, que pouco corridos de envergonhar a bandeira portugueza aqui á vista do povo de Lisboa (hum official de infanteria) ignorando os termos de fazer de véla a curveta *Izabel*

*Maria*, foram quasi dar com ella na rocha do Pragal, e encher de opprobrio a Marinha nacional, e dar mais amplo testimunho da sua insciencia, e incompatibilidade da sua nova profissão á face de nação differente, desarvorando por incuria e nunca vista lembrança de surgir para pintar, antes da sua entrada no porto do Rio de Janeiro a que se destinavam, tanto a náo *Vasco da Gama*, como depois o brigue *Mondego* e mais navios que foram ao Brazil, dar hum triste exemplo do atrazo em que parece foi cahindo, sem se perguntar com os artigos de guerra na mão aos commandantes destes navios, como foi que os casos notaveis de desarvoramentos, arribadas e outros acontecimentos previstos nos referidos artigos se passaram?

Pelo contrario, áquelle deram-lhe, o governo de huma possessão importante, ao outro deram o commando do maior navio, e lá está no porto daquella cidade, theatro das nossas miserias e desacertos navaes com todos os proventos devidos aos benemeritos, e a outro, preso por fraco duas vezes durante a lucta da restauração do throno legitimo, lá vai governar Timor!!

O resultado mostrará que serviços estes protegidos pela sorte são capazes de fazer.

Outros officiaes que atracaram em bonança com varios navios, entrando no Tejo com a borda daquelle do seu commando toda arrombada, em vez de se lhes pedir conta deste facto, são favorecidos de modo, que partem para novas commissões mais importantes sem darem razão do seu proceder. Outros, que affugentavam os seus camaradas, que acutilaram cidadãos pacificos ahi por S. Paulo e Moeda, que abandonaram o seu posto á vista da esquadra franceza e dos navios da Rainha, conservando o seu commando e absolutismo até que a Madeira reconheceo o governo da mesma Senhora, continuaram depois commandando e deram-lhe commissões pingues e até dois postos, como se fosse pequeno premio a inspecção do pinhal de Leiria. Outros são tidos por habilissimos, e obtêm commandos de navios, cujas derrotas apenas constam, dizem elles, das margens

das suas Ephemerides; outros vão cruzar para o archipelago dos Açores ou da Madeira, que nunca chegaram a descobrir, sem ao menos se lhe perguntar a razão deste máo desempenho do seu serviço; outros .... mas para que descer a estas allusões que hão de tomar-se por odiosas, posto que toda a Marinha saiba os pontos que analysâmos melhor do que nós, se para demonstrar a sua podridão moral e fysica, a sua existencia negativa, bastam os mastros da curveta *Porto?!* Não pretendemos com esta resenha atacar ninguem, e muito menos camaradas que pelejaram ao nosso lado, reconhecidos como valentes, e aos quaes fazemos justiça, confessando que não lhes mingúa nenhuma das virtudes militares que hum homem de guerra deve possuir; historiâmos o que se tem visto e vai acontecendo na desgraçada arma da Marinha, deslocando estes mesmos benemeritos, que mal podem acreditar-se e fazer hum serviço que os ponha a coberto de qualquer censura. Notâmos só a incoherencia de proceder do governo, incumbindo a fiscalisação das construcções navaes a sujeitos que nunca pegaram em compasso, ou tiralinhas para riscarem planos orthogonaes dos navios, que não sabem distinguir huma linha de agua de huma armadoira, e até alguns que nem ao menos riscaram professionalmente huma figura geometrica (officiaes de fazenda, por exemplo), encarregando-os de assistir e vigiar a factura da mais complicada e primorosa obra maritima, o Navio! Não contestâmos o merito especial que os individuos têm cada qual na profissão que exerce, e para a qual se habilitaram, o que nos fére e a toda a gente de boa fé e amante do seu paiz, são as anomalias e injustiças resultantes do favoritismo, que tem concorrido para abater o pessoal technyco da Armada, quer combatente, quer não; preferindo o mesmo combatente a hum engenheiro naval, quando se trata de levantar navios, preferindo hum official de fazenda a hum official combatente, nas mesmas funcções.

Nada disto aconteceria, havendo na pasta da Marinha hum homem do Mar, o qual ao menos saberia escolher para as commissões da arma as pessoas mais habilitadas della. Até hoje,

ainda não foi ministro da guerra nenhum padre, nenhum juiz, nenhum commerciante, nenhum medico, nenhum empregado civil; e para dirigir o ministerio dos negocios da Marinha e Ultramar têm-se buscado individuos de todas as classes supostos competentes e até proprios para reformadores deste especialissimo ramo de serviço.

Hé pois impossivel que prospere a Marinha entregue a quem não a póde apreciar, não faz ideia do que ella hé ou póde ser, e que nunca vio nenhuma das nossas colonias e observou a influencia que ali produz a apparição da nossa bandeira, arvorada em qualquer navio da metropole.

## VI

### BRADOS EM FAVOR DA MARINHA [1]

### § 1.º

Ha poucos dias appareceo nas columnas do *Patriota* huma analyse ao projecto do sr. Ferreri, isto não só mostra que se olha com attenção para o exercito, senão que os individuos delle procuram pelos meios que julgam mais proficuos darlhe consideração e importancia; porque, se bem a dita analyse cite os vicios do projecto, concede comtudo, que em alguns dos seus artigos ha o quer que seja de aproveitavel: n'huma palavra, observa-se que de hum ou de outro modo, defendendo-o ou atacando-o, a officialidade do exercito indica pertencer a hum corpo vivo, que respira e existe, que prospéra ou se definha, segundo as suas diversas opiniões, prestando-lhe quanto em si cabe muita homenagem, e engrandecendo-lhe os feitos: o corpo legislativo em summa reconhece que o exercito hé effectivamente huma corporação respeitavel, forte e importante com a qual ha todas as attenções possiveis, e cujos interesses affectam grande parte da sociedade.

Não acontece porém assim com a Marinha, nenhuma voz sôa que lhe diga respeito, que denote a sua existencia, e nem ao menos o unico official da armada que permanece nas cadeiras de S. Bento cura de representar o botão de ancora, figurando só e mal na rectaguarda da commissão financeira.

[1] Patriota 509, e seguintes. Março e abril de 1845.

Quanto melhor fôra que os inimigos da Marinha lhe fizessem guerra aberta, e procurassem acoimal-a de crimes, enchendo-a de defeitos, dirigindo-lhe injurias, e carregando-a de accusações, que tentassem reduzil-a, anichilal-a, argumentando contra a sua utilidade e contra a conveniencia do seu augmento; isto demonstraria que a Marinha dava nos olhos do publico, que fazia invejosos, tinha huma existencia desejada, consideração, poder, e se compunha de pessoas salientes e importantes, as quaes absorviam as rendas do estado, e finalmente que éra hum corpo vivo e sensivel ao qual se pretendia ferir ou desmembrar. Nada disso, a Marinha não existe, morreo!! Ora pois, visto que ella expirou, que da Marinha nada resta mais que o nome e o cadaver inanimado, procuraremos de quando em quando recordar o que ella foi sem nos dispensarmos de fazer a autopsia desse cadaver amortalhado nos uniformes daquelles que, hasteando a bandeira das Quinas em remotas e nunca dantes abordadas plagas, ganharam nome eterno e superior a tudo quanto ha de mais honroso, heroico e grande, nas uniformes classes que pleiteando brios com o denodado exercito portuguez, bem mereceram como elle as bençãos da patria e de todo o cidadão livre do universo.

Embora sejam logares communs, repetir os nomes que hoje mesmo conservam as terras e mares descobertos pelos nossos navegadores, havemos fazel-o, pois que apesar de tamanho padrão de prioridade portugueza, houve escriptores que lha disputaram, attribuindo aos Normandos, Suecos e Dinamarquezes taes descobertas, sendo mister toda a erudição do nosso benemerito visconde de Santarem, e toda a sua incansavel assiduidade na investigação dos factos, para revindicar aquella usurpada gloria. Provado pois por este illustre conterraneo que toda a costa occidental de Africa foi primeiro abordada pelos navegadores portuguezes, resta saber se outro feito de mais valia lhe será disputado, aquelle de montar o Cabo da Boa Esperança. Talvez que ainda alguem venha á duvidar disso, mas lá está o nome portuguez que attesta o con-

trario, lá estão os altos muros das fortalezas de Moçambique, de Diu, Damão, Bombaim, Aguada, Murmogão, Rachol, Malaca e Macáo que, ostentando-se altivos contra a acção destruidora de quasi tres seculos de existencia, provam que os navegadores portuguezes com incrivel audacia e rara intelligencia, á custa de seu sangue illustre, construindo-os, foram os primeiros que descobriram, conquistaram e escolheram essas paragens e pontos militares reconhecidos hoje como os mais importantes e defensaveis de todo o Oriente.

Repetirei pois esses nomes de Cirne e Commoro no mar da India, de Pulo Jarra, Pedra Branca, Pulo Condor, Pulo Pinão e Pulo Sapato no Estreito de Malaca e mar da China, bem como o das Portas de Liampó, primeiro avistadas pelo intrepido Antonio de Faria; os nomes de Caracatão, Macassar, Larantuca, Timor, Molucas, Celébes e Estreito de Magalhães, primeiro abordados igualmente por Barreto, Macedo, Andrade, Ataide, Marramaque, Galvão, Sousa, Silveira, Mendonça, Botelho e Magalhães com outros destemidos navegadores, dentre os quaes até sobresaíram eximios artistas como Bocarro, que fundiram naquellas remotas regiões, e remotas eras os formidaveis canhões de bronze de calibre 40 e 48, que lá defendem agora mesmo as fortalezas de Macáo na China! Mas não comportam as columnas de hum jornal o que seria indispensavel dizer para recordar devidamente os nossos feitos navaes, limitando-nos a tocar de passagem n'alguns, que não só então, se não ainda hoje causariam assombro e inveja ao mais denodado militar.

Quando a nossa Marinha combatia ao mesmo tempo com Turcos, Mouros, Arabes, Francezes, Inglezes, Hollandezes, Suécos e Dinamarquezes, vio-se que hum só navio resistia por muitas horas contra quatro e cinco embarcações de igual lote, como aconteceo em Novembro de 1592 á caraca *Madre de Deos* de 1:800 toneladas, que supportava o fogo da esquadra do vice-almirante Burrough e a abordagem dos navios *Dainty* e *Newport* dos capitães Tompson e sir Robert Cross, rendendo-se quando apenas dos 700 homens que a tripolavam exis-

tiam sessenta e tantos! Vio-se que em 1593 a caraca *Cinco Chagas*, voou e se fez pedaços com perto de 800 infelizes e bravos portuguezes que a defendiam, depois de ter resistido e feito grossas avarias á esquadra do vice-almirante Conde de Cumberland composta dos navios *Royal Exchange*, *Mayoflower* e *Samsom*, dos capitães Antonis e Dowton! Vio-se depois no anno de 1808 a fragata *Temivel* (hoje curveta *Damão*) commandada por Candido José Mourão, supportar a abordagem de duas fragatas inglezas, que pretendiam registal-a suppondo-a franceza, matar-lhe trinta praças, indo por fim atravessar no ancoradoiro de Bombaim desafiando o Comodoro que lá se achava, e pedir-lhe satisfação do insulto feito á bandeira portugueza! Vio-se em 1807 Ignacio da Costa Quintella na curveta *Andorinha* resistir por duas horas ao fogo de huma fragata franceza de 50, e só render-se quando tinha toda a sua artilharia empachada e a mastreação pela borda fóra! Vio-se em 1810 Candido José de Sequeira na fragata *Fenix*, matar 7 homens a huma fragata ingleza só por lhe vir fallar sem bandeira! Vio-se o sr. Manoel de Vasconcellos no brigue *Lebre*, com a primeira banda, matar 27 homens a hum vaso dos Estados Unidos e batel-o a ponto de o forçar a desistir do apresamento de dois mercantes inglezes que o *Lebre* trazia debaixo do seu comboy! Vio-se finalmente o sr. Borja de Sá na charrua *Magnanimo*, supportar o fogo da náo *Pedro Primeiro*, procurando dar-lhe costado, se o chefe João Felix o permittisse e protegesse!! Tudo isto se vio, e mais factos poderamos referir, se não urgisse a necessidade de passar como hum relampago sobre o que a nossa heroica Marinha fez no Porto, onde tantos troféos do exercito existem, onde tantos feitos brilharam, e de cujos muros e fracos parapeitos tantos brasões de armas brotam viçosos. Desse heroico cerco, procedem os titulos de duques, marquezes, condes, viscondes, barões e conselheiros; lá se obtiveram as patentes de marechaes do exercito, tenentes generaes, marechaes e brigadeiros, tudo do nobre exercito que, na verdade e justamente tudo isto bem mereceo, sem que de iguaes serviços, e não

menos distinctos, resultasse para a Marinha mais do que o acanhado premio de tres cruzes da Torre e Espada, e huma pequena promoção até á classe de capitão de fragata!! Marinha que, comprehendendo apenas 30 officiaes, teve de ver 4 delles gravemente feridos, submergindo-se pelos rombos das balas inimigas tres dos seus navios, cujos commandantes briosamente os defenderam até á ultima extremidade! Marinha que depois de impossibilitada de servir no Oceano, combatia a par do exercito com o mesmo ardor e dedicação que os seus companheiros de gloria, excedendo no serviço das canhoneiras, a tudo quanto no mar tem havido de mais arriscado e perigoso.

Deste bravissimo epilogo dos nossos feitos navaes, se conclue que a Marinha existia com honra, que ao lado do exercito e de hum modo proporcional ao seu numero, partilhou com elle as bençãos da patria, evidenciando-se a necessidade de lhe acudir, tratando do seu conveniente augmento e conservação, como com aquelle se praticou. Vamos por tanto examinar se teve logar este acto de justiça.

Primeiro que tudo, sabemos que a Marinha despotica ou absoluta morreo no combate do Cabo de S. Vicente, os seus navios aprezados, e as tripolações prisioneiras sujeitas ao resultado da convenção d'Evora Monte. Que ficou pois dessa Marinha? Algum navio que acaso existindo hoje, tomou outro nome em logar do que lá perdeo, como se vê na náo *Rainha* que passou a ser *Cabo de S. Vicente:* a fragata *Princeza Real, Duqueza de Bragança;* a curveta *Cybelle,* a ser *Elisa;* a curveta *Princeza Real,* a ser *Cacella;* o brigue 22 *de Fevereiro,* a ser 23 *de Julho;* a escuna *Elisa,* a ser *Amelia,* etc.; tendo a fragata *Amazona* e *Perola,* curveta *Lealdade,* brigue *Memoria,* e outros sido aprezados pela esquadra franceza. Por tanto da Marinha absoluta não ficaram nem os nomes dos navios, e dos officiaes nada podia esperar-se mais que serem como foram incluídos na convenção d'Evora Monte, separados do quadro effectivo da Armada, como aconteceo a todos do exercito, que nunca depois disso tomaram parte activa na sorte do

4.

paiz, e morreram politicamente para o serviço publico. Esta convenção conserva-se em vigor a respeito dos officiaes do exercito, porque a parte activa delle não soffreria quebra em tão solemne promessa, mas ácerca da Marinha foi ella huma formal decepção. A Marinha, essa que venceo ao lado das outras armas, que nunca se negou a nenhum serviço, que concorreo com os mais valentes aos logares mais arriscados, essa Marinha prestante, intelligente, activa e vigorosa, não foi attendida nem considerada, della não existe mais que o cadaver mirrado gotejando sangue, mutilado ou deforme, de braços alejados, defeituosa de rosto, com hum olho de menos, amortalhada nesses uniformes que tanto honraram essas cruzes de valor e merito, as quaes por serem poucas e raras, mais a distinguem, pois apenas se lhe contam seis actualmente.

Ao mesmo tempo que isto aconteceo, resuscitou por huma incrivel magia, o outro cadaver, intacto e inteiro da Marinha vencida e prisioneira, o qual ostentando galhardias, saber e força, recebe por estes suppostos attributos vantajosas recompensas, absorvendo quanto ha de productivo, pingue e honroso na arma; sendo os seus membros empregados em governos de provincias, commissões mixtas, commandos de navios, de companhias, pinhaes, e tudo quanto póde dar importancia e proveito a quem serve o estado. Que temos então da Marinha belligerante? Quem hé que della figura? Que documento de vida nos apresenta? Nenhum! Ninguem! Lá boya ao de cima d'agua o seu cadaver mirrado, mas incorrupto com as suas cruzes de Valor e Lealdade, que huma politica adversa e insciente, depois do assassinio quer submergir na profundeza dos mares sem o conseguir, congratulando-se do resultado da sua operação galvanica de dar movimento e huma tal ou qual existencia ephemera ao corpo sem alma, sem vontade, e sem existencia real e legitima da Marinha vencida.

Terminaremos por hoje este nosso primeiro Brado, promettendo proseguir na authopsia começada, examinando o que apparece do corpo hirto ou movel por effeito do galvanismo.

§ 2.º

Quarta feira, 19 de março de 1845.

Vamos pela segunda vez erguer a nossa voz em favor da Marinha, bem certos de que pouco ou nada lhe aproveitará: as lagrimas vertidas sobre a tumba dos que foram, não affectam de modo algum os cadaveres dos finados, apenas a alma destes póde receber proveito dos suffragios por ella offerecidos. O cadaver da Marinha lá o vimos fluctuando á tona d'agua, cheio de cicatrizes, honradas com as cruzes de valor, não hé pois por elle que vamos orar, hé sim pela sua alma, porque esse corpo tinha alma, que démos hum *brado* fervoroso e cheio de devoção.

Sobre a campa dos ingratos, necios, perjuros e tudo quanto houve de pessimo na sociedade, *parce sepultis*, ninguem decentemente ousa proferir huma palavra; porém junto do feretro do cidadão prestante, do pae de familia honesto, do militar valente, que cousas não hé licito dizer, ainda mesmo exageradas! Deste uso universalmente seguido, se poderia concluir que em tudo quanto referimos da Marinha houvera pouca exactidão, mas facilmente se reconhece pela singeleza do estylo e brevidade do panegyrico, a certeza do exposto, affirmando que, centenares de factos honrosos lhe poderamos accrescentar. Limitando-nos por ora ao que dito fica de seus louvores, trataremos de examinar o que se praticou a seu respeito dando-lhe hum concorrente que por fim lhe foi preferido.

Hé claro que só ha concorrencia, entre sugeitos iguaes ou proximamente nas mesmas circumstancias, e por isso nunca se póde dar concorrencia entre hum corpo vivo e outro morto. Ora a Marinha vencida tinha morrido, não existia, nem de facto nem de direito; de facto, porque ficando prisioneira e sem navios, tendo combatido por huma causa que totalmente perdera, não podia mais servil-a nem represental-a; de direito, porque sujeitando-se ao final resultado das armas, estas deci-

diram em favor da causa opposta, terminando tudo por huma convenção que separou essa Marinha da parte activa da milicia vencedora, como as tropas d'Evora Monte a respeito do exercito Constitucional. Logo, não se dava nenhum ponto de contacto, nenhuma igualdade de habilitações, nenhum meio de concorrencia entre a Marinha de D. Miguel, e a da Senhora D. Maria II. Mas como existia o pensamento de anichilar esta, para a fazer substituir por aquella, tanto se trabalhou que introduzindo eiva, e mais eiva no corpo da Marinha activa, robusta e forte, se foi ella definhando a pontos de perecer, coberta de louvores sim, porém verdadeiramente odiada. Reduzida então a hum cadaver, lançaram-o com aquelle da outra Marinha no mesmo ataúde, nos mesmos esquifes, nos mesmos baixeis, porque nesse momento já havia tal ou qual identidade de circumstancias, as quaes podiam comparar-se de morto, a morto; desprezando-se porém notaveis differenças que nelles se observavam. O primeiro, expirara em consequencia da perda de hum combate mal sustentado, no qual depozera as armas, resultando-lhe deste revés o natural desalento que acompanha os vencidos, a falta de energia, tibieza de vontade, e huma certa vergonha procedida da fallencia dos meios seguidos; o segundo tinha expirado cingido de louros, empunhando o sabre, cheio de cicatrizes honrosas, e ornado de lisonjeiros distinctivos de Valor e Lealdade; a sua alma embriagada de gloria, e não tendo soffrido nenhum desgosto aviltante que podesse abatel-a, ao abandonar o corpo eivado pela inoculação premeditadamente assassina, achava-se com toda a força e nobreza que podem possuir os heroes moribundos no campo de batalha.

Nestes termos, havendo chegado a nivelar-se as cousas, e sendo preciso que alguma dellas subordinada ao pensamento dominante, mas apparentemente constitucional substituisse o corpo da Marinha; que alguma entidade submissa, algum authomato fizesse as suas vezes convenientemente impressionado, pegaram do primeiro cadaver, galvanisando-o ergueram-o, acharam-lhe todos os membros intactos de projectís, e tudo

menos a alma que vagueava em Roma, suppondo que assim tinham preenchido o seu intento, e delle se aproveitaram, e aproveitarão em quanto a adherencia das suas moleculas, e força de cohesão das suas fibras podér supportar os effeitos do fluido galvanico. Mas esse corpo ou cadaver não tem acção propria, os seus olhos são baços, os seus movimentos irregulares, não articula hum som, e caminha como existindo machinalmente. Deste modo não será estranho que encontremos no seu proceder authomatico, grande falta de connexão, evidenciando-se a completa ausencia do flogistico vivificador, desfazendo hoje o que fez hontem, e parecendo criar ámanhã o que não póde existir no seguinte dia. Entraremos na analyse dos factos que demonstrarão a verdade do expendido.

Por circumstancias inopinadas sobreveio a necessidade de dissolver o corpo da brigada real da Marinha, e foi mister criar immediatamente outro que satisfazendo as exigencias do serviço não augmentasse as despezas publicas. Installou-se huma commissão de officiaes da Armada para confeccionar hum plano comprehendido nestes limites, a qual tendo escrupulosamente estudado os methodos do serviço seguidos entre os francezes e inglezes, achou e resolveo por maioria, que o mais apropriado aos usos de bordo e indole da arma era aquelle da Marinha ingleza, tomando por bases certos principios que opportuna e magistralmente se desenvolveram, e dos quaes se deduzia a indispensabilidade da criação de hum pequeno corpo de condestaveis, composto dos soldados velhos e officiaes inferiores da extincta brigada. Adoptou-se o plano proposto, porém delle apenas só se levou a effeito a parte relativa ao batalhão Naval, desprezando-se ou esquecendo-se de proposito a segunda, relativa aos condestaveis, que essencial e indispensavelmente completava o systema do serviço da arma no uso das bôcas de fogo; resultando desta meia medida a incompatibilidade do mesmo serviço pela deficiencia dos meios que só de hum modo complexo e systematicamente organisados poderiam avaliar-se e produzir os effeitos requeridos. Logo, a cousa não prestou, devia ser outra, a commissão errou, não satisfez á espectativa do

publico, nada havia que esperar della! Mas o caso não era, nem hé esse; a commissão composta na sua maioria, de officiaes que convinha inutilisar e deprimir para haver parallelismo e nivelamento, devia ser atacada, e então foi mister que a sua obra tendo saído completa apparecesse mutilada e defeituosa, conseguindo-se por insinuar que o plano não fosse todo executado como com effeito aconteceo, havendo até certo ponto motivo de queixas, á primeira vista fundadas, vindo por fim a concluir-se que o primeiro methodo do serviço era melhor, devendo preferir-se nas guarnições os soldados artilheiros-fuzileiros, de modo que menos escandalosamente se podesse regressar ao antigo.

Havia n'outro tempo em Portugal optimos engenheiros navaes como Torquato e Antonio Joaquim, que construiram navios modelos como a náo *Vasco* (a 1.ª) e *Rainha*, fragatas *Carlota* e *Duqueza*, tão perfeitas, que entrando nos diques de Inglaterra a segunda destas náos e segunda das fragatas, logo os inglezes lhe tiram as fôrmas, construindo por ellas a náo *Windsor Castle* e fragata *Pique*, ambos excellentes e bellissimos navios. O governo daquella época reconhecendo que difficilissimamente se poderia exceder hum risco mais perfeito, mandou assentar no estaleiro huma quilha de náo, construida pelas fôrmas da *Rainha*. Esta náo segundo os preceitos da sciencia e regras da arte, para saír igual ao seu modelo, devia não discrepar huma linha das mesmas fôrmas, obtendo-se com esta exacta imitação hum vaso dos mesmos bons costumes e da mesma bella apparencia, porque estava claro que, alterando-lhe as partes componentes, resultaria huma deformidade; mas não se attendeo aos petipés, nem escalas, houve arbitrio, no amassamento na altura das cobertas, na collocação dos mastros, e finalmente na grandeza do beque, diminuindo-se-lhe cinco pés, como se o petipé na planta e a escala, não fossem proporcionaes, e não correspondessem á escala em grande pela qual se faz obra; innovaram-lhe os ornatos e obras mortas, acrescentando-lhe huma barra de encosto, e dividindo-lhe o painel da poppa de tal modo que desagrada ao primeiro golpe de vista, saíndo por

tanto huma náo de tal modo differente da *Rainha*, como póde ser hum corcovado sem nariz, a par de hum athleta elegante de feições proeminentes.

Quanto á fragata *Duqueza* reconhecidamente bellissima embarcação, mandou-se examinar, e conceberam a possibilidade da construcção de outra semelhante por empreza, entregando a sua factura a pessoas que nenhuma idéa tem das regras da construcção de guerra, pois que, tendo esta por base o calibre da bala, e sendo todas as medidas do vaso referidas ao mesmo calibre, os ditos emprezarios no exame que fizeram á fragata *Duqueza*, denunciaram a completa ignorancia destas idéas, desconhecendo as relações existentes entre a altura do batente da porta e o calibre da artilharia da fragata; começando porém o ensaio da tal empreza pela construcção de hum brigue que se mandou construir no Porto. Mas aqui tambem apparece a idéa predominante; lá se vai ferir o cadaver mutilado, desconsiderando o prestimo das pessoas que lhe eram affectas e o comprehendiam; lá se quer mostrar, porém debalde, que o arsenal póde dispensar-se, e o serviço dos seus perfeitissimos artistas ser supprido por braços externos, e pessoas destacadas, entre as quaes não haja o menor vehiculo de communicação.

A gente do arsenal, que desde o tempo da usurpação mostrou huma tendencia não equivoca para a liberdade, e que concorreo para o restabelecimento do novo systema politico com valioso contingente, recebeo e abraçou gostosa os vencedores identificados com a sua propria causa, reconhecendo-se entre huns e outros verdadeira sympatia, resultando de huma tal homogeneidade de ideias, a disposição dos primeiros, a seguirem qualquer pronunciamento progressista, em que verosimilmente os segundos tomariam parte. Daqui veio cair essa gente no desagrado, apparecendo em consequencia o odio aos arsenalistas, a retumbante queixa da sua inquietação, o exagerado receio dos seus machados, esses epithetos ridiculos, essas allusões degradantes e insidiosas contra o breu e alcatrão, concluindo-se pela absoluta necessidade de acabar

com hum semelhante fóco de desordens. Isto posto, o primeiro expediente que occorreo, foi degradar para Africa, mandadores e officiaes a titulo de escolherem madeiras; segundo, collocar outros suspeitos, em logares afastados, fóra do alcance e contacto dos operarios; terceiro, restituir ao seio de Abrahão o constructor miguelista com ajudantes apropriados, para subjugar os carpinteiros e calafates, que constituem a força do estabelecimento; e quarto finalmente, diminuir a pouco e pouco o numero de artistas, até os despedir todos, encarregando a construcção de vasos novos a empresarios, e o fabrico dos velhos a mestres de estaleiros.

A primeira medida coercitiva executou-se logo, dando ella margem pelo fallecimento dos mais perigosos ao sacrificio dos immediatos. A segunda levou-se a effeito, destacando varios para S. Martinho, Azinheira, Cordoaria, etc. A terceira, encontrou obstaculos, pelo escandalo de conferir hum logar importante e scientifico, occupado sempre por engenheiros instruidos e habilitados, a hum leigo que nunca obtivera o menor titulo de estudos methodicos, e que acabava de dar a maior prova de incapacidade, construindo para a companhia das pescarias doze pessimas escunas alejadas e de proporções deformes; porém não esquecendo a parte complementar enviando-se para França dois alumnos da construcção, sem attender á conveniencia que resultaria do seu estudo em Inglaterra, cuja marinha hé o typo das mais perfeitas; no supposto caso de reformar o systema portuguez que raros melhoramentos deixa a desejar.

A terceira e ultima, foi-se ensaiando pela construcção de hum brigue por empresa, entregando-se a factura delle ao alvedrio de quem fez o contracto, ás condições do qual na parte technica e architectonica nenhum preceito da sciencia presidio, seguindo-se na distribuição e abertura das portas, collocação dos mastros, e inclinação do gorupés ao horisonte o mais independente arbitrio. Fechado pois o circulo de providencias salutares, cuja tangente lá ia dar no cadaver fluctuante, só restava diminuir-lhe a area como opportunamente se fez, des-

envolvendo-se o principio arbitrario, não só nas medidas relativas á parte sensivel e intellectual da Marinha, senão nas concernentes aos accessorios, e a todo o material da Arma. Este arbitrio já demonstrado, evidentemente sobresae no acontecido com o brigue *Douro,* que apresenta o gorupés saíndo por cima do verdugo da borda, com huns mastros descommunaes ou em boa proporção, mas que foi mister encurtar, emendar nos calcezes, ou aperfeiçoar, concluindo-se que, ou a obra tinha saído bem acabada das mãos do engenheiro com todos os dotes requeridos não admittindo por isso correcções caprichosas, ou saío desprovida delles, e careceo da tardia, e forçada applicação das regras da arte.

Revela pois este variado proceder, o que estabelecemos ácerca da inconnexão dos actos da cousa ou pessoa que substituio o corpo da armada, sendo notoriamente visivel, e apreciado por todo o mundo maritimo, que nella não existe hum pensamento fixo, e sujeito a regra alguma, pois que examinando-se o arvoredo dos nossos navios, qualquer conhece que, assim como na architectura civil as columnas Compositas, Corintias, Jonicas, Doricas, e Toscanas guardam proporções relativas á sua posição no mesmo edificio; do mesmo modo, na architectura naval, os mastaréos de gavia e joanetes, devem conter dimensões proporcionaes aos mastros que os supportam, sem poder admittir-se quebra dos preceitos seguidos, já augmentando-lhe, já igualhando-lhe a guinda, cuja innovação incompativel, torna feissimos, ainda os mais bellos navios como acontece á curveta *Iris,* que realmente hé formosa sem elles, vista apenas em páos reaes.

Em hum artigo da *Revolução de Setembro,* vimos tambem por que maneira se procedeo á acquisição de certo vapor, que podendo ser fragata, do lote de 800 toneladas por pouco mais dinheiro do dispendido, apenas he de 600, e só transporte. Fugindo da censura commum e trivial, apontando o pernicioso costume de dar que fazer aos estrangeiros em detrimento dos nacionaes (que no caso presente mais fortificaria o argumento, e completaria o raciocinio ácerca da idéa de acabar com os ar-

senalistas conservando-os inactivos, e deixando de aproveitar-lhe o prestimo na construcção de seis bons brigues por igual somma), insistiremos na prova da variedade dos actos referidos, que inculcando agora a precisão de acudir com embarcações ás Provincias Ultramarinas, logo pospõem-se aquella necessidade, adoptando-se qualquer medida exotica, como esta de dotar a Marinha com hum vapor denominado de guerra sem o ser, que não satisfaz a nenhuma das indicações da Arma. Outra: apresentou-se na camara dos deputados hum projecto de classificação dos officiaes da Marinha, e reforma do corpo, que pareceo obter applausos geraes, no qual predominava o principio da indispensabilidade de illustração em todo o official militar, com acrescimo de estudos nas armas scientificas, sendo vigorosamente apoiado pelo respectivo ministro: pouco depois, foi pelo mesmo offerecida á camara outra proposta para a criação de huma escóla naval, onde igualmente parece seguir-se o principio elementar e constitutivo da Marinha, habilitada com estudos superiores: e no meio disto tudo, publica-se huma promoção contemplando officiaes que não cursaram as aulas, nem podem pela sua idade e circumstancias adquirir as qualificações exigidas para o posto de guarda marinha, que hé o primeiro gráo na escala!?

Quem hé da profissão e mesmo gente alheia a ella, sabe que a Marinha de guerra se compõe de navios pesados (propriamente navios), e de navios ligeiros, pertencendo as náos á primeira classe, e as fragatas, curvetas, brigues, escunas, e cuters ou balandras á segunda. Hé pois evidente que nas náos, nessa massa enorme e de tardio movimento, tudo deve ser homogeneo, pesado, robusto, denotando força, poder e magestade; pelo contrario nas fragatas e navios de menor lote, facil manobra e rapidos movimentos, tudo deve indicar mimo, presteza e finura. Daqui vem que huma náo, hé tanto mais bella e formidavel, quanto as suas proporções collossaes se figuram grandes e apparatosas; ao mesmo tempo que nos vasos da outra classe, agrada só aquillo que póde corresponder aos fins do seu serviço, apresentando-se esveltos e delicados. Por tanto,

para huma náo, mesmo no horisonte, inculcar grandeza, hé mister que as suas partes extremas sejam bem pronunciadas, e então quanto mais alto for o tombadilho, e mais recurvado e saliente o beque, maior respeito causará. Esta idéa bem comprehendida pelos nossos melhores constructores, e na verdade intelligentissimos engenheiros até Francisco José Martins, foi seguida na construcção das náos *Meduza, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Vasco da Gama, Conde Henrique, Rainha,* etc. até á propria *D. João VI,* completando este bello grupo de navios a respeitabilissima náo *S. Sebastião* que, sendo apenas de 64, representava como navio de 80, tudo devido ao seu magestoso beque, e á qual os francezes chamavam *Grand Dragon.* Hoje que a construcção nacional se despreza, ou parece ignorar-se, desconhecendo-se o fim e a applicação das cousas, arruma-se na prôa de qualquer curveta, hum beque bem convexo, e na prôa da náo *Vasco da Gama* (que devera ter outro nome para se não confundir com a primeira) hum beque esguio e comido, que lhe rouba a magestade correspondente á sua grandeza e lotação.

Que principio segue pois esta Marinha, que systema de construcção adoptou, qual o seu methodo de serviço? Nenhum! Não tem caracter proprio, retalho daqui, remendo d'acolá, perdeo tudo que era portuguez, béque á ingleza, poppa á franceza, mastros á turca, mastaréos á mercante, deixou de ser nacional e de guerra: até não escapou ao intelligente espirito de invocação, a bella nudez do gorupés dos nossos mais afamados navios, com as suas trincas á Mestre Matheus, para o amortalharem e esconderem nessas insolentes trincheiras, que parecem taypáes de carros! Mas em que Marinha do mundo se vio hum brigue mais fino que o *Voador;* huma curveta mais linda que a *Cybelle;* huma fragata mais elegante que a *Duqueza;* e humas náos mais respeitaveis que a *Rainha* e *S. Sebastião?* Apontem, digam assim como podérem dizer, aonde se usavam essas escarvas de dente, esses curvatões de mastros, esse fechado de curvas?

Em que paiz culto, se empregam na pesca, barcos mais ve-

lozes e valentes do que as nossas grandes mulêtas e calões, merecendo que o almirante Napier lhes mandasse as fôrmas para Inglaterra? E aonde ha hum dique mais bem acabado, humas bombas de compressão mais energicas, como ácerca deste ultimo ponto podem attestar os officiaes da *Urania* quando surta em Brest, no incendio que alli teve logar, aonde a bomba de fogo da mesma curveta sendo mais pequena que todas as que havia no arsenal desse porto, levava a agua a maior distancia, e mais abundantemente? Para que pois, mendigar em terra alheia o que já temos de bom em Portugal? Não queremos dizer com isto, que deixe de importar-se alguma cousa de reconhecida utilidade, mas deprimir tudo que hé portuguez, só o poderá fazer sem horror, quem arriou a sua bandeira n'hum porto nacional aos primeiros tiros da esquadra inimiga. Manes de Carvalho que com o teu navio quasi submerso, alagado de agua por cima dos batentes das portas ainda fizeste fogo, sem nunca arriares a tua insignia e bandeira, achavas máo o que era nosso? Não, porque o teu patriotismo e modestia, nem ao menos encontraram que censurar na injustiça praticada contra ti, e teus bravos marinheiros! foste expirar e alguns delles ao Algarve, sem obterem a devida cruz de valor!![1] Tu sim, tu eras portuguez! Ha engenho e arte, ha mãos talentosas na gente dos arsenaes do Exercito e Marinha, como provam esses perfeitissimos golfinhos, e bem abertas e relevadas armas reaes da nossa artilharia de bronze fundida no primeiro; e os ornatos dos nossos navios, e obras de talha feitas no segundo: que historia e mythologia não sabe o mestre da officina de entalhadores? Que pensamento elevado, que idéa bem expressa não apresenta a figura allegorica do beque da náo *D. João Sexto?* Mostrando-se ao mesmo tempo a perfeição artistica de quem lhe delineou os contornos, escolheo a attitude apropriada, e assentou em posição conveniente relativa ao casco do navio! Como era bonito e significativo aquelle cão com as chaves na bôca, represen-

[1] E chamou-lhe o sr. D. Pedro Duque de Bragança *denodados*, e a estes nem sequer se lhes deo a cruz do valor!

tando a fidelidade de Martim de Freitas na náo do seu nome? A medonha cabeça da Meduza na outra náo! E que apreço se faz deste mestre tão intelligente, tão commedido, tão mal recompensado! Coitado! Hé hum mestre, hé portuguez!!

## § 3.º

Sexta feira, 28 de março de 1845.

Temos huma fabrica de cabos collossal, a nossa Cordoaria hé de huma grandeza e magnificencia admiraveis, talvez excedendo a todos os estabelecimentos da mesma ordem nos outros paizes; porém que obra sae das suas officinas? Vê-se lindo merlim, e boa linha, mas como são os cabos! Recebem-se a bordo por huma bitolla que, correspondendo a determinados usos pela sua supposta força, pouco depois são applicados diversamente, tornando-se indispensavel substituil-os por outros da bitolla apropriada, visto que esses no fim de quarenta, ou cincoenta dias de viagem, emmagreceram, descoxaram-se, e reduziram-se a estopa. E será este defeito proveniente da incapacidade dos nossos artistas, da sua inepcia, rudeza, ou desleixo? Não, pois lá temos linha de sondareza, e merlim, com boa coxa e proporcionada torção, que provam o contrario. Logo a inferioridade dos cabos portuguezes, não procede dos máos artistas, nem mesmo da ruindade do material fornecido, approvado e comprado por huma commissão composta dos mais eminentes funccionarios da Armada; então de que será? Julgâmos que apesar das apregoadas excellencias dos productos da Cordoaria *rivalisando com os francezes e inglezes;* do methodo de serviço, e ordem alli seguidos, *que não deixam nada a desejar;* este facto averiguado e notorio de apparelharmos os nossos navios com pessimos cabos, demonstra que só os louva quem nunca usou delles, nem está habilitado a comparar as differentes durações dos francezes, inglezes e hespanhoes. Tirando pois a necessaria consequencia, entendemos que, se a Cordoaria com a sua grande fabrica de lonas adjacente, fosse administrada por hum perito e habil official de Marinha, rivalisaria então com as mais acreditadas daquellas

nações, podendo exigir-se debaixo da maior responsabilidade do director, o aperfeiçoamento da mão de obra, avaliado por huma commissão de officiaes superiores do corpo da Marinha. Hé sabido que a Cordoaria deixa de trabalhar muitas semanas, tendo-se entretido os operarios algum tempo, em coxar trinta ou quarenta quintaes de máos cabos, que aturam apenas meio anno a bordo; pois então, coxem nesse mesmo tempo, só quinze ou vinte quintaes que aturem o anno inteiro, gurnindo em seus apropriados moitões, não ficando o pessoal ocioso depois disso; porque o resultado desta applicação ao trabalho, habilitando os officiaes mechanicos ao bom acabamento dos seus artefactos, hé sempre vantajoso para o paiz, independentemente da economia das materias primas, reducção na sua armazenagem, conducções, etc.

Mas que ha de ser da nossa Marinha, se nunca teve quem olhasse por ella, e comprehendesse as suas necessidades! Esta aristocracia de saber, e de acção centralisadora, que tudo importou da França não lhe esquecendo até as prefeituras, esqueceo-se então de que lá costuma dar-se a pasta da Marinha a hum vice-almirante, ou chefe de esquadra! Em Portugal quando rebentam revoluções progressistas, que parecem fazer caminhar tudo acceleradamente para a perfeição, fica a Marinha estacionaria, ou communicam-lhe movimento rectroactivo ao ponto de a tornarem inferior á milicia dos Estados Romanos: isto hé, da-se-lhe hum ministro miliciano tambem [1] hum desembargador, hum padre; quando reina a ordem, qualquer cousinha basta, pobre Marinha! Por ventura o exercito poderia soffrer que o mais distincto almirante lhe desse leis, sem que os seus polytechnicos, e o seu estado maior dirigindo as suas trinta e duas baterias apoiadas pelas suas vinte e duas mil bayonetas não fossem bater á porta da secretaria da guerra, desalojassem o intruso, da mais forte posição, carregando-o finalmente com os seus lanceiros e restante cavallaria, não só até á porta do arsenal, se não até á extremidade da ponte do guindaste, forçando-o a embarcar na mais pequena lancha para

[1] Manoel Gonçalves de Miranda.

bordo da *Cábrea*, e a assignar dali a convenção perpetua, de não se intrometter com hum serviço estranho?! Pois então se o exercito faria isto por não dever, nem poder supportar influencias anomalas, sendo como justamente hé, o seu regimen entregue ás especialidades; como consente a Marinha, e que quer esse mundo incomprehensivel, que hum miliciano, desembargador, coronel, brigadeiro, marechal, padre, paisano, e não sabemos quem mais, julgue os casos complexos desta arma scientifica, e entenda, e decida milhares de questões especialissimas, sem conselho e audiencia dos officiaes peritos, e em menoscabo do major general da armada? Eis-aqui, não só a tangente, mas a seccante que lá vão convergir no coração do cadaver mirrado; mas isto assim convém para tudo viver em paz. Hum ministro official de Marinha, não podia ser illudido, ou governado por pessoas irresponsaveis; não perguntaria entrando na contadoria, o que hé isto, mas sómente: para que serve isto?! Passando ao almoxarifado, não iria de corrida á casa da fazenda, aos armazens de mantimentos, dos cabos, da ferragem, da madeira, tirando o seu chapéo a dezenas de escrivães, escripturarios, fieis, e guardas sufficientes para arrecadar, fiscalisar, e distribuir todo o material da Marinha britannica, sem igualmente perguntar: para que serve isto?!

Os accessorios, as excressencias da arma, consomem o duplo, ou pouco menos do que a officialidade propriamente dita, operarios e marinheiros?! Nada, devem as dependencias da Marinha ser proporcionaes á sua grandeza e necessidades; haja braços productivos, carpinteiros, serralheiros, fundidores, ferreiros, calafates, torneiros, serradores, entalhadores, tanoeiros, funileiros, correeiros, mestres vellas, bandeireiros, cabos da ponte, algarves, troço do mar, e tudo finalmente, cujo trabalho possa visivelmente avaliar-se das janellas da secretaria, ou do quartel general, restringindo o numero de peripateticos, dos quaes o movimento e accionados monótonos, não transpõem as portas dos armazens! Ora hum ministro desta laia, que chamasse ás çousas pelo seu nome, sabendo apenas a arithmetica commum, e quizesse applicar exactamente ao calculo as regras

da algebra, não podia agradar neste seculo das luzes; era mister para servir com aproveitamento de todos os que vivem da Marinha, mesmo com a farda della sem lhe pertencerem, que possuisse maior somma de conhecimentos, não ignorando as regras de direito, canto-chão, manobras de infanteria, partidas dobradas, e principalmente o verdadeiro uso de signaes que, sendo algebricos, não só mostrassem que, as quantidades positivas sendo multiplas humas das outras produzem mais; assim como que, as negativas entregues a hum factor positivo tambem dão mais. Este segredo que não se acha nos livros das mathematicas puras, nem se ensina das cadeiras do magisterio aos estudantes matriculados, hé que devia, e deve saber-se, para se alcançar a pasta da Marinha.

E esta Marinha será a mesma do marquez de Niza, conde de S. Vicente, José de Mello, Ramires, Sanches de Brito, Pedro de Mendonça, Pedro de Mariz, Antonio Januario, Motta Feu, Quintella, Paula Leite, e outros? Ó que não, pois quaesquer desses nomes europeus affastando ambições deslocadas, e imcompativeis com a dignidade e bom serviço da arma que elles faziam respeitar, collocava a Marinha a par do exercito, sem se poder decidir qual gosava a preferencia! Mas nesse tempo podia deixar de ter grande importancia o corpo que manobrava magistralmente com mil oitocentas e tantas peças de artilharia, distribuidas por treze náos, treze fragatas, oito curvetas, oito brigues, oito charruas, e quinze ou vinte escunas, lugres, cuters e canhoneiras!? Vasos que sustentavam impávida a bandeira portugueza tremulando em Falmuth, Posthmouth, e Londres; em Brest, em Cadix, Gibraltar, Barcellona, Carthagena e Roses; em Marselha, em Napoles e Cicilia; em Genova e Leorne, em Malta, em Tanger, Argel e Tunes; em Angola e Moçambique, em todo o Malabar e Industão, no mar da China, e no mar do Sul, Monte Video e pórtos do Brazil!!

Marinha cujos restos formidaveis, já destroçados, porém possantes ainda causavam respeito em 1810 e 1820, comprehendendo no porto de Lisboa as náos *S. Sebastião*, *Maria Primeira*, *Princeza da Beira*, *Vasco da Gama* e *Belem;* fraga-

tas *Fenix, Carlota, Amazona, Perola, Venus, Tritão* e *Constituição;* curvetas *Lealdade, Congresso, Infante D. Miguel, Andorinha* e *Beijamim;* bergantins *Lebre, Tejo, Providencia,* e *Boa Ventura;* escunas *Constancia, Ninfa, Bom Portuguez* e *Curiosa:* no Brazil, náos *Principe Real, D. João de Castro Affonso de Albuquerque, Martim de Freitas, Rainha, Meduza* e *Principe do Brazil;* fragatas *União, Tres Reinos Unidos, Principe D. Pedro, Real Carolina, Real Leopoldina* e *Successo;* curvetas *Maria da Gloria, Calipso, Aurora* e *Dez de Fevereiro;* bergantins (brigues) *Balão, Reino Unido, Principesinho, Infante D. Miguel* e *Audaz;* charruas *Magnanimo, Princeza Real* e *Orestes;* escunas *Velha Diu, Maria Zeferina, Leopoldina, Luconia* e outras; e finalmente na India as fragatas *S. Francisco, Temivel* e *Salamandra,* com o brigue *S. João Baptista,* e tres Galias: e todo este collossal poder auxiliado por trezentos e tantos navios de alto bordo, entre os quaes avultavam os grandes e bonitos barcos *S. Thiago, Carêta, Canôa, Asia Grande, Maria Primeira, Duque de Cadaval, Conde do Rio Pardo, Reino Unido, Vasco da Gama, D. José Primeiro, Principe, Bom Jesus, Fenix, S. Domingos Enéas, Lord, Occeano, Triunfo, Camões, Commerciante, Pedra, Marquez, Caridade, Leal Lusitano, Leal Portuguez, Flor do Tejo, Grão Cruz de Aviz,* dos quaes os primeiros dez poderiam ser fragatas, e os outros boas charruas ou curvetas!!

Esta Marinha pois, não era, nem podia ser desprezada por ninguem, quer estrangeiros, quer nacionaes; o seu poder era realmente grande, já no numero e lote dos navios, já no numero e qualidade dos officiaes que os guarneciam, tanto dos militares, como mercantes; servindo os primeiros de termo de comparação aos Inglezes da esquadra de Lord S. Vicente e Nelson, e os segundos sendo estimados, e considerados superiores a quaesquer mercantes de outras nações, apresentando os seus navios como vasos de guerra, e as suas derrotas modelos de perfeição? Hoje que resta do material desta Marinha? Duas náos, tres fragatas, tres curvetas, tres brigues, e

poucas escunas! Que ficou tambem da sua brilhante officialidade na retaguarda da qual tão marcialmente se apresentava hum Francisco Maximiano; o sr. Manoel de Vasconcellos...?! E da Marinha mercante aonde não ha hum navio de 500 toneladas? E do seu apurado, decente e selecto pessoal precedido por hum João Franco, hum Borralho, José Luiz do Cabo e outros; o sr. Francisco Augusto?!!

Pobre Marinha!!! hé hum cadaver!!

§ 4.º

Quarta feira 2 de abril de 1845.

Em 1500 era a Marinha portugueza respeitada, e a mais numerosa e instruida de todo o mundo; trezentos annos depois, disputava preferencias com a segunda da Europa; e em 1845 ninguem faz caso della, sendo inferior á ingleza, franceza, Estados-Unidos, russiana, egypcia, austriaca, hespanhola e othomana. Vê-se pois que no aturado periodo de tres seculos, diminuio de força na razão de hum para dois; e no curto espaço de quarenta e cinco annos, na razão de dois a oito. Quer dizer, a perda no primeiro periodo, foi apenas de 0,0016, ou proximamente de dois millesimos; e no segundo, foi de 0,055, ou proximamente de cinco centesimos: progressões estas tão disparatadas, que não admittem comparação entre si. Donde viria então este abatimento da Marinha? Entendemos que dos máos ministros, e da falta de habilitações da maioria dos seus officiaes que, não podendo sustentar devidamente o esplendor e os direitos de huma arma tão scientifica, se foi ella desacreditando ao ponto de a julgarem até inutil. Larga devera ser esta demonstração, porém faremos por ser breves, a fim de que não exceda as columnas de hum jornal.

Quando os illustrados ministros da Senhora D. Maria I, Martinho de Mello e D. Rodrigo, reconheceram que a Marinha da sua soberana, apezar dos distinctos officiaes que possuia, não poderia para o futuro concorrer vantajosamente com as Marinhas ingleza, franceza e hespanhola por falta de habili-

taçoens proporcionadas ao progresso das luzes, e desenvolvimento de estudos adoptados nos outros paizes; resolveram de accordo com as capacidades maritimas, ampliar as nossas habilitações navaes, reformando os estudos da companhia dos guardas marinhas em 1768, criando huma academia de marinha em 1779, e reformando novamente aquelles cursos e estatutos da companhia em 1796. O decreto do 1.º de abril desse anno, satisfazia a todas as indicações da época, e punha os officiaes habilitados em virtude das suas providencias, a par dos mais instruidos das outras naçoens. E para complemento da sua educação marcial, que na parte scientifica era dirigida por pessoas de abalizado saber, como José Maria Dantas, Stokler e outros, deram-lhe por chefe, e mestre na parte militar e civil, hum cavalheiro cujos orgãos de sociabilidade apuradissimos, actuavam proveitosamente sobre a juventude destinada aos postos da Marinha de guerra: este chefe era o polido fidalgo conde de S. Vicente que, admittindo ao seu trato familiar, lhano e cortezão os guardas marinhas, apresentando-os em boa companhia e em lautas mesas, lhes inspirava sentimentos nobres, adquirindo maneiras decentes e insinuantes, de modo que hum tenente do mar daquella escóla, era hum official perfeito.

Constituida assim a Marinha, conservou a sua posição, já comprehendendo pessoas qualificadas por sciencia e maneiras, já por que a sua actividade na guerra do sul, cruzeiros do Estreito e costa de Portugal, dava sufficiente margem aos officiaes, de fazerem a devida applicação da theoria á pratica. Porém sobrevindo a invasão franceza, e a partida da familia real para o Brazil, cahio ella em decadencia, accelerando-lhe a quéda circumstancias, aggravadas pela incuria dos respectivos ministros.

Das náos que transportaram a côrte, apenas huma se conservou armada para accommodar validos, deixando-se apodrecer as outras, e mais vasos, atraz da ilha das Cobras. A officialidade vendo-se inactiva e desconsiderado o seu serviço, que os navios apodreciam não os fabricando, nem tratando de novas construcções, tornando-se impossivel dar-lhes que fazer

por falta delles, quando mesmo urgente necessidade o reclamasse, passou muita para o exercito, outra embrenhou-se nos matos cultivando rossas, e outra deo-se á vida mercantil. Os officiaes restantes na arma perderam os habitos de bordo, abandonaram completamente os interesses della, e buscaram recursos na propria industria, que lhos forneceo, exercida n'um paiz novo e falto de gente para tudo. Da pequena esquadra, que o principe deixou em Lisboa composta ainda de quatro náos, quatro fragatas, duas curvetas e dois brigues, cuidou D. Miguel Forjaz quanto delle dependia, conservando constantemente cinco ou seis navios no Estreito, e dois ou tres nos Açores e costa de Portugal; por isto a academia desta cidade tinha alumnos, não só porque a Marinha ainda aqui era modo de vida, senão porque cursando as suas aulas, se refugiavam do recrutamento do exercito para a campanha contra os francezes.

Assim decorreram annos até á projectada conquista de Monte Videu. Quando se organisou a esquadra para aquella expedição, composta toda de navios mercantes armados, lembrou-se o governo de mandar construir alguns ligeiros de guerra; porém para occorrer á necessidade momentanea, comprou quantos dos outros lhe pareceo, patenteando-se n'esta acquisição ignorancia ou maldade, pois que foi buscar cascos estrangeiros que não comportavam artilharia, nem ha navios mercantes que possam armar-se em guerra se não os portuguezes, e os das companhias das indias, ingleza e hollandeza; logo incuria e maldade, porque sabendo-se que esses cascos não poderiam servir regularmente naquella commissão, claro estava o comprommettimento e descredito da Marinha. Desta reunião de factos, novo termo da sua progressão decadente.

Sendo mister pouco depois reprimir a insurreição de Pernambuco antes que ella se extendesse, armou o conde dos Arcos na Bahia alguns navios da praça dando commissão, e graduação temporaria aos officiaes d'elles com espectativa da effectividade, reprimida que fosse a revolta; o que se realisou terminado o bloqueio, resultando deste arbitrio, o expoente daquella progressão, sendo a Marinha militar invadida por pai-

sanos inteiramente estranhos á sua disciplina, caracter e indole. Foram os intruzos para a esquadra do Rio da Prata; relaxou-se o serviço, pela impossibilidade de o fazer com pessoas que nunca o tinham sabido, deram-lhe os primeiros logares, preferiram-os nos commandos, attendeo-se á pratica, apodou-se a theoria e tornou-se quasi nulla a officialidade academica. Da guerra e posse de Monte Videu, resultou tambem coalhar-se o mar de piratas, que apresaram centos de navios do commercio, sendo necessario acudir a este immenso perjuizo armando-os e dando-lhes cartas de marca; os officiaes d'elles obtiveram graduações militares, ficando por fim alguns effectivos á imitação dos de Pernambuco; e daqui, a segunda invasão anichiladora e interessada como a primeira, em desacreditar a theoria dos militares, engrandecendo a pratica dos rotineiros adquirida nos navios da praça. Deste modo, foi desapparecendo a Marinha de guerra, seu material desfez-se atraz de S. Bento e na Prainha, seu pessoal passou para o estado maior e infanteria, entrevessendo o resto, que foi substituido por pilotos praticos. No meio de tamanha desgraça, existia hum nucleo de Marinha em Lisboa, hé verdade que pequeno, porém composto de partes homogeneas e de indole apropriada aos seus fins.

No Brazil, desde 1810 até á sua independencia, com tanta riqueza de metaes e madeiras construiram-se apenas sete vasos, que foram fragatas *D. Pedro, Diana, Real Leopoldina, União, Curveta Dez de Fevereiro* e lugre *Maria Thereza;* em Portugal, sem meios, sem madeiras de construcção, assollado por huma guerra de sete annos, exhausto por despezas e contribuições enormissimas, remissão dos captivos de Argel, e manutenção dos voluntarios reaes de el-rei, botaram-se ao mar até hoje náos *D. João* e *Vasco,* fragata *Duqueza,* curvetas *Lealdade, Infante D. Miguel, Cybelle, Izabel Maria, Oito de Julho* e *Iris;* brigues *Tejo, Providencia, Neptuno, D. Pedro, Vouga, Tamega, Douro, Mondego* e *Serra do Pilar;* na India, fragatas *Carolina* e *D. Fernando;* curvetas *Infanta Regente* e *D. João Primeiro;* brigues *S. João Baptista*

e *Villa Flor*, ao todo vinte e seis embarcações, concluindo-se que, esta arma não estava em Portugal, no mesmo gráo de abandono, porém n'humas circumstancias inferiores áquellas a que podia aspirar. Tinhamos pois neste reino huma soffrivel Marinha, seus componentes eram homogeneos, seus navios todos de guerra, seus officiaes todos militares.

Regressou el-rei conduzido pela outra Marinha mésclada de paisanos, que assoberbavam os poucos officiaes academicos, vaidosa da sua promoção do equador, a qual invadindo as repartições navaes e assenhoreando-se sem custo dos vasos conservados por tantos exforços e diligencias daquelles, entrou só a figurar. Sobreveio a fatal retirada da Bahia, em que apenas huma charrua tentou resistir á náo de Cokrane; depois seguio-se o desgraçado forçamento do Tejo pela esquadra franceza, que nos aprezou tres fragatas, huma curveta, e tres brigues sem perder gente, ou navios; e por ultimo a espantosa perda da batalha do Cabo de S. Vicente, em que hum paisano fardado, posto que valente, não soube defender huma náo de 74 contra huma fragata de 50.

Por este brevissimo epilogo se prova, que o descredito da Marinha proveio: 1.°, dos seus máos ministros que não pensando nunca em augmental-a, nem ao menos cuidaram da sua conservação, reparando os bons vasos de que se compunha, os quaes fabricados, durariam até hoje; 2.°, enchendo-a de pessoas inhabilitadas, confiando-lhes commissões importantes, e a defeza e a honra da bandeira nacional; tendo nós de lamentar em consequencia disto, a affronta que a mesma bandeira soffreo a bordo das fragatas *Cisne, Minerva* e náo *Conceição* aprezadas no Mediterranoo e mar da India; e a bordo das fragatas *Amazona, Perola* e *Diana,* curveta *Lealdade,* brigues *D. Pedro, Memoria* e *Treze de Maio,* aprezados á face do povo de Lisboa dentro do Tejo; e finalmente acabando de todo, pessoas cascos e nomes dos navios na batalha do Cabo de S. Vicente, por ignorancia e poucas habilitações de quem os guarnecia.

Outra bandeira, outras fardas, outras pessoas, outros cas-

cos, e outros nomes de navios, substituiram a bandeira, as fardas, as pessoas, os cascos, e os nomes da antiga Marinha portugueza. Alguns emigrados, desses que nunca guerrearam os livros, sacrificando bens e vida, lá criam na Terceira e Porto nova Marinha, fazendo triumphar em favor dos direitos da sua soberana, o principio constitutivo desta arma, a theoria contra a pratica, a sciencia contra a ignorancia. Huma nova éra tinha pois começado para ella, seu encanto desapparecera, seus destinos corriam a par dos do exercito, e hum futuro fagueiro lhe bafejava a infancia. Não aconteceo assim, navios, nomes, fardas, cousas, tudo foi novo, as pessoas hé que se introduziram as mesmas da época anterior, affastando calculadamente os criadores e naturaes defensores da Marinha actual. Seus fados são pois os mesmos, sua decadencia proseguirá; o corpo decrepito, a materia organica a dissolver-se, depois por effeito de reagentes perniciosamente escolhidos, ganhou acção, e apparenta huma vida que, posto seja de breve transito, basta para destruir a obra do patriotismo, do valor e lealdade. A Marinha actual hé hum cadaver corroido por quantos vermes produzio o nefando governo do infante D. Miguel.

§ 5.º

Terça feira 8 de Abril de 1845.

Os fados da Marinha são negros, a sua aniehilação hé indubitavel. Tivemos a infelicidade de a ver desfazer quasi toda durante o absolutismo, perto de S. Bento no Brazil, e o resto entregar-se vergonhosamente a seus inimigos. Teremos igual infortunio, vendo desfazer-se parte da actual na Azinheira, e o resto agouramos-lhe peior. Existiam ancoradas no Tejo duas soffriveis náos, huma posto que velha, de boa ossada e bella apparencia, carecendo fabrico; outra nova, de debil construcção e ossos delgados. A primeira tinha quanto precisava para servir, arvoredo, panno e artilharia: a segunda faltava-lhe tudo, desde os mastros até á ultima bôca de fogo.

Que se fez? metteram na náo nova os mastros da velha,

sem que fossem das dimensões requeridas, pois eram de hum navio de menos bôca, não tendo por isso palha ou guinda; defeito cardeal, quanto á perspectiva do vaso e seus costumes, como á sua fortaleza, não offerecendo resistencia correspondente á bôca da embarcação. Deste modo, em vez de duas náos quasi boas, ha em Portugal duas náos pessimas, abandonando-se desde já a mais antiga, que dentro em pouco será degredada para o rio de Coina, ou convertida em Cabrea. Alguem zeloso dos interesses da Marinha, propunha fazer huns mastros para a *D. João,* obtendo em resposta: para que tantos contos de réis com hum navio que não vale a pena dessa despeza? Proporá depois a factura de outros novos para a *Vasco,* e responder-lhe-hão: para que despender agora oito ou dez contos, quando a náo se vai remediando com os que já tem, e precisa de panno e artilharia? Assim desvia-se a attenção da primeira que irá apodrecendo, e ficará a segunda defeituosa e fraca. Isto hé, abandona-se huma maquina, bem que usada, no valor talvez de duzentos contos, por não despender com ella oito ou dez; e desfeia-se, aleja-se e enfraquece-se a outra valendo quatrocentos, por se querer economisar tão mesquinha somma. E dizem que vão armal-a, com que? Teremos tambem huma náo mercante! Os navios do commercio quando armados, montavam juntamente peças de 9 e 12, caronadas de 18 e 24; seus mastros e mastaréos, da mesma guinda, servindo hum só mastaréo de sobreselente nos dois mastros, e o panno do grande no do traquete. Assim a nossa Marinha militar com o seu pessoal apaizanado, vai ficando toda no material paizana; e isto tendo-se gasto no forro do beque da *Vasco* 1:600$000 réis por luxo, pois como todos sabem, aquelle forro costuma ser de chumbo custando quatro ou cinco moedas, e fez-se de telhas de bronze importando em mais de trezentas e cincoenta, ou 1:620$000 réis!!

Tambem se fabricou a charrua *Maia e Cardoso,* deixando-se apodrecer o navio *D. Pedro,* que podia ficar huma boa fragata, arrasando-lhe o tombadilho e parte da borda, correndo-lhe a competente trincheira no bailéo, sem essa francezisse

da bateria da tolda ao castello, que para nada serve; applicando então o *Maia e Cardoso* para Cabrea, que hé navio de máo pé e construcção valente. Que diremos agora dos novos brigues?! Mandaram construir o *Douro* e *Mondego*, pelas fôrmas do *Tejo*, mas nada se parece menos com elle; tiveram tal arte, que fizeram do *Douro* hum brigue mercante, assim á semelhança do *Audaz*, armado na Bahia para o bloqueio de Pernambuco. Quanto ao *Mondego*, já vemos que tem os mastros, quasi dois diametros á vante da sua posição conveniente; e o gorupés, saíndo-lhe por entre os taypaes de carro, cavalgando-lhe a borda, em vez da sua circumferencia ser tangente á linha da alcaxa.

Mas ácerca do *Audaz* com o seu immenso pontal, suas linhas de agua, seu beque, sua poppa e suas portas, tudo mercante, veja-se tambem o seu arvoredo arranjado no arsenal; aquelles mastaréos dos juanetes tem meia guinda dos de gavia? não! Nos navios da praça, ha huma certa conveniencia neste desprezo das leis mechanicas; geralmente elles não têm Marinheiros para manobras, hum vaso de 300 ou 400 toneladas, navega com huma companha de dezeseis a trinta pessoas, que mal chegam para huma *ala e larga*, por isso nunca mettem nos rizes, que hé faina trabalhosa e de rapida execução, precisando-se para ella nos navios de guerra de igual lote, de sessenta a oitenta. Daqui vem que, na praça, costumam dar pouca guinda aos primeiros mastaréos, accrescentando-a aos segundos, entendendo-se que, tambem se carrega hum joanete com dez homens, tendo vinte e oito pés de painel, como tendo trinta ou trinta e dois. A sua maior área de panno, hé proporcionalmente nos juanetes, e minguada nas gavias pelo que, supportam qualquer vento duro, sem nunca rizar. Applicaram a tal rotina ao *Audaz*, e aos outros navios da armada, de modo que todos parecem mercantes. Qne quer dizer esta alteração introduzida na Marinha de guerra por paizanos fardados? Ignorancia das regras da arte, ou habitos mesquinhos, de sacrificar o bom e o bello, ao sordido interesse de alguns tostões.

E chama-se a isto cuidar da Marinha? Se querem cuidar della, mandem construir huma náo como a *Meduza, Martim de Freitas* ou *Rainha;* duas fragatas como a *Duqueza;* duas curvetas como a *Cybelle*, e tres ou quatro brigues como o *Gaivota, Lebre* ou *Voador*. Restituam já os mastros á náo *D. João*, e façam outros para a *Vasco*, correspondentes á sua bôca; vendam o *Audaz* para carregar caixas de assucar ou arroz, que tem bom porão, porque semelhante brigue alcunhado de guerra, envergonha a Marinha militar; desçam o beque e gorupés ao *Douro*, e busquem aformosear o *Mondego*, que pouca alteração exige, dando-lhe em todo o rigor, a guinda nos mastaréos proporcionada a cada mastro. Quando alguem que entenda da arte fizer isto, diremos que promove o augmento da Marinha; porém deixando-a ir á matróca por essa agua abaixo, e esse mar fóra, ninguem acreditará no seu zelo e intelligencia. Quanto ao pessoal, entremos por hoje na companhia dos guardas da Marinha, se a sentinella da porta da sala do Risco nos não vedar a entrada, como costuma, a quem ali vai.

São nove horas, não está ninguem, ás dez começa a concorrer a mocidade academica. Que faz tanta criança de fardinhas e espadas, envergonhando o botão de ancora por toda Lisboa, recebendo soccos de gallegos e municipaes, e ferindo-se diariamente huns aos outros? O decreto do 1.º de abril de 1796 diz:

«O tempo diario da actividade academica durará tres horas «todas de manhã, para que as tardes fiquem livres, a fim de «se estudarem então as respectivas lições. De outubro até «março se entrará ás nove horas, e o resto do anno ás oito.»

Adiante diz mais:

«O numero dos aspirantes será indeterminado, não deverão «ter praça, farda nem entrarão na formatura da Companhia, «tão sómente serão matriculados.»

Então como se abusa da lei, deixando de cumprir estas providentes disposições? Chega hum chefe de brigada, ou o quer que seja, pósta-se a sentinella, rompe a caixa diversos

toques, e eis-ahi entra a Companhia a marchar e contra-marchar, péga em armas, e consome hora e meia com impertinentissimos exercicios, mandados por quem pouco ou nada sabe, misturando nas vozes de commando termos pouco decentes. Para que esta perda de tempo? A Companhia faz parte de algum corpo do exercito?

Dizem os estatutos:

«Durante o tempo que mediar entre o fim do primeiro «anno lectivo e o embarque, ou entre o fim deste e o pri«meiro dia do seguinte outubro, o commandante da Compa«nhia lhes fará ensinar na primeira hora e meia o manejo de «armas, construcção de mappas e detalhes, não desprezando «a lição dos factos memoraveis das Marinhas militares, neces«sarios para a execução das acções grandes e heroicas, anne«xas ao seu importante destino.»

Estes preceitos não se cumprem, não se trata de formar o espirito dos aspirantes, só ha marchas e contra-marchas, voltas e meias voltas, firmeza, etc. Firmeza! Mas o que quer dizer firmeza n'hum homem do mar? O sr. commandante a bordo está firme? Se fez alguma viagem, havia de ver que sobre aquella base movel não ha estabilidade; e se fez algum quarto, reconheceria que no mar, só hé destro, quem sabe manter-se em equilibrio. Este senhor prégando aos aspirantes que *isto aqui hé escola de firmeza,* dá huma triste idéa da sua capacidade, e hé não só ignorante da vida que professa, se não das leis mechanicas, ensinando tal doutrina, exigindo que as praças da Companhia sejam estatuas, mettendo-as no calabouço por moverem a cabeça e não sustentarem firmes a quadratura! Que factos memoraveis lhes ensina, que mappas, que detalhes fazem os aspirantes? Só quer fazer da Companhia, por ser Companhia o que se faz ás dos regimentos? Tambem houve companhia de padres, e que posto trouxessem correia, não era comprada com o dinheiro das suas familias, como são os cinturões dos aspirantes, que elle borra de tinta com essa numeração despoticamente exigida, assim como a outra numeração dos bonets.

Determinam os Estatutos que haja as ferias costumadas do Natal, Pascoa e os mezes de agosto e setembro; e alem dellas, todas as quintas feiras da semana. O commandante não cumpre este artigo, prosegue nos dias feriados com o seu nojento manejo de armas e contra-marchas, roubando o tempo concedido por lei aos estudantes para reverem as materias da sabatina, e constrange os matriculados na escola polytechnica a fazerem o mesmo, sem gozarem dos feriados communs, tendo por isso menos liberdade e menos tempo disponivel para o estudo. Que significa esta oppressão? Significa ignorancia, e pouco zêlo da honra da Marinha, porque faltando cincoenta e duas quintas feiras por anno a cada praça da Companhia, e tres horas diarias que consomem na corrida da escola á sala do risco para exercicios deslocados, ficam ellas n'huma posição inferior ás do exercito que dispõem de mais tempo, figuram de melhores estudantes e honram a sua arma. Por tanto, mostra pouco zêlo, e interesse pela da Marinha, quem deixa de concorrer para que os individuos della, ou que a devem compor, ganhem as habilitações devidas, e se apresentem a todos os respeitos de huma maneira igual aos do exercito.

Quando o conde de S. Vicente entrava na Companhia, tudo era silencio e applicação; apesar das suas maneiras urbanas e indulgencia, o respeito para com elle não tinha limites: o actual commandante hé hum Néro, e todos motejam delle. Prende por tudo, encarcéra os aspirantes todo o dia n'huma caza sem luz, por leves faltas; remette-os para os porões dos navios, sem que as familias sejam advertidas, para lhes darem soccorros de meios e alimental-os, vindo os miseraveis de 13 e 14 annos, comer á bôca da escotilha, como pagens ou grumetes! Onde se vio tratar assim gente de educação e pertencente a familias honestas? Faria isto aquelle fidalgo, ou José Maria Dantas? E no exercito, os aspirantes a officiaes, vão de parçaria com os soldados para o calabouço? Hé deste modo que se educa a mocidade maritima, e se lhe inspiram sentimentos nobres? São estes os guardas da Marinha?! Hade ficar

bem guardada! Como se póde esperar que hum tal commandante, taes chefes de brigadas e taes disciplinas, sirvam para huma obra de tanta importancia, e de resultados tão transcendentes, como esses de educar e ensinar aquelles que têm a seu cargo defender, e sustentar a honra da Bandeira Portugueza! Pobre Marinha, e dizem que vai saíndo do seu lethargo.

Onde hé que paisanos inspiram brios militares? Emquanto ella fôr influenciada, e servida em todos os seus ramos por taes pessoas, hade ter a mesma sorte, entregando os navios aprezados, como aconteceo com o bonito Negreiro *Gloria* ou *Grande Antilha,* arriando vergonhosamente a bandeira nacional, como no forçamento do Tejo; e fugindo espavorida, como na batalha do Cabo de S. Vicente. A Marinha Portugueza assim hé hum cadaver, corroido por quantos vermes produzio o governo do usurpador.

## VII

### ACÇÃO NAVAL DO CABO MATAPAM

Illustres e arrojados navegantes Gonçalves Zargo e Tristão Vaz, que descobristes Porto Santo e Madeira em 1418 e 1419: illustres e arrojados navegantes Gil Eanes que transposestes o Cabo Bojador em 1432, e Antonio Gonçalves dez annos após, as ilhas de Arguin: illustres e arrojados navegantes, que primeiro aportastes a incognitas ou mal conhecidas paragens, Gonçalo Velho aos Açores em 1444; Diniz Fernandes a Cabo Verde em 1447; Pedro de Cintra a Guiné e a Cabo Mezurado em 1462; João de Santarem, Fernão Pó, Fernão Gomes á Mina, a S. Thomé, Principe e Anno Bom em 1471; Diogo Cão ao Congo e Zaire em 1484; João Affonso d'Aveiro, Bartholomeo Dias a Benin, e ao Cabo das Tormentas em 1486; Vasco da Gama a Calecut em 1498; Alvares Cabral ás Terras de Santa Cruz, e Côrte Real ao Estreito de Anian em 1500; João da Nova a Santa Helena em 1501; Ravasco a Zanzibar em 1503; Fernandes Pereira a Socotrá em 1505; Pedro de Raja a Sofala, Tristão da Cunha a S. Lourenço, D. Antonio de Almeida á Sumatra em 1506; Antonio de Abreu ás Molucas em 1511; Lopes de Sequeira á Abissinia em 1514; Pires de Andrade á China em 1516; Magalhães ás Filippinas em 1521; e Antonio da Motta ao Japão em 1542!!

Se os navios em que avistastes estas plagas tivessem partido de Joppé, Brindes, Pirêo, Phaléro, ou de qualquer outro ponto banhado pelo mar Thyrreno, e a vossa patria em vez de ser a

dos Henriques e Joões Segundos, fosse a dos Trajanos, Themistocles ou Artemizas; não só elles teriam tido as poppas coroadas de flores,

*Puppibus et læti nautæ impossuêra coronas,*

senão vós mesmos as terieis posto na cabeça,

*Ipse, caput tonsæ foliis evinctus olivæ.*

Não como ficticiamente o suppõe o cantor do profugo teucro dispondo os navios troyanos a largar Carthago, ou partindo da Sicilia; não regendo a armada o agigantado Aggripa,

*. . . . . . . . . ; cui belli insigne superbum*
*Tempora navali fulgent rostrata coronâ.*

Mas sim, como Pompêo o fez a Varrão por ter vencido os piratas; como faziam aos navios que regressavam de longas viagens,

*Ecce coronatæ portum tetigêre carinæ,*

ou quando surgiam carregados de despojos dos inimigos:

*. . . . . . . . . Lauro redimita subibat*
*Optatus puppis ortus: pelaguoque micabant*
*Captiva arma procul celsa fulgentia prora.*

Comtudo, bem que tantos seculos corressem desde que taes navios foram coroados e taes corôas se alcançaram até áquelles em que vós as merecestes e elles o teriam sido, se as mesmas gerações existissem: ainda que a foz do Tejo não fosse o Porto da Lua, a barra de Sagres o de Mysena; e os Tristões da Cunha arrazando Hoja e Lama em 1506, os Marramaques tomando Amboyna em 1568, os Paulos de Lima abrazando Jór em 1587, os Furtados defendendo as Molucas em 1600, os Rodrigues Fernandes vencendo Inglezes e Hollandezes em 1622, não fossem os Alcibiades vencedores dos Lacedemonios, os Lucculos vencedores no mar; comtudo, os vossos feitos ás Musas foram gratos, e Clio inspirando Camões e Diniz, e Calliope dirigindo as pennas de Azurára, Barros, Couto e Sousa

eternisaram vossa fama, e coroaram vossos nomes de immurchavel gloria, que invejosos estrangeiros tentam denegrir, e esquecidos nacionaes deixam de recordar.

Fostes pois felizes, porque podestes legar á patria documentos do ardor com que a servias, e demonstraram aos coévos, e a quantos lhe haviam de succeder, que o povo portuguez, pequeno em numero, era grande nas aspirações de gloria que nutria, e maior que os maiores de então, nas maravilhas que praticara; já sulcando a zona julgada em perpetuas chammas, já arrostando as procellas de insondaveis e illimitados Oceanos; já forçando com o gume da sua espada a dar-lhe preito, soberbos dominadores de immensos territorios, e já finalmente asteando as suas bandeiras de hum modo perduravel nos pontos mais remotos do globo, e mais disputados por quem os fruia ou lhe almejava a posse. E se assim não hé, como chamar façanha á excursão de Sesostris, 1491 annos annos antes de Christo, pelas costas do mar Roxo, em quatrocentas vélas? Como chamar façanha á conquista das margens do Indo por Semiramis, no anno do mundo 2589, em tres mil galeras, apesar das duas mil de Strobato que lhe defendiam o accesso? Como chamar façanha á destruição de Troya que, em mil navios tantos principes conseguiram arrazar, *campos ubi Troya fuit?* Como chamar façanha á victoria das duzentas setenta galeras gregas contra as armadas de Xerxes, no anno do mundo 3525? Como emfim, chamar façanha, áquella batalha, trinta e hum annos antes de Christo, em que Antonio, Cleopatra, e mais testas coroadas, perto de Actium, tentavam resistir ao poder de Augusto?!

Todas estas grandes acções foram obras de forças formidaveis, e em mares visinhos de costas conhecidas; porém manter a posse de terras distantes e inhospitas, com poucos e pequenos navios combatidos por muitos e maiores; realisar viagens milagrosas, como a de Affonso Botelho em 1536 de Diu a Lisboa, n'hum barco de vinte e sete palmos de comprido e nove de largo; vencer quarenta e huma mil pessoas em trezentos e trinta juncos artilhados de mil e trezentas bôcas de

fogo, com setecentos trinta homens em sete navios, só portuguezes o fizeram!! Mas quem falla na batalha da bôca Tigre, dada no dia 12 de abril de 1810? No capitão José Pinto Alcoforado, Theotonio da Silva Braga, e mais Marinheiros e soldados que tiveram parte no grande feito de vencer o celebre *Qua-Apou-Chai* restituindo a paz ao imperio celeste, e a franqueza da navegação aos mares da China?! Em qual outra historia se nota a admiravel desproporção de oitenta combatentes para hum, de hum navio para quarenta?! Mas a razão destes factos não se notarem, hé a mesma por que se não nota a diuturna claridade do sol, a argentea côr da lua, o scintillar das estrellas, porque sempre assim foram desde que a vista humana as distinguio e só com o mundo hão de acabar: acções heroicas, dedicação á patria, abnegação de suas pessoas, era uso portuguez, e até caracteristico da sua gente do mar.

Dirão que somos exagerados; digam, porém escriptos nunca desmentidos, provam quanto avançamos, sem recorrer a essa especie de embriaguez aromatica dos climas orientaes que transporta a imaginação por entre scenas, que a distancia mais enfeita e desfigura, nem ás phantasticas illusões de viagens de cinco e seis mil leguas: para concluirmos a excellencia da nossa Marinha, basta a severa verdade official, sem carecermos dobrar o Cabo da Boa Esperança, em busca de batalhas, suppostas chimericas e ganhas contra gente pouco aguerrida; temos perto de nós, factos dignos de illustrar as reputações marciaes dos outros paizes, que ali teriam sido estampados para estimulo dos vindouros, e que passaram sem deixar signaes de vulto que indiquem o seu immenso valor. Temos a batalha do Cabo Matapam, temos o bloqueio de Malta, o desembarque em Napoles e Gaeta, a Paz de Tunis, a Paz de Tripoli obtidas nos annos de 1716 e 1799! Se estes resultados de esforços maritimos, pertencessem aos annaes de outros povos, quantas trombetas, quantas proclamações estrondosas levariam o estridor das armas, e o éco dos canhões lusitanos pelas quatro partes do mundo! Lá aonde o merito individual se aprecia, e inculca para realçar o dos respectivos paizes, nada esquece

que o exalte, e torne notorio de idade em idade. E daqui, os quadros representando o apregoado *forçamento* do Tejo pela esquadra franceza; o desembarque de Duguay Troin no Rio de Janeiro; as magnificas gravuras da acção do Cabo de S. Vicente por Lord Jervis, as de Abukir e Trafalgar por Nelson, a defeza de Corfú pelos venezianos; e até as de combates singulares, sem escapar o do brigue inglez *Alacrity,* aprezado pelo francez *l'Abeille!* Inglezes, Francezes, Hespanhoes e Italianos, todos têm reproduzido com mais ou menos força de luz propria e sombra alheia, as suas façanhas sobre a agua salgada, só não apparece hum quadro, aonde se veja ondular triumphante a bandeira portugueza! Ora pois, já que o pincel ou buril não pagaram esta divida á verdade monumental dos fastos navaes de todas as nações, em que a portugueza tem seu quinhão; nós, Marinheiro e soldado da patria, pouco affeito ao exercicio de escriptor publico, iremos fazendo a diligencia de avivar pela imprensa, a memoria de alguns rasgos que lhe respeitam, de que existem carunchosos transumptos entre a multidão de volumes das bibliothecas nacionaes.

A instancias do Papa Clemente XI, duas vezes largou do Tejo a esquadra do Conde do Rio Grande, a primeira no anno de 1716, composta de cinco náos, huma fragata, hum brulote, hum transporte, e huma tartana montando 390 bôcas de fogo, e 2:581 praças, sem ter a boa sorte de medir-se com as dos infieis, por diversas eventualidades; a segunda teve logar no anno immediato em que lhe coube essa gloria. Compunha-se ella da náo *Conceição* de 80 peças, com 700 homens; *Senhora do Pilar* de 84, com 700; *Assumpção* de 66, com 500; *Senhora das Necessidades* de 66, com 500; *Santa Rosa* de 66, com 500; *Rainha dos Anjos* de 56, com 350; *S. Lourenço* de 56, com 350; brulote *Santo Antonio de Padua* de 8 peças e 40 homens; dito *Santo Antonio de Lisboa* de igual lotação; transporte *S. Thomaz* de 20 peças e 100 homens, e huma tartana de 8 peças, 16 pedreiros e 60 homens; ao todo 11 navios, 518 bôcas de fogo, e 3:840 praças. Esta esquadra pelejou na batalha do Cabo Matapam mais que a veneziana, pontificia, napolitana, malteza, e

hespanhola reunidas, que chegavam ao numero 177 navios, sendo 62 de linha! Nessa brilhante acção do dia 19 de julho de 1717, em que o balio e tenente general Bellefontaine abandonou o seu posto, teve o Conde do Rio Grande, na *Conceição,* de bater-se com a sultana do Grão Bachá que era de 110 peças e 1:500 homens; o Conde de S. Vicente na náo *Pilar;* o capitão de mar e guerra Pedro de Sousa na *Assumpção;* Rolhano na *Santa Rosa* com as sultanas capitaneas inimigas, de maneira tal, que lhe fizeram huma carnagem de 5:000 mortos, custando-nos a victoria a perda do capitão de mar e guerra Manoel André da náo *Pilar,* e 198 praças dos outros navios; resultando deste arrojo, a salvação da armada ligeira de Veneza, e a derrota das forças turcas, egypcias, e barbarescas, merecendo que o Papa mandasse agradecer a El-Rei D. João V aquelle serviço feito á Christandade, e ao Conde do Rio Grande, hum Breve que principiava:

*Dilecte Fili, Nobilis vir, salutem etc.*

Não merecia ser representada n'hum bello quadro, a galhardia portugueza, forçando com sete náos o vento de vinte e duas othomanas, entrando no desigual combate de hum navio contra tres, todos de maior força, depois de fugirem do fogo os alliados a quem só íam soccorrer?! Mas este quadro sería fabuloso para quantos desconhecem os serviços da nossa Marinha, e a propria lingua que estropeam com as *espessuras dos tubos* (cordeirinhos na espessura diz Lobo) e *cupes,* e...milhares de termos indicadores do seu pouco estudo das cousas patrias. De que servem náos? Dizem a huma voz estes eximios sustentaculos da honra nacional! Bastam-nos duas, ou tres fragatas, ou só alguma curveta!! E a batalha do Cabo Matapam, não mostra que precisamos dellas? E o bloqueio de Malta? E o desembarque em Napoles? E as pazes de Tripoli, e Tunis?! Póde alguem afiançar que nunca seremos provocados a dar hum tiro sobre as ondas, ou o nosso contingente de navios aos alliados?!

Mas que resta hoje que avive a lembrança do que fomos, e devemos ser? Que resta dessa audacia do commandante da

náo *Affonso,* do capitão de fragata José Maria de Almeida, dos tenentes João Eleuterio, Miguel do Canto, Joaquim Pissarro, Malheiro? dos guardas marinhas d'Argote e Galdino, surgindo em quatro braças na bahia de Tunis, desmoronando-lhe as baterias a tiros de canhão, tomando-lhe á abordagem fragatas, polacras, e chavecos?! Restam alguns officios resumidissimos dos commandantes, nas *Gazetas de Lisboa,* alguns decretos de promoções, e alguns extractos de huma ou outra carta regia, como a que foi dirigida ao marquez de Niza, onde o principe diz que:

«Desejando dar-lhe provas do quanto lhe tinham sido agradaveis os distinctos serviços que elle fizera na esquadra do Mediterraneo, e muito particularmente no bloqueio de Malta, que tinha sido feito com todo o vigor, e na conclusão das pazes com as regencias de Tripoli, e Tunis, para que o mesmo marquez concorrêra, expedindo áquellas potencias destacamentos, e officiaes da esquadra que commandava: fôra servido mandar-lhe expedir a dita carta regia, para que lhe servisse de monumento, e de testemunho publico, e constasse este real agradecimento, com que o queria honrar, approvando tudo o que elle praticára no mesmo commando, e declarando que reservava promovel-o nos postos da sua Marinha real, logo que as circunstancias o permittissem. [1]»

Eis o que resta, e está ignorado da maior parte que julga de nós pelos aleives de quem nos deprime, e só encarece o que vem de longe. Não sería mais sensivel e notorio, hum quadro? huma vista excitante do nosso orgulho, a de tres embarcações miudas com trinta homens, abordando hum navio refugiado debaixo das baterias inimigas, defendido por dezoito peças e cento e oitenta mouros, expondo-se ás suas descargas de metralha e fuzilaria, forçando os infieis a lançar-se ás ondas, içar-lhe a bandeira portugueza por cima da vermelha de meias luas, dar-lhe huma salva real, e emfim largar-lhe fogo!! Sería, porque tudo isto foi acto continuo de coragem dos officiaes da náo

[1] Convem tomar por exemplo este respeito á lei no tempo absoluto: *quando as circumstancias o permittissem.* Hoje faz-se o que se quer.

*Affonso,* praticado ali, e não na India, não batendo gente de *langutím,* não Malaios nús, não Jáos, Bornêos, ou Chins, que se têm em pouca conta; senão Agarenos do Mediterraneo, conhecidos por bons soldados, e cujo ardor bellicoso hé garantido por atalayões e ameias levantadas na Europa, que largos annos foram sujeitas ao seu dominio por golpes de afiadissimos alfanges.

E ha quem se atreva a perguntar: *De que serve a Marinha?* De que serve, no deploravel estado a que ficou reduzida não sabemos bem; mas quando tinhamos náos, fragatas, officiaes, e soldados, servia de honrar o paiz, de o engrandecer, de lhe dar nome. Temos visto partir de Portugal os professores de todas as escólas, os militares de todas as armas, a instruir-se nas sciencias que n'outras partes se ensinam; e caso unico, só coube a hum official de Marinha, não saír do reino para aprender, mas sim para ensinar; só coube ao illustre José Sanches de Brito ser escolhido pela imperatriz Catharina, para instructor da sua esquadra, em cujo exercicio se demorou desde setembro de 1788 a dezembro de 1790!! Eis-aqui de que servia a Marinha! Hoje, serve apenas de comprovar o geral abatimento das summidades que influem na governação deste povo, as quaes nem esperanças querem que elle nutra de reagir no mar, contra as pretençoens de seus adversarios: acabe a Marinha! Bastam-nos huma ou duas curvetas!! Mas quando havia navios de linha, servia de criar officiaes dignos de reunir em torno de si os amigos das liberdades patrias nessas horas de angustia, em que a traição, o fanatismo, e outras paixões ferozes, sacrificavam á tyrannia do usurpador, os defensores dos direitos da Senhora D. Maria II!! Servia de criar officiaes como Joaquim de Sousa Quevedo Pissarro, que aprendeo a bordo da náo *Affonso,* em tenente do mar, saltando á abordagem de hum navio tripolino defendido por alfanges barbarescos, a desprezar heroicamente como brigadeiro de infanteria os cutellos dos algozes de D. Miguel, legando á sua familia o nobre titulo de visconde de Bobeda, e ao Exercito Libertador a lembrança de ser elle o chefe, o redemptor da emigração! Marinha?! Em Portugal?! Sabeis o que ha della? A figura hé

atrevida, mas dá idéa do que se pensa a tal respeito: tendes noticia do que se passa quando cáe neve, nessas largas noites de inverno, lá pelos velhos lares de provincia, em torno dos quaes o ancião da familia repete aos netos, e ao abbade da visinha aldeia os nomes dos avoengos que militaram na India, dos fidalgos da linhagem que levaram gente sua a Mazagão, e quantos homens de boa vontade acompanharam os Barretos Feios aos areaes de Alcacerquibir? Nesses lares, ha hum grosso tronco de carvalho a pino que arde noite e dia, e se vàe reduzindo a cinzas lentamente, por força da braza que o consome pelo centro. Ora, da Marinha, ha hum ou outro tronco, huma ou outra braza que se vai reduzindo a cinzas, nos seus lares puramente portuguezes, no mais não ha Marinha.

Distinguis hum ou dois vultos com tres mastros nas aguas do Tejo a que chamam *Vasco* e *D. Fernando?* Reparai nelles. Não vedes que a brocha scientifica de agora, por acinte aos *grosseiros* compasso, palhetas e tiralinhas da casa do risco vai tornando elegante e racional quanto lhe apparece, e póde arbitrariamente alterar-se? Reparae, que olhar não hé ver, como ensina Condillac. Comparae quanto a sua pintura mostra, não com a que lhe corresponde nas náos e fragatas francezas ou inglezas que de continuo surgem no mesmo rio, que esse contraste hé velho e já não produz effeito, mas com a de outros vasos recentemente vindos do Golpho de Finlandia e do Mar Branco. Será ignorancia dos nossos constructores aquella largura de alcaxas nos dois malquistos navios? As brochas dos arsenaes de Archangel e de Cronstad, pintaram as duas da náo *Viborg,* e a da fragata *Castor,* ou da mesma largura, ou mais estreitas que a altura das portas das suas baterias; e na *Vasco* e na *D. Fernando* ahi as tendes accrescentando-lhes como figurados supplementos os batentes superiores d'ellas. E será porque as portas destes dois alvos de rancor, sejam mais pequenas do que as dos dois navios russos? Não, pois tem as mesmas quarenta e tres pollegadas de rasgamento lateral, e trinta e seis de altura. Pobre *Vasco,* e has de ser transporte! Pobresinha *D. Fernando,* e has de ser *sloop-of-war,* ou *chalupuar*

como outros dizem, além de transporte que já és! Nenhuma presta; a primeira, por ter a sua bateria da coberta enchovalhada, e seis pés e meio acima da linha de fluctuação; a segunda, porque apenas póde montar cincoenta boccas de fogo! No entretanto a *Viborg* hé huma náo de parada, que se anda mostrando, e a sua altura de bateria, não excede cinco pés e meio: a *Castor* que a acompanha com o mesmo objecto, hé huma fragata de 44, com vinte e duas peças de calibre 24 no convés e quatro obuses de vinte e dois centimetros, tendo caronadas na tolda e castello: o seu pontal na coberta, hé de cinco pés e meio, o da *D. Fernando* de seis; o do convés desta de seis e meio, o daquella só de seis: o comprimento da *Castor,* na bateria, hé de cento sessenta e dois pés; o da *D. Fernando* de cento setenta e oito: a bôca daquella hé de quarenta pés, o desta de quarenta e hum e meio. E hé hum corredor de madeira! Ainda aqui não está tudo. As obras feitas na náo russa em 1854, não foram para lhe arrazar o tombadilho, e as feitas na fragata em 1851 convertendo-lhe a poppa quadrada em redonda, não foram para a reduzir a transporte, a curveta, ou a *chalupuar (sloop-of-war).* Mas os officiaes russos que pleitearam saber, e sciencia em todos os ramos de serviço publico, com os francezes e inglezes têm o máo gosto de encher de arrebiques os seus dois *naviosinhos;* e nós que vamos primando em descobertas, e excedemos em grandeza e meios materiaes o imperio da Russia, desprezamos a náo *Vasco* e a fragata *D. Fernando,* salvo a pintura que hé de novo gosto, para lhe substituirmos duas curvetas, que hão de ser melhores, e hão de dar idéa mais perfeita das nossas forças navaes. E ha Marinha!

Marinha!? Onde estão os seus preceitos? Muita gente armada não hé tropa, sessenta homens sujeitos á disciplina, com correias e patronas, e hum certo arreganho militar são soldados! Não hé o numero que faz a cousa, hé o modo della. A architectura tem regras deduzidas de valôres de linhas em funcções de curvas e de superficies, independentes do capricho do capitalista, expresso nesses alejados navios mercantes de todas as nações, e nas casas da sua faustosa habitação. A for-

tuna hé cega em toda a parte, e por isso lá e cá, haveis de ver tambucos, ou pranchas com mastros e vélas; e nas melhores praças da cidade, edificios com janellas gothicas, e portas ou entablamentos corinthios, jonicos ou toscanos! Hum professor da academia das bellas artes negava-se a escrever em pedra e cal estes absurdos, mas lá vai o mestre d'obras levantar esse monumento de materialidade irracional, do mesmo modo que o carpinteiro arvorado em constructor de navios, vai pregando madeiro sobre madeiro, á vontade de quem não avalia a relação da escala na figura riscada, com a que depois hade servir em obra. Quereis hum exemplo? Reparai bem.

Qual foi, ou qual hé a regra que seguiram na factura do brigue *Serra do Pilar?* Quanto ao casco, veio do Douro como Deos quiz e foi servido; mas vamos á mastreação que já hé posterior. Que relação tem cada hum dos dois mastros com a bôca, e os mastaréos com os mastros? Dantes havia no telheiro destes, do Arsenal de Lisboa, humas certas tabellas, correspondentes ás bôcas dos navios; desprezaram-se: havia hum tratado de construcção e apparelho, por Pedro de Mariz; desprezou-se: ha os tratados da mastreação em francez, inglez e hespanhol; desprezaram-se: Babron mesmo que traz hum resumo das respectivas guindas, desprezou-se, para fazerem ao brigue negreiro, huns mastaréos de joanetes, pouco menores que os de gavia e velaxo. Mariz, o velho Mariz manda que o mastaréo de juanete grande tenha *quarenta partes das quarenta e oito em que se divida a bôca do navio,* e o juanete de prôa, *deve ter de comprido sete partes de nove da bôca:* haverá esta relação de grandezas nos páos a prumo do brigue negreiro?! Mas Pedro de Mariz hé fossil, morreo vai por trinta annos, e os seus livros caducaram. Vamos a hum outro exemplo vindo agora lá do Circulo Artico; hé de 1851 e de 1854.

Guinda do mastro grande da náo *Viborg,* 127 pés; do mastaréo de gavia 69 e meio, do mastaréo de juanete grande 34 e meio pés. Guinda do mastro grande da fragata *Castor,* 97

pés, do mastaréo de gavia 57, do mastaréo de juanete grande 28,10. E a do negreiro, que fundearam em Alcantara para aformosear o porto? Poderia não haver muitos navios, porém os poucos que apparecessem fossem de guerra, e não amercantados da quilha aos galopes, e cheios de milhares de defeitos resultantes só do capricho de quem governa. Podem votar mais dinheiro para as despezas do ministerio da Marinha, podem gastal-o com o mesmo fructo, com que o têm dispendido que, Marinha militar não a terão nunca, emquanto não for regida pelos principios que antigamente vigoravam neste paiz, e vigoram naquelles que se tomam por modelos em adiantamentos sociaes. Quer dizer, regida sem arbitrio, nem máo gosto, nem *usa-se,* nem outros testemunhos da pouca consciencia do que deve saber-se, injustificaveis e visiveis em tudo que apparece, e póde sujeitar-se á analyse nesta malfadada arma. Ha homens technicos para todas as obras e ramos de serviço publico, e esses são os responsaveis, não só pelo plano dellas, se não pela sua execução e acabamento. Quando apresentem monstruosidades ou defeitos, justifiquem a causa do aborto, mas não se desculpem com a ordem do superior ignorante da especialidade. Pobre Marinha!

# VIII

## GLORIAS NAVAES

Trepando a huma eminencia chamada La Viste [1], que domina a cidade de Marselha e o porto sobre que ella se debruça, movido do amor da Patria que o tornou tão popular e querido dos Francezes, o poeta Béranger cantou as bellezas da sua terra natal assim:

*Amour de la Patrie! ah! sans tes doux prestiges,*
*Ces lieux seraient encore les plus superbes lieux*
*Toutes les nations viennent leur rendre hommage.*
*Je vois cent pavillons flottans au grés des airs;*
*Bysance et Petersburg, et Pekin et Carthage,*
*Ont fait de ce beau Port, l'âme de l'Univers.*
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Que diria elle se tivesse nascido em Portugal, subindo á Serra de Monsanto, ao observatorio do Castello, ao lanternino do zimborio da Estrella [2], donde huma igual ou superior vista de Lisboa e do Tejo lhe fizessem estremecer as moleculas do igneo e generoso coração! Mas Béranger não nasceo portuguez,

[1] Cette magnifique perspective, unique peut-être dans l'Univers, s'appelle La Viste.

[2] Igreja do Coração de Jesus, vulgarmente *Estrella,* do antigo convento dos Bentos que deo o nome ao largo do passeio contiguo.

nem vio a cidade de Ulysses, da qual o nosso Camões tambem assim fallava:

> E tu, nobre Lisboa, que no mundo
> Facilmente das outras és princeza,
> Que edificada foste do facundo
> Por cujo engano foi Dardania accesa:
> Tu a quem obedece o mar profundo...

Não vio a cidade de Ulysses nem o Tejo, e o sacrosanto amor do seu paiz inspirou-lhe os louvores que a esta são devidos, e que ainda mais bem lhe assentam, depois da pintura que elle faz do caracter e procedencia grega do seu povo; que o genio das descobertas e das aventurosas navegações revelou no Infante D. Henrique, ser o legado que deixaram nas margens deste rio os descendentes dos extremados Thessalos, os guerreiros de Iolchos e de Ithaca. Diz elle:

> *Idolâtre des arts, amant de la patrie,*
> *Ainsi ce peuple grec, dont nous sommes issus;*
> *Vif, enjoué, sensible, au cœur, plein d'énergie*
> *Eut de legers défauts, et de grandes vertus.*
> ..................................................

Não parece que o poeta marselhez está descrevendo Lisboa de hum dos seus pontos culminantes, possuido ao mesmo tempo da amenidade do trato da gente que a habita! Se não parece, pelo menos, hum coração abrazado do mesmo fogo em que o delle ardia, compraz-se em applicar sem hyperbole á terra a que pertence, as seductoras imagens que o *prestigio* da nacionalidade lhe debuxava no escandecido cérebro. Só a esta, falta huma cousa para em tudo exceder aquella que o poeta exalta: hé fazer parte de hum territorio que abranja trinta e dois milhões de almas! No entretanto vio-se que do perimetro deste que apenas contém tres, saíram homens que foram esculpir as suas pégadas e deixar signaes da criadora expansão daquelle genio, nos pontos mais remotos e desconhecidos do globo! E isto nos basta, a nós Portuguez e Marinheiro, para nos considerarmos de nobre estirpe, honrando-

nos da nacionalidade que herdámos e da carreira que seguimos, que os nossos maiores illustraram, enchendo as paginas da historia do nosso paiz com quanto ha de brilhante nos fastos das mais potentes e antigas nações do mundo. Hoje porém esse elemento de grandeza, essa fonte de heroismos, esse meio de manter a nobiliarchia do nome que já tivemos desappareceo da vista da grão cidade: não ha quem leve aos confins da terra o troador canhão de D. Pedro Quinto envolto em milhares de perigos, como levaram as bombardas de D. Manoel, aquelles de quem o Gama dizia ao rei de Melinde:

> Depois de apparelhados desta sorte
> De quanto tal viagem pede e manda
> Apparelhámos a alma para a morte
> Que sempre aos nautas ante os olhos anda.

Não ha Marinha de guerra!

Como hé porém que acabou, e como se póde prescindir della? Como hé que se abstrahe do que ainda somos e podemos ser com o seu auxilio no ultramar?! Que circumscripção de existencia politica, e que mesquinhez de idéas hé esta que induz as capacidades de Portugal, a olharem como a méta das suas raias, a orla que as vagas batem desde o Guadiana á foz do Minho, limitadas pelas montanhas de Leão, da Extremadura, da Andaluzia, e ameaçadas incessantemente das ameias de Badajoz, de Coria, de Cidade Rodrigo e de Tuy? Bem se vê que nunca navegaram, e que o seu mundo hé pequeno! O Marinheiro no vasto Oceano, não vê mais que céo e mar, a terra foi-se-lhe encobrindo, interceptada pela inclinação do horisonte, ou confundindo-se com os seus vapores; a agulha só lhe indica o rumo a que demóra, mas lá vai busca-la; seja qual for, á primeira que descobre mostra-lhe a bandeira. Que importa que esteja longe da Patria centenares de leguas? Aonde chega, aquelle symbolo da independencia do seu paiz, equivale a dizer: amigos ou inimigos aqui estou, sou Portuguez, Inglez, Francez, Americano... sou da nação que adoptou esta divisa que dispara na poppa do meu navio. E parece que o tê-la

arvorada, lhe dá huma especie de imperio das aguas aonde largou ancora, e da plaga em que abicou os escaleres: mais de hum modo, mais de outro acha quem o intenda ou falle a sua lingua. Oh! que nobreza, que aspirações, que poder dos homens do mar e da nação que for eminentemente maritima! Repetio-se muitos annos hum verso de Lemierre a que chamavam o *verso do seculo:*

*Le trident de Neptune est le sceptre du monde.*

Napoleão bem o experimentou, embora os frios das regiões polares não lhe gelassem os animosos soldados, e seguisse com as triunfantes aguias de Moscou ao *Prom. Tabinum,* ao ponto mais oriental do antigo mundo: *Ys-caap Olim Prom. glaciale, cujus etiam meta ignota est,* costeasse a Manthooria e rompesse o *Famosus ille Murus frusta a Sinis excitatus contra incursos Tartarorum* até Pekin; acharia no Estreito de Bherings, em frente da Corêa, ou no Golpho de Hoang-Hay o seu undivagante inimigo que, ao cabo de tanto correr de ampulheta, lhe bradara pela buzina de bordo: *Stop.*

E na verdade as tumidas vélas do baixel guerreiro ou de commercio dominam quanto o mar abrange; daquelle, pela pressão que o mesmo exerce até onde retumba o estampido da sua artilharia: deste, pela communicabilidade, pelo contacto em que põem os povos mais distantes, pelos serviços que lhes presta, e pelas delicias e precisões que suscita á raça humana: *Id apud imperitos humanitas vocabatur, cùm pars servitutis esset* (Tac.) Oh Marinha!

Mas o que hé a Marinha militar! Que força, que magestade, que arrogancia a de huma náo contendo novecentas a mil praças, saíndo-lhe pelas cem portas do costado essas moles metallicas de quarenta a sessenta quintaes cada huma, lançando projectis ôcos ou cheios, de calibre 32 a 80!? Ainda mesmo a de huma fragata? Que bella cousa hé a sua bateria guarnecida de trinta peças de 24, e a tolda e castello com outras de 12, ou caronadas de 36, tripulada com quatrocentos a quinhentos homens destemidos, promptos a levar aos mais

ásperos climas e incognitas ou inhospitas regiões a bandeira, os habitos, a lingua, as leis e o typo do seu paiz!! Que denodo acompanha de ordinario a civilisadora missão do Marinheiro soldado! Que differença de hum navio de guerra a hum regimento de linha! Bem que hum e outro sejam força armada, quão diversa hé a sua existencia! O regimento quando transpoem as patrias barreiras, ou invade ou auxilia. No primeiro caso leva comsigo o terror, a morte, as extorsões, a perda da liberdade do terreno que piza, precedido ou seguido de lagrimas; e quando arvóra os seus estandartes nas praças que escalou, as salvas com que solemnisa a posse das derrocadas muralhas, são o retinir dos ferros com que algema os povos vencidos; são as honras funebres das victimas das suas victorias. No segundo, não lhe hé permittido firmar os mesmos estandartes em parte alguma do paiz que occupa. O navio pelo contrario, quando surge em porto amigo, annuncia-se estrondosa e alegremente; saúda a terra e o povo que o hade hospedar içando-lhe por distincção no tope de prôa ou grande, a bandeira que tremúla nas fortalezas; hé hum signal de respeito, hé huma homenagem que presta, pedindo vénia daquella incursão: salva ao mar, ao commandante da força, ao camarada que logo após busca, tudo são modos urbanos, affagos e boas vindas.

Ao toque de recolher dá o seu tiro de peça, como quem se despede do dono da casa até ao dia seguinte; ao alvorecer da manhã, outro tiro adverte a cidade, que o estrangeiro espreitou o instante da saudação; e em fim, ás oito horas, iça a bandeira e abre os portalós ao trato civil. Se fórça hum porto, que bellicoso modo, com que intrepidez e galhardia o faz! Prolonga-se com as baterias contrarias que o recebem com precursoras detonações de estragos, e de balas de grosso calibre, trocando tiros contra pedras e merlões solidissimos que abrigam os combatentes, por tiros contra madeira, que lhe vão espedaçando as amuradas, rompendo o panno, cortando as manobras, partindo mastros e vergas, perdendo no conflicto muitas vidas, até que as faz calar, e constrange os aggressores

á obediencia para expiação da affronta recebida. Exercito de mar, exercito de terra, não tem semelhança em quasi nada, cada qual se apresenta e opéra de diverso modo, e daqui vem a consequente disparidade do seu aspecto, e por que devem ser considerados pontos extremos do mesmo circulo ou de esphera de acção. Em Portugal só, hé que os igualaram na apparencia, desconhecendo-lhe a indole, e obrigando-os a huma homologia incompativel com a especialidade do seu caracter e serviço. Estamos numa época, na qual parece que, de todos os objectos sensiveis ou ideiaes, apenas vemos as imagens ou sombras cahindo em superficies pulidas, com varios angulos de incidencia que os tornam monstruosos, convertendo o direito em torto, o circular em comprido, o vertical em obliquo, e tudo fóra dos seus eixos e da sua regular feição. Pelo menos, em Marinha militar assim acontece: Marinha, cujo pessoal está tão longe entre nós de merecer a consideração que se lhe dá em Inglaterra, em França, em Hespanha e nos Estados Unidos, como das antigas Milicias, aos corpos de 1.ª linha; e longe de haver quem diga della, o que disse da sua o secretario Dobbin no Congresso destes Estados em dezembro de 1855:

«Os officiaes da Marinha como classe têm todas as virtudes «que resultam da abnegação de si mesmos: o orgulho da sua «profissão, o valor, a rectidão do coração e o patriotismo; e se «a espada d'um só destes homens moralmente tão bem dota-«dos lhe podesse ser tirada injustamente, vozes unanimes soa-«riam por toda a parte com o sentimento da verdade para dar, «em nome do paiz, áquelle a quem huma sentença momenta-«neamente desvairada tivesse ferido, a honrosa reparação de-«vida ao merito ultrajado.»

O que disse dos soldados de Marinha, e dos seus importantes serviços!!

«Na ultima estação os trabalhos do arsenal de Portsmouth «(Virginia) foram retardados pela epidemia cujos deploraveis «estragos cobriram de lucto duas grandes cidades... A fide-«lidade passiva e inabalavel dos *marines* aquartelados no ar-

«senal, dos quaes as fileiras éram cruelmente dizimadas pelo «flagello, lhes dá ainda novos titulos a huma menção particu- «lar, ao mesmo tempo que elles já têm colhido outros teste- «munhos de admiração, de sympatia e de reconhecimento, «fazendo apreciar mais huma vez o que vale a disciplina en- «tre estes soldados.»

O que disse dos 164 alumnos, *midshipmens*, e aspirantes, da sua Academia Naval, dos seus Navios-Escolas de Marinhei- ros, desta arma em geral? E que outras considerações ao mesmo respeito fez Sir Ch. Wood em 18 de maio ultimo na camara dos Communs? Ali como em França, hé que sabem apreciar os seus serviços.

Entre nós falla-se em Marinha, dizem logo: Não precisamos náos, nem fragatas, bastam-nos curvetas ou brigues e alguns transportes. Que soltassem taes heresias aquelles que nunca vestiram o seu uniforme, esses mesmos não tinham desculpa; mas excede todas as hypotheses da absurdidade que sejam proferidas por officiaes combatentes. *Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis*, dizia na Scythia o desterrado por Cesar; mas nós hé que o somos por não entendermos o que dizem della, ou querem que vá sendo em Portugal. Apesar porém da nossa individual ignorancia, e incompetencia com- parada com a dos nossos abalizados antagonistas, buscaremos dar huma opinião sobre a materia, deduzida das praticas se- guidas nos paizes onde a força de mar hé considerada ele- mento de prosperidade publica.

Transportes de guerra são incompativeis com a rigidez da disciplina, e as balizas que distanciam as classes constitutivas de huma tripulação militar. Para fazer sentir aos que o igno- ram, o que sejam taes distancias dentro de espaços tão limita- dos, collocando em posições ficticias diversas aquelles que material e physicamente estão em contacto, eram necessarios grandes capitulos; no entretanto repare-se no que aconteceo em Inglaterra para as conservar. Que respondeo o governo no Parlamento quando o arguiram de não mandar soccorros á In- dia nos vapores da frota? *Que eram precisos para defender a*

*Gran-Bretanha*. A resposta pareceo hum epygramma, mas os interpellantes emmudeceram. Todos viam que essa defeza, nem fantastica podia ser como o imaginario monstro assolador da Lycia exterminado por Bellorophonte, pois a nação estava em paz com a Europa e a America, alem de que tinha as suas costas bem fortificadas e defendidas, e na India, estava soffrendo huma guerra cruelissima, de exterminio como nunca supportára; e comtudo, não empregou metade, hum quarto, hum decimo da sua força maritima em conduzir tropas áquelles paizes! Loucos foram os que tal fizeram, loucos os que toleraram semelhante aberração dos bons principios governativos, e loucos todos que deixaram de a censurar! Mas hé que este proceder, tem huma demonstração rigorosa que o povo inglez comprehendeo. Ora se exemplos colhem e supprem discussões, este deveria servir de prova da incompatibilidade dos dois serviços simultaneos, a quem invoca os adiantamentos sociaes de outras partes para nos deprimir pelo nosso atrazo: se o que apparece nas altas regiões da sciencia com o *Warranted* do Leopardo ou o livro da Constituição *Brévetè* por cima hé adoptavel, siga-se em Portugal o que voga no paiz dos Newtons ou dos Descartes a respeito da Marinha combatente; e quem se satisfaz com o papel de imitador, poupando-se ao estudo e riscos inseparaveis de huma iniciativa qualquer, veja que esta Marinha na Gran-Bretanha não hé considerada de barcos de passagem; por tanto, nem as pessoas a ella estranhas têm desculpa de emittir taes opiniões, nem as que estão no caso de avaliar o que resume e constitue o navio armado, devem accommodar-se com o pensamento de o converter em transporte, e os officiaes que o hão de guarnecer, em almocreves ou bagageiros do exercito.

Para tornar esta ideia mais sensivel, enumerariamos os vasos da frota do Reino-Unido empregados não militarmente mas de flamula que entram na sua composição, e quem os commanda, donde ficaria evidente a differença que ali ha entre huns e outros; porém essa resenha pouco se compadece com a brevidade de hum artigo de jornal, e causaria

talvez enfado, demonstrando-se com tudo [1] que os inglezes não põem por commandantes delles, ainda que sejam náos como o *Minden*, officiaes de patente, mas sim *Masters* e segundos *Masters;* como se observa no *Nereus* fragata de 42, e 1:094 toneladas, no *Osborn* da força de 430 cavallos, e outras circumstancias que tornam estes navios importantissimos. E quando precisam transportar soldados ou generos, afretam vasos da praça, alem daquelles trinta e quatro incluidos na *Navy-Liste* deste anno, deixando em disponibilidade os de guerra e os officiaes militares, preferindo antes tel-os ociosos, do que habitual-os a huma relaxação e negligencia inherentes ao serviço dos transportes, abordo dos quaes a entidade preponderante hé o passageiro que dá a lei ao conductor, o qual se torna a

[1] Sempre daremos os nomes de alguns, e seu porte e força de cavallos para exemplo:

*Cyclops,* 6. St. Transp. Tons 1:106. H. p. 320. Mast. Com.
*Industry,* 2. Screw Transport. 648. H. p. 100. Mast. Com.
*Rhadamanthus,* 4. St. Transport. Tons 813. H. p. 220. Mast. Com.
*Tyne,* 4. Transport. Tons 600. Mast. Com.

Navios rebocadores, recebedores, guardas costas e outros:

*Æolus.* Store Ship. Tons. 1:077. Mast. Com.
*Apollo,* 8. Store Ship. Tons. 1.084. Mast. Com.
*Cerus.* Tender. 24 Mast.
*Confiance.* St. Tug. Mast. Com.
*Dart,* 3. Tender. Tons. 240. Ind. Mast.
*Dee,* 4. Scr. Troop Ship. Tons. 704. H. p. 200. Mast. Com.
*Elfim.* St. Tender. Mast. Com.
*Fairy.* St. Yacht. Mast.
*Fire Queen.* St. Tender. Tons. 312 H. p. 100. Mast. Com.
*Minden.* Store Ship. 74 gun Ship. Tons. 1:721. Mast. Com.
*Monkey.* Steam Towing Vessel. Ind. Mast.
*Nereus,* 42. Store Depôt, Tons 1:094. Mast. Com.
*Naiad.* Store Depôt. Tons 1:020. Mast. Com.
*Osborn,* 2. Steam Yacht. Tons 1:033. H. p. 430. Chief Eng.
*Pigmy,* 3. Steam. Ind. Mast.
*Resistance,* 10. Store Shipt. Tons 1:079. Mast. Com.
*Bee, Blak, Eagle, Fanny, Saracen, Scorpion, Seaflower, Seawater, Sprightly, Spply, Tyne, Vivid, Volage,* e outros, etc.

respeito delle, cousa, instrumento ou agente do serviço que se lhe presta.

Como ha de respeitar as conveniencias hierarchicas do navio armado, quem não espera ali demorar-se, que segue outra vida, que aborrece tudo que o priva dos seus commodos, e odeia de morte o official da guarnição que julga ter alguns? O seu desejo hé affrontar esses usos e torna-los ridiculos, hé desafiar a auctoridade do commandante, e até insulta-la fiado na força que leva ás ordens ameaçando aquelle como aconteceo no *Maia e Cardoso* em 1825 entre o coronel João Casimiro e o commandante Peres Baptista (fallecido em conselho de guerra), preso por ter arribado da Equinocial receioso de ser compellido pelo mesmo coronel a seguir para o Rio de Janeiro.

Diz mr. Jall:

«A tolda de huma náo hé hum salão aonde ninguem se «apresenta senão em *toilete*, pelo menos vestido como as gen-«tes de boa companhia têm adoptado por conveniencia social «e respeito humano. Hé porque a tolda hé na vida de bordo «huma sorte de terraço aonde só podem passear os officiaes. «Sobre elle o lado de Estibordo hé o logar de honra, por isso «quando o commandante apparece, todos passam para bom-«bordo. *Á véla esta amura* perde o seu privilegio, e então o «logar nobre hé o de barlavento. Provarei a origem assás cu-«riosa e interessante desta preferencia.»

Ora imagine-se hum navio de guerra atulhado de soldadesca, de officiaes e suas familias, empachado com mobilias, utensilios e accessorios do costume, e por isso immundo: imagine-se o desgosto de todos por falta de arranjos, pelas privações inseparaveis da multidão inexperiente circumscripta a hum pequeno espaço; por falta de agua, que logo se faz sentir dada a ração; pela escassez dos ranchinhos e desperdicios delles, resultantes do máo calculo dos arranchados; do enjôo e da falta de despensas para arrecadar as vitualhas dos varios grupos que forçosamente surgem nestas occasiões; por falta de buracos no fogão para cozinhar, e milhares de estorvos que só avalia

quem os presenceia, e conclua-se a desordem que ha de reinar, e reina dentro delles?!

Sem offensa dos transportados, elles dão-se a excessos inadmissiveis e intoleraveis, filhos de necessidades que suppõem justas, mas que hé preciso reprimir para manter a ordem, e conservar a minguada quota de commodos que a cada individuo pertence.

O official que embarca julga ter direito a certas usanças, como no quartel ou debaixo da barraca em campanha; vai para bordo, não lhas consentem, não acha camarote, nem agasalho. O navio de guerra tem só aquelles indispensaveis ás suas tripulações, pois estando armado, está completamente cheio, e não há dentro delle hum palmo vasio, sem applicação restricta; tudo ali está distribuido pollegada por pollegada para os folegos vivos, para mantimentos, para a manobra, e para o combate. Ora tudo que for alterar essa ordem, hé atacar a distribuição dada pelo calculo, hé forçar o serviço, inverte-lo, e mover conflictos entre os violadores dos preceitos estabelecidos.

O passageiro official superior quer alojamento correspondente, e não vê de bom grado que o subalterno de bordo lhe prefira; sem se lembrar que este faz quartos de dia e de noite, e o precisa para coordenar o seu complicado diario, para descançar das vigilias regulares e accidentaes, para enxugar a roupa, etc. Destas differenças nascem as rixas, e dellas vem a resultar hum odio nunca extincto entre a força de mar e terra.

Não acontece assim com os transportes fretados, ou propriamente ditos. Então nestes tudo varia; o espaço destinado para carga torna-se bailéo volante para as bayonetas; a coberta corre-se-lhe de beliches para os officiaes e suas familias; não ha hum numeroso estado maior que occupe a praça de armas e estorve o uso das mesas della; não ha peças na bateria que tolham o movimento e o livre transito dos passageiros; não ha disciplina que prescreva posições, toques de ranchos, limpezas, baldeações matinaes, macas nas trincheiras, silencio a certas horas, cigarro e fumo, luzes, etc. Quanto se faz hé á

ordem do especial commandante, e o capitão apenas dá o rumo e dirige a orientação das vergas. Deste modo não ha rivalidade de mando, conserva-se a boa harmonia sem precedencia de armas nem de classes, momentaneamente sobordinadas com signaes invertidos; quer dizer: o capitão, major, coronel ao tenente de quarto, de ronda, inspector da limpeza, e executor das ordens do commandante maritimo, elle mesmo inferior na hierarchia militar ao passageiro.

Não ha pois nem póde haver disciplina em taes navios. A ideia de transporte exclue a de combate, e por consequencia os exercicios para elles. Exclue presteza de manobras, porque o empachamento da tolda, da bateria e do tombadilho as estorva, nem se podem activar com as diminutas equipagens delles. Exclue silencio, porque a gente estranha á guarnição e em numero avantajado ao que ella comporta, sem trabalho que a entretenha, não se contém calada. Exclue a ideia de aceio, por falta de agua e de logar para limpezas que lhe são indispensaveis. Exclue a applicação effectiva ás praticas navaes. Exclue finalmente aquella contemplação e meditação que muitas horas do dia e de noite absorve as potencias da alma do militar maritimo; contemplação espontanea e impensada que o assalta de improviso.

«*Ainda não applicámos a analyse muda aos actos da nossa* «*vida, diz hum autor naval, mas o coração que não espera* «*o assentimento da razão para mover-se, faz-nos estremecer* «*cem vezes, contemplando a immensa superficie do Oceano* «*que se descobre diante de nós.*»

Voltando porém á analyse commum, imagine-se o que será hum official de Marinha que não faz nem fez na sua carreira de almocreve exercicios militares, nem pensou nelles por inuteis; que não cogita, nem fez, nem póde fazer manobras rapidas com o seu navio; que ouve de continuo a bordo delle hum murmurio como o dos mercados cheios de vendilhões e compradores; que não póde ter aceio em si nem o póde exigir dos que o cercam; e finalmente que não póde ter algumas horas de contemplação, e digam-nos se n'hum semelhante official

poderá encontrar-se o garbo, a altivez, o *orgulho* (disse o ministro dos Estados Unidos), a *abnegação,* e todos os mais dotes que nobilitam e distinguem caracteristicamente os militatares maritimos do mundo civilisado, Se coubesse aqui paraphrasear aquella sentenciosa quintilha de Sá de Miranda, *D'antes quebrar que torcer,* diriamos:

Homem de vario querer
Embora de huma só fé,
A quem se póde torcer,
Elle tudo póde ser
Mas d'espada e mar não hé.

Espada! Para que, n'hum barco de carga?! *Ideia, espada, e caminho,* foi a definição que deo do navio de guerra o nosso illustre amigo José Estevão; mas do *transporte* desapparece a espada, desapparece o caminho (feito velozmente), e as ideias que elle abriga dentro do seu pesado e nojento bojo são ideias mesquinhas, ideias de arriata, de levar e trazer com vagar, e subordinadas á força e materia, que lhe roubam todas as condições inherentes á cousa que a espada symbolisa. *Espada!* que só, os soldados torna heroes, mas que na mão do Marinheiro cria os Gamas, os Albuquerques, os Almeidas, os Castros, que, além de heroes soldados, foram legisladores, filosophos e politicos.

Se querem só transportes acabem com a Marinha militar, e esqueçam de huma vez para sempre as glorias da nação portugueza.

## IX

### COMBATE DO BRIGUE MINERVA [1]

Todos os povos maritimos honram com mais ou menos enthusiasmo os seus guerreiros navaes, porém os marinheiros das nações a que elles pertencem, têm por estes typos de heroes huma especie de idolatria. A rasão hé facil de demonstrar. O marinheiro, geralmente fallando, hé valente: cercado de perigos desconhecidos em terra, perigos incessantes e imprevistos, habitua-se a encarar a morte com certo desprezo, ou como hum golpe fatal de que nada o póde eximir quando chega a sua hora extrema; alem d'isto entregue aos seus proprios recursos, não tendo nunca a esperar soccorro estranho, emprega todos os esforços que o seu animoso coração lhe suggere para vencer os obstaculos que o cercam; já sósinho no laes da gavia ou velaxo impunindo-os para rizar nos terceiros e quartos debaixo de pesadissimo aguaceiro, já collectivamente mettendo-os dentro para aliviar o navio quasi a soçobrar, e já botando ao convés mastaréos de joanetes, ou picando o mastro da mezena, para arribar e pôr o vento na alheta. Estas scenas que todo o homem do mar tem visto, e o dispõem a luctar sem

[1] O final deste artigo que lhe dá o titulo (Combate do brigue *Minerva*) foi transcripto em resumo no primeiro tomo dos *Quadros*, incluido no numero das *Recordações;* mas como lhe faltam o preambulo, e as consequencias que do facto se devem tirar, o damos agora por extenso como foi publicado nos n.os 4588, 4589 da *Revolução de Setembro* de agosto de 1857.

receio contra a poderosa força do vento e das ondas, imprimem-lhe hum certo caracter que o distingue dos seus semelhantes, quer no modo de ser e estar physico, quer no modo de ser, estar e viver moral. E posto que em alguns sujeitos, esta differença não seja tão pronunciada como em outros, se os observarem attentamente, ha de perceber-se a origem da força que nelles actuou, e lhes deo attributos inherentes á mesma familia dos maritimos de todo o mundo, existentes nelles como nos sectarios de algumas religiões. O Hebreu, por exemplo, veste a mesma tunica, e procede em Argel como em Portugal, em Roma, ou na Russia; o Hebreu hé sempre Hebreu qualquer que seja o paiz onde se ache; o Coakar, o China, do mesmo modo que o marinheiro, porque este não varía, venha donde vier, ou vá para onde for; e quanto mais se analysam os motivos que conduzem á formação deste singular caracter, mais se conclue que elle hé huma consequencia logica dos actos da vida maritima. Em terra, os climas, as sociedades, os trajes, os alimentos, as artes e officios são tão diversos, e confundem de tal modo os habitantes e misteres de cada hum, que facilmente se tomará o carpinteiro inglez, pelo pedreiro, torneiro ou serralheiro francez, etc. Não assim o homem do mar, tão marinheiro é o Sueco, como o Russo ou Hespanhol, e a rasão hé, por que o mar hé o mesmo em toda a parte. Repare-se bem que, de todos os navios que aportam a Lisboa, nada ha que distinga as respectivas equipagens; ao ponto de que, as de guerra até parecem pertencer á mesma armada: quem hoje vê hum marinheiro inglez confunde-o com hum austriaco, hespanhol ou hollandez; os mesmos habitos, o mesmo chapéo no alto da cabeça, o mesmo modo de andar bamboleando-se, o mesmo desgarro, as mesmas maneiras em tudo e por tudo, porque o seu viver hé no mar, e as ondas delle tanta nausea produzem aos novatos do norte como do sul do globo; constituindo huma natureza homogenea e quasi especial em toda a gente que se affaz ao seu serviço, ainda que dispersa por varios climas ou nascida em latitudes antipodas e disparatadas. Ora eis aqui porque o marinheiro francez admira tanto Nelson

como o inglez Ruyter ou Tromp. Respeita-se o valor que deve ser e hé essencialmente a primeira virtude do navegante; e os heroes maritimos, venerados por amigos e inimigos, são quasi idolatrados por aquelles a cujas nações pertencem.

Antigamente tambem nós Portuguezes tinhamos parte nesta grande familia, tinhamos marinheiros tostados pelo ardor do sol dos tropicos, e as mãos gretadas pelos frios das altas latitudes; marinheiros de chapéo oleado, quasi a caír-lhe da cabeça, lenço solto no pescoço, camisola azul ou branca, faxa azul ou encarnada, sapato a caír do pé, meias de varias listas. Hoje temos marinheiros de correias, de espingarda, de jaquetas com carcellas, de gravatas, de botins, de cinturões, e de não sabemos que mais, que os separam daquelle gremio a que só estão ligados pela tendencia do movimento ondulatorio da superficie em que vivem, pelas affeições do coração que os habituou aos azares da sua existencia vagabunda, e pelas tradições gloriosas que tornaram este paiz conhecido e admirado pelos seus heroes nos pontos mais remotos do globo.

Vem ao Tejo navios de todas as procedencias, e hé facto incontestavel que mal se differençam pelas cores das suas bandeiras; porque tão ingleza pareceo a fragata austriaca *Radetsky* como russa parece a hollandeza *Ruyter*, e a gente que as tripula está no mesmo caso; marinheiros e officiaes em tudo se assemelham; os seus trajes de uso, espontaneos nos de commercio, e de ordenança nos de guerra, são iguaes; só nos nossos ha differença, porque nem as fardas dos estados maiores, nem os uniformes das tripulações são os mesmos.

E ha Marinha em Portugal? E navios? Onde estão elles?! Mas já que se não construem novos nem fabricam os velhos, ao menos deixem que o pessoal da Marinha vista e sirva como o pessoal inglez, hespanhol, austriaco, hollandez e americano.

Com effeito, parece haver huma certa antithese calculada para aqui extinguir tudo que tem relação com o mar, a fim de se perder a lembrança da navegação, das colonias, e do poder longiquo, tornando este povo e este primoroso torrão dependentes, ligados e sujeitos só á Hespanha. Huma Iberia indisso-

luvel, bem arroteada, bem arada, bem agricola, bem continental, bem cheia de redes de ferro, mas nada maritima, porque a amplidão do mar, os seus horisontes sem fim, o encapellado das suas vagas, os perigos que alli se correm e se vencem suscitam ideias de valor, de grandeza: *Oceanumque patrem rerum,* de liberdade, *Et spiritus Dei ferebatur super aquas,* e de dominio. No mais só espalham e inculcam ideias falsas erradas e absurdas.

E se não, para que chamarem marinheiros da armada real, a essa meia duzia de recrutas que destinam ao serviço de bordo? Para que lhe chamaram accessorios de huma cousa que não existe? *Armada Real?!* Aonde está ella, aonde está essa armada de que elles são os marinheiros?! Se não hé hum epigramma em relação ao que devemos ter, ou hum apologo á maneira daquelles dirigidos aos despotas orientaes, dêm-lhe huma denominação mais conforme á verdade, chamem-lhe marinheiros-soldados; porém, da armada real, hé o appellido mais antinomico e heterogeneo que podiam excogitar para os tornar ridiculos! Armada?! Foi tempo. Já tivemos huma quasi completa que figurou bastante, a *primeira;* e começava a organisar-se a *segunda* para a qual se criou o regimento, *Da segunda armada,* com fardas verdes; de maneira que chegaram a haver dois de infanteria e hum de artilharia para o serviço do mar; depois foram substituidos pela brigada real da marinha, criada por alvará de 28 de agosto de 1797, comprehendendo a primeira divisão de artilheiros marinheiros 1:779 praças, a segunda de fuzileiros marinheiros 2:124, a terceira de artifices marinheiros 1:328, sendo o total da força, com o estado maior, 5:231. A estes sim, podiam chamar-se da armada real, mas á cousa que hoje existe, só por irrisão. Naquelle tempo, tudo de Marinha, era realidade, porque a primeira armada chegou a reunir treze náos, das quaes ficaram cinco em Lisboa quando o principe abandonou a Europa, e eram a *Maria Primeira, Vasco, S. Sebastião, Princeza da Beira* e *Belem;* e as outras que acompanharam Sua Alteza para o Brazil, eram a *Conceição, Rainha, D. João de Castro, Martim de Freitas*

(nosso quartel seis mezes), *Affonso de Albuquerque, Medusa, Principe do Brazil* e *Conde Henrique.*

Estes navios pertenciam á primeira armada, com o correspondente accessorio de fragatas, curvetas, brigues e charruas, alem do departamento de Goa, que chegou a ter vinte embarcações montando 408 bôcas de fogo, e aonde ainda no anno de 1800, figuravam a náo *Madre de Deus,* as fragatas *Santa Anna, S. Francisco, Guia, Santo Antonio, S. Miguel, Temivel* e *Real Fidelissima,* com quatro manchúas, quatro galvetas, huma bombardeira, e mais vasos guarnecidos de 382 peças de artilharia. A este conjuncto de navios podia, sem offensa do bom senso, chamar-se armada, e della saíam varias esquadras a cruzar, e divisões, como aconteceo no dia 4 de novembro de 1780, em que estavam de verga d'alto nove náos commandadas em chefe pelo tenente general José Sanches de Brito, que eram a *Conceição, Pilar, Santo Antonio, Bom Successo, S. José, S. Sebastião, Ajuda, Prazeres, Belem,* e as fragatas *Nazareth, S. João* e *Cisne,* para exercicio: e bem assim no dia 23 de março de 1793 que largaram de Alcantara duas divisões com o seu commandante em chefe o tenente general Bernardo Ramires Esquivel, compostas da *Conceição, Maria Primeira, Vasco,* fragata *Fenix,* e bergantim *Serpente; Rainha, Bom Successo, Santo Antonio,* fragata *Ulisses,* e bergantim *Novo.* Depois houve esquadras, ou esquadra sómente, porém nunca mais armada. E hé quando tem apenas huma *náo transporte,* e huma fragata igualmente degradada do nobre serviço de guerra, desguarnecida dos seus ornatos e troadores atavios, que se lembram de organisar o corpo de marinheiros com este nome e para outros fins; porque não podem ser de guerra, nem da Armada que morreo, e nunca resuscitará considerando-a debaixo do ponto de vista que a consideram! *Armada* desarmada, de carga de almocreves, só de levar e trazer! A carga do soldado hé a sua espada ou fuzil, e os precisos petrexos; toda a outra carga hé ignominiosa. Chamem-lhe quanto quizerem, mas não prostituam a nobre força maritima, nem alterem o sentido das palavras que significam cousas di-

versas. Armada entre nós, hé hum ente moral que existe na ideia de todos, e talvez na vontade de muitos, no mais não ha força armada de mar a que se possa dar esta denominação.

N'outro tempo, até os officiaes propriamente militares, julgavam-se desconceituados embarcando em charruas ou transportes, apesar de corridos de artilharia servida por soldados; e poucos eram aquelles que se abatiam ao exercicio de charrueiros, dando-se os pingues e lucrativos commandos dellas, aos intrusos originarios da praça ou da classe dos pilotos. Ora hoje que, nem hum só uniforme de soldado ha nestes navios, nem peças de artilharia, nem signal de que podem ser empregados militarmente, como lhe chamam navios, officiaes e marinheiros da armada real?! Este nome quer dizer serviço de guerra, e quando impossibilitam os navios e os homens que os tripulam, do mais nobre exercicio a que podem votar-se, que hé pugnar pela honra da sua bandeira, e pela independencia do seu paiz, chamam-lhe o que não são, nem podem ser! Z, pandeiro, diziam os rapazes que ainda não entendiam os symbolos da cartilha do mestre Ignacio, e hoje parece estarmos em Marinha abaixo da intelligencia dos rapazes daquelle tempo: só de proposito!

Affirmam os nossos publicistas que não havemos ter guerras maritimas. Se a these hé verdadeira e o producto da filosophia das sociedades modernas, acabem com os arsenaes militares, ou fechem-lhes as portas como faziam em Roma ao templo de Jano; porém se, despresando os conselhos della, os seus apostatas apprehenderem os nossos navios, havemos aviltarnos ao ponto de lhes tolerar a affronta, ou compraremos ainda mais vilmente o auxilio a quem sempre se fez respeitar?! Bem pequena era a Hollanda, e poucos navios tinha em relação á Inglaterra, mas pôde resistir ás suas exigencias, chegando audazmente a bater-lh'os abrigados com os Jaks das fortalezas, entrando no Thamiza, e tomando-lhe *van-Gendt* huma bandeira de almirante, de tal modo enxovalhada por este facto, que só em 1806 recuperou a honra de içar-se novamente nos navios do Reino Unido. Ha em Portugal escolas para toda a

especie de instrucção, formigam os periodicos de *instrucção e recreio,* paga o thesouro a centenares de summidades que vão beber sciencia ás copiosas fontes que Minerva entretem por toda a Europa, a fim de tornarem este paiz menos *barbaro ;* e com effeito conseguiram povoal-o de litteratos, de poetas, de naturalistas, de engenheiros, de homens eminentemente sabedores e professores de todos os ramos de conhecimentos uteis, só lhe esquecco a Marinha, apesar dessas terras classicas ostentarem quanto ella póde ter de primoroso. Ha meios aqui para todo o serviço, meios superiores a quantos antigamente se conheciam; a contabilidade centralisou-se, a administração tem mil vezes mais intensidade, as communicações multiplicaram-se prodigiosamente, as postas derramaram-se, o fisco ideiou novos meios de se tornar efficaz, o governo prescruta, o recondito do lar domestico, a receita publica suppre todos estes encargos e outros quasi de luxo, e só escaceou para a malfadada Marinha! Surgem nas aguas do Tejo vasos austriacos, napolitanos, suecos, hespanhoes, e de outras nações menos maritimas do que a portugueza, para instrucção da sua gente do mar; agora mesmo estamos vendo a fragata *Ruyter* tripulada com quinhentas e quarenta praças, que anda em campanha de instrucção, esperando para o mesmo fim, a curveta *Urania* e o brigue *Zeehond* com os aspirantes de 1.ª e 2.ª classe a guardas marinhas; e nós não temos nem sequer hum cuter no mesmo serviço! E será a Hollanda maior que Portugal, ou terá a bandeira neerlandeza mais costas e pontos do globo aonde tremule do que a nossa? Este abandono da Marinha não se explica, e só ha de sentir-se, quando huns poucos de piratas dos Riffes e de Tetuão saltarem no Algarve, captivarem os pescadores da cavalla e do atum, e vierem á barra de Lisboa apresar o *Lusitania* e o *Vesuvio* da carreira do Porto. Hé verdade que então appellaremos para as vias ferreas, abandonando-se totalmente o Oceano e as colonias que se cambiarão por locomotivas e machinas a vapor com que ha de tornar-se este reino huma das mais prosperas e ricas provincias da peninsula hispanica.

Emquanto porém não chega essa fuzão determinada pela geographia fysica indicadora dos limites das nações, marcadas por barreiras indestructiveis; aqui, de montanhas abrutas chamadas Perinéos, n'outra parte Alpes, mais longe Caucaso, e Himmalaia; e pelos rios ou mares como o Danubio, o Ganges, o Mar Roxo, o Sino Persico, os Dardanélos, o Baltico; e pela geographia politica apreciadora das conveniencias sociaes que tornam convergentes para o mesmo centro de acção moral, ou fóco de industria os elementos de grandeza e prosperidade dos povos: nós, fanaticos da nossa pequena mas gloriosa nacionalidade, que a temos visto sobreviver a todas as cabalas e intrigas diplomaticas, a todas as invasões armadas dirigidas por grandes capitaens, a todos os calculos e combinações scientificas de abalizados estadistas feitos no meio de commodos gabinetes, ou em torno de lautas mesas, emquanto a mediocridade e a pobreza da maioria vertem bagas e bagas de suor pela força do trabalho para os manter no fausto resultante dessa mesma nacionalidade que accusam de mesquinha e insustentavel: nós, contumazes no nosso erro, descrentes de quantos beneficios imaginam, e confiando só no inextinguivel e ardente amor do povo pela sua independencia, e acreditando só nos factos antigos e modernos com que a historia abona a perseverante posição relativa do nosso paiz, appellamos para elle e para os meios de manter a mesma independencia, extrahidos principalmente das colonias, defendidas e sustentadas pela nossa Marinha de guerra.

Marinha militar dissemos, Marinha não composta de chavecos, com cobertas de quatro pés de pontal, ou bailéos sómente, chrismados em navios de guerra: Marinha composta de náos, fragatas, e grandes curvetas, a que sirvam de *avisos, mecheriqueiras* e *transportes,* toda essa chusma de vasos auxiliares que não constituem só por si força naval, nem operam isoladamente. Querem que os recursos pecuniarios d'este paiz, não comportem a manutenção de huma armada? Embora. Não podem construir nem adquirir navios para ella, ao menos conservem os que herdaram para nucleo da esquadra que neces-

sariamente hão de no futuro possuir. Que lastima, hé ver a unica náo que resta, convertida em navio de carga; desconhecem-lhe o valor; ainda que mãos profanas e inhabeis lhe maculassem o elegante plano, esse defeito póde corrigir-se sem difficuldade, nem ser preciso entrar no dique. A bella fragata *D. Fernando,* que a podem tornar gentilissima, feita barco de carreira conduzindo colonos, ferramentas e utensilios aratorios! Collocaram-na abaixo das muares dos recoveiros do exercito, porque essas conduzem objectos pertencentes a soldados, e a *D. Fernando* com os seus officiaes e marinhagem, conduzem paizanos, suas mobilias e ferramentas. Nem sequer comparam estes dois restantes navios, com outros que se apresentam por bons; não fallemos da náo *Viborg,* nem da fragata *Castor* que já vão longe, e dentro em poucas semanas ficarão retidas nos gelos articos; porém comparem-na com essa hollandeza que ahi se ostenta. Será navio a helice, será muito maior, terá mais rasgamento de portas, terá na bateria canhões de maior calibre? Quem desdenha do que hé nosso e accusa de antiga e má a *D. Fernando,* dê-se ao incommodo de visitar a *Ruyter* lançada ao mar em Flessingue no dia 5 de outubro de 1853; procure o attencioso capitão de fragata *Fivaanshaes,* ou o capitão tenente *van Lelyveen,* e convencer-se-ha, que nem as portas della são mais rasgadas, nem o calibre da sua artilharia hé maior, examinando o livro de registo que a acompanha, e que estes dignos officiaes lhe franquearão com summa urbanidade. Mas hão de insistir no seu caprichoso erro, hão de chamar-lhe pessima, hão de continuar no seu iniquo proposito de a reduzir a transporte. Tanto esmero em construcções navaes? Donde viria este apurado gosto? No entretanto, supponhamos que estes esqueletos do material da armada, são de rachitica estructura, mas nem por isso desmentem a sua origem; pequenos ou grandes, feios ou bonitos, podem bater-se tripulados regularmente. Hum negreiro de construcção apaizanada como o *Serra do Pilar,* ou de borda falsa como principiava a ser o *Pedro Nunes* antes de correcto o seu risco, hé que nunca o poderão fazer com vantagem. Deixem pois que

os unicos navios de guerra salvos milagrosamente da voragem que extinguio a Marinha portugueza, unicos, sirvam como taes, emquanto faltarem outros melhores, mais modernos, maiores, e dignos das attenções e affectos da nossa escrupulosa officialidade; e não os ponham á carga, e só á carga, pois com essa medida denunciam huma tendencia bem opposta aos intuitos do serviço militar.

Que praga seria esta que rogaram, ou que desabou sobre a Marinha deste paiz que, não só a tornou inferior a quantas se conhecem, senão ainda ha de fazel-a riscar do cathalogo de todas as existentes! Tem o reino das Duas Sicilias duas náos de 80, cinco fragatas de 50, duas curvetas de 20, cinco brigues de 16, huma escuna de 8, doze fragatas a vapor, e quatorze barcos transportes ou correios; quer dizer, quarenta e hum vasos de guerra, montando 778 boccas de fogo guarnecidos por tres regimentos de infanteria de marinha, e hum de artilheiros: tem a Sardenha quatro fragatas, sendo duas a vapor, quatro curvetas, quatro brigues, seis barcos a vapor, e vinte e duas embarcações ligeiras; isto hé, quarenta vasos armados: tem a Hollanda, a nado, dez náos, dez fragatas, quatro curvetas de tolda (sloopsofwar), dezeseis a barbeta, dois brigues, treze escunas, dezesete vapores, dois transportes, e a náo de linha *Deketernos*, commandada por hum contra-almirante para escóla dos aspirantes de segunda e terceira classe; e nos estaleiros, dezesete fragatas, quatro curvetas, hum brigue, huma escuna, e tres vapores; total cento e quarenta e quatro navios de guerra! Longe de nós querermos hombrear neste ramo de serviço com aquellas nações quadruplas, ou só duplas da portugueza, mas quereriamos e queremos não ficar inferiores ás mais pequenas; e quando seja tal a nossa degradação que nem com essas haja parallelismo, então o que tivermos com denominação de Marinha, seja puramente militar. Que brios podem inspirar-se a sessenta jovens habilitados para ella desde o anno de 1852 até hoje, com tantas provas de aptidão exibidas em sete exames na escola polytechnica, e oito na escola naval, dando-se-lhes a incumbencia de recoveiros? De

que lhes serve o desenho, a chimica, a historia natural, a physica, a mechanica, a esgrima e o exercicio e manobra das armas de fogo, se nunca hão de servir-se dellas, nem podem fazer hum calculo astronomico, huma experiencia qualquer, empilhados como sardinha em tigela dentro desses balceiros immundos, empachados, e por costume nogentos, alcunhados de navios de guerra mas só de carga, e para carga?! O serviço das armas nunca deo riquezas, mas dava, e deve dar honras: quaes são as que podem resultar deste que fazem e querem que vão fazendo os nossos instruidos officiaes de Marinha!? Quando ella não era huma ficção entre nós, quando a tinhamos verdadeiramente militar, tambem tinhamos marinheiros, soldados, officiaes, e até heroes com fardas de botão de ancora; heroes, porque se os nomes de alguns não passaram á posteridade, como os daquelles que hoje venera a França, a Inglaterra, a Hollanda, não foi porque os actos do seu valor e pericia merecessem menos estimação; mas sim por causa daquella fatal sorte que offusca o esplendor e abafa os vôos da Marinha portugueza. Heroes, repetimos com as mãos na consciencia, nossos contemporaneos, conhecidos por nós, que mereceriam estatuas, e de certo as teriam para honra deste paiz, se nelle preponderassem aquelles sentimentos de orgulho e nacionalidade que alem as faz erigir.

Luiz da Cunha Moreira!! Palpitou-nos de alegria o coração, quando vimos no forte Manoel em Malta, a estatua do nosso Vilhena: apesar de não ser marinheiro, as suas façanhas foram praticadas sobre as aguas do mar. Levantaram-lh'a estranhos, e não Portuguezes! Se Luiz da Cunha fosse grão-mestre, ou tivesse nascido em Inglaterra, não precisaria que pennas obscuras como a nossa buscassem recordar o seu valor: se o seu uniforme fosse francez, teria pelo menos huma fonte do seu nome, como ha em Brest a de *Caffareli;* teria hum brigue *Luiz,* como aquelles têm e que recorda o heroico fim do tenente Binhon! Mas quanto ha de Marinha em Portugal, vive e morre sem que nada o faça sentir. Pobres somos, e fraca hé a nossa voz para emprendermos obra de vulto, ou dar pre-

gão que equilibre tão revoltante desleixo; porém do pouco de que dispomos, que hé de hum traço de penna, havemos dedica-lo todo a este objecto, votando aos benemeritos da arma, e hoje a este, as locubrações e vigilias que em nós couberem, em prova do respeito que nos inspiram, e da justa admiração que lhes hé devida.

O brigue de guerra *Espadarte,* commandado pelo capitão tenente inglez Wolf, e o *Minerva* pelo primeiro tenente Luiz da Cunha Moreira, navegavam de conserva, quando foram caçados por huma fragata franceza que os descobrira a sotavento. Mal que ella arribou, os dois commandantes combinaram atacal-a por ambos os bordos, e não arriarem as suas bandeiras sem a metterem no fundo. Disposeram-se para receber o inimigo que vinha sobre elles empavezado: mas o *Espadarte* que era de maior força e estava a barlavento do *Minerva* devendo por todas as razões supportar-lhe os primeiros tiros, passou para sotavento quando ella chegava a alcance, deitando logo após em cheio, e expondo por aquella vergonhosa manobra o *Minerva* a huma luta desigual e impossivel. O brioso Luiz da Cunha podia imitar o commandante mais antigo, mas não considerou, nem a desproporção das forças do seu pequeno brigue de dez peças e noventa e dois homens, nem as trinta peças e as trezentas praças da fragata: olhou para a sua bandeira enxovalhada pela aviltante fraqueza do capitão tenente Wolf, e quiz vingal-a sepultando-se com ella nos abysmos dos mares. Bateo-se, e tornou a bater-se por espaço de tres horas e meia, não lhe ficando taboa ou cabo inteiro, nem mastro a prumo: banhado em sangue proprio e do que manava das feridas dos seus valentes companheiros tendo o convés juncado de quarenta cadaveres, ía submergir-se com o heroico brigue já meio de agua, sem que hum só dos cincoenta e dois Espartanos, não dissemos bem, dos cincoenta e dois Portuguezes se lembrasse de pedir soccorro arriando a bandeira: ella e elles íam ser engulidos pelas ondas, quando tanta dedicação e heroicidade calou no animo dos generosos inimigos que deitaram os escaleres ao mar, e salvaram da morte aquelles bravos que

preferiam galhardamente tão tragico fim, ao desdoiro de a ver arriar diante dos vencedores! *O Minerva* foi a pique logo que abordaram á fragata, mas levou a sua bandeira no penol da mezena!

Seria heroe, ou não seria o primeiro tenente Luiz da Cunha Moreira commandante do bergantim *Minerva?* E seriam valentes, briosos e bons marinheiros e soldados, o segundo tenente José Bernardo de Lacerda, o voluntario José Antonio Caminha, o piloto Sebastião José Baptista, e todos os mais que tripulavam este naviosinho? Eram, não só por este glorioso combate, como por aquelle em que o mesmo Lacerda entrou a bordo da curveta *Andorinha* ás ordens do egregio Quintella, como por aquelle que o audaz Caminha sustentou na escuna *Velha de Diu* com o celebre corsario francez *Comete.*

O animo do intrepido commandante Luiz da Cunha, transmittio-se aos seus officiaes, e todos elles depois deram provas de valor em diversas occasiões: a escuna *Velha de Diu,* que entrou rasa em Pernambuco, fazendo fugir o seu adversario; a *Andorinha,* que entrou rasa na Bahia depois de se medir com a fragata *Chiffone,* são provas superabundantes de que os officiaes que as tripulavam, se dispozessem de forças como aquellas que batalharam em Trafalgar ou Abukir, poderiam disputar preferencias a todos os militares que a historia considera como mais famosos.

Exalta-se o valor de algumas tripulações de náos francezas que davam vivas á republica e á França, quando meias incendiadas e cheias de rombos íam submergir-se naquelles dois memoraveis combates; e com effeito este acto de coragem hé grandemente abonador do animo e valentia dos marinheiros e soldados que o praticaram; mas note-se bem a differença que delle vai a este outro de que fazemos menção, acontecido a bordo do *Minerva.* Os francezes que íam submergir-se com os seus espedaçados navios, e que logo após o mar engulio em Abukir e Trafalgar, ainda que arriassem as suas bandeiras, não poderiam ser salvos; portanto fizeram o seu dever, acabando gloriosamente, como acabam os seus companheiros em

tão horriveis e solemnes occasiões. Porém os cincoenta e dois do brigue *Minerva*, que tinham este recurso, deram prova de maior dedicação, desprezando o soccorro que tal acto de baixeza lhes poderia trazer. Era o sacrificio espontaneo da existencia em honra da bandeira do seu paiz!

E na verdade, tanta nobreza de alma não podia deixar de produzir o devido effeito no animo de guerreiros maritimos, como aquelles que tripulavam a fragata franceza; huns e outros procederam galhardamente, e todos se consideraram amigos e se abraçaram quando se reuniram a bordo do navio vencedor.

Mas que fizeram ao commandante Luiz da Cunha e a seus restantes companheiros de heroismo? Promoveram-nos, dando á marinhagem dois mezes de gratificação. E aqui findou a historia do *Minerva;* porém se entre nós houvesse o mesmo modo de encarar as cousas navaes como acontece n'outras partes, a espada de Luiz da Cunha teria sido posta na sala das armas do arsenal da Marinha, com a legenda do honroso feito que lhe merecêra aquella distincção.

Como isto se não fez, como ninguem lhe importa o que os Marinheiros portuguezes têm praticado de sublime e digno de passar ás gerações futuras, continuaremos nós, homem do mar, a transcrever e repetir os documentos officiaes, de onde se possa conhecer o merito de alguns que devem servir de modelos a todos aquelles que aspirarem á honra de bem servir o seu paiz:

Supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º 2, sexta feira 16 de janeiro de 1801:

«Por decreto de 5 de novembro de 1800, attendendo o «Principe Regente Nosso Senhor ao valor com que se houve o «commandante, officiaes, e tripulação do bergantim *Minerva*, «no combate que tiveram com huma fragata *franceza* de trinta «peças por espaço de tres horas e meia, foi servido promover «a capitão de fragata o primeiro tenente, commandante do dito «bergantim *Luiz da Cunha Moreira;* a primeiro tenente o se«gundo tenente *José Bernardo de Lacerda;* e a segundo te-

«nente, com obrigação de completar os seus estudos, o volun-
«tario *José Antonio Caminha*. O piloto do mesmo bergantim
«*Sebastião José Baptista* foi promovido a primeiro official pi-
«loto da armada real, com licença por hum anno com venci-
«mento de soldo e tempo para embarcar em navios da praça.
«Ao capellão, commissario, e escrivão do mesmo bergantim
«concedeo Sua Alteza Real a gratificação de quatro mezes de
«soldo, a todas as pessoas da sua equipagem que ficaram fe-
«ridas no combate quatro mezes de soldo, e a todas as mais
«pessoas da mesma equipagem dois mezes de soldo.»

# IX

## ESPADA E BREU[1]

Ha pouco mais de hum seculo era glorioso para todos os povos cultos vencer os Portuguezes por mar, pois até na França foi considerado o maior feito de armas de Duguay Troin, o assalto que elle deo á cidade do Rio de Janeiro em 19 de setembro de 1711, com huma força de 9 náos, 7 fragatas, 2 curvetas, 1 galeota bombardeira, e 2 corsarios; quer dizer 31 navios, guarnecidos por 6:000 homens, atacando-a inopinadamente, do mesmo modo que o havia feito hum anno antes com menos felicidade o capitão Leclerc[2].

Quando o bellicoso maritimo, indignado das injustiças soffri-

[1] *Portuguez*, n.º 86. Nas *Gazetas de Lisboa* do anno de 1711 vem o extracto seguinte, relativo ás forças que foram entregues a mr. Duguay Troin:

«Do porto de Brest saío huma esquadra de 14 navios de guerra, de «40 a 80 peças, á qual se ajuntaram outros 6 de Port-Luis e 7 corsa- «rios com 4 ballandras ($14 + 6 + 7 + 4 = 31$) de bombas, em que «vão perto de 3:000 homens de desembarque entre officiaes e soldados. «Leva mantimentos para dez mezes, muitas munições, peças de cam- «panha, morteiros, e instrumentos de mover terra, havendo-se con- «fiado esta esquadra á boa conducta de mr. Duguay Troin.»

[2] Este artigo foi escripto em defeza e obsequio do sr. capitão tenente Antonio de Oliveira (nosso official, quando commandavamos as canhoneiras de Quebrantões e bateria da Victoria), aggredido por ter escripto huma carta com pouca orthographia. A sua espada hé o seu brazão, e essa lhe basta para o tornar distincto.

das pelo habil Cassard, lhe innumerava os serviços, fallando por isso arrebatadamentemente, com o chapéo na cabeça ao cardeal de Fleury, diante dos cortezãos que lhe enchiam a camara, o mais valioso dos que lhe citou foi o desembarque do seu velho camarada em S. Thiago de Cabo Verde, dizendo áquelles:

«Se não conheceis este heroe conhecem-no os Portuguezes, «os Inglezes, os Hollandezes; o seu nome hé sabido entre os «inimigos da França.»

E Portugal então não era considerado dos mais insignificantes, inda ha menos de hum seculo!

O forçamento do Tejo em 11 de julho de 1831, que as dissenções politicas dessa época desgraçadamente não fizeram disputar com receio das demasias de hum governo oppressor, estampou-se naquelle paiz como typo dos grandes triumphos, escrevendo-se:

«A noticia destes acontecimentos chegou a Pariz na vespera «da abertura da sessão das camaras, e a sua publicação no «discurso da corôa excitou hum enthusiasmo geral. No dia «26 de julho hum decreto do rei promoveo o contra almirante «barão Roussim ao posto de vice-almirante.»

Apesar do mesmo triumpho ser obtido por 6 náos, 3 fragatas, 1 curveta e 3 brigues, na presença de mais 5 embarcações ligeiras commandadas por mr. de Rabeaudy, contra 3 fragatas, 1 curveta e 3 brigues que mal dispararam alguns tiros!

Para honrar a memoria dos protogonistas destes feitos, e engrandecer a ideia delles, lá construiram as duas náos *Duguay Troin* e *Tage*, brigue *Cassard*, e outros, indicando combates contra Portuguezes.

Mas que importam as lembranças do que fômos e avisos do que poderamos ser a quem deprime o que hé nacional, e sobre tudo o que tem o mesmo cunho, buscando aviltar a Marinha? Hé pois evidente que, não a estes, quaesquer que elles sejam, faremos, os filhos da arma infeliz, a menor advertencia com o fim de a rehabilitar no seu animo já indisposto; porém não desesperâmos de convencer os illudidos do erro que acre-

ditaram, appellando juntamente para todos os outros, a quem o halito da patria bafejar o coração.

A empreza hé difficil e perigosa; difficil, pela escacez dos meios de combater crenças arreigadas, ou propositos calculados e sustentados pelos numerosos inimigos da Marinha; perigosa, pelo abandono em que acaso ficaremos expostos ao escarneo que o máo logro de huma tentativa desta ordem deve necessariamente produzir. E só huma especie de asceticismo igual á dedicação geradora do martyrio religioso, póde movernos ao seu commettimento, seguindo a senda que nos conduz ao precipicio, apesar das consequencias que antolhâmos, convencidos de que assim procede quem de boa fé abraça hum principio nobre, desinteressada ou liberalmente proclamado.

O contrario era facil e talvez proveitoso. Lisongear o maior numero, senão dá sempre vantagens, não traz desgostos; e o ser éco dos outros, dá menos trabalho do que ir de encontro ás suas pretenções.

Publicar huma carta cheia de erros em detrimento do credito de hum official de Marinha, custa pouco e sacia o gosto da maledicencia inherente ás almas acanhadas; quando para combater ideias falsas e geralmente recebidas, precisa-se estudo e muita abnegação de interesses, affrontando-se a opinião de amigos e inimigos, que nos cobrem de enxovalhos ao menor descuido ou erro de doutrina.

Concatenar a surpreza de Duguay Troin no Rio de Janeiro, o golpe de Cassard em Cabo Verde, e a campanha de Roussin no porto de Lisboa, de maneira que não devam ser consideradas feitos de armas, hé mais difficultoso do que dizer:

«Do *Patriota* tal, transcrevemos a seguinte carta.»

O elemento do primeiro empenho hé o desejo de rectificar factos menos bem avaliados em honra do paiz; o motivo da publicação do escripto, parece revelar-nos má vontade, e só o desejo de prejudicar sem risco a reputação de alguem.

Debaixo deste ponto de vista, adiaremos a demonstração de quanto foram exaggeradas as primeiras duas façanhas, occupando-nos hoje só da ultima, presenceada por testemunhas

existentes, as quaes, ponderando as circumstancias della, concluirão quanto na historia das mais antigas ha de menos verdadeiro. No entretanto julgâmos desde já poder avançar que, se façanha, foi o saque dado ao Rio de Janeiro, maior façanha deve reputar-se a presença de espirito e firmeza do governador Francisco de Castro de Moraes, vendo-se no remanso da paz atacado de improviso por guarnições de navios que suppunha amigos, incendiando-lhe o palacio e a cidade, para no meio das chammas e da confusão, resultante do inesperado golpe, a saquearem; maior façanha foi reunir o povo espavorido e disperso, cortar a retirada e matar perto de mil destes bandidos, sem titulo justificativo de tamanha infracção do direito das gentes, acolhidos por fim a hum armazem, onde concedeo a vida a seiscentos e ao seu chefe mr. Leclerc, tratando-os depois como prisioneiros de guerra! Maior façanha foi, responder como respondeo á intimação de Duguay Troin, resistindo aos seus tres mil e quinhentos soldados, bem que a final cedesse ao numero e á maneira insolita e repentina com que o ataque foi feito.

Quanto ao forçamento do Tejo, diz mr. Leconte:

«Esta campanha do almirante Roussin, demonstra aos olhos «das nações duas cousas, a primeira das quaes resulta da philo«sophia, e a segunda de huma opinião consagrada: primeiro, «a maior vantagem que resulta a huma grande nação, de vencer «os seus inimigos pelo temor, pela nobreza da sua attitude, «pela logica da sua conducta; segunda, o transtorno de huma «idéa geralmente acreditada: a inexpugnabilidade do Tejo «pela parte do mar.

«A marinha franceza mostra hoje huma das suas mais bel«las náos que tem na frente o nome de *Tage*.»

A verdade desta conclusão, não admittiria duvida, se o Tejo estivesse bem defendido, e a defeza fosse habilmente sustentada, mas o author nos previne da insufficiencia da mesma defeza, declarando que: «Huma pequena divisão de cinco navios «commandada por mr. de Rabaudy, cruzava diante do Tejo, «e participou ao almirante Roussin que o governo portuguez

«fazia preparativos de resistencia, armando os fortes, e esqui-
«pando os navios de guerra que se achavam em Lisboa.» Esta
participação deo-se no dia 25 de junho, e o ataque, demorado
por causa dos temporaes que tambem estorvaram aquelles *pre-
parativos de resistencia,* operou-se a 11 de julho; isto hé,
dezesete dias depois, evidenciando-se que, nem a defeza tinha
sido pausadamente preparada, nem podia ser energicamente
sustentada, já pelo pessoal e material maritimo, já pelas for-
talezas para isso mal dispostas. A força atacante compunha-se
das náos, *le Marengo, l'Algeciras, le Suffren, la Ville de Mar-
seille, le Trident,* et *l'Alger;* fragatas, *la Pallas, la Melpo-
mene, la Didon;* curveta, *l'Eglé;* brigues, *l'Endymion, le
Dragon,* et o aviso *la Perle.* A força opponente reduzia-se ás
fragatas, *Amazona, Perola,* e *Dianna;* curveta, *Lealdade,* e
brigues, *D. Pedro,* e *Memoria*; porque as duas náos *Rainha*
e *D. João Sexto;* fragata, *Princeza Real;* curveta, *Princeza
Real;* brigues, *Audaz* e *D. Sebastião,* e charruas, *Magnanimo,
Princeza Real, Maia e Cardozo, Galathea,* etc., estavam des-
armadas ou em fabríco; e por isso não foram prisioneiras para
Brest, como aquelles navios que pareciam ter hostilisado a es-
quadra inimiga.

Porém, quando mesmo a totalidade dos vasos portuguezes
estivesse no seu completo armamento, a sua força em relação
á de mr. Roussin, era menos da terça parte; e a existente no
acto do *forçamento* não igualava ao quinto da dos aggresso-
res!! E hé na presença de tamanha desproporção que a victo-
ria ganha no Tejo excitou hum enthusiasmo geral?! Seis náos
de 100 a 80, tres fragatas de 60, huma curveta de 20, e tres
brigues de 22 peças, contra tres fragatas de 44, meias podres,
huma curveta de 18, e dois brigues de 16, guarnecido tudo
com gente de tão má vontade, que emigrou parte della para
bordo dos navios estrangeiros, começando pelos estados maio-
res resolvidos a içar a bandeira azul e branca, mal soasse em
terra o grito da revolução?! E pretende provar-se com hum tal
simulacro de defeza, *a falsa crença da expugnabilidade do
Tejo pela parte do mar?* Aconteceria outro tanto em 1807,

quando o capitão de mar e guerra Majadim, fez amarrar a esquadra russa e o resto da portugueza entre as torres de Belem e Velha, e o general Junot mandou assestar morteiros desde o Pontal de Cacilhas até á Trafaria, guarnecendo de peças de calibres 24 e 36, as praias de Porto Brandão e da Paulina, do Bom Successo e outras?! Crêmos que não, mas se assim acontecesse, ainda não suppomos que só com estes meios de resistencia ficasse demonstrada a vulnerabilidade do Tejo pela parte do mar.

Sem portanto contestarmos a pericia dos almirantes Roussin e Hugon, nem a do excellente mr. de Rabaudy, protector de quantos refugiados se acolheram a bordo da *Melpomène,* nem a de todos os officiaes daquella esquadra, asseveramos com o rude juizo de velhos marinheiros que, se no dia 11 de julho de 1831, a vinda da esquadra ao Tejo não influisse o desejo de partir as algemas lançadas por D. Miguel, vencidos ou não vencidos, alguns centenares de balas, iriam cravar-se nos costados dos navios francezes, que não soffreram nenhuma avaria. No meio de todos essas scenas de luto por que passámos, o facto caracterisou-se de façanha, tendo nós de lamentar, tanto o máo juizo que se fez e fará do nosso valor, como a perda das fragatas *Amazona* e *Perola,* e da curveta *Lealdade* desmanchadas em Brest, para prova de hum desar nacional só proveniente da compressão e das idéas politicas dos defensores que não quizeram hostilisar a força que parecia os vinha soccorrer.

Desta rapida analyse da supposta maravilha, tambem se deduz o apreço que a França dá ás suas glorias navaes, e aos maritimos que as alcançam; dizemos a França, porque n'outros paizes, como na Hollanda, os celebres Ruyters, chegam de simplices grumetes á dignidade de duques e a vice-almirantes; e na Inglaterra, ainda alem das mesmas honras, sepultam os Nelsons a par dos membros da familia real. Na França pois, que tomámos por exemplo, onde a Marinha parece a muitos respeitos menos attendida que o exercito, tem-se em tanta consideração o valor da sua gente do mar que até o personificam.

pondo aos navios nomes que o trazem á memoria, incluindo o do pirata Bart, que morreo chefe de esquadra.

E este pirata Bart, cuja vida e acções temos sobre a mesa n'hum livro de 144 paginas, saberia escrever correctamente? E nos dois livros tambem presentes de 736 paginas contendo *A vida e as acções memoraveis do sr. Miguel de Ruyter, duque, cavalleiro, vice-almirante, general das Provincias Unidas,* constará que elle escrevia sem erros de grammatica, principiando a sua nobre carreira aos onze annos de idade por *moço de navio, cozinheiro, marinheiro, contra-mestre, capitão, commandante, contra-almirante e vice-almirante?!* Seria hum perfeito orthographo essa especie de mytho maritimo, que em 12 de agosto de 1797, dizia ao rei de Inglaterra, ter assistido a cento e vinte combates, que lhe custaram muitas feridas, o braço e o olho direitos, honrando ainda depois a sua gloriosa existencia nas memoraveis batalhas de Aboukir, de Boulonha, de Copenhague, e de Trafalgar?! Talvez não, e com tudo ganharam os dois militares, que mal saberiam ler, as benções da patria, legando á posteridade nomes que o soldado ou Marinheiro por mais distinctos e ambiciosos que fossem dejáram merecer, como se deprehenderá da carta de nobreza, dada por Luiz XIV, a João Bart, que passamos a resumir.

Diz ella:

«Como não ha meio mais seguro de entreter a emulação no «animo dos officiaes, que se empregam no Nosso serviço, e «excital-os a obrar acçõens brilhantes, do que recompensar os «que mais se assignalarem nas commissõens que lhe temos con-«fiado, de os distinguir por signaes gloriosos, que possam pas-«sar á posteridade, Nós temos por estas considerações conce-«dido cartas de nobreza áquelles officiaes que se têm tornado «mais recommendaveis: mas Nós não achámos ainda nenhum «que se tornasse mais digno desta honra do que o Nosso que-«rido e muito amado João Bart, cavalleiro da Nossa ordem mi-«litar de S. Luiz, capitão de Marinha, commandante actual-«mente de huma esquadra das Nossas náos de guerra, tanto «pela antiguidade dos mesmos serviços, como pela qualidade

«delles, e das suas bellas acções, juntas a muitos outros feitos
«singulares, pelos quaes Nos convém dar-lhe mostras da es-
«tima que fazemos da sua pessoa, e da distincção e satisfação que
«temos dos seus serviços, honrando-o com o titulo de nobreza,
«a fim de augmentar, se hé possivel, o ardor que elle tem de
«se distinguir, e dar ao mesmo tempo emulação aos Nossos
«outros officiaes de marinha, e excitar nelles o desejo de o imi-
«tar, na esperança de adquirirem para si e sua familia huma
«semelhante honra, que faça conhecer á posteridade a conside-
«ração que Nós temos pelo seu valor, etc. etc.»

Onde se disse nunca outro tanto dos serviços prestados em terra por officiaes das outras armas?

Não transpondo porém os limites do nosso pequeno Portugal, restringindo-nos só á Marinha, onde sempre foi mais difficil alcançar honras do que no exercito, faltar-nos-hão exemplos de nobiliarquia obtida sem o carimbo da instrucção primaria, exigido pela exibição da carta censurada? O mocinho da Rabelva, Antonio José de Oliveira (tambem era Oliveira) caminhando as cinco legoas a pé, de Lisboa á sua aldeia, de barrete encarnado, e jaqueta ao hombro, quando chegou da primeira viagem da India, onde fôra na qualidade de moço, galgando successivamente até ao posto de vice-almirante, inspector do arsenal, e conselheiro do conselho do almirantado, não nos provará que neste paiz se pensava como em França ácerca das recompensas marciaes? E o famoso mestre Matheus percorrendo todos os gráos da escala do serviço maritimo, desde pagem a chefe de esquadra, tambem não provará que o militar portuguez póde subir á posição mais elevada, e justamente merecida, quando em consciencia disser ao rei:

> «Para servir-vos, braço ás armas feito,

posto que lhe falleça:

> «Para cantar-vos, peito ás musas dado?

Sem pretendermos fazer a apologia dos botões de ancora inalphabetos, sabemos com tudo que entre elles apparecem

alguns que, ignorando até os nominativos, e fazendo má letra, escrevem com o gume da sua espada, caracteres mais dignos de passar á memoria dos vindouros, do que tantos milhões de poesias e romances, esquecidos mal acabam de ler-se, posto que diariamente apregoados. E sabemos mais que, os melhores escriptores aparam avidamente a penna, quando podem com ella publicar e celebrar golpes e façanhas de Marinheiros ou soldados valentes e briosos, sem que juntem ao panegyrico:

«Da bôca do facundo capitão
«Pendendo estavam todos embebidos;

mas constando-lhe o contrario de alguns a quem

«. . . . . . . . . . a ventura
«Tão asperos os fez, e tão austeros,
«Tão rudos, e de engenho tão remisso,
«Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.»

# XI

## ASSUMPTOS PATRIOTICOS

### INDUSTRIA PORTUGUEZA

### § 1.º

No Diario do Governo de sabbado ultimo, publicou-se o accordo que existe entre os commissarios da grande exposição que vai realisar-se em Londres no proximo futuro maio e os agentes da Companhia Peninsular de vapores, ácerca dos fretes dos artefactos que os ditos vapores hão de conduzir; e tambem se repetio o convite que de ordem superior se mandou fazer pelas administrações dos bairros aos interessados neste negocio.

Disseram-nos que o ministerio tencionava auxiliar a nossa exposição industrial offerecendo 2:000$000 réis para as despezas della, e até dar-lhe incremento de hum modo vantajoso, mandando conduzir em barco do estado o que ali houver de ser admittido. Se isto for verdade, não lhe recusaremos os merecidos louvores apesar de em tudo o mais discordarmos das suas medidas; e se apenas hé desejo de algum bom patriota, apressamo-nos a publicar a lembrança que talvez venha a adoptar-se.

Na hypothese pois da noticia ser exacta, lembrou-nos tambem contribuir quanto em nós coubesse, para a mais ampla exposição da mesma industria, animando os artistas nacionaes, de qualquer ordem e condição que sejam, pedindo-lhes que apresentem o producto de suas fadigas, e a melhor obra que

acaso tenha saído de suas mãos, naquelle extraordinario e nunca até hoje visto mostrador das idéas da especie humana representadas por quantos objectos sensiveis podem actuar sobre a alma e o corpo do homem pensador.

Quanto a nós, fervoroso amante de tudo que hé Portuguez, entendemos que a maior parte dos objectos que entraram na sala do risco do arsenal da marinha para a exposição que ali teve logar, e ainda outros que alguem receioso de apaixonadas censuras deixou então de offerecer como convinha á curiosidade publica, devem ser submettidos aos juizes de todas as nações que, reunidos pela primeira vez no mesmo grupo, ficam ao alcance de comparar simultaneamente os valores significativos do estado social dos povos na applicação e fórma da materia destinada aos usos da vida.

Sem exceptuarmos a cousa mais insignificante que entrou na exposição, entendemos que os objectos escolhidos por Suas Magestades a Rainha e El-Rei, devem dar huma idéa favoravel da nossa mechanica, e alem destes, tudo, e tudo que a ella se refira. Muita gente imaginou talvez que ali só tinham cabimento cousas novas ou primorosas, e por isso fugio de concorrer com os artefactos usuaes, ainda que bem acabados. Este erro deve desvanecer-se: a exposição, hé, sim feita para novos inventos, mas não exclue nada commum quando mereça reparo por hum só ponto dos muitos por que se considere.

Alem do que esteve patente, ha milhões de objectos que esqueceram no meio do immenso e vario matiz daquella esplendida scena. Do que vimos, estimaramos ser autores, tudo nos pareceo bem, e mesmo muito bem, até aquillo que foi censurado, como os quadros a oleo da manhã de nevoa a desfazer-se, da tempestade, e outros, cujo esbatido das tintas, correcção dos perfis, e complexo das partes componentes delles dão idéa da ligeireza e mimo da mão feminina que os executou, exprimindo no que o seu pincel colorio, o sentimento do coração ingenuo, e a elevação da alma poetica e apreciadora da arte mais bella que o genio do homem imaginativo, revelou ao seu semelhante, que foi representar n'huma super-

ficie plana os vultos dos corpos na relação equidistancial em que a illusão optica se verifica.

Assim como estes, não cessaremos de repetir que, milhoens de outros objectos lisongearam o nosso amor proprio de homem que tem corrido bastante mundo, e de Portuguez que prefere a sua gente e a sua terra a tudo de outro qualquer paiz. Quanto foi á exposição da sala do risco, deve ser reproduzido, accrescentando-se-lhe o que a cada passo vemos, sem ninguem apreciar: hum modelo dos nossos navios! Ha nelles tanta sciencia posta em pratica, e tanta theoria levada á execução, que só os depreciadores do que hé nacional desconhecem. Todas as nações maritimas gabam as suas construcções navaes, só os Portuguezes desdenham da sua, que por vezes os mais eximios estrangeiros imitaram. Elles dantes escarvavam de topo ou transversalmente, nós fazemos as nossas escarvas de dente, e ajuntamos as antenas de hum mastro como elles nunca fizeram. Quando a fragata *Duqueza* foi a Inglaterra com o almirante Napier, trouxe hum mastro aonde esta differença hé palpavel, e ainda mais no modo de collocar os travessões para os vaus reaes, que enfraquecem o calcez. Mas das cousas do mar dizia Santo Agostinho: *qui navigat mare, enarret pericula ejus;* e por certo quem lhe hé estranho não póde avaliar o que lá se passa, nem pouco ou muito do que lhe convém.

Dizemos pois que devem mandar-se para a exposição modelos de navios, e de mastros de náo acabados e por acabar, aonde se veja o systema de fixar as romans destes e os vaus, trincanizes, e costados daquelles, e juntamente aquella *querena* e os riscos em papel dos nossos excellentes vasos de guerra *Principe Real*, *Rainha*, *Duqueza*, *Elysa* e *Mondego*, cujas projecções só podem apreciar-se á vista dos desenhos das náos que se pretendiam dar em dote á princeza Leopoldina, por nós rejeitadas.

Devem alem dos objectos puramente maritimos mandar-se algumas armas caçadeiras feitas no arsenal do exercito para uso das pessoas reaes, e a polvora que hoje fabricamos, e bem

assim huma peça de calibre 6 ou 12, com seu reparo de campanha do tempo de Bartholomeu da Costa; e finalmente tudo que tenha saído e possa saír das officinas portuguezas em ferro, vidro, páo, pedra e barro, ou composto de huma ou de todas as substancias dos tres reinos da natureza.

Não se diga que esperamos alcançar huma posição eminente no meio dos artistas mais distinctos de todos os paizes, nem que os nossos productos de industria serão procurados fóra de Portugal; mas temos fé em que nos supporão mais adiantados do que muita gente inculca e do que os nossos inimigos querem pintar-nos. Não será tão bom, por exemplo, hum chapéo da fabrica do Guerreiro, como hum das de Pariz? Pois bem, será logo inferior. Não será igual o vidro das fabricas da Marinha ou da Vista Alegre aos cristaes inglezes? Será logo abaixo delles. O papel da fabrica da Abelheira hé inferior ao destas duas nações? Muito embora, póde rivalizar com o de Italia. Os typos da imprensa nacional são inferiores aos inglezes, francezes e belgas? Quando assim seja, a imprensa hespanholla não nos leva vantagem. Não seremos dos primeiros no grande concurso, seremos até dos ultimos, mas dado o caso que por desgraça assim aconteça, nada que lá estiver nos hé estranho, nem tão isempto de defeitos ou tão completamente acabado, que os Portuguezes não o imitem, e por isso tudo que mãos e engenhos nacionaes produzirem deve ser mandado ao palacio de cristal de Hyde Park.

Quando huma sociedade de litteratos emprendeo colligir as biographias dos homens illustres ou celebres de todas as nações, dirigio-se tambem á Academia Real das Sciencias de Lisboa para formar o cathalogo dos homens notaveis deste paiz: a Academia por escrupulo ou má intelligencia do assumpto, reduzio a sua limitada escolha a vinte e cinco ou trinta nomes famosos, e não mencionou milhares de outros que nos fariam honra, e superiores ou pelo menos iguaes á infinidade de tantos que enchem as paginas dos vinte e oito volumes da obra em questão. Por isso os Portuguezes fazem ali tão pouco vulto. Assim, somos de parecer, e nisto insistimos, que

não só os melhores productos da nossa industria fabril e artistica devem ser conhecidos, senão até os da nossa industria agricola e rural: ninguem fóra de Portugal nos conhece bem. Quando José Victorino Barreto Feio entrou pela primeira vez emigrado em Pariz, que disse quem era e donde ía, perguntaram-lhe se aquelle fato era feito em Inglaterra: respondeo-lhe que não, mas sim em Lisboa; espantaram-se e duvidaram de que os Portuguezes trabalhassem daquelle modo, até que não podendo negar a evidencia da cousa, pozeram as mãos na cabeça exclamando: *Mon Dieu, on s'habilhe par tout de même!*

Diremos alem disso o seguinte. Embora os patriotas das grandes nações accusem sempre os seus conterraneos de inertes ou rudes, e de quantos atrazos são causadores no progresso da civilisação que elles cultivam: isso em nada lhe diminue o respeito inherente á força que as mesmas ostentam e que lhes hé devido, pois a consciencia do seu poder hé demasiada garantia da consideração que exigem dos outros povos. Nós pequenos em territorio, divididos e atacados por estranhos sobre diversos pretextos, não podemos resistir a tantos inimigos, senão pelo merecimento collectivo e excellentes partes de cada hum dos cidadãos: huma censura injusta que nos expire nos labios, ou mesmo bem cabida, repetem-na com estrondo quantas arpias devoram as nossas entranhas, faz augmentar o desprezo e pouco caso que lhe inspiramos, e apaga no coração da nossa gente o fogo do patriotismo que deve manter-nos, e exaltarnos. Somos pequenos, dizem; sim, mas valentes. Temos hum governo que nos avexa e toleramo-lo; sim, mas seria expulso senão fosse o vosso auxilio, que soffreis outro igual ou pouco peior. Estaes estacionarios, e a vossa industria não progride; assim hé, porque este mesmo governo illudio as providencias protectoras della consignadas nas pautas, e permitte que á sombra dos vossos fallazes escriptores, possaes inundar os nossos mercados com tudo que não podeis consumir. A sciencia no vosso paiz hé quasi nulla, e os professores das vossas escholas não ensinam por hum compendio nacional que esteja ao nivel das luzes do seculo; hé verdade porque o systema insi-

dioso com que vós deprimis tudo que hé Portuguez, e procuraes por vossos meios conservar na governança e altos empregos homens inimigos deste nome, leva aquelles que aspiram aos cargos publicos, a maldizerem o que hé seu, e a preferirem quanto apparece de origem forasteira. Mas vós patriotas de todas as nações, andaes neste jogo conforme os vossos planos, que louvariamos e acharamos razoaveis se por vezes não fossem acompanhados de coação; estaes no vosso direito, santo e justo para vós e vosso paiz que pretendeis engrandecer e fortificar insinuando a excellencia e optimismo do que sois e delle vem. Daquelles que não conhecem o grosseiro ardil, ou por hum mal entendido capricho o deixam vigorar, hé que nos queixaramos se o eco da nossa voz não ficasse abafado por seus pouco reflectidos clamores. No entretanto, o que julgamos que o povo portuguez deve fazer perante os outros póvos, faremos nós, individuo, perante os outros individuos, e quando este esforço seja baldado, nem por isso perderemos a convicção de que procedemos louvavelmente.

§ 2.º

Tarde e bem tarde se lembrou o governo de levar á grande exposição artistica de Londres os productos da industria portugueza; ainda que esta podesse rivalizar a todos os respeitos com aquella das nações que se dizem mais adiantadas no caminho da civilisação, nem por isso o que era destinado para consumo correria parelhas com os artefactos estrangeiros preparados caprichosamente para hum concurso novo, e onde as obras mais primorosas de todos os paizes vão soffrer rigoroso e apaixonado exame. Se a demora permittisse aperfeiçoar a mão de obra nacional, temos fé em que a nossa industria deprimida e até desconhecida, não deixaria até certo ponto de causar inveja, comparada com a que serve de esteio e hé a primeira fonte de riqueza dessas nações modelos.

Portugal era rico, tinha muitos milhoens de escravos que lhe arroteavam parte da Asia, da Africa e da America, enchendo os

mercados de todo o mundo com os seus productos agricolas: tinha milhoens de escravos que desentranhavam do centro da terra e extrahiam dos abismos do mar pedras preciosas, perolas e aljofares, ouro e prata; não carecia curvar-se ao trabalho artistico, improbo e por vezes mortifero, para os commodos da sua vida de senhor; não era mercenario de ninguem!

Lá estava a Inglaterra, que o vestia de lã e lhe envernizava o calçado, abastecendo-lhe a despensa de manteiga e queijo; lá estava a França, que endoidecia, cuidando dos seus adornos; lá se revolvia a Hollanda, enviando-lhe roupa de linho, papel para escrever, folha estanhada e outras miudezas. De mais longe vinham a Russia, a Suecia, a Noruega offerecer-lhe madeiras, lona, brin, alcatrão, ferro e aço. Logo após corria a Allemanha, acenando-lhe com seus vidros de Bohemia e suas quinquilharias; e Portugal era o avaliador competente daquelle trabalho, que taxava segundo a sua fantasia, pagando-o com o ouro de Golconda e do Brazil, com as perolas de Baharem ou de Ceylão, e com os objectos raros da India e da China, transportados em navios seus que em frotas de duzentas e trezentas vélas abordavam a Lisboa de quando em quando.

Então o formoso porto desta cidade tornava-se hum pinhal de mastros e huma cidade fluctuante. Naquelle tempo não havia quadro (essa ideia acanhada e mesquinha do pequeno commercio), o quadro era o Tejo desde a Cruz da Pedra até Alcantara. A nossa alfandega, a maior daquelles seculos, e ainda hoje huma das principaes da Europa, não comportava os generos de reexportação, nem a vastissima Praça do Commercio era sufficiente deposito delles; os immensos armazens da nossa casa da India não bastavam a conter os carregamentos das náos *Belem* e *Conceição,* do *Marialva,* do *Marquez,* do *Pedra Grande, Grã Canoa, Grão Pará, Grão Careta, Santiago Maior, Trovoada, Bom Jesus de Além, S. Francisco, Principe* e outros vasos de oitocentas a mil toneladas.

A Europa inteira vinha pleitear preferencias de consummidora ao mercado de Lisboa! Todos esses nomes, que hoje ostentam fidalguia pelas ruas da capital, e obtiveram titulos de

barões, viscondes e condes, foram caixeiros ou artistas expatriados que buscaram fortuna e situação no paiz do ouro, do commercio, das navegações de longo curso. As testas coroadas de imperadores e reis mais potentes e antigos, buscaram o parentesco da Casa Real Portugueza, e por isso a familia de Bragança hé hoje das mais illustres do universo. Tudo neste paiz era opulencia e abundancia, commodidade e grandeza! As artes mechanicas e liberaes vinham aqui buscar o seu aferimento, e o Portuguez generoso pagava com mão larga as obras de merito, não deixando sem avultada recompensa até os gorgeios de quantas gargantas celebres se esfalfavam por divertir o seu esquisito e apurado timpano, retribuindo com 18, 20 e 24:000 cruzados annuaes algumas horas de passatempo que as Catallanis, as Crescentinis e demais *inis* lhe offereciam em S. Carlos!

Tão estrondoso viver causou inveja, tantos meios de felicidade despertaram a cubiça e o odio de quem nunca os possuira. França, Inglaterra e Hollanda atacaram os nossos navios, invadiram as nossas conquistas, intrigaram-nos com os outros povos, deprimiram-nos em seus escriptos, em quanto as garras do leão de Hespanha, insidiosamente conduzido a Portugal, devastava a terra hospitaleira; mas apesar de tudo o gume de nossas espadas pungio a fera cruenta e restaurou para a patria atraiçoada os melhores portos e terrenos, abandonando aos famintos e ambiciosos aquillo que menos lhe convinha, hasteando sem interrupção nas ameias da inclita Goa e da exotica cidade do Santo Nome de Deus de Macáo na China o estandarte de suas heroicas façanhas.

No entretanto o povo Portuguez no meio de suas delicias domesticas, não estava ocioso, nem se dava á preguiça: começando pelo rei, todos trabalhavam; não para mendigar favor, ou pão estranho, mas para evitar os vicios, que os louvaveis costumes de nossos maiores baniram por largos annos desta terra de maravilhas: os principes eram torneiros, carpinteiros, pintores, e musicos; os nobres, eram esculptores, ferreiros, serralheiros: as damas fiavam, teciam, e bordavam: tudo era

trabalho para uso domestico e consummo proprio; a grande familia portugueza cercada de thesouros, era laboriosa e economica sem alardear a pratica de sciencias especulativas de que os sabios estrangeiros inventavam systemas, ou desenvolviam as theorias.

Isto causava ciume, e despeito, suscitando a nossos inimigos a idéa de nos desacreditarem e reduzirem á ignominia, accusando-nos de ignorantes e atrazados na civilisação; como nunca mendigaramos as suas migalhas, nem eramos forasteiros por suas terras pobrissimas offerecendo o producto do nosso trabalho, clamaram que nada havia digno delles neste paiz. Erro, ou insidia; havido tudo, e mais ainda, havia o representativo de todas as artes e sciencias, havia ouro, e joias de todo o valor, que as invasões traiçoeiras, as caballas, e os tratados inqualificaveis nos levaram para sempre.

Quando pois aquelles que almejavam por nos ver pobres, seguiram a vereda que lhe abrimos, e se apoderaram por hum fatal destino das nossas riquezas, o instincto de alguns patriotas buscou affugentar a industria alheia equiparando-lhe productos de industria nacional, e criaram-se estabelecimentos fabrís que dentro em pouco tempo foram pasto das chammas, e não eram ainda sufficientes para o nosso consummo; em consequencia os estrangeiros privilegiados vieram com artefactos cobertos de patentes, e de arabescos, induzir-nos a preferi-los e a comprar-lhos. Finalmente, a admiravel applicação do vapor ás machinas em Inglaterra, e França, tornando a mão de obra mais barata e perfeita do que a Portugueza, quasi que annullou a nossa industria, e ella acabaria de todo se alguns de tacto mercantil e ousados não emprendessem naturalisar este artificio em Portugal, que felizmente se vai propagando de huma maneira espantosa. As fabricas de fiação e tecidos, de estamparia, de papel, movidas por vapor, e sobre tudo a do rapé, são hum exemplo animador dos progressos da industria portugueza, e huma prova da admiravel aptidão para toda a especie de trabalho deste povo! O curioso que entrar no edificio de Xabregas, ainda que previnido da excellencia do que vai ver, não

deixará de ficar surprendido presenceando a attitude convulsiva dos seus operarios: hé mesmo impossivel fazer idéa sem meditar, no que observa; daquella regularidade, presteza, e não interrompido movimento de mil e quinhentos homens, mulheres e crianças que, sem proferirem palavra, se mexem como authomatos, ou impellidos pela acção das duas machinas de vinte e cinco cavallos, applicadas aos engenhos do grandioso edificio.

Ali ha hum methodo, huma distribuição de funcções, huma collocação de apparelhos, hum systema de serviço bem entendidos, e apropriados aos fins, devidos segundo observámos, á infatigavel e intelligente administração do sr. Cambiasso, que se honra de ser Portuguez, e honra tambem o seu paiz montando e conservando hum estabelecimento daquella magnitude nos termos em que se acha. Hé tão prospero o estado delle, que faz quasi bem dizer o vicio que o alimenta, e entretem honestamente tantos individuos pouco aproveitaveis n'outros misteres. Immensas artes, incluindo a lithographica, ali tem applicação de hum modo grato para a patria. O sr. Moreira que descobrio as pedras desta natureza no sitio de Calhariz, a quem o fallecido duque de Palmella honrou com a sua visita e concedeo extrahi-las, hé hum ornamento da fabrica e apresentou hum trabalho neste genero para a exposição de Londres digno de reparo: o desenho hé perfeitissimo, e as pedras excellentemente preparadas. Tambem o rapé, o tabaco de pó do consummo da China, e os diversos charutos que o sr. Joannes compoz, hé de esperar que sejam vistos com prazer, dando-lhe grande realce as taras.

Na casa da fazenda do Arsenal da Marinha, ha outras provas do incremento que a industria portugueza tomou nestes ultimos annos. Entendeo-se por todo o mundo civilisado, que não bastava supprir ás suas proprias necessidades para occupar hum logar distincto entre as nações cultas, mas sim produzir cousas que as entranhas consummissem; deste modo todas buscaram inventos, ou aperfeiçoar aquillo que hé de uso commum, diminuindo-lhe o preço; e os nossos marceneiros, canteiros, vidraceiros, serralheiros, e mais artistas que avalia-

ram a grande questão, ainda que não fazem obras de cubiçar lá fóra, pelo menos igualam as que de longe vem affastando-as da concorrencia. Assim mesmo julgamos que os marmores pulidos para mesas, pouca rivalidade hão de experimentar. Quanto aos cristaes da Marinha Grande, ao assucar da fabrica de Santo Amaro, aos tapetes da do Calvario, as peças cinzeladas dos nossos ourives, e aos brilhantes dos nossos cravadores, hé ocioso dizer que igualam os melhores de Inglaterra ou França; e as rendas de Peniche, se não podem comparar-se com as deste ultimo paiz, são muito superiores ás de Italia.

N'uma palavra, muitos objectos que vão concorrendo á casa da fazenda, podem apresentar-se nos maiores mercados do mundo, sem receio de extraordinarios competidores; e por isso dissemos que se o tempo désse logar ao aperfeiçoamento da mão de obra dos nossos artefactos para a exposição de Londres, era de esperar que a industria portugueza fosse devidamente avaliada e conhecida, admirando-se a nossa aptidão para todo o genero de trabalho, e os progressos que temos feito, superiores áquelles que outros povos de longos annos dedicados á industria, e dispostos a tirar partido da ignorancia alheia, ainda fizeram.

## XII

### RECEPÇÃO FESTIVAL DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V PELO MUNICIPIO E POVO DE LISBOA

Projectára o governo que o desembarque dos reaes viajantes fosse no arsenal da marinha, e para isso havia o respectivo ministro ordenado se levantasse hum grande pavilhão junto ao reducto do inspector, que se começou a armar, fazendo-se outros preparativos; porém vendo o mesmo governo, de accordo com a camara municipal, que o logar era acanhado para o accesso do povo, visivelmente ancioso de assistir áquelle acto e de victoriar El-Rei, determinou que o desembarque fosse na vastissima praça do Commercio, onde elle poderia satisfazer os seus desejos. Assentado isto com os vereadores, nomearam elles de entre si huma commissão para regular os trabalhos, os quaes foram entregues á direcção do engenheiro da camara mr. Pezérat, coadjuvado por mrs. Cinatti e Rambois, auxiliados por officiaes de Marinha, e pelo intelligente mestre do numero de náo João Borges, com os seus marinheiros do troço, e varios carpinteiros de machado.

Assim, removeo-se do arsenal para o Terreiro do Paço o pavilhão que abrangia hum rectangulo de oitenta palmos de comprido por sessenta de largo, estabelecido n'hum tablado alto de seis palmos com degráos nos maiores lados do Norte e Sul, a meia distancia da estatua equestre e do caes das Columnas. Este pavilhão era dividido em tres secções longitudinaes, destinadas, a primeira a Suas Magestades e Altezas, a

do lado oriental para a côrte e altos funccionarios, e a occidental para a camara. O pavilhão era aberto em todos os sentidos lateraes para o povo ver El-Rei e gosar o grandioso e cordeal espectaculo da sua recepção; e era sustentado por pilastras delgadas guarnecidas com arte e gosto, de cortinas listradas de azul claro e branco, apanhadas com muita elegancia, cheias de franjas e borlas brancas e azues ferretes: os corrimões e tecto eram em bandas côr de rosa com franjas grandes da mesma côr, porém mais vivas, que destacavam muito agradavelmente. Na coxia do meio, elevava-se o throno de cinco degráos debaixo de hum rico docel de velludo e ouro, aberto igualmente, apanhando-se as cortinas delle ás pilastras mais proximas dos seus quatro angulos, com cordões e grandes borlas de ouro; huma rica alcatifa do custo de 600$000 réis, estreada nesse momento, cobria o tablado do pavilhão; e outra muito mais rica, branca e matizada de rosas e folhagens de gosto, cobria o throno, aonde se collocaram tres riquissimas cadeiras do paço das Necessidades viradas para a cidade (que se presumia receber El-Rei) para elle, o regente e Sua Alteza o Senhor Infante D. Luiz; ao lado direito destas, disposeram-se outras cinco cadeiras da camara para as Princezas e Principes irmãos de Sua Magestade.

O pavilhão tinha nos quatro angulos, quatro grandes bandeiras nacionaes dos navios de guerra, e em fileiras sobre o tecto correspondentes ás coxias, vinte e dois estandartes dos regimentos de cavallaria do exercito. Nos dois tôpos do páo de fileira do tecto havia pendentes duas grandes armas reaes, por detraz das quaes sobresaíam dois mastros para bandeiras; no do Norte içou-se desde o principio a bandeira nacional; o do Sul, era destinado para o estandarte real, e nelle se arvorou quando El-Rei pisou terra de Lisboa.

Sobre o arco da rua Augusta, havia tres grandes mastros com bandeiras portuguezas, bem como sobre os cunhaes das bôcas das ruas do Ouro, da Prata, do Arsenal e da Ribeira Velha; e sobre a balaustrada que domina os nobres edificios da praça, as bandeiras: brazileira, ingleza, franceza, belga,

romana, hespanhola, austriaca, russiana, dos Estados-Unidos, sarda, napolitana, hollandeza, dinamarqueza, sueca, noruegueza, piemonteza, turca, etc., todas disparando de páos hum pouco pendentes para a praça; e sobre os torreões, páos com bandeiras de signaes.

Em todas as columnas dos candieiros da praça havia bandeiras dos nossos regimentos de primeira e segunda linha antigos e modernos, da guarda e batalhões nacionaes, em aspa sustentadas por coroas de louro, symbolisadoras do valor delles e seus serviços á patria. A pouca distancia do pavilhão para o lado do mar, levantaram-se dois trophéos monumentaes, sobre dois cubos de sete palmos de aresta compostos cada hum de seu feixe a prumo de duas peças de calibre 24 e duas de 18; e quatro de calibre 12 dispostas artisticamente, todas de bronze, com as culatras para baixo, guarnecidas de caixas de guerra, armas brancas, de arremeço e de fogo; corpos de armas, lanadas, soquetes, coxarras, lanças, estandartes, guiões, assente tudo em grossas pilhas de balas e granadas de calibre 24, que faziam hum bellissimo effeito; e no terreno, correspondentes a cada face do cubo, sua pilha de 365 balas: nas quatro faces delles hum cabide em semi-circulo, de ricas espadas antigas, sustentadas por coroas de louro, e seus festões pendentes; e servindo de eixo aos trophéos, dois grandes mastros azues claros donde disparavam duas bandeiras de náo, portuguezas. Todas as janellas da praça estavam guarnecidas de cortinados de damasco e de festões de louro pendentes de humas ás outras.

Os navios de guerra estavam todos embandeirados de arco, e os vapores da companhia do Tejo; dois vapores de guerra, o *Conde do Tojal*, e o *Lince* com bandas de musicas marciaes, foram navegar até Belem, e servir de escolta ao vapor *Mindello*, bem como os vapores do Tejo, e muitos escaleres do arsenal da marinha e dos navios armados, guarnecidos por officiaes, assim como immensos escaleres e botes cheios de povo, e gente limpa e bem vestida tocando varios instrumentos, rodearam o *Mindello* victoriando El-Rei. A galeota real

com o Regente, e ministerio aproximou-se do vapor seriam onze horas, para a qual El-Rei e o Senhor Infante desceram, preferindo aquelle transporte ao *Mindello*. Huma salva real dos navios surtos e da torre de Belem annunciou a partida de Suas Magestades do quadro da quarentena, bem como outra salva do castello de S. Jorge. Cem duzias de foguetes do torreão de Oeste do Terreiro do Paço deram signal de que elle chegava ao caes das Columnas. Então a camara municipal foi receber os augustos viajantes debaixo do pallio, e os conduzio ao pavilhão por entre duas alas de praças da companhia de guardas marinhas e da guarda real dos archeiros seguida do conselho de estado, diplomaticos, generaes e militares de todas as armas, altos funccionarios, e muitos empregados publicos, os quaes aguardavam a chegada de Suas Magestades e Altezas perto do pavilhão. A praça estava guarnecida de tropa no mais completo estado de aceio e disciplina, formando alas desde o pavilhão até ao arco da rua Augusta, e seguindo todos os corpos por sua antiguidade e a guarda municipal, até ao largo da Sé: a artilharia montada occupava o lado oriental da praça. Immensa como ella hé, todas as vastas janellas dos seus grandiosos edificios, todas as ruas do transito, todas as janellas das suas casas não podiam conter mais espectadores, mais curiosos, mais gente alegre e festival, do que essa que esperava o seu joven Rei, e se congratulava cordeal e sinceramente pela sua volta e do Principe seu irmão, e pelos titulos de affeição e respeito que elles adquiriram, e com que honraram o nobre e sempre honroso nome portuguez. A sé estava primorosamente armada, e ali assistiram Suas Magestades e Altezas a hum solemne *Te Deum* composto expressamente para esta occasião pelo distincto professor Dady, acompanhados da camara municipal, conselho d'estado, pares e deputados, corpo diplomatico, e quantos militares de mar e terra, bem como magistrados civis e politicos podia conter o templo.

Acabado o *Te Deum* partiram Suas Magestades e Altezas, acompanhados da camara municipal, conselheiros d'estado, generaes, grandes do reino, e quantas pessoas de distincção

podiam formar o prestito, para o paço das Necessidades, sendo sempre acompanhadas de immenso povo; o qual apesar da trovoada e chuva que sobreveio inopinadamente, mal deixava seguir os coches. Por todas estas ruas não era possivel encontrar mais gente, nem as janellas das mesmas podiam admittir mais senhoras e curiosos que saudavam os de novo bem vindos. Tudo annunciava festa e cordialidade; bandeiras atravessando as ruas, foguetes, flores, versos, arcos, emblemas e vivas, acompanhado isto tudo de huma espontaneidade e de huma expansão tão natural e pacifica, tão singela e de puro affecto, como parece que nunca se observou em terra alguma do mundo senão nesta terra e no meio deste povo portuguez essencialmente pacifico, generoso e civilisado.

Á porta do arsenal da marinha havia hum arco de louro, coroado de seu trophéo de bandeiras, rodeando as armas reaes primorosamente pintadas; e por fóra deste arco duas gigantescas columnas rostraes; o corredor abobadado que vae da porta até ao arsenal, estava guarnecido de vasos sobre cariatides, de estrellas transparentes, de festões de flores, e de bambinellas de filele amarello, branco e encarnado, que faziam maravilhoso effeito; tapando a porta interior havia huma grande estrella, no centro da qual se lia: «viva o Senhor D. Pedro V». As janellas deste grandioso edificio, e as do Banco, estavam todas guarnecidas de cortinas de damasco, bem como varias de particulares da rua do Arsenal, e do largo dos Romulares.

No largo dos Romulares, rua do Arsenal, ruas visinhas, bôca da rua do Alecrim, travessa do Corpo Santo, largo de S. Paulo, rua da Boa Vista, etc., até ao largo das Necessidades, tudo estava adornado de bandeiras, que era hum nunca acabar de ver. Na bôca da rua do Alecrim levantaram os visinhos do caes do Sodré quatro obeliscos de louro, coroados cada hum com sua esphera armilar, que illuminaram a gaz primorosamente, e sobre o relogio do meio do largo, levantaram hum grande coreto para musica, bem guarnecido de globos córados, assim como cercaram o largo na direcção do arvo-

redo, tambem de globos chinezes, que faziam optimo effeito: desde o anoitecer do dia do beijamão até á meia noite, tocou a musica, e lançaram foguetes incessantemente. O largo estava encantador; era como huma sala immensa aonde huma familia de oito a dez mil parentes se reunia para gosar o fresco daquella amenissima viração, por entre os grupos de senhoras sentadas em cadeiras, bancos, e até sofás, ou tambem sentadas nos assentos e parapeitos do caes; e tudo com huma fraternidade, respeito e conveniencias sociaes, dignas do maior elogio e admiração.

Na frente da officina do gaz havia hum arco revestido de louro; no largo do Conde Barão havia tres janellas bem armadas de cortinas de damasco, tendo a do meio seus transparentes e legendas allegoricas ao assumpto. No limite oriental da freguezia de Santos o Velho, havia dois mastros com bandeiras portuguezas, e outras de nações amigas pendentes, ao pé dos quaes levantou o regedor da mesma parochia dois pulpitos bem armados de sedas, aonde tinha feito subir dez meninas expostas, vestidas á sua custa, com açafates de flores, que lançaram por cima dos coches de Suas Magestades e Altezas, com varios impressos de côres, contendo versos allusivos á chegada de El-Rei.

Á Pampulha havia tambem muitas bandeiras pendentes e huma boa corôa de louro e flores finas, suspensa no meio da rua, de modo e com tal arte, que se arriou e pousou opportunamente sobre o coche de Suas Magestades, aonde foi até ás Necessidadas, para cujo paço a levaram e expozeram na sala dos archeiros.

Finalmente, a illuminação a gaz do arsenal da marinha, a banda de musica dos marinheiros militares, a illuminação do caes do Sodré e sua musica, a illuminação do quartel da guarda municipal e sua musica, a illuminação dos quarteis da tropa da guarnição, o accesso franco e gratuito dos theatros ao povo, deram a esta festa verdadeiramente popular e patriotica, hum caracter de novidade e alegria, impossivel de descrever-se; e

que só póde avaliar quem a presenceou e se compenetrou dos generosos sentimentos manifestados pelo excellente povo de Lisboa, pelo seu patriotico municipio, e pelo governo do Regente, que parece ter feito esquecer todas as rivalidades e interesses pessoaes e dos partidos, para se receber cordealmente o Rei de maiores esperanças que tem tido esta terra de Portugal.

## XIII

### SAÍDA DE SUA MAGESTADE EL-REI D. FERNANDO

Saío hoje no vapor de guerra *Mindello*, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, a viajar por alguns mezes no paiz visinho. Ao bota fóra até entre torres, foi acompanhado por El-Rei o Senhor D. Pedro V e o Senhor Infante D. Luiz no mesmo vapor; e nas galeotas reaes pelas deputações das duas camaras legislativas, bem como em varios escaleres do arsenal, pela camara municipal de Lisboa, côrte, generaes e nobreza que se reuniram no mesmo arsenal para beijarem a mão por despedida ao augusto viajante.

Por esta occasião embandeiraram os navios de guerra surtos no Tejo, nacionaes e estrangeiros, dando-se as salvas do costume; e fazendo-se as continencias de gente nas vergas e vivas, usuaes das marinhas de todas as nações em identicas circumstancias. Até á barra foi o *Mindello* seguido dos vapores de guerra nacionaes *D. Luiz* e *Conde do Tojal*, do vapor *D. Fernando* da carreira do Algarve, saíndo a barra os dois vapores de guerra francezes *Dialmath* e *Podon*, que parece vão acompanhar o *Mindello* até Cadiz.

Regressando El-Rei o Senhor D. Pedro V ao arsenal, subio á sala do risco, e ahi condecorou com o primeiro gráo da ordem da Torre e Espada, o soldado de artilharia João José Lourenço, que salvou das ondas nos cachopos do Bugio, os naufragos da escuna ingleza *Primorose;* a cujo solemne acto assistiram oito praças por companhia do regimento deste in-

trepido e dedicado militar, assim como o commandante geral da artilharia com o seu estado maior, general da provincia, generaes, officiaes e soldados das diversas armas, fazendo a guarda de honra e policia da sala, a companhia de guardas marinhas, achando-se tambem presente o inspector do arsenal e a maioria dos officiaes da armada.

Tinha-se coberto de alcatifas hum estrado aonde se dispozeram cadeiras para Sua Magestade e os Senhores Infantes, por cima das quaes pendiam bandeiras portuguezas que, da balaustrada do tecto vinham amarrar-se a duas ancoras de curvetas nos angulos da alcatifa; havendo alem destas, outras duas collocadas symetricamente por detraz das mesmas cadeiras, como symbolos de paz e de segurança a que o generoso feito do agraciado se referia.

El-Rei não quiz sentar-se, e acto continuo, mal chegou á frente dos indicados contingentes, seguido do ministerio todo parou na frente da tropa, o marechal apresentou-lhe a insignia da ordem do *Valor, Lealdade e Merito*, que elle mesmo poz no peito do valente que assim era galardoado pelo Soberano, justo apreciador dos serviços prestados á humanidade, com evidente perigo de vida, para salvar a de infelizes, que, nas angustias da morte haviam perdido a esperança de soccorro.

Deste moço de vinte e seis annos, contam-se maravilhas que serviriam de preambulo de hum romance, inculcando que parece ter sido fadado para deixar memoria honrosa. Hé natural da freguezia de Barcarena, a duas leguas de Lisboa; como Achilles tambem andou com trajes femininos, que sua viuva mãi lhe vestia para o livrar do recrutamento, empregando-o em trabalhos proprios do sexo, andando á monda com os ranchos de raparigas do campo, e outros serviços semelhantes; porém seu avô que fôra soldado do primeiro regimento de artilharia, aconselhou-o a que sentasse praça no mesmo corpo aonde merecêra a estima dos seus officiaes, e aonde o nosso João José Lourenço praticou actos, cujos episodios logo denotaram que elle viria a ser o especial objecto da solicitude com

que Sua Magestade hoje o singularisou na presença da côrte, e dos seus camaradas na sala do risco.

Aprouve a El-Rei visitar de passagem as aulas e livraria da escola naval, sendo seguido pela multidão de espectadores de que a sala se enchera, satisfeitos ao que parecia desta significativa demonstração da nobreza e patrioticos sentimentos de Sua Magestade.

## XIV

### DEDICAÇÃO POPULAR — FÓGOS

Hum grande incendio ameaçou hontem, 4 do corrente, reduzir a cinzas todos os grandes estabelecimentos fabris, e estaleiros da Boa Vista, como tambem devorar os edificios da parte meridional do largo do Conde Barão; mas graças á immensidade e presteza dos soccorros, e tino e zelo com que elles se applicaram, as chammas só consumiram as materias inflammaveis que inicialmente denunciaram ao povo esta calamidade, pelo medonho clarão que avermelhou a athmosphera, ainda antes do monotono e sinistro som indicador do sitio do desastre.

Com effeito, o aspecto delle era grandioso e terrivel! Toda a parte da cidade que olha para o rio e os seus pontos culminantes mais remotos resplandeciam como se lhes dardejasse o sol dos tropicos; o arvoredo dos navios, os barcos, a praia, o mesmo céo estavam como excandecentes quando as vinte e sete badaladas do sino da torre de Santos deram o tardio sinal de «fogo»! Mas não se creia que o mesmo signal foi retardado por incuria ou desleixo; tardio em relação á incrivel rapidez com que o incendio se propagou intenso e voracissimo, n'uma área de mais de dezeseis mil pés de superficie, em menos de quinze minutos!!

Ás seis horas e tres quartos da tarde, isto hé, pouco depois de anoitecer descubriram as patrulhas da guarda municipal da estação do caes do Tojo, o primeiro turbilhão de fumo para

o lado do boqueirão da Palha, e apitaram pedindo soccorro; os cabos de policia e o regedor da freguezia de Santos com a sua reconhecida vigilancia, reproduziram o toque dos apitos, e mandaram aviso á guarda das inglezinhas, bem como á Abegoaria aonde havia a bomba mais proxima; os visinhos correram ás janellas, e as auctoridades locaes ao ponto ameaçado; mas quando lá chegaram e deo a primeira badalada no sino da freguezia, já o clarão alumiava a athmosphera, e as chammas abrangiam litteralmente todo o estaleiro do sr. Abreu e a extensa fabrica do sr. Collares!

Huma pilha de seiscentas duzias de taboas de casquinha e outra de duzentas duzias de varas de castanho, alem de outra maior de taboas de Riga, que de manhã se arrematára por 8:000$000 réis: quatro a cinco mil tonelladas de carvão de pedra, centenares de antenas e vigas de Flandres, muita madeira de construcção maritima, telheiros e tapumes divisorios destes dois referidos estabelecimentos, tudo estava em combustão por huma especie de magia infernal, e os espectadores temerosos e sobresaltados, persuadindo-se que ella iria invadindo com a mesma voracidade os estaleiros, e edificios urbanos contiguos! Mas graças ao zelo, tornamos a dizer, graças á presteza dos soccorros, e tino com que elles se applicaram, as chammas só consumiram as materias inflammaveis que primeiro denunciaram ao publico esta calamidade. O incendio não só deixou de irradiar-se para fóra dos limites já indicados, se não ainda se foi restringindo ás médas de carvão e madeira abrasadas, e isoladas pelas providentes medidas que opportunamente se foram tomando.

O governo appareceo logo. O ministro do reino apresentou-se com os seus principaes subordinados: governador civil, commandante da guarda municipal, administrador do bairro, vereador do pelouro dos incendios com o respectivo inspector; inspector do arsenal da marinha e seus ajudantes seguidos de hum forte piquete de carpinteiros de machado, quatro bombas e gente do troço com baldes e ferramentas; commandantes da náo *Vasco* e fragata *D. Fernando*, com seus

officiaes, marinhagem, bombas e baldes dos respectivos navios; officiaes e marinhagem da curveta *Perto* e vapor de guerra *Argus;* e logo após o sr. ministro da marinha, bem como a guarnição com a bomba do vapor de guerra francez *Le Phenix:* hum forte piquete do batalhão de sapadores com machados; o guarda-mór da alfandega grande com a bomba e serventes della; todos os aguadeiros e bombas do municipio, criados particulares com barris para o serviço das mesmas, e para nada faltar, até o Regente e Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V correram a pé ao logar do perigo!

Não era necessaria a sua presença para dirigir os soccorros ou animar os trabalhadores, lá estavam as auctoridades responsaveis e os homens technicos, cujo zelo e desejos de bem servir são manifestos; lá estava o povo generoso e dedicado a toda a especie de sacrificios para acudir e salvar os seus semelhantes; lá estavam milhares de pessoas limpas e distinctas por entre a multidão, mostrando igual empenho; lá estavam os nossos denodados Marinheiros, troço do arsenal, e sapadores, no meio das labaredas, desviando do foco do incendio vigas meio abrasadas, e cobrindo de terra e lodo, e alagando com baldes de agua da maré que enchia, outra immensa méda de carvão que principiava a inflammar-se.

Não era pois necessaria a presença destes dois augustos personagens para todos buscarem extinguir o incendio; mas o povo sympatisou com esta prova de interesse de Suas Magestades; não considerou, como não devia considerar, a sua apparição acto de mera curiosidade, mas sim como hum nobre sentimento de dó e de desejo de prestar auxilio; e na verdade, o seu proceder confirmou este juizo. El-Rei Regente, informando-se do caso nos pontos accessiveis, e consolando meigamente o sr. Collares, que parecia afflicto por sua desventura, mostrou quanto hé bem merecida a affeição que todos lhe consagram; e El-Rei o Senhor D. Pedro, seguindo sollicito seu augusto pae a todos os logares que reclamavam maiores providencias, captivou de mais em mais os animos de quem o admira e ama, e o considera magnanimo filho da Senhora D. Maria II, e glo-

rioso descendente dos Pedros quartos, Affonsos, Dinizes e Joões primeiros.

Hé pois consolador para huma alma que está em paz com o genero humano poder sem lisonja louvar alguem, principalmente os seus patricios, e hé o que hoje nos acontece; se temos motivos para fugir daquelles que nos aggridem por sua indole ou preconceitos, perdoamos-lhe a má vontade e não curâmos das pequenezas que os movem; os seus remorsos, e a consciencia de tão injusto proceder, pagam-nos essas offensas; o que temos a peito hé dizer bem, mas dizer bem sobretudo de Portuguezes.

Quem foi hontem ao largo do Conde Barão logo que tocou a fogo? Quem depois disso percorreo aquella immensa superficie comprehendida e apinhada de gente cuidadosa entre os boqueirões da Palha e do Duro, e presenciou a ordem e conveniencia de seus actos no meio de tão afanoso lidar; quem vio, por incessantes esforços do povo e acertadas medidas do habil inspector dos incendios, circumscrever aquella zona de fogo, que tendia a transpor tão tenues barreiras, aos limites em que começou; quem vio trepados os Marinheiros e seus officiaes por aquelles telheiros a desfazerem-se, ou por cima de carvões ardentes; quem vio o povo espontaneamente remover antenas meias carbonisadas por cima de taboas cheias de pregaria ponteaguda; quem vio os sapadores e marinhagem, applicando com vontade e descernimento alviões, pás e machados ás cortaduras que estorvavam a invasão das chammas; quem vio emfim o zelo de muita nobreza do paiz, correndo ás estancias mais ameaçadas, e trabalhando sem distincção de classe, como fizeram os srs. marquez de Ficalho, conde do Sobral, e outros cavalheiros; e contemplou como nós aquella ordem de mistura com tão irremediavel e apparente confusão de actos e pessoas, sem hum dito offensivo, sem violencias, coroado este accordo com o mais satisfactorio resultado, concentrando-se hum dos fogos mais ameaçadores que tem havido na capital ao proprio logar em que rebentou, não póde deixar de comprazer-se de ter nascido Portuguez, e de louvar todos

aquelles que concorreram para estorvar o progresso da calamidade que o mesmo incendio promettia, incluindo nos mesmos louvores a tripolação do vapor de guerra francez *Le Phenix*, a qual sendo composta de gente nautica, fraternisa por indole de sua nobilissima carreira com os cidadãos de todo o mundo, quando deveres mais imperiosos que a sua natural humanidade, se não oppõem á expansão de suas generosas e magnanimas tendencias.

As labaredas duraram até á madrugada, e agora, duas depois do meio dia, apenas se vê algum fumo; hé comtudo preciso que a camara municipal tome as medidas convenientes, para obstar a iguaes desastres no sitio da Boa Vista, compellindo os donos dos estaleiros a dividil-os com paredes altas de pedra e cal, e não com tapumes de taboado, como até agora tem acontecido.

## XV

### AGUAS LIVRES

Começa a discutir-se pela imprensa a grande questão do supprimento da agua ao povo de Lisboa. Na *Revolução de Setembro* 2068, vieram as bases que huma companhia offerece para conseguir este fim, e o exame da proposta com as indicações convenientes ao seu uso, e aformoseamento da cidade. Este assumpto que deve considerar-se como dizendo respeito a hum elemento da existencia physica e politica dos habitantes do municipio, ha de chamar a attenção das illustrações do paiz, concluindo-se dos seus juizos a melhor opinião, fundada em todas as razões de sciencia que a philosophia e praticas mais bem entendidas possam suggerir; mas emquanto ellas meditam nos pontos a resolver, diremos o que nos occorreo á vista da analyse feita no referido jornal, com o mesmo desapego a cousas e pessoas que ali se ostenta, acubertando-nos para isso com as suas seguintes palavras: *sabemos que neste negocio estão interessados amigos nossos cuja fortuna desejamos. Não lhe podemos sacrificar a nossa opinião, nem os interesses da cidade.* Isto posto, e sem curarmos de quem quer que sobre o caso haja escripto, faremos a diligencia por discutir a materia incluida na mesma analyse.

Reprovamos completamente que o *emprego das aguas em Lisboa seja melhorado por huma companhia*. A demonstração apresentada contra esta idéa da agiotagem, hé de tal evidencia que não soffre duvida; e não modificando as nossas opiniões neste ponto, combateremos sempre huma pretenção que amea-

ça estancar, tributar ou restringir o goso publico de hum dos primeiros elementos de vitalidade animal. Houve tempo em que o despotismo sujeitou a pesadas contribuições o vento, a agua e o fogo! Nessas eras em que parte da peninsula gemia debaixo de tão escandaloso vexame, teve o povo lisbonense a liberdade de usar della a seu arbitrio; e para lhe tornar bem saliente este privilegio, hum grande rei ergueo para isso o mais sumptuoso monumento deste genero que existe na Europa denominando-o da *Agua Livre*. O magnanimo monarcha abasteceo della a cidade, não derivada de rios como em Pariz, no Havre, em Lião, em Nantes, em Bordeaux, em Londres e Calcuttá que a recebem do Sena, Garona, Loire, Rhone, Tamiza e Ogli; mas sim extrahida de fontes, donde mana pura e crystallina, percorrendo seis a sete leguas de canaes de pedra, resguardada e livre de corpos estranhos; e despenhando-se finalmente por engenhosa cascata que lhe faz adquirir na sua quéda, aquella porção de ar atmospherico indispensavel ao exercicio dos orgãos da humanidade. Seria pois o maior ataque feito á civilisação do seculo, usurpar hum direito geralmente admittido, consagrado por sancção expressa do soberano, e uso antigo do povo de Lisboa; não podendo tolerar-se a menor sombra ou vislumbre de arteirice dirigida a diminuil-o, nem a estancar ou avassallar a agua.

Começa o author dizendo que: *modificaria a sua opinião se uma companhia auctorisada por meios pecuniarios, probidade e sciencia se offerecesse para pôr Lisboa ao nivel das capitaes mais cultas no ponto essencialissimo da administração das suas aguas.* Votamos pelo contrario, porque, nem companhia alguma nos merece confiança nesta administração restrictamente municipal, nem suppomos que as capitaes de Inglaterra ou França, com que sempre nos argumentam, possam competir com Lisboa ácerca da pureza, distribuição e abundancia das suas aguas potaveis.

Primeiro que tudo, hé notoria a escacez de boa agua em Pariz, cujo povo vae saciar-se della a Fontainebleau, ou d'ali a transporta animalmente, pelo enorme preço de tres francos o

barril de vinte canadas! E toda a outra de que usa, hé agua do Sena recolhida perto de Versailles, depois de ter recebido as immundicies e despejos da capital modelo; agua de tal modo carregada de impuridades, que não póde beber-se sem passar ao través das paredes de hum vaso a que chamam *fontaine*, para depositar os corpos graves e filtrar-se de maneira que fique purgada das materias colorantes, dos acidos, e mil outras substancias nocivas e superfluas que acarreta o Sena, depois de servirem ás artes e diversos usos da vida; agua commummente vasada do rio para huma calha de pedra que a conduz á cidade, do mesmo modo que em Portugal se pratica nas *levadas* para as azenhas, sendo necessario para a tornar potavel, passal-a por filtros. Em Londres tambem se gasta agua do Tamiza ou de *New river* que hé hum canal de comportas e navegavel, aonde igualmente ella se carrega de productos estranhos e prejudiciaes á sua natureza e salubridade. Portanto, podemos dizer com toda a certeza de acertarmos que, Lisboa não tem nada que invejar ás cidades mais famosas na pureza, abundancia e distribuição das suas aguas potaveis, nem a sua horisontalidade hydraulico-politica hé inferior *ao nivel das capitaes mais cultas.*

Diz que: *o primeiro trabalho que ha a fazer para aperfeiçoar a distribuição das aguas em Lisboa, policiando ao mesmo tempo a cidade, é destruir todos esses fócos de immundicies que servem de soalheiro aos nossos asquerosos aguadeiros.* Votamos ousadamente contra essa idéa subversiva e antipathica dos monumentos da nossa architectura hydraulica. Porque, se o nivel das aguas do Sena, Tamiza, *New river* e Ogli, obstam em Pariz, Londres e Calcuttá a que ellas se despenhem de grandes alturas, pois na primeira destas cidades, nem mesmo conduzindo-as de Petit Morin ou Banne isso seria possivel; não se segue que devamos substituir ao optimo chafariz das Necessidades e a outros excellentes, humas bicas de acanhadas dimensões escondidas nas paredes, e profundos tanques como lá fizeram. Seria o absurdo mais vergonhoso e a imitação mais servilmente irracional, sacrificar a admiravel vanta-

gem que Lisboa encerra, filha de hum pensamento nobilissimo, attestado por edificios monumentaes, a hum uso forçado e prescripto por circumstancias peculiares daquelles paizes. Uso forçado, repetimos, á vista do esmero com que em Pariz procuraram fazer jogar huma pequena torrente no *Marché des Innocents* ou outra em Brest, proxima ao arsenal. Não foi por certo a idéa de aformosear e desimpedir as praças, quem presidio a essa tristissima adopção de torneiras e tanques usados por dois grandes povos na Europa e na India, pois aquellas ficariam igualmente desaffrontadas e ennobrecidas, tendo as fontes em qualquer face, construidas segundo os preceitos architectonicos; a idéa que revela a mesquinhez das torneiras e os tanques, foi a conveniencia de aproveitar huma pequena differença de niveis, fazendo refluir as aguas, no Ogli, *New river,* e no Sena aonde foram colhel-as muito abaixo de St. Cloud; o que entre nós soffreria grande critica, por não se terem estas conduzido de Charenton ou Conflans, seguindo o seu curso natural, antes de passarem pela povoação.

Ácerca da asquerosidade dos nossos aguadeiros, pouco tedio nos póde ella causar equiparando-os áquelles da antiga *Lutetia* que usam nojentas *bluses, sabós* ou sapatos de páo, vergando debaixo das cangas com dois cuvos pendentes, aonde fluctuam humas rodellas ao de cima da porquissima agua do Sena. Aqui, nesta cidade sem policia e habitada por hum povo que se pretende tornar barbaro, vão estes asquerosos serventes, receber o liquido puro em barris tapados, de maneira que não soffra immersão; ali, hé de usança dos *porteurs d'eau* do povo civilisador, chafurdar os seus baldes no rio ou enchel-os nas torneiras, conduzindo-os destapados com as taes rodellas para que a agua se não derrame, mergulhando-lhe a medida do litro por onde a vendem aos freguezes: aguadeiros no entender de alguem, aceadissimos, brunidos, e penteados não obstante deverem participar da influencia procedida de habitarem n'hum recinto a que os antigos chamavam Lutetia [1], ou

[1] Parisie, anciennement Lutetia, petite ville de la Gaule, capitale de la province du même nom, etait située dans une petite île de la

cidade da lama, e o contacto de certas condutas nocturnas para Pentin.

Diz que: *um chafariz de Lisboa demonstra por si só o estado da nossa civilisação, e hum viajante bom observador diagnosticará só por esta vista o nosso estado. Apaguemos ao menos estes rotulos da nossa miseria, já que não nos dâmos a cural-a.* Talvez! Porém julgâmos que nunca foi miseria, despejar terrenos, aplanal-os, fazer-lhes muralhas, escadarias, aproprial-os ao fim que se deseja, e collocar-lhes em posições convenientes boas bacias, elegantes pedestaes, e bellas estatuas sobranceiras a muitas cabeças fabulosas donde brotam milhões de pipas de agua, como se observa nas Janellas Verdes e Loreto, ou na Esperança, rua Formosa e Rato, cujos chafarizes são adornados de pilastras e entablamentos!? Não será maior miseria, perguntaremos agora, huma torneira firmada na parede sem o minimo revestimento marmoreo, do que hum tritão ou cabeça de satyro primorosamente cinzelada, excrescendo de amplo espaldar de boa cantaria, cheio de lavores corintihos ou compositos segundo estamos vendo na Estrella, rua do Arco, Andaluz, etc. Em Lisboa, quando as vertentes são muito inferiores ao nivel do terreno, fazem-se escavações accommodadas ao objecto, reveste-se o aqueducto da mais escolhida pedra, cobre-se de emblemas artisticamente distribuidos, e conduz-se o fluido ás bôcas de perfeitas cabeças gorgonicas ou sphingicas da maneira que se observa nos chafarizes de Dentro e de El-Rei. Miseria, por antithese, chamaremos

Seine (aujourd'hui île de la Cité) au dessous du confluent de cette rivière avec la matrona. C'était une des plus petites et des plus miserables villes de la Gaule du temps de Jules César. Elle ne commença à prendre quelque accroissement que dans le 4e siècle, époque à la quelle Julien, qui y séjourna, l'embellit d'un palais de Thermes et de quelques edifices. On voit encore des restes considerables du palais des Thermes, rue de l'a Harpe. Strabon appelle Paris Lucotocia, et Ptolomée Luccototia. On a derivé l'ancien nom de Paris, Lutetia, de lutum, boue, comme si c'était des Romins que cette ville eût reçu son nom. (Cesar, *De bello Gallico,* liv. 6.º, cap. 3.º e 7º) *Dictionnaire classique de l'antiquité.*

nós a tudo que tenha relação com o immenso e magestoso aqueducto das *Aguas Livres,* dizendo sempre que os arcos da rua de S. Bento e das Amoreiras (por não irmos mais longe) fariam grande vulto nos albuns de certos viajantes, se os contemplassem nas ruas de Londres ou de Pariz; porém como são obras portuguezas, deixam de apreciar-se, apesar desse fecho do primeiro ser de huma engenhosa e difficil execução. Mas como será miseria em Portugal, isto que denota civilisação em França!? Como será prova do nosso atrazamento e *rotulo da nossa miseria* termos muitos chafarizes de varia architectura, quando escriptores francezes descrevem com prazer o seu do *Marché des Innocents* e a fonte Caffareli de Brest, erecta por ordem de Napoleão? E que fonte! Hé quasi essa lapida sepulchral do largo de Alcantara guarnecida, em vez de frades, de peças de artilharia enterradas até aos munhões. Que diriam elles dos chafarizes do Carmo ou de Belem.

Censura o author que as aguas em Lisboa corram soterradas, e quer substabelecer a este hygienico systema, aquelle de as fazer transitar descobertas, não attendendo a que, vindo as mesmas expostas aos raios do sol e aos accidentes atmosphericos, mudariam de temperatura impregnando-se de impuridades, alem de muita perda pela evaporação. Nós que temos summo gosto de molharmos o paladar com huma gota de agua fresca sem pagarmos o seu resfriamento nas casas da neve, insistimos em que ella chegue sempre coberta aos mananciaes communs, aonde o povo vá colhel-a fresca e pura como brotando do centro da terra.

Diz que: *Lisboa hé a unica cidade de nome que está privada de banhos.* Embora seja assim, respondemos nós; porém declare se, em Londres ou Pariz, ha banhos de aceio entretidos pela municipalidade. Se lá existem, faça amarga censura aos gerentes dàs nossas rendas publicas, emprasando-os para que as appliquem semelhantemente; mas não havendo tal commodidade no centro daquellas povoações modelos, tenha a indulgencia de nos perdoar huma falta, tanto mais desculpa-

vel, quanta hé a differença do terreno que as tres povoações occupam, e a deficiencia dos meios procedentes da natureza do fluido que banha o nosso litoral. Hé visivel a facilidade com que n'hum plano sem grande declive como aquelles em que se assentam Pariz, Calcuttá, e parte de Londres se póde fazer transitar a agua do Sena, do Ogli e do Tamiza que immensamente lh'a fornecem para quaesquer usos, sendo como hé doce, ao mesmo tempo que em Lisboa isso era quasi impraticavel, attenta a sinuosidade da superficie que lhe requebra a perspectiva, empregando a agua do Tejo que tem poucas applicações. Ha em Pariz barcas de banhos de agua doce, e ha em Lisboa outras de agua salgada, sem que n'huma ou outra parte procurassem corregir-lhe as diversas propriedades. Quereria elle que D. João V, em vez de encaminhar a optima agua de Caneças e de outros sitios, por baixo de montes e por cima de valles em solidissimos conductores ao ponto culminante de Lisboa, fosse derivar da torrente do Tejo huma porção ás portas de Rodam, ou á Ribeira em Santarem, cujo nivel fica ainda inferior ao plano do aqueducto das Amoreiras, para abastecer as casas de banhos da capital de agua barrenta nas invernadas? Ou que, imitando Alexandre que conduzio parte do Nilo de Atfé á cidade do seu nome, fizesse profundar huma valla por entre rochedos, milhões de vezes mais difficilmente do que elle o fez n'hum areal? Ou emfim, que seguisse esse miseravel exemplo dos francezes, fornecendo-se no Havre de agua do rio conduzida por tubos de madeira que sustentam espeques de pinho!!? Se tudo isto assim fosse, não satisfaria aquelle monarcha o romantico desejo do nosso compatricio na parte em que pretende aformosear a cidade com essas fontes recreativas, entretendo os habitantes da capital com o doce e monotono murmurio das despenhadas aguas pelas cascatas que propõem, e se podem deste modo estabelecer.

Portanto, hé claro que, se Lisboa não abunda em agua para banhos de aceio como acontece em Pariz, no Cairo, Alexandria e Constantinopla, hé por falta de vontade dos emprendedores desta especie de industria, os quaes podiam supprir-se

della, de muitos poços que ha na cidade, sendo facilimo abrir outros em qualquer ponto que conviesse ao estabelecimento.

Restringindo-nos pois ás indicações do artigo, que são onze, diremos quanto á primeira que: *a destruição de todos os chafarizes* seria de barbara origem e mysanthropico resultado, substituindo-lhe torneiras ou bicas nos logares escusos, occultando-se deste modo a posse e fruição patente de hum producto da natureza que nunca em Lisboa soffreo, nem hoje soffre no orbe conhecido, taxa alguma; segunda, hé contra a ideia de acudir aos incendios, fraccionar muito a distribuição da agua, pois do modo que hoje está repartida, hé facil reunir em cada chafariz duzentos ou quatrocentos aguadeiros que de hum jacto fornecem á primeira bomba que chega, seis a sete mil canadas de agua; obtendo-se assim atalhar os fogos, observando-se que, por este methodo nunca elles se propagam aos edificios contiguos como acontece em Londres ou Pariz, aonde he preciso cortal-os demolindo as casas proximas; evidenciando-se a impossibilidade de obter o igual auxilio, derramando o mesmo volume de liquido por varios pontos, n'huma grande extensão de terreno; terceiro, hé contra todos os preceitos hygienicos e regras de aceio e limpeza, conservar a humidade nos logares habitados, porque o azote, o gaz acido carbonico, e outros gazes nocivos, não só ficam adherentes ás paredes visinhas do logar infectado por ella, senão condensam-se na atmosphera ambiente tornando-a insalubre e até mortifera. Portanto devem os bebedoiros propostos ser nos sitios mais descobertos e ventilados, e nunca debaixo de telheiros, faltando-lhe deste modo a rapida absorção atmospherica desenvolvida pela força e acção chimica da luz solar; quarta, não se vedaram até hoje as emprezas da industria hydraulica, e póde qualquer capitalista empregar os seus fundos em abrir poços, adaptando-lhe bombas ou noras para negociar com as lavagens dos cidadãos, e seus prazeres cutaneos; e posto que entre os musulmanos, alguns pios sectarios de Mafamede hajam estabelecido e dotado casas para as abluções rituaes da sua crença,

não se deduz desta instituição toda mystica, a forçosa necessidade de proporcionarmos gratuitamente ao publico portuguez, hum prazer que entre os christãos se paga conforme as posses de quem o deseja. Seria comtudo muito de appetecer que, dos remanescentes das *Aguas Livres* para consumo da cidade, podesse o municipio aproveitar huma porção para estabelecimentos deste genero, aonde o povo alcançasse por modico preço hum goso que dizem acrescentar-lhe a existencia; quinta, inadmissivel, por ser rejeitada a idéa do estancamento da agua, e sua distribuição feita por qualquer companhia. Sabe-se alem disto, a facilidade com que a agua se evapora espalhada por grandes superficies, sendo o pensamento de a fazer despenhar de diversas alturas, por cascatas e fontes de recreio opposto á sua economia e pureza. Quando porém fosse mister construir alguma para lhe introduzir mais oxygenio (como conviria e convem ás aguas dos poços e cisternas) deveria esta ser coberta, segundo judiciosa e scientificamente praticaram os nossos hydraulicos, acobertando e resguardando aquella do magnifico reservatorio das Amoreiras; sexta, ainda até hoje não ousou nenhum dos nossos ferrenhos governos marcar as horas em que as *Aguas Livres* por D. João V, devessem ser colhidas, porque ellas têm estado e estão á disposição do publico, que emprega o seu tempo segundo a sua possibilidade; e hé sabido que no estio toda a noite concorre gente aos chafarizes, sendo contra toda a idéa de franqueza e goso amplissimo que possuimos, estancar o seu fornecimento ou repartil-o a horas marcadas; setima e oitava, quasi desnecessarias, porque póde aproveitar-se a agua do Tejo, sendo certo que nenhum incendio deixou ainda de apagar-se, quando hé soccorrido a tempo de extinguir-se, e os ventos de éste ou oeste, não impedem que os toques de aviso se estendam promptamente aos logares distantes desta immensa cidade. Acresce a isto o methodo que seguimos, e as optimas bombas de que usamos, como evidentemente se demonstrou no serviço prestado pela bomba da curveta *Urania,* no grande incendio do arsenal de Brest, seguindo-se por causa delle a sua adopção

immediata, bastando para rejeitar estas indicações o que acima fica dito ácerca do fraccionamento do volume da agua; nona, hé da obrigação do municipio, e não deve commetter-se esta empreza a particulares, para não pedirem recompensas gravosas ao publico, as quaes infallivelmente tenderão a tributar a agua; exija-se o cumprimento de hum encargo reconhecido, e tornem effectiva a responsabilidade dos governantes na gerencia e applicação das rendas publicas, que dentro em poucos annos teremos abundancia de agua para todos os serviços e precisões da cidade; decima, ociosa completamente, vistoque as nossas *Aguas Livres* manam puras e crystallinas das vertentes que affluem ao grande aqueducto lisbonense, fazendo nisto contraste com as aguas do Sena e de outros rios, as quaes só filtradas e depuradas ficam potaveis; decima primeira, prejudicada, e portanto inadmissivel por cada huma das antecedentes, que se resumem na negação absoluta de confiar este ramo de serviço publico a nenhuma empreza particular.

§ 2.º

No n.º 1406 do *Patriota* de quarta feira 21 do preterito, buscámos contrariar pausadamente hum artigo da *Revolução de Setembro* onde se propunha *a demolição de todos os chafarizes de Lisboa,* e outras medidas relativas á economica distribuição das *Aguas Livres* desta cidade, que huma companhia pretendia administrar; entrando deste modo na discussão offerecida pelo mesmo jornal, e preparando-nos para sustentar as nossas opiniões, com aquella decencia e delicadeza devidas á gravidade da materia, ao titulo do periodico, e á posição das pessoas que nelle escreviam; sem nos passar pela idéa que poderiamos soffrer desgosto a este respeito, nem desattenção ou chasco daquelles redactores quando impugnassem os nossos argumentos dictados pelo mais inoffensivo e ingenuo patriotismo. Porém, vinte e hum dias depois, que se contaram 14 do corrente, appareceo no n.º 2099 da dita *Revolução,* hum artigo inqualificavel, debaixo da epigraphe de *Aguas,* no qual

em vez do debate proposto sobre a questão pendente, se busca ridiculisar do modo menos urbano, o articulista adverso das preeminencias estrangeiras. Causou-nos sensivel pezar a provocação immerecida por vir de parte donde não a esperavamos, e muito tempo hesitámos no que fariamos duvidando da placidez com que a nossa razão devia conduzir-nos a penna, n'hum instante em que a magoa deste golpe envenenado pela critica mais irreflectida, nos impellia a rebater o aggressor *tomado da sua colera* revestida de inconsiderados e desenxabidos gracejos.

Mas lendo e relendo as tres columnas do papel bastardo, julgámos indispensavel a todo o transe responder-lhe, analysando do seu escripto o que fosse susceptivel de ponderar-se, encarando com huma especie de dó, o producto do seu frenetico e revoltante empenho de deprimir as cousas patrias. Assim, máo grado nosso, e pungentemente afflictos por termos de combater com armas que detestamos pessoa que suppunhamos nossa affeiçoada, lhe apresentaremos o escudo que nos cobre, onde acaso poderam, e poderão reflectir os tiros que nos despedio, com o mesmo angulo de incidencia com que tocaram o alvo.

Começa o artigo pela epigraphe *Aguas*. Este titulo só, revela a idéa de que o author e os seus amigos (dissera amigos nossos) estão possuidos de sujeitar, estancar, ou tributar aquella que hé livre. *Aguas Livres* lhe chamavam, e por milagre ainda o adjectivo significa realmente o seu goso publico, franco e perenne; e elle já lhe supprimio o mesmo adjectivo indicador da sua franqueza. Nisto vai de accordo com as suas doutrinas, e tendencias de introduzir em Portugal todos os máos costumes que encontrou lá fóra, alcunhando-os de boas praticas, e de progresso de civilisação; mas nós, apesar *do nosso enlevo d'alma, da nossa excitação facticia, do nosso somno acordado,* pugnaremos para que as aguas de consumo publico, sejam como têm sido sempre franqueadas, podendo cada qual servir-se dellas a seu arbitrio; e por isso não consentindo que lhe usurpem o nome, lembrando ao povo que busque sustentar os

seus direitos neste ponto, insistindo para que ellas sejam assim chamadas, e effectivamente *Aguas Livres*.

Prosegue dizendo que não responde ao nosso *famoso galimatias;* donde inferimos que além de ser cousa para elle inintelligivel, não achou na lingua portugueza termo correspondente ao prototypo da sua idéa. Nisto tambem parece ir de accordo com o alcance dos seus conhecimentos, evidenciando-se o pouco ou nada que sabe das artes a que alludimos quando tratamos a questão da inconveniencia das torneiras e *destruição dos chafarizes;* sendo palpavel o nenhum uso que ha feito do compasso, regua, e tira-linhas para achar o módulo, o fuste, o plintho de huma columna, e os entablamentos de qualquer fachada, e alçado architectonico. Mas nós, apesar de *deturparmos as suas asserções* (que transcrevemos) *de não refutarmos os seus principios, de não mostrarmos os inconvenientes das suas indicações, e de não sustentarmos os cerebrinos encomios ás excellencias de Lisboa,* como elle assevera, julgamos que hum bom portuguez menos infamador das cousas nacionaes e menos hospede nos preceitos que ensinaram Vitruvio ou Du-Fresnoy, póde ajuizar diversamente, não discrepando da nossa opinião, que talvez peque por affecta de excessivo patriotismo, do qual muito nos honramos.

Diz que: *É hum desabafo habitual do articulista defender todas as barbaridades que huma longa indolencia e huma vaidade alvar tem consagrado como reliquias nacionaes.* E nós respondemos (sem conceder o facto) que existindo elle, nos glorificariamos de ser o eco e o interprete da maioria do nosso paiz, sustentando huma sua opinião fundada no sentimento de muitas gerações que fizeram consagrar *como reliquias nacionaes* qualquer objecto que possuimos; não tendo a estulta vaidade de suppormos reunidos na nossa pessoa tanto cabedal e meios, que a habilitassem a disputar primazias de gosto e de saber, com todas as intelligencias do mesmo paiz, as quaes por largo espaço assentiram a essa indicada consagração. Quanto mais que, não mencionando elle nenhuma outra *vaidade alvar,* além desta de julgarmos bons os nossos chafarizes, caduca tudo

que avançou de leve, falhando-lhe aquelle pretexto com que imaginou macular as tendencias publicas, inclinadas *por huma longa indolencia a consagrar abusões* que se não respeitam.

Diz que: *Aquelle engenho gosta de exercitar-se em emprezas arduas, e dedicou-se á reivindicação da nossa superioridade sobre todos os povos da terra.* E nós tornamos: Ainda bem que nos reconhece estes desejos que fariam o nosso timbre, se os titulos de nobreza fossem sempre huma verdade, pois pugnamos por ella, quando pretendemos exaltar a nação portugueza; assim as forças nos servissem para compellir ao silencio os seus injustos detractores que, á maneira de cigarras, levam meio anno a ensurdecer a humanidade, em quanto certo calor facticio as aviventa, e outro meio na inercia mais obscura e improductiva; repartindo a sua esteril existencia no emprego de hum susurro incommodo, e na contemplação *alvar* de quantas insignificancias e monstruosidades estranhas tomaram por bellezas e excellencias.

Diz que: *O fanatismo do passado tem muitos adeptos encobertos.* E nós accrescentamos que tambem publicos, vendo que os talentos mais subidos procuram imitar, e buscam saber Homero, Tacito, Virgilio e todos os antigos classicos da Grecia ou Roma; vendo que na Inglaterra hé quasi adorado Shakespear, na França admirado Racine, na Italia reproduzidos Machiavel, Dante, e Ariosto; na Hespanha venerado Calderon, e sabido o D. Quixote; e em Portugal decorado, commentado, e centenares de vezes impresso o primoroso poema dos Lusiadas. Portanto não deve estranhar-se esta affeição aos mestres que os modernos nem sequer rastejam, indo beber a todas as fontes de sciencia que os antigos descobriram: nem a justa admiração por tudo que huma serie de seculos reputou optimo, desprezando ao mesmo tempo esses pygmeus da época, os quaes de mistura com as suas diatribes, não podem apresentar documento de capacidade, que mereça passar aos vindouros.

Diz que: *Não responde verdadeiramente ao artigo do Patriota,* quando por hum pessimo abuso do seu talento escreveo perto de quatrocentas linhas, ácerca do que nelle vio, sem

fim util; e apenas *tomado de colera* contra a pessoa cujo escripto lhe *trazia á memoria hum certo typo vicioso do partido liberal, huma degeneração inconscia dos seus principios!* Degeneração inconscia dos seus principios!!! Aonde está ella? Não será o redactor do papel bastardo, aquelle que escreveo quinta feira 8 de março: *se algumas vez nos quizerem embair com os pundonores de huma nacionalidade, que só nos assegura a regalia de contribuintes, levando as mãos a esta ignominiosa cicatriz poderemos responder com ella aos discursos velhacos desses tribunos especuladores, cujo amor ás nossas glorias passadas, é affecto ás suas conveniencias e contemplação as pequenezas da sua ambição... Hum povo pequeno não vive, não hé senhor seu... Como as nações grandes são tudo, hé indispensavel ser nação grande para não cahir debaixo do dominio dellas!!!* Aquelle que assim resume todos os vicios destruidores do poder das nações, apagando-lhe o fogo da sua nacionalidade; aquelle que assim apostatou da religião do povo insinuando-lhe o desamor da sua independencia, hé que deve ser tido, e com effeito se póde chamar *typo vicioso, degeneração inconscia dos seus principios, hereje,* e todos esses outros nomes affrontosos de que o papel bastardo formiga sem cessar, contra a patria e seus fanaticos adoradores [1].

E a nossa pessoa, e o nosso escripto trouxeram-lhe á memoria o *typo degenerado e inconscio dos seus principios!* Mas nem elle, nem nós, traremos nunca á memoria de ninguem a união do nosso paiz á Hespanha, que ha de absorver-lhe o seu glorioso nome, a sua independencia, e a sua liberdade, como declaram querer os não typos, mas antypodas do partido verdadeiramente patriotico, o qual não quer essa politica, pois ella nos tornaria mais escravos do que todos os protocolos. Portuguezes primeiro que tudo, e depois resolver as questões internas por maioria de vontades, sem attender a huma ou ou-

[1] Quand l'idole est la gloire, le fanatisme est une vertu, et je voudrais, je l'avoue, voir tous les marins français *ultrà* fanatiques de la gloire du pavillon blanc.—*Babron.*

tra conveniencia, que inutilisaram o esforço mais heroico deste povo, e que deu começo e impulso a essa regeneração desenvolvida modernamente em toda a Europa.

Diz que: *O progresso para estes espiritos de contradicção hé huma cousa indefinida, vaga e incerta:* vinde cá, homem da *Revolução de Setembro,* abbade da igreja constitucional, missionario dos bons principios, e iniciador dos mysterios da civilisação moderna; porque não chamâmos *progresso* á demolição dos chafarizes de Lisboa, e sustentâmos a sua permanencia, do mesmo modo que na vossa dilecta cidade da Lama se conservam as *fontaines Desaix,* de *l'École de Médecine, des Innocens, des Invalides, de Grenelle* e *du Chatelet,* somos retrogrados ou estacionarios, e estamos em contradicção, indefinida e incerta?! Na verdade para concluir assim era mister que não admittissemos outros novos, quando nos sobrasse agua para elles; era mister sustentar a construcção dos pardieiros em que fallais, censurando a uniformidade *barbara e monotona* dos arruamentos da baixa como vós fazeis; era mister proclamar a conveniencia dos *bornes-fontaines* que apenas servem contra os fogos nessa terra classica (onde se apanha gente para a cortar em pedacinhos e vendel-os aos anatomicos, para aprenderem a sua profissão) dizendo que tem outros usos; e finalmente, era mister seguir o vosso methodo de argumentar como acabastes de fazer no artigo, e nos numeros da *Revolução* que temos diante dos olhos. Vê-se pois que a vossa accusação hé infundada, ficando-nos todo o direito de reclamar contra a incompetencia dos vossos julgamentos, e appellando delles para o publico, e para os verdadeiros juizes destes factos; e sem dar o menor peso a quanto vos cahio da penna denegrida pela critica, e sem o menor vislumbre de atacar o vosso melindre, vos declarâmos que, nem nós, nem muita outra gente que sabe o effeito do claro e escuro, que estudou o ponto optico da representação de qualquer objecto sobre huma superficie plana, que pegou n'um pincel, ou desenhou hum quadro, e que preza Camões e Diniz como os verdadeiros cantores da nossa gloria, póde subordinar a sua opinião em materia de gosto, de bellas

artes e de patriotismo ás vossas, por ventura, acertadas decisões.

Diz que: *o empenho do cantor dos gallegos e dos barris ainda hé mais espinhoso.* Pois quem entoou a cantiga, perguntâmos nós? Advertir-lhe que estes eram menos asquerosos do que os aguadeiros do Sena, e da cidade que acha excellente, hé cantal-os? Se alguma boa razão podesse servir ao seu intento, não soltaria hum remoque tão intempestivo e mal applicado; e ainda menos teria a insulsa lembrança de escrever que: *nenhum talento chasqueador, nenhuma dexteridade sofistica, nenhuma opulencia erudita bastarão para mostrar as amenidades da poeira, da sequidão, da sordidez, dos fedores, dos incendios, dos monturos, da pouca agoa e da má composição della.* Quem pretende sustentar tamanhos disparates hé o propugnador dos tanques cobertos, o introductor das torneiras em vez dos chafarizes, o bebedor da immunda agua do Sena, o admirador das odoriferas conductas para Pantin, e o enthusiastico locatario dos pizos de tijolo que se desfazem todos em poeira encarnada.

Diz que: *só quando Lisboa for na intelligencia, na industria, nos embellezamentos, nas recreações huma capital como as mais famosas da Europa, se irão espalhando pelo reino estes elementos de civilisação por sua indole expansivos.* E nós dizemos que nada disto hé exacto, porque Lisboa não hé inferior ás outras capitaes; e quem a colloca abaixo dellas hé a *Revolução de Setembro,* fazendo nisto coro com os seus detractores, com os inimigos da industria portugueza, com todos os estrangeiros que pretendem vender no paiz os seus artefactos, e não podem apresentar em contraposição das suas excellencias, nesses fócos de luzes que nos dão por espelhos hum aqueducto como o das *Aguas Livres,* huma praça como a do Commercio, huma porção de cidade como a nossa cidade nova, buscando-se ali seguir-nos neste ponto como se está fazendo em Londres desde 1825. Portanto, declarâmos que o dito coro hé indigno de ouvir-se, e deve ser desprezado por parcial e injusto, não se admittindo na igreja orthodoxa

dos verdadeiros constitucionaes, estes dissidentes da sua doutrina popular e patriotica, banindo-os do santuario nacional como inimigos das suas mais proficuas e arreigadas crenças.

Diz que: não o entendemos, deturpámos as suas asserções, não refutámos os seus principios, torturámos as historias antigas e modernas, afogámos a hydraulica, crucificámos a architectura, e queimámos a chimica. E nós replicâmos que, pelo entendermos de sobejo, lhe fizemos demonstração rigorosa e methodica dos absurdos da sua archi-maniaca estrangeirice, nos bebedoiros cobertos, nos *bornes-fontaines* ou torneiras, no estancamento das *Aguas Livres*, e na applicação barbara do camartelo anglo-francez á demolição dos nossos bons chafarizes de Lisboa. Agora quanto aos chascos envolvidos neste paragrapho, será bom que os esqueça por hum pouco, e declare quaes foram os pontos torturados; o logar e quantidade da immersão; o calvario em que levantámos a cruz, e qual das cinco ordens nos servio de Christo; e finalmente de que modo nos introduzimos no laboratorio da sua polytechnica redacção, e como fundimos nos seus cadinhos essas substancias a que allude. Quando tiver restabelecido assim a questão principal, faremos de novo a diligencia por destruir com razões pouco pretenciosas, a perniciosidade das medidas que propoz no seu n.º 2068; e confiâmos em Deos e no nosso patriotismo, que havemos de justificar o povo portuguez das accusações que lhe dirigio, provando-lhe que está muito acima dos seus pretendidos mestres: que hé mais polido, mais sensato e mais intelligente do que a maior parte daquelles que lhe dão por modelos; que não deve, nem quer, nem ha de trabalhar para perder a sua heroica independencia; que Lisboa não foi *vencida nem escrava*, como disse a *Revolução* em 1846; e que se o partido popular houvera tido outros chefes nunca em Portugal appareceria o resultado do protocolo que nos algemou.

§ 3.º

Na *Revolução de Setembro*, n.º 2113 de 30 de março, vem huma correspondencia relativa á empresa e proposta de hum

novo systema administrativo das *Aguas Livres* de Lisboa, com a opinião dos seus redactores sobre esta materia.

Posto se julgue quasi concluido este negocio e pouca ou nenhuma esperança nos assista de estorvar o effeito de tamanha calamidade pelos brados que soltâmos, nem por isso deixaremos vogar livremente a ideia capital de todo elle, que desde o principio combatemos, demonstrando as suas perniciosissimas consequencias.

Já dissemos nos n.os 1406 e 1482 do *Patriota* que não convinha commetter-se este objecto de consummo publico a empresa ou companhia alguma; e hoje desespera-nos esta acquiesciencia que parece dar-se ao estancamento das *Aguas Livres* proposto pela agiotagem, e seguido por quem com tal especulação lembra dotar a camara em prejuizo do povo.

Primeiro que tudo temos por pouco exacto o calculo do consummo da agua e exorbitante o orçamento do seu custo, apresentado na correspondencia, pois bem que ambos se fundem no numero de fogos que servem aos recenseamentos eleitoraes, não se attendeo aos componentes de cada hum para obter-se o termo medio do gasto diario, ou a unidade comparativa do valor annual da cousa em preço, a qual, segundo a mesma correspondencia monta a 381:600$000 réis. Seguindo as melhores estatisticas, computam-se nesta cidade 5 individuos em cada fogo, que consomem proximamente 7 canadas por cabeça ou 2 barris diarios por fogo. Cada barril paga-se no verão a 20 réis, e no inverno a 15 réis e mesmo a 10 réis, como hoje acontece nos bairros suppridos pelos aguadeiros da Esperança, do Caes do Tojo e das Janellas Verdes. Portanto deduz-se que os 20:000 fogos do calculo normal dispendem 144:000$000 réis na compra dos 7.200:000 barris dos seis mezes de estio, e 108:000$000 réis naquelles da quadra invernosa, cuja somma perfaz a quantia de 252:000$000 réis, desprezando-se os 5:000 fógos do mesmo calculo, que podem suppor-se fornecidos pelos seus criados, e os 7:272 restantes de indigentes, que vão supprir-se aos mananciaes communs.

Mas não hé esta a questão; ganhe muito ou pouco a em-

presa, ganhe ou deixe de ganhar a camara, isso pertence-lhe e aos especuladores desta nova detestavel industria; para nós hé, e deve apenas ser questão, o vexame resultante do estancamento da *Agua Livre*, e o systema regulador da sua futura distribuição differente daquelle que está em pratica. A ideia de tirar dinheiro do povo, vendendo-lhe huma cousa que já hé sua, e que elle, em consequencia desta iniqua usurpação, ha de vir a comprar mais ou menos cara, hé que nós combatemos. Embora se diga que a empresa ou a camara hão de franquear a agua, tributando tão sómente aquella que fizerem correr nas casas particulares; isto bem meditado importa o mesmo que diminuir-lhe o quantitativo gratuito, de sorte que o povo seja constrangido a contratar o seu supprimento.

A agua, como está, franca e n'hum curso perenne, póde tomar-se a toda a hora do dia e da noite, conforme convem á população, de maneira que raras vezes ha grande affluencia nos chafarizes; quando, sendo ella colhida a horas certas e em tempo limitado, haverá nelles tumulto, muita gente sentirá a sua falta, e os trabalhos domesticos ficarão subordinados á hydrodynamica horaria deste confuso e simultaneo serviço. De tal intermittencia, prevista insidiosamente para o fim unico de todo este immoral negocio, ha de concluir-se, repetimos, a necessidade de recorrer aos interesseiros especuladores da bolça alheia que, promettendo franquear agua em abundancia para quem a quizer colher nas fontes publicas, hão de vender o seu encanamento ou conducção, livres de competidores.

E assim veremos no nosso paiz introduzida huma medida que, debaixo do pretexto de progresso e melhores praticas, vexará os habitantes, como tem acontecido na importação de milhares de providencias abusivas dos bons costumes, fóros, isenções e regalias do povo portuguez.

Nestes termos insistimos na actual ordem de cousas a este respeito, pugnando pela franqueza da *Agua Livre*, correndo perennemente, como tem corrido desde o tempo de El-Rei D. João V, não admittindo, quanto a nós, nenhuma alteração no modo por que ella hé fornecida e administrada.

Quando o sr. conselheiro Francisco José Vieira foi incumbido da administração das obras da *Agua Livre,* não lhe lembrou, nem ao governo de então, quartar o seu recebimento, mas sim trazel-a á cidade em maior abundancia, e por isso buscaram aproveitar novas vertentes, susceptiveis de conduzir-se ao aqueducto geral, começando-se logo e concluindo-se quasi aquelle a que chamam *obra nova.*

Sabe-se que, sem maiores tributos, e applicando só as rendas estabelecidas pelas leis antigas, dentro de poucos annos poderia haver em Lisboa tantas fontes e tanta agua que nenhuma outra terra lhe fosse comparavel. Estimâmos que se fulmine o abuso administrativo e desvio das rendas nacionaes, assim como o pouco esmero na policia e limpeza dos chafarizes; porém magoa-nos o coração a incomprehensivel tendencia de maldizer, senão abandonar, poucas cousas boas que ainda possuimos, mormente esta que nos occupa, a qual vemos ameaçada por amigos e inimigos, não obstante ser huma pratica liberal e de summa importancia para o povo do municipio.

Hé pois dever de bom cidadão e de verdadeiro patriota bradar contra aquillo que póde atacar ou ferir os interesses communs, clamando contra a empresa e contra o estancamento das *Aguas Livres.* Embora ninguem nos attenda; a nossa consciencia induz-nos a dizer que este goso antigo do povo de Lisboa lhe deve ser conservado, que elle não lhe resultou da adopção do systema constitucional, que não lhe proveio da restauração do throno legitimo; e por isso que, sendo hum direito de que tinha posse indisputavel e não concedida por pessoas ou cousas que hoje nos regem, hé inalienavel por estas, não podendo ninguem mercadejar com elle sem offensa do uso e fructo da sua propriedade.

*Aguas Livres,* clamâmos, sempre e a toda a hora do dia e da noite para quem quizer colhel-as, sendo nossa opinião que deve o povo requerer por todos os modos e maneiras a permanencia da legislação e praticas vigentes neste ponto, entendendo-se que do seu transtorno ha de nascer hum vexame, e hum

tributo sobre cousa até hoje franquissima e intributavel como o ar e o fogo. Estes tres elementos de existencia animal, devem ser e são na verdade livres no nosso paiz; concluindo-se que, debaixo deste principio, nenhuma medida exotica por mais vantajosa que pareça, lhe hé applicavel, pois necessariamente involverá a ideia da dependencia, da sede, da fome, da miseria, da contribuição e da falta da liberdade do povo.

Diz-se que *muitas casas pagarão mais de 1$440 réis por mez para terem agua á sua vontade e não aturarem aguadeiros*. E nós dizemos que para ter agua sim, se a medida vingar, porém nunca para excluir os aguadeiros. Sabe-se que a maior parte das familias que compram agua, por falta de criados, servem-se dos aguadeiros freguezes, que lhe fazem os recados e mais officios domesticos mediante pequena gratificação mensal, ou mesmo pagando-lhe o barril constantemente a 20 réis. De sorte que, longe desta innovação ser proveitosa e economica, torna-se incommoda e cara.

Hé notoria a indole prestadia e humilde dos aguadeiros, servindo gratuitamente nos incendios, na conducção dos doentes e feridos que apparecem, e n'outros mesteres a cargo da policia preventiva. Daqui resulta que o povo hé soccorrido sem vexame nem contribuir especialmente para isso, vindo a acontecer o contrario se faltarem os aguadeiros.

Já a imprensa lembrou a criação de huma companhia de bombeiros, e esta proposta vem incluida no projecto do estancamento da *Agua Livre;* mas este uso, que será bom n'outros paizes faltos de cinco mil individuos, como aqui, destinados a prestar auxilio nos incendios, hé pessimo entre nós que podemos dispor de tantos braços simultaneamente para este fim. E nisto temos huma vantagem tanto maior, quanta hé a differença do serviço prestado por cinco mil pessoas, áquelle que hão de prestar cem ou duzentos do futuro corpo dos bombeiros. Agora, quanto ao seu intertenimento, claro está que fica desde logo a cargo do municipio, não descendo talvez de réis 50:000$000 ou 60:000$000; acrescendo a este novo onus huma outra algema, hum outro instrumento de oppressão que

talvez escapasse aos apaixonados do estrangeirismo, porém que o governo terá na mente; isto hé, que ha de o povo manter mais huma força, a qual, não bastando só para atalhar incendios nem salvar os edificios, lhe ha de assentar a espada nos lombos, conduzindo este e aquelle ao logar do perigo, expondo á voragem quem lhe parecer; e depois disto, entrando por companhias nas eleições e commettendo toda a especie de insolencia que lhe mandarem.

Temos tambem, para aformosear este bello quadro da situação que nos espera, delineado pelos idolatras do estrangeirismo, que, se os aguadeiros até hoje nos levavam o metal precioso, não nos cuspindo injurias depois de ricos, sendo pela maior parte humildes e officiosos, daqui por diante, se huma companhia de estrangeiros e estrangeirados poder excluil-os e vender-nos a applicação dos seus braços, havemos de ser insultados, cuspidos e vexados em todas as occasiões, tempo e logar, e finalmente ser tidos pelos nossos oppressores em menos conta, apropriando-se do nosso dinheiro e deixando-nos na miseria.

Á vista do exposto, e concluindo por ora este artigo para não tomar muito espaço do jornal, insistimos em lembrar ao povo que brade pela conservação dos chafarizes publicos, pelos aguadeiros que o servem, não exigindo estes consideração alguma nem outra recompensa mais que a tenue paga do seu serviço; e pelas *Aguas Livres*, e tão livres como têm sido desde o tempo de El-Rei D. João V até hoje.

## XVI

### OS PORTUGUEZES NA INDIA

Ha em Portugal hum certo grupo de litteratos e de jovens estadistas que o accusam de insignificante, de pobre, de pequeno, de atrazado em civilisação, e de quantos defeitos o devem abater e annullar aos olhos da Europa, inculcando-se como dotados de força e meios capazes de o tornar importante, pondo em relevo o genio dos seus adherentes industriaes, filosophos, legisladores, e mais homens de acção e de conselho (apesar de novos) amestrados pelo esforço dos seus talentos, em todas as sciencias que podem contribuir para o aperfeiçoamento das sociedades humanas.

Hé de suppor que taes desdens do que temos sido no derradeiro seculo e somos actualmente, taes aspirações no futuro que elles lhe preparam, e taes gabos aos admiraveis restauradores da gloria nacional, venham da convicção de quem acredita na efficacidade dos seus projectos e superioridade dos seus dotes intellectuaes; esquecendo-se de que são elles mesmos, os que deprimem o paiz, quer aceitando, sem os combater, esses desfavores com que hé tratado, e a pouca conta em que hé tido; quer sendo os primeiros a enegrecer quanto lhe pertence, prejudicando-lhe o seu presente, de modo que não será possivel rehabilital-o no futuro.

Mas seja illusão, seja realidade quanto se attribuem de profiquo e aproveitavel, pela nossa parte não queremos duvidar da excellencia dos remedios em mente, nem da habilidade dos que trabalham por diminuir, no seu conceito, os males da

patria, o que nos parece hé não carecer ella de novos obreiros para manter o seu decóro, nem estar na pessima situação a que a dizem reduzida, e de cujo estado apenas póde ressurgir auxiliada pelos preconisados Epaminondas que a devem exaltar *(Thebanus dux optimus cumquo Thebanorum gloria, et nata et extincta dicitur)* sem que se tenha bem presente o que foram os Portuguezes; sem que deixem de recordar-se e fazer valer os serviços por elles prestados ás gerações actuaes, desbravando terrenos incultos, domesticando póvos barbaros, cathechisando idolatras, e introduzindo o commercio europeo, á força de armas, e por actos de nunca excedido valor e sagacissima politica no centro dos mais recatados e poderosos imperios.

Não hé esquecendo o que fomos e fizemos, que se inspiram idéas de patriotismo e de nobres emprezas ás gerações modernas, nem ás que lhe hão de succeder, pois desconfiarão de si possuidas como devem ficar e lhe fazem persuadir os interessados no nosso abatimento, de que nada valemos e nada conseguiremos sendo huma nação infima e dependente, em tudo e por tudo, de protecção externa. Com tal proceder, propagando taes doutrinas e predispondo o paiz a submetter-se a quantas violencias lhe destinarem sem reagir, impressionado da idéa da sua pequenez, do seu atrazo e fraqueza, ainda que fossem verdadeiros Epaminondas, como dissemos, nunca elles alcançariam excitar o espirito publico e mover os cidadãos a praticar actos de valor, conquistando pelo seu heroismo e sacrificios, sua nobreza de caracter e audacia, a consideração que hé devida, e se obtem collectiva ou individualmente por hum singular e honroso patriotismo.

Convencidos como estamos desta verdade, e certos de que só assim o povo Portuguez conservará huma posição digna do nome que herdou, e hé compativel com as circumstancias politicas do estado actual do mundo civilisado, não cansaremos de repetir os actos de galhardia que alguns nacionaes praticaram ou praticam em occasiões difficeis, e a consideração que d'ahi nos resultou.

O successo que vamos narrar, foi publico e authentico, sem até hoje ser impugnado, limitando-nos por hoje a copiar textualmente o que veio referido na *Gazeta de Lisboa* n.º 28, de quinta feira 10 de julho de 1732.

*Gazeta de Lisboa* n.º 28, quinta feira 10 de julho de 1732:

«Por cartas que se recebêrão de Goa, escritas em 27 de «Junho do anno passado, por João de Saldanha da Gama, Vice-«Rey, e Capitão General do Estado da India, se sabe, que ha-«vendo o Regulo Maratâ, inimigo do mesmo Estado, posto sitio «á Praça de Manorá, na Provincia do Norte, que se achava go-«vernada por D. Francisco Barão de Galenfelds, e no ultimo «aperto, por se haverem recolhido á Praça todos os morado-«res do campo, e se ter apoderado o inimigo da agua de que «costumavão proverse, e guarnecido com artelharia, e mos-«quetaria as margens dos rios, para lhe impedir o soccorro, «lho mandou introduzir a todo o risco, Martinho da Silveira «de Menezes, General da Provincia do Norte, encarregando «esta acção a Antonio dos Santos, que governava o campo, e «a Infantaria da mesma Provincia; o qual embarcando-se em «algumas Manchuas com 150 Granadeiros Portuguezes, e 200 «Infantes Canarins, a que se dá alli o nome de Sipaens, entrou «pelo rio, rompendo as estacadas que os inimigos tinham feito «em varios sitios, e navegando por bayxo do fogo que lhe fa-«zião das trincheiras, que havião fabricado em huma, e outra «margem, dezembarcou com a espada na mão, meya legoa de «distancia da Praça sitiada, e atacando as trincheiras deixou «a agua livre, e introduzio o soccorro. Os inimigos retroce-«dendo sempre, se retirárão ao seu campo, e Antonio dos «Santos os foy buscar nelle, aproveitando-se do ardor que ob-«servou nos granadeiros que conduzia. Sahirão a recebello os «inimigos com 200 cavallos, e todos os seus Sipaens. Os que «seguião o nosso partido em vendo a Cavallaria se puzerão «em fugida, excepto 25 que ficárão unidos com os nossos Gra-«nadeiros. Cercárão os inimigos por todos os lados a Antonio «dos Santos, e este mostrando não só o seu natural valor, mas «a sua sciencia militar, formou da sua gente hum corpo de

«quatro faces, que no mesmo tempo pelejou com os inimigos «tam intrepida, e tam dezesperadamente que depois de per- «derem 60 cavallos, e mais de 150 Sipaens, fugirão em de- «zordem, dezamparando o seu campo; e duas peças de arte- «lharia que nelle tinham, ficando toda a sua bagagem exposta «ao saque dos nossos Soldados, sem que nos custasse esta ac- «ção mais que as vidas de dous Sargentos, de seis Soldados «Portuguezes, e de cinco Canarins, e as feridas que recebe- «rão dezasete de ambas as naçoens.

«Refizerão os inimigos a sua fórma, e vendo que Antonio «dos Santos se retirava, marchárão a picarlhe retaguarda; «mas elle fazendo voltar caras, os carregou com tanta força, «que os fez retirar segunda vez, cauzandolhes tanto terror «que se não atreverão a talar mais a campanha, e se recolhe- «rão ao simo das serras circumvizinhas. Antonio dos Santos «vendo a fortuna da sua parte, e ponderando os effeitos «que podia fazer nos inimigos o seu medo, quiz valerse da «conjuntura, e os foy atacar na serra chamada da Judana, que «álem de ser impenetravel, tinhão levantado nella varias for- «tificaçoens para sua defença. Occupou sem disputa huma «eminencia que ficava paralella á em que elles se achavão, fez «sobre elles fogo hum dia inteiro, tam forte, e tam continuo «que não podendo já suportalo os inimigos largárão o sitio, e «Antonio dos Santos, deixando-o presidiado, se recolheo ao «campo, não lhe custando este bom successo, mais que as fe- «ridas de dous homens».

(Continua na *Gazeta* n.º 29, de 17 de julho de 1732):

«O General Martinho da Silveira, querendo de todo apartar «das vizinhanças de Manorá as Tropas inimigas, ordenou ao «mesmo Antonio dos Santos, que os fosse atacar na serra de «Chandevari; porém achou-se que tinhão nella todo o grosso «do seu Exercito, e os passos tam fortificados, que fazia muy «arriscada a empreza. Nestes termos tomou a resolução de «mandar-lhe atacar a Praça de Biundin, ameaçando ao mesmo «tempo a de Galeana com bombas, e artelharia, posta em ba- «teloens, que para isso fez preparar. Os inimigos prevendo

«por conjecturas esta resolução, puzerão o grosso das suas «forças em Biundin. Antonio dos Santos foy a esta expedição «com 250 Portuguezes, e 450 Sipaens, todos embarcados em «40 galvetas. Entrou no rio, esperarão-no na praya os Mara-«tás, e sem embargo da vigoroza defença, que fizerão, dezem-«barcárão os Portuguezes com as bayonetas nas espingardas, «e os atacárão tão destimidamente que elles se forão retirando «até o seu Bazar; porém tão carregados pelos Portuguezes, «que chegárão a entrar com elles pelas portas do mesmo Ba-«zar, donde depois de haverem entregado ao fogo mais de «cem cazas, se tornárão a recolher com boa ordem ás suas «embarcaçoens; custando-nos esta acção sómente tres Solda-«dos, que nella perderão a vida, por que de vinte e tantos «que ficárão feridos, livrárão todos. Os inimigos vendo tam re-«petidos os nossos felizes progressos, se retirárão ao seu paiz, «sem se atreverem a commetter mais hostilidades contra os do «Estado. Os Sipaens, que pelejavão da nossa parte, vendo que «hum corpo formado era capaz de se defender da Cavallaria, «a quem tinhão horror, procedêrão nesta ultima occazião com «mais valor, e com melhor acordo.

«Na Ilha de Bombaim se virão os Inglezes em termos de «serem atacados pelo Angariâ, no seu mesmo porto, achan-«do-se nelle só com tres embarcaçoens de Guerra pequenas, e «a Praça sem a guarnição preciza para a sua defença. Entrou «cazualmente naquelle porto, Luis Vieira Matozo, Fiscal da «Armada Portugueza naquelle Estado. Achava-se o Angariâ «com huma Armada, que constava de 9 Palas, e 30 galvetas «de Guerra, com mais de 2:000 homens de peleja, álem de ou-«tras 30 embarcaçoens com gente de rezerva, para reforçar «os primeiros combatentes, e Luis Vieira, não só por contri-«buir para o destroço de hum barbaro, sempre inimigo do «Estado Portuguez, mas para soccorrer huma nação, que sem-«pre se experimentou amiga desta Corôa, unindo-se com as «tres embarcaçoens, pelejou contra os inimigos com tanta acti-«vidade, e valor, que os fez retirar do Porto, livrando de cuida-«do aos Inglezes, até se recolherem as suas embarcaçoens de

«guerra, que se achavão fóra; acção, que se festejou publica-
«mente em Bombaim, e o General mandou agradecer ao Vice-
«Rey com as expressoens, de ficar reconhecendo que devião
«aos Portuguezes a sua conservação.»

Hé deste modo, com tal coragem, com igual amor ao seu paiz, com tão desproporcionaes meios de combater, que os Portuguezes estão avezados a pelejar e a resistir aos seus inimigos. Quer no mar, quer na terra, as Sacrosantas Quinas venceram sempre as meias luas, e crescentes das bandeiras encarnadas; e mesmo todas as outras que desafiavam o seu valor: e quando por excepção, por circumstancias imprevistas e rarissimas vezes exemplificadas, o soldado ou marinheiro Portuguez tinha de largar a espada, só lhe cahia das mãos perdendo a vida honrosa e nobilissimamente.

Aqui temos pois os Portuguezes na India, não só combatendo os inimigos do estado por offensas proprias, se não por ellas feitas aos Inglezes que estiveram em risco de perder Bombaim. Era por tão heroico proceder que o nosso nome se tornou famoso e respeitado, penetrando a fama das victorias por nós ganhas no centro dos mais incognitos logares da Asia. Veja-se bem o valor com que cento e cincoenta filhos desta terra de Portugal, auxiliados por duzentos Canarins, que logo os abandonaram no começo da acção (menos vinte e cinco que ficaram firmes) resistiram, e fizeram debandar duzentos Mahrattas de cavallaria? Como duzentos e cincoenta Portuguezes e quatrocentos e cincoenta Sipaes, atacaram e venceram hum exercito daquelles bellicosos inimigos; e como depois Luiz Vieira, fiscal da Armada de Goa, bateo a armada do Angriá que ameaçava Bombaim com huma força de 9 pálas (que são navios de 28 a 30 peças), 30 galvetas e mais 30 outros vasos? isto hé, 69 embarcações contendo dois mil homens de peleja, além das suas respectivas equipagens! Como Luiz Vieira desbaratou esta armada, e com que insignificantes meios?! Hé sabido que no tempo do Conde de Sandomil, apenas havia em Goa quatro fragatas e algumas galvetas, as quaes se dividiam em duas armadas do Norte e Sul; e que foi o Conde da Ega que augmentou a Ma-

rinha daquelle Estado, levando-a ao ponto de contar no rio de Pangim sete fragatas, duas manchuas, de 9 peças cada huma; huma curveta tambem de 9, e huma barca bombardeira; quatro galvetas de 5 peças, e até por ultimo a náo *Madre de Deos*, de 60; mas este poder tornou a decair, pois no anno de 1771 apenas havia tres fragatas de 50, 36 e 28 peças; galera *Senhora dos Milagres* de 20, hum brigue de 13, huma escuna de 9, tres galvetas de 9, cinco manchuas tambem de 9, e 12 langabotes de huma peça para defeza dos rios. No entretanto com esta pequena força, eram temidos os Portuguezes, e o serão sempre, quando dissensões internas, ou as ordens da côrte não lhes desviem a attenção ou inspirem desalento. «*Com outo fragatas de guerra, duas de* 40 *peças, duas de* 36, «*duas de* 24 *e duas de* 20, *tremerá a Asia de nós*», dizia o valente e patriotico Conde da Ega no seu officio de 25 de janeiro de 1759 ao ministro Thomé Joaquim da Costa Côrte Real.

Nesta occasião da defeza de Bombaim pelo nosso fiscal, não excedia o numero de vasos da nossa armada, a duas fragatas, duas galvetas, e tres manchuas, porém essas bastaram para sustentar aquella importante cidade aos Inglezes. Por este glorioso successo, informava o Conde de Sandomil em 23 de janeiro de 1735 sobre os serviços do mesmo fiscal: *Recebendo ordem para entrar no porto de Bombaim, aonde esteve cinco mezes, soccorreo aos Inglezes contra o Angriá, commandando tambem a sua armada* (já officiaes nossos commandaram forças inglezas) *até recolher no dito porto todas as embarcaçoens do commercio dos Inglezes, como consta da carta do seu General.* Mas que homem era este Luiz Vieira? Hé preciso ler os officios dos Governadores da India, para se poder avaliar o seu merito, e de outros muitos, como José Barbosa Leal, o Almirante Antonio de Figueiredo e Utra, D. Francisco Souto Maior, Antonio de Albuquerque Coelho, e muitos mais, cuja honra, valor e desinteresse poderiam servir de exemplo aos mais distinctos guerreiros de todos os paizes. Deste que especialmente inculcâmos, e cujo caracter e nobre conducta o tornaram tão

aceito ao vice-Rei Conde de Sandomil, repetiremos aqui a sua biographia, bem que já publicada no tomo 3.º do nosso *Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente;* porque entendemos ser de grande utilidade publica, insistir nestas noticias abonadoras da nobreza dos Marinheiros e soldados portuguezes que por tantos titulos mereceram, e merecem as bençãos da patria. Eis a informação biographica dada pelo Vice-Rei:

«*Luiz Vieira Mattoso.* Servio a Vossa Magestade nesse Reino «quatro annos e se achou em algumas Campanhas, e occupou «ultimamente o posto de Alferes; no anno de 712 veyo para «este Estado com a Patente de Cappitão de Infanteria de via«gem, e nelle tem occupado os postos de segundo e primeiro «Cappitão Tenente, Cappitão de mar e guerra, e Fiscal, Almi«rante da Armada, que hoje exercita, e no discurso deste tem«po fez dezessete Armadas em que entrarão duas do Estreyto, «e duas de Mombassa, e achou-se em dous combates contra o «Arabio, sendo Cappitão de mar e guerra teve licença para se «agregar a huma das Companhias do Terço durante a expu«gnação da praça de Bicholim; na ultima Armada que se fez «a Mombassa, sendo Cappitão de mar e guerra, se embarcou «por soldado agregado a huma Companhia de Granadeyros, «sendo Fiscal se embarcou por Commandante da Armada do «Norte, e recebendo ordem de entrar no porto de Bombaim, «aonde esteve cinco mezes, soccorreo aos Inglezes contra o «Angriá, commandando tambem a sua Armada athé recolher «no dito porto todas as embarcações do Commercio dos In«glezes, como consta da carta do seu General, e em todos es«tas occasiões fez algumas despezas extraordinarias da sua «fazenda, sem haver recebido mais que duas ajudas de custo, «huma de seis centos, e outra de quinhentos pardáos,» etc.

Na India, este e outros militares, serviam em todas as armas de mar e terra, e o seu patriotismo e desejo de ganhar honrado nome, quando não podiam entrar nos combates que ali se pelejavam, aggregavam-se como soldados a qualquer companhia sem vencimento algum, e lá íam arriscar fazenda e vida, como este fez e fizeram outros que nomearemos, pois

hé justo que não fiquem esquecidos quando se falla dos Marinheiros e soldados da India.

«Miguel Henriques Gorjão. Serve a V. Magestade neste Es-«tado ha vinte e hum annos, em praça de soldado, Cappitão «de Infanteria de viagem da Náo N. Senhora da Esperança, «Capitão Tenente da Coroa, Cabo de cinco Manchuas de guer-«ra, Capitão de Mar e Guerra da Náo Santiago que foy de soc-«corro á praça de Moçambique, Capitão de Mar e guerra da «Coroa, Capitão mór da Náo Aparecida que foy para o Reino, «na monção de 730: e da Náo Madre de Deos, que do Reino «voltou para este Estado, e Capitão de Mar e guerra da Coroa, «que actualmente exercita, havendo-se embarcado em varias «Armadas em que sempre procedeo com valor e acerto; hé «homem muyto bem nascido, e de quem athé o presente não «tenho tido a mais leve queixa. Etc.

«Antonio de Brito da Silva e Antonio Marinho de Moura. «Como estes dous officiaes vierão servir a V. Magestade neste «Estado por tempo limitado, e se lhes acaba brevemente, e «me consta que não querem ficar servindo nelle, só devo di-«zer a V. Magestade, que em qualquer parte será util o seu «serviço, porque são muyto habeis no exercicio da Marinha «pelo seu valor, e sciencia, e Antonio Marinho pela differença «do entendimento, e boa instrucção que tem de varias outras «materias.»

«Antonio de Brito Freyre. Este official ainda me paresse «mais capaz que os dous em que fallo a V. Magestade na scien-«cia da Marinha; hé muyto activo e desembaraçado, e de suf-«ficiente entendimento; o procedimento hé bom, e me paresse «que em tendo mais annos de idade, será capaz de mayor lu-«gar neste exercicio.

«Manoel Rodrigues Prestes. Este official serve a V. Mages-«tade neste Estado ha mais de quarenta annos em praça de «soldado, Sargento supra, e do numero, Alferes de Infanteria, «Cappitão de huma Manchua de guerra em Baçaim, e Cappi-«tão de alguns Navios com que deu Comboy a muytas embar-«caçoens de Commercio, Cappitão Tenente, e Cappitão de Mar

«e guerra da Coroa, Cappitão da Praça e Serra de Asserim, «Cappitão da Fortaleza da Agoada, e actualmente Cappitão da «Fortaleza de Rachol e terras de Salcete, e Deputado da Junta «Geral do Commercio de Moçambique; embarcousse em nove «Armadas que sahirão desta cidade de Goa para varias partes, «além de quarenta e oito embarques que fez no Norte sendo «Cappitão de infanteria, e Cappitão de duas Manchuas, hindo «em varias occasioens por Commandante da Armada de remo «daquella Provincia; achousse em tres combates com a Ar«mada do Arabio, e em varias outras peleijas com o Savagi, «Angriá, e outros inimigos do Estado; achousse na tomada de «Bicholim, embarcou-se para o Estreito de Méca, aonde pelei«jou com dous Navios do Arabio aos quaes pôs em fugida; «introduzio soccorro na Praça de Chaul por entre a opozição «de quarenta Galvetas do Angriá e serviço de Tanadar mór «destas Ilhas de Goa sem vencimento algum da Fazenda Real, «nem das Aldeas. Este homem tem excellente procedimento, «e bastante capacidade; tenho-o por summamente verdadeiro «e delle me aproveito para ser bem informado; paresseme ca«paz de todo o emprego militar, e economico do serviço de «V. Magestade.

«Manoel Pereira Coutinho. Fidalgo da Casa de V. Magesta«de, e enteado do Desembargador Gregorio Pereyra Fidalgo, «tem servido a V. Magestade dezoito annos e oito mezes desde «o anno de 1716 em que veyo do Reyno por Cappitão de In«fanteria de huma companhia da Náo de Viagem, occupou os «postos de segundo e primeyro Cappitão Tenente da Coroa, «Ajudante de Campo na campanha de Culabo e Cappitão de «Mar e guerra que actualmente exercita; embarcousse em oito «Armadas, tres dellas de alto bordo; este official serve com «muyto boa vontade, offerecendo-se sempre para todas as oc«casioens, tem muyto brio e sufficiente entendimento: pares«seme que no exercicio da Marinha, e em qualquer outra oc«cupação militar, dará muyto boa conta de sy.

«Manoel Felix Vallente. Tem servido a V. Magestade em «praça de soldado, Alferes, Cappitão da guarda do Arcebispo

«Primaz sendo Governador, Cappitão Tenente, Cappitão de «Mar e guerra da Coroa, Cappitão mor da Fortaleza de Ange-«diva, e Cappitão mór da Armada do Canará e Costa do Sul, «e se embarcou em dez Armadas, quatro dellas de alto bordo; «este official tem sufficiente entendimento, muyto bom modo, «e gravidade, e me consta que hé muyto bem instruido no exer-«cicio da Marinha, com muyto boa noticia da Pilotage, de sorte «que me paresse, que poderá dignamente occupar qualquer «posto no dito exercicio.

«D. Francisco Sotto Mayor. Veyo do Reyno ha trinta e qua-«tro annos, e tem occupado os postos de Cappitão de huma «Companhia de Infanteria da Náo de Viagem do Reyno, Cap-«pitão de outra do Terço deste Estado, Cappitão de Mar e «guerra da Corte, Cappitão mór dos Rios desta Cidade, Cap-«pitão e Governador da Fragata que fez viagem para Macáo, «Fiscal da Armada de alto bordo do Estreyto de Ormus e mar «roxo, Mestre de Campo do Terço deste Estado, Castellão da «Fortaleza de Dio, segunda vez Mestre de Campo por Patente «Real, Vedor geral da Fazenda, e terceyra vez Mestre de Cam-«po, Governador de Moçambique e Rios, e ultimamente se-«gunda vez Vedor da Fazenda; e ainda que teve seus emba-«raços em Vedor da Fazenda e Governador de Moçambique, «de todos sahio livre; hé valleroso e de boa intenção, e ainda «que o juizo não hé muito, e as expressoens pouco limadas, «não póde ser inutil ao serviço de V. Magestade hum homem «com experiencia de trinta e quatro annos neste Estado, sobre «a distincção do seu nascimento. Algumas pessoas disserão «que era ambicioso e amigo de contractos, e ainda que sey que «está incurso neste segundo deffeito, não me consta que com «elle prejudicasse ao serviço de V. Magestade, antes pelo con-«trario acodio por muytas vezes a elle com o seu cabedal, de «sorte que a Fazenda Real lhe hé ainda devedora de perto de «quarenta mil xerafins, e com a mesma largueza de animo «acodio sempre a muytos officiaes necessitados, e não posso «crer que seja ambicioso quem se tem exercitado em seme-«lhantes acções, nem hé natural que seja inutil á Fazenda de

«V. Magestade, quem sabe cuidar da sua. Paresseme que V.
«Magestade lhe deve dar o logar de Conselheiro do Estado,
«porque não hé justo que nesta parte esteja preferido por João
«Bautista Lopes da Lavre, o qual ainda que serve a V. Mages-
«tade ha muytos annos, tem muyto menos entendimento, que
«Dom Francisco, e na esfera da pessoa a differença que hé ma-
«nifesta. Tambem me paresse, que não sendo V. Magestade
«servido prover no posto de General da Armada a Antonio de
«Figueiredo e Utra, póde Dom Francisco occupar dignamente
«este posto, porque lhe não falta conhecimento da Marinha, e
«ainda que nella não seja tão habil como Antonio de Figuei-
«redo, a differença da pessoa, e os seus annos o igualão, pelo
«menos nesta parte.

«Antonio Cardim Froes. Veio do Reyno ha trinta annos,
«tem occupado os postos de Alferes de Infanteria em Chaul,
«Cappitão de huma Manchua de guerra da dita cidade, Cap-
«pitão de huma Companhia da sua guarnição, Cappitão de ou-
«tra do Terço, Cappitão de Mar e guerra ad honorem com
«exercicio de Cappitão mór do Campo da dita Cidade de
«Chaul, Cappitão mór das Pallas, e embarcações de guerra da
«Costa da Norte, Tenente General de Moçambique, e Rios de
«Sena, com exercicio de Governador delles, Cappitão mór da
«Armada da Costa do Norte, Brigadeyro de Infanteria do Exer-
«cito que marchou contra a Fortaleza do Culabo, Sargento
«mór de Batalha, Governador de Moçambique, e Rios, e Ge-
«neral dos Rios desta Cidade de Goa, que actualmente exer-
«cita. Este official tem capacidade, e entendimento, e muyto
«prestimo, e hé bastante respeitado de todos estes regullos
«visinhos, de cujo genio e costumes tem muyta noticia. O seu
«genio hé de adquirir gloria, e estimação, e procura fazer avul-
«tar muito as suas acçoens ainda que seja com artificio.

«Dom Luiz Caetano de Almeyda. Este fidalgo hé filho de
«Dom Lopo de Almeida, General que foy da Armada deste
«Estado; serve a V. Magestade nelle ha quinze annos; tem
«occupado os postos de Ajudante de Campo do V. Rey Fran-
«cisco José de Sampayo na Campanha de Culabo; Cappitão de

«Infanteria, Cappitão Tenente, Cappitão de Mar e guerra da «Coroa, Cappitão da Praça de Baçaim, que ha pouco tempo «acabou de servir; embarcou-se em varias Armadas, e na do «Estreyto que pelejou com o Arabio, achousse nas guerras do «Norte, em que procedeo tão bem, que mereceo o Real agra-«decimento de V. Magestade, devendosse-lhe a promptidão do «soccorro dos Inglezes que foi buscar a Baçaim para defensa «da Ilha de Salsete; tem muyto bom juizo, e capacidade, «muyto bom procedimento, hé abastado de bens, e vive com «luzimento, e por todas estas razoens o acho meressedor de «todos os empregos de V. Magestade, e ainda de poder entrar «nas vias, se lhe não obstar a sua pouca idade, que ainda não «chega a trinta annos, que hé só o defeito que lhe consi-«dero.

«Antonio de Albuquerque Coelho. Veio do Reyno ha trinta «e dous annos, occupou os postos de Tenente de Mar e guerra, «Cappitão de Infanteria do Terço deste Estado, Governador, e «Cappitão General da Cidade de Macáo, e Governador das Ilhas «de Solor e Timor, e Governador, e Cappitão General do Rey-«no de Patte; tem grande capacidade e muyto bom juizo e de «excellente modo com as gentes. Nos Governos de Macáo, e «Timor me consta pelas informaçoens que tenho que procedeo «com distincção, e no Governo de Patte não creyo que obrou «mal, pois V. Magestade sendo-lhe prezentes as Devaças que «contra elle se tirárão, o deo por livre por carta expedida este «anno pelo conselho ultramarino; tenho-o por capaz de todos «os empregos e particularmente para o de Macáo, que hoje «necessita mais industria, e capacidade do que das mais cir-«cumstancias, que nelle não faltão.»

De outros maritimos e ao mesmo tempo soldados de todas as armas do exercito, que na India mostraram grande valor e grande nobreza de caracter, como estes que acabâmos de mencionar, dariamos outra vez a informação que delles deo o conde de Sandomil a El-Rei, e que já foi impressa no terceiro tomo do *Bosquejo das Possessões Portuguezas no Oriente*, se não bastasse para recordação de seus feitos illustres e honrosa fa-

ma o que deixámos indicado, passando a transcrever dos documentos que havemos encontrado o que lhes diz respeito:

«N.º 32. *Gazeta de Lisboa* Occidental. Quinta feira, 10 de «Agosto de 1719.

«India.—Goa, 21 de Janeyro.

«A Cidade de Pór, situada no Reyno de Cambaya, quarenta «legoas da Praça de Dio, éra desde muytos annos Vassalla, e «Tributaria da Coroa de Portugal; mas persuadida dos Ara«bios pertendeo livrarse desta antiga sujeyção, e começou por «negar o tributo. O Conde da Ericeyra, Vice-Rey deste Esta«do, mandou ao General da Armada D. Lopo de Almeyda com «huma esquadra a pedir-lho, com ordens, e preparaçoens para «o que devia obrar na resistencia. Este General reconhecendo «as suas exhortaçoens infrutiferas na contumacia daquelle «povo, empregou a sua força, acommetendo-a intrepidamente, «e com tão bom successo, que não somente a rendeo dego«lando-lhe 400 Arabios, e Cambayanos; mas queymou, e de«molio a Fortaleza, e as embarcaçoens que achou no porto, «fazendo preza em cinco que alli tinhão os Arabios, sem que «custasse a restituição do feudo, e a gloria desta acção mais «que hum pequeno numero de gente.

«ElRey da Persia vendo que os Arabios lhe tinhão ganhado «a Ilha de Baharem, e lhe estavão sitiando Ormus, mandou «ao Conde da Ericeyra huma Embayxada com extraordinaria «magnificencia, e solemnidade, e confirmando todos os Trata«dos, que os Vice-Reys tinhão feyto com os Reys da Persia, lhe «pedio que como amigo, e Alliado o quizesse soccorrer con«tra o inimigo commum. Com effeito os Persas se pozerão em «campanha com 80:000 homens contra os Arabios, e o Conde «Vice-Rey mandou preparar huma Armada que consta de cinco «náos grossas, e fica para partir qualquer dia para o mar «da Persia. Ao mesmo tempo se está aprestando outra Ar«mada, de que será General D. João Fernandes de Almeyda, «e dizem se destina a outra expedição de grande importancia. «As duas náos do Reyno chegárão com feliz successo a esta «Cidade. O Conde da Ericeyra está muito bemquisto neste

«Estado, e se faz muita estimação do seu Governo. O Chan-
«celler Francisco de Figueiredo Carvalho he falecido».

«N.º 31. *Gazeta de Lisboa* Occidental. Quinta feyra, 14 de
«Agosto de 1721.

«Por cartas de Goa de 8 de Fevereyro do anno passado de
«1720 confirmadas por outras de 6 de Setembro do mesmo
«anno, que todas chegárão por via de Inglaterra, se tem a no-
«ticia certa, de que mandando o Conde da Ericeyra D. Luiz
«de Menezes, Vice-Rey do Estado da India, huma Armada [1]
«em soccorro del-Rey da Persia no anno de 1719 em que se
«recolheo ao seu paiz o Embayxador, por quem aquelle Prin-
«cipe tinha mandado ajustar huma liga com o Estado, fale-
«cera de doença na Persia o General d'ella D. Lopo José d'Al-
«meida, cuja perda se sentira muyto, por ser hum Fidalgo de
«grande valor, e lhe succedera no governo Antonio de Figuey-
«redo Utra, a quem o Vice-Rey tinha mandado por Almirante,
«o qual buscando os Arabios, inimigos communs das duas na-
«çoens, que se achavão com grande poder naval, alcançou
«delles em tres batalhas navaes successivas tres completas
«victorias, metendo-lhe a pique a sua capitania que éra huma
«náo de 80 peças, com os rombos que nella abrio a nossa ar-
«tilharia, e deyxando-lhe incapazes de navegar duas das suas
«mayores náos, alem da perda de mais de mil e quatrocentos
«homens, sendo muyto pouca a que houve da nossa parte;
«que estes bons successos no mar forão occasião das victorias,
«que ElRei da Persia teve de seus inimigos na terra, por lhes
«faltar a assistencia daquella Armada, que o dito Almirante
«se recolhêra a Goa com bom successo, e com huma grande
«quantia de dinheiro, que ElRey da Persia lhe pagou por
«conta dos direitos do Congo, e de outras dividas antigas, de
«que lhe era acredor o Estado, que d'antes não havia querido
«pagar, e ficava para satisfazer o resto. O Vice-Rey deo ao Al-
«mirante o foro de Fidalgo da Casa Real, e o habito de Christo,

[1] Já vimos acima, que a Armada de soccorro ao Rei da Persia con-
stava de *cinco náos grossas*.

«cuja merce depende ainda da confirmação de Sua Mag. e no-
«meou para General da Armada do Estreito a D. João Fernan-
«des de Almeyda, que tem occupado os mayores lugares da In-
«dia com boa satisfação. Accrescenta-se mais que tudo tinha
«succedido com felicidade naquelle Estado, e só não havia no-
«ticia da náo Nossa Senhora da Guia, Capitão Luis Gomes, que
«partio de Lisboa em Abril de 1719. Sabia-se tambem em Goa,
«que cruzavão na costa da Africa Oriental dezaseis navios de
«corsarios com bandeira negra, que tinhão tomado algumas
«prezas consideraveis aos Inglezes, e Hollandezes, e trazião
«mais de 3:000 homens de guarnição.

«N.º 34. Quinta feyra, 21 de Agosto de 1721.

«Por cartas da India, chegadas por via de França, se con-
«firmão as noticias publicadas a semana passada, com mais
«individuações de que as batalhas que ganhára a Armada Por-
«tugueza, forão succedidas em tres dias differentes; que a
«primeira durara desde as sete horas da manhã até ás cinco
«da tarde, e que sem embargo de ser a nossa Armada igual
«á dos inimigos no numero dos vasos, e muyto inferior na
«grandeza delles, ficara neste primeiro combate, com tanta
«vantagem, que seguira aos inimigos até o porto de *Borem-*
«*Calif* aonde elles se refizerão para voltar a combaternos,
«como executárão em dois dias successivos, ficando no ultimo
«inteiramente destruidos, que da nossa parte se perderão so-
«mente dous Capitaens de Infanteria, e 80 soldados, mas que
«a dos inimigos foy tão consideravel, que o povo de Mascate
«se amotinara, que o *Imamos* ou *Immenhect*, Rey daquella
«Cidade, morrera de pena, e lhe succedera hum sobrinho,
«a quem havia usurpado o Reyno, ficando por seu tutor, o
«qual he muyto inclinado aos Portuguezes, e deu logo liber-
«dade a alguns, que se achavão cativos no seu paiz, pelo que
«se entende que pedirá paz ao Estado. Os nossos navios, ainda
«que muyto cheyos de balas de artilharia grossa, se reparárão
«com facilidade. Na Cidade de Goa se cantou *Te Deum* por
«tão feliz successo, e se festejou com salvas e repiques.

«Avisa-se tambem que em Santa Luzia de Chalé maltratá-

«rão os Gentios, em ódio da nossa Santa Fé, a dois Religiosos
«da Companhia de Jesus de tal maneira, que ficaram quasi
«mortos; de que tendo noticia o Vice-Rei, mandou alguns Of-
«ficiaes de guerra com hum destacamento a prender os culpa-
«dos, dos quaes trouxerão presos vinte e quatro e se tem man-
«dado averiguar os que foram primeiros motores deste insulto,
«para se castigarem de sorte, que fiquem servindo de exemplo
«e terror dos outros.»

Aqui temos hum facto notavel, e resultante do valor e pericia dos nossos officiaes de Marinha, e principalmente devido á grande capacidade naval do Almirante Antonio de Figueiredo Utra. Hum combate de duas Armadas em tres dias successivos, no qual foi mettida a pique a capitania arabe de 80 peças pela portugueza, tornando-lhe incapazes de navegar duas das suas maiores náos e ficando-lhes mortos acima de mil e quatrocentos homens, com mais outras perdas de vasos e de gente, que fizeram amotinar o povo de Mascate, vindo a fallecer o soberano daquelle paiz, quer de paixão, quer envenenado, quer por outro motivo, mas sempre attribuido ao desastre causado pelos navios portuguezes. E note-se bem que tão transcendente victoria, não foi ganha contra gente barbara ou pouco aguerrida, foi pelejada contra os arabes, subditos do *Immamo,* ou *Imman* de Mascate, como hoje lhe chamâmos, cujas possessões não só eram e são na Arabia, se não na Africa, e confinantes com as nossas dependencias boreaes de Moçambique. Potentado tão rico e poderoso, que ainda agora conserva esquadras de náos e fragatas excellentes, chegando a sua riqueza e aperfeiçoamento social, ao ponto de construir vasos que disputam galhardias aos melhores da Marinha da Gran-Bretanha, de que o mesmo *Imman* tanto se ufana que, por ostentar riqueza e primor artistico, brindou a Rainha Victoria com huma náo de 72, lançada ao mar em Mascate no anno de 1836, a qual figura na *Navy List* de 1858 debaixo do n.º 262 com o titulo seguinte: *Imaum. Presented by the Imaum of Mascat,* 1836. *Tons* 1:852. *Guns* 72. Donde se vê que não era só dos povos barbaros, dos canarins, de outras raças menos bellico-

sas ou pouco importantes que tirámos vantagens: era medindo-nos com povos aguerridos e naçoens poderosas como esta que punha em respeito o reino da Persia, ao qual nós mesmos guerreámos forçando-o a pedir-nos paz, e a enviar-nos embaixadores, pagando a final, tributos.

E dizem que somos nação pequena?! Somos, não ha duvida, mas conseguimos fazer o que só era dado, e hé crivel fazerem as grandes naçoens. Mas era então, era quando nos gloriavamos do nosso nome, do nosso ardimento, da nossa sciencia, da nossa civilisação, e de sermos Portuguezes. Era quando sustentavamos os direitos de nação independente contra as demazias de outras naçoens que os desconheciam ou desconsideravam, que os nossos Marinheiros e soldados procediam desta honrosa maneira; era quando das fortalezas da barra de Lisboa se repelliam os insultos das esquadras inglezas contra os navios neutros que deste porto saíam, fazendo-lhes fogo, sem attendermos ás consequencias, como se prova pelo que publicou a Gazeta de Bruxellas de 4 de fevereiro de 1707. Diz ella: «Chegaram queixas a Inglaterra do Almirante *Scovel*, con-«tra os Portuguezes: pois havendo sahido hum navio genovez do «porto de Lisboa, se enviaram duas fragatas em seu seguimento, «porém disparando contra ellas dois castellos a sua artilharia, «fizeram-nas retirar; e como não deram satisfação deste ata-«que se multiplicaram as queixas; porém tambem o Enviado de «Portugal, representou que isto hé hum attentado, por impe-«dir a navios neutros o seu commercio, e por todas estas ra-«zoens se achou conveniente compor o pleito».

Hoje, que se duvida de tudo isto, como se nunca acontecêra, hoje, que se procura esquecer a existencia de actos tão transcendentes e admiraveis para apagar todas as idéas de nobreza que a nossa antiga gloria deve despertar no animo dos verdadeiros patriotas, hoje, só pensam em nos apoucar. Então, nem Inglezes nos tomavam satisfações iniquas de pugnarmos pela nossa dignidade, e fazermos o nosso dever, como se prova pelos repetidos exemplos de consideração que as naçoens mais orgulhosas da sua preponderancia nos davam. A mesma França

esquecia ás vezes, em nosso obsequio, esse alarde do seu poder, a fim de conservar as suas boas relaçoens com a côrte de Portugal. Por exemplo: Tomámos-lhe hum navio na enseada de Abraham da Ilha Grande, a titulo de commerciar em escravos, e não reclamou contra o apresamento, como aconteceo ácerca da barca *Charles et Georges*. Diz a *Gazeta de Lisboa* de quinta feira 25 de setembro de 1721: «Quarta feira da se-«mana passada entrou no porto desta cidade huma embarca-«ção de aviso da Bahia de todos os Santos, pela qual se tem a «noticia de haver apresado o capitão de Mar e guerra Joseph «de Semmedo em 17 de maio hum navio Francez de S. Malò «de 18 peças, e oitenta homens de equipagem, que achou na «enseada de Abraham da Ilha Grande, no qual havia 223 es-«cravos da Costa da Mina, e muitas fazendas de varios gene-«ros, ainda que o Capitão protestava que não era corsario». O caso foi que não consta ter havido reclamação desta captura, nem moderada, nem arrogante, como aconteceo com a barca negreira apresada na Quitangonha pelo commandante João Euzebio d'Oliveira no patacho *Zambeze*. Vamos porém repetindo as campanhas maritimas da India. Muitas foram ellas, não sendo nossa intenção relatar todas, que isso pertenceria a huma verdadeira historia daquella importante parte da Monarchia Portugueza, porém algumas dellas, que sirvam ao nosso proposito de fazer sobresaír o merito dos nossos homens do Mar, que em toda a parte deram provas de valor e de dedicação.

O Angriá, de Angrien, foi hum dos inimigos que mais incommodou o Estado, e emquanto não se lhe queimou a sua Armada, e se lhe demoliram as fortalezas do porto do Culabo, e se afugentaram daquelle ponto do littoral, nunca houve socego na India. Este mouro, tanto pelas suas proprias forças, como pelas dos outros pequenos potentados do paiz, com os quaes se ligava contra os Portuguezes, prejudicava o nosso commercio, e concorria para nos fugir a população indigena, que temia a oppressão dos seus correligionarios, e confiava pouco em ser protegida pelos Portuguezes. Por isso, havia grande empenho nos governos de Goa, em mostrar força para attrahir os

naturaes á protecção da nossa bandeira, assim como para terem descanso e tirar-se algum proveito daquella importante possessão, entendendo-se geralmente que a mesma força devia resultar do nosso irresistivel poder maritimo. Para elle se ostentar, e produzir effeito, andavam na costa, tanto as duas Armadas regulares do norte e do sul, como outros navios de guerra avulsos, além das intituladas *náos de viagem*, e navios de *vias* para Macáo e Moçambique.

No anno de 1713 havia o Angriá feito varias presas, e entre ellas hum navio que levava cavallos arabes para Goa. Por isso o Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes mandou aprestar a fragatinha *S. Francisco de Assis*, e embarcar nella o Capitão de Mar e guerra Manoel Lobatto de Faria, ordenando-lhe que passasse ao norte, e acudisse com ella a toda a parte onde julgasse necessaria a sua assistencia. Diz a Gazeta desse anno: «Partio o Capitão de Mar e guerra em janeiro com vento «favoravel, e chegando defronte da barra de Culabo, encon- «trou quatro palas e nove galvetas do Angriá, todas bem guarne- «cidas, e com mais gente do que lhes dava a sua lotação; porque «depois se soube, lhe ajuntára a de outras embarcaçoens que «ficaram desarmadas. Apenas avistaram o nosso navio, fizeram «vela sobre elle. O Capitão que a não ter tanto patrimonio de «valor, podéra recear quando não a qualidade das embarca- «çoens, o numero dellas, sem bandeira (fingindo-se mercantil) «se foi amarando; mas de tal modo, que mostrava não podia «navegar, desejando-lhe fugir. Era o seu animo attrahil-os mais «ao mar, onde podesse ser senhor do vento, que lhe podia fal- «tar na costa. Logrouse esta destreza militar, e tanto que os vio «amarados, voltou sobre elles, e os começou a bater com a «sua artilharia, tão destra, e tão utilmente, que depois de fazer «nelles hum grande estrago, e lhe haver morto muita gente, «os constrangeo a largar a empreza, fugindo vergonhosamente. «O Capitão os seguio até os meter pela barra de Culabo; e alli «se deixou estar tres dias desafiando os inimigos; mas vendo «que ninguem sahia a pedir-lhe satisfação, continuou a sua «derrota, e chegou a Baçaim, donde fez aviso do successo ao

«Vice-Rei, que o estimou muito, e lhe mandou agradecer por
«carta: fazendo-o mais singular a circumstancia de não haver
«perdido hum soldado na peleja, sendo muitas as balas com
«que a Armada inimiga o perseguira.»

Do *Oriente Conquistado* transcrevemos outro facto de valor, que vae sem commentario.

«Em março de 1576 partiram de Lisboa duas Armadas,
«huma para Goa de seis náos com o Viso-Rei D. Lourenço de
«Tavora, que morreo antes de chegar a Moçambique, e outra
«de duas náos em direitura para Malaca, das quaes a Capitanea
«era Santa Catharina, onde vinha Mathias de Albuquerque por
«Capitão mór do mar do sul, e a Almirante era S. Jorge, go-
«vernada por Balthezar Passanha. Esta segunda deo á costa
«em Moçambique. A primeira chegou a Malaca, e nella o Ir-
«mão Amador da Costa, que relatando aos padres de Portugal
«o que lhe succedeo andando de armada no anno de 1577, diz
«assim:

«Nossa viagem até Moçambique não foi tão boa como qui-
«zeramos, pelas muitas enfermidades, que houve em todas
«as náos, as quaes foram causa de tomarmos terra contra o re-
«gimento del-Rei, que trazia o Capitão Mathias de Albuquer-
«que, o qual mandava que não tomassemos outra terra se não
«Malaca: e parece que o animo del-Rei nosso Senhor com esta
«pressa prognosticava a muita em que havia de estar em Ma-
«laca, a qual era já tanta, assim pela falta de gente, como pelo
«muito que a apertava este mouro seu visinho, que com a nossa
«chegada lhes pareceo resuscitarem da morte á vida. Emquanto
«a monção, e tempo para partir para a China não chegava,
«andei sempre na armada em companhia do Capitão Mathias
«de Albuquerque: o qual poucos dias depois de sua chegada
«fez prestes huma armada de treze velas, convem a saber, tres
«navios de alto bordo, tres galés, e sete fustas, e com ellas foy
«esperar a náo da China, da qual, e de hum junco, que vinha
«em sua companhia, tivemos novas em passando o estreyto de
«Sincapura, e com ella junta toda a Armada, estando já para
«embocar outra vez o estreyto, vespora da circumcisão de mil

«quinhentos setenta e sete tivemos vista da Armada do Achem,
«que era de cento e cincoenta velas, mui fornecidas de gente,
«munições de guerra, e sobre tudo de vontade de pelejar, pro-
«mettendo-se a victoria. Vinhão quarenta galès Reaes de duas
«ordens de remos, e outros vasos de menos porte. Mas como
«o Capitão môr desta frota trazia regimento do seu Rey, que
«não pelejasse com os Portuguezes em mar largo, se não ao
«longo da terra, tinha posto todas as suas galès por ordem
«conforme o seu regimento; ainda que a proporção de huma
«e outra armada era tão desigual, assim no numero das velas,
«como na artilharia, por serem todas as suas peças esperas, e
«basiliscos, que com muita furia lançavão pelouros tamanhos
«como a cabeça de hum homem, e nòs não levavamos mais de
«duas esperas, todavia toda aquella noyte trabalhou Mathias de-
«Albuquerque por chegar: nem foy em vão seu trabalho, por-
«que ao dia de Jesus pela manhãa surgimos perto dos inimigos,
«ainda que não tanto como todos desejavão. Os Portuguezes
«alvoroçados por se verem perto, os Mouros muito mais, por
«entenderem que nos tinhão nas mãos. Começou-se o jogo das
«bombardas de huma, e outra parte, o qual com assàs furia
«durou tanto, por não poder a nossa armada chegar ao inimigo,
«que nos tinha tomado o barlavento. Se não quando aquelle
«Jesus, em cujo nome e confiança os Portuguezes pelejavão,
«subitamente vira o vento da nossa parte, com cujo favor o Ca-
«pitão môr Mathias de Albuquerque manda dar às trombetas,
«e juntamente largar todas as velas, e metendo-se logo com a
«sua galè no meyo de toda aquella frota de inimigos, os foy
«apertando de tal maneyra, que começàrão a embaraçar-se,
«buscando cada hum salvação; mas o Capitão não tendo conta
«com os que lhe ficavão atraz, sómente da Capitania inimiga
«fazia caso, e indo-lhe jà pondo a proa sobre a popa em ter-
«mos de se atracar com ella, mortificou-nos Deos nosso Senhor,
«acalmando-nos o vento, e os inimigos tiverão tempo de se pôr
«em salvo com assàs magoa nossa, deixando-nos sómente tres
«galès de toda a frota, entre as quaes se rendeo a Sotocapitania,
«em que vinha toda a polvora, e a mais nobre gente dos Achens,

«os quaes por serem homens nobres nunca se quizerão render,
«antes com esforçado animo resistirão até morrer; porque
«o Capitão da galè vendo que não podia escapar, cortou o ca-
«bello, dizendo: Amoucou, isto hé, morramos todos: e com
«isto foy abraçado de todos os seus, e assim feytos em hum
«corpo remetterão como leoens: mas a sua valentia, ainda que
«lhes aproveytou para ganharem honra temporal, não lhes pode
«salvar a vida. Morrêrão dos nossos neste conflicto treze, e dos
«inimigos entre mortos e cativos chegarão a mil seiscentos.
«Fazendo-nos na volta de Malaca, mandou o Capitão mòr hum
«bergantim diante que fosse a terra levar as novas do bom
«successo. Chegou à meya noyte, e batendo às portas da for-
«taleza com grandes gritos, dèrão os do bergantim as boas no-
«vas que levavão. Logo o Capitão da fortaleza Ayres de Sal-
«danha mandou disparar toda a artilharia em espaço de hum
«Credo, por estar toda a pique. Eis-aqui a Cidade, que não sa-
«bia o que era, feyta huma confuzão, porque attribuindo o es-
«trondo a estar a fortaleza cercada, saem todos, huns com mon-
«tantes nas mãos, outros com lanças, outros com rodellas, e
«espadas, pequenos, e grandes, correndo todos à fortaleza,
«cuidando ser jà entrada dos inimigos: a grita da gente rom-
«pia as nuvens, os sinos picavão a rebate: mas sabendo-se a nova
«que chegàra, a tristeza da gente se converte em alegria, os
«votos, que se fazião aos Santos, em graças, que se davão a
«Deos: huns se punhão de joelhos pelas ruas levantando as
«mãos ao Ceo, outros corrião aos templos, nos quaes diante
«do Santissimo Sacramento agradecião em voz alta tão grande
«mercê: e daquella hora atè à manhãa nunca cessarão de cor-
«rer ás Igrejas. O bispo Dom Jorge de Santa Luzia sahio com
«a Cleresia em solemnissima procissão acompanhada de muita
«gente, e lagrimas, que todos derramarão. Dahi a dois dias
«chegou a armada, a alegria com que seria recebida VV. Re-
«verencias o podem colligir. Meu officio em todo o tempo, era
«animar os soldados, curar os feridos, e fazer outras cousas
«do nosso instituto. Poucos dias depois fizemos outra sahida

«pela costa deste Mouro, em a qual se queimàrão, e assolàrão «muitos lugares, e se cativou muita gente.

«Tudo escreveo o Irmão Amador da Costa. Mas he de adver«tir que, quando Mathias de Albuquerque chegou, jà Malaca «não estava de cerco, porque sabendo o Samorim, que em Goa «se aprestava a armada para o soccorro, mandou avisar o «Achem, que com aviso levantou o sitio: e foy grande merce «de Deos, pelas muitas doenças, que havia na fortaleza.»

Parece fado concedido á India que a maior somma de factos gloriosos da nação portugueza se refiram a ella: conquistas, descobertas, sciencia, e rasgos de valor, tudo pertence em grande parte á gente que pizou o seu fertil terreno, e respirando o ar balsamico do seu vivificante clima, nutrio com orgulho lembranças da Patria, que exaltou, depois que Affonso Henriques e João I a ennobreceram com a sua independencia. E como se fosse pequena a fama das antigas maravilhas ali obradas, que o sublime Diniz, ou o immortal Camões vulgarisaram na linguagem mais cadente de que o nosso idioma hé susceptivel, ainda os officios dos modernos vice-reis ou governadores lhe dão novo lustre, reproduzindo acçoens, se não iguaes ás primeiras dos conquistadores de tantos pontos notaveis da Asia, que excedem a verosimilhança, pelo menos, tão recommendaveis como as mais estrondosas de que os outros povos se gloriam.

Desta natureza, foi a perda do combate que sustentou huma chalupa de Dio contra duas palas grandes e cinco galvetas, de que daremos noticia, a qual perda, hé tão gloriosa, guardadas as proporções das forças combatentes, como poderia ser o victoria mais brilhante de que se ufanasse o maior guerreiro da antiguidade. Antes porém de referir este heroico feito, não se nos leve a mal, repetir outros que nos deixaram escriptos varios chronistas da India, donde se veja bem o proceder dos nossos maritimos naquellas remotas partes, insistindo em taes recordaçoens de modo que se gravem na memoria de todos, não vagamente, mas de maneira que se determinem os factos, e as pessoas que nelles figuraram, como se usa fazer,

factos, e as pessoas que n'elles figuraram, como se usa fazer, repetindo a oração matinal e diuturna do *Padre Nosso;* pois assim como o verdadeiro Catholico sabe e repete de cór o seu *Credo* religioso, nós Portuguezes, saibamos de cór, e repitâmos sem cessar o nosso *Credo* historico e politico das façanhas e heroismos praticados em toda a parte do mundo pelos nossos conterraneos, especialmente nos tormentosos e disputados mares orientaes. Embora a sua descripção fosse impressa, e se ache em varios authores, mas os exemplares dessas obras tornaram-se raros, e não apparecem á venda, encontrando-se por acaso, hum ou outro nas bibliothecas publicas, e esses mesmos, não em corpo de historia, como nas Decadas de Barros ou de Couto, em Castanheda, na Asia Portugueza, ou nos Fastos Lusitanos de Barbosa Machado. Muitos vem narrados por incidente no Oriente Conquistado a Jesus-Christo pelos Padres da Companhia de Jesus (que só huma alma ascetica póde ler do principio ao fim sem se enfastiar), outros nas Perigrinações de Fernam Mendes, outros na Epanaphora Indica, ou nas diversas Noticias dos successos da India no tempo do Vice-Rei Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Relação dos felices successos da India no Governo do Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, Marquez de Alorna, etc., hoje rarissimos. Pelo que pareceonos a proposito extremar alguns combates navaes, que nestes escriptos vem, das campanhas de que os seus authores fazem menção, e dizem respeito á historia da India, não lhe mudando nem a fórma nem o estylo que lhes distingue a procedencia, do mais que hé essencialmente producto original da nossa penna

«*Fastos Lusitanos.*—Capitão Mór Luiz da Sylva.

«Depois de assolada a Ilha dos Sanganes navegou o Capitão «Mòr Luiz da Sylva a correr a Costa de Cambaya, não descan«çando o seu animo em buscar novas occasioens de acreditar «o Estado, e abater os Malabares. Entre todas a mais gloriosa, «que houve nestes dias, foy a destruição de quatro navios, que «estávão no rio de Chaporâ, porque investindo elle pessoal«mente a hum, o lançou a pique com summa facilidade, e logo «ganhou outro com a mesma fortuna, sendo-lhe companheiro

«no valor em cometer, e vencer Ruy de Souza e Alarcão, que «atracou outro navio, a quem rendeo com a sua espada. Não «parou aqui o successo. Fugirão muitos Mouros para terra es«perando salvar as vidas na espessura dos matos, e das bra«nhas, mas là receberão a morte dada pelos mesmos, de quem «se retiravão, e porque entrando o Capitão na terra, foy tão «grande o temor de todos, que em breve tempo cativou du«zentos, a quem com animo sevéro mandou cortar as cabeças. «e arvorar em páos, que ficarão nas bocas dos rios daquella «Costa servindo de avizo aos companheiros, assim da sua des«graça, como do premio, que os esperava, se a nossa Armada «os encontrasse.

«*Fastos.*— Com larga vida, e mayor fama acabou neste dia o «famoso Capitão Antonio de Saldanha, que vencendo na Azia «em diversos combates, veyo depois a ser terror de Africa na «ruina de Barbarroxa. Nascendo em Portugal esclarecido, seus «merecimentos o fizerão depois nobilissimo, porque a gloria «das suas acçoens o fizerão semelhante aos mayores Capitaens «da sua idade. Na sua primeira viagem, (em que passou à India «Capitão Mòr de huma esquadra) tomou o seu appelido a ce«lebre Agoada, em que depois ficou sepultado o grande Vice«Rey D. Francisco de Almeida, e outros Cavalleiros, que in«felizmente acabarão por hum dezarranjo naquellas infames «prayas. Como as obrigaçoens do seu nobre sangue, e os in«pulsos do seu destimido coração o levavão aos lugares do «mayor perigo, se coroou de gloria na expedição de Panane, «em que o Governador Lopo Soares de Albergaria queimou «dezesete náos, sendo elle o que rendeo a primeira, pois vendo «naufragar o seu batel se lançou no baxel inimigo para trofeo «da sua espada, ou sepultura do seu corpo; mas respondeo a «fortuna com a victoria, que alcançou em tão famoso dia. Vol«tou depois à India em differentes annos, mas sempre com a «felicidade, que lhe conciliava a prudencia, e valor. Este o fez «companheiro do insigne Governador Nuno da Cunha na san«guinolenta conquista, e expugnação da Ilha de Beth, e na pe«rigosa bateria, com que se quiz render a Ilha de Dio, facção,

«em que se vio o constante esforço dos Portuguezes ainda na «mesma disgraça do successo. Porèm soube vingar este de«zar das nossas armas com repetidas victorias, que alcançou «de Cambaya. Entregou-lhe o Governador quarenta e nove na«vios, e mil e quinhentos Soldados valerosos para assolar as «suas Costas ameaçadas, e discorrendo com Armada mais po«derosa pelo animo, que pelo numero, abrazou a Cidade de «Madrafabad, Taloja, e Gengimel, degollando com ira mili«tar aos moradores, que não tinhão mais culpa, que nascer Vas«sallos de hum Rey inimigo. Em Goga Cidade opulenta, e bem «guarnecida, achou resistencia de Soldados, mas tudo cedeo «à sua espada, ficando não só rendida, mas assolada. Esta im«portante conquista se augmentou com o destroço, e total rui«na de vinte e cinco Paraòs de Malabares, de Balçar, Tarapor, «Maim, Quelme, Surrate, e Agaçaim, de modo que tudo ar«deo, e se consumio, sendo os clamores de Cambaya, pelo des«troço das fazendas, estrago das povoaçoens, e morte dos «naturaes o clarim da fama, que no Oriente fez temido, e res«peitado o nome deste Capitão, que restituido ao Reyno, me«receo em mayor lugar mais illustre reputação. Determinou « o Emperador Carlos V restaurar Tunes, que a seu legitimo «Rey havia uzurpado Barbarroxa, o qual de vil Corsario se ha«via feito formidavel a Europa Christãa. Era tão grande a em«preza, que o mesmo Cezar a quiz authorisar com a sua pre«sença: o nosso Infante D. Luiz, como Principe tão illustre «assistio com a sua pessoa, e seu irmão El-Rey D. João o III «socorreo o Cunhado com grossa Armada de vinte e cinco na«vios, e o famoso Galeão S. João o mayor baxel, que se co«nheceo no Oceano. Pedia a nossa Armada General, que des«empenhasse o credito Portuguez, e havendo no Reyno muitos «Fidalgos, a quem as suas proezas tinhão dado nome grande, «entre os mais estimados, se escolheo o nosso Heroe. Desem«penhou a eleição com o successo, porque se deveo grande «parte daquella tão importante, e gloriosa expugnação ao va«lor, e ordem militar, com que soube vencer a inimigo tão va«lente, como disciplinado. As palmas, que soube adquirir em

«Africa lhe derão os premios, com que se vio remunerado
«na Corte, em que se admirou a summa grandeza do Sobe-
«rano, e o merecimento do Vassallo. Para se eternizarem nos
«descendentes com a obrigação do sangue os testemunhos da
«sua gratidão, jà em idade mayor se despozou com Dona Joan-
«na de Mendóça, de que teve muitos filhos, hoje dura sua
«descendencia sempre illustre com a memoria de tão claro
«Varão, e tão generoso Cavalleiro. Finalmente cheyo de annos,
«coroado com triunfos, e glorioso com a fama, que lhe derão
«as victorios da Azia, o respeito de Africa, e a estimação da
«Corte, morreo, e foy sepultado na Capella Mòr do Convento
«de S. Domingos de Santarem, merecendo tão nobre jazigo,
«não só como Padroeiro daquelle sagrado lugar; mas tambem
«pelas excellentes obras, com que ennobreceo a familia, e acre-
«ditou a sua Patria.»

«*Fastos.*—Gonçalo Rodriguez de Souza, vencendo os Hollan-
«dezes.

«Achava-se a Fortaleza de Ternate em tão grande risco com
«o apertado cerco, que lhe pozerão os Hollandezes, que temia
«D. João da Sylva Governador de Manilha, e illustre meyo de
«se conservar aquella Fortaleza na obediencia da Coroa de
«Castella, fosse inutil todo o valor de seu animo, e servissem
«de mayor injuria as proezas, com que os Espanhoes havião
«derramado o sangue, e sacrificado as vidas na defensa da
«Praça. Largo tempo tinha durado o sitio havendo muitos
«combates, de que sempre os Hollandezs se recolhião corta-
«dos do ferro dos Castelhanos, porèm o dano, que recebião,
«os irritava a morrer, ou vencer, querendo antes a morte, do
«que perder a occasião de se fartar de sangue Espanhol, em
«que desejavão tingir as suas armas. Sem duvida, que fora las-
«timoso o fim dos defensores, se não chegara em seu soccorro
«Gonçalo Rodriguez de Souza, porque este valerosissimo Ca-
«pitão vendo o perigo dos cercados, e lembrando-se, de que
«éra Portuguez, e como tal livre da paixão do temor commetteo
a Armada Hollandeza, e sendo a sua de seis Galeotas, não
«duvidou pelejar com onze nàos, que tantas compunhão a dos

«inimigos. Oppozerão-se elles dando muitas cargas de artilha-
«ria, e obrando com todo o esforço, mas venceo o nosso Capitão
«a sua resistencia, e desprezando as balas, triunfou de toda a
«valentia e destreza dos Hollandezes rompendo a Armada, e
«chegando á Fortaleza, que já agonisava nos ultimos perigos,
«por haver conspirado contra ella os inimigos da fome, e das
«doenças. Respirou então do grande aperto, em que estivera,
«e não perdendo D. João da Sylva o acordo em mandar, dispôz
«que o mesmo Capitão Gonçalo Rodriguez com toda a sua
«Armada, e alguns navios mais seguisse o alcance aos Hollan-
«dezes, os quaes vendo soccorrida a Fortaleza, e os seus de-
«fensores com animo dobrado pelo soccorro dos nossos com-
«panheiros, recearão, qne sahissem fóra dos muros, e com o
«seu costumado valor, tomassem em breve tempo a satisfação
«dos trabalhos, que havião soportado em tão prolixo, e arris-
«çado cerco, e assim não esperando pela resolução dos nos-
«sos em parte, donde recebessem o ultimo castigo da sua ou-
«sadia, e da sua soberba. Esta vitoria foy o mais glorioso meyo
«com que se conservou Ternate largos tempos contra as Ar-
«mas de Hollanda, sendo nesta illustre nação o valor dos Por-
«tuguezes tão grande, que lhe pareceo pouco vencer os seus
«inimigos na India, e nas mais Provincias do Estado, por isso
«navegarão á Azia insular a soccorrer os Espanhoes, como
«quem buscava novas occasioens de augmentar a gloria do Es-
«tado, e a reputação do seu nome.»

«*Fastos.*—Ruy Freire de Andrade, contra os Inglezes e Hol-
«landezes.

«Confuzos, e maltratados da batalha antecedente se reco-
«lherão ao porto de Comorão os Inglezes, e Hollandezes, tão
«cortados do nosso ferro como do seu temor; porèm re-
«ceando que se não buscassem em segundo combate a
«nossa ruina perderião entre os Persas o nome de valorozos
«determinarão sahir ao mar com doze Nàos grossas, doze pa-
«tachos, e hum borlote, e pelejar com os Portuguezes cuja ar-
«mada não passava de outo Galeoens que no passado conflicto
«tanto os atemorizara. Navegava na sua vanguarda a Capita-

«nia Ingleza, na retaguarda a Hollandeza, e com gentil fórma
ganhando o barlavento atacarão o Galeão de Simão do Quen-
tal. O seu intento era abrazar o mesmo Galeão com o navio
«de fogo para que padecesse o estrago sem perigo da sua Ar-
«mada; mas prevenio o General Ruy Freire de Andrade o damno
«ameaçado, e ordenou a Simão do Quental, suspendesse o im-
«pulso da sua artilharia, para que na occasião mais oportuna
«dando huma descarga metesse no fundo o navio incendiario.
«Temerão os inimigos o perigo a que se arrojavão vendo as
«Galeotas do mesmo Ruy Freire, e o silencio do nosso Galeão,
«e antecipadamente lançarão fogo ao seu navio, que desca-
«hindo se consumio sem prejudicar o Galeão, nem offender a
«nossa Armada. Logo se atheou o mais furiozo conflito, labo-
«rando os canhoens com incessantes descargas, e cruzando
«as balas com destrosso dos navios, e mayor estrago dos Sol-
«dados. O nosso Almirante, ou mais valente, ou mais teme-
«rario, no Castello da popa se descobrio aos contrarios tra-
«zendo na cabeça o mesmo chapeo de plumas que lhe man-
«dara o General Inglez, e fazendo maravilhas de valor, acabou
«trespassado de huma bala. Cresceo o perigo sobrevindo cal-
«maria porque ficou a nossa Capitania, e o Galeão *Trindade*
«cercado das mais poderosas Nàos inimigas que fazião com os
«mais reforçados canhoens das suas batarias; mas como Nuno
«Alvares Botelho acudia a todas as partes com a direcção de
«General, e ardor de Soldado era inexplicavel o fogo que des-
«pedia contra as Nàos que o cercavão. Era igual no jogo da
«artilharia o Galeão *Trindade,* e assim parecião estes dous
«baxeis huma officina de rayos que se fulminavão para ruina
«de Inglezes, e Hollandezes. Opportunamente soccorreo aos
«navios de alto bordo Ruy Freire com os de remo, porque in-
«vejando o risco da batalha, se meteo donde era mayor o com-
«bate. Começarão a pelejar com menos furor os inimigos e
«não podendo já rezistir á intrepida resolução dos nossos Ge-
«neraes, Capitaens e Soldados que neste dia procuravão acabar
«a guerra para gloria do Estado e terror da Persia, largarão
«finalmente a batalha, e sem attender á opinião das suas na-

«çoens fugirão a salvar-se no mesmo Porto de Comorão que «lhe servio de receptaculo. Não podendo os nossos montar a «restinga em que derão fundo cansados do trabalho de tão fausto «dia. Nelle depois de pelejar como grande official morreo o «General Holandez sendo-lhe companheiros no valor, e des-«graça dous Capitaens de Mar e Guerra, e mais de quatrocen-«tos Marinheiros, e Soldados. Esta victoria que deixou o nome, e a vaidade dos inimigos abatidos, e humilhados custou o ex-«cessivo preço do nosso Almirante, do Capitão Francisco Bor-«ges de Castello Branco, muitos Soldados, e notavel destrosso «dos Galeoens, mas acendeo nos peitos Lusitanos, tão genero-«sas chamas de esforço, e resolução que depois em nova bata-«lha conseguirão, se não mayor, igual vitoria.

«*Epanaphora Indica*. Parte III, 58.—Marquez de Alorna.

«Nam queria o Vice-Rey, que ficasse aos inimigos o menor «vestigio das suas embarcaçoens, para que nam pudessem con-«tinuar o seu corso. Mandou explorar por espias, se havia al-«gumas pelo Rio acima, e voltaram com avizo, de que a pouca «distancia tinham varado em terra algumas Galvetas. Chamou «*Pedro Guedes de Magalhaens,* seu Ajudante General, e lhe «ordenou, que no dia seguinte fosse com algumas Manchuas, «e Bateloens armados em guerra, a ver todas as margens do «Rio, até onde fosse navegavel; e queimasse todas as que nam «achasse em estado de poder servir. Partio logo a executar «esta ordem; e achando, que havia alguns corpos de inimigos «nas eminencias vesinhas, que mostravam pretender embara-«çar-lhe o progresso; mandou saltar em terra alguns Grana-«deiros, os quaes marcharam logo tam destemidamente a ata-«callos, que elles se foram retirando com toda a pressa, e «deveram as vidas à velocidade dos passos. Desembaraçados «os Portuguezes desta oposiçam, discorreram pelo Rio acima, «examinando as suas margens, e Enseadas, onde achàram al-«gumas embarcaçoens, e quantidade de madeiras, que já ha-«viam lavrado para outras. Executada exactamente a sua com-«missam, voltou *Pedro Guedes* com tudo a *Terecol,* ficando «os Portuguezes por este modo, nam só senhores de toda a

«Armada dos Bounsulòs, mas de tudo o que tinham de pro-
«vimento nos seus Arsenaes.

59. «Constava a Armada dos inimigos de 10 fragatas de 15
«até 20 peças, a que na India dão o nome de *Pallas,* de que
«se conduziram 7 a *Goa,* e se queimaram 3, por não estarem
«capazes de servir, 1 *Manchua* de guerra, que estava ainda
«no estaleiro, 17 *Galvetas* de que se conservaram 10 e se man-
«daram queimar 7, 2 Bateloens de guerra, de que hum se entre-
«gou ao fogo, 4 Parangues, 2 Escaleres, 1 Batelam pequeno,
«e muitas embarcaçoens meudas. Tomaram-se nas Praças, Ar-
«senal, e Pallas 243 canhoens de varios calibres, 33 ancoras,
«e fateixas, e todos os mais petrechos, pertencentes à Mari-
«nha, como mastros, mastaréos, vergas, e madeiras, 2:245 ba-
«las de artilharia, em que entravam 100 feitas de pedra. Pa-
«lanquetas, granadas, amarras, enxarcia, velas, reparos, mas-
«same, e todas as mais couzas de que se compoem hum Ar-
«senal bem fornecido. Ha hum seculo, que na India nam houve
«para Portugal hum dia tam glorioso como o de 23 de Novem-
«bro em que viu nam só punido, mas desarmado hũ dos mayo-
«res inimigos do seu nome; sem que este jubilo fosse con-
«trapezado com perda de hũ só homem. Dia em que com
«espanto das Potencias cõfinantes, ficou desempenhado o
«credito da Naçam, e exaltada outra vez no Oriente a sua
«honra.

«*Epanaphora Indica.* Parte VI.—*Antonio de Brito Sanches.*

«8. Por hum Tratado, que se estipulou em *Ponem,* no go-
«verno do Ex.^mo^ Conde de *Sandomil,* se deo fim á guerra que
«havia entre o Estado, e os *Marataz.* Desde então observarão
«sempre os Portuguezes religiosamente a paz; porém es-
«tes amigos reconcilados, interiormente inimigos do nosso
«nome, não perdem alguma occasião, que lhes offereça a op-
«purtunidade de offender-nos. Já no anno de 1748 accommet-
«terão perfidamente o Capitão Roberto Homem, que hia na
«mesma Nào *Misericordia* para *Surrate;* mas não obstante a
«desigualdade das forças triunfou delles. Agora levava na
«sua instrucção a mesma ordem de não dar caça ás embarca-

«ções desta Nação, para lhe não dar pretexto para hum rompi-
«mento declarado, e assim o levão todos os nossos Capitães,
«por cuja cauza se tem perdido algumas occasiões de os des-
«truir; porém elles quando se achão com forças superiores
«perdem o respeito aos Tratados, e a ninguem guardão fé.

«9. Proseguirão as nossas Náos a sua derrota, e os Marataz
«as forão, seguindo na mesma linha até ao dia 16 pelas dez ho-
«ras, em que havendo acalmado o vento, se quizerão aproveitar
«da occasição, que a fortuna lhes apresentava. Accommeterão,
«separando em dous corpos a sua Armada, as nossas duas Náos,
«empregando contra ellas todas as suas forças; mas a *Atalaya*
«com maior empenho. Figurou-lhes a sua idéa que por ser
«mais pequena lhes seria a empreza menos difficil, e se ajuda-
«rão da diversão de entreterem com a peleja a *Misericordia*,
«para lhe não poder dar soccorro; porém aquelle pequeno corpo
«se achava ajudado de hum espirito grande. Sustentou por tem-
«po de cinco horas destemidamente a batalha, e havendo-se
«atrevido huma das suas Palas a chegar-se mais á Náo, o Capitão
«*Antonio de Brito Sanches*, prolongando-se por ella lhe deo hu-
«ma banda de artilharia com tanto effeito que abrio varios rom-
«bos no costado, e sem duvida se houvera ido a pique, se não acu-
«dirão logo a soccorrêl-la duas das Galvetas que para isso tinhão
«destinado, as quaes a retirarão promptamente do combate.
«Á vista do successo de tão acertada e feliz evolução, perdeo o
«Commandante General dos inimigos toda a esperança da victo-
«ria, deixando-a inteiramente ao Capitão *Brito*. Deo ordem de se
«retirarem, uzando de todo o panno ás embarcações da sua Ar-
«mada, em que a nossa artilharia tinha feito bastante destroço.

«10 Não foram seguidas pelos Capitães Portuguezes, por lhes
«ser impossivel o alcançá-las, por que são incomparavelmente
«mais ligeiras que a mais veleira Náo de Portugal. Continuárão
«a sua viagem para *Damão*, onde surgirão com felicidade. Des-
«embarcados, e entregues n'esta praça os provimentos, petre-
«chos, e dinheiro com que a mandava soccorrer o Marquez Vice-
«Rey, ficou alli o Capitão *Antonio de Brito Sanches*, como tra-
«zia por ordem para correr aquella Costa, e comboyar as em-

«barcações, que á sombra da bandeira Portugueza e com passa-
«portes do Estado, costumão commerciar nos portos circum-
«vizinhos. *Roberto Homem,* se fez logo de véla para *Surrate,*
«e atravessando depois para *Dio,* fez desembarcar os petrechos
«e mantimentos, que pertencião ao seu soccorro, e voltando a
«fazer escála pelos portos de *Surrate, Damão* e *Bombaim,* se
«recolheo a Goa. Executou *Antonio de Brito* a sua commissão,
«com aquelle distincto valor, que lhe inspira o seu grande
«brio, e o faz reputar por hum dos mais famosos Capitães que
«tem navegado os mares do Oriente, porque se acha alliado o
«seu esforço com huma grande capacidade, e com hum especial
«genio militar: mas em quanto nos vay dando com as suas ac-
«ções nova materia para os nossos elogios, passemos a referir
«outros successos.

28. «Aviado o Navio do commercio de *Moçambique,* a que nes-
«tas partes se dá o nome de Barco, se fez o Capitão *Antonio de*
«*Brito Sanches,* á véla do Porto de *Damão,* trazendo-o, na sua
«conserva; mas chegado á altura de dezenove graos se encon-
«trou com a Armada do famoso Pyrata *Angria,* o inimigo de
«mayores forças maritimas, que na India tem o Estado Portu-
«guez: constava de cinco Palas, e doze Galvetas, e todas empe-
«nhou o Commandante em atacar a nossa Náo de guerra. Dis-
«pôs-se o Capitão galharda, e destimidamente para defendê-la.
«A huma e outra parte acodião a sua vigilancia e as suas or-
«dens. A todos animava a sua presença. As mais efficazes de-
«ligencias que o inimigo applicava para rende-la, foram inuteis:
«augmentava-se com o perigo a sua constancia. Toda a guarni-
«ção, toda a equipagem foram testemunhas de ver subir o valor
«d'este Capitão ao seu apogeo. Observou o *Angria,* que lhe não
«resultava de toda a porfia do seu combate mais que a perda
«da sua gente e o destroço das suas Palas; e parecendo-lhe já
«inutil a sua obstinação, quiz retocar o seu desdouro com hu-
«ma cor politica. Mandou pelo Capitão de hũa Galveta dizer ao
«nosso «Que atégora tinha pelejado sem saber com quem,
«que lhe havia parecido que a nossa Náo era de alguma das
«potencias da Europa, que costumão ir commerciar aos portos

«do Oriente: que agora, reconhecendo ser Portugueza, se acha-
«va pezaroso do que emprendera; que protestava pela fir-
«meza da paz, e amizade, que *Tulaji* seu amo desejava con-
«trahir e conservar com os estados do Rey de Portugal.» Era
«conveniente acceitar esta satisfação de hum inimigo a que não
«podia castigar de outro modo. Despedirão-se com demonstra-
«ções de paz. Navegou o victorioso *Brito* para Goa, onde che-
«gou pouco antes que a Frota de *Mangalor*. Teve logo a honra
«de ser admittido á audiencia do Vice Rei, de quem recebeo
«os applausos tão merecidos, do seu relevante e honroso pro-
«cedimento.»

«Na peleja que deixámos referida na pag. 4 num. 9 d'esta
«*Epanaphora* soubemos agora mais que sahindo as nossas duas
«náos de Bombaim, onde os Portuguezes estiverão quatro dias
«mui divertidos e bãqueteados pelos *Inglezes,* encontrarão a
«*Armada* dos *Marathaz* que confiando-se no seu numero as tra-
«tou com desprezo, passando de bordo pelas suas proas, se-
«guindo-as dous dias até que vendo que nos não davamos por
«entendidos do seu designio; se declararão, mandando chegar
«á falla huma das suas Galvetas, para dizer-lhes que se entre-
«gassem; porque aliás passarião todos á espada; o que deo oc-
«casião a Roberto Homem de Magalhães, para se pôr em ba-
«talha pelas nove horas da manhã do dia 18 de Novembro.
«A náo mais combatida foy como alli dissémos *N. S. da Atalaya*,
«que defendeo gloriozamente o valorozo Capitão *Antonio de*
«*Brito Sanches* até ás quatro horas da tarde, em que os ini-
«migos se retirarão. Soube-se depois, que lhes matamos 80 ho-
«mens, alguns Officiaes, e o mesmo Commandante; e fora
«mayor o damno nos seus navios se fôra mais activa a nossa
«polvora.

*Fastos.*—Nuno Alvares Pereira.

«Irritados os Persas da severidade com que escreveo huma
«carta o Capitão de Ormuz D. Luiz da Gama a hum General, se
«resolverão a vingar com as armas a injuria que supunhão lhe
«resultava, e como a Cidade de Ormuz se abastecia de agua, que
«lhe vinha do Comorão, tratarão os Persas (já nossos inimigos)

«denos impedir o conduzi-la para aquella Cidade. Executarão o «seu intento, e em breves dias gemerão os nossos moradores «sem o preciso alimento, molestia que offendia o brio Lusitano, «pois contra a reverencia da nossa Fortaleza, e de todo o Es-«tado, se atreverão huns barbaros a impedir-lhe a agua e a fa-«zer a guerra aos Portuguezes, de quem recebião Leys. Trata-«rão pois os nossos de castigar o seu orgulho e vaidade. Foy o «primeiro que os buscou o Capitão Fernão da Silva, mas não «respondeu a fortuna ao seu valor, porque ao tempo em que «se começou a batalha, ou por desgraça ou por descuido, pren-«deo o fogo no payol da polvora, e voarão navio, e Capitão sal-«vando-se unicamente a gloria do seu nome e da valentia com «que se houverão em todos os conflictos da Asia. Sentirão os nos-«sos a perda não só pela falta de tão esforçado Capitão, mas «tambem os Persas com este acaso se fizerão mais ousados, co-«brindo os mares de Ormuz com 300 barcas que infestavão aos «amigos do Estado. Chegou n'aquella occasião Nuno Alvares «Pereira, e não querendo perder a gloria de vencer aos inimi-«gos, não foy tardo em logo os cometter, e pelejar de modo que «depois de algum tempo forão rotos e desbaratados, não esca-«pando das 300 barcas mais do que humas poucas, que servirão «para contar o lastimoso estrago que padecerão. Soubemos a «grandeza da victoria não só dos inimigos, a quem destroçámos, «pelejando no mar, mas ainda do grande terror que mostrarão «os seus Generaes e o seu Principe o Sophi, que temendo a ge-«ral ruina das suas Costas e Cidades maritimas, escreveo huma «Carta ao Visorey, em que se desculpava da guerra de que dava «por Author ao Cam de Xiràs. O Visorey D. Jeronymo de Aze-«vedo recebeo a satisfação do Persa, como que estimava não «ter guerra com aquelle Monarcha, e se contentava com a glo-«ria de o ver temeroso das armas do Estado, em tempo em que «erão combatidas por tantos e tão poderosos inimigos, e de-«vemos ao respeito de tão sinalada Victoria as attenções do mais «poderoso Principe, e o commercio das mayores utilidades.»

*Fastos.* — Antonio Telles de Menezes.

«A vingar as injurias ao Estado da India, e sustentar a sua

«gloria contra os Olandeses, sahio de Goa, Antonio Telles de
«Menezes, famoso General daquella idade, e Varão benemerito
«de toda a fama dos seculos. Não constava a sua armada de mais
«navios que seis galeoens; não sendo todos de igual força, mas
«como tão insigne Portuguez não contava o numero mas o valor
«de seus Soldados, investio a doze náos Olandezas, que cerca-
«vão a barra da mesma Cidade de Goa. Ateou-se a batalha com
«hum furioso e horrivel jogo de artilharia, cruzando os ares, ba-
«las, e outros instrumentos da morte e do estrago. Era Capita-
«nia, em que pelejava Antonio Telles, huma náo de setenta, e
«duas peças, e fazia tão violento fogo sobre os inimigos, que se
«resolverão a rendella com valor, e disciplina. Baterão-na os na-
«vios de mayor força mais para gloria, que ruina dos nossos,
«pois da brava resolução com que pelejava, não tiverão os ini-
«migos outro interesse do que a illustre vaidade de serem ven-
«cidos pelos Portuguezes. Acalmou o vento, e acendeo-se com
«maior furor o combate inflammando-se huns, e outros com do-
«brada, e nova colera para vencer, e destroçar os seus contrarios.
«A Capitania dos Olandezes recebeo notavel destroço da bate-
«ria de doze canhoens que tinhamos na proa da nossa, e ainda
«que trabalhou por escapar do ultimo estrago largando o com-
«bate que sustentava, cahio sobre a Almirante do nosso Estado
«navio forte, que jogava sessenta e quatro canhoens, e receben-
«do em segunda bateria mayor damno, e mais conhecida ruina
«fugio finalmente com a proa aberta de nossas balas. No mes-
«mo tempo D. Luiz de Castello Branco atracou com o seu
«Galeão a huma alterosa náo dos inimigos, e sendo esta soc-
«corrida do seu Almirante, se vio o nosso Capitão em manifesto
«perigo, pois o atracarão pelos dous bordos, mas então mos-
«trou o seu valor, e muito mais sua constancia. Pelejou este
«esforçado Cavalleiro, e seus Soldados não como se esperava
«de setenta homens, que guarnecião o Galeão, mas como lhes
«dictava o sangue, e o posto, e a todos o brio. Degollamos os
«Olandezes, que saltavão na xareta do nosso baxel e obramos
«acções dignas de mais distincta memoria; porém vendo que
«não podiamos render as duas náos, lhes lançamos fogo, e ao

«nosso mesmo navio, acção que deve ser applaudida como ge-
«neroso effeito de valor singular. Quiz o Almirante dos ini-
«migos vencer o fogo, e desaferrando-se do nosso galeão, surgio
«para filar ao vento, mas foi baldada a deligencia, porque os tres
«navios brevemente se consumirão pela voracidade das chamas.
«Antonio Telles, que em todo o logar andava satisfazendo ás
«obrigações de Heroe, acudio a salvar os Portuguezes, que ti-
«não escapado do incendio, os quaes vagando pelas ondas bebião
«a morte liquida no Oceano, mas ainda que esteve em perigo de
«se lhe abrazar a sua Capitania, não salvou aos que valerosa-
«mente padecião o naufragio, desgraça que não puderão evitar
«os nossos navios de remo, porque estavão a sotavento. Deste
«modo e com estes estragos e destroços se continuou a bata-
«lha, e se conseguira huma gloriosissima victoria, se os Portu-
«guezes não largarão de mão o triumpho, que lhes dera o claro
«das suas façanhas, mas receando Antonio Telles como pru-
«dente perder mais navios, ainda que desbaratasse aos inimi-
«gos, recolheo a armada a Goa cheio de gloria, e merecida
«fama, deixando aos Olandezes tão cortados do medo, como
«das feridas. As suas náos humas desapparelhadas, outras
«queimadas, e a Capitania aberta por muitas partes, servi-
«rão de claro testimunho da sua perda e do nosso valor, que
«em tão fausto dia acrescentou a fama e o respeito do Es-
«tado.»

*Fastos.*—Paulo do Rego Pinheyro.

«Sendo a fortaleza de Serião intoleravel freyo com que do-
«mavamos aos Reys de Pegù, Tangu, e Arracão buscavão es-
«tes barbaros todos os meyos de nos expulsar das suas terras,
«e de restaurar a sua antiga liberdade. Era mais inflamado em
«tão valerozo empenho o Rey de Arracão, e buscou soccorro
«de outros Principes, e Soberanos para com forças auxiliares
«fazer guerra mais vigoroza. Porém foy tal a sua desgraça, que
«destroçamos a armada em que navegavão os seus Embaixado-
«res. Esta nova perda irritou mais ao barbaro: para dobrar a
«vingança e ajuntando suas armadas compoz huma de setecen-
«tos navios, e quinze mil soldados, de que fez General o seu

«proprio filho, que era dotado de grande valor, e dando-lhe ca-
«bos de opinião conhecida, lhe fiou a empreza de vencer os Por-
«tuguezes. Logo nos buscou o Principe para dar batalha, e
«e quando cortava os mares ainda mais cheyo de soberba,
«que os nossos de valor lhe sahio com sete navios Paulo do
«Rego Pinheyro, a quem o nacimento em Portugal não fez
«nobre, mas suas obras no Oriente o constituhirão grande en-
«tre os mayores Capitães do nosso Imperio. Com poucos dias
«de viagem descobrio a armada de Arracão, e com tanta felici-
«dade, que logo começou a vencer. Adiantarão-se dez Galeotas
«inimigas para nos reconhecer, porém logo forão rendidas com
«todos os Soldados da guarnição. Foy navegando o nosso invi-
«cto Capitão na volta da armada contraria; mas vendo que era
«formidavel o seu poder, buscou estratagemas com que a des-
«troçar; fingio que timido se retirava, e logo o seguirão mui-
«tos Navios para o render, e como navegavão a ser primeiros a
«triumphar, se affastarão do principal corpo da sua armada:
«então voltou o nosso Capitão sobre elles, e com ligeireza e va-
«lor incrivel os investio enchorando a huns, e desbaratando aos
«demais. Acudio o mayor poder dos inimigos, e não se reti-
«rando os nossos se travou a batalha. Foy cruel, e furiosa,
«huns Navios arderão com as panelas de polvora, outros se me-
«terão a pique á violencia de balas, correo o sangue que tin-
«gio as agoas, e todos pelejarão com valor, acerto e disciplina;
«mas finalmente declarou-se a victoria pelos Portuguezes triun-
«fando a virtude do numero, os nossos dos inimigos. Largou o
«Principe a batalha para salvar alguns Navios do geral destroço,
«mas tão rijamente o seguio o famoso Paulo do Rego, que para
«livrar a vida e a liberdade encalhou em terra, donde se per-
«derão com as embarcações muitos Soldados. Os nossos ganha-
«rão muita parte de tão numerosa Armada, cativando diversos
«Capitães, e innumeraveis Soldados, que ainda não tiverão a des-
«graça de dois mil companheiros, que forão degollados. Da nossa
«parte não houve mortos nem sahirão feridos, o que se attri-
«buyo a milagre em combate tão renhido. Por esta cauza foy a
«victoria das mais insignes que houve na Azia e de que resul-

«tarão consequencias tão felices, que nos deo em differente dia
«triunfo mais espantoso, e gloria mais sinalada.»

*Fernam Mendes.* — D. Francisco Déça.

«Passados mais quatro dias em que a Armada acabou de se
«fazer prestes de todo, o Capitão mór D. Francisco Déça se em-
«barcou na fusta de D. Jorge seu irmão, porque a sua ficou
«alada sem se lhe poder dar remedio, e assim as nossas velas
«forão por todas oyto fustas, e hũ catur pequeno, em que hião
«duzentos e trinta homens todos soldados muyto escolhidos. Esta
«Armada se partio do porto de Malaca hũa sexta feyra 25 de
«Outubro do anno de 1547, e velejando todos por sua derrota,
«aos quatro dias chegárão ao Pulo Cambilão sessenta legoas
«donde tinhão partido. E porque o regimento que D. Francisco
«levava, se não estendia a mais que até alli sómente, não ousou a
«passar mais adiante e alli se deixou estar por alguns dias, sẽ
«em toda a costa acharem pessoa nem embarcação que lhe sou-
«besse dizer aonde os inimigos erão lançados, sómente se sus-
«peitava que serião já no Achem, para onde se presumia que
«levavam sua derrota. Posto este negocio em conselho, houve
«nelle muyto differentes pareceres, e muyto contrarios hũs dos
«outros; e por fim de tudo o Capitão mór, se resolveu em não se
«arredar do regimento que levava, o qual era que não passasse
«d'alli; e fazendo-se logo na volta de Malaca, ordenou nosso Se-
«nhor que com aquella conjunção da Lua lhe dessem de im-
«proviso ventos Nordestes, que lhe erão pela proa, com que
«estiverão amarrados 23 dias sem poderem sordir hum passo
«avante. E como a Armada não levára mantimentos para mais
«que para hum só mez, e elles tinhão já gastado trinta e seis dias
«da sua viagem, e n'este tempo já não tinhão cousa alguma para
«comerem lhes foi forçado irem-no buscar a Junçalão ou a Ta-
«nauçorim que erão portos muito distantes daquelle lugar para
«a costa do reyno Pegù e com esta determinação se abalarão
«donde estavão, e começarão a fazer seu caminho, indo todos
«bem enfadados destes successos, mas prouve a nosso Senhor
«Autor de todos os bens, que deu o tempo com elles na costa
«de Quedâ, e entrando no rio Parlés com fundamento de agoada

«e surgirem adiante na sua derrota, virão de noite passar hum
«paraò de pescadores ao longo da terra, o Capitão mór o man-
«dou buscar para saber d'elle aonde era a aguada. Trazido o pa-
«raò a bordo, elle fez agasalho aos que vinhão nelle de que elles
«ficarão contentes e perguntados hum por hum algumas parti-
«cularidades necessarias, responderão todos que a terra estava
«deserta, e o Rey era fugido para Patane por causa de huma gros-
«sa armada que havia mez e meyo que alli estava de assento com
«cinco mil Achães, fazendo huma fortaleza e esperando as naos
«dos Portuguezes que viessem de Benguala para Malaca, fun-
«damento como elles dizião de a nenhum Christão darem a vida,
«e tambem descobrirão outras muytas cousas necessarias ao
«nosso proposito, de que o Capitão mór ficou tão contente, que
«se vestio de festa, e mandou embandeirar toda a Armada.
«E chamados os Capitães a conselho se praticou no negocio, e
«o parecer de todos foi que se mandassem logo tres baloens
«esquipados pelo rio acima até á povoação aonde os inimigos es-
«tavão que era d'alli a doze legoas, e trabalhassem por saberem
«a certeza de tudo isto, e sabida se tornassem logo á Armada
«para se determinar o modo que se havia de ter na peleja, e
«que entretanto se fizessem todos prestes para o que tinhão por
«davante, e não perdessem da memoria o que o Padre Mestre
«Francisco lhes recommendava, que era interiormente trazerem
«sempre a Christo crucificado em suas almas, e no exterior
«mostrarem prazer e alegria com bom esforço, porque com es-
«tas mostras de fóra se animassem os fracos que hião ao remò:
«e o Capitão mór proveo com toda a brevidade em tudo que era
«necessario, e mandou que toda a artilharia da Armada se des-
«parasse e se embandeirassem as fustas, e se fizessem folias,
«e não houvesse regra nos mantimentos, o que tudo se cumprio
«muito inteiramente. E sendo prestes os tres baloens de todo
«o necessario com remeyros escolhidos e bem peitados, o Ca-
«pitão mór mandou no primeiro por Capitão dos outros a Diogo
«Soares, e no segundo a Balthesar Soares seu filho, e no ter-
«ceiro João Alvares de Magalhães e cada Capitão d'estes levava
«soldados do mesmo teor. Partidos os baloens pelo rio acima

«quiz a sua ventura que tendo andado cinco ou seis legoas, fo-
«rão dar de rosto com quatro baloens dos inimigos, e antes que
«huns e outros se acabassem de pôr em ordem, os nossos lhe
«tomárão tres dos seus, e o outro se salvou á força de remo.
«E porque os que os nossos tomarão erão muito melhores que
«os em que hião se passarão a elles e aos que deixarão puserão
«o fogo e se tornárão logo para a nossa Armada cõ grande al-
«voroço, por este bom prognostico, e o Capitão mór os recebeu
«com muyta festa, e alegria. Dos inimigos que vinhão nestes ba-
«loens, que os nossos tomárão, escaparão sómente seis Achães
«vivos, que os nossos trouxerão cõsigo, os quaes pergũtã-
«dos pelo que importava não respõderão outra cousa, senão
«dizerem todos com hũa contumacia muyto emperrada. Mate
«mate quita foduhe, q̃ quer dizer: Matay-nos, matay-nos, que
«não nos dá nada disso; pelo que foy necessario metellos a tor-
«mento, e os começárão a açoutar, e pingar tanto sem pie-
«dade, q̃. dous d'elles morrerão logo, e outros dous atados de
«pés e de mãos forão lançados ao rio, querendo-se fazer o mes-
«mo aos dous q̃. ficavão vivos, elles cõ grãdes brados pedi-
«rão ao Capitão Mór q̃. os não matassem, porq̃. elles juravão
«de confessarẽ toda a verdade. O Capitão Mór mãdou q̃. ces-
«sasse o castigo, e elles disserão q̃. havia já quarenta e dous
«dias q̃. aquella terra estava por sua, aõde tinhão mortas duas
«mil pessoas, e quasi outras tantas cativas, afóra o despojo
«de pimenta, drogas, e outras sortes de fazendas, de q̃. já ti-
«nhão mandado ao Rey do Achem hũa grande quantidade.
«E porque nũ dos capitulos do regimẽto q̃. seu Capitão mór
«trazia, lhe mãdava El-Rey q̃. alli n'aquelle rio esperasse as
«náos, q̃. de Bẽgalla e de outras partes viessem para Malaca
«e as tomasse todas sem dar vida a Portuguez nenhum, nẽ a
«homẽ q̃. fosse Christão, se detivera alli tanto, e tinha deter-
«minado esperar ainda mais hum mez atè que de todo a monção
«fosse gastada, e que quando ouvirão tom da nossa artilharia,
«lhe pareceo que as naos erão já chegadas, pelo q̃. toda a Ar-
«mada se ficava fazendo prestes com grande pressa para os
«virem logo buscar, pelo q̃. sem duvida nenhuma ao outro dia

«deverião alli ter. O Capitão mór D. Francisco cõ esta informa-«ção que teve se fes logo prestes como convinha para receber «os hospedes que esperava, trasendo sempre algũs balõs de «espia, que hião e vinhão sem descançarem. Ao outro dia, que «era Domingo, ás nove horas os nossos balõs vierão fugindo «muito apressados, dizendo com vozes muito altas: Prestes, «prestes, prestes co nome de Jesu, que aqui temos os ini-«migos, com o qual rebate houve grande reboliço em toda «a Armada. O Capitão Mór armado em huma coura de lami-«nas de setim carmesim cõ cravação dourada, e cõ hũ mon-«tante nas mãos se meteu em hũa manchua bem esquipada, «e correu todos os navios, animando a todos os Capitães e «soldados, e com a boca cheia de riso, e mostras de grandis-«simo esforço, os nomeava por irmãos, e senhores e lhe tra-«zia â memoria quem erão, e o que lhes encommendâra o «Padre Mestre Francisco [1] q̃. por elles estava orando continua-«mente a nosso Senhor, cujas lagrimas e orações havião de «ser ouvidas, e muyto aceytas diãte de Deos, pois elle era «tão santo como todos sabião, pelo q̃. a todos lhes era neces-«sario trabalharẽ todo o possivel por levarẽ bom nome diante «d'elle pois aquella Armada, e os soldados della se chamavam «do nome de Jesu, q̃. era o nome q̃. o bem aventurado Padre «lhe pusera quãdo partirão, e outras cousas a este modo muy-«to necessarias ao tempo e à conjunção d'elle, as quáes todas «se ouvirão com muyta alegria, protestando todos cõ grandes «vozes de sem falta nenhũa morrerẽ por Christo como ver-«dadeyros Christãos q̃. erão. E recolhido o Capitão Mòr à sua «fusta, quasi q̃. não era ainda bẽ dentro quando se descobrio «a Armada dos inimigos, os quaes com hũa espantosa grita, e «cõ hũ grandissimo estrondo de diversos instrumentos vinhão «pelo rio abaixo concertados na ordem que se segue.

«Na dianteyra d'esta Armada dos inimigos vinhão tres ga-«leotas de Turcos, em companhia da lanchara em que vinha «o Biyayá Sóra Capitão mór da Armada q̃. se intitulava Rey

[1] S. Francisco Xavier.

«de Pédir, e após estas quatro vinhão nove fileyras de seis
«a fileyra; de modo que as vélas de remo q̃. vinhão na Arma-
«da, erão por todas cincoenta e oyto, porq̃. as mais erão lan-
«charas e fustas q̃. atiravão cameletes por proa e alguãs meas
«esperas com seus falcões na coxia afóra muytos berços e
«outra artilharia miuda de que todas vinhão muyto bem pro-
«vidas. E como o impeto da agua vinha em seu favor, e os
«navios vinhão bem esquipados e de arrancada, ao som de
«muytos instrumentos de guerra juntamente com as gritas da
«chusma acompanhadas de huma grande quantidade de arcabu-
«saria, causava hum tamanho terror e hum tão desacostumado
«espanto, que as carnes tremião de medo. E desta maneira
«tanto que a diãteyra dos inimigos descobrio a ponta de hũ
«cotovelo que a terra fazia da banda do Sul, detràs da qual
«os nossos estavão tambem já prestes para os receberem, a
«primeyra fileyra das tres galeotas de Turcos e lanchara em
«q̃. vinha o Biyayà Sóra, arremeteu á nossa ala dianteyra em
«q̃. estava o Capitão mór com duas fustas, a sua no meyo
«e de hũa parte Diogo Soares, e da outra Gomes Barreto,
«Fidalgo do Duque de Bragança, e anticipando-se os inimigos
«hũ pouco no atirar da artilharia, prouve a nosso Senhor que
«nos não fes nenhum dano, e a briga se travou logo entre am-
«bas as dianteyras, em que os Capitães móres se encontrarão
«ambos, e pelejando hũs cos outros com muyto esforso, e tan-
«to sem piedade, quanto requeria o odio com q̃. pelejavão,
«quis Deos q̃. da fusta de João Soares se fez hũ tiro de camelo,
«o qual se empregou tambem, que a lanchara em que vinha
«o Biyayà, foi logo metida no fundo com morte de mais de cem
«Mouros. As tres galeotas querẽdo com muyta pressa acodir
«aos que andavão na agoa, e principalmente para tomarem o
«seu Capitão mór, que se não affogasse, se embaraçarão to-
«das tres de tal maneyra que a segunda ala co peso da cor-
«rente veyo cahir sobre elles, e após esta logo outra, e assim
«todas as mais de maneyra, q̃. embaraçadas hũas com as ou-
«tras fizerão hũ ajuntamento confuso que occupava toda a lar-
«gura do rio, sobre o qual a nossa artilharia toda empregou

«tambem tres çurriadas, que nenhum tiro foy de balde, com
« q̃. lhe metterão nove lancharas no fundo, e as outras quasi
«todas ficarão destroçadas por q̃. os mais dos nossos tiros erão
«rocas de pedra. Vendo os nossos aquelle bom successo, e
«como Deos lhe ordenava tudo em seu favor, cobrarão tanto
«animo, e esforso q̃. chamando pelo nome de Jesu, arreme-
«terão a elles tanto sem medo, que quatro fustas nossas abal-
«roarão seis das suas, e lançando-lhe após isto muita quanti-
«dade de panelas de polvora, e de pedradas, afóra muyta so-
«ma de espingardas q̃. atiravão continuamente sem nunca ces-
«sarem, o fervor desta honrosa briga foy tamanho que só em
«mea hora forão mortos destes inimigos quasi dous mil.
«A sua chusma com isto cobrou tamanho medo q̃. se lançou
«toda ao rio, porém a corrente e o peso da agoa que era muyto
«grande, os afogou quasi todos em muyto pequeno espaço.
«O que vendo os outros que ainda ficavão vivos, e como este
«negocio lhes succedia cada vez peyor, depois de pelejarem
«esforçadamente hum bom espaço, conhecendo já claramente
«sua perdição, e q̃. os nossos os matavão a todos com as es-
«pingardas, e que elles já não podião fazer, nem approvey-
«tar-se da sua artilharia, e sobre tudo serem a mayor parte
«delles queymados com a muyta soma de panellas de pol-
«vora, lhe foy forçado ou lhe pareceu melhor meyo da sua
«salvação entregaram-se antes á agua do rio, que a quem os tra-
«tava tão mal como os nossos, e lançando-se todos ao rio, co-
«mo já então hião muyto feridos, queymados, e cansados da
«briga, e por isso tão quebrados das forças, q̃. apenas podião
«bulir os braços, todos logo se affogarão, sem nenhum delles
«escapar vivo, com que os nossos ficarão de todo desaffron-
«tados delles e dando muytas graças e muytos louvores a nosso
«Senhor pelo bom successo de tão gloriosa vittoria, e se apo-
«derarão de toda a Armada que erão quarenta e seis vélas, afóra
«as nove que no principio da briga se meterão no fundo, sem
«escaparem mais que só tres, em que se salvou o Biyayà Sóra,
«e segundo se disse ferido de huma arcabusada, de que esteve
«á morte. Nesta Armada se acharão trezentas peças de artilha-

«ria de que a mayor parte erão falcões, e berços em que en-
«travão sessenta e duas com as armas de ElRey nosso Senhor,
«q̃. elles em outro tempo nos tinham tomado, e se acharão
«mais oytocentas espingardas, e huma grandissima quantidade
«de zarguncho, lanças, terçados, arcos Turquescos com muy-
«tas frechas, crises e azayagas guarnecidas de ouro de que al-
«guns dos nossos tiverão bom quinhão. O Capitão mór mandou
«logo fazer resenha da sua gente, e se acharão mortos dos
«nossos vinte e seis, dos quaes só os sinco foram Portugue-
«zes, e os mais foram escravos, e marinheyros que nas fustas
«hião ao remo, e feridos forão cento e cincoenta de que os se-
«tenta Portuguezes dos quaes depois falecerão tres e cinco fi-
«carão aleyjados. A fama desta tão gloriosa e honrada vittoria
«correu toda aquella terra com que o Rey de Parlès que a este
«tempo estava fugido no mato com medo destes inimigos ajun-
«tou como pode obra de quinhentos dos seus, e deu na tran-
«queyra que lhe tinhão tomado e aonde estavão todas as pre-
«sas q. tinhão feyto, em guarda dos quaes tinhão deixado os
«doentes, que serião até duzẽtos, e matãdo-os a todos sem da-
«rem vida a nenhũ delles, tornárão a ganhar o despojo, em
«que entrarão dous mil dos seus que estavão cativos, mas tudo
«mulheres, e criãças, e outra gente pobre. Isto feyto, o Rey
«veyo logo visitar D. Francisco, e lhe deu os parabens da vit-
«toria, levantando por isso muytas vezes as mãos ao Ceo, e
«prometteu com juramẽto solemne ao seu modo de ser dalli
«por diãte vassallo de El-Rey nosso senhor com tributo de dous
«cates de ouro cada anno, que são quinhentos cruzados, e que
«lhe promettia tão pouco porque a sua pouca possibilidade
«não podia abranger mais, de que se fez assento, em que as-
«sinou o Rey com algũs dos seus. D. Francisco se fes logo
«prestes para se tornar para Malaca, e vendo que não tinha
«gente com que podesse marear tantas velas, lhes mandou
«por o fogo, e não trouxe comsigo mais do q. vinte e sinco,
«em que entrarão quatorze fustas e as tres galeotas, em que
«vinhão os sesenta turcos q̃. todos morreram na peleja. De-
«pois disto se tomou tambem hum parao em que vinhão quin-

«ze Achães, os quaes mettidos a tormento confessarão que «na briga forão mortos com a gente que se affogára passante «de quatro mil, de que a mayor parte foy gente limpa e «criados do Rey do Achem e quinhentos delles erão Oraba-«lões de manilha de ouro que são Fidalgos, e morrerão ses-«senta Turcos, e vinte Gregos, e Genisaros, que havia poucos «dias que em duas náos erão vindos de Judá e Pâcem.»

Quanto á chalupa de Diu, em que acima fallamos, vinha ella para Gôa, e á vista de Rottannghiree, appareceram-lhe pela proa duas pallas e quatro galvetas do Angrià. Os Portuguezes da chalupa resolveram logo, como depois se veio a saber pelos inimigos, não arriarem a sua bandeira, vendendo caras as vidas. Assim o fizeram, pois nenhum sobreviveo ao desproporcionado combate que sustentaram. As pallas foram-lhe fazendo fogo desde qne a tiveram debaixo do alcance da sua artilharia, a qual sendo de muito maior calibre do que a da chalupa, foi-lhe fazendo avarias, antes que a della alcançasse as pallas, e dentro em pouco ficou o barco portuguez desarvorado do mastro do traquete, e logo abordado pelas pallas. A heroica tripulação da chalupa não arriou bandeira, fez fogo em quanto pôde com as suas pequenas peças, e quando se vio cercada de inimigos que a invadiram por ambos os bordos, pela proa e pela poppa, brigando peito a peito, e descarregando em cada golpe nos inimigos, morte instantanea, foram cahindo huns sobre outros, de maneira que todo o convés era hum lago de sangue, e hum montão de corpos espedaçados, perecendo, na desigual peleja mais do dobro de Maharattas do que de Portuguezes: morreram todos mas não arriaram a sua bandeira. Vinte Portuguezes, tiveram a ousadia de se medirem com perto de quinhentos Moiros e Turcos das duas pallas e quatro galvetas do Angria, preferindo antes acabar gloriosamente batalhando, do que obterem a sua salvação a troco da infamia, de arriarem a sua bandeira, na presença de tão numerosos inimigos. Era e he por taes rasgos de valor e por tão heroico patriotismo, que os Portuguezes na India foram e são ainda hoje respeitados.

Outro facto. Lisboa 8 de Dezembro de 1718.

«Chegou da India por terra o Padre Frei João de Christo, «Procurador dos Missionarios Franciscanos da Provincia da Ma-«dre de Deos, havendo partido de Bombaim em 2 de feve-«reiro d'este anno, e refere que o Conde da Ericeira Vice-Rey «d'aquelle Estado se achava em grande acceitação nelle, e ti-«nha visitado as Fortalezas visinhas a Goa e augmentado as suas «fortificaçoens; e que sabendo que os Arabios unidos com os «naturaes do Reyno de Cambaya tinhão fabricado hum Forte «em Patane nas vizinhanças de Dio, expedira hũa esquadra de «cinco náos de linha com outros navios menores, á ordem do «almirante D. Lopo de Almeyda, e D. Rodrigo da Costa que en-«tão servião, o primeiro o posto de General, e o segundo o de «Almirante para que desembarcando lho destruissem, o que «se executou felizmente acometendo, ganhando, e saqueando e «demolindo o dito Forte; mas que os inimigos ajuntando gran-«de numero de gente, assim Arabica, como Cambayana, os in-«vestira ao embarcar-se em que tambem tiverão as armas de S. «Mag. por sua parte a fortuna; porque não só os rechaçárão, «e se pudérão embarcar na Esquadra, mas lhes tomárão dous «navios que tinhão n'aquelle porto com riquissima carga, sem «custar mais esta victoria que a morte do filho do General, «Francisco Pereira da Silva, a do Capitão de mar e guerra Cae-«tano Joséph, e as de alguns Soldados.

«Que os mesmos Arabios depois de ganhada Baharem fo-«rão sitiar a Praça de Ormuz, e El-Rei da Persia não podendo «por si só defendella, pedira soccorro ao Vice-Rei com huma «magnifica embayxada, mandando satisfazer ao Estado o que «lhe devia de muytos annos pelos direitos do porto de Congo «e offerecendo por esta nova despeza todo o dinheyro neces-«sario.

«A náo de viagem partio de Goa em 11 de janeyro, e en-«tende-se que arribou a Moçambique. A que chegou de Macáo «se chama S. Anna, e o seu Capitão Francisco Delgado; os «generos da sua carga se verão na seguinte lista.»

N'esta acção que paréce ter custado pouco a ganhar, sem-

pre morreo hum Capitão de mar e guerra o filho do General e *alguns* soldados, cujo numero se occulta, mas donde póde bem colligir-se que foi renhida como éram quantas se pelejavam na India, pois de ordinario éramos poucos contra muitos, e muitos que defendiam o seu paiz e quanto n'elle possuiam de mais precioso.

Se bem que a lista dos objectos da carga da náo de viagem de Macáo, não seja de maior interesse para esta *Epopeia,* com tudo sempre a transcreveremos para mostrar que preciosidades traziam os nossos navios da China. Eis a lista:

19 Colxas bordadas, de marca grande.
8 ditas de marca ordinaria.
30 ditas de marca pequena.
953 setins lavrados.
10 ditos ligeiros.
3 ditos lizos.
2 ditos bastiados.
335 ditos de ouro e prata.
45 peças de rabis de ouro.
59 peças de loz.
164 peças de téla de ouro e prata.
63 peças de lampassos.
231 ditas de ditos de partido.
651 ditas de lampassinhos.
1844 peças de cabayas.
89 peças de espernegão.
695 peças de primaveras.
40 ditas de toda a conta.
624 peças de damascos carmezis e amarellos.
52 peças de alifantes.
92 peças de xittas.
74 cobertas de xittas.
70 peças de cassas.
150 pares de meyas de seda.
500 leques de seda.
20 contadores de xarão.
320 ditos segundos.
65 xavanas com pires de xarão.
11940 ditas com seus pires dourados.
2 bahús pequenos de xarão.
14 caixinhas com tinta.
8000 livras de chá buy.
39250 livras dito verde.
25 xicaras com seus pires de xarão.
8155 ditas com pires dourados.
3950 ditas com pires e tampas.
2830 ditas com pires, tampas e azas.
8000 ditas azul e branco.
630 pratos grandes dourados.
1215 ditos segundos dourados.
2511 ditos terceiros.
4510 ditos quartos.
935 pratos grandes azul e branco.
1756 ditos segundos.
2911 ditos terceiros.
1377 ditos quartos.
403 bules dourados.
81 ditos pardos.
509 amichoens de 3 em terno.
2243 porçolanas, azul e ouro, com pratos e tampas.
1164 ditos com pratos e tampas.

| | | | |
|---|---|---|---|
| 335 | ditos terceiros. | 59430 | porçolanas grossas. |
| 65 | ditos quartos. | 32901 | pratos para as ditas. |
| 366 | bandejas de xarão. | 110 | ternos de jarrinhas. |
| 103 | boffetes de lanquin. | 263 | picos de breu. |

Os feitos dos Portuguezes na India, por serem repetidos, e praticados longe da metropole, não se tem tomado, nem tomam na devida consideração, pois mesmo dando-se-lhe publicidade e apreço quando estrondosos, ou delles ha noticia, nunca mais lembram, e diz-se dos mesmos, e dos logares onde succederam: *São apenas gloriosas reminiscencias do passado,* como por vezes ouvimos a hum ministro da Marinha, e a outros notaveis conselheiros da corôa. O certo hé que, nem essas reminiscencias talvez hoje tivessem logar, ou teriam de todo esquecido, se homens patriotas, e fanaticos da honra e gloria do seu paiz, não houvessem em todos os tempos arriscado a vida, e não se tivessem votado á causa da patria, com a ideia de lhe manter a fama que os seus antepassados lhe conquistaram, e a tradição lhe conserva em tão remotas partes, por actos dignos de serem perpetuados, em memoria de quem os praticou, e da nação, que os authores d'elles mais nobilitaram.

Dominados sempre deste impulso de tornar bem notorios os serviços e mérito dos nossos patricios, e principalmnnte dos maritimos, feitos em honra do nome Portuguez, emprendemos colligir a maior somma de noticias que lhes dissessem respeito, e comprovassem quanto foram e tem sido desinteressados, e até mal recompensados os homens do mar desta terra, reproduzindo as mesmas noticias á proporção que as formos obtendo, para a todo o tempo se fazer justiça áquelles que se tornaram, tornem e venham a tornar crédores das benções e da admiração da posteridade. O facto que em seguida transcrevemos, mal póde bem avaliar-se, por que lhe faltam muitos esclarecimentos que deveriam realçar-lhe o grão valor; porém pela circumstancia de merecer em Lisboa cantar-se *The Deum* a que assistiram Suas Magestades e Altezas, se calculará quão importante elle deveria ser, pois a final consistio em restaurar para a corôa portugueza, mais de cem leguas de costa desde

*Brava* até *Quiloa*, que os Mouros e Arabes tinham usurpado em menoscabo do nosso antigo direito de conquista. Reduzindo-nos ao que achámos escripto, relataremos o caso que hé o seguinte.

A ilha de Mombaça e o territorio da sua dependencia na terra firme ao norte de Moçambique éram, e são como toda a costa de Zanzibar dominados por Arabes (como hoje dizemos, ou Arabios como diziamos no seculo passado) cujo Soldão éra e hé o Imman de Mascate. Contra este potentado havia queixas em Moçambique e na India tão grandes, que o Vice Rey João de Saldanha da Gama entendeo conveniente reprimir os seus ataques, tanto na Arabia e na Persia, como na Ethyopia, e para isso apromptou varias esquadras que foram tomar vingança das affrontas recebidas aos portos inimigos. Dos combates que se deram na Arabia e na Persia, já fizemos menção, agora apenas trataremos dos dados em Mombaça e Pattè, que foram tão importantes e decisivos para a preponderancia portugueza no Oriente, que mereceram mandar-se a noticia delles por hum expresso por terra, da India a Portugal, e isso por deliberação do general que alcançou a victoria, independentemente de ordem do Vice Rey. Ignoramos as forças navaes que entraram nesta acção, ignoramos a maior parte das especiaes circumstancias do conflicto, por que não as publicaram, mas do que resta nos papeis da época, vê-se que os Portuguezes obraram maravilhas, restauraram Mombaça e Pattè, e deram a lei aos Arabes e Mouros, com huma arrogancia e mostras de poder, que devem notar-se para credito deste paiz, e do general e soldados de Mar e terra que se distinguiram em tão brilhante feito. Eis o resummo que trasladamos da Gazeta, textualmente:

«Portugal. — *Lisboa 28 de Abril de* 1729.

«O General da Armada da India Luiz de Mello de Sam Payo
«deu conta a Sua Magestade em carta de 5 de Agosto de 1728
«escrita do Porto de Congo na Persia, de haver restaurado
« *Patte* e *Mombaça* e toda aquella costa de Africa, que se com-
«prehende desde *Brava* até *Quiloa*, havendo executado o re-

«ferido em Março do dito anno de 1728. Remetendo as capi-
«tulaçoens: Esta noticia veyo por hum Expresso que o mesmo
«General mandou por terra do dito Porto de Congo. Com esta
«occasião se cantou na Basilica Patriarcal Missa em acção de gra-
«ças, estando presente o Senhor Patriarca, que no fim entoou o
«Hymno *Te Deum laudamus*, e disse as Oraçoens costumadas
«e a tudo assistiram Suas Magestades, os Principes, e os Se-
«nhores Infantes.

«As Condiçoens que impoz aos rendidos da Praça de Mom-
«baça o dito General são as seguintes.

«*Capitulaçoens concedidas por mim Luis de Mello Sam*
«*Payo, do Conselho de Estado da India, Capitão General*
«*da Armada de alto bordo, dos Estreitos de Ormuz, e mar*
«*Roxo, e dos mares da India* a Xeque Mahamed Aben
«Zayde *General dos Arabios, e seus subditos, nesta Ilha, e*
«*Fortaleza de Mombaça.*

«I Primeiramente, que amanhã que se contão quinze do
«corrente que sairão todas as guarniçoens divididas em dous
«corpos dos quaes hum primeiro do que o outro será condu-
«zido pela pessoa, que eu determinar; e o dito corpo virá des-
«filando com as armas a rasto, passando pela frente do nosso
«que estarà formado em batalha, e ahi irão rendendo as armas
«pondo-as no chão ao pé do Estandarte Real junto a mim; e
«recolhendo-se este corpo no logar determinado, sairà o se-
«gundo da mesma fórma.

«II Que não poderão sahir com as armas carregadas, nem
«menos trazer comsigo polvora, nem bala.

«III Que todos os ditos Arabios, suas mulheres e filhos se
«reconheção por humildes escravos del Rey nosso Senhor.

«IV Que eu, em nome do dito Senhor usarey de piedade
«com toda a guarnição, concedendo-lhes as vidas, e liberda-
«des.

«V Que lhe mandarey dar das quinze embarcaçoens suas,
«que se achão no rio de Santo Antonio, defronte do meu acam-
«pamento, as que me parecerem serem bastantes para os trans-
«portarem aos seus Paizes.

«VI Que os mandarey prover de mantimentos dos seus mes-
«mos armazens para o tempo de hum mez.

«VII Que por especial favor lhe concedo algumas de suas
«armas para a defença das ditas embarcaçoens, que os houve-
«rem de transportar.

«VIII Que ao General e aos Cabos principaes lhe concedo
«por mercê particular algum fato de seu uso.

«IX Que todas as mais fazendas que se acharem, assim
«nesta Ilha, como nas mais, e por toda esta Costa, que per-
«tencem aos Arabios, ficarão para a Fazenda Real; como tam-
«bem toda a artelharia, e muniçoens de guerra, e boca, em-
«barcaçoens grandes e pequenas, que estão nesta Ilha, e nos
«mais logares da Costa.

«X Que não poderão levar captivos nenhuns seus, e estes
«serão de hoje por diante para sempre dos Portuguezes.

«XI Que os dias que estiverem em terra serão guardados
«de hũa escolta Portugueza, e lhes mandarey assistir com o
«sustento necessario; e para que tudo seja firme, e valioso as-
«sino aqui da minha mão este papel, firmado com o sinete de
«minhas Armas. Mombaça, 12 de Março de 1728. — *Luis de*
«*Mello Sam Payo.*

«O Portador d'este aviso veyo por terra até Tesalonica, porto
«da Grecia, donde se embarcou em hum navio Inglez, cha-
«mado a *Cleopatra*, que entrou neste porto a 21 do corrente
«com 78 dias de viagem».

Pelo testimunho do General Luis de Mello Sam Payo, restauraram os Portuguezes o senhorio da costa d'Africa, desde Quilôa, que está na latitude de 8° 30′ Sul até Brava, situada em hum gráo ao norte do Equador; quer dizer cento e oitenta leguas, comprehendendo as povoações mais notaveis, os melhores surgidouros, e portos de maior commercio incluindo Zanzibar. Hé porém de sentir que não se publicassem os nomes dos Officiaes que deram á Patria, a posse de tão dilatado e rico paiz, e que se não dissesse o numero de vidas com que o comprámos, nem mesmo as forças de mar e terra que por elle combateram. Hé de suppor que fossem diminutas, e re-

sumido o grupo de valentes que se votaram a este util e glorioso serviço, pois sendo a Armada, mandada da India que entretinha guerras com os inimigos do Estado naquelle mesmo continente, mal poderiam dispensar-se muitos navios e braços para batalhar na Africa. O caso hé que o General data o seu officio do porto de Congo, onde parece que figurava de senhor, e do qual com effeito o rei da Persia pagava tributo aos Portuguezes, como acima demonstrámos. Congo hé hum dos portos da margem septentrional do Golpho Persico fronteiro á ilha Kirma, situadò na latitude N. 27°, e longitude E. de Green. 55°.

A armada que foi a Mombaça, foi ali mandada por João de Saldanha da Gama, como já dissemos, porém não de hum modo tão positivo como agora o faremos, transcrevendo da Gazeta de 27 de Julho de 1730, a parte que se refere á mesma expedição, e hé a seguinte:

«Por cartas que se receberão da India por via de Inglaterra, «escriptas em *Baçaim* a 5 de setembro de 1729, se tem a no«ticia, de que Antonio de Albuquerque Coelho, General de «Pattè, tinha introduzido naquelle Reino hum bom methodo «de governo, e construido huma nova fortaleza, que já ficava «defençavel; que o *Maratá* ou *Sau Rajá*, neto do famoso Se«vagi, hia fazendo grandes progressos no *Indostan*, qu pre«tende sojeitar, ou todo ou a mayor parte delle; que o Estado «da India Portugueza se achava com grande socego com a morte «do celebre *Canogi Angariâ*, que perturbou muitas vezes o «commercio, e a pescaria das terras do Norte do mesmo Es«tado; que o Vice Rey João de Saldanha da Gama, tinha man«dado a *Mombaça* huma armada para segurança daquella «Praça, e da sua costa; e que em Goa faleceu o Desembarga«dor Agostinho de Azevedo Monteyro, que foy Chanceller «daquelle Estado, e Ministro, que conseguio muitas estima«çoens pelas suas letras, e talento».

Do mesmo livro de Gazetas—*Lisboa 17 de Agosto de* 1730.

«A sete chegou da Bahia de todos os Santos com 79 dias «de viagem a náo N. S. da Ajuda, que por outro nome se chama

«a Europa, de que hé Capitão Gaspar dos Santos Negreiros, «e por esta via se teve a noticia, de haver chegado áquelle «porto a náo que este anno se esperava da India Oriental; e «que em Goa estava aparelhando o Vice Rey João de Saldanha «da Gama huma armada para hir castigar a rebelião dos Mou-«ros de Mombaça e Pattè».

Pelo primeiro aviso das cartas de *Baçaim*, soube-se que a Armada fôra para segurar *Mombaça*, pela náo *Europa* que tinha hido para castigar a rebellião dos Mouros. Em todo o caso, que a expedição fôra ordenada por aquelle Vice Rey que primeiramente indicámos. De tanto poder, tanto esforço, tanta fama e tanta devoção civica, o que resta para Portugal? Quatro traços dispersos entre milhões de paginas que ninguem lê, e que hum peito amigo do seu paiz, busca não deixar esquecer lembrando a quem for animado de igual patriotismo, em que livros poderá encontrar quanto aqui vai relatado.

## XVII

### O HYATE PANCÃO

As pessoas de boa fé que desejarem instruir-se na historia da nossa Marinha, e se derem de coração a este honroso e patriotico trabalho, hão-de achar muitas noticias que as indemnisem largamente do cansaço de as procurar, pois com effeito ha immensas nos archivos publicos, não só comprobativas de quanto o nosso pessoal maritimo hé audaz e atilado, senão da sua modestia e do pouco alarde que usa fazer dos seus serviços individuaes ou collectivos a qualquer, ou á sociedade em geral. Pela nossa parte, declarâmos que temos folheado milhares e milhares de paginas ao acaso em busca de huma participação official, de hum decreto, de huma portaria, de hum documento relativo a facto maritimo, e dâmos por bem aproveitado o tempo assim despendido quando deparâmos com escripto indicador de proceder honroso da nossa gente do mar. Se a vida que temos levado, houvera sido menos cheia de embaraços, estorvadores de assidua e determinada applicação, e não estivessemos rastejando sete setimos de hum seculo, emprenderiamos escrever a *Chronologia Maritima de Portugal;* mas nem a occasião se nos proporcionou até hoje, nem agora o serviço da arma que diariamente nos toma muitas horas, nem a provecta idade em que estâmos comportam a diversão e a persistencia do trabalho que huma tal obra exigiria. Hé por isso que destacadamente temos apontado, e continuaremos a apontar quantas cousas soubémos ou soubermos da Marinha

Portugueza, quer tradicionaes, quer comprovadas por instrumento publico, e de modo que possam apparecer aos vindouros com aquelle caracter de verdade que deve acompanhar a descripção de hum rasgo de valor portuguez. O successo que vamos referir, foi por nós ouvido no centro da nossa familia ao proprio a quem aconteceo, e era sabido do nosso bom amigo Fonseca Magalhães, assim como o póde attestar o sr. José Fernandes Thomaz que igualmente conhecia o sujeito a quem elle se refere, e por ser o dito facto notorio na Figueira donde o sr. Fernandes hé natural, onde elle se projectou, e á vista de cuja villa, e em companhia de varios de seus habitantes, que nelle tomaram parte gloriosamente, se consummou.

O hyate *Pancão* era hum barco do Arsenal empregado na conducção do carvão de pedra da mina de Buarcos para os Arsenaes do Exercito e da Marinha. Em 30 de Maio de 1798 foi elle caçado e capturado por hum corsario francez em frente da Vieira, onde os apresadores lhe tiraram duas terças partes da tripulação, substituindo-lha por gente sua, fazendo-o seguir para o Norte. Constando o apresamento na Figueira e Buarcos pelos habitantes da costa que o tinham presenceado, offereceo-se logo o Sargento Mór João Pedro da Maia e Mello, governador da praça de Buarcos e Forte do Registo de Santa Catharina da Foz da Figueira, para o ir resgatar. Porém o tenente de infanteria da guarnição da mesma praça José Correa Soares, mais decidido, metteo mãos á obra com tal empenho, que todas as vistas se viraram para elle, não só pela sua decisão e notorio desembaraço, se não por ter já embarcado. José Correa disse aos circumstantes que o hyate devia necessariamente esgotar as bordadas perto da terra, e longe da escuna franceza, por causa do Norte que assoprava duro, e á sombra della com as correntes e estoques d'agoa ir metter-se em Vigo, em quanto a escuna amarada fazia outra navegação e novas presas. Além d'isto José Correa era natural de Buarcos, sabedor de como ali na costa correm os estoques d'agoa, habituado a encarar o mar desde a infancia pelo ter sempre diante dos olhos; começára a sua carreira a bordo dos navios de guerra,

para onde fôra recrutado, tinha servido na Segunda Armada, onde por sua boa conducta chegára a tenente, e como tal feito viagens commandando os destacamentos das náos da India. Foi portanto ouvido da multidão que accudira á noticia do apresamento do hyate *Pancão*. Ora, na India tudo são glorias militares, e qualquer nome de familia ou de logar, denuncia huma acção heroica e honrosa para a patria. Os Feitos Portuguezes que ali se praticaram, despertavam e despertam no animo da nossa gente que ali abordava, ou piza agora mesmo aquella terra, theatro de tantas maravilhas marciaes, desejos de ganhar fama por iguaes motivos, o que faltava, e falta a quem se electrisa com os Feitos Portuguezes que ella presenceou, era e hé a occasião de os imitar; mas impulsos generosos, vontade de honrar a patria, de não desmerecer o nome que ali se ganhou, sobrava e sobra a todo aquelle que sentio aquecer-se-lhe o sangue, contemplando os monumentos de tão antiga e persistente audacia. José Correa, Marinheiro e Soldado da carreira da India, nutria-se d'aquellas ideias cavalheirosas incitadoras de altos brios e rasgos como os que invejava dos nossos antepassados, e todos os seus sonhos de gloria eram pelejar com os Francezes. Felizmente a tomada do hyate *Pancão* pela escuna pirata que andava na costa, despertou-lhe todas as suas ideias guerreiras, deparando-lhe Deos e a sua boa fortuna huma occasião de ganhar fama e de imitar os Portuguezes da India, dos quaes toda a gente de Buarcos e da Figueira sabia os actos mais famosos, recitados pelo enthusiasta tenente da praça; e por esta razão, logo que constou o apresamento do *Pancão* e José Correa fallou em o ir represar, foi applaudido e todos quizeram tomar parte na briga. Escolheo-se huma pequena rasca da Ericeira, das de melhor pé, que chegára da pesca, e cujo mestre, e companha quizeram medir-se com os corsarios. Armaram-se de espadas e espingardas, ajudados de doze soldados, com o furriel João Soares de Mattos e dois cabos de esquadra, e elles lá vão em busca do hyate que bordejava á vista da terra. Todo o povo da Figueira e de Buarcos era olhos nos vasos que iam bater-se; a todos palpitava o coração de receio

não fugissem os inimigos com a sua preza, pois de que seria resgatada, e os ladrões prezos ninguem duvidava, se José Correia e seus valentes companheiros chegassem a tomar-lhe barlavento. Quiz a Providencia, ajudando a habilidade do tenente e a pericia dos tripulantes da rasca, praticos de como as agoas correm na costa, dar-lhes vantagem sobre o hyate, de maneira que em frente do Senhor da Pedra, huma legua ao Norte de Buarcos, foi elle abordado pela rasca, travando-se então huma briga desesperada. Tiros dos Francezes, tiros dos Portuguezes, até que estes saltaram no hyate, e foram acutilando o inimigo com tal denodo e valentia, que o sangue de huns e outros rojava pelos embornaes. No entretanto, por todas as alturas da costa até cabo Mondego, havia gente a observar o combate, sempre convencida de que a victoria seria dos figueirenses. No fim de hum quarto de hora os inimigos estavam jazendo no convés mortos ou mutilados, e a bandeira nacional por cima da franceza. Mas o peor era que a escuna dera de encontro ao leme e vinha de escotas aventadas sobre o hyate e a rasca, os quaes se lhe ficassem ao alcance da artilharia não escapavam de ser mettidos a pique. José Correia, vendo o perigo que os ameaçava, guinou para a terra, com tenção de se defender e nunca arriar bandeira, e cozendo-se com as pedras, dirigindo a sua navegação como pratico d'aquellas paragens, bem como os pescadores da rasca, mesmo dentro da pancada do mar, onde a escuna de modo algum iria metter-se, chegou-lhe a noite que o encobrio á gente da escuna mais afastada da costa, e na manhã seguinte, 1.º de junho, foi entrar na Figueira todo vaidoso da sua façanha, ainda que elle e outros feridos, e alguns mortos.

Foi hum dia de festa para as duas villas, e aldeias dos arredores, dando este facto brado até em Lisboa de tal modo, que o Principe Regente mandou gratificar os Marinheiros e Soldados, e promoveo a capitão o tenente José Correia com exercicio de ajudante na praça de Buarcos. Muitas vezes o vimos em nossa casa, onde se hospedava, quando annualmente vinha a Lisboa beijar a mão a Sua Alteza, ouvindo-lhe contar os peri-

gos das suas viagens, o modo por que no tempo d'ellas se queimavam as mulheres na India, e outros usos gentilicos, bem como os combates da nossa Marinha com os Bounsulós, Arabios e Marattás, e finalmente este com os Francezes do hyate *Pancão*. Eramos então de pouca idade, mas temos bem presente a figura e nobreza deste valente militar, vestido com o seu apparatoso uniforme azul (dizemos azul porque se reuniam em nossa casa officiaes que o visitavam com fardas verdes da Segunda Armada, azues claras da engenharia, encarnadas do estado maior e da Marinha, etc.), tendo elle a sua acaseada de ouro, que lhe dava hum aspecto muito guerreiro e respeitavel.

Sabiamos deste facto, e o verificámos auxiliados pelo nosso amigo o sr. José Fernandes Thomaz, que, além de se recordar d'elle, escreveo ultimamente para a Figueira, e daquella villa recebeo hum relatorio igual a este, que ouviramos desde tenros annos. Buscando porém nas gazetas d'aquelle tempo verificar as datas do acontecimento, pelo decreto da promoção deste official, encontrámos a sua noticia authentica no *Supplemento á Gazeta* de sexta feira 15 de Junho de 1798, que transcreveremos textualmente para prova de que nada exagerámos, e tambem de que a tradição quando assenta em facto verdadeiro, hé tão digna de credito como se fosse escripta nas notas de algum tabellião publico. Eis a copia:

«Havendo hum corsario *Francez* tomado defronte da *Fi*«*gueira*, no dia 30 de Maio o hyate de S. M. o *Pancão*, como «elle continuasse a andar naquella altura no dia seguinte no «rumo do Norte, na incerteza de quaes seriam os meios mais «convenientes para o retomar, offereceo-se para esse fim o «Sargento Mor João Pedro da Maia e Mello, governador da «Praça de *Buarcos* e Forte de *Santa Catharina da Foz da* «*Figueira;* o Tenente da Companhia d'Infanteria daquella «guarnição, *José Correa Soares,* o qual, levado de hum ar«dente zelo pela honra da Nação, se metteo em hum pequeno «barco de pescaria, acompanhado tão sómente por 12 solda«dos da mesma guarnição, com o Furriel *João Soares de Mat-*

«*tos*, e dous Cabos de Esquadra, e abalançando-se á empreza «pelo modo mais intrepido, partio dalli das 10 para as 11 ho- «ras da manhã. Depois de ter andado no mar por varias ho- «ras, conseguio elle emparelhar-se já de noite com o hyate «perto da barra do *Porto*, e immediatamente gritou aos *Por- «tuguezes* que hião dentro que arriassem as vélas, acompa- «nhando esta voz com dous tiros de mosquetaria. Como porém «percebesse recusação (ao mesmo tempo que a resposta ver- «dadeira era que o não podião fazer sem soccorro) entrou elle «dentro do hyate com parte da sua gente, e conseguio ficar «senhor do mesmo; sendo tal a coragem que o animava na- «quella occasião, que constando-lhe pelo Capitão da preza que «o mesmo corsario aprezador se aproximava para o hyate, dis- «poz elle logo a sua gente para o combater, sem embargo de «não poder oppor mais que fogo de mosquetaria ao da arti- «lharia do inimigo. O tempo porém embaraçou o encontro e «o dito official se restituio á *Figueira* no 1.º do corrente com «o hyate retomado. Dando o sobredito Governador parte deste «successo ao Ministro pelo mesmo Tenente, foi S. M. servida «premiar a este com o posto de Capitão com o soldo da nova «Tarifa, e ao Furriel *João Soares de Mattos* com o de Sar- «gento; e mandou outrosim entregar ao mesmo Official para «distribuir proporcionalmente pelos Officiaes inferiores, sol- «dados e marinheiros que tiveram parte naquella briosa acção «a quantia de 600$000 réis, dando igualmente ordem ao men- «cionado Governador para lhes agradecer em seu Real Nome «o bom comportamento e valor com que se houveram para «effeituar a dita empreza.»

Não fomos portanto exaggerados no relatorio que fizemos, e até omittimos varios episodios que poderiam pôr em duvida a verdade do facto que a *Gazeta* confirmou.

# XVIII

## GUERREIROS MERCANTES PORTUGUEZES

Por mais de huma vez temos gostosamente pegado na penna para commemorar as façanhas da nossa marinha mercantil, e o ardor bellicoso com que ella sustentou muitos combates, merecendo por elles e pela pericia com que os officiaes da Praça dirigiram os navios que tripulavam n'essas occasiões criticas, passar como passaram á marinha de guerra, e donde seguiram os postos, chegando até aos ultimos gráos da escala dos officiaes combatentes, de que temos hoje hum singular exemplo, na bandeira que tremula no tope da náo *Vasco da Gama*.

Muitos d'estes factos honrosos aos nossos officiaes pilotos, já foram por nós divulgados, quer obtidos por informações verbaes, quer extractados de papeis avulsos, e quer reproduzidos das Gazetas de Lisboa ou do Rio de Janeiro que delles fizeram menção. De todos buscámos comprovar a authenticidade, tanto pelo testimunho das pessoas respeitaveis que os affirmaram e nos relataram as circumstancias de que foram revestidos, como trasladando os officios ou Decretos que lhes diziam respeito. Seguindo o mesmo systema de verdade que predomina em todos os actos da nossa vida e em tudo que relatamos, e que deve essencialmente caracterisar a relação de factos historicos, bem que alguns dos *Quadros Navaes* que resummimos possam julgar-se romances; copiaremos textualmente das *Gazetas* de Lisboa o que nellas veio estampado

ácerca de dois combates que deram causa, a que passassem para o corpo da Armada Real os officiaes pilotos João Pereira de Carvalho, que chegou a capitão de mar e guerra, e o sr. João da Costa Carvalho que hoje tem a sua insignia de almirante no galope da unica náo que possue a marinha de guerra portugueza. Depois d'estes, outros serão mencionados.

O primeiro consta do n.º 10 da *Gazeta de Lisboa occidental* de quinta feira 9 do Março de 1724. Diz ella:

«No primeiro do corrente entrou no porto desta Cidade a «frota vinda da Bahia de todos os Santos com 89 dias de via-«gem, composta de 29 (1) navios do commercio carregados «de açucar, tabaco, sola, madeira, e outros generos comboya-«dos por duas náos de guerra *Nossa Senhora da Madre de «Deos, e Nossa Senhora da Nazareth,* á ordem do Capitão «de mar e guerra, Simão Porto. Na mesma conserva chegou «huma náo da India chamada *Nossa Senhora Apparecida,* e «huma náo nova de guerra por nome *Nossa Senhora do Li-«vramento,* de que veio por Capitão Dionysio Pereira de Cal-«das.

«Pelas cartas da India se confirmão as noticias de se con-«servar em paz aquelle Estado com a boa direcção do Vice-«Rey Francisco José de São Payo.

«As da Bahia referem que dos sete navios que sahirão da «cidade do Porto para aquelle paiz se armarão tres d'elles em «guerra; e q̃. hum chamado *Nossa Senhora dos Prazeres,* «que lhe servia de Fiscal e jugava 31 peças, mandado pelo «Capitão João Pereira de Carvalho, achando-se logo depois «que sahira quinze legoas ao mar só, entre tres Navios de «Argel, os esperára e se desembaraçára d'elles por não se «atreverem a atacallo; e que proseguindo a sua viagem se en-«contrára na altura de Cabo Verde 15 gráos e meio ao Norte «da Linha com dous navios piratas, hum de 21 peças, outro de

(1) Damos estes pormenores antes do facto essencial para demonstração do movimento do porto de Lisboa, e vitalidade do nosso commercio, como para nos servir de argumento para outros factos posteriores.

«8, os quaes o buscarão e combaterão vigorosamente dous dias «e huma noite, em que elle se houve com tanta actividade e «valor, que fez n'este tempo mais de 500 tiros com a sua ar«tilharia com a qual lhes matou muita gente até se porem em «retirada; e por se achar com os cabos de laborar desappa«relhados os não seguira, havendo 3 mortos e 15 mal feri«dos no combate, no qual se assignalara muito o Padre Doutor «Clemente Nogueira, e o Capitão obrara de modo que o Vice «Rei do Brasil Vasco Fernando Cesar de Menezes tendo esta «noticia o honrára muito, mandando-o salvar e largar bandei«ra quando elle entrou, e indo á sua presença o abraçára, e «dera hum bastão, promettendo procurar-lhe huma patente «de Capitão de mar e guerra a S. Mag.

«Da frota da Bahia se perdeu o navio *Bom Jesus* junto às «Ilhas dos Açores, salvando-se a gente. Dos navios do Porto «se suspeita haverem tomado os Argelinos huma charrua e «hum patacho.»

Aqui temos hum capitão da praça dentro de hum navio carregado, empachado e necessariamente de zarras e tardias manobras, resistindo a dois ataques de navios preparados para a guerra, tripulados por aventureiros destemidos e sufficientes para todas as fainas de bordo, manobrando como perito militar, ao ponto de ficar triunfante; e os seus Marinheiros sem jurarem bandeiras, sem rigor de disciplina, sem a influencia da espada, nem o contacto das armas de fogo e seu diuturno manejo nos navios do estado, defendendo galhardamente a bandeira do seu paiz, morrendo por ella, como acontece aos mais valorosos soldados, e cahindo feridos sem nunca desistirem do combate.

Hé este amor á Bandeira que folgamos de demonstrar, hé esta dedicação do Marinheiro Portuguez que tão pouco se aprecia, hé este ardor marcial que tanto predomina em todo o homem desta terra Portugueza, e tão audazmente na sua gente do Mar. Embora ella esqueça, embora a Marinha merêça pouca attenção, e rarissimas vezes os seus serviços sejam premiados, o certo hé que, o instincto publico recorre a ella em to-

das as crises em que o seu concurso he necessario, e com o qual se tem saído honrosamente das maiores difficuldades. Vamos porém ao combate da galera *Flor de Pernambuco,* onde o sr. Carvalho, hoje almirante, se distinguio, e de donde o seu destino o chamava a occupar, cincoenta e dois annos depois, o primeiro logar da Marinha deste paiz.

«Gazeta de Lisboa n.º 127. Segunda feira 28 de Maio de 1810.

«Copia de huma carta e Protesto de Heitor Homem da «Costa, Capitão da Galera *Flor de Pernambuco,* feita a bordo «da dita Galera, depois de se ter defendido de hum Corsario «Francez, cujo theor he o seguinte:

CARTA

«Sr. J. J. Dias de Carvalho. — Bordo do *Navio Flor de Per-«nambuco,* em franquia de Plymouth 10 de Abril de 1810.

«Aproveito esta occasião para lhe participar que acabo de «fundear, tendo sahido de *Pernambuco* no 1.º de Março. Co-«mo o tempo agora mostra querer moderar, he por isso que «em breve partirei para *Londres,* o que penso terá lugar áma-«nhã pois nada tenho que me prohiba isso, apezar do damno «que recebi em hum encontro, que tive com hum Brigue *Fran-«cez* no dia 10 do corrente, do que envio a V. m. o competente «protesto, e elle lhe manifestará as circumstancias d'esta ac-«ção, tendo só de accrescentar ao mesmo que os officiaes «deste Navio e Equipagem se mostrárão sempre com a maior «coragem, devendo eu muito aos auxilios que recebi do ha-«bil Piloto *João da Costa Carvalho,* e ao Condestavel Pa-«checo. Os dois homens feridos tambem espero que mereçam «a sua particular attenção.

«Tenho a honra de ser de V. m. venerador e criado, *Heitor Homem da Costa.*

«Protesto de avaria grossa, e ordinaria, que fazem contra o «inimigo a Officialidade e Equipagem da Galera *Flor de Per-«nambuco,* navegando de *Pernambuco* para *Londres.*

«Na manhã do dia 10 de Abril de 1810, achando-nos na La-

«titude N. 47° 30′ 00″ Long. O. de Greenwich 18° 30′ 00″
«observámos que para nós se aproximava hum Brigue arti-
«lhado, que pelas suas manobras bem depressa nos persua-
«dio ser inimigo.

«Ás 11 e meia estava elle prolongado comnosco, tendo in-
«çado a bandeira *Ingleza*, então arreando nós a bandeira da
«mesma Nação que tambem tinhamos inçada firmámos a nossa
«Portugueza com hum tiro de bala, á vista disto arribou elle
«para nos passar pela pôpa, cuja manobra quizemos impedir
«manobrando para este fim; mas a sua superioridade em ve-
«lejar fez com que não o conseguissemos; achando-se elle
«nesta posição perguntou donde vinhamos, e a resposta foi o
«fogo que lhe fizemos com as duas peças da pôpa; então elle
«unindo-se com a alheta de sotavento e arreando a bandeira
«*Ingleza* inçou a *Franceza*, ao mesmo tempo que descarre-
«gou sobre nós, não só toda a sua banda (8 peças) mas huma
«grande quantidade de tiros de mosquetaria, que do convés e
«das gavias se dirigia contra nós, cujo effeito logo sentimos
«pelo damno que recebeo o pano e massame do Navio, o qual
«obedecendo promptamente ao governo, e arribando com fa-
«cilidade podemos descarregar sobre o inimigo a nossa arti-
«lheria de sotavento (6 peças) e continuando com a segunda
«descarga entrou esta a jogar quando convinha, e quando es-
«tava prompta, então o inimigo pondo o pano sobre e tornando
«a cahir a ré continuava com hum fogo vivo, mas a maior parte
«de mosquetaria, nós igualmente lhe respondiamos com fogo
«de espingarda e de artilheria, e como o numero da sua gente
«éra incomparavelmente superior a nós (por todos não passa-
«mos de 34 pessoas) julgamos que o nosso fogo faria nelle
«maior effeito que em nós faria o seu, pois se a este tempo já
«estava da nossa parte hum homem gravemente ferido, que
«sem duvida perderá huma mão, o outro ferido no rosto, era
«esta infelicidade nascida da falta de attenção no carregar das
«nossas peças, com tudo elle se dispoz para nos abordar; mas
«huma rapida manobra da nossa parte fez com que nós lhe
«ficassemos atravessados na prôa, e descarregando-se-lhe im-

«mediatamente toda a artilheria que se achava carregada de «metralha, elle mariou e arribou para Sotavento.

«Então ficárão os navios portaló com portaló (posição que «elle até então com a maior cautella tinha evitado). A nossa «artilheria continuou a jogar livremente, e nós observámos «que o seu massame, e pano experimentava a mesma sorte «que o nosso; ou fosse por este motivo, ou fosse pela confusão «que já observámos reinava a seu bordo, seu fogo principiou «a afrouxar, e quando contavamos 5 quartos de combate lar-«gando elle os seus joanetes se pôz em fuga. O fogo da nossa «artilheria continuou emquanto o pôde alcançar, mas em breve «cessou por que sendo elle muito bom de véla, brevemente «se pôz fóra do seu alcance, cooperando tambem para isto o «acharmo-nos inhabeis para manobrar promptamente em seu «seguimento pois não só o nosso pano, mas a maior parte dos «nossos cabos se achavão cortados, ficando igualmente lasca-«dos os mastros e vergas, sendo o mastaréo da gata passado «por huma bala que o deixou em pé por menos da 13.ª parte «do seu diametro, outra bala entrou pela roda de prôa, e por «isso protestámos contra o inimigo para podermos haver de «quem em direito o possamos fazer os prejuizos, e damnos «experimentados, e aquelles que daqui se possão originar.» *(Assignado o Capitão, Officiaes e equipagem).*

Esta defesa da galera *Flor de Pernambuco*, foi tão festejada pelos nossos patricios residentes em Inglaterra, e até por alguns Inglezes, que abriram huma subscripção entre todos os nacionaes, a que se juntaram aquelles estrangeiros enthusiastas do nosso valor, a fim de o premiarem e fazerem quanto notorio fosse possivel tão brioso proceder; como se fez publico então, e hoje consta da Gazeta n.º 141 de 13 de Junho de 1810, como se segue:

«Copia da subscripção com que os Negociantes *Portugue-«zes e Inglezes* residentes em *Londres* obsequiárão os Offi-«ciaes, e equipagem da galera *Flor de Pernambuco*, na via-«gem em que encontrou hum Corsario *Francez*, como annun-«ciámos na Gazeta n.º 127, em 28 do passado, cujo theor hé «o seguinte:

«Os abaixo assignados Negociantes *Portuguezes* residentes «em *Londres*, e *Inglezes* amantes dos *Portuguezes*, tendo em «vista o merito do Capitão *Heitor Homem da Costa*, Officiaes «e equipagam da galera *Flor de Pernambuco*, que batendo-se «no dia 10 de Abril proximo passado, com hum brigue *Fran-«cez* de forças mui superiores ás suas na Latt. 47° 30′ 00″, «Long. O. de *Greenwich* 18° 30′ 3″, navegando para esta «Capital, e triunfando delle pelo haver posto em fugida ape-«zar do destroço que soffreo pelo activo fogo de artilheria e «mosquetaria, que por espaço de 5 quartos de hora lhe fizera, «a que igualmente com hum e outro fogo lhe respondêra: te-«mos assentado premiar ao mesmo Capitão, Officiaes, e equi-«pagem com as parcellas que abaixo subscrevemos, a fim de «manifestarmos, huns como *Portuguezes* o nosso patriotismo, «e outros como *Inglezes* a nossa satisfação, cooperando desta «maneira em animar o valor dos nauticos *Portuguezes*, que «tão expostos andão a taes encontros, na navegação de *Ingla-«terra*, esperando que elles em toda a occasião, que se lhes «offerecer desta natureza, continuem a mostrar sempre aquelle «valor e intrepidez, que lhes hé commum. *Londres, 4 de Maio «de* 1810.

«Jacinto José Dias de Carvalho L. 50: Custodio Pereira de «Carvalho L. 10: A. M. Pedra e Filho e Companhia L. 20: «Barrozo Martins Dourados e Carvalho L. 10: J. N. Vizeu e «Companhia L. 20: Honorio José Teixeira L. 50: Francisco «Arantes L. 4: A. Lopes e Collins L. 10: José Lyne e Com-«panhia L. 20: Manuel José Ferreira Camello L. 10: J. W. e «J. Whitmore L. 20: J. W. Vigne L. 4: Robertt Ghristie L. 6: «Geo Barevi L. 5: Thomaz Negrengole L. 5: John Robensons «L. 5: Leives Burnand L. 4: J. Y. Porones L. 4: John Gruman «L. 6: Sommão L. 218 a 3$600 réis 784$800.»

Continuando a nossa improba tarefa de folhear quantos livros e papeis nos podem dar ideia de actos meritorios da nossa gente, outros nomes encontrámos que merécem honrosa menção, quer por feitos militares, quer por acções distinctas de diversa natureza que buscaremos recordar; tanto para sa-

tisfação dos conterraneos que se ufanam das glorias patrias, como para demonstrar aos estranhos o que foi, hé e tem proporções para ser este paiz que tanto calumniam. O peor hé que poucas forças podemos empregar para tão porfioso e infindo trabalho, no qual ninguem nos auxilia, nem aquelles a quem mais deve aproveitar, que são as familias dos sujeitos que hão de commemorar-se, ou os proprios que nelles figuram. Ninguem acreditará que, tendo nós recorrido ao Sr. Almirante Costa Carvalho para obtermos esclarecimentos sobre o seu combate abordo da galera *Flor de Pernambuco* de que nós tinhamos confusa noticia, Sua Ex.ª se não prestasse a da-los: pois hé verdade, e que se hoje volta a noticia do facto á imprensa hé por que nas nossas lucubrações archeologicas maritimas, elle nos appareceo casualmente aproveitando a opportunidade de o reproduzir; percebendo-se bem que mais a este Sr. e aos outros protogonistas dos actos que a historia applaudirá, conviria e convem dar-lhe publicidade, do que ao seu historiador. Mas hé que neste sentido de tornar salientes os varões mais notaveis da Marinha, ella hé infeliz! Inspirou-nos Deos o patriotico desejo de os fazer bem conhecidos, e os seus serviços bem notorios, e não nos dispensou hum ar da sua Divina Graça para que obra tão nacional fosse bem aceita. Apesar de tudo, não desanimaremos de continuar a empreza começada, a qual menos bem seguida do que convinha para illustrar a Marinha, nem por isso deixará de lhe ser proveitosa, e causar algum interesse.

Já no primeiro tomo d'estes *Quadros* fizemos menção de alguns nomes, e factos que entendemos dever reproduzir, porque então, apenas se tratou delles por incidente, e sem os acompanharmos dos documentos officiaes que lhes dizem respeito. No artigo *Os Sonhos*, hum dos interlocutores aponta o combate do brigue *Europa*, de que éra capitão Luiz Severianno da Veiga, descrevendo aquelle facto como se fosse imaginado para adorno do romance, e por isso não se lhe dando inteiro credito, pelo que tendo elle acontecido, e passando-se o caso como ali o figurámos, hé justo que appre-

sentemos as próvas da sua existencia, tanto para celebrar a memoria do sujeito que honrou a sua classe merecendo passar a official da Marinha de guerra, como para demonstrar o apreço que o governo dava aos serviços feitos no mar; e finalmente, para estimulo e gloria dos officiaes da Marinha Mercante Portugueza.

«*Luiz Severiano da Veiga*. Lisboa 12 de outubro de 1799.

«O Principe Regente N. S. foi servido expedir ao Conselho «do Almirantado o Decreto seguinte:

«Attendendo á intrepidez, e valor com que o Mestre e Tri«pulação do Bergantim *Europa* se defenderão de hum Cor«sario *Francez* combatendo com elle por mais de duas horas, «e obrigando-o por fim a fugir: Hei por bem fazer mercê ao «sobredito Mestre *Luiz Severiano da Veiga* de o nomear pri«meiro Tenente da Minha Armada Real, com faculdade de «poder embarcar nos navios mercantes: E ordeno que os «Marinheiros, e Grumetes do dito Bergantim sejão allistados «na Terceira Divisão da Brigada Real da Marinha, permittin«do-lhes o uso das fardas da mesma Divisão, com licença por «tempo de seis annos, de poderem servir nos navios mercan«tes *Portuguezes* sem serem obrigados a servir a bordo das mi«nhas embarcações Reaes; não vencendo porém soldo, senão «quando se apresentarem para o mesmo Real Serviço. O Pi«loto do mesmo Bergantim será nomeado primeiro Piloto do «novo corpo de Pilotos, e gosará das honras que lhe são an«nexas, dispensando-o do serviço das embarcações Reaes. «O Conselho do Almirantado o tenha assim entendido e faça «executar, propondo-me qualquer outro adiantamento que «julgue possa merecer algum Official ou Marinheiro do mesmo «Bergantim: quanto aos dois Marinheiros e ao soldado que «ficaram gravemente feridos, já Ordenei que pela Junta da «Fazenda da Marinha se lhes desse a cada hum durante a sua «vida cento e cincoenta réis por dia. Paço de *Queluz* em 16 «de setembro de 1799. *Com a Rubrica do Principe Regente «N. Senhor.*»

O mar Mediterraneo, e as costas de Portugal e de Hespa-

nha no Oceano foram sempre temiveis pelas piraterias dos corsarios barbarescos, até que os Francezes tomaram Argel; antes deste golpe, todas as regencias e governos da Costa d'Africa incluindo o de Marrocos, éram temiveis pelos milhares de vasos armados com que interceptavam o commercio europeo, o qual apesar de protegido por numerosos cruzadores, soffria immenso damno, pois aquelles barbaros, ainda que batidos varias vezes, e forçados a fazer tratados de paz, em pouco tempo os violavam, e repetiam seus insultos, sendo necessario entreter constantemente esquadras para os reprimir, como acontecia á Inglaterra, Hespanha, Portugal e França que, alem de lhe bloquearem os portos, lhe arrazavam as fortalezas e povoações maritimas, mettendo-lhe a pique os seus navios, e estorquindo-lhe grossas indemnisações; mas assim mesmo, elles construiam outros novos em pouco tempo, e tão grandes e guerreiros que davam costado ás fragatas dos seus adversarios, chegando a vence-las em combates renhidamente disputados. Para prova da sua grande marcialidade, basta saber-se o denodo com que os musulmanos se bateram no grande combate de Navarino, e ultimamente no Mar Negro e Crimeia. Antes d'estas memoraveis batalhas, eram notorios os encontros dos navios de guerra Maltezes, Ragusanos, Napolitanos e de mais nações do Mediterraneo com os piratas Argelinos, Tunezinos, Marroquinos e Turcos, sendo immensas as presas por elles feitas, como se demonstra pelas noticias dadas a este respeito nas Gazetas de Lisboa, que declaravam a procedencia e nacionalidades de muitas, sem respeito a nenhuma bandeira; e donde se evidenceia o valor agareno, que a superstição das suas crenças religiosas contra o Christianismo, além da sua natural fereza tornava mais indomavel no mar.

De alguns factos que temos lido em diversos papeis, buscaremos recordar as circumstancias, para corroborar o que avançámos no titulo d'este artigo: Guerreiros Mercantes Portuguezes, pois com effeito muitos d'estes maritimos portaramse com tal denodo, e deram mostras de tanta dedicação e pa-

triotismo, que os seus nomes deviam ser apresentados como os de bravos militares, e as suas façanhas como iguaes ás maiores dos officiaes de guerra. Hum d'estes hé o seguinte, que veio publicado na Gazeta n.º 6 de 12 de Fevereiro de 1750. Diz ella a paginas 118:

«Portugal. *Porto 27 de Janeiro.* N'este correyo se recebeo «carta escripta de Gibraltar, em que refere, que no mez de De«zembro passado entrára naquelle porto hum navio Portuguez «chamado *Nossa Senhora da Atalaia* pertencente a esta ci«dade, o qual hindo de Lisboa para o Rio de Janeiro se encon«trára ás ilhas Canarias com huns corsarios Argelinos, os quaes «o abordaram tres vezes, e sendo rebatidos nas duas primei«ras com grande mortandade, na terceira o renderam depois «de hum porfioso conflicto, em que lhe mataram o Capitam e fe«riram o Piloto, cortando-lhe huma mam, e metendo-lhe tres «balas em hum braço, e dando-lhe hum grande golpe na cabe«ça, e outro na cintura, cativando 60 pessoas, havendo-nos «morto muitas nas tres pelejas, e com ellas hum Religioso cha«mado Fr. Joam Ruby da Villa de Vianna, que passava com li«cença para a Provincia do Brasil; e acrescenta mais a mesma «carta, que o piloto sem embargo de estar tão ferido se achava «em Gibraltar escravo, mas livre de perigo; e que o Padre Joam «Coelho, natural da freguezia de Balthar d'este Bispado, que «hia por Capelam do navio apresado, depois de haver com «grandissimo valor pelejado nas tres abordadas sem perigo, «depois de se achar rendido com todos os mais e os inimigos «victoriosos, e contentes, entrou n'elle hum furor tão sobrena«tural, que arrancando o alfange a hum Mouro, arremeteo des«temidamente aos outros, de que matou alguns quatorze, mas «que esta temeridade lhe custára a vida; porque os inimigos «o cercáram e fizeram em póstas.»

Não mereceria bem saber-se o nome do capitão do navio *Nossa Senhora da Atalaia*, que se defendeo valentemente de tres abordagens perecendo na ultima? e o do piloto que o segundou na heroica defesa, ficando tão ferido e com hum braço de menos? Não deve tambem trazer-se á memoria o nome do

seu capellão o P. João Coelho, da freguezia de Balthar, já que seus briosos companheiros esqueceram, e que vendeo a vida pela de quatorze Mouros a quem matou, alem dos outros que acutilára ou matára no ardor do combate? Bem sabia elle que por tal acto de coragem, seria necessaria e litteralmente feito em póstas; mas nada da sorte que o esperava lhe deteve o braço, nem afrouxou o animo; arrojou-se aos inimigos desapercebidos, para fazer nelles mais effeito, e mandou para a eternidade quatorze dos que o tinham vencido. Bem diz a carta do correspondente de Gibraltar: *entrou nelle hum furor tam sobrenatural;* e na verdade, só com hum furor daquella ordem, só com huma vontade de morrer matando, mas matando inimigos do seu paiz e do seu Deos, o P. João Coelho de Balthar, obraria aquella maravilha. E note-se que os Padres embarcados de passageiros nos navios mercantes, ou servindo de capellães a bordo dos navios de guerra, não ficavam ociosos em acção de combate, como já mostrámos naquelle facto da náo de viagem *Nazareth* com as fragatas francezas á vista de Malaca, e no outro em que o Padre capellão mereceo a commenda da ordem de Christo com que o honrou o senhor D. João VI. Donde se vê que, nem a educação, nem a profissão, podem mudar em alguns homens o caracter que receberam da natureza, e recahindo-lhe bem o rifão de que *o habito não faz o monge.*

Outro caso não menos honroso para os homens do mar Portuguezes, hé o que vem narrado na Gazeta de 30 de Julho do mesmo anno, acontecido a bordo da náo de Licença *Nossa Senhora do Bom Despacho,* pouco ao norte das Berlengas. O facto vem descripto da maneira seguinte:

«Portugal. Lisboa 30 de Junho.

«Na tarde de 24 do corrente entrou no porto d'esta cidade «vindo da *Bahia de todos os Santos,* com 74 dias de viagem a «nau de licença, *Nossa Senhara do Bom Despacho,* comman-«dada pelo Capitam Felix Cardoso de Payva. No dia antece-«dente pelas 7 horas e meya da manhan estando 5 legoas ao «Noroeste das Berlengas, se avistaram duas embarcaçoens:

«huma das quaes éra hum grande Chaveque Argelino, cuja «equipagem passava de 300 homens, e a outra huma preza. In-«tentaram os Mouros apresar tambem a nossa nau; e para esse «effeito a seguio o Chaveque, dando-lhe continuas descargas «dos seus mosquetes e Pedreiros. Perto das 11 horas a ataca-«ram e principiáram a abordar, subindo pelas mezas de guar-«niçam grande, e do traquete 50 Mouros, armados de pistolas «e alfanges. O Capitam *Felix Cardoso de Payva* com grande «presteza e diligencia dispoz na melhor fórma 11 Soldados, «que guarneciam a nau, e lhes fez dar varias descargas, de que «os Mouros receberam muito dano. A mais gente capaz de pe-«gar em armas que chegaria a 120 pessoas, com chuços, e ou-«tras armas ajudada do Capitam, rebateo com muito valor aos «invasores, em que fez tam grande estrago que todos foram «mortos, nenhum prisioneiro. Hum, que parecia o principal «entre os Mouros, chegou a entrar a nau; mas com a morte en-«controu o castigo da sua temeridade. O resto da equipagem, «que tinha ficado no Chaveque vendo a sorte dos companheiros «e atentos ao seu proprio perigo pelo damno que recebiam das «repetidas descargas dos nossos Soldados, se afastaram da nau «a toda a pressa. Foy tambem grande a mortandade dos Mouros «que tendo acomettido com grande valor e ousadia, temerosos «agora de mayor castigo, mais inimigos parecêram na retirada «que no acommetimento. O combate durou meya hora, dando «no mesmo tempo os Mouros fogo a hum grande numero de «frascos cheyos de polvora, com que pretendiam cegar os nos-«sos. A perda dos inimigos se avalia em mais de 100 mortos, «ignora-se o numero de feridos. Dos nossos nenhum morreo, «só sete ficaram feridos.»

Aqui temos hum capitão mercante, procedendo como se fosse militar da Armada, não o sendo, pois como lhe chama a Gazeta, éra capitão, sem denominar de mar e guerra, como não se esquece de qualificar todos os outros pertencentes á Marinha militar, ou commandando navios propriamente de guerra; e posto chame a este navio *nau,* he sabido que tal designação se dava a todo o barco de alto bordo, sendo sem-

pre os destinados ao combate qualificados com o adjectivo *de Guerra*. Este, nem huma só boca de fogo o guarnecia, pois não se menciona ter dado ou recebido tiros de canhão, aggredindo-se apenas os contendedores com tiros de mosquete, e frascos de polvora, tendo só onze soldados para sua defeza.

Era pois, navio essencialmente de commercio, e o seu capitão mercante, porém tão militar no animo, e tão de guerra no proceder, e no valor com que rebateo a abordagem dos Argelinos, como qualquer official da Armada. E bem que na indole de hum e outro serviço haja summa disparidade, nem por isso deve julgar-se que ella significa menos audacia no marinheiro mercantil do que no outro dedicado ao serviço das armas. O caso hé que, huns andam sempre em exercicios bellicosos, e adestrando-se para brigar de todas as maneiras, não cogitando, nem tendo outro modo de vida, outras ideias, outras aspirações senão em atacar ou defender-se dos inimigos do seu paiz, acompanhando todos os seus estudos, com tornar efficazes e effectivos os meios e armas proprias aos fins determinados pelas exigencias do nobilissimo serviço a que se votaram; os outros, desacompanhados, e longe das armas que inspiram ideias marciaes, empregando o seu tempo em funcções economicas e pacificas, sempre em actos commerciaes que os arredam do bulicio e dos horrores dos combates, da sujeição da disciplina, da prisão dos uniformes, das fainas regulares e imprescriptiveis dos navios de guerra, e de muitos habitos impostos ao soldado de mar ou de terra, não podem de modo algum disputar-lhe preferencias, nem mesmo poder hombrear com elles; porém tal disparidade caracteristica do militar, não obsta a que debaixo de hum casaco pardo, ou jaqueta sem botões d'ancora, pulse no peito de qualquer paizano, de qualquer maritimo de commercio, hum coração denodado e tão decidido a honrar e servir o seu paiz, como o do mais brioso e temerario homem de guerra, coberto com todos os atavios e distincções indicadoras da classe a que pertence pela honra de empunhar a espada, para com ella arriscar e perder a vida na defeza da sua bandeira.

## Combate do navio Polyfemo

No artigo =As Pragas= do primeiro volume dos *Quadros Navaes,* dissemos que o Capitão Tenente Matheus Pereira de Campos fôra substituir no commando da náo *Conceição Asia Feliz* o capitão Manoel do Nascimento Costa, e que este official por ser muito pratico e acreditado na carreira da India, passára a commandar a *Santa Maria Maior* que n'essa monção hia de Cabos a dentro. Hoje vamos entreternos mais de espaço com os successos da sua vida maritima, onde sustentando com valor a defeza do navio do seu commando, obteve subir na Marinha militar ao posto de Capitão de Mar e Guerra. Diremos pois que em 23 de Julho de 1779 éra elle capitão do navio do commercio *Nossa Senhora da Esperança* chegado de Madrasta, que dezesete annos depois obteve, como então era usança, passar em Tenente para a Armada Real, por decreto do 1.° de Fevereiro de 1791, e afinal que se achava Capitão Tenente, e Commandante da Charrua *Polyfemo,* que hia de náo de viagem para a India, na monção de 1795.

Este official, não éra pois essencialmente militar, porém sim Piloto, ou Capitão da Marinha do commercio, donde veio a pertencer á de guerra, sem que os seus principios e a sua carreira fossem de brandir a espada; pelo que o considerámos e incluimos no numero dos Guerreiros Mercantes, e como tal portando-se audazmente i o commando do seu navio, no combate que este sustentou contra huma fragata franceza de muito superior força. Pareceo-nos devel-o assim classificar, porque em Julho de 1779, segundo vimos, éra tão pratico das viagens da India que lhe confiavam importantes navios, e em 1782 obtivera o commando da náo de viagem *Conceição,* e em seguida o da *Santa Maria Maior,* não devendo talvez nesta época ter menos de trinta e cinco ou demais annos de idade, e só dezesete annos depois quando já contava cincoenta annos (Fevereiro de 1791), alcançou entrar para a Marinha de guerra. Não éra de suppor que em idade tão madura, e longe dos ri-

gores e disciplina militares, adquirisse os habitos e caracter distinctivos daquelles que fazem profissão das armas, e desde tenros annos ganham os usos e modos de existir que são proprios e inherentes dos homens de guerra.

Por estas considerações incluimos com toda a deducção logica, o Commandante do navio armado, ou charrua *Polyfemo*, apesar da farda que vestia e posto que lhe deram de Capitão Tenente, no numero dos Guerreiros Mercantes Portuguezes, pois em rigor elle éra essencialmente official mercante, educado e instruido, affeito, e dado á vida mercantil. Vamos porém ao combate que lhe mereceo galgar a Capitão de Mar e Guerra.

O *Polyfemo* era hum navio da praça que armaram, com 22 peças de varios calibres, desde o calibre 4 a 9, guarnecido com 80 homens de manobra e taifa, e 20 soldados, mais para conter os degradados, do que para o combate. Assim mesmo o Commandante Manoel do Nascimento Costa, sustentou peleja e ataque de huma fragata franceza de 44, guarnecida com artilharia de 18, e 470 homens, por espaço de quatro horas e tres quartos, rendendo-se quando tinha todas as suas manobras inutilisadas, vergas partidas, e os degradados quasi a sublevar-se. As circumstancias desta acção, vieram publicadas no *Supplemento á Gazeta de Lisboa* de 2 de Abril de 1796 que em seguida trasladâmos para maior authenticidade:

«O Capitão Tenente da Armada Real *Manoel do Nascimento* «*Costa* commandante do navio de S. M. *Santo Antonio*, aliás «o *Polyfemo*, que hia para a *India* com os degradados, etc. «participa da *Bahia* na data de 23 de Dezembro de 1795, que «a 21 de Novembro precedente ao amanhecer vira empare-«lhada com elle pelo seu sotavento em alguma distancia huma «fragata de guerra, a qual por ser mais veleira, continuou a «adiantar-se; e quando se achou em distancia competente, vi-«rou de bordo para tomar-lhe o barlavento, o que conseguio: «ao passar hum pelo outro no bordo desencontrado o dito Com-«mandante largou a sua Bandeira e Flamula, firmando-a com «hum tiro de canhão, ao que a fragata correspondeo, largando a

«Bandeira *Franceza*. Passados 2 ou 3 minutos esta lhe deo
«huma descarga da sua artilheria, ao que elle logo correspon-
«deo com outra; e arribando para o seu sotavento, ella se poz
«a fazer-lhe hum grande fogo pela sua alheta, ao que o dito
«Commandante correspondeo, resultando grande damno de
«parte a parte, de sorte que a fragata se vio obrigada a ca-
«hir á ré para reparar o seu; e entretanto se reparou o nosso
«Navio do que tinha recebido. Assim que a fragata se achou
«reparada, tornou a atacar o dito Navio por barlavento, me-
«dindo a distancia de sorte que offendesse sem ser offendida,
«por serem de maior calibre as suas peças: á vista do que o
«Commandante *Portuguez* fez huma marcha obliqua, a fim de
«escapar ao damno da artilheria inimiga. Seguio-se hum inter-
«valo, em que se preparou a fragata para novo ataque, no que
«gastou algum tempo: fazendo então todo o esforço para dar
«huma abordagem ao nosso Navio, este recebeo o fogo da arti-
«lheria inimiga que foi por extremo forte; mas, empregando
«o seu, evitou a abordagem. Conhecendo finalmente o Com-
«mandante *Portuguez* não poder resistir por mais tempo á
«superioridade das forças inimigas, depois de 4 horas e 3
«quartos, durante o qual recebeo grande damno nos mastros,
«vergas, vélas, enxarcias e costado do Navio, arreou bandeira.
«O dito Commandante, cujo primeiro cuidado em taes circum-
«stancias foi lançar ao mar as vias de S. M., foi logo condu-
«zido para bordo da fragata por hum Official d'ella levando
«comsigo o seu passaporte, e livros de carga, por lhos have-
«rem pedido; e assim que n'ella entrou achou que era apre-
«sado por huma fragata da Nação *Franceza*, guarnecida com
«44 peças de calibre 18 a 4, e alguns obuzes de 36, equipada
«com 470 praças, e bem provida de petrechos de guerra.
«Consecutivamente mandárão os *Francezes* buscar o segundo
«Commandante do nosso Navio, havendo o terceiro acompa-
«nhado o primeiro por saber fallar *Francez*, como tambem o
«Dezembargador que se achava a bordo, todos os Officiaes
«Militares, e huma grande parte dos soldados de transporte, em
«viando ao mesmo tempo embarcações para conduzirem os co-

«fres do precioso, ouro, prata e coral: com effeito conduzirão «quanto podérão, abrindo e arrombando todos os bahús e «caixas, a fim de ver se continhão ouro ou prata e não deixá«rão no Navio dinheiro algum, nem lona, brim, ou fio de véla, «e deitárão ao mar o gado que não pudérão levar para bordo, «não deixando nem huma só gallinha, por mais que se lhes «pedissem para soccorro dos doentes. No dia 22 deitárão ao «mar todas as munições e petrechos de guerra do nosso Na«vio e quizerão fazer o mesmo á artilheria; mas a muitos ro«gos, em razão do damno que poderia resultar ao Navio conse«guio-se deixarem-na encravada. Depois de terem os Officiaes «*Francezes* feito o destroço que quizerão, entregarão o Na«vio a saque dos seus soldados e marinheiros, os quaes fizérão «estragos indisiveis em todos os objectos pertencentes a Par«ticulares; porém o que tratárão como mais sagrado foi a fa«zenda de S. M. Havendo os Officiaes *Francezes* nesse meio «tempo deliberado sobre o destino que havião de dar ao Navio, «a pluralidade de votos pendeo logo para o levarem ás *Mau«ricias;* mas depois resolverão, pelo máo estado em que o «achavão, restituillo, determinando á equipagem que se reco«lhesse com elle á *Bahia,* assignando primeiro o Comman«dante *Portuguez* com seus Officiaes e todos os de mais indi«viduos do Navio huma Capitulação de não pegarem em ar«mas contra a Nação *Franceza* até serem trocados. No mes«mo dia 22 forão os nossos restituidos ao Navio, ficando em po«der dos *Francezes* o passaporte do Commandante, etc. A no«ticia que este pôde alcançar foi, que durante o combate lhe «havia morto 2 Officiaes, e 3 artilheiros, e ferido 11 outros «individuos. A bordo do nosso Navio, guarnecido sómente «com 22 peças de calibre 9 a 4, houverão 4 homens mortos, e «8 feridos, tres dos quaes morrerão passados alguns dias por «não haverem os *Francezes* em quanto estiverão a bordo per«mittido que os Cirurgiões os curassem, e não se poderem de«pois fazer as operações necessarias por haverem tomado a «caixa dos instrumentos Cirurgicos: dois dos nossos ficárão «como desertores na fragata *Franceza.*

«Logoque o Commandante se restituio ao Navio, vio-se em
«outra scena mais desagradavel que a precedente, por se acha-
«rem todos os prezos de transporte em estado de insurreição:
«o Commandante da fragata *Franceza* havia recusado a offerta
«que lhe fizerão os que tinhão sido passados para bordo della,
«em nome de todos, de servir a Nação *Franceza*, assim que
«soube a qualidade de gente que era; mas elles influidos pela
«protecção que o dito Commandante lhes tinha promettido
«para se ver livre de taes individuos, e ainda mais pelo vinho
«e aguardente que havião bebido, estavão na maior desobe-
«diencia. No dia 23 se conseguio, depois de muito trabalho,
«subjugar dois dos ditos prezos, que procuravão excitar os
«outros á sublevação. O Commandante não cessou desde en-
«tão de fazer as convenientes disposições, que lhe permittião as
«suas circumstancias, para reprimir os sediciosos designios dos
«prezos, e verificando haverem formado huma conjuração, a
«2 de Dezembro mandou pôr a ferros 4 dos mais culpados:
«desde então até 9 d'aquelle mez continuou a castigar do mes-
«mo modo os que se mostravão desobedientes, até que final-
«mente, mediante estas laboriosas providencias, conseguio
«restabelecer a tranquillidade a bordo, e ver chegar a salvo
«ao porto da *Bahia* o Navio de S. M., havendo em tudo mos-
«trado a maior prudencia, discernimento, e zelo no desempe-
«nho dos seus militares deveres.»

«*Promoção que S. M. foi ultimamente servida determi-
nar no Real Corpo da Marinha.*

«Lisboa 14 de março de 1796.

«Capitão de Mar e Guerra, *Manoel do Nascimento Costa*,
«Capitão Tenente, Commandante do navio da *India* o *Poly-
femo.*

«Capitão Tenente, *Antonio Joaquim dos Reis Portugal*,
«Primeiro Tenente, segundo Commandante do dito navio.

«Segundo Tenente, *Joaquim Martins*, Piloto do mesmo.»

Deste facto se concluem tres cousas bem dignas de ficarem
gravadas na memoria dos compatricios: Primeira, o ordina-
rio valor da nossa gente. Segunda, o genio de rapina que

predominava nos Francezes desde a revolução de 1790. Terceira: A ignorancia dos usos militares, e quanto esta insciencia hé prejudicial á milicia maritima, funccionando como Officiaes de guerra, sujeitos inteiramente hospedes, e estranhos ás praticas e ao serviço das armas.

Quanto ao valor, bem se patenteou na tenacidade com que o Commandante Manoel do Nascimento Costa e mais tripulantes do navio *Polyfemo* resistiram ao ataque de huma fragata tão superior em forças, com duplas bôcas de fogo de maior calibre e mais do triplo de praças.

Quanto á rapina e modos de piratas dos republicanos francezes, vio-se que, além de se apropriarem dos effeitos particulares, e preciosidades de bordo do navio apresado, sem fazerem inventario, não só os Officiaes deram saque ás caixas da guarnição, se não até consentiram que, depois delles, a sua propria marinhagem tambem as saqueasse, como verdadeiros piratas. Este proceder, foi sempre reputado hum crime entre militares das Marinhas de todos os paizes, e já relatámos que D. Lopo de Almeida, prendêra e mandára metter em conselho de guerra, hum commandante suspeito de ter consentido á sua guarnição bulir nas caixas dos marinheiros apresados. O Artigo XLVII dos de Guerra de 1779 que ainda hoje vigoram entre nós, diz a este respeito:

> «Hé severamente prohibido expoliar de seus proprios ves-
> «tidos aos prizioneiros, tomados em qualquer Navio apresa-
> «do, ou maltratallos corporalmente, ou de outra diversa ma-
> «neira; e toda a pessoa que contrariar a esta ordem ficará
> «sujeita ás penas, que o Conselho do Almirantado parecer
> «a proposito impòr-lhe, ainda depois daquellas, que o Com-
> «mandante aprezador lhe tiver inflingido antes de se dar
> «parte ao mesmo Tribunal.»

As Ordenanças de Luiz XIV, no tomo 2.º Artigo XX dizem tambem:

> «Defendons de faire aucune ouverture *des coffres, ballots,*
> «sacs, pipes, barriques, tonneaux e armoire, de transporter,
> «ni *rendre aucunes marchandises de la prise*: e à toutes per-

«sonnes d'en acheter ou recéler, jusqu'à ce que *la prise ait* «*été jugée*, ou *qu'il ait été ordonné par justice, à peine de* «*restitution du quadruple, de punition corporelle.*»

Portanto o Commandante, Officiaes e Marinhagem da fragata franceza, procederam mais como piratas do que como homens que tinham a honra de servir o seu paiz.

Ácerca da ignorancia militar do Commandante do navio *Polyfemo*, basta ver que, nem ao menos perguntou o nome do Commandante da fragata apresadora. Não informa o governo, de qual a fragata que o combateo e apresou, e que nome tinha, para a todo o tempo se pedirem explicações do acto de aggressão, ou illegalidades e preterições dos direitos estabelecidos entre povos civilisados. O Commandante Costa não declara em que logar do mundo foi atacado pelos Francezes, não diz em que latitude e longitude se achava, que bordo, pano, amura, e milhas levava e deitava o *Polyfemo;* n'huma palavra, parece o seu relatorio mais hum conto de passageiro, do que a parte circumstanciada de hum official de guerra, que elle apenas simulava ser pelo uniforme que vestia, e pelo valor que mostrou, do que pela intelligencia, e reclamações que fez ao Commandante da fragata. E talvez por esta incapacidade, o inimigo o tratasse com menos consideração, e abusasse dos seus direitos de apresador. Se o Capitão Tenente Manoel do Nascimento Costa fosse tão militar maritimo como o Capitão de Fragata Ignacio da Costa Quintella, éra bem de esperar que o estado maior e marinhagem da charrua *Polyfemo,* fossem tratados pelo Commandante da fragata anonyma franceza, como foram tratados, applaudidos, brindados e respeitados os da curveta *Andorinha* pelos da fragata *Chifone*, da mesma nação. No *Diario* do immediato desta curveta, o Capitão Tenente Joaquim José da Silva, nada esqueceo mencionar, e se bem os apresadores francezes mostrassem a mesma tendencia para a rapina, sendo o Commandante da fragata *Chifone* o primeiro que entrou na camara da *Andorinha* e agarrou no oculo do Commandante Quintella, nem por isso chegou a sua ganancia de pilhagem, a darem hum verdadeiro saque nas cai-

xas da marinhagem como acolá fizeram. O *Diario* que possuimos, justifica tudo que avançâmos, tornando bem salientes a nobreza do caracter portuguez, e qual aquelle dos inimigos com que este povo combatia.

Ácêrca do valor que a nossa gente manifesta nas occasiões mais difficeis, e do qual nunca fez alarde, temos provas tão repetidas, que hé impossivel mencional-as por extenso, e n'hum volume destinado tambem a abranger outros assumptos. Com tudo resumiremos estas noticias, a fim de indicar o maior numero de factos que formos colligindo.

O Mestre João Pereira Ramos foi hum d'aquelles marinheiros valentes que no seu tempo deram bastante que fallar, merecendo que se escrevessem os actos de coragem que praticou, e corressem impressos com geral applauso; mas que apenas citaremos, trasladando da Gazeta de Lisboa os primeiros annuncios que vieram a publico, da maneira extraordinaria, como elle obteve livrar-se do ataque dos corsarios de Salé, que buscaram apresar o seu pequeno hyate, e leva-lo captivo para Mourama. Diz pois a Gazeta n.º 46 de 21 de Dezembro de 1752:

«Por avizos chegados da Cidade do Porto, sabemos haver-se «recolhido da sua viagem de *Cadiz* o Capitam *Joam Pereira* «*Ramos*, e que n'ella foy combatido quatro vezes por hum cha«veco Saletino, no dia 17 de Setembro passado, e achando-se «sem armas, nam só se deffendeu, mas offendeu os inimigos, «e os fez retirar com grande perda, valendo-se das pedras que «trazia no seu Hyate com grande admiraçāo de todos, de que «se darà noticia com todas as particularidades em huma rela«çam q̃. sahirà pouco depois desta Gazeta.»

Outro acto de coragem do Mestre de hum cahique de Faro, que apesar do pouco desenvolvimento que a Gazeta lhe dá, mostra o animo de combater, que éra commum a toda a nossa gente do mar, e o gosto com que se aventurava aos maiores perigos, sem outro fim, nem proveito mais do que honrar ou desaffrontar a Bandeira Portugueza. Diz o Supplemento á Gazeta de 21 Julho de 1798:

«No dia 3 do corrente sahindo do Porto de *Faro* o Mestre «*João Gonçalves de Olhão* em hum Cahique carregado de pes- «caria salgada para *Lisboa*, avistou na manhã do mesmo dia «no Cabo de *S. Maria*, hum Hyate com Bandeira *Portugueza*, «que pela má mareação com que navegava, lhe deu descon- «fiança de ser Preza *Franceza;* e inflamando-se logo de zelo «patriotico, e animando os seus companheiros, se derigio ao «dito Hyate, que pertendeo disfarçar-se; mas o dito Mestre «mettendo-se em o seu bote com 8 homens, lhe fez huma si- «milhança de abordagem, a que logo se lhe rendeo, e com elle «entrou no Porto de *Faro* na tarde do mesmo dia. Conservava «o Hyate, que tinha sahido de *Vianna* com madeira para «*Lisboa*, 2 *Portuguezes* e 4 *Francezes*, os quaes declarárão «ter sido aprezado por hum Corsario *Francez* na madrugada «do 1.º do corrente 8 leguas ao Norte das *Berlengas*.»

O represamento d'este Hyate nada teve de singular nem de perigoso, porém quando o Mestre João Gonçalves largou de bordo do seu Cahique apenas com oito homens, deixando talvez a bordo delle dois ou tres, ignorava o numero de inimigos que tinha a combater, e foi intrepidamente á abordagem no risco de ficar tambem prisioneiro. Mostrou neste guapo designio, não só animo varonil, se não experteza e sagacidade militar. Porque, aproximando-se com o Cahique ao barco suspeito, mostrava á força inimiga aquella que o hia combater, e por pequena que fosse lhe resistiria, ou até lhe tomaria o Cahique; e ficando longe como ficou, occultava á guarnição do Hyate a força aggressora, que mesmo ficando prisioneira, não captivava o Cahique onde deixava as suas ordens, e signaes de convenção. N'este modo de proceder, deo ideia do que seria capaz de obrar em occasiões mais importantes, e hé com taes dotes de coração e de espirito que se tem visto no auge da maior grandeza, sujeitos sahidos das mais inferiores classes da sociedade. Exemplos destes golpes de fortuna que parecem distinguir os favorecidos da sorte logo á nascença, temos visto muitos em Portugal, e já nomeámos o mocinho da *Rebelva* Antonio José de Oliveira que chegou a Vice-Almi-

rante e Conselheiro do Almirantado, o acreditado Chefe de esquadra Matheus Pereira, que principiou por moço do convés, o habil Capitão de Mar e Guerra Silva, distincto immediato do egregio Quintella no combate da *Andorinha* com a fragata *Chifone*, e outros; agora citaremos hum exemplo recentissimo que, por ser estrangeiro e neste seculo de luzes, e ainda mais na Marinha de huma nação que prima em sciencia a todos os respeitos, mostrará que o genio, e ás vezes o talento, podem conduzir o homem mais desconhecido e humilde, aos ultimos gráos da nobreza e da escala social. Diz o *Moniteur de la Flotte* de 2 de Dezembro de 1862, tratando da perda que a Marinha Franceza acaba de soffrer pela morte do Almirante Hugon:

> «Ainsi que nous l'avons annoncé dans notre dernier nu-
> «méro, la marine vient de perdre, en la personne de M.
> «l'Amiral Hugon [1], une de ses gloires les plus pures, la France
> «un de ses plus dévoués defenseurs. M. Hugon avait eu cette
> «gloire beaucoup plus difficile au marin qu'au soldat, de
> «s'élever des dernieres jusqu'aux premiers degrés de sa car-
> «rière. Entré au service comme mousse; il est mort vice-
> «amiral, baron, sénateur, grand'croix de la Légion d'honneur,
> «etc.

A necrologia deste Almirante mostra quanto elle bem mereceo ao seu paiz, e quanto direito tinha a todas as recompensas que o acompanharam á sepultura; mas não hé esta a questão, a questão hé que, na vida do mar, e carreira militar maritima *onde o accesso hé muito mais difficil ao Marinheiro do que ao soldado*, hum moço do convés póde galgar, e galga de andar descalço, e de comer na bandeja, a trazer nos pés o calçado mais pulido e lustroso, e a comer na camara da mais formosa e potente náo do seu paiz, commandando as melhores esquadras que elle possa armar. Por esta occasião e em vista do que acontece em França ou na Inglaterra, agora mesmo, e não allegando com factos do seculo passado, poderia-

[1] Este almirante éra o segundo official general que entrou o Tejo na esquadra franceza contra D. Miguel.

mos exclamar: Quantos Barões, Grão-Cruzes, Almirantes, e Pares do Reino figuram hoje na escala dos Officiaes combatentes da nossa Marinha, não só provenientes das classes mais inferiores da sociedade, se não da classe media, ou mesmo das mais elevadas? A resposta a este brado de dôr, de hum velho Marinheiro, apenas responderá o éco da imprensa do Governo: Daquelles nenhum; dos outros, hum ou dois. Pobre Marinha!

Já tivemos o gosto de transcrever os louvores e recompensas dadas ao valente José Corrêa Soares, Ajudante da praça de Buarcos, pela sua empresa de resgatar como resgatou do poder dos Francezes o hyate *Pancão;* agora vamos referir outro igual, ou maior acto de coragem do Pratico da barra da Figueira, João Correia de Lémos, o qual não só resgatou tambem hum hyate que os Francezes levavam apresado para Vigo, se não fez até fugir a escuna que o havia apresado.

Eram notorios em toda a costa de Portugal os damnos que faziam os corsarios francezes, atacando e apresando quantas embarcações indefezas a ella se approximavam, recolhendo as presas, ou refugiando-se os mesmos corsarios nos portos de Hespanha, tanto os vizinhos do Algarve, como os da provincia do Minho, já em occasiões de tempo, já acossados dos nossos cruzadores. Ora como estes eram em menor numero do que aquelles, nem sempre estavam presentes ou podiam obstar ás suas depredações e rapinas de toda a especie. Por isso eram ellas repetidas, pondo em constante alvoroço e cuidado os povos do littoral que viam os seus barcos de pesca e amarrações atacados por navios artilhados, e lanchas canhoneiras que chegavam até ao rolo da praia. Nestes termos havia grande empenho não só em affugentar os inimigos, se não até de tirar desforra dos seus ataques e vexames, principalmente nos habitantes da Figueira e de Buarcos onde as enseadas se prestavam melhor ás incursões d'aquelles, não éram defendidas por canhoneiras como a costa, desde o Porto a Caminha pelas lanchas artilhadas de Vianna que diariamente se batiam com as inimigas, da Guardia e de Bayona, em que o bravo João Affonso Netto, commandante do lugre *Galgo*, o te-

nente Guilherme Williams do Lugre *Invicta Vianna*, os mestres José Gonçalves Molledo e Antonio José do Valle nas suas lanchas com huma peça escarmentavam e apresavam muitas outras aos Francezes e Hespanhoes.

Com esta ideia, o pratico e arraes João Correia de Lémos, convidou a sua companha e outros pescadores para hirem pescar armados, tanto para defenderem as suas redes, e pescarias, como para tomarem vingança dos Francezes que não lhes deixavam ganhar a vida. Juntaram-se huns vinte e tantos homens decididos a brigar com o primeiro corsario que apparecesse, dispostos a dar-lhe abordagem ou hirem todos para o fundo. Em tão nobre intento foram auxiliados por todo o povo da Figueira que lhes deo armas, munições, e viveres para 15 dias, e se fintou para o fretamento da melhor rasca das que se achavam no porto. Actos destes, éram então geraes em todo o paiz, muito notavelmente nos homens do mar, como abaixo exemplificaremos; no entretanto seja só de João Correia de Lémos que se trate, pois bem merece attrahir toda a nossa attenção.

Chamava-se a rasca escolhida para o ataque aos Francezes, *Resoluta e Santo Antonio*, na qual se embarcaram os nossos pescadores, bem resolvidos a dar huma lição aos corsaristas, ou a morrerem todos combatendo, e com este designio se foram amarando, como fingindo pescar no alto, e pescando com effeito, para mais encobrir os seus projectos, pois levaram lanchas em que hiam mandando para a terra o peixe que apanhavam. Finalmente deram vista de hum hyate mais amarado que lhe pareceo de desconfiança, tanto por não buscar a costa com a qual devia abrigar-se dos inimigos, como porque éra acompanhado de huma escuna que lhe navegava a barlavento.

João Correia benzeo-se e fallou aos seus bravos companheiros: «Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo que já nos «manda hum inimigo para combater. Aquelle hyate vai apre«sado pelos ladrões da escuna, é devemos resgatal-o; e até «se Deos quizer tomal-a a ella mesma. Que dizem? Querem «ou não querem?» «A elles Mestre João, respondem todos,

«pois ha aqui hum que deixe de trincar um Francez ou de hir «agarrado a elle para o fundo do mar? A elles em louvor de «Nossa Senhora da Conceição, e Santo Antonio que é o pro-«tector da *Resoluta.*» Vamos lá com Deos, que hoje ha de «correr sangue, mas os ladroens hão de entrar prisioneiros na «Figueira, benzam-se, e bota para lá com Maria Santissima, que «o barco hade ser nosso: rezem um Crédo em cruz, que Deus «nos ajudará. Fólga essa escota da bujarrona e anda com o carro «hum pouco para barlavento, lasca as escotas dos latinos, e aga-«cha tudo para não dar na vista ao Francez, e elle vir despreca-«tado: he cozer ahi com a borda, e logo que a escuna estiver «perto, levantar a huma voz, e fazer fogo todos juntos: Viva «Deos, Santo Antonio, e a *Resoluta.*» Tinham tirado os barretes, ouviram a pratica, benzeram-se, rezaram, tornaram a benzer-se, e agacharam-se com as espingardas e espadas ao pé de si, ficando huns sete ou oito de pé como occupados nas redes.

O hiate foi seguindo e a escuna dirigio-se á rasca, sem desconfiar da força que ella levava, e poz-lhe a prôa em cima. Então o arraes João Correia, e seus vinte homens n'hum instante a pé, descarregam as espingardas á queima roupa e matam ou ferem grande porção de Francezes que se haviam chegado á borda para verem e saltarem na rasca. Tornaram a carregar, tornaram a disparar com tanto acerto e fortuna, que a maior parte da tripulação inimiga ficou estirada no convés, e como espantada da surpreza com que foi aggredida, e em tal desaccordo, que apenas manobrou para cahir a ré, e livrar-se do fogo que recebia da rasca. O arraes João Correia buscou então o hiate, que ainda se defendeo com alguns tiros, mas teve de render-se abordado pela rasca, onde bastantes estavam feridos; mas foi tambem delineado o golpe e tão audazmente executado que os corsarios da escuna deixaram arribar o hiate e a rasca para a Figueira, sem lhe dar hum tiro, vendo-se que a mortandade a bordo della fôra tal, que nem gente lhe ficára para o serviço da artilharia, amarando-se ou seguindo para Vigo.

João Correia foi entrar com a sua *Resoluta* e o hiate restaurado na Figueira, onde se cantou missa e esteve o Senhor ex-

posto no dia immediato por tão honroso successo. E o governo a quem elle foi presente, ainda concedeo maior recompensa ao arraes João Correia, do que havia concedido ao ajudante da praça de Buarcos, pois lhe fez a honra de lhe dar o habito de Sant-Iago alem da graduação de segundo tenente e de Piloto Mor da Barra da Figueira; porque, se José Correia Soares mereceo hum posto por atacar hum hiate apresado, João Correia deveria merecer, como mereceo maior galardão, apresando tambem outro igual hiate, e fazendo fugir ou pondo fóra do combate a escuna que o apresára e escoltava.

Por este rasgo de valor, e tino maritimo militar, teve o despacho que veio publicado na Gazeta de Lisboa, de terça feira 3 de Janeiro de 1798, que hé o seguinte:

«S. M. foi servida fazer mercê a *João Corrêa de Lémos* de «o nomear Piloto Mor da Barra da Villa da *Figueira*, com a «patente honorifica de Segundo Tenente da Armada Real, e «do habito da Ordem de *Sant-Iago*, em attenção ao valor com «que resgatou hum hyate *Portuguez* que foi tomado por hum «corsario *Francez*.»

Das immensas provas de valor dos nossos mercantes maritimos, as quaes posto que referidas succintamente nos papeis publicos, mostram a maneira briosa com que elles usavam conduzir-se nas mais criticas occasiões, faremos inda menção de algumas, pois que de todas é isso quasi impossivel. Lemos na Gazeta de 23 de Outubro de 1721, a seguinte noticia:

Portugal. *Lisboa 23 de Outubro.*

«A semana passada entrou no porto desta cidade o Capitão «Francisco Lopes de Sousa com o navio *S. Gabriel*, pertencente «a Tempest Milner, com o qual sahio do Grão Pará em 14 de «Agosto, e na altura de 21 gráos pelejou em 7 com hum levanta-«do de 22 peças, e mais de 200 homens de equipage, durando o «combate desde a madrugada até as Ave Marias, em que o dei-«xou, por se sentir muyto maltratado da nossa artilheria: não se «perdendo desta parte mais que hum só homem morto na peleja «e outro queimado do fogo, que pegou accidentalmente em hum «barril de cartuxos, de que tambem ficárão nove mal feridos.»

Dissémos que a costa do Norte de Portugal, éra defendida por embarcações ligeiras, e miudas armadas em Vianna, e que estas muitas vezes se mediram com os corsarios Francezes e Hespanhoes de Vigo, Bayona, e Guardia, e agora daremos a razão do facto, e a sua origem copiando textualmente o que se publicou a tal respeito.

«Segundo supplemento á Gazeta de Lisboa, Numero XIII.
«Sabbado 1.º de Abril de 1797.

«O Tenente General *David Calder*, Encarregado do Go-
«verno das Armas da Provincia do *Minho*, em Carta de 16 de
«Março de 1797, escripta ao Excellentissimo *D. Rodrigo de*
«*Sousa Coutinho*, Ministro e Secretario d'Estado da Repartição
«da Marinha, remetteo huma Representação que lhe havião feito
«os Negociantes de *Vianna* do theor seguinte.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Os Negociantes
«desta Praça abaixo assignados, animados de hum zelo patrio-
«tico, e seguindo o exemplo de Vossa Excellencia, e lembra-
«dos do quanto tem sido infestada esta Costa por embarcações
«de Nação inimiga, chegando até o ponto de roubarem e apre-
«sarem algumas embarcações, que se achavam fundiadas de-
«baixo da Protecção das Fortalezas de S. M., sem que outras
«de maior força tenhão podido impedir, e castigar o seu atre-
«vimento, por serem aquellas humas pequenas Barcas que na-
«vegão muito aterradas, e até se occultão em algumas Ensea-
«das que estão entre os recifes de pedra e a terra: mandárão
«construir huma pequena embarcação de lote proprio para po-
«der cruzar n'esta Costa armada em guerra, e seguir aquel-
«las até onde ellas se metterem, a fim de as affugentar, e ainda
«fazer-lhe o mal possivel, a qual offerecem a S. M. para a fa-
«zer armar, e navegar debaixo do seu Real e Augusto Nome:
«e para isso supplicão a Vossa Excellencia queira dirigir este
«offerecimento por via de sua protecção.

Vianna, 15 de Março de 1797.=*Araujo e Costa.*=*Antonio José Gomes da Cruz.*=*José Fernandes Loureiro.*=*José Rodrigues e Companhia.*=*José Francisco Basto.*=*Manuel José Pereira de Campos.*=*Domingos da Cunha Pereira.*=

*Fernando Rodrigues Vellinho.* = *Ricardo Allen.* = *João Mendes Viana e Companhia.* = *Coelho Affonso, e Companhia.* = *Sousa, e Guimarens.* = *Faustino José Machado.* = *João Marques Guimarens.* = *José de Araujo.*

«Á sobredita fez o mesmo Ministro d'Estado a resposta se«guinte.

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.— Havendo sido «presente a S. M. a Carta de Vossa Excellencia, e o generoso «offerecimento de seus leaes vassalos, Negociantes da Villa de «*Vianna,* he S. M. servida que Vossa Excellencia chamando-os «perante si, lhes agradeça no seu Real Nome este acto de tão «distincta fidelidade: que lhes segure que elle fica gravado na «sua real memoria, para considerar em todo o tempo mui par«ticularmente tão dignos Vassallos: que a mesma Senhora «acceita a Offerta, ordenando que a Embarcação offerecida seja «logo armada para contribuir á defeza dessa Costa, e com«mandada por *Guilherme Williams,* a quem S. M. nomea «Segundo Tenente da Sua Real Armada, conhecendo o seu «distincto valor. He tambem S. M. servida perpetuar esta ge«nerosa acção, mandando que a dita embarcação tenha por «nome a *Leal e Invicta Vianna,* augurando-lhe assim, que ha «de ser igualmente terrivel aos Inimigos da sua Real Corôa, e «pela fidelidade, e pelo valor dos *Portuguezes,* que a doárão, e «dos que a vão guarnecer. Deos Guarde a Vossa Excellencia. «Palacio de Quéluz em 27 de Março de 1797. = *D. Rodrigo* «*de Sousa Coutinho.* = Senhor *David Calder.*

Este *Guilherme Williams* que éra official da marinha mercante, e foi nomeado Segundo Tenente da Armada Real, foi por nós incluido no numero dos Guerreiros Mercantes por que, nem a nomeação, nem a farda que em virtude della vestio, nem o exercicio em que entrou lhe mudaram a natureza e procedencia da sua carreira, ainda que viesse a ser, como foi posteriormente considerado official militar. Entrou para a Marinha de Guerra sem habilitações, e por hum acto arbitrario do imperante que o mandou admittir na Armada em attenção ao seu *valor;* mas esta graça, não constituia o sujeito tão

radicalmente bellicoso, como aquelles que se dedicavam, e dedicam ao serviço das armas, com todos os apanagios e condições inherentes aos seus intuitos; estes individuos por mais que os baptizem e lhes dispam a tunica judaica, vestindo-lhes os trages caracteristicos dos christãos velhos europeus, sempre são tidos por estes como *Christãos Novos*, como intruzos no seu gremio religioso, e os olham de revés, quando os encontram a commungar á mesma meza: n'huma palavra, o miliciano que passa da segunda linha para a primeira do Exercito; o paizano que passa de hum navio do commercio, para bordo de outro desde a quilha ao portaló destinado a combater, e substitue a casaca por hum uniforme, só dado a quem nunca servio senão o seu paiz, nunca foram considerados verdadeiros militares, nem o podem verdadeiramente ser, porque a sua educação não hé a mesma. Comtudo muitos delles prestaram bons serviços á Patria, e deixaram honrado nome, e hé desses que hoje tratâmos.

Do Segundo Tenente *Guilherme Williams*, a quem nos referimos e que deo causa a estas ponderações, diremos que justificou a escolha que delle se fez para commandante do lugre ou cahique a *Leal e Invicta Vianna*, porque não só ali como depois n'outras partes se mostrou digno da honra que recebêra e do uniforme que envergára, concorrendo com os officiaes de guerra propriamente ditos, da maneira mais satisfactoria, de que apresentâmos o seguinte documento:

«Lisboa, 29 de Junho de 1798.

«Constando no dia 26 de Maio, pelas lanchas da pescaria «de *Fão*, que hum barco armado em guerra e guarnecido por «*Francezes* levava aprezada huma das lanchas da dita pesca«ria, e que igualmente perseguia outra, ordenou immediata«mente o Excellentissimo Tenente General *David Calder*, Go«vernador das Armas da Provincia do Minho, que sahisse logo «ao inimigo o 1.º Tenente do Mar *João Affonso Netto*, do lu«gre denominado *Galgo*. Sahio immediatamente em huma lan«cha da pescaria de *Fão*, denominada *S. Pedro*, Mestre *José* «*Gonçalves Molelo*, armada com huma peça colubrina de ca-

«libre *hum,* e differentes armas brancas, e de fogo, e guarne-
«cida com parte das tripulações dos lugres que alli se achavão,
«por ser a fórma mais prompta e propria para demandar o
«inimigo. Pouco tempo depois sahio igualmente o 2.º Te-
«nente *Guilherme Williams* em outra lancha de pescaria, de
«nominada *S. José,* Mestre *Antonio José do Valle,* armada e
«tripulada como a primeira, dirigindo-se ambas á lancha apre-
«zada. Huma hora depois sahio outra lancha, denominada
«*Santo Antonio,* Mestre *Domingos Gonçalves,* armada com
«differentes armas brancas, e de fogo, guarnecida com alguns
«soldados d'Infanteria e tripulações, como as primeiras com-
«mandada por hum Sargento, e este se dirigio ao corsario
«aprezador. No fim de duas horas e meia de caça que deo a pri-
«meira lancha, a companha da segunda, se abordou á lancha
«aprezada, e a retomou sem resistencia, cinco leguas ao No-
«roeste da Villa de *Vianna,* tendo-se-lhe feito fogo d'artilheria.
«Aprezada assim esta lancha, que se denominava *Santa-Anna,*
«Mestre *José Gonçalves,* a mandou para o porto de *Vianna* o
«referido 1.º Tenente Commandante, tomando primeiro a seu
«bordo 10 *Francezes* que a conduzião, com alguns pesca-
«dores da mesma lancha, e differentes armas brancas e de
«fogo. Dirigindo-se depois o mencionado Commandante o 1.º
«Tenente *João Affonso Netto,* para o corsario aprezador o vio
«já conduzido por terceira lancha, que o abordou, sem maior
«resistencia, quatro leguas ao Sudoeste da barra da dita Villa,
«e apprehendendo-a com 8 *Francezes,* 1 *Hespanhol,* e alguns
«pescadores da dita lancha reprezada; e dirigindo-se ao porto
«da mesma Villa de *Vianna,* entrárão todos pelas 7 horas da
«tarde do dia 26 de Maio, entregando ao Excellentissimo Te-
«nente General *David Calder* os referidos prisioneiros com as
«commissões respectivas, e passaportes, tudo na conformida-
«de das Leis de S. M.»

«Lisboa, 30 de Junho de 1798.

«*Extracto de huma Carta de* Guilherme Williams, *Com-
«mandante do Lugre* Leal e Invicta Vianna.

«Achando-me ao Nor-Nordeste da *Guarda,* em distancia

«de huma legua, pelas tres horas da manhã do dia 13 de Ju-
«nho, avistei huma Galeota ao Nor-Nordeste em distancia de
«outra legua, e logo depois huma Escuna huma legua mais ao
«Norte: forcejei para a Galeota; e tendo-lhe atirado hum tiro
«de peça logo ella poz á capa, arriando a bandeira Franceza
«que trazia arvorada; abordo-a, achei ser *Hamburgueza*, de-
«nominada *Seneca*, Mestre *Galt-Aggen-Klein*, que vinha para
«o Porto, e que tinha sido aprezada pela dita Escuna, Corsa-
«rio *Francez Cerbere*, reprezei-a e mandei-a para *Vianna*, em
«quanto eu velejava para a Escuna, que se achava em distan-
«cia de meia legua, o que visto por ella, fez força de véla para
«mim, disparando amiudadamente as peças de proa; corres-
«pondi-lhe com a de calibre tres, tambem de prôa, fazendo
«toda a força de véla para me approximar della; e logo que
«julguei a podia combater com as peças do costado, a servi de
«tal fórma, que não podendo ella soffrer o violento fogo da mi-
«nha artilheria, tomou o expediente, não obstante ser de força
«superior, de se pôr em fuga, forcejando com vélas e remos;
«segui-a eu sempre pelo tempo de duas horas e meia, fazen-
«do-se fogo de huma e outra parte, sem jámais poder cortar-
«lhe o caminho, privando-me a superioridade do seu andar a
«gloria de a trazer aprezada a este porto de *Vianna*. Mere-
«cem todos os elogios a constancia e grande valor, que em todo
«o combate divisei na gente da minha guarnição, que me ani-
«mou a atacar huma embarcação muito superior em forças á
«que eu commando; pois que o dito corsario, sendo de lote
«de noventa e cinco toneladas, tinha montadas no seu bordo
«seis peças de artilheria, além de muitas armas de toda a
«qualidade, precisas para sessenta e tres pessoas, de que
«constava a sua guarnição. Não hé menos digno de contem-
«plação o efficaz e ardente desejo que tóda a guarnição da mi-
«nha embarcação mostrou de querer abordar o corsario, ma-
«nobrando com a mais exacta promptidão, e fazendo o mais
«activo e violento fogo, com hum animo tão intrepido e vale-
«roso, que excede a toda a expressão, e que realmente cara-
«cterisa a Nação *Portugueza*. Das muitas balas que varárão a

«nossa embarcação, não tivemos prejuizo algum, ao mesmo «tempo que tive noticia que alguns *Francezes* ficarão feridos.

«A bordo do Lugre *Leal e Invicta Vianna*, 18 de Junho «de 1798.»

«Lisboa, 3 de Julho.

«Ulteriormente ao que fica referido no extracto da Carta «posto na precedente folha, avisão de *Vianna*, na data de 18 «de Junho, que havendo o tenente do Mar *Guilherme Williams* «sido encarregado pelo Excellentissimo Tenente General *Da-«vid Calder* de comboyar hum Hyate, que dalli se transpor-«tava para *Caminha*, com carga de farinha por conta da Real «Fazenda, não obstante que o Juiz de Fóra daquella Villa lhe «mandasse hum aviso ao mar de que convinha retirar-se com «o referido Hyate, por haver força inimiga de que devia re-«cear-se, elle apesar disso, pondo a cuberto da Fortaleza da «*Insua*, o mencionado Hyate, partio valerosamente a encon-«trar-se com huma Escuna *Franceza* de maior força, que a «do nosso Corsario: batêrão-se com reciproco fogo por espaço «de duas horas e meia, e haveria sem duvida de toma-la, se «pudesse ganhar-lhe a terra; mas a Escuna fugiu vencida para «o visinho Porto da *Guarda*, levando (segundo dizem) alguns «feridos; e o sobredito Commandante voltando victorioso deo «caça a huma formosa Galeota *Hamburgueza*, que a tal es-«cuna levava aprezada, e que retomada por elle entrou na «barra de *Vianna* com muito credito daquelle Official, e de «toda a sua Tripulação.»

Ainda que o facto seguinte não seja praticado por Mercantes, mas sim por Militares, como aconteceo perto da Villa de *Vianna*, de cuja guarnição e habitantes nos temos occupado, o addicionaremos aos outros que a mesma guarnição, e guerreiros Mercantes ahi praticaram. Eis a sua noticia, publicada na Gazeta de 24 de Julho do mesmo anno antecedente:

«Lisboa, 24 de *Julho*.

«No dia 14 do corrente mez o Sargento d'Infanteria *João «Merme*, da Guarnição de *Vianna*, embarcado em huma lan-«cha de Pescaria, guarnecida com hum Cabo, dous Soldados

«e dezeseis Pescadores, e 9 espingardas com cartuxos, dis-
«tante 4 legoas de Villa do *Conde*, reprezou aos *Francezes*
«hum Hyate *Portuguez*, e no seguinte dia reprezou outros
«dous Hyates, que estavão nas mesmas circumstancias, pra-
«ticando as referidas acções com o valor e intrepidez proprios
«da Nação *Portugueza,* abordando-os, e fazendo-os render-se
«á força d'armas.»

Como se demonstra, toda a gente do litoral se esmerava
e buscava batalhar com os Francezes, que nunca levavam
a melhor. Então todos nós éramos soldados de mar e terra.

## XIX

### ESQUADRA COMBINADA CONTRA ARGEL

Sempre foi uso dos povos civilisados honrar os mortos e perpetuar os nomes dos fallecidos illustres, não só como preito ás suas virtudes, e recompensa dos serviços por elles prestados á humanidade ou á republica, se não como incentivo ás gerações futuras para se extremarem na diligencia de actos grandiosos, de merecerem iguaes distincções. Daqui veio a nobiliarchia hereditaria, daqui resultaram os brasões de armas, os titulos honorificos, os appellidos historicos, a erecção de estatuas aos grandes cidadãos e benemeritos da patria. E se bem ellas fossem levantadas só em honra das pessoas eminentes por sua posição social, por seu saber, ou circumstancias especialissimas, nem por isso as menos favorecidas da fortuna, e nas condições mais humildes, deixaram de merecer menção honrosa na historia, equivalente a esses vultos commemorativos dos personagens que se engrandeceram. Limitando-nos ao nosso paiz, hé sabido que a Padeira d'Aljubarrota e a Velha de Diu, figuram nos fastos nacionaes, ainda que em distancias infinitas dos heroes da época, de tal modo, que parecem reflectir nellas os brilhantes feitos de D. João I, de Nunalvares, de D. João Mascarenhas e D. João de Castro; ninguem lhe levantou estatuas, ninguem lhe fez panegyricos, mas a tradição e logo após a historia imparcial, referindo-se á

origem da fundação do grande monumento da Senhora da Victoria da Batalha, ou do cerco da celebre praça que o sultão de Cambaia nunca pôde vencer, deixaram no esquecimento os actos varonis das duas mulheres patriotas que ali se eternisaram; desde 1385, ou 1516 que estes dois entes, votados ao que parecia, pela sociedade como tantos milhões de seus semelhantes, a transitarem pela terra sem delles persistir o menor signal de existencia, que se falla no seu nome com admiração, tornando-os inseparaveis daquelles que mais glorificam a nação Portugueza.

Para ganhar pois distincta fama, e tornal-a duradoira, não carece o cidadão nascer debaixo de tectos dourados, nem amamentar-se entre preciosas tellas; no meio dos trabalhos mais rudes, e cobertos de farrapos, apparecem individuos que ecclipsam as grandezas facticias de outros que se lhes julgavam ou mesmo lhes eram superiores; hum caso imprevisto, huma circumstancia qualquer, póde fazer realçar o merito do sujeito quando elle hé realmente dotado de nobreza d'alma, ou de grande engenho, vendo-se então que tanto nome illustre procéde de baixa estirpe. A todos que vem ao mundo, he permittido aspirar ás grandezas delle, e rarissimo será aquelle de entre nós, que alguma vez não affagasse a sua imaginação com alguns sonhos de gloria. Para fortificar estas ideias, e excitar os desejos de sobresaír na sociedade, hé que os governos bem constituidos criaram esses estimulos que distinguem as classes, e huns dos outros cidadãos, e que de tempos a tempos se renovam debaixo de apparencias varias, a fim de virem substituir os que, de já usados perdem a sua efficacia, ou deixam de produzir effeito.

Referindo-nos á Marinha que hé onde visam todos os nossos pensamentos de seu soldado e chronista, vemos que em alguns paizes, além dos premios pecuniarios, ou honorificos geralmente adoptados para as grandes acções, se ideiaram outros novos. O accesso aos póstos, as insignias das ordens militares, os titulos de nobreza, julgaram-se pequenas recompensas para os serviços prestados sobre as ondas; os melho-

res politicos, lembraram-se de offerecer aos seus homens do mar, hum novo e melhor premio da sua audacia; como nem a todos se poderiam erguer troféos, ou levantar estatuas, que são dispendiosissimas, decretaram imagens que lha perpetuasse, e corressem o mundo; estamparam-lhe os feitos desenhados pelos melhores artistas e tornaram deste modo patentes e ao alcance do maior numero, os factos e os nomes daquelles Marinheiros que mereciam esta significativa distincção.

Em Inglaterra e Hollanda havia o mesmo uso, não estabelecido por lei, mas em França fixou-se elle como systema de recompensa, e foram mandadas distribuir aos interessados na diffusão dos actos de bravura e successos honrosos que lhes diziam respeito, estampas que os representavam. Os fundamentos do Decreto promulgado para este fim, e a sua communicação aos tres commandantes dos principaes portos daquelle paiz, vieram publicados no Segundo Supplemento á Gazeta N.º 38 de Sabbado, 23 de Setembro de 1786, que em seguida copiamos textualmente:

«O Rei querendo honrar e perpetuar, Senhor, a memoria «dos Officiaes da sua Marinha, que na guerra passada au«gmentárão por acções lustrosas a gloria da sua Nação, seja «commandando as suas Armadas, seja no commando parti«cular dos seus navios, me ordenou que mandasse fazer hum «quadro de cada hum dos acontecimentos, que elles consa«grárão pelo seu talento e valor: A intenção de S. M. he, que «os grandes combates sejam collocados nas salas d'instruc«ção dos tres grandes portos, a fim de que os Alumnos da «Marinha tenhão constantemente á vista os exemplos, que «elles devem imitar, e que illustrárão os seus Predecesso«res. Os Officiaes Generaes e particulares até receberão hu«ma copia fiel do quadro, que representa a acção, pela qual «elles tem adquirido huma verdadeira gloria. Os seus des«cendentes, considerando-a, verão outrosim a prova do «quanto o Rei procura recompensar dignamente o mereci«mento, e as virtudes dos Officiaes da sua Marinha. Estes «quadros virão assim a ser monumentos publicos, que fixá«rão a opinião a seu respeito, preservando do esquecimento «a celebridade que elles tem adquirido e inspirou por con«seguinte aquelle ardor, que induz ás grandes acções.

«Ainda que a Nobreza *Franceza* seguramente não precisa
«d'instigação alguma, similhantes recompensas são feitas para
«augmentar o seu zelo, a sua energia, e o seu amor para
«com os seus soberanos. A execução da vontade do Rei, não
«podendo ser tão prompta, quanto S. M. o havia desejado,
«S. M. me determina que vos faça saber as ordens que me deo
«a este respeito.

Com a ideia de entreter o espirito publico e dispol-o a honrar a memoria dos nossos conterraneos por seus feitos militares ou dedicação civica, tem havido em Portugal chronistas officiaes, de que hé exemplo a nomeação do Doutor Ignacio Barbosa Machado que, por Decreto de 2 de Outubro de 1751, teve essa incumbencia. Diz a Gazeta de 10 daquelle mez e anno:

«Foy S. Mag. servido nomear para Chronista dos successos
«das suas armas, e das acçoens dos seus Vice-Reys, Gover-
«nadores, e Generaes nas Conquistas Ultramarinas, feitas
«pela naçam Portugueza nas tres partes do mundo, *Africa,*
«*Asia, America,* ao muyto Reverendo *Doutor Ignacio Bar-*
«*bosa Machado,* Desembargador da Relaçam do Porto; at-
«tendendo ás suas vastas noticias, grande erudiçam, e á no-
«breza de estylo, com que escreve na lingua Portugueza,
«como tem mostrado na sua obra dos Fastos Lusitanos, e
«em outras que tem dado ao prelo.»

Mas pelo contexto do mencionado decreto, se evidenceia, que o trabalho de Chronista, não éra dirigido a historiar factos puramente navaes. Quantas noticias temos visto a tal respeito, ou são publicadas por estrangeiros em proprio intiresse, ou figuram nos escriptos patrios como incrustadas, ou accessorias de outros acontecimentos de natureza diversa. Vimos por exemplo na obra *Guerres Maritimes de la France, par V. Brun (de Toulon),* que os Portuguezes auxiliaram em 1646 a França com huma esquadra de 7 náos, a qual se apoderou de Piombino. Diz o author a pag. 25 do tomo 1.º:

*«Ce nouvel armement fit voile le* 17 *septembre, composé*

«*le 29 vaisseaux français et 7 portugais, et s'empara sans* «*peine de Piombino et de Porto-Longone, qui fournirent des* «*ports capables de recevoir nos flottes et de les faire hiver-* «*ner au sein de l'Italie.*»

E este armamento e este soccorro de sete náos á França, não se menciona, nem o encontrâmos referido em nenhum dos immensos documentos que temos examinado! Vimos tambem relatada a conquista de *Cayenna*, pelas forças navaes portuguezas, nos *Nouvelles Annales de la Marine et des Colonies*, e pelo barão de *Bonnefoux*, sem deste importantissimo e transcendente successo encontrarmos o relatorio nas bibliothecas nacionaes. Vimos em fim referido nas Gazetas de Madrid o procedimento dos officiaes da esquadra Portugueza no ataque feito a Argel, em concorrencia com as esquadras Hespanhola, Napolitana, e Malteza de que éra commandante em chefe no dia 25 de Julho de 1784 *D. Antonio Barceló*, sem deste armamento, e desta esquadra se fazer expressa menção nas Gazetas de Lisboa, senão depois por incidente; e este descuido, ou pouco interesse de inculcar os nossos feitos navaes, sendo tanto mais de notar, que se publicou a digressão da Suas Magestades e Altezas a *Cachias* para verem sahir esta Esquadra.

Em vista de tamanha indifferença pelos serviços desta arma em Portugal e do abandono a que está reduzida, moveo-nos e move-nos o affecto que ella sempre nos inspirou, e o respeito que desde tenros annos consagrámos á gente e á arte maritima, a concorrer com todas as forças que recebemos da natureza e da educação para lhe vivificar a fama; e para obter mais seguro resultado, ir reunindo na mesma obra e debaixo do titulo de *Quadros Navaes* e *Epopeia Naval Portugueza* quantas noticias dispersas obtivessemos e se referissem á nossa Marinha. Já prevenimos o leitor, de que neste trabalho não pôde nem poderá seguir-se a chronologia dos acontecimentos, porque se foram, e vão colleccionando na ordem que apparecem, a fim de não se olvidarem, aproveitando-se o tempo restante em novas indagações, tanto mais trabalhosas, quanto

éra e hé o isolamento a que nos temos visto reduzido, porque nunca recebemos de ninguem o menor auxilio a tal respeito. Hum dos nossos maiores empenhos foi, e hé provarmos que não improvisâmos, e que tudo quanto temos ou formos reproduzindo, hé corroborado por testimunhas insuspeitas ou extrahido de escriptos fidedignos, que talvez tornem a obra fastidiosa, mas que a fazem digna de fé.

Debaixo deste ponto de vista, fallaremos hoje da Esquadra que fez parte das forças combinadas contra Argel em 1784. Compunha-se ella de duas náos e duas fragatas, que Suas Magestades e Altezas foram ver sahir a barra, não só porque estes navios éram dos melhores da época, e tinham sido preparados com esmero, se não porque a sua officialidade e equipagens haviam sido escolhidas e da maior confiança, esperando-se daquelle conjuncto de apuros, que elle desse em resultado grande credito á nação Portugueza, tendo de concorrer com as Esquadras Hespanhola, Napolitana, e Malteza. A sahida della deo tanto brado em Lisboa que foi relatada no Supplemento Extraordinario á Gazeta de 24 de Junho de 1784, n'estes termos:

«No dia 19 do corrente se fez á véla deste porto a Esqua-
«dra de S. M. composta das náos o *Santo Antonio*, comman-
dada pelo Coronel do Mar *Bernardo Ramires Esquivel*, com-
«mandante em Chefe da Esquadra, e o *Bom Successo*, com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José de Mello:* e as
«fragatas o *Golfinho*, commandada pelo Capitão de Mar e
«Guerra *D. Thomaz de Mello*, e o *Tritão*, commandada pelo
«Capitão de Mar e Guerra *Pedro de Mendonça*.

«Suas Magestades e A. A., forão no mesmo dia jantar a
«*Cachias*, para dalli verem sahir a dita Esquadra.»

Com effeito o serviço que ella prestou correspondeo á espectativa nacional, e de modo que não deixou nada a desejar, merecendo dos alliados grandes elogios, e da Rainha proporcionadas recompensas.

As forças reunidas éram:

| | *Náos de linha* | *Commandantes* |
|---|---|---|
| *Hespanhollas* | Raio | D. Balthasar de Sesma. |
| | S. Sebastião | Marquez de Castanar |
| | S. Fermino | D. Miguel de Goicochea. |
| | Septentrião | D. Diogo Quevedo. |
| *Napolitanas* | S. João | – |
| | S. Joaquim | – |
| *Portuguezas* | Santo Antonio | Bernardo Ramires Esquivel. |
| | Bom Successo | José de Mello. |
| | *Fragatas* | |
| *Hespanhollas* | Pilar | D. N. |
| | Santa Rosa | D. José Pascoal de Bonanza. |
| | Rufina | D. Marcos Fungion. |
| | Astrea | D. João Galarza. |
| *Napolitanas* | Minerva | – |
| | Dorothea | – |
| *Portuguezas* | Golfinho | D. Thomás de Mello. |
| | Tritão | Pedro de Mendonça. |
| *Maltezas* | Santa Isabel | Mr. de Suvirá. |
| | Santa Maria | Mr. de Suffren. |
| | *Chavecos* | |
| *Hespanhoes* | Catalam | D. Frederico Gravina. |
| | Mercianna | D. José Giron. |
| | Lebrel | D. João de Deos Poncel. |
| | Gamo | D. Miguel Falcon. |
| | Pilar | D. José Barrientos. |
| | Santo Antonio | D. João d'Arizabala. |
| | S. Luiz | D. José Gonsales. |
| | S. Sebastião | D. José Olosaga. |
| | D. Dias | D. José Ramos. |
| | Carmo | D. Francisco Villamiel. |
| | S. Lino | D. José Aldama. |
| | S. Braz | D. João Eslava. |
| *Napolitanos* | Vigilante | – |
| | Protector | – |
| | *Bergantins* | |
| *Hespanhoes* | Atocha | D. Estanisláo Juez. |
| | Murray | D. Antonio Mitalles. |
| | S. Leão | D. Pedro Argain. |
| | *Balandras* | |
| *Hespanhollas* | Primeira Resolução | D. Theodoro Escaño. |
| | Segunda Resolução | D. José Garisti. |
| | Tartaro | D. N. Preduera. |
| | 2 Napolitanas | – |
| | Galeras maltezas. | |

4. Estas são commandadas por hum Tenente General. A capitania traz 25 cavalleiros, e 700 homens d'esquipagem, e cada huma das demais 20 d'aquelles e 500 d'estes.

*Brulotes.*

Guiter; Joven José; Real Jorge; Sol dourado.

*Embarcações d'ataque.*

24 Bombardeiras. 8 lanchas para morteiros de 8 pés. 24 dito. Canhoneiras para peças de artilheria de calibre 24. 8 dito para columbrinas de 16. 7 dito canhoneiras de 12. E 6 lanchas d'abordagem.

*Resumo.*

| | |
|---|---|
| 9 Náos. | 4 Galeras. |
| 11 Fragatas. | 4 Brulotes. |
| 14 Chavecos. | 24 Bombardeiras. |
| 3 Bergantins. | 8 Lanchas. |
| 5 Balandras. | 39 Canhoneiras. |
| — | 6 Lanchas d'abordagem. |
| 42 | — |
| | 85 |
| | 42 |
| | — |
| | 127 Embarcações. |

Na *Gazeta de Madrid* de 3 de Agosto vem o relatorio que o commandante em chefe *D. Antonio Barceló,* deo deste ataque á cidade e fortificaçoens de Argel, repetido oito vezes e por oito dias successivos, em que a cidade ficou raza, dandose no oitavo ataque 1:400 tiros de bala e metralha, lançandose 415 bombas, e 275 grenadas; e da parte dos *Argelinos* 121 bombas, e 1:950 balas, ficando morto (diz elle) o Guarda Marinha *Portuguez, Prudencio Rebello,* que se achava como voluntario na lancha bombardeira numero primeiro, e feridos dois marinheiros na lancha numero sete. Diz mais: «As em«barcações *Portuguezas,* aproveitando-se com toda a diligen«cia da opportunidade do tempo para se porem a Leste da «Esquadra se postáraõ em linha com as demais que se acha«vaõ do Norte ao Sul para fazer frente e rechaçar as lanchas «inimigas, todas as vezes que estas, á retirada das nossas, se «pusessem dentro d'alcance. O Chefe da Esquadra *Portugue«za* se encarregou do commando d'huma lancha artilheira, e «duas bombardeiras para os ataques suscessivos.» O relatorio feito pelos Portuguezes, sem que seja a parte official do commandante, he o seguinte, publicado por extracto:

*Extracto d'huma carta escripta de* Cartagena *a 27 de Julho por hum Official Portuguez a bordo d'huma das náos que compõem a Esquadra de S. M. Fidelissima.*

«Tendo sahido do porto de Lisboa a 19 de Junho com vento «N. assás fresco, fomos no dia 22 de tarde dar fundo na ba-«hia de *Cadis.* O nosso Chefe mandou pedir Praticos á terra, «que vieram immediatamente: e na manhã seguinte nos tor-«námos a fazer á véla. Embocámos o estreito nessa mesma «noite, e ás doze horas passámos por *Gibraltar.* Dirigimos a «nossa derrota para *Cartagena;* mas logo nos acalmou o «vento: e depois o tivemos variavel, e inconstante por alguns «dias, sem poder adiantar-nos até o principio de Julho. Man-«dando então o nosso Chefe á falla, soube que a Armada com-«binada havia já partido para *Argel.* Em consequencia dirigi-«mos a nossa derrota para aquelle porto, aonde chegámos a «12, e fomos recebidos pelos *Hespanhoes,* como quem vinha «tão a tempo; pois n'esse dia se havião principiado os ataques.

«Collocámo-nos segundo as ordens do Tenente General «*D. Antonio Barceló,* Commandante em Chefe da Expedição: «e tivemos occasião de ser testimunhas do quanto he bem «merecida a reputação de valor e intelligencia de que goza «este grande Official. Nos seguintes dias, segundo o tempo «o permittia, se repetirão os ataques, sendo estes principal-«mente executados pelas lanchas bombardeiras e canhoneiras, «e servindo os navios para lhes fornecer gente, munições, e «cubrir a sua retirada. Não he mais que fazer justiça o dizer «que não póde ser excedido o valor e acerto, com que o Com-«mandante dirigia estes ataques: e a promptidão e intrepidez «com que os Officiaes e mais gente em geral executavão as «suas ordens. As lanchas se avançavão, indo o Commandante «na frente em hum escaler, por entre hum chuveiro de balas «de calibre 24, disparadas das fortalezas e baterias, e forma-«das em tanto número e em tal ordem, que excede tudo o «que se podia suppor pelas informações antecedentes: de-«baixo deste fogo de terra sahião ao encontro das nossas hum

«grande numero de lanchas inimigas, disparando balas e bom-
«bas com grande valor. A todo este fogo se expunhão os do
«ataque a peito descuberto, obrando com tal resolução e acti-
«vidade, que sempre o número de tiros da nossa parte exce-
«deo consideravelmente o dos Inimigos. Quando as munições
«se acabarão, se retiravão as lanchas em muito boa ordem:
«e he então que os Inimigos as accossavão terrivelmente,
«sendo necessario o fogo dos navios para os fazer desistir.

«Estes ataques se repetírão oito vezes; e o fogo foi sempre
«tão vigoroso e tão bem dirigido, que a não terem os Inimi-
«gos tantas lanchas armadas, e dirigidas por homens intelli-
«gentes, *Argel* ficaria de todo arrazado. Depois do oitavo ata-
«que o Commandante em Chefe convocou os dos navios para
«ouvir os seus pareceres: elles assentárão todos, que atten-
«dendo ás circumstancias, era acertado dar a expedição por
«concluida. Em consequencia no dia 23 de Julho o Comman-
«dante fez sinal para se cortarem as amarras, o que executá-
«mos soprando hum vento forte travessia, em que valeo muito
«a experiencia que tem aquelle Chefe destas costas. Fizemo-
«nos á véla, e viemos em direitura para este porto, onde an-
«corámos hontem 26 de Julho.»

Eis-aqui os successos de Argel dos quaes á porfia parece que ninguem se quiz gloriar. O Commandante Hespanhol diz que o *Chefe Portuguez se encarregou do commando d'huma lancha artilheira e duas bombardeiras para os ataques successivos, ficando morto o Guarda Marinha Portuguez Prudencio Rebello*; o Official Portuguez que descreve os oito ataques, nada diz dos seus nacionaes, e só engrandece o valor do Commandante em Chefe Hespanhol *que dirigia os ataques hindo na frente das lanchas em hum escaler por entre hum chuveiro de balas de calibre* 24. Ninguem fallou de si para fazer justiça ao valor dos outros, e os nossos papeis officiaes deixariam no esquecimento a maneira distincta com que a Esquadra Portugueza ali se conduzio, e tudo ficaria ignorado se não fossem os estranhos que os apontaram. Ao Commandante em Chefe *Hespanhol* devemos o saber, que, «as embarcações

«*Portuguezas* aproveitando-se com toda a diligencia da oppor-
«tunidade do tempo para se porem a Leste da Esquadra, se
«postarão em linha como as demais, que se achávão de Norte
«ao Sul para fazer frente e rechaçar as lanchas inimigas todas
«as vezes que estas, á retirada das nossas, se puzessem den-
«tro d'alcance.» Aos papeis hespanhoes devemos o saber que
depois deste ataque das Esquadras combinadas contra *Argel*,
ainda a Esquadra Portugueza voltou sósinha áquellas costas e
por lá andou ameaçando os barbaros e forças daquella Regen-
cia, como dizem as noticias de Cadis de 31 de Agosto, que se
expressam da seguinte maneira:

«A esquadra de S. M. Fidellissima, que auxiliou a expedição
«contra *Argel*, havendo sahido outra vez de *Cartagena* a 9
«deste mez, e feito hum corso d'alguns dias sobre as costas
«*d'Africa*, para Leste *d'Argel*, seguindo depois o rumo do
«Norte e voltando a *Hespanha* para Oeste, passou o Estreito
«na noite de 26 com vento forte, e entrou neste porto a 27
«de tarde com bom successo.»

No entretanto consta pelas *Gazetas de Lisboa*, que os ser-
viços dos Officiaes desta Esquadra foram apreciados por Suas
Magestades e Altezas, e remunerados correspondentemente,
pois a 28 de Setembro desse anno de 1784, dizia huma d'ellas:
«A 23 do corrente desembarcou o Coronel do mar *Bernar-
«do Ramires Esquivel*, Commandante da Esquadra de S. M.,
«que auxiliou a expedição *d'Argel*; e no sabbado seguinte
«teve em *Queluz* audiencia de SS. MM., que se dignárão fazer-
«lhe as maiores honras, expressando a sua Real e completa
«satisfação pelo que tinha obrado nos ataques da dita praça;
«e concluindo que tudo havia feito o melhor que podião dese-
«jar. O mesmo Commandante recebeo separadamente do Prin-
«cipe N. S. huma distincta honra, louvando-o muito, e fazendo
«S. A. mesmo menção de todos os factos, dando a cada hum o
«seu particular valor, por hum modo bem digno da sua gran-
«deza e alta penetração.» E a 12 de Outubro accrescentou:
«S. M. foi servida determinar, por Decretos do mez passado

«huma promoção dos Officiaes de Marinha, que se achárão na «expedição *d'Argel,* os quaes forão promovidos a hum posto «d'Adiantamento, de que resulta: hum novo Marechal de Cam-«po com exercicio na Marinha, 4 Coroneis de Mar, 8 Capitães «de Mar e Guerra, 9 Capitães Tenentes, 5 Tenentes de Mar «e 10 Tenentes de Mar, continuando o exercicio de Guardas «Marinhas: *os nomes se porão no segundo Supplemento.*»

Pareceo-nos hum dever, publicar aqui estes nomes, tanto em honra dos Officiaes que serviram nesta expedição, como para destes despachos nos servirmos opportunamente, e compararmos a denominação dos postos da Armada nessa época, com a de agora.

*Promoção dos Officiaes de Marinha que forão á expedição* d'Argel *determinada por Decretos de* 28 *de Setembro de* 1784.

«*Para Marechal de Campo com exercicio na Marinha:* Ber-«nardo Ramires Esquivel. *Coroneis de Mar:* José de Mello Bray-«ner: Pedro de Mendóça de Moura: D. Thomaz José de Mello: «Marcos da Cunha. *Capitães de Mar e Guerra*: Bernardo Ma-«noel de Vasconcellos: Manoel Ferreira Nobre: Joaquim Fran-«cisco de Mello Povoas: Francisco de Paula Leite: José Caetano «de Lima: Manuel da Cunha Souto-maior: Paulo José da Silva «Gama: Joaquim Manoel do Couto. *Capitães Tenentes:* José «Maria de Medeiros: Bernardino José de Castro: D. Domingos «Xavier de Lima: João da Ponte Ferreira: Diogo José de Paiva: «Alvaro Sanches de Brito: Jeronymo dos Santos da Silva: An-«tonio Leite Pereira Lobo: Herculano José de Barros. *Tenen-«tes de Mar:* Joaquim José Damasio: Francisco de Paula Mo-«reira da Silva: Francisco Manoel Souto-maior: Francisco Xa-«vier Cabral: Manoel dos Santos Vieira. *Tenentes de Mar con-«tinuando o exercicio de Guardas Marinhas:* João Gomes da «Silva: Francisco de Assis Tavares: Antonio de Mello Correa «de Sousa e Menezes: Estanisláo Antonio de Mendonça: José «da Nobrega Botelho: José Maria Ribeiro: Henrique da Fon-

«seca e Sousa: José Eleuterio de Barros e Vasconcellos: An«tonio José Maria da Costa Freire: José do Canto Lobo.

«*Promoção dos Officiaes d'Infanteria e Artilheria, que forão na Esquadra de S. M. á sobredita expedição, para entrarem em effectivos, quando hóuver póstos vagos, sem prejuizo da antiguidade dos que a tiverem maior, ficando até esse tempo com o exercicio dos póstos, que actualmente occupão, por Decreto de 4 d'Outubro de* 1784.

*Sargentos Mores.*

«*Armada* 1.° Luiz Correa de Miranda Espinula: Ignacio José Peres. *Armada* 2.° Manoel Campello d'Andrade: José Roberto Pereira Silva: Joaquim Manoel dos Santos. *Artilheria da Côrte:* Maximiliano Augusto de Chermont: Fernando Xavier de Castro.

*Capitães.*

«*Armada* 1.° Pedro Miguel: José Gonçalves Victoria: Gaspar Cypriano. *Armada* 2.° Joaquim José Nogueira: Luiz Antonio Pimentel: José de Almeida Cabral. *Artilheria da Côrte:* Carlos Leonardo Dupuy: José Antonio de Barros; Alberto Francisco Folquemant: Duarte Luiz Garcez Palha.

*Tenentes.*

«*Armada* 1.° Manoel Freire: Silvestre Joaquim. *Armada* 2.° João Couceiro da Silva: Carlos Grenville: João Antunes Coelho: José Teixeira de Moraes.

*Alferes.*

«*Armada* 1.° Domingos Ferreira: João Baptista da Penha: Antonio José de Vilhena: Luiz Manoel. *Armada* 2.° José Joaquim da Silva: João de Sousa Lobo: João Ferreira Leal: Vicente de Almeida: Manoel Duarte: Fernando Joaquim dos Reis Buxar: João Antonio Coutinho. *Artilheria da Côrte: Primeiros Tenentes:* Francisco Borges da Silva: Nicoláo Soares Coelho: Duarte Canuto Franco: João Baptista de Jesus.

«*Dita: Segundos Tenentes:* Felis Antonio Monteiro: Anto-«nio da Fonseca Barradas: Bernardino José da Costa: José Flo-«rencio: Francisco Teixeira: Francisco Caetano: Francisco Jo-«sé Pimenta: Joaquim José Pinto: João da Costa de Cabedo.»

Alguns d'estes Officiaes conhecemos nós, de outros ouvimos fallar com grande elogio, e de outros já fizemos honrosa menção no decurso d'este longo trabalho, tornando conhecidos os seus serviços, e a sua grande capacidade maritima.

Por agora só notaremos que os póstos da Armada, éram iguaes aos do Exercito, com o adjectivo = Mar = para os distinguir dos d'este. Havia *Tenentes Generaes* (entre outros José Caetano de Lima que em outra parte indicámos) *Marechaes de Campo* com exercicio na Marinha, e *Coroneis de Mar.* Apenas os Capitaens de Mar e Guerra, e os Capitaens Tenentes, he que tinham a sua designação especialmente maritima. Tambem se reconhece pelas promoçoens, que os Coroneis de Mar, éram posiçoens ou póstos intermedios entre Capitaens de Mar e Guerra e Marechaes de Campo, e correspondentes a Brigadeiros ou Chefes de Divisão. Na época de que tratamos, não havia o posto de Capitão de Fragata, os navios éram geralmente commandados por Coroneis de Mar, ou Capitaens de Mar e Guerra, tendo os seus immediatos Capitaens Tenentes, e havendo Tenentes de Mar para commandar os quartos com seus segundos, ás vezes Sargentos de Mar e Guerra. Então os estados maiores dos navios da Esquadra, éram pouco numerosos havendo nas náos apenas hum só Official para cada quarto, como se vê da composição d'aquelles que vem designados na *Relação das Náos e Fragatas, que S. M. manda pôr promptas; e dos Commandantes e Officiaes, que as hão de guarnecer,* publicada no Supplemento á *Gazeta* de 4 de Novembro de 1780.

*Náo Conceição.*

Commandante o Coronel do Mar *José Sanches de Brito:* Capitão de Mar e Guerra *Marcos da Cunha:* Capitão de Mar e Guerra em segundo *João da Ponte Ferreira:* Capitão Tenente *Pedro de Mariz Sarmento:* Capitão Tenente *José Cae-*

*tano de Lima:* Tenente do Mar *Antonio de Saldanha de Castro Ribafria:* Tenente do Mar *Luiz de Mello e Menezes:* Tenente do Mar *Alvaro Sanches de Brito:* Sargentos *Jeronymo dos Santos Silva* e *Ricardo José.*

*Náo Pilar.*

Commandante o Coronel do Mar *Bernardo Ramires Esquivel.* Capitão de Mar e Guerra *D. Thomaz de Mello:* Capitão Tenente *Manoel Antonio Pinheiro da Camara:* Capitão Tenente *Manoel Carlos de Tam:* Tenente do Mar *Herculano José de Barros:* Tenente do Mar *João Domingos Maldonado:* Tenente do Mar *José Milner:* Sargentos *Joaquim José Vieira* e *Manoel José Tavares.*

*Náo Santo Antonio.*

Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Guilherme Roberto.* Capitão de Mar e Guerra em segundo *Pedro de Mendonça Moura:* Capitão Tenente *João José dos Santos Cação:* Capitão Tenente *João Baptista Gigot:* Tenente do Mar *José Joaquim Ribeiro:* Tenente do Mar *Antonio José Valente:* Sargento *Bartholomeo Gomes.*

*Náo Bom Successo.*

Capitão de Mar e Guerra *José de Sousa Castellobranco:* Capitão Tenente *Antonio da Cunha Souto-maior:* Capitão Tenente *Manoel Ferreira Nobre:* Tenente do Mar *José Maria de Medeiros:* Tenente do Mar *Diogo Coelho de Mello:* Sargento *Luiz Antonio Correa.*

*Náo S. José e Mercês.*

Capitão de Mar e Guerra *João Caetano Viganego.* Capitão Tenente *Filippe Neri da Silva:* Capitão Tenente *Manoel Gomes Ferreira:* Tenente do Mar *Luiz Antonio de Oliveira:* Tenente do Mar *Antonio João da Serra:* Sargento *Diogo José da Silva.*

*Náo S. Sebastião.*

Capitão de Mar e Guerra *Tristão da Cunha*: Capitão de Mar e Guerra em segundo, *Guilherme Galway:* Capitão Tenente *José Jacinto de Azevedo Leiria:* Capitão Tenente *Francisco de Araujo Leitão:* Tenente do Mar *Bernardino José da Costa:* Tenente do Mar *Jeronymo Pereira;* Sargento *Joaquim José Damasio.*

*Náo Ajuda.*

Capitão de Mar e Guerra *Antonio Januario do Valle:* Capitão Tenente *Paulo José da Silva Gama:* Capitão Tenente *Joaquim Ferreira da Costa:* Tenente do Mar *João da Ponte Ferreira:* Tenente do Mar *Antonio Salema Lobo:* Sargento *José Pinto Rebello.*

*Náo Prazeres.*

Capitão de Mar e Guerra *Francisco Bitancurt Prestelli:* Capitão Tenente *Joaquim Morel do Couto:* Capitão Tenente *José Rodrigues:* Tenente do Mar *Pedro de Moraes:* Tenente do Mar *Antonio da Cunha Sampaio:* Sargento *Salvador José.*

*Náo Belém.*

Capitão de Mar e Guerra *Jorge Hard-Castle.* Capitão Tenente *Bernardo Manoel de Sousa e Vasconcellos:* Capitão Tenente *Francisco Carneiro de Figueiroa:* Tenente do Mar *Antonio Leite Pereira Lobo:* Tenente do Mar *Luiz Pinto da Fonseca:* Sargento *Joaquim Pedro.*

*Fragata Nazareth.*

Capitão de Mar e Guerra *Antonio José Pegado de Bulhões.* Capitão Tenente *Francisco Xavier da Silva:* Capitão Tenente *D. Lourenço de Amorim:* Tenente do Mar *Luiz Pereira Coutinho de Vilhena*: Tenente do Mar *José Pereira Coutinho de Vilhena:* Sargento *Pedro Leocadio.*

*Fragata S. João.*

Capitão de Mar e Guerra *Antonio José de Oliveira.* Capitão Tenente *Francisco de Paula Leite:* Capitão Tenente *Joa-*

*quim de Almeida*: Tenente do Mar *José Fidelis:* Tenente do Mar *Diogo José de Paiva:* Sargento *Manoel dos Santos.*

*Fragata Cisne.*

Capitão de Mar e Guerra *Pedro Scheverim:* Capitão Tenente *Joaquim de Mello e Povoas:* Capitão Tenente *Antonio Lopes Cardoso:* Tenente do Mar *João Victo da Silva:* Sargento *Francisco Manoel Souto-maior.*»

Quando esta Esquadra de nove náos e tres fragatas se aprompton para dar á véla (4 de Novembro de 1780) não havia Guardas Marinhas, criados por Decreto de 2 de Julho de 1762 e abolidos por outro Decreto de 9 de Julho de 1774 ([1]), e que só foram restabelecidos pelo Decreto de 14 de Dezembro de

([1]) Eis aqui o resumo da legislação existente ácerca dos Guardas Marinhas. Na *Gazeta* de 21 de Julho de 1761, artigo *Lisboa*, se declara que: «Por Decreto, que baixou ao Conselho de Guerra, com data de 2 «deste mez, foi S. Mag. servido crear por hora, 24 Guardas Marinhas, «com a graduação, soldos e insignias de Alferes de Infanteria, e unifor-«me correspondente nas corês ao Corpo em que hão de servir; obser-«vandose na formalidade das justificaçoens de Nobreza, que devem pro-«var, os que houverem de ser admittidos a assentar praça, o mesmo, «que em conformidade do Alvará de 16 de Março de 1757, se pratica a «respeito da calidade dos Cadetes das Tropas de Terra, e regulandose «a fórma do provimento de Guardas Marinhas pelo de Capitaens Tenen-«tes. No mesmo Decreto declara S. Mag. que não he da sua Real inten-«ção excluir dos Póstos, a que estiverem a caber, aos Officiaes da Ma-«rinha, que houverem dado, ou derem notorias, e incontestaveis pro-«vas de sciencia, prestimo e propensão para este importante serviço.»

A *Gazeta*, he como dissémos de 21 de Julho de 1761, pelo que o Decreto deve ser de 2 deste mez e anno, e não do anno seguinte de 1762. De 30 de Julho de 1762, hé o Decreto criando 12 Tenentes do Mar, e 18 Guardas Marinhas para as fragatas estabelecidas pelos habitantes da cidade do Porto, na forma seguinte:

«Decreto. Por quanto havendo os meus Vassallos habitantes da ci-«dade do Porto louvavelmente estabelecido, com faculdade minha, al-«gumas Fragatas de Guerra, para cobrirem aquella Costa, e protegerem «o commercio da mesma Cidade, contra os insultos que frequentemente «padecião; he justo, e necessario, que ao mesmo tempo se criem Of-

1782 que suscitou a observancia do de 1762, criando a Companhia composta de quarenta e oito destas praças, assim como não havia os Segundos Tenentes do Mar, e só Tenentes, isto hé, apenas huma classe de Subalternos, ou segundos dos quartos de vigia. E tambem os póstos dos Capitaens de Mar e Guerra, não éram sempre permanentes, mas sim temporarios e

«ficiaes com educação para aquelle importante serviço, como os sobre-«ditos me representarão: Hei por bem crear doze Tenentes do mar, e «dezoito Guardas Marinhas, para servirem nas referidas Fragatas, com «Aula e Residencia na mesma Cidade do Porto, e pagos pela mesma «Repartição por onde se fazem as mais despezas das referidas Fraga-«tas: Os quaes ficaráõ em tudo, e por tudo, providos, igualados, e gra-«duados com os que fui servido crear por Decretos de 2 de Julho de «1761, e de 21 de Março do presente anno. O Conselho de Guerra o te-«nha assim entendido e faça observar pelo que lhe pertence. Palacio de «Nossa Senhora da Ajuda, a 30 de Julho de mil setecentos sessenta e «dois. *Com a Rubrica de Sua Magestade.*»

Neste Decreto vem correcta a data do primeiro, que he de 1761, e não de 1762, como vem equivocadamente invocada no Decreto de 14 de Dezembro de 1782. Diz elle:

«Por quanto tendo-se creado por Decreto de 2 de Julho de 1762, «vinte e quatro Guardas Marinhas para se empregarem no serviço da «Marinha, a fim de que exercitando-se nelle, se fizessem dignos de se-«rem promovidos aos póstos maiores: e havendo-se depois abolido a «disposição do mesmo Decreto pelo outro de 9 de Julho de 1774, por «algumas circumstancias que então occorrêrão: E considerando o mui-«to que convem ao meu Real serviço que na Marinha haja Officiaes «habeis e instruidos para me servirem com utilidade naquelle exerci-«cio: Sou servida excitar a observancia do dito Decreto, na parte só-«mente que neste se declara, e crear de novo huma Companhia de Guar-«das Marinhas, para a qual tenho mandado fazer o Regulamento que «ha de observar, assim a respeito do numero de Officiaes, e Guardas «Marinhas, como do exercicio que deve ter no mar e na terra. E em-«quanto não mando publicar o dito Regulamento: Sou servida orde-«nar, que se admittão até o numero de quarenta e oito Guardas Mari-«nhas, não tendo cada hum delles menos idade que a de quatorze an-«nos, e não excedendo de dezoito, os quaes não poderão ser admittidos «sem mostrarem, e fazerem as qualificações expressadas no Alvará de «16 de Março de 1757 sobre as qualidades dos Cadetes das Tropas de «terra, no que lhes for applicavel; não sendo porém obrigados a fa-«zer as mesmas qualificações

considerados, de commissão especialmente na India, como já mostrámos, e onde os mesmos Capitaens de Mar e Guerra, passavam de Capitaens de Mar e Guerra a Capitaens de cavallos, e a Mestres de Campo dos Terços Auxiliares etc. Aqui mesmo em Lisboa parece que os póstos de mar não éram permanentes, porém apenas de commissão, e até exercidos por Officiaes do Exercito, como se vê do annuncio da partida da Frota para o Rio de Janeiro publicado na *Gazeta* de 10 de Abril de 1721 que diz assim: «Domingo partio a Frota destinada «para o Rio de Janeiro, composta de 14. navios de commer-«cio, e comboyada de duas náos de guerra, a saber, *N. Se-«nhora da Madre de Deos*, e *Santa Rosa*. Na primeyra que ser-«ve de Capitania vay o Tenente Coronel Alvaro Sanches de Bri-«to, que he o Cabo de toda a Frota. Na segunda o Capitão de «Mar e Guerra Francisco Dias Rego, que fará a funcção de «Almirante della.» Ora aqui temos hum Tenente Coronel, *Cabo de toda a Frota*, e por consequencia superior ao Capitão de Mar e Guerra, e este *que fará a funcção de Almirante della* subordinado ao Cabo de toda a Frota! O serviço, e póstos da Marinha pouca estabilidade pareciam ter, e mesmo he evidente que estavam mal definidos. Eis aqui outra prova da confusão que reinava no serviço de mar. «*Lisboa* 4 de Agosto «de 1750: Entrou no dia 28 do passado a Frota do *Rio de «Janeiro*, composta de 17 navios do Commercio, comboyados «pela nau de guerra *Nossa Senhora da Piedade*, em que vinha «embarcado o Commandante *Francisco Soares de Bulhoens*, «Fidalgo da casa de Sua Magestade, e Capitão de Mar e Guer-«ra no seu serviço (logo havia outros Capitaens de Mar e Guer-«ra sem estarem a serviço de El-Rei); fazendo as funcções de «Almirante o Capitam *Antonio Rebelo da Sylva* na nau Con-«ceição, e Almas, havendo gastado na viagem 102 dias. No «mesmo entrou tambem de correr a Costa na nau *Nossa Se-«nhora da Nazareth* o Capitam de Mar e Guerra *Henrique «Manoel de Miranda e Padilha;* e no dia 31 o Capitam de «Mar e Guerra Joam da Costa de Brito, na nau *Nossa Senhora «do Livramento*, que andou na mesma diligencia de guardar

«a Costa, e franquear a navegaçam contra os corsarios de Bar-«baria.»

Não estavam pois bem definidos os póstos da Marinha de guerra, nem assentes as attribuiçoens delles como se vê dos extractos que acabamos de apresentar: Havia n'hum comboi, ou n'huma esquadra, o *Cabo* de toda ella, e havia hum Almirante que lhe éra subordinado: havia alem disto hum *Fiscal*, que por outras palavras se mostra fazer as funcçoens de Contra Almirante, etc. No serviço do Mar tudo éra arbitrario ou filho da occasião, quer em Portugal quer em França, Inglaterra, e Hespanha. Finalmente em França decretaram-se as Ordenanças de 1681, que estabeleceram as attribuiçoens, honras, e preeminencias do pessoal maritimo; em Hespanha tambem se decretaram em 8 de Março de 1793 as Ordenanças de Marinha fixando todo o serviço d'esta arma, e as suas relaçoens com o exercito; e em Portugal o Decreto de 14 de Julho de 1768, e o Regimento Provisional de 17 de Junho de 1796 estabeleceram da mesma fórma as cathegorias maritimas equiparando-as ás do Exercito com o respectivo systema de servir. Em quanto ás cathegorias, diz o citado Decreto: «Aos Co-«roneis do Mar, competem as honras e graduação de Briga-«deiros de Infanteria; aos Capitaens de Mar e Guerra, as de «Coroneis; aos Capitaens Tenentes, as de Tenentes Coroneis; «aos Tenentes do Mar, as de Capitaens; e aos Guardas Mari-«nhas, as de Alferes.»

Tambem o Decreto de 30 de Agosto de 1735, conferio aos Conselheiros do Conselho do Almirantado o Titulo do Conselho; e a Provisão deste Tribunal de 14 de Janeiro de 1798 regulou as Honras Funebres a que tinham direito todos os Officiaes da Armada, desde o Almirante até Tenente do Mar, descendo até ás praças de pret, como Sargentos, Furrieis, e Cabos de Esquadra da Brigada Real da Marinha, que fallecessem a bordo. E n'este systema de Honras Funebres, parece ter-se adoptado o uso hespanhol, decretado nas Ordenanças da Marinha d'aquelle paiz, acima referidas que temos presentes, onde se incluem os diversos tratamentos de *Excellencia,*

*Senhoria* e *Merced,* e em que logares altos ou baixos dos officios ellas devem ser collocadas. Em Hespanha, e conforme o disposto nas mesmas Ordenanças, não éram considerados Officiaes Generaes, senão de Chefes de Esquadra para cima, e parece-nos que tambem acontecia o mesmo em Portugal, antes de se criarem os Chefes de Divisão; porque os Coroneis do Mar, éram *Coroneis* que hombreavam com os Brigadeiros, mas não eram considerados Generaes de Marinha, e só depois que se estabeleceram os póstos de Chefes de Divisão, iguaes em cathegoria e com os mesmos distinctivos caracteristicos dos Brigadeiros do Exercito que são Officiaes Generaes, foram então considerados Generaes de Marinha os Chefes de Divisão. Tambem n'este paiz como n'aquelle, a tropa de mar precede ao Exercito de terra, e entre os Officiaes das mesmas graduaçoens, tem os da Marinha a preferencia.

Talvez se entenda que estas consideraçoens relativas aos póstos militares da Armada, deveriam occupar hum artigo separado e differente d'aquelle em que estão da *Esquadra Combinada contra Argel;* porém tratando das promoçoens que os Officiaes d'ella tiveram, e onde não appareceram gráos ou classes depois existentes, forçoso éra dar a explicação d'este facto, e daqui veio a necessidade de incluir no mesmo artigo, outra materia que lhe estava intimamente ligada, e lhe éra inherente.

Tendo dado noticia da parte que a Marinha de guerra Portugueza teve no ataque contra Argel em 1784, de que nenhum chronista faz menção, que saibamos, e em que merecêo os applausos dos aliados que presencearam o seu bom serviço, e denodo dos Officiaes e Marinhagem que pelejaram nesta campanha, passaremos a outros assumptos, sempre tendentes a demonstrar a dedicação e patriotismo que acompanha o Homem do Mar no serviço do seu paiz, especialmente o Portuguez; mas que he instinctivo e natural em todo o Marinheiro para com a sua patria, pois a vida que elle leva, e a que se votou, seja qual for a terra a que pertença, equivale a huma só Religião, que he accudir ao genero humano, e honrar a bandeira que designa a nacionalidade do seu navio.

# XX

## EPISODIO MARITIMO

### 1819

Vai por quarenta e tres annos que a bordo da fragata *Successo* aconteceo hum caso, cujas particularidades se contavam com certa reserva, por dizerem respeito á honra de pessoa feminina respeitavel que hia de passagem, mas que depois de tanto tempo decorrido póde bem relatar-se, já porque o protogonista do drama falleceo, já porque das pessoas de ré que delle tiveram noticia para agora se lembrarem, apenas tres existem, que são o Sr. chefe de divisão reformado Arnaud, nesse tempo voluntario de primeira viagem; o Sr. João Figaniere que acompanhava seu pai Cesar de la Figaniere capitão de mar e guerra immediato da mesma, e o sr. Major Alves, então moço de dez a doze annos, filho do commandante. Todos os outros individuos da guarnição ou passageiros, cremos que jazem na terra da verdade, mas que vivessem, não poderiam impugnar a exactidão do que escrevemos no nosso Diario Nautico, onde lançavamos com o escrupulo de official novo, quantas noticias interessavam á navegação, e á vida accidental do navio, que hoje fielmente reproduzimos.

A viagem da fragata *Successo* (que largou do Tejo no 1.° de Agosto de 1819) deo que fallar, e foi agoirada logo ao suspender do primeiro ferro, pela morte de tres homens, como já dissemos no tomo primeiro dos *Quadros,* e foi hum facto no-

tavel, por ser esta fragata a capitania de cinco navios de guerra comboiadores de cincoenta outros de commercio, dos quaes muitos se desmandaram á vista da Palma, e foram tomados por causa do abandono do comboi, queixando-se injustamente os capitaens, do máo rumo dado pelo commandante; dois perderam-se, hum foi condemnado, deixando tristes lembranças do mesmo comboi, o soçobro da escuna *Circe* e perda da sua gente ao sahir da barra, o apresamento do brigue *Tres Corações* morrendo-lhe o capitão Antonio Sousa, e a condemnação da galera *Nova Alliança* em Goa, tambem morrendo-lhe o capitão e parte da equipagem, regressando apenas a Lisboa na charrua *Magnanimo* em 1823 o sobre-carga Pinto, acompanhado dos valores em generos que restavam da galera.

Varios destes acontecimentos foram já descriptos em referencia a outros factos, mas hoje temos na ideia recordar hum só que, sem ser inicialmente maritimo, foi causa de perecerem no meio do mar, tres pessoas, das quaes nunca depois ninguem fallou; como ninguem falla ou se lembra das victimas que, pela ignorancia de huns, pelo capricho de outros, pela dedicação de muitos, e pelas eventualidades do serviço de bordo desapparecem dentre os vivos, sepultando-se nas ondas, sem da sua morte e dolorosos sacrificios resultar proveito á patria, e ás suas familias, nem ficar memoria honrosa do seu proceder. O homem do mar, he o ente mais infeliz da sociedade, porque ninguem delle tem dó, no meio das maiores angustias a que a sua carreira o chama: Esfalfa-se, mutila-se, e morre, sem que isto e quanto lhe respeita, desperte o menor interesse a quem vive em terra: aqui o soldado que dá a vida pela patria he hum heroe; o cidadão que serve o paiz sem risco de a perder, he benemerito, e enchem-lhe o peito de condecoraçoens, e o nome de appellativos de nobreza; e quando acaba os dias no leito e entregue aos carinhos da familia, dão a esta recompensas, e áquelle fazem-lhe panegyricos arrebatadores; o mesmo artista a quem hum transtorno qualquer, impossibilitou de ganhar o pão quotidiano, acha vozes compassivas que chamam a caridade publica em seu auxilio, e dão-lhe soccorros: O homem

do mar, succeda o que succeder, quebre braço ou perna, perca-se o navio em que naufragou vindo á costa fazer-se pedaços e elle enchendo a barriga de areia, ou afogando-se no meio do Oceano; quem ha que lhe promova subscripçoens para lhe accudir ou á familia que ficou desamparada?! Ninguem! Porque, as scenas e peripecias do mar, não as temos diante dos olhos, nem os perigos delle, nos accommettem no terreno longe da praia. Em geral, só nos affectam as cousas com quem estamos em contacto, sendo a acção da sensibilidade proporcional á distancia do objecto que a produzio, e por isso, o encapellado das ondas que fizeram jogar o navio a ponto de desarvorar ou ir a pique, mal as imaginamos, e mal nos impressionam, por ser todo o seu effeito operado longe de nós, e do alcance das nossas vistas sem corrermos o risco de afundar-nos; ao mesmo tempo que nos commovem quaesquer desastres e scenas lugubres acontecidas em terra, porque he na terra que, de ordinario passamos a vida: Aquella existencia vagabunda do maritimo, quasi que nos he estranha, e elle, como que pertencente a outra especie de racionaes com quem temos remótas relaçoens.

Entrámos hum pouco nesta desconsideração e desapego que ha para as cousas do mar, e para a perda das vidas que ali se findam, pelo nenhum caso que se fez dos tres homens da *Successo* que o mar engolio, e pela nenhuma contemplação que tem havido para com as familias de muitos que temos visto mergulhar, para apenas resurgirem na eternidade; e finalmente pelo despreso com que a sociedade terrena, olha para o seu semelhante que vive e ganha o seu amargurado pão sobre as agoas do mar. Que pasmo, que louvores, que applausos, não despertam e recebem esses pelotiqueiros e gymnasticos, subindo por páos a prumo, e fazendo no seu extremo varias habilidades?! E ninguem se espanta do arrojo com que os marinheiros sobem aos galopes dos mastareos de náos e fragatas de quatro e cinco mil toneladas, a duzentos e trezentos pés de altura, e se conservam a prumo sobre as borlas delles, como ainda nesta semana acontecêo a bordo da esquadra ingleza

surta no Tejo, por occasião da regata das suas embarcaçoens miudas.

Nos topes da náo *Revange,* e das fragatas *Warrior* e *Blak Prince,* vimos nós, e vio muita outra gente que observava a regata, os marinheiros em pé sobre os galopes destes navios, agitarem bandeiras, tirarem os chapeos e acenarem com os braços, quando os escaleres contendores transpunham as balisas; e a totalidade das equipagens fazerem outro tanto dos vaus dos juanetes e de cima das vergas de todos os navios da esquadra, como se estivessem nos mais commodos sophás. Em terra, o menor arrojo causa espanto, no mar como tudo he espantoso, não causa admiração; mas nem por isso deve deixar de admirar-se todo o acto de valentia que o marinheiro pratica, expondo-se em logares, ou collocando-se em posiçoens arriscadissimas, com huma abnegação e serenidade que nenhum outro de profissão diversa igualara. Mudai o galope do mastaréo á cunha de huma náo, para o Terreiro do Paço ou Praça de D. Pedro, que exceda duas vezes a altura dos edificios que a circumdam, suba por esse mastareo hum marinheiro, chegue ao seu tópe, erga-se na borla delle, agite ahi huma bandeira, e veja-se que enthusiasmo este acto de perigo e valor não promove?! Pois isto que faria estremecer o coração de toda a gente que o presenceasse, temos nós visto praticar a bordo em occasioens de salvas, e ainda no dia 9 deste mez de fevereiro de 1863, o vimos e vio muita gente de Lisboa fazer no arvoredo dos vasos de guerra inglezes surtos no Tejo. Vamos porém ao facto occorrido a bordo da *Successo,* que he o objecto principal deste escripto, e comprehende algumas scenas da vida do Marinheiro que pretendemos recopilar.

O capitão de mar e guerra Alves, commandante da *Successo,* além de militar intelligente e bravo, como demonstraremos por documentos insuspeitos firmados por commandantes de forças navaes inglezas, éra exactissimo observador do Regimento Provisional, e cumpria á risca os seus preceitos. Se fosse agora que nenhuma lei se executa, e a Marinha militar he servida com huma relaxação e desamor, como a peor do commercio e

a menos bem retribuida, os quartos de vigia a bordo da fragata do seu commando seriam divididos por tantos officiaes quantos compunham a guarnição; porém elle não tranzigia com as prescripçoens regulamentares: apesar de haver a bordo hum capitão de mar e guerra (Cesar de la Figaniere); hum capitão de fragata (Malaterra); quatro capitaens tenentes (Correa, Braga, Pessoa e Guedes); e primeiro tenente Abreu, hum guarda marinha (Mariz) e sete voluntarios (Costa, Regis, Celestino, Anselmo, Leote, Heitor, Neves e Arnaud), os quartos de vigia éram só tres, e só tres os grupos de officiaes que pertenciam a cada hum delles. Nós pertencemos logo ao sahir da barra ao primeiro quarto, e o nosso posto era no castello ás ordens do capitão tenente Pessoa, segundo deste quarto. (Optimo official, e optimo camarada a quem tributamos aqui huma lembrança de respeito, e amizade que depois cultivámos e se arreigou na fraternal convivencia que fizemos debaixo das abobadas de bálas miguelistas no Porto, commandando elle a curveta *Regencia*, onde muitas vezes vimos a sua galhofeira e valentissima arrogancia militar zombar dos mais eminentes perigos de vida, como se fossem espectaculos de distracção) [1]. Depois passámos

[1] Neste ponto historiamos, e temos por dever de consciencia dar testimunho do valor, da probidade, da intelligencia e mérito dos officiaes com quem servimos ou de quem tivemos vantajosas informaçoens, cabendo hoje ao Capitão Tenente Antonio Gabriel Pereira Pessoa, que a bordo da *Successo* commandava o quarto do castello, e foi promovido no Porto a capitão de mar e guerra, os merecidos elogios, por ser dos officiaes mais dignos e mais militares com quem estivemos em contacto, e do qual havemos fallar especialmente, reproduzindo a noticia official do seu combate no brigue *Providencia* com dois corsarios de Artigas. Releve-se este enthusiasmo de camaradagem a hum velho soldado da liberdade, fiel observador das leis do seu paiz, pela memoria dos seus companheiros de armas, que foram seus mestres e ornamentos d'ella, e de cuja conducta e valor há provas dignas de fé, que devem ficar estampadas para honra das suas familias e da arma a que pertenceram. Pessoa, d'hum valor nunca ostentoso, d'huma jocosidade imperiosamente ridente, d'huma communicabilidade irresistivel, que fôra aprisionado em desigual combate pelos Francezes, hade ser lembrado pelo seu immediato de quarto da fragata *Successo* depois de quarenta e tres

para a gavia grande, substituindo o voluntario Fernando Carlos da Costa que difficultosamente a ella subia, tendo por companheiros na de proa o voluntario Heitor, e na da gatta o voluntario Anselmo d'Oliveira.

Segundo os preceitos do Regimento, rizava-se todas as tardes antes do toque dos póstos, e a esta faina assistia sempre o commandante e o estado maior, pois éra faina geral para exercicio e póstos, tomando cada hum o seu logar, e nós o nosso da gavia grande, onde até ás vezes passavamos a noite embrulhados nos cotellos, para fugirmos ao calor da coberta atulhada de passageiros, e de caixotes para a casa real.

Antes porém de relatar as peripecias do facto que historiamos, he preciso dizer donde ellas provieram.

O commandante havia repartido a camara com o desembargador Nabuco, despachado para a relação da Bahia, ao qual acompanhavam sua esposa, galante dama, e huma criada bem parecida, que rarissimas vezes appareciam na tolda, ou pelo genio intratavel do desembargador que nem os bons dias dava aos officiaes, ou porque a senhora se recatava para evitar as vistas curiosas do estado maior, composto de gente moça, que não tirava os olhos della e lhe fazia sujeição. Este casal comia com o commandante. Á mesa delle comia seu filho, moço de dez ou doze annos, e o guarda marinha Francisco Liborio de Sousa Mariz, sobrinho do conselheiro do almirantado e almirante deste appellido, que lho entregara. Este moço éra belissimo rapaz a todos os respeitos, e bem quisto dos camaradas e da guarnição por huma certa ingenuidade infantil que o punha em contacto com a marinhagem, especialmente do quarto da tolda a que pertencia o gageiro da gata, seu mestre nos trabalhos de marinheiro de dar nós, coser pano, etc. He preciso advertir que o commandante Alves obrigava os voluntarios e guardas marinhas a este exercicio, fazendo-os sentar na tolda com hum marinheiro ao lado de cada hum (Que diriam hoje os

annos decorridos, assim como o commandante Alves e os seus feitos a bordo da escuna *Curiosa* contra as tropas de Soult no rio Minho.

aspirantes e guardas marinhas se outro Alves lhe fizesse dar estas liçoens?); sendo tal aprendizagem causa do voluntario Arnaud, actualmente chefe de divisão reformado, atravessar a mão por lhe escapar o fundo da agulha, do repucho quando palombava a véla do 1.º escaler, ficando por isso alejado; e cabendo esta méstria do guarda marinha ao gageiro com quem tinha certa intimidade.

N'hum dia, já perto da Costa do Brazil, em que houvéra exercicio de fogo, no qual, apesar da fragata andar longe do comboi, huma bála foi partir o páo do cotello de hum patacho que lhe ficava a alcance, botou-se o escaler ao mar, e foi o guarda marinha Mariz nelle a bordo do patacho ver se queria outro páo, e qual o resultado da avaria.

Esta novidade de botar escaler fóra, e arribar a fragata para fallar ao navio, desafiou a curiosidade do desembargador attrahindo-o á tolda. Recolheo o escaler com o guarda marinha, içou-se nos turcos, mareou a fragata que estivera atravessada, e o commandante acabada a faina chamou o mestre Rodrigues: —Vamos rizar, apite á gente—. Todos os officiaes estavam em cima, e armados, por causa do exercicio, menos o capitão de mar e guerra Figaniere, que pertencia á guarnição pelos vencimentos e commodos da praça d'armas, porém não no serviço em que éra considerado passageiro. Quem se lhe seguia éra o capitão de fragata Malaterra, e a este se dirigio o commandante: — Snr. Capitão de Fragata, vamos rizar, metta nos primeiros. —Malaterra chamou o mestre: —Snr. Mestre.

Ora para se avaliar o modo de viver a bordo, a expressão dos tratamentos e habitos ali usados, não por ordem superior, mas geralmente acceitos, convem saber o que então estava em pratica. Neste tempo a que nos reportamos só o commandante tratava o mestre por *Mestre,* sem lhe juntar o substantivo *senhor;* todas as outras pessoas do navio se dirigiam a elle dando-lhe o tratamento commum. A bordo da *Successo* acontecia o mesmo, e por isso o capitão de fragata quando o chamou servio-se da formula ordinaria: «Snr. Mestre, as gavias vão aos primeiros; apite a subir: Snrs. Officiaes, a seus póstos.»

O mestre apitou, os officiaes e voluntarios tomaram os seus logares, e nós subimos para a gavia, que éra o nosso posto em faina geral, donde haviamos descido mal acabara o exercicio.

O capitão de fragata Malaterra, que éra destes officiaes meúdinhos e de ostentarem sciencia nas cousas menos importantes e mais ordinarias de bordo, subio para o degráo do catavento de porta voz na mão, e dava todas as ordens por elle, como se fosse debaixo de hum temporal desfeito.

«Cabos de marinheiros! Adriças e braços de gavias na mão.
«Contra-mestre, olhe as adriças do velaxo: Gata, olha a adriça
«que esteja na mão.

Responderam «Está na mão. Está tudo na mão.»

«Dá volta ás talhas dos lais, lasca as escotas dos juanetes,
«larga adriças de gavia. arria, álla braços por barlavento, tésa
«as talhas das vergas: Gavia grande, gavia de proa, gata, não
«sáhiam sem os braços estarem rondados: Snr. Mestre, não
«apite a sahir sem os braços estarem tesos. Álla ali a gavia,
«álla o velaxo, álla a gata, volta. Olha essas bolinas que estejam
«largas. Ninguem vê nada! Apite a sahir.» (Já se sabe fallando pela buzina).

O mestre apitou, a gente prolongou-se pelas vergas, e elle enroquecendo de tamanho alarde de mandar sem precisão, porque nas gavias estavam os voluntarios, e á proa o capitão tenente Pessoa, mas elle gritando sempre:

«Sahe da gavia; gageiros, impunir primeiro a barlavento,
«álla essa forra a barlavento, e tresvira o pano para cima da
«verga, ajuda ahi com a talha do lais; olha não fique algum riz
«por amarrar: Snr. Voluntario, olhe essa gente não desça se-
«não á voz do apito. Está prompto? Gavia de proa está prom-
«pto? Gata está prompto?

Responderam: «Está prompto, está prompto, está prompto.»

«Snr. Mestre apite a descer. Olhe a gavia que não está bem
«caçada, cace a beijar. Cabo de marinheiros, a gavia caça a
«estibordo antes de içar; chega ali para a escota a estibordo.
«Snr. Tenente, esses camaradas que peguem na escota antes
«de içar as gavias: Caça. Volta, que está a beijar. Péga nas adri-

«ças: tambor, venha a caixa; olha essas adriças que estejam «nas patescas, e vão de longo até á proa; as adriças do velaxo «venham pelo bailéo até á grinalda, larga as talhas dos laizes, «larga os braços de sotavento, larga as talhas das vergas.»

O commandante conversava com o desembargador quando o guarda marinha chegava de bordo do patacho, e assim continuou até que se içou o escaler nos turcos e se procedeo á manobra de rizar, mas quando o capitão de fragata deo ordem ao mestre de apitar a descer, e de preparar para içar, vimos nós, que estavamos sobre a pêga grande onde éra uso nosso subir para activar as manobras da gavia, atirar o gageiro da gata comsigo ao mar, do lais daquella verga; os outros viram-no ir pelo ar, e suppuseram que elle cahira, e por isso gritaram:

«Homem ao mar! homem ao mar!»

Mas nós bem observámos que elle o fizera de proposito. O commandante gritou logo: «Arria a bujarrona, larga a es«cota grande, larga a escota do traquete, álla aqui o grande a «barlavento; carrega a vela grande, carrega o traquete, carrega «a tudo; chega aqui para as talhas do escaler, salta ao escaler «a estibordo.» E logo os officiaes que estavam na tolda atiraram com os comedoiros das galinhas, celhas das adriças, carretel da barquinha, e o xadrez da escotilha da praças d'armas ao mar. Disseram das gavias: «São dois, são dois!» E nós vimos com effeito duas pessoas pela alheta que bracejavam no mar, parecendo-nos hum delles o guarda marinha, e o outro o gageiro da gata.

Arriou-se o escaler á pressa, daquelle modo que todos sabem acontece em taes occasioens, com gente de mais e remos de menos, que sempre algum esquece ou se perde, e dirigio-se ao grupo, lançando-se logo mão do guarda marinha que não sabia nadar, e que o bom gageiro da gata mal podia suster. Tratavam de o tirar da agoa, e outros de dar a mão ao gageiro extenuado de forças por causa de aguentar o guarda marinha sem movimento, quando todos bradam ao mesmo tempo das gavias, da grinalda e do escaler: «Jamanta! Huma Jamanta!!» E a Jamanta filou o pé do gageiro e mergulhou com elle! Nós

vimos com effeito hum peixe enorme, especie de arraia immensa que nos pareceo ter mais de duas braças de largura, involver o marinheiro, e sumir-se com elle pela agoa abaixo, repetindo quem observou o facto: «Huma Jamanta! Huma Jamanta!»

Fallou-se pela buzina ao escaler, cuja guarnição parecia atonita, e o commandante mandou saltar ao escaler da poppa para soccorrer o outro, e começaram a saltar a elle, mas não chegou a cahir no mar, porque o primeiro vinha chegando. Atracou ao portaló, acudio gente á trincheira, trocaram-se vozes de toda a parte, e desceram dois homens a pegar no guarda marinha, que parecia morto. Veio para a tolda, poseram-no de burços para lançar a agoa que havia bebido, chamaram o primeiro cirurgião, e começaram a dar-lhe os primeiros soccorros. O capitão de fragata que nunca largara o degráo, como se fosse em combate, vendo o guarda marinha dentro do navio, tratou de içar o escaler, e as gavias para marear, e por isso chamou o mestre:

«Snr. Mestre, vamos içar o escaler; péga nos tiradores, chega «para as talhas marinheiros e soldados: as patescas das adri«ças de gavia servem para os tiradores; desengata ali, e en«gata nos arganeos do trincaniz: Snr. Mestre olhe não haja «rascada. Guardião, cabos de marinheiros, põem esses cabos «claros e reparte a gente para ir de leva arriba». Tudo isto éra mandado pela buzina, como se fosse para a gavia de prôa debaixo de aguaceiro duro; e o mestre Luiz, e guardião, mandando juntamente que ninguem se entendia, quer pelo estado de consternação em que tudo ficou pela perda do gageiro, quer pela morte apparente em que jazia o guarda marinha, ácerca do qual ninguem atinava porque razão cahira ao mar. O capitão de fragata foi continuando a dar vozes:

«Guardião, olha que o escaler não iça sem toda a gente su«bir, e ficarem só dois homens para engatar as talhas: bota a «palamenta para cima, a fim de pesar menos, e não ir algum «remo ao mar. Anda com a mão, vamos de longo, póde içar?»

O guardião em cima da trincheira agarrado ao primeiro óvém

da enxarcia da mezena foi presidindo á faina, e quando lhe pareceo opportuno disse: «Póde içar» e apitou. Os tiradores estavam nas mãos, e a gente como que anciosa por concluir a obra e tomar conhecimento do caso do gageiro e do guarda marinha, e por isso correo pela tolda a içar o escaler; mas, ou porque o gato do cadernal não estivesse bem mettido no arganéo, ou porque saltasse fóra por causa do balanço, o certo foi que o escaler não se içou como devia, ficando pendurado pelo arganeo da poppa e com a proa no mar, pois o gato da talha de vante se havia desengatado, e os dois moços que estavam dentro do escaler, hum foi logo ao mar, e o outro, já em cima do cadernal para conservar a talha clara, ficou com os dedos mordidos pelo tirador, por terem içado o escaler mais depressa do que éra de esperar, e lá foi com elles esmigalhados atraz do companheiro!

«Tem mão, tem mão. Homem ao mar, homem ao mar!»

«Snr. Capitão de Fragata (acode o commandante) que he «isto? mais gente ao mar?! Salta aqui ao escaler da poppa.» «Salta aqui, marinheiros», repetio o mestre Luiz; «salta», dizem os officiaes que se dirigiram ás fundas, em quanto outros subiram á grinalda para verem surdir ao de cima d'agoa os marinheiros, e accusarem a posição que devia levar o escaler. A fragata estava atravessada, e éra facil arriar o da poppa e salvar quem andasse nadando, mas os dois homens não se tornaram a ver, ou porque não sabiam nadar, ou por se embrulharem de maneira que logo foram ao fundo.

Passado aquelle instante de surpreza, e desenganados de que os dois não appareciam, foi o proprio guardião seguro á talha do turco de vante engata-la no arganeo da proa do escaler, que se içou e atracou com as fundas em silencio, porque o capitão de fragata ficara meio corrido pela advertencia do commandante, e a guarnição compungida pela perda dos tres homens, de hum modo tão desastrado, em tão bom dia, sem causa justificada, sem ser por effeito do tempo, nem de outro facto maritimo d'onde devesse resultar igual sinistro. Logo tres! diziam pela bôca pequena os marinheiros, e note-se que estes,

e em geral os que se perdem no mar em taes occasioens, são sempre os melhores, mais activos e prestantes, que accodem ao primeiro golpe de apito ou voz de commando, e por isso mais promptamente sacrificados. O commandante mandou que levassem para a camara o guarda marinha, e ao capitão de fragata que mareasse, e acabasse a faina do pano, descendo pela escada da meia laranja.

O capitão de fragata perguntou pois: «Gavia grande, está prompto?» Responderam: «Está prompto, póde içar». «Gavia «de proa, está prompto o velaxo?» Respondeo o capitão tenente do castello: «Está prompto». «Gata, está prompta a gata?» «Está prompta». «Iça gavias. Snr. Mestre, apite. Tambor, toca «a caixa. Larga as talhas das vergas, larga as talhas dos lais, «vai arriando esses braços de barlavento sobre volta. Volta ás «adriças, volta aos braços de gavia, volta aos braços da gata. «Lasca as adriças dos juanetes, caça juanetes, caça a sobre «gata, volta a barlavento que está a beijar, volta a sotavento «que está d'encontro ao estae (queria dizer que a esteira estava sobre a guerganta do estae); não póde caçar mais. Proa, «olha o juanete que fique bem caçado. Iça a bujarrona, caça o «traquete, amura a véla grande, toca cabos á véla grande, entra «aqui a escôta, volta. Guardião, safa cabos, bassoiras, barre o «navio; Snr. Piloto, onde vai a prôa?» «Sudoeste quarta de «Oeste (1)». «Onde andava quando atravessámos?» «A Oés-«Sud-Oeste.» «Orce até á meia partida.»

O piloto mandou orçar, mas o pano bateo e os navios do comboi hiam mais arribados e ficando muito a sotavento.

«Não dá; ande huma quarta mais arribado de modo que não «toque».

O piloto arribou, e elle tornou a perguntar:

«E agora onde vai?

(1) Por varias vezes temos dito que escrevemos os rumos da agulha e os do vento por extenso, e não como se usa a bordo, para intelligencia dos leitores que ignoram as abreviaturas da orthographia maritima, e ficariam ignorando o verdadeiro sentido da oração quando vissem apenas as iniciaes das palavras.

«Sud-Oeste quarta de Oeste.

«Andar assim. Snr. Voluntario, dê parte ao Snr. Comman-«dante que o vento não dá para andar ao caminho, e os navios «do comboi vão mais arribados e ficando muito a sotavento; «se quer que lhe faça signal ou que arribe.»

O voluntario Fernando Carlos voltou, dizendo que aproveitasse o ló até ao rumo, e se escaceasse até ao Sud-Oeste que posesse na outra amura, fazendo signal ao comboi de pôr no bordo do Sueste.

«Andar assim, continuou o capitão de fragata, veja bem que «proa faz, e dê parte: Onde está?

«Sud-Oeste quarta de Oeste por barlavento.

«Vá andando assim.»

Neste tempo deram cinco ampulhetas, e elle perguntou: «Como vamos de ceia? Ronda, chamar o cosinheiro: Como «vamos de ceia?» «Está prompta.» «Snr. Voluntario, dê parte «que a ceia está promta».

O voluntario desceo, e voltou dizendo: «Pode-se dar». Tocou-se a rancheiros, distribuio-se a ceia, e foram-se agrupando os diversos ranchos em volta das bandejas (pois nesse tempo ainda não tinham o privilegio de comer na coberta senão os ranchos sêcos), porém assim como assombrados, parecendo que ninguem atinava em si; huns fallando mansamente, outros completamente calados, e toda a gente da fragata n'hum estado de preoccupação e tristeza que mal podia explicar-se, havendo entre quantos se communicavam huma especie de reserva, huma conversa mysteriosa que fazia scismar. Acabou a ceia, formou-se a tropa na tolda a barlavento, tocaram-se as Trindades no sino e na caixa de guerra, vieram as lanternas com as luzes da ordem fechadas a cadeados que o voluntario Fernando Carlos examinou, fez-se signal ao comboi de reunir e seguir os movimentos da fragata que içou os seus faróes na gavia e na poppa, soube-se que o guarda-marinha recobrara os sentidos, mandaram-se encher as tinas d'agoa para de noite, correram-se os encerados nas escotilhas, e nós subimos para a gavia onde éra costume ficarmos por causa do calor da coberta, e começámos

por tirar lingua dos moços della que morriam por fallar em liberdade (1).

«Com que o pobre gageiro da gata não ha de dar mais liçoens «de agulha ao guarda marinha?

«Foi por amor delle que a Jamanta o metteo no buxo.

«Mas como diabo cahio o guarda marinha ao mar?! Elle não «estava na tolda quando rizámos, e que estivesse não podia «cahir, salvo subindo á enxarcia, ou saltando ao escaler dos tur- «cos, para depois dar mergulho. Donde diabo surdio elle para «cahir ao mar?!

«Ora! Cahio quando ia a saltar do alforge para a mesa da «gata, e o gageiro que estava no lais impunindo, mal o vio cahir «e bracejar, atirou comsigo da verga abaixo para o salvar, e tudo «ficaria em nada se não fosse o diabo da Jamanta: hum minuto «mais cedo, ficava apenas o caso reduzido a hum mergulho, «mas assim lá foram para a barriga do peixe o Manoel Repo- «lho, e para o fundo do mar dois moços dos melhores da fra- «gata que éram o Medella da nossa gavia, e o Bellisca do 1.º «escaler.

«O Medella afogou-se?! E o outro éra o Bellisca?!

«Nem mais nem menos. Lá vão tres por amor da passageira, «ou da criada, ou do casmurro da camara, ou do Diabo que os «leve a todos, principalmente ao casmurro, que nem os bons «dias dá a ninguem: O Medella, o Repolho, e o Bellisca, éram «rapazes que nem rosas de toucar; a bordo não havia outros «depois delles.

«Mas, dizem Vossês, por amor da passageira ou da crĩada? «Que tem ellas com tudo isso?

«Que tem? (responde o Cebolla) O caso he bem de ver. «O guarda marinha come na camara com a mulher do cas- «murro, foi-lhe deitando o luzio ou á moça que ainda é me- «lhor do que a ama, o cão de filla veio á tolda por causa do «tiro na verga do patacho, o guarda marinha aproveitou a oc-

«(1) He de advertir que haviamos descido quando apitou a descer, «por findar a faina de rizar.

«casião de o ver entretido para fallar a alguma dellas, o cas-
«murro deo pela falta do guarda marinha, e correo a estorvar
«que elle fizesse o quarto debaixo da tolda; o rapaz que estava
«de vigia, vendo o portaló tomado, foi-se ciscando pela janella
«do alforge, para saltar á mesa da gata e apparecer junto da
«bitacula, como ás vezes fazia saltando do escaler dos turcos,
«donde capiscava as sujeitas; mas por estonteado de sentir o
«bezerro na choça, escorregou de pés e mãos, e cahe no charco;
«e o pobre Medella, que o vira surdir do alforge e dar o mer-
«gulho, atirou comsigo do lais abaixo para o salvar, como fez,
«mas elle lá ficou pelas custas! O Diabo leve as mulheres a
«bordo, que mais d'aqui, mais d'ali sempre ha desgraça por
«causa dellas. Ou ama, ou criada, ou o bezerro da camara, de-
«ram hoje cabo da vida de tres homens, que o menor delles
«havia de fazer mais bem ao proximo do que as duas sara-
«mantigas do bezerro, e quantos bezerros pensam em mandar
«vestir camizas de onze varas aos pobres padecentes que dão
«que fazer ao carrasco. Esse bezerro que ahi vai, se pilhasse
«lá em terra algum de nós a tagarellar com as femeas, ou mes-
«mo o guarda marinha, taes traças havia dar, que se não po-
«desse levar-nos á forca, não escapavamos das galés.»

Neste instante dizem da gavia de prôa: «Huma luz a barla-
vento». E com effeito, dirigindo para ali as vistas, reconhece-
mos huma luz que apparecia, e se escondia como de bitacula
de navio que no seu balanço, ora a mostrava, ora a escondia, e
caminhando ao mesmo rumo que levavamos, porém com huma
velocidade extraordinaria. Ouvimos logo o toque de póstos,
accendeo-se a bateria, mandámos a baixo buscar os bacamartes
da nossa gavia, fez-se signal ao comboi de reunir, deram-se dois
tiros para o vaso suspeito, contaram-se as luzes dos navios do
comboi, reconheceo-se que não faltava nenhum navio, a luz
suspeita sumio-se pela prôa fóra, tocou a retirar, mandámos
entregar os bacamartes da gavia, e embrulhámo-nos nos cotel-
los dos juanetes para descansarmos hum pouco das fadigas do
dia, que nos privara de tres bons marinheiros; sem depois
disso ninguem mais se lhe importar do modo e circumstan-

cias da sua morte. E assim, e com a mesma indifferença olha a sociedade terrena tudo que tem logar sobre as agoas do mar, porém não o marinheiro que, ameaçado de igual sorte, não se esquece dos outros que nellas se submergiram, nem deixa de tributar-lhe o quinhão de saudade que lhe he devida, como hoje nos acontece, que ainda no fim de quasi meio seculo escrevemos estas linhas em memoria dos tres moços da fragata *Successo,* perdidos para a patria sem delles ninguem fazer menção, e para exprobrar á mesma patria a indifferença com que olha os serviços e dedicação dos seus leaes e generosos maritimos. A elles tambem nos dirigimos para que bradem a favor da sua despresada classe, até obterem a justa recompensa que lhes he devida.

# XXI

## RECTIFICAÇÃO E CONFIRMAÇÃO DO FOLHETIM

## A FATALIDADE

PUBLICADO NO VOLUME PRIMEIRO DOS *QUADROS NAVAES*

Desde que principiámos a nossa tarefa de chronista maritimo, sempre fizemos a diligencia de não envolver nos factos relatados circumstancia que denunciasse a parte que d'elles nos poderia caber, e tambem logo patenteámos a pouca ou nenhuma pertenção de inculcar a nossa pessoa debaixo de qualquer ponto de vista que a isso conduzisse, apparecendo por esta razão anonymas quantas composiçoens produzia a nossa penna.

Eventualidades não previstas nem preparadas por interesse proprio, provocaram a declaração de sermos author daquelle trabalho, mas continuando o mesmo systema de abstenção de n'elle figurarmos em nenhuma especie de protogonismo. He evidente porém que muitas das scenas por nós referidas, não o poderiam ser tão explicitamente, sem que as presenceassemos, e muitos factos que lhes dizem respeito tiveram por agente principal ou por cooperador a nossa pessoa, que ali collocamos de hum modo indirecto, só com a ideia de não a fazer sobresahir, ou aproveitar o merito que de outra posição vantajosa lhe resultasse. Deste proposito veio não escrevermos nada relativamente aos oito dias de fogo da escuna *Terceira,* que foi a pique nas agoas do Douro quando a commandavamos; do nosso commando da bateria da Victoria; do combate das guarniçoens das canhoneiras na quinta da China,

onde se distinguiram, e onde foram ali conduzidas por acto nosso; e finalmente, dos combates que as mesmas canhoneiras supportaram em Avintes, Arnellas, Pé de Moira, Rio Mão, Merles, e Entre Ambos os Rios, onde se perderam as canhoneiras 8 e 14 dos tenentes Herculano e Andrade Pinto, o escaler do mestre Landim, e o barco chato do guardião João Antonio, que todos foram a pique nesses conflictos pelos tiros inimigos, e onde só na nossa canhoneira 12, que milagrosamente escapou de ter igual sorte, foram mortalmente feridos o cabo da Brigada Luiz Pedro, os grumetes Francisco Antonio 1.º, Francisco Antonio 2.º, Francisco Antonio 3.º, que todos falleceram, e o grumete Sombra, varado do peito ás costas, que escapou. Nenhum destes successos relatámos por extenso, porque tiveram logar debaixo do nosso commando, e não quizémos com elles pavonear-nos, nem chamar a attenção publica sobre o arriscado e patriotico serviço que elles exprimiam. Nestes termos, quando escrevemos o Folhetim *A Fatalidade* não aproveitámos o ensejo de lembrar o perigo que nos cercou durante o commando da escuna *Graciosa*, em que a mesma *Fatalidade* se déra, mas o Snr. Leite veio com as correspondencias no Jornal do Commercio n.ºs 2526 e 2531 testemunha-lo, confessando que a bala do rodizio a que déra fogo sem ordem do commandante *lhe ia levando a cabeça*. Quer dizer que, além do fogo inimigo a que estavamos expostos, mais particularmente o estava o commandante pela inexperiencia e insubordinação da gente que mandava.

Em summa, visto que se pertendeo rectificar hum facto por nós relatado fielmente, e se publicaram duas correspondencias do Snr. Leite com esse fim, onde o nosso nome appareceo unido a hum combate maritimo, elogiado além disto por Sua Magestade Imperial o Snr. Duque de Bragança, tomaremos pela primeira vez a liberdade de reproduzir nos *Quadros Navaes* hum escripto que refere acto nosso, donde se deduz que não emprendemos esboçar os louvores aos Marinheiros Portuguezes com a esperança de sermos incluidos no numero dos que tem direito a passar á posteridade.

Eis as correspondencias.

(Do Jornal do Commercio n.º 2526, de 6 de março de 1862)

«Só agora — e devido á obsequiosidade d'um amigo, li os «quadros navaes — publicados pelo exm.º sr. conselheiro Ce-«lestino Soares. Desde já declaro que não tive conhecimento «das anteriores publicações dos folhetins maritimos, aliaz teria «então recorrido á imprensa como hoje o faço, para rectificar «a verdade d'um acontecimento que me diz respeito.

«Creio que o ex.mo sr. Celestino Soares, levado por erradas «informações, compoz o seu folhetim a «Fatalidade;» como po-«rém de tal composição se seguiu serem apresentados factos que «me dizem respeito assaz desfigurados, por isso despido de pre-«tenções de escriptor e desajudado dos dotes que s. ex.ª pos-«sue, passarei a relatar os mesmos factos, taes quaes se passa-«ram, notando as inexactidões que encontrei no livro de s. ex.ª, «com a singelesa que é quasi sempre attributo da verdade.

«Não é exacto que a escuna *Graciosa* sahisse pela primeira «vez do Porto em outubro de 1832, nem tão pouco que fosse «para Inglaterra o seu destino.

«Não é exacto que o infausto fallecimento do commandante «acontecesse ao sexto dia de viagem de Inglaterra para o Porto, «e que a escuna ali chegasse quarenta e oito horas depois d'esse «triste acontecimento, nem que fosse o tenente Braga quem me «nomeasse dispenseiro.

«Não é exacto que o commandante fosse impellido pelos res-«tos do escaller que o mar destruira de encontro ao navio, nem «que o mar destruisse o escaler, nem tão pouco que levasse «o fogão.

«Quanto aos dois individuos de que s. ex.ª trata por incapazes «de auxiliarem o commandante Braga, Landim e Antonio Leite, «devo dizer a s. ex.ª que o primeiro era um bom marinheiro «que tinha andado de gageiro em navios mercantes; quanto a «nautica é exacto que elle nada entendia, pois nem sabe lêr.

«Do segundo, Antonio Leite da Cunha, devo dizer a s. ex.ª, «que posto me seja custoso fallar de mim para dizer o que «sabia, o que é certo é que apesar de servir de despensei-

«ro ([1]) da *Graciosa* desde o seu armamento, me fôra pouco
«tempo antes offerecido o logar de contra-mestre-piloto do
«brigue mercante *Resolução,* que navegava para o Brazil, e
«que tendo o commandante Braga fallecido vinte horas depois
«de sahirmos de Falmouth, ainda dentro do canal, tive a for-
«tuna de saber o necessario para conduzir a *Graciosa,* a des-
«peito das tormentas com que luctou ainda por mais de vinte
«dias, até entrar a barra do Porto. Isto posto, vou em resumo
«contar os factos como tiveram logar, faltando-me dizer que
«a respeito da desmedida grandesa do rodisio de calibre vinte
«e quatro, não me recordo de ter ouvido fallar d'isso, sendo
«certissimo que por mais de uma vez o achei pequeno.

«A escuna *Graciosa* sahiu do Porto em setembro de 1832,
«commandada pelo americano Tyldens, para se reunir á es-
«quadra do almirante Sertorius, que crusava proximo da barra
«de Lisboa, o que se praticou sem occorrencia notavel; mas
«sahindo do Tejo pela segunda vez a esquadra do usurpador,
«fez o almirante Sertorius signal á *Graciosa* de navegar á von-
«tade para o Porto.

«O vento era N., e por isso pozemos no bordo de oeste, se-
«guindo para o mar por alguns dias, por temer o commandante
«o encontro com a esquadra inimiga.

«Ao nono dia de viagem, fomos desfechar com a costa um
«pouco ao sul de Vianna, avistando-se logo de manhã um bri-
«gue que pareceu portuguez em demanda daquelle porto.

«Deu-se-lhe caça fazendo-lhe bastantes tiros de balla, até
«que o ouvido do rodisio rebentou, e por isso cessámos o fogo,
«no brigue porém, que não sabiam d'esta circumstancia, e que
«se viam já alcançados pela artilheria da escuna, cuja ultima
«balla lhe passára por entre os mastros, entenderam por me-
«lhor deitar em cheio para nós e vir passar a falla, soubemos
«então que era o brigue portuguez *Carolina,* vindo de Santos
«(Brazil) com destino ao Porto.

«([1]) Do logar de despenseiros é que passam pela maior parte o con-
«tramestre e piloto.

«Ordenou-me o commandante Tyldens que fosse a bordo «do brigue com algumas praças, que deitasse a lancha ao mar, «e dissesse aos tripulantes d'aquelle navio que embarcassem «e seguissem n'ella com as suas bagagens para o Porto, espe-«rar pelos navios.

«Logo depois mandou o seu immediato tenente Braga, com «todos os portuguezes para bordo do brigue, com ordem de na-«vegar na alheta da *Graciosa*, e eu como despenseiro regressei «para bordo da escuna. O *Carolina* era de marcha muito in-«ferior á da *Graciosa*, e por isso démos-lhe reboque, e com «vento S. O. deitámos á pôpa para o Norte, andando o nosso «escaller ([1]) com um homem ao leme conduzindo para a es-«cuna quanto no brigue havia de mais valioso durante dois dias, «de modo que já a bordo da escuna não havia onde coubesse «mais nada; foi então que avistando-se um grande navio com «bandeira bicolor, o commandante da *Graciosa*, receiando que «fossem transtornados os seus planos de roubo, içou bandeira «franceza, e largando o reboque do brigue, fez força de vella, «e perdendo de vista o temido navio, fomos n'esse mesmo dia «fundear em Falmouth, onde na manhã seguinte ancorou tam-«bem o brigue *Carolina*.

«Soubemos ali que o navio que nos fizera mudar de destino «era a charrua *Magnanimo*, que vindo da India, fôra apresada «na barra de Lisboa e seguia para Brest.

«Chegados a Falmouth, o commandante, o guarda-marinha «e o mestre foram para terra, seguindo-se logo o esvasiarem «quanto vinho havia no porão, todos os outros inglezes que «estavam a bordo e depois tambem de fóra ([2]).

«Quando me perdia em conjecturas sobre o destino que «haviam levado o commandante e os inglezes, apparece-me «uma embarcação conduzindo dois portuguezes vestidos á pai-«sana, que subindo me perguntaram quem governava a bordo

«([1]) O unico que havia a bordo.

«([2]) Excepto o cirurgião em que falla o ex.mo sr. Celestino, que eu «nunca vi, ficando eu senhor do navio por alguns dias.

«d'aquella escuna: contei-lhes quanto succedera, e que eu como
«despenseiro era a pessoa mais graduada do navio n'aquella
«occasião. Os citados individuos se declararam então agentes
«do governo portuguez, e que em seu nome me mandavam
«que não deixasse nem sequer atracar a bordo o commandante
«Tyldens, que elle era um ladrão que contratára a venda do
«brigue *Carolina* e da carga, uma parte da qual já levára para
«terra e que me tornavam responsavel por tudo que havia a
«bordo.

«Tinha então só dezoito annos de edade, mas apesar do tempo
«que tem decorrido, lembro-me de que respondi «creio o que
«v. s.as dizem, porém quanto a obedecer, eu não sei se devo
«cumprir as suas ordens se aquellas que me der o comman-
«dante, além de que não tenho a força necessaria para me op-
«pôr ao que elle mandar.»

«Aquelles senhores ouvindo isto, e achando talvez rasoavel
«a minha resposta, sahiram do navio, gritando ainda ao larga-
«rem «olhe que o commandante é um ladrão, não o deixe en-
«trar a bordo.» Pouco tempo havia decorrido, o commandante
«Tyldens atraca n'um grande escaller; Leite, me diz elle, vá á
«dispensa e tire as saccas de café e o doce e mande metter tudo
«n'esse escaler em que eu vim.

«A estas palavras do homem a quem ainda respeitava como
«commandante, fiquei sem saber o que responder, e ainda me-
«nos o que fazer, cruzei os braços e deixei-me ficar *mudo e*
«*quedo,* o que visto por elle exclamou: «então não faz o que
«mandei?» «Eu não senhor.» «Não?! Então porque?» «Ora...
«porque não.» «Você é um maroto.» «Paciencia, leve o com-
«mandante tudo e até o proprio navio, mas eu não concorro
«nem concorrerei nunca para similhante coisa», e contei-lhe o
«que me haviam dito os portuguezes que antes d'elle vieram
«a bordo. O homem ficou furioso e vi-o prestes a lançar-se a
«mim. Oh! não tem duvida, eu era muito seu amigo, mas co-
«mo você é maroto, eu me vingarei, vou armar um corsario,
«hei de tomar a escuna logo que sahir d'aqui, e você ha de ser
«o primeiro a quem hei de matar, isto dito, saltou para o es-

«caler em que viera e largou. Proximo da noite atracou a bordo «uma embarcação com o segundo tenente Braga e todos os ou- «tros portuguezes que estavam no brigue *Carolina*, ficando «este entregue a inglezes que se engajaram, para em conserva «da escuna se dirigir ao Porto. Assim que o tenente Braga che- «gou a bordo fez collocar sentinellas, carregar as peças a balla «e finalmente dispor tudo em attitude bellica. É que o com- «mandante Tyldens era um temivel corsario de estatura gigan- «tesca, valente, arrojado, e um dos mais habeis officiaes que «tenho conhecido.

«Preparou-se o navio para sahir, o que levámos a effeito nos «principios de novembro de 1832, seguidos pelo brigue *Ca-* «*rolina* ([1]), velejámos de Falmouth n'uma manhã com bonança «de leste, andando muito pouco n'esse dia e parte da noite, até «que seria meia noite saltou o vento ao NO. com força, refres- «cando successivamente e crescendo a vaga á medida que ia- «mos descobrindo do Cabo Lizard. Navegámos de bolina com «os latinos nos segundos rizes forcejando por montar a terra «de França, mas o mar era tanto que só a muito custo se po- «deram cozer na caldeira da guarnição algumas gallinhas e ba- «tatas, e quando o cosinheiro me deu parte de estarem prom- «ptas, mandei levar a caldeira para a coberta para lá dividir «algum alimento pelo commandante Braga e passageiros. Prin- «cipiava esta operação, quando o navio extremeceu, sentin- «do-se um aballo tão grande que parecia haver battido contra «um rochedo; caldeiras, eu e tudo que estava na coberta fo- «ram cahir a bombordo.

«Trato de levantar-me de *gatas*, procuro a escotilha, mas a «agua que por ella caía impedia-me de ver e de subir, até que «consegui fazel-o. Olhei em redor de mim e não vi nem a borda «d'estibordo, nem uma só pessoa, e ao leme ninguem, — tudo «completamente abandonado. Não gasto um momento a me-

«([1]) Perdeu-se de vista logo na primeira noite e foi arribado a Vigo, «e depois quando ia para entrar a barra do Porto foi mettido a pique «pelas batterias dos miguelistas.

«ditar, corro ao leme e consigo pôr a vaga que já era medonha, «na alheta; felizmente o cabeço onde se segurava o gualdrope «do leme a estibordo, não obstante estar rendido, ainda aguen- «tava o esforço d'elle, os mais cabeços até á proa foram para o «mar juntos com a borda e artilheria d'esse lado. Foi n'esta «terrivel occasião, quando passava junto da porta da camara «que me sahiu ao encontro o fallecido ex.mo visconde da Granja, «todo enxarcado, descalço e em seroilas, gritando: lá se foi o «commandante ao mar e todos quantos estavam em cima, foi «tudo ao mar.

«Ha momentos tão solemnes na vida, que ficam profunda- «mente gravados na memoria com todas as circumstancias que «os acompanham; este foi para mim um d'esses momentos, e «por isso me recordo bem de que respondi ao sr. visconde: «Deixe ir, estão mortos, o que havemos de fazer-lhes? trate- «mos de salvar os que ainda vivem» e amarrando-me com a «bossa da retranca continuei no insano trabalho de folga e «alivia [1]. A borda de bombordo ficára inteira, rebentando só «as coseduras das portas, sahindo pela primeira de ré com- «mandante e o marinheiro Landim, tendo este a fortuna de en- «roscar um cabo em roda do braço, pôde salvar-se, ficando ape- «nas doente do mesmo braço por muitos dias em que o trouxe «ao peito. O commandante Braga, que estivera ao catavento se- «guro á driça do gafetope, fôra levado para fóra do navio por «uma vaga que levou a borda assim como quantos estavam em «cima, que todos mais felizes do que elle se salvaram, excepto «um, agarrando-se a differentes cabos.

«Succedeu isto quando ainda se não tinham contado vinte «horas de viagem de Falmouth, esta é a verdade, sem episo- «dios romanticos, porque os não houve; o positivismo deve «vencer o idealismo e o poetico; mas prosigamos.

«Quando eu lancei mão do leme, pensei que toda a gente «que estava em cima tinha sido levada pelo mar; enganava-me,

«[1] Desde as 9 horas da manhã até ás 7 do outro dia, trinta e seis «horas sem tomar coisa alguma de alimento.

«porque passado algum tempo vi começarem a trepar differen-
«tes praças que estavam amarradas a cabos por fóra do navio,
«e virem descendo outras que tinham marinhado para as en-
«xarcias, mas todos espavoridos iam enfurnando para a coberta
«contando com a morte, e de nada mais querendo saber do que
«de pedirem misericordia.

«Deste modo, alto e bom som o digo sem temor de ser des-
«mentido, o homem que tomára o leme ficou só, unico em
«cima, extenuado de fome e de fadiga, com as mãos ensan-
«guentadas, açoitado pelas vagas que vinham batter-lhe. Já
«quasi não podendo sustentar-se, vinha incital-o a tomar cora-
«gem o pensamento de que se largava o leme infallivelmente
«todos eram victimas, emquanto que podendo continuar a ser
«governada a escuna, havia probabilidade de se salvarem.

«Deus quiz que ao anoitecer eu visse apparecer uma cabeça
«de fóra da escotilha, que mal me ouviu gritar-lhe: «anda cá
«homem que estamos salvos;» desappareceu, mas que tornou
«a apparecer quando renovei os meus brados, até que o ho-
«mem, que era um marinheiro do Porto chamado Rocha, se
«resolveu a subir, e agarrado de cabo em cabo, veiu para junto
«de mim, dizendo: «aqui estou então morremos todos»—«não,
«o peor vai passado, toma conta do leme que eu já não posso
«—tenho as mãos a escorrer em sangue»— e mostrei-lh'as
«para que visse que fallava verdade. Rocha resolveu-se a pe-
«gar no leme, mas tão intimidado, que quando alguma vaga
«maior vinha quebrar-se na pôpa, exclamava: —«esta agora
«sim, agora é que nós morremos»—contro, contro, lhe bra-
«dava eu, ajudando-o, porque o leme *dava* muita força.

«Devo aqui declarar que em verdade embarcado ha trinta
«e seis annos, e tendo passado algumas vezes o cabo da Boa-
«Esperança, nunca vi tamanhas vagas como n'esta occasião na
«bahia de Biscaia.

«Assim continuámos eu e o marinheiro Rocha, alternando
«e auxiliando-nos mutuamente durante esta horrorosa noite;
«—o navio metendo muita agua pelos logares dos *cabeços e*
«*escotilhas,* e elevando a prôa, cahia toda a agua na pôpa, e

«por isso o mar encontrando-a muito mettida, entrava por ella,
«allagando a pobre escuna, succedendo outro tanto, quando a
«vaga levantando a pôpa, fazia mergulhar a prôa.

«Felizmente que o mesmo vento e mar se incumbiram de
«alliviar o navio, desferrando o velacho e o joanete, e levando
«estas velas feitas em tiras pelos ares, depois o mastareu do
«velaxo, e vergas de velaxo e joanete, tambem se foram pela
«borda fóra, ficando em mastros reaes, porque se havia arreado
«o mastaréo de gafetope, e o que mais é para notar, desappa-
«receram brandaes, estaes e outros cabos sem interferencia
«de pessoa alguma, e desgraçadamente não tinhamos mais do
«que o panno que estava nas vergas, não havendo a bordo nem
«lona, nem brin, nem fio de vella com que se podesse concer-
«tar; para o diante era com fios de carreta, que por meio de
«passadores, amarravamos o panno um para o outro. Mas pros-
«sigamos: Raiou a aurora tão anciosamente por mim desejada,
«á sua primeira claridade corri á coberta, onde já chegava a
«agua, e rolavam comtudo que lá existia que andava despeiado
«confundidos em prantos e gritos, portuguezes e inglezes. Co-
«mecei a animal-os, dizendo-lhes entre outras coisas, que o
«temporal ia passando, mas que era mister esgotar o porão,
«peiar os objectos que andavam á tona d'agua etc.

«Consegui que alguns subissem e praticassem o que disséra,
«passando-se em cima cabos de vae-vem, continuando a nave-
«gar com o mar na alheta de estibordo, portando-se o navio
«successivamente melhor á proporção que se tocava á bomba,
«e que ia ficando mais leve. Ao fim de trez dias de viagem,
«mandei ao marinheiro Rocha que fosse ver se avistava terra
«— subiu elle alguns enfrexates — bradando logo com voz ale-
«gre e estremecida: terra! terra! pela amura de bombordo!
«— era o cabo de Finisterra.

«O vento tinha abrandado muito, a vaga no emtanto era
«grande, mas para nós isto era já bom tempo; á voz de terra,
«todos jubilosos tinham vindo acima, abraçando-se e contan-
«do-se como renascidos.

«Continuei a navegar ao longo da costa da Galliza com in-

«tento de ir entrar em Vigo. Estava escripto que os meus tor-
«mentos não acabassem tão cedo. Ás onze horas da noite acal-
«mou o vento, saltando ao sudoeste com tal força, que me obri-
«gou a pôr de capa com amura por bombordo, e assim estive
«durante cinco dias, até que á quinta noite, seriam nove horas,
«me vieram dizer que o vento saltára para o norte, e com tanto
«impeto o fez, que para se içar o redondo foi necessario ir ao
«cabrestante; mudei de intento, e deitei a caminho do Porto,
«em frente de cuja barra cheguei trinta e seis horas depois;
«—puz de kapa no bordo do mar, e de kapa fui avistar as Ber-
«lengas.

«É preciso dizer que os portuguezes que formavam a tripu-
«lação da *Graciosa* eram quasi todos individuos feitos prisio-
«neiros nos hyates de Setubal, e outros de navios de Lisboa re-
«tidos no Porto. Á vista das Berlengas, conceberam elles o plano
«de governar o navio durante a noite para a barra de Lisboa, pro-
«jecto de que fui avisado, tomando em consequencia as medidas
«que julguei oportunas, sendo a primeira fazer força de vella
«para oeste. Encontrando ventos variaveis, cheguei tres dias
«depois á barra do Porto, mas tudo ali parecia inhabitado, nem
«uma embarcação de pesca, nem uma catraia, nem um piloto;
«—o unico indicio de vida era o fumo de polvora que se via
«pairar sobre as eminencias das duas margens do Douro.

«Tratei de fazer carregar a artilheria, accender murrões, pôr
«a polvora e ballas promptas a servirem, dispondo-me a forçar
«a barra entrando sem piloto, para o que esperava pela maré.
«Quando a occasião chegou, subi ao váos do traquete para me-
«lhor descobrir as marcas da barra, e deitando para ella ia in-
«vestil-a. Á medida que nos approximavamos as ballas do ini-
«migo cahiam abundantes em redor do navio, mas este conti-
«nuava sempre a navegar. De repente vejo o que em baixo se
«manobrava, era a guarnição que com mêdo das ballas fazia a
«escuna virar em roda para lhe dar a pôpa! Deixo-me escor-
«regar por um cabo abaixo pego n'um espeque e com elle corro
«direito ao timoneiro que larga o leme e foge, e outros gritam
«para fóra, para fóra que hiamos morrer todos.» N'estas cir-

«cumstancias que fazer? o mal estava feito e sem remedio
«n'aquelle dia, pois que com o virar em roda nos tinhamos
«sotaventeado da barra, por tanto limitei-me a dizer-lhes que
«para o navio no estado em que se achava não podia continuar
«por muito tempo no mar, que era melhor forçar a barra, que
«as ballas não haviam de matar a todos, e que mesmo no caso
«do navio encalhar, quasi todos, se não todos se salvavam, por-
«que o tempo estava bom.

«Com estas e outras rasões, consegui chamar á minha opi-
«nião Landim e alguns mais influentes e acommodando-se to-
«dos tratei de puchar para o sul, d'onde o vento soprava bonan-
«çoso, afim de no dia seguinte ir de novo demandar a barra; mas
«ainda os meus trabalhos não estavam findos por isso o vento
«rondou para o S. O. com força, crescendo logo a vaga a escuna
«custava a aguentar com os latinos nos segundos, metendo
«muita agua pelo logar do cabeços de sotavento a que as bom-
«bas não davam vasão; fui para o leme para aproveitar o ló,
«mas n'uma caturradella metendo a prôa debaixo d'agua ala-
«gou a vella d'estae e com a força do vento desfazendo a grossa
«tralha da esteira, fez voar a vella em tiras.

«Continuando o vento a refrescar e a vaga a crescer e vendo
«que não ganhava barlavento resolvi deitar a pôpa para Vigo,
«e assim o effectuei; mas quando iamos a entrar rastejáramos
«o rochedo chamado *Costa do de Hoix*. Acalmou o vento, ficando
«entregues á vaga que d'elle nos aproximava, safamos e deita-
«mos ao mar o escaler [1] para rebocar o navio, mas vãos es-
«forços; apesar d'isso aproximavamos-nos do rochedo, sendo
«já tão curta a distancia, que o mar que n'elle batia, vinha co-
«mo ressaca morrer d'encontro á escuna.

«Tratou-se de fazer uma jangada para n'ella e a reboque do
«escaler nos salvarmos porque se o navio chegasse a bater d'en-
«contro ao rochedo certissima era a morte de todos. Estando
«já tudo disposto para largarmos o navio, ouvimos uma voz
«dizer «o navio já segue» era o senhor visconde da Granja que

«(1) O unico que a escuna sempre teve.

«debruçado na pôpa lançava papeis ao mar para ver a direcção «que tomavam; vi que effectivamente assim era porque o vento «passára ao Norte, e então não perdi um momento em deitar «para a barra do Porto onde no outro dia chegámos.

«Ora como o navio só tinha os latinos e esses esburacados, «que não podiam servir fóra dos rizes e sendo como é a en- «trada do porto difficil por tortuosa, para um navio de vella, «accrescia que se tornava quasi impossivel investil-a debaixo «de fogo só com os latinos que umas vezes encheriam, outras «haviam de ficar a bater ou pescar de luva deixando o navio «parado e entregue assim ao duplo perigo do mar e das ballas; «tornava-se portanto quasi essencial para esta entrada uma vella «redonda, facil de marear que desse sempre alguma velocidade «ao navio. Foi para isso que tomando o mastaréo de gaf-tope «e um joanete que havia a bordo, os conduzi para a proa e ali «arrotando differentes paus, com elles consegui formar uma «especie de verga para o joanete que fixo á prôa no mastaréo «de gaf-tope, lá foi para cima e o improvisei assim em velaxo, «dois cabos singellos serviram de braços e outros dois d'estin- «gues, exercendo sapatilhos de ferro as vezes de moitões, que «tambem nem um havia a bordo [1].

«Assim dispostos e renovados os preparativos bellicos que «já da primeira vez disposera, e sendo horas de maré investi «para a barra mandando para o leme o marinheiro Vicente em «que ao diante fallarei.

«Realmente é facto de cuja temeridade ainda hoje me re- «cordo com orgulhosa satisfação; vêr uma escuna desprovida «de tudo arrostar por uma barra difficilima com a chuva de «ballas, que das batterias inimigas lhe enviavam, cortando ca- «bos, esburacando as vellas, penetrando-lhe no costado, mas «ferindo apenas um homem, graças a Deus, ia a *Graciosa* na- «vegando sempre a despeito de tudo! Parece que Deus se com- «padecia d'aquelle punhado de homens.

«[1] Supponho ser este velaxo um que por engano falla s. ex.ª «quando trata de mim.

«Livres com inaudita felicidade dos perigos da barra, bra-
«dei *ao rodizio,* e introduzindo-lhe balla e lanterneta comecei
«o melhor que me foi possivel a agradecer aos rebeldes na mes-
«ma moeda, as saudações que me dirigiam; devo declarar que
«desde o primeiro até ao ultimo tiro encontrei sempre ao meu
«lado o joven Casimiro, filho do senhor visconde da Granja,
«exortando com as suas palavras, e seu exemplo aos marinhei-
«ros, elle que então era uma creança na edade, mas homem
«na coragem e valor com que se portou, passando a tiro de
«pistolla da grande batteria da Furada, e só deixando de fazer
«fogo, quando junto a Massarellos o navio ficando a coberto
«das batterias ellas se callaram.

«Chegados que ali fomos, atracaram a bordo tantas embar-
«cações carregadas com viradores, outras com officiaes e ma-
«rinheiros, etc., que o navio se encheu de gente, e eu fui para
«cima da poppa, onde recebi abraços e comprimentos, a sa-
«tisfazerem-me a ambição, se eu aos dezoito annos tivesse am-
«bição, mas não tinha, e esse foi o meu mal.

«O ex.$^{mo}$ sr. visconde da Granja antes de ir para terra tam-
«bem veiu abraçar-me e felicitar-me, devo agora relatar uma
«circumstancia a que na occasião nenhum valor dei, mas que
«presumo ter sido a causa da injustiça com que fui tratado no
«Porto, e depois e ainda hoje, não só na minha carreira, mas
«até no que ha de passar aos vindouros nos quadros navaes do
«ex.$^{mo}$ sr. Celestino.

«Logo em seguida ao fallecimento do tenente Braga, disse-
«me o senhor visconde da Granja, que era necessario fazer-se
«um auto ou termo de todo o acontecido para constar, respon-
«di-lhe que ninguem melhor do que s. ex.$^{a}$ poderia incum-
«bir-se de similhante tarefa, annuiu promptamente, chaman-
«do-me depois para o ouvir lêr e assignar, que deviam assignar
«mais dois individuos, não me lembro se effectivamente o che-
«guei a ouvir lêr, mas o que é certo é que lhe disse que man-
«dasse chamar quem quizesse para o assignar, que eu o faria
«em ultimo logar, o que se fez sendo o primeiro, Francisco
«Landim, o segundo, Vicente José da Silva, e eu o ultimo.

«Agora continuarei.

«Os carpinteiros taparam os rombos, alguns dos quaes as «ballas tinham feito ao lume d'agua, e successivamente nos «outros dias foi arranjada a borda, tratando eu com os poucos «homens que não se foram embora, de preparar o navio, dis- «tribuindo rações ás praças, e finalmente, procedendo como «se fosse capitão e dono da escuna. Foi n'estas circumstancias «que appareceu a bordo um officio do quartel-general dirigido «a Landim, Vicente, e Leite, abro-o e leiu o seguinte: «Deter- «mina S. ex.ª o major-general da armada, que Francisco Lan- «dim, Vicente José da Silva, e Antonio Leite da Cunha, com- «pareçam para objecto de serviço no quartel-general da ma- «rinha, ámanhã ás dez horas, etc.»; informei os outros dois, «e á hora aprasada fomos todos trez ao quartel-general, igno- «rando o que nos queriam, mandaram-nos entrar para uma «salla, e fomos onde estava o major-general com um papel na «mão, isto é uma portaria do ministerio da marinha, disse elle «e leu «Manda Sua Magestade, que o major-general da armada, «promova aos logares para que julgar mais aptos os marinhei- «ros Francisco Landim, Vicente José da Silva, e Antonio Leite «da Cunha.» Vindo eu como se vê sempre em ultimo logar, «porque fôra o ultimo que assignára o termo.

«Nós ficámos admirados e cheios de confusão com as risadas «de alguns individuos que estavam zombando da nossa perple- «xidade, e quando o major-general, dirigindo-se-nos disse: «agora vejam lá, digam o que querem ser.» Nenhum sabia o «que pedisse, pela minha parte ignorava os encargos e nomes «dos funccionarios dos navios de guerra, e por isso ficava mudo, «succedendo o mesmo aos outros dois; até que o major-gene- «ral disse «então acabemos com isto, digam o que querem. «Pois bem, respondi eu, já agora peço uma distincção para «lembrança do que fiz. A Torre-Espada!?—Ora, não seja tôlo «seu creança, peça coisa que lhe dê de comer—replicou-me «aquelle. —Então se v. ex.ª o permitte eu sáio fóra e d'aqui a «pouco trago a resposta. —Pois sim podem ir.— Sahi seguido «pelos outros dois. Cá fóra eram muitos os curiosos que logo

«nos rodearam, perguntando-nos: então o que lhes deram? —
«Por emquanto nada, porque não sabemos o que havemos de
«pedir. — Sim, ora essa, diz-me um commissario, Côrte Real,
«peça para ser commissario de numero que é bom, vossa mercê
«é dispenseiro, portanto é o que se lhe segue com a differença
«no soldo e na graduação, e as attribuições são as mesmas.

«Simultaneamente um official marinheiro conhecido pelo
«mestre Manuel das *Pilherias,* dizia ao Landim: você sabe
«lêr? —Eu não, —assim mesmo não tem dúvida, peça para
«mestre de fragata. —Disse o Vicente, está dito, aquelle com-
«missario de numero, você mestre, e eu contra-mestre. —
«O Vicente era tão ignorante que suppunha o posto de contra-
«mestre superior ao de mestre.

«Voltámos para o major-general, a quem dissemos o que
«escolhiamos, e que nos respondeu — bem, souberam pedir;
«Landim e Vicente desde já os promovo aos logares que dese-
«jam, quanto a vossa mercê (para mim), vou propôl-o a Sua
«Magestade para lhe mandar lavrar o decreto, vão para bordo
«da escuna que lá irão os seus diplomas.

«Passados alguns dias publicou-se na ordem da armada o
«que se segue: — «Promovido a mestre da escuna «Graciosa»
«o marinheiro Francisco Landim, pelo zêlo e boa conducta que
«mostrou a bordo d'este navio, trazendo-o á barra do Porto, e
«n'ella entrando apesar do vivo fogo das baterias dos rebeldes;
«pelos mesmos motivos promovidos a despenseiro o marinheiro
«Antonio Leite da Cunha! e Vicente José Silva, que tinha sido
«promovido a contra-mestre, tornou-se indigno d'esta graça
«por ter desertado.»

«Ora, aqui estão os trez signatarios do termo, largamente
«recompensados pelos seus serviços; a mim, a quem se deveu
«a salvação da escuna, deram-me baixa de dispenseiro para de-
«pois como graça especial ser a elle promovido.

«De modo que só Landim foi premiado, talvez por não saber
«lêr! E ainda assim teve que reclamar para obter o que pedira,
«que fôra ser mestre de numero de fragata, e não mestre da
«escuna «Graciosa».

«Com a verdade e franquesa com que tenho escripto até aqui, «vou accrescentar o que então tive a boa fé de reflexionar; tão «creança era, como ignorante estava das subtilesas e partidas «do *pilha,* jogo que sempre nas crises politicas serve de en«tertinimento, como para o diante tenho tido occasião de pre«sencear.

«Disse comigo mesmo, á vista d'esta ordem da Armada, a «nossa causa está duvidosa, as probabilidades por emquanto «são contra, se perdermos — a quanto maior altura subir, maior «tombo levarei; se ganharmos, ninguem questionará os meus «direitos, e então serei devidamente indemnisado; além de que, «*nós somos poucos,* e ha muitos empregos em Portugal, para «os quaes havemos de ser preferidos — talvez obtenha ainda «melhor logar — pensando d'esta fórma, continuei trabalhando «na grande obra da liberdade d'esta terra, com a mesma boa «vontade e zêlo como até ali o fizera (1) sem cuidar de mais «nada.

«A recompensa foi boa como era de esperar.

«Não me deram então a Torre Espada, e se antes de aca«bada a lucta tive a honra de a trazer ao peito, foi porque a «ganhei em 1833 no combate da Serra d'El-Rei; continuei em «despenseiro como era quando sahi do Porto a primeira vez na «escuna *Graciosa* com o commandante Tyldens, e até muito «depois de terminada a guerra, passando a commissario extra«numerario, nove ou dez mezes depois de ter desembarcado «do brigue-escuna *Liberal,* e por todo esse longo espaço de «tempo ter estado sem ganhar cinco réis! Em terra estranha, «longe de minha familia, e pedindo, para não morrer de fome, «algum dinheiro emprestado a dispenseiros e fieis, que tendo «andado ao serviço do usurpador, e sido feitos prisioneiros se «achavam já elevados a commissarios, alguns outros como re«compensa de serviços pessoaes.

«Talvez alguem menos sabido n'estes acontecimentos julgue

«(1) Poderia mencionar mais alguns feitos importantes se viessem a «proposito.»

«que tão flagrante injustiça se não praticaria sem que ao me-
«nos a cohonestasse ou a conducta ou as habilitações d'aquelles
«individuos. A esses responderei que dou boas alviçaras a quem
«me provar que alguns dos que fallo tinham melhores habili-
«tações, comportamento a todos os respeitos do que eu.

«Não posso deixar ao terminar este meu arrasoado, sem di-
«zer que o procedimento immerecido havido para comigo, e
«outros por esquecidos, ingratos do que então se fez, tem acar-
«retado as dissenções e discordias que ainda hoje infelizmente
«dividem e fraccionam o partido liberal, desacreditando as in-
«stituições que tanto custaram a ganhar.

«Penso ter assim revindicado a parte que me pertence nos
«acontecimentos da viagem e entrada no Porto da escuna *Gra-*
*«ciosa,* restabelecendo os factos, e rectificando o que o ex.^mo^
«sr. conselheiro Celestino escreveu no seu folhetim a «Fata-
«lidade», fazendo a justiça de acreditar que s. ex.^a^ se assim
«procedeu foi guiado por informações menos exactas ácerca
«do como se passaram os acontecimentos que tenho em vista
«relatar.

«*Antonio Leite da Cunha.*»

---

(Do Jornal do Commercio n.º 2528, de 8 de março de 1863)

«*Sr. redactor.*—Vendo hoje, quinta feira 6 do corrente,
«huma correspondencia no seu jornal n.º 2526, do sr. Antonio
«Leite da Cunha, relativa a demonstrar e rectificar algumas
«inexactidões que lhe pareceram existir n'um folhetim que
«escrevi e foi pela primeira vez publicado no *Patriota* n.º 578
«de quinta-feira 12 de Junho de 1845, impresso novamente
«pelo sr. Antonio Joaquim da Costa em 1 de Abril de 1846, e
«ultimamente reimpresso com outros muitos em Outubro de
«1861 na Imprensa Nacional, onde pertende provar que não
«lhe fiz a devida justiça alterando e occultando circumstancias
«que lhe dizem respeito, e deveriam mencionar-se no desas-
«trado acontecimento que o mesmo folhetim menciona: Rogo

«a v. a mercê de admittir nas columnas do seu jornal, a de-
«claração que faço, de que não tive, nem tenho em papel por
«mim escripto, proposito de alterar a verdade, para desabonar
«quem quer que seja; e que tudo quanto me cahe da penna e
«então avancei procede de informações alheias, e procedeo das
«noticias que me deram testimunhas presenciaes, que estavam
«a bordo do navio a que me referi quando o fui commandar em
«10 de dezembro de 1832, em virtude da ordem da armada
«n.º 9 que diz assim:

«Commandante da escuna *Graciosa* em logar do 2.º tenente
«João Caetano de Bulhões Leote, que se acha doente e impos-
«sibilitado por isso de tomar o commando para que havia sido
«nomeado pela ordem n.º 8, o 2.º tenente Joaquim Pedro Ce-
«lestino.»

«Encontrei ali as pessoas designadas no folhetim, não me
«podendo agora recordar dos nomes de todos os informadores.
«vae por trinta annos, mas tenho bem presente os do mestre
«Francisco Landim, e do correspondente que então era dispen-
«seiro, e me ia matando no dia 17 do dito dezembro, quando
«passou uma força ao sul do Douro, dando elle fogo ao *rodisio*
«sem minha ordem, ao qual eu me achava encostado, e do
«qual dirigia as pontarias, como era costume meu.

«Apesar porém da meudesa com que o correspondente men-
«ciona a desgraça acontecida ao commandante Braga, e as ava-
«rias da escuna, vê-se que os factos principaes são verdadeiros.
«isto he: que ella foi a Inglaterra, que o americano Tyldens a
«abandonou com os mais estrangeiros, levando-lhe quanto ha-
«via de portatil a bordo, que o desditoso Braga substituio o
«commandante Tyldens, que o temporal desatracou a artilha-
«ria e o fogão, arrombou a borda, e atirou com o commandante
«Braga ao mar e varios marinheiros, perecendo aquelle e al-
«guns d'estes, que a *Graciosa* entrou acossada do tempo no
«Porto, fazendo fogo com o rodisio, e que pela ordem da ar-
«mada n.º 10 de 2 de dezembro foi promovido a «mestre da
«escuna *Graciosa,* o marinheiro Francisco Landim, pelo zelo
«e boa conducta que mostrou a bordo d'aquella escuna, quando

«por morte do seu commandante no mar, e na falta de outro «algum official a trouxe a este porto, e n'elle entrou apesar do «fogo das baterias inimigas. — Pelos mesmos motivos promo- «vido a dispenseiro da escuna *Graciosa,* o marinheiro Antonio «Leite da Cunha.»

«D'aqui se vê que as minhas informações eram eguaes áquel- «las que teve o quartel general, e n'ellas me fundei, não me pa- «recendo comtudo, annular ou depreciar o bom procedimento «d'este individuo, ao qual faço representar hum papel impor- «tante n'este sinistro drama.

«Resta porém fazer hum reparo aos esclarecimentos corre- «ctivos das inexactidões que avancei. Diz o correspondente «ácerca do brigue *Carolina:*

«Na caça ao brigue *Carolina,* se fizeram bastantes tiros de «balla, até que o ouvido do *rodisio* rebentou, e por isso cessa- «mos o fogo.» — Depois diz n'outra parte: «Livre com inau- «dita felicidade dos perigos da barra, bradei, *ao rodisio,* e in- «troduzindo-lhe balla e lanterneta, comecei o melhor que me «foi possivel a agradecer aos rebeldes na mesma moeda, as «saudações que me dirigiam.»

«Como foi que o *rodisio* deo fogo, e pôde servir, tendo o «ouvido *arrebentado?* E como me ia hum dos seus tiros ma- «tando no dia 17 de dezembro, sendo eu commandante da *Gra-* «*ciosa,* reprehendendo asperamente o dispenseiro por aquella «sua precipitação e inadvertencia? Talvez o correspondente es- «teja, ou não estará d'isto lembrado?!

«Quanto avancei ácerca dos successos da viagem d'esta es- «cuna, tudo foi por informaçoens que tive por exactas, e eram «geralmente acreditadas, além de que, não escrevia huma his- «toria, mas sim hum folhetim, escrevi hum romance, como com- «portava a naturesa do escripto —*folhetim*—, onde apesar de «tudo, fundava as peripecias d'elle, nas ordens da armada. «E posto dizer o correspondente que nunca vio o cirurgião «em que fallo, diz a ordem da armada n.º 7 de 3 de setembro «de 1832, que elle se chamava Weislon, da maneira seguinte:

«São nomeados para a guarnição da escuna *Graciosa:* com-

«mandante, «o 1.º tenente Thomaz B. Tyldens; officiaes, o 2.º «tenente Rafael de Alencourt Braga; aspirante Ricardo Parl«mesley; e cirurgião Weislon.»

«A correspondencia conta o caso muito detalhadamente, mas «assim mesmo não nega, nem póde negar a perda do infeliz «commandante por effeito de hum tremendo golpe de mar; «não nega a recusa dos marinheiros trabalharem, fugindo para «a coberta; não nega a borda da escuna arrombada, etc.; as«sim como no folhetim se não nega o bom serviço do marinheiro «Antonio Leite da Cunha, instando com a marinhagem a que «subisse, e largasse o velaxo, indo elle mesmo largal-o, etc.

«Oxalá que, no caso de alguem deprimir o author dos *Qua«dros Navaes,* ou *collecção dos folhetins maritimos do Pa«triota,* negando-lhe os seus serviços, tenha a franquesa de «usar de huma linguagem tão franca e imparcial, como elle «usou, e usa empregar, relatando os factos contemporaneos «da nossa Marinha com os quaes lhe pretende erguer hum «monumento glorioso. O folhetim *A Fatalidade* não tem no «meu modo de julgar, nada que deva desgostar o author da «correspondencia que impugna parte do que n'elle se com«prehende.

De v. etc.

*Joaquim Pedro Celestino Soares.*

---

(Do Jornal do Commercio n.º 2531, de 12 de março de 1863)

«Tendo visto no *Jornal do Commercio* n.º 2528 de 8 do «corrente mez de março a resposta do sr. conselheiro Joaquim «Pedro Celestino Soares ao meu communicado, que fôra pu«blicado no mesmo jornal n.º 2526, do dia 6, relativamente «aos acontecimentos da escuna *Graciosa,* cumpre-me, pri«meiro que tudo, agradecer a s. ex.ª a benignidade com que «na sua resposta me trata, confessando a minha franquesa e «lealdade na descripção que fiz dos referidos acontecimentos, «nem outra coisa era de esperar do cavalheirismo de s. ex.ª,

«mas ao mesmo tempo espero me seja licito dizer que não fi-
«quei completamente satisfeito, porque dizendo s. ex.ª na sua
«resposta — «que compozera o seu folhetim pelas informações
«obtidas de pessoa que presenceára os factos» — e sendo eu
«uma d'essas pessoas, parece-me que s. ex.ª está esquecido
«do que se passou, talvez porque não conhecendo eu a s. ex.ª
«antes de se me apresentar a bordo com a nomeação de com-
«mandante, e voltar em seguida para terra, ficando eu a bordo,
«e tudo o mais no mesmo estado, em que se achava, aconteceu
«que tendo eu o costume de ir ceiar com a minha familia, que
«morava defronte do navio, e fazendo o mesmo n'esse dia á
«noite, quando voltei para bordo, por volta das 10 horas (pouco
«mais ou menos) achei lá s. ex.ª que me recebeu ao portaló
«com reprehensões e ameaças! Sem querer questionar se ha-
«via rasão ou não, o certo é que desde essa occasião fiquei sen-
«tido da maneira pouco agradavel com que tinha sido tratado,
«e por isso mesmo indisposto com s. ex.ª, não me lembrando
«de lhe fallar senão em serviço, e parecendo-me que esta in-
«disposição se tornára reciproca pelos conflictos que depois
«se deram tanto na dita escuna, como nas canhoneiras de Que-
brantões; e sendo emfim verdade que eu o ia matando quando
«dei fogo ao rodisio por vir uma força inimiga, que corria atraz
«dos nossos soldados, sem reparar que o commandante estava
«perto da bocca da peça! advertindo que quando s. ex.ª foi
«commandar as canhoneiras já eu lá estava, e que em seguida,
«e n'esse mesmo dia, me deu ordem para não sahir d'ali, obri-
«gando-me a ficar 3 noites a passeiar na rocha, sem ter o mais
«pequeno abrigo de frio, e de chuva que então cahia em abun-
«dancia, emquanto s. ex.ª dormia agasalhado em uma casinhola
«que havia proxima ao barracão, que servia de abrigo á mari-
«nhagem, e cuja porta me fartei de rondar nas 3 noites! Mas
«isto já se passou ha muitos annos, e supposto eu desde essa
«épocha não tornasse a cumprimentar s. ex.ª, confesso que
«nunca lhe tive odio, antes tributo o maior respeito ás suas boas
«qualidades! Mas em resto da leitura do seu folhetim, intitulado
— A Fatalidade — entendi que não devia ficar silencioso, por-

«que n'elle diz s. ex.ª — o commandante Braga quando tomou
«conta do commando, arvorou o marinheiro Antonio Leite da
«Cunha em despenseiro — e isto não é exacto, porque havia
«já muito tempo antes que eu exercia este logar, pouco depois
«do armamento da escuna. Diz tambem s. ex.ª (lamentando a
«sorte do commandante Braga) que «elle esteve 6 dias em ci-
«ma da tolda por não ter com quem revesar, porque Antonio
«Leite pouco sabia.»

«Logo, o commandante Braga era o unico a bordo que sabia!
«mas como elle foi levado pelo mar ainda dentro do canal, vinte
«horas depois da sahida de Falmouth, e isto ainda no principio
«do temporal, pois que esta é a verdade, ha de s. ex.ª conce-
«der que o Antonio Leite, apesar do seu pouco saber, tendo
«sido o que tomou a direcção do navio depois da morte de
«Braga, sendo de todos obedecido, por lhe conhecerem para
«isso capacidade, o soube trazer, depois de muitas tormentas,
«até á barra do Porto, forçando a entrada contra as fortes ba-
«terias inimigas, que desde o alcance da artilheria até á pas-
«sagem em distancia de tiro de pistolla, lhe fizeram o mais vivo
«fogo, a que tratou de corresponder com a mesma boa vontade,
«até que fundeou dando um dia de gloria aos sitiados do Porto!
«Se este triumpho e acto de arrojo, tivesse sido praticado por
«s. ex.ª, ou outro qualquer dos seus amigos, estou certo de que
«as 10 trombetas da Fama seriam poucas para o apregoarem!
«mas teve o defeito de ser praticado por um menor de 18 an-
«nos, e de mais a mais despenseiro, que em premio teve baixa
«de posto para ser promovido ao mesmo posto! Isto por um
«lado, e por outro lado escreve s. ex.ª um folhetim, e sobre
«este acontecimento não diz uma só palavra! Limita-se apenas
«a dizer «que o despenseiro Antonio Leite da Cunha animava
«os marinheiros para largarem o velaxo!» Mas emfim devo fa-
«zer justiça a s. ex.ª, e acreditar que na sua resposta ao meu
«communicado não quiz (como diz) deprimir-me, já me fez re-
«presentar o principal papel n'aquelle sinistro drama, se bem
«que (máo fado meu!) mesmo sem querer me deprime, por-
«que dizendo s. ex.ª que — não nega o bom serviço do mari-

«nheiro Antonio Leite da Cunha— e chamando-me no seu fo-
«lhetim —despenseiro ainda agora— parece querer dar-me
«baixa de posto, seguindo o exemplo do governante d'aquelle
«tempo!!!...

«Pela minha parte declaro que quando peguei na penna para
«escrever as occorrencias que tiveram logar a bordo da escuna
«*Graciosa,* não foi minha intenção negar os factos principaes
«que s. ex.ª menciona no seu folhetim, mas sim e tamsomente
«reivindicar a parte que n'elle me pertencia, não podendo re-
«signar-me a que sendo eu a parte mais importante das occor-
«rencias a que se allude, ficasse o meu nome esquecido pelo
«historiador! Mas em vista da confissão que s. ex.ª faz de ter
«escripto o seu folhetim segundo informações de pessoas de
«bordo e as partes officiaes, devo suppor que essas poucas pes-
«soas com quem s. ex.ª se informou quizeram arrogar a si al-
«gum serviço, e que para isso entenderam dever occultar o de
«outros, não obstante a sua incompetencia para darem infor-
«mações, segundo faço vêr no meu communicado, que s. ex.ª
«confirma.

«Quanto ás partes officiaes a que s. ex.ª se refere ha de ad-
«vertir que o governo fez obra por um termo que o fallecido
«visconde da Granja fez a bordo para contar o acontecido que
«menciono no meu communicado, e que levou para terra, en-
«tregando-o não sei a quem. O certo é que as primeiras pes-
«soas que assignaram o tal termo foram consideradas como
«primeiras, quando devia ser o contrario.

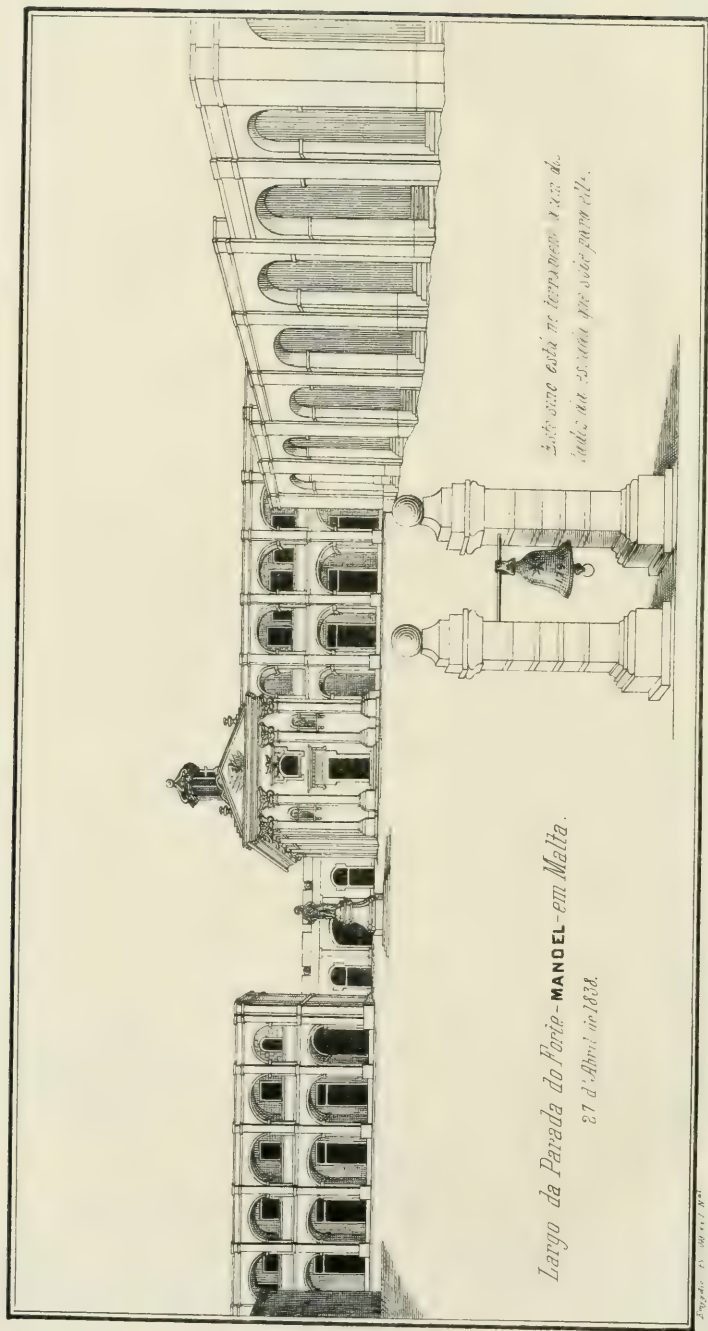
«Parece-me ter respondido a s. ex.ª, fazendo-lhe vêr os mo-
«tivos que me obrigaram a publicar a minha correspondencia,
«com a qual s. ex.ª se conforma menos no que diz respeito á
«peça de rodisio, por lhe parecer haver contradicção em appa-
«recer ella com o ouvido rebentado quando fez fogo ao brigue
«*Carolina,* e depois prompto a fazer fogo quando a escuna for-
«çou a barra do Porto, mas se s. ex.ª se der ao trabalho de exa-
«minar a sua resposta ao meu communicado, ha de achar ex-
«plicado como isso foi. E com isto termino, pedindo desculpa
«de o ter novamente importunado.»

QUOD
ALENDIS PAUPERIBUS
EDUCANDIS VIRGINIBUS
NOSACOMIIS ALIISQUE
ÆDIBUS HOSPITALIBUS
ÆDIFICANDIS ET DOTANDIS
SE SUAQUE DEVOVIT

QUOD
IN PERENNE PIETATIS
ET VIGILANTIÆ
NECNON ET REI NAVALIS
PROPRIIS SUMPTIBUS AUCTÆ
MONUMENTUM
ENSE PILEOQUE DONATUS
ESTA SUM. PONT. BENED. XIII.
HEROI LUSITANO
EQUES GALLUS PATROCINII
BENEFICIORUMQUE MEMOR
DAT DICAT CONSECRAT
ANNO MDCCXXXVI.

QUOD
CIVITATEM VALETTAM
NOVIS OPERIBUS ITA
MUNIVIT
UT INFIDELIUM CONATIBUS
IMPERVIAM REDDIDERIT

Malta 20 de Abril de 1836. No Forte = Manuel = em cujo terrapleno está este monumento.

A Estatua he de bronze maior que o natural. o pedestal he jaspe em cima de uma base de marmore de

Largo da Parada do Forte-**MANOEL**-em Malta.

27 d'Abril de 1838.

Este sino está no terrapleno a um dos lados da escada que sobe para elle.

## XXII

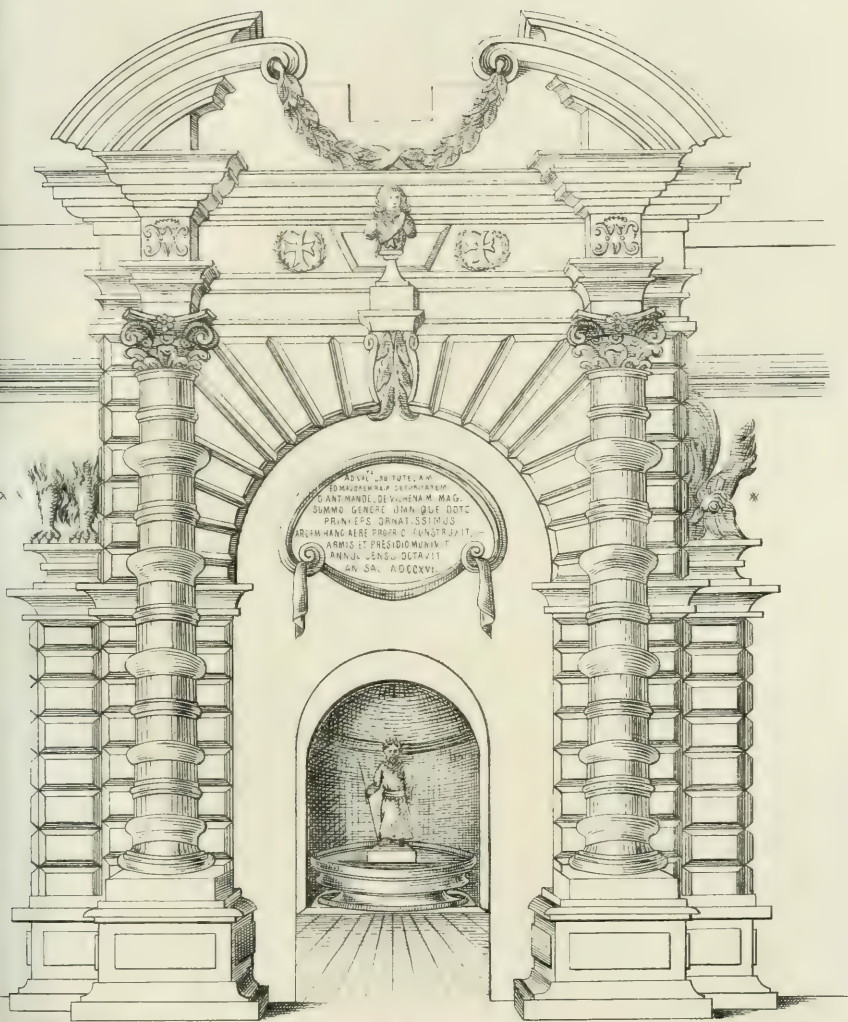
### ITINERARIO DE BOMBAIM A LISBOA, ATRAVESSANDO O EGYPTO DE SUÉS A ALEXANDRIA

Addicionamos aos *Quadros Navaes* e *Epopeia Naval Portugueza* o *Itinerario de Bombaim a Lisboa* atravessando o Isthmo de Sués, não só por ser o primeiro emprendido por nacional depois de estabelecida esta carreira com os accessorios dos vapores, se não porque huma noticia que nelle veio foi impugnada no *Panorama*, e depois no *Diccionario Bibliographico* pelo Snr. Innocencio Francisco da Silva.

O que se diz a este respeito nas duas referidas obras, relativamente ás inexactidoens dos disticos transcriptos no *Itinerario*, mostra-se que fôra acto menos reflectido, porque, no *Itinerario*, trata-se dos disticos do pedestal de jaspe da estatua em bronze do Gram-Mestre D. Antonio Manoel de Vilhena, offerecida e mandada collocar no forte Manoel pelo Pontifice Benedicto XIII; e no *Panorama*, como no *Diccionario Bibliographico*, paréce alludir-se ao epitafio do tumulo do mesmo Gram-Mestre, que não copiámos, existente no magnifico templo de S. João de Jerusalem, do lado da Epistola, n'huma capella do corpo da igreja. O que avançámos e escrevemos foi a verdade, cuja exactidão podemos provar, tanto pelo esméro com que desenhámos a estatua que hoje reproduzimos com todos os seus accessorios, e o largo da parada em que ella nobremente figura, como pela apparencia da porta do forte Ma-

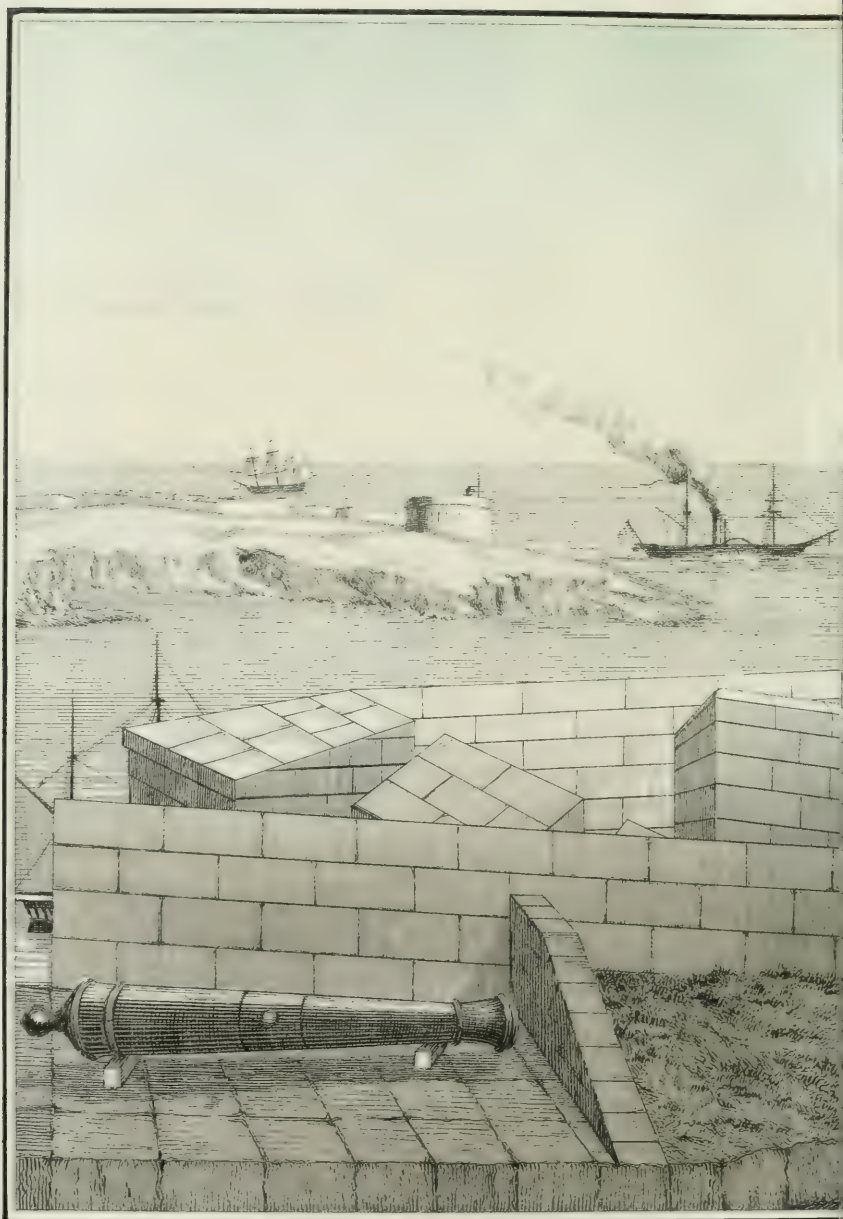
noel, onde este primoroso monumento avulta. Donde deve concluir-se que, a pessoa que tudo copiou, e fielmente desenhou estas maravilhas, não deixaria de empregar o mesmo escrupulo que presidio ao desenho da porta do forte e da estatua, nos disticos do pedestal d'ella, com as proprias letras e caracter que ali se contém. Eis pois o *Itinerario* que se publicou em 26 de Julho de 1838 no n.º 175 do *Diario do Governo,* no qual nada avançámos que não fosse exacto, e pausadamente copiado dos originaes que tivemos presentes todo o tempo que habitámos o Lazareto, onde tomámos por distracção desenhar quantas cousas podiam interessar-nos, como fizemos no decurso da viagem, para não esquecer no futuro, que hum official de Marinha, fôra hum dos primeiros que modernamente realisava a sua vinda da India a Lisboa, atravessando o Deserto de Sués a Alexandria: A apparencia de Moka, a vista do Cairo tirada do centro da bateria da sua cidadella, a vista das celebres Piramides, a apparencia e ethnographia do palacio de Ibrahim, as Catacumbas, a columna de Pompeo, e as Agulhas de Cleopatra por nós desenhadas, abonariam a circumspecção e exactidão com que procurámos representar nas nossas Memorias, todos os monumentos e raridades de qualquer especie, que nos feriram a vista, e mereciam reparo na nossa derrota, e aqui de novo seriam reproduzidas, se não parecesse demasiada prolixidade; porém apenas se estampará o que diz respeito ao Forte Manoel, a fim de comprovar a fidelidade das nossas asserçoens, relativas aos quatro disticos do pedestal da estatua do Gram-Mestre. Eis o *Itinerario:*

*(Correspondencia)*

«Ill.mo Snr. — Como em muitos periodicos inglezes e fran-
«cezes tenho visto annuncios de viajantes sobre pontos pouco
«conhecidos, e agora em Bombaim se publicaram varias rela-
«çoens da viagem do Egypto descrevendo-lhe as particulari-
«dades, concluindo-se dos opusculos enriquecidos com estam-
«pas e cartas ultimamente impressas, que alguma vantagem

26 de Abril de 1838.

*Porta do Forte -* **MANOEL** *- em Malta, copiada da frente, e vendo-se a estatua de Moysés que está debaixo da escada, onde corre uma fonte na bacia aqui visivel.*

Esta figura está partida, faltando-lhe a parte superior do corpo.

* Está igualmente partida, e falta-lhe a cabeça e pescoço.

BOCADO DA VISTA DA JANELA DAS COSTAS DO MEU

...RTEL NO FORTE = MANOEL = EM MALTA 28 DE ABRIL DE 1838.

«resultará do seu geral conhecimento; atrevo-me a enviar a «V... o Itinerario d'esta que acabo de fazer, do qual affianço a «exactidão, para que, se V... o julgar conveniente por ser o «primeiro que apparece em portuguez, lhe dê publicidade; «tendo eu a honra de prevenir a V... que elle vai despido de «tudo que o possa tornar fastidioso ou pouco concreto, não «devendo ser, como de facto não he, a historia dos logares por «onde passei; mas tão sómente a maneira por que isto conse-«gui. Na esperança pois de que elle sahisse á luz, o ordenei «do modo o mais conciso e resumido, a fim de poder compre-«hender-se na pagina de hum jornal, por quanto se esta con-«sideração não fosse, notaria circumstancias talvez de interesse «para a politica, para a moral publica, para as sciencias e ar-«tes, porque tendo concorrido com estrangeiros instruidos, «embarcado em muitos navios de guerra de differentes na-«çoens, e visitado paizes immensos, celebres, e historicos, de «tudo hei podido colher alguma lição. Confessando-me seu «muito obrigado, me assigno — De V... attento venerador,

«*Joaquim Pedro Celestino Soares.*

«Lisboa, 14 de Junho de 1838.»

---

«Muito agradecemos ao Sr. Capitão-Tenente Celestino Soa-«res o brinde que assim nos fez, e correspondemos ao seu ob-«sequio declarando, que muito sentimos não nos haver sido «possivel, até agora, admittir em nossas columnas o seu inte-«ressante Itinerario, o que hoje fazemos com muito gosto, of-«ferecendo-o aos nossos leitores no seguinte Artigo de

## VARIEDADES

---

*Itinerario de Bombaim a Lisboa, atravessando o Egypto desde Sués até Alexandria*

«A companhia das Indias tem na ábra de Bombaim tres «barcos grandes movidos por vapôr, que são o *Atalanta, Be-*

«*renice*, e *Semirames*, de 700 a 800 toneladas, e as maquinas «da força de 400 a 420 cavallos, e hum de 400 toneladas, to- «dos para a navegação do Mar Vermelho até Sués, proporcio- «nando aos passageiros que delles se querem aproveitar, todas «as commodidades, e facilitando-lhes quanto póde concorrer «para o deleite, rapidez e segurança da viagem, cada qual con- «forme a classe e conta em que pretende ser tido. A primeira «classe paga 800 rupias, que são 400 pezos hespanhoes; tem «camarotes de duas pessoas, banho quente ou frio, etc., e co- «me no salão; a segunda paga 600 rupias, dorme na tolda ao «tempo, tem hum camarote commum para se lavar e banhar, «come no salão havendo pequeno numero, ou na tolda sendo «elle grande; a terceira, que he a dos creados europeos, paga «80 rupias, dorme em cima á prôa, e come lá mesmo os so- «bejos da mesa de ré, que he lauta; a quarta, que he a dos «creados nativos, igualmente á prôa, e come arroz e caril; as «duas primeiras tem bebidas desde o amanhecer, em que se «serve o caffé com leite, até ás nove horas da noite, que fin- «dam com o brandy e outros liquores fortes ao uso inglez; a «terceira pouco vinho, a quarta nada. A todas estas classes se «permitte certa bagagem: á 1.ª tres caixas de trinta pollegadas «de comprido, dezeseis de alto e doze de largo, e tres frasquei- «ras de tres duzias de garrafas de agoa ou vinho para a passa- «gem do Dezerto; á 2.ª as mesmas tres caixas e duas frasquei- «ras; á 3.ª e 4.ª huma mala ou caixa da medida acima. Esta «viagem dura de 18 a 21 dias segundo a força do vento e mar «contrarios, mas sempre dentro destes limites com escala por «Moka, onde se recebe o primeiro carvão no fim de 9 ou 10 «dias, e Cossier passados mais 5; começando-se a ver terras e «logares memoraveis por feitos illustres de nossos Portugue- «zes, desde Cabo Fartash no Mar da India, até embocar o Es- «treito de Bal-el-Mandel, d'onde nunca mais se deixam de ter «presentes serranias escarpadas e altissimas, que morrem no «fim do dito periodo de curso longo e curioso, nas areias de «Sués.

«Aqui encontram os passageiros tendas na praia que a Com-

«panhia tem dispostas para abrigo dos viandantes, em quanto
«se aprompiam para a jornada do Deserto, da qual os agentes
«de Mr. Wigorne, ou Mr. Hill tractam nas vinte e quatro horas
«seguintes, fornecendo camellos por 40 piastras cada hum (2
«pezos) para a bagagem, e excellentes burrinhos, bem arrea-
«dos e mantidos para os cavalleiros, por seis pezos até o Cairo.
«Esta jornada faz-se de muitas maneiras, e dura de tres a cinco
«dias, segundo as circumstancias e teres de cada hum, pois na
«caravana de que fiz parte algum tempo, havia Senhoras e pes-
«soas ricas, que se muniram de tendas, e estabeleciam seu ar-
«raial fazendo boa cozinha, e regulando a sua marcha muito
«aprazivelmente; mas querendo qualquer limitar-se a dormir
«ao sereno, comer com parcimonia, e adiantar caminho, en-
«costando-se a mais alguem com dous criados e pequena ba-
«gagem, não excede o gasto de 12 a 15 pezos por cabeça, co-
«mo me aconteceo aggregando-me a huns Officiaes Inglezes.
«Da huma para as duas horas do terceiro dia da sahida, se avis-
«tam os tumulos dos Califas, e logo as torres, ou minaretes do
«Cairo, de humas ribanceiras a tres legoas de distancia, che-
«gando-se á cidade pelas cinco horas dessa mesma tarde.

«No Cairo se acha quanto imaginar se póde das quatro par-
«tes do mundo, e ali se he bem hospedado, e servido com aceio
«em casas ricamente mobiladas, por 40 piastras diarias, exce-
«pto vinho que custa hum pezo por garrafa. Os mesmos donos
«destas casas, Mr. Hill, ou os agentes de Mr. Wigorne, se en-
«carregam dos aprestos para a viagem do Nilo, que dura dous
«a tres dias; dando-se esta tardança por bem empregada na
«visita de bellas Mesquitas, da Cidadella, dos Palacios e Jar-
«dins do Pachá, e das maiores Pyramides do Egypto, a seis
«milhas da margem esquerda do famoso rio, havendo para
«tudo barcos e cavalgaduras dirigidas por pequenos Arabes
«travessos e espertissimos. Nestes tres dias, e nestas excur-
«soens alguns centos de piastras se largam, de modo que póde
«contar-se por economico aquelle, cujo tributo de curiosidade
«lhe não custa mais de 10, ou 12 pezos.

«A viagem do Nilo faz-se dentro em tres ou quatro dias até

«Atfé, distrahindo-se o viandante com muitas e diversas obser-
«vaçoens; póde calcular-se a despeza entre quatro companhei-
«ros, em trinta e tres a quarenta pezos cada hum, com os quaes
«se obtem bom barco com camara, criados, excellente meza,
«caffé e vinho. Em Atfé ha outros barcos mais elegantes e ve-
«lozes, que dentro em vinte e quatro horas, pelo canal, che-
«gam a Alexandria; não subindo esta ultima despeza a mais
«de cinco pezos por cabeça, sendo alguns os arranchados.

«A demora em Alexandria será de oito a dez dias, encon-
«trando-se ali sempre vapôres Inglezes, Francezes, Austria-
«cos, Sardos, ou Napolitanos, que vão a Malta, Sira, Marselha,
«Napoles, ou Constantinopla; não se dando nunca este tempo
«por perdido, pois se leva em admirar a Columna de Pompeo,
«as Agulhas de Cleopatra, em ver o Jardim e Palacio de Ibra-
«him, as Catacumbas, o Molhe, e os bellos navios do Pachá.
«Por via do Consul Inglez se alcança licença do Bey, que é
«officioso e cavalheiro, para visitar as grandes officinas e a Es-
«chola de Pintura e Esculptura do immenso e magnifico Arse-
«nal da Marinha, bem como a Náo Almirante que elle se com-
«praz em fazer examinar. Quanto a hospedarias todas são boas,
«tendo o primeiro logar *L'Hotel de l'Europe*, que he aceadis-
«simo, pelo mesmo preço das do Cairo.

«Do Egypto para a Europa, o custo da viagem, posto que
«em diversas moedas nos varios barcos que se procuram, he
«quasi o mesmo em todos elles, e regula-se pouco mais ou me-
«nos da maneira seguinte. De Alexandria a Marselha em barco
«Francez 390 francos, e 290 até Malta, não comprehendida a
«mesa, a qual custa á *Table d'Etat Major* seis francos por dia:
«ora em 12 dias da travessa da Alexandria a Malta importa em
«72, que com 290 sommam 362, ou 68 pezos. Nos barcos In-
«glezes anda por 80, mas servido melhor, e quer n'uns, quer
«nos outros, a 1.ª classe tem camarotes de dous a dous á ré,
«e come no salão; a 2.ª ditos de quatro e de oito á prôa, e co-
«me ávante pagando 180 francos; e ha tambem uma 3.ª classe
«que he a dos criados, e paga creio que 90 francos. A viagem
«nos barcos Inglezes he mais curta hum dia, porque não fazem

«escala; mas nos Francezes que vão a Sira encontrar a linha «de Constantinopla, sempre este desvio causa tardança, a qual «comtudo he bem compensada pela vista do archipelago grego, «passando-se perto de Candia, Scarpanto, Nansia, Stampalia, «Nio, Naxos, Delos, etc., como observei, divertindo-me em «ouvir os meus companheiros a bordo do *Dante* indicar este «e aquelle ponto, esta e aquella ilha, citando Virgilio e Ovidio «até Sira, onde baldeando-nos para o *Ramses* me encontrei «com outros, que discorriam sobre Biron á vista de Navarino, «e fallavam eruditamente dos logares notaveis que costeámos, «como Cherso, Sifante, Cabo Matapão, e finalmente do cume «coberto de neve, do Etna, que se divisou até Malta.

«Nesta ilha faz-se quarentena segundo o estado sanitario do «Levante; o meu grupo teve de demorar-se vinte e hum dias «em consequencia de se haverem manifestado alguns casos de «peste a bordo dos navios do Pachá, na vespera da nossa par-«tida do Egypto: e a despeza desta escala cresce na razão di-«recta da demora, visto que nos Lazaretos tudo se paga. Elles «são optimos, eu tive occasião de os avaliar nos tres dias que «passei no Lazareto propriamente dito, e nos dezoito que lhes «succederam, com o Embaixador Austriaco, hum General Ba-«varo, e outra gente qualificada no Forte Manoel (obra primo-«rosa do nosso conterraneo D. Antonio Manoel de Vilhena, que «o construio com quantas bellezas de arte a sciencia da guerra «exige), sempre bem servidos por 16 chelins diarios, e tendo «até huma banda de musica paga entre as vinte e duas pessoas «da quarentena; de modo que nos vinte e hum dias coube a «cada individuo a despeza de 84 pezos por tudo. Em Malta «ainda quatro ou cinco dias de espera pelo vapôr, se esquecem «no exame do magnifico templo de S. João de Jerusalem, e de «outras obras sumptuosas, assim como das grandes e innac-«cessiveis fortificaçoens da Valetta.

«De Malta para Gibraltar custa a viagem, que he de cinco «a seis dias, 13 soberanos, ou 65 pezos, e aos criados 4 so-«beranos; he divertida pela vista de grande parte da Costa de «Africa, e das suas montanhas, algumas coroadas de gello, e

«depois pelas serras de Murcia e Granada, cujos cumes alve-
«jam tambem de neve até perto de Malaga.

«Finalmente passa-se de Gibraltar a Lisboa com escala por
«Cadiz em tres dias e duas noites, pagando 33 pezos na 1.ª
«classe e dous de gorgeta aos criados, sendo a despeza total
«da viagem 749 pezos, como mostra o resumo seguinte. Dias
«de viagem de Bombaim a Sués 18, custo 400 pezos; jornada
«do Deserto até o Cairo 2 dias e meio, custo 15 pezos; demora
«no Cairo 2 dias e meio, custo 12 pezos; dias da viagem do
«Nilo 3, custo 35 pezos; viagem do canal 1, custo 3 pezos;
«demora em Alexandria 7 dias, despeza 20 pezos; dias da via-
«gem para Malta 9, custo 70 pezos; quarentena 21 dias, des-
«peza 84 pezos; dias da viagem para Gibraltar 5, custo 65
«pezos; demora em Gibraltar 2 dias, despeza 10 pezos; pas-
«sagem para Lisboa 3 dias, custo 33 pezos; gorgetas 2 pezos:
«sommam os dias de viagem 74, e a despeza 749 pezos. Mas
«não entram neste calculo, passaportes, caixas e frasqueiras
«da bitola dada, cambios, gratificaçoens, e milhares de baga-
«tellas, que addiccionadas fazem hum computo de mais de
«800 pezos; devendo tambem notar-se, que nunca se devem
«tomar por constantes os 74 dias de viagem, pois não incluindo
«a quarentena farão só 53.

«Eis-aqui a linha que se segue vindo da India, e que he a
«mesma da volta, arbitrando-se a despeza para lá, em 100
«pezos de menos, e o tempo de 40 a 45 dias, sabendo-se que
«todas as disposições estão tomadas para não haver demoras;
«advertindo que na 2.ª classe, póde qualquer contar apenas
«com 600 pezos de gasto nessa ída, colhendo em dous mezes
«o fructo, que muitos viajantes reunidos não tiraram em annos
«de trabalho. Digo isto, porque quando mesmo se queira per-
«correr tamanha extensão de terreno e mar aos olhos fechados,
«e ser surdo ás vozes de tantos póvos diversos, instantes de
«descuido haverá, em que se gravem na alma cousas, das quaes
«só se fará idéa experimentando-as. É impossivel, por exem-
«plo, passar pelo ancoradouro de Alexandria sem contar 9 Naus
«de 3 baterias á cunha e duas no estaleiro, 8 Fragatas e huma

«a fabricar, 8 Curvetas, 8 Brigues, 4 Escunas, 1 Cuter, 12 Ga-
«leras Transportes, e 3 Vapores sendo hum delles Fragata.
«Não se póde esquecer, que, ao passar por huma rua estreita,
«foi o viandante retardado pelo concurso de quatro mil opera-
«rios que sahiam do Arsenal da Marinha. Ainda menos póde
«deixar de lembrar-se, que no Nilo ha Vapôres, tendo corrido
«risco de ficar sem Marinheiros que lhe foram requisitados
«para desencalhar hum, no qual o Pachá vinha observar o pro-
«gresso dos trabalhos do novo canal que mandou abrir, onde
«reunio vinte mil Arabes do Alto Egypto para accelerar a obra.
«He natural reter de memoria que, vindo á sirga pelo rio abai-
«xo por causa do fortissimo vento norte, saltava em huma e
«outra margem caminhando legoas e legoas por entre planta-
«çoens de todo os genero, e por entre aldêas de terra e barro,
«das quaes as casas acanhadas e immundas nenhuma idéa da-
«vam das ruinas de Memphis, da Cidadella do Cairo, ou das
«famosas Pyramides que todas respiram magestade; e vendo
«de mais a mais nessas miseraveis habitaçoens, crianças cégas
«e mulheres hediondas, como de certo não éra aquelle Agar,
«cuja descendencia invadio a nossa Europa, que tantas bellezas
«povoam! Mas não me tendo proposto a descrever o que vi,
«direi sómente que a viagem he facil, e será de conveniencia
«para os empregados que vão servir na India, pois se pouparão
«aos incommodos que soffre quem vai pelo Cabo da Boa Espe-
«rança, e dispendendo talvez o mesmo. Esquecia-me dizer tam-
«bem, que alguns viajantes saltam em Cossier, e atravessam
«as montanhas e o Deserto na direcção a Thebas para exami-
«narem as suas preciosas ruinas, e outras curiosidades, como
«fizeram oito companheiros meus, os quaes vieram por fim
«encontrar-me no Lazareto, tendo visitado todo o Egypto, e
«vindo por Athenas com pequena differença de despeza, e só
«dezeseis dias além dos que gastei até Malta.

«Este Itinerario, que só me deliberei a escrever com o fim
«de desafiar algum patricio a emprender a viagem de que elle
«tracta, materia agradavel poderia incluir se não me restrin-
«gisse a indicar o trilho que vi seguir a Inglezes, Francezes,

«Prussianos, Polacos, Gregos, Napolitanos, Piemontezes, e até
«a dous Officiaes Turcos que, por mandado do seu Governo
«hiam em fim estudar Tachygraphia a Pariz; mas receei es-
«tender-me demasiado, ou affastar-me do objecto principal.
«Se com effeito elle servir de incentivo a que outro Portuguez
«sáhia do estreito circulo em que vivemos, mui vaidoso ficarei,
«pois impossivel será não trazer quem quer que fôr, algumas
«noticias e observaçoens de interesse para a Patria, affoitan-
«do-me por zêlo e amor della, a pedir-lhe que não se occupe
«em nos descrever monumentos esquecidos ou descobertos
«agora; instrua-nos com o seu juizo sobre o adiantamento de
«hum Povo que, havendo ha seculos cahido na barbaridade,
«torna a figurar entre as Naçoens cultas; deixe-se de reflectir
«sobre os mechanismos dessa hydraulica do Nilo, que a Eu-
«clides suscitou tão grandes pensamentos, declare só quaes
«maquinas se usam nos Arsenaes do Cairo e Alexandria, e di-
«ga-nos se rivalisam ou não com as maiores e mais engenhosas
«de Inglaterra ou França; moralise ácerca da educação de hum
«Principe despotico, embarcado em concorrencia com trinta
«Aspirantes, ao qual se faz ir á pedra e dar liçoens de Geome-
«tria sem nenhuma distincção de pessoa, uniformisado como
«os mais Alumnos, a cuja classe pertence, fallando Inglez e
«Francez sem ostentação ou vaidade, e recebendo os estran-
«geiros com gosto e delicadeza, não na camara do comman-
«dante da Náo Almirante *S. João d'Acre,* mas no seu cama-
«rote; descreva a marcha de 6:000 soldados Arabes, ao lado
«dos quaes passa huma Caravana no Deserto, que igualam em
«disciplina á melhor tropa que imaginar se póde; falle do des-
«envolvimento da politica de huma grande Nação, e diga-nos
«se a França, á sombra da sua navegação por Vapôres, vai ou
«não invadindo e conquistando o Egypto insensivelmente, re-
«conhecendo que o melhor meio de estender e conservar o seu
«poder, foi augmentar a sua Marinha, organisa-la, e servi-la
«com hum luxo como nunca houve em seus exercitos; rectifi-
«que algumas tradicçoens desfiguradas, e historias maravilho-
«sas e inverosimeis; e publique finalmente qualquer Almanack

«de Bombaim, Madrasta, ou Calcuttá, e a anályse ás suas ma-
«terias com referencia ás nossas colonias, a nossos usos e cos-
«tumes, e á nossa maneira de governar. Se assim fizer, muito
«aproveitaremos, porque em verdade, cahem as faces de ver-
«gonha a hum Portuguez quando depara com qualquer Estran-
«geiro neste nosso Portugal, ou quando a sorte o arroja por esse
«mundo. Eu não quero fallar da India, mas não posso deixar
«em silencio cousas de mais perto, e dir-lhes-hei que, no Cairo
«ha Consules, e bandeiras de todas as Naçoens e côres; que na
«praça dos Francos em Alexandria, tremulam quantas se co-
«nhecem, inclusivamente a mesma do Papa, menos a Portu-
«gueza! Em todas as portas dos edificios daquella praça ha
«brazoens de armas; acolá huma Aguia negra, aqui duas outras
«coroadas, mais adiante hum escudo listado, áquem os Leoens
«d'Hespanha, os Tropheos e o Livro da Constituição de França,
«os Leopardos, etc., só não apparecem as Quinas Lusitanas!
«Os Suecos e Dinamarquezes, lá nos gelos do Circulo Artico,
«lembraram-se dos seus direitos no paiz das fabulas, e eu Por-
«tuguez, fui constrangido a mendigar hum Passaporte Britan-
«nico por não haver quem representasse a minha nação! Por-
«tugal quasi que se esquece apesar desses genios transcen-
«dentes que possue! Sim, he hum facto, no livro das Epheme-
«rides Inglezas para este anno e o seguinte, la vem a Taboa
«Cosmographica dos principaes Observatorios, e os trabalhos
«apresentados até ao fim do anno de 37, para os de 1838 e 39;
«todas as naçoens pagaram seu tributo á Astronomia, os nos-
«sos visinhos em guerra civil, não deixaram de ter em Cadiz e
«Sevilha quem sustentasse a honra do seu nome; até do Cabo
«da Boa Esperança, até da Java se receberam contingentes de
«sciencia; e Lisboa com Academias e Lyceus, e Coimbra com
«huma Universidade, não tiveram quem mandar por aquella
«escada de Minerva, queimar algum incenso no altar da Deusa;
«na relação dos Observatorios conhecidos, não apparece ne-
«nhum de Portugal!! As Cartas Hydrographicas das nossas
«possessões ultramarinas, ei-las se publicaram levantadas por
«Curvetas Francezas, no Mar da China lá andam Observadores

«Francezes, o Capitão de Mar e Guerra *Laplace* lá vai pela ter-
«ceira vez fazer a viagem á roda do mundo na bonita e rica
«Fragata *L'Artemise*, lá sondou o ancoradouro da Agoada, lá
«foi neste Janeiro a Damão e Dio, lá ha de ír a Macáo, e nós...
«huma incomprehensivel força de inercia nos rouba o cabedal
«e o tempo. Por tudo isto, bom será que alguem sáhia, e que
«veja; com 2:000$000 de réis dentro em hum anno, póde
«correr a nossa India, ver da India Ingleza, Calcuttá, Madrasta,
«e Bombaim; cevar-se de admiração á vista d'aquelle Cabo
«d'Adém, onde hum punhado de Portuguezes, vulnerando
«huma fortaleza que parecia innaccessivel, exterminou mais
«de mil Musulmanos, ferozes como ainda hoje são; vir pelo
«Mar Vermelho, saltar em Cossier, atravessar a Thebas, vir
«pelo Cairo e Alexandria, passar a Athenas e Malta, e fechar
«o seu giro por Marselha, Pariz, e Londres. Quanto a mim, não
«quererei correr mais mundo, pois tendo visto a Costa do Bra-
«zil, a Costa d'Africa, o Sepulchro de Napoleão, o focinho do
«Cabo da Boa Esperança, a Costa do Malabar, a foz do Ganges,
«os muros de Malaca, as Filippinas, os estragos dos Tufoens
«na China, as correntes do Sunda, as visinhanças do Monte
«Sinai, as areias do Deserto, as Pyramides, e tendo até comido
«as decantadas cebollas do Egypto, terminando a minha pere-
«grinação por essa patria dos Anacharsis, supponho ter feito
«mais do que conviria ao meu estado de chefe de familia, po-
«bre, e perseguido, por quem he menos patriota do que eu;
«pois asseguro, que, por toda a parte onde tenho apparecido,
«tenho mostrado hum coração Portuguez, e esse palpita, e pal-
«pitará sempre por esta terra onde nasci.»

---

«*P. S.* Por ser cousa que diz respeito a hum Heroe Lusi-
«tano, aqui transcrevo os disticos do pedestal de jaspe, de
«huma bella Estatua em bronze, que os conquistadores de
«Malta respeitaram, cujo desenho tirei por puro patriotismo:

*Face do S. E. ou da frente*

EMINENTISSIMO
ET SEN. PRINCIPI
ANT. MANOEL DE VILHENA
LUSITANO
MILITENTIUM EQUITUM
MAGNO MAGISTRO
ARCEM MANOEL
POTENTISSIMUM
ORDINIS PROPUGNACULUM
SUO ÆRE A' FUNDAMENTIS
EXTRUXIT

---

*Face do N. E.*

QUOD
CIVITATEM VALETTAM
NOVIS OPERIBUS ITA
MUNIVIT
UT INFIDELIUM CONATIBUS
IMPERVIAM REDDIDERIT

---

*Face do N. O.*

QUOD
ALENDIS PAUPERIBUS
EDUCANDIS VIRGINIBUS
NOSACOMIIS ALISQUE
ÆDIBUS HOSPITALIBUS
ÆDIFICANDIS ET DOTANDIS
SE SUAQUE DEVOVIT

---

*Face do S. O.*

QUOD
IN PERENNE PIETATIS
ET VIGILANTIÆ
NECNON ET REI NAVALIS
PROPRIIS SUMPTIBUS AUCTÆ
MONUMENTUM.
ENSE PILEOQUE DONATUS
ESTA SUM. PONT. BENED. XIII
HEROI LUSITANO
EQUES GALLUS PATROCINII
BENEFICIORUMQUE MEMOR
DAT DICAT CONSECRAT
ANNO MDCCXXXVI

## XXIII

### BERNARDINO PEDRO DE ARAUJO

Não ha nada mais grato a quem trabalha por glorificar o seu paiz, do que as demonstraçoens deste serviço lhe ser aceito, embora isso não signifique lucro pecuniario, porque a ideia determinativa do facto, não partio de calculo interesseiro. Quem se vota a hum rasgo de civismo, não olha ao proveito que d'ahi póde colher, mas ao fim unico de se tornar distincto, attrahindo sobre o seu nome os louvores da multidão, ou as bençãos da patria, quando a transcendencia da obra emprendida merece recompensa; obtendo quem se move com esta esperança, huma consideração equivalente ao merito daquella, que acaba com o sujeito, ou lhe sobrevive, conforme o gráo de utilidade que d'ahi resulta aos seus, ou ao genero humano.

He isto que se observa, desde que a tradição ou a escripta fizeram conhecer o maquinismo da estructura racional. Pela nossa parte declaramos que, tudo quanto em nós se opéra, dimana dos principios assim estabelecidos, cumprindo os deveres do nosso cargo, ou dedicando-nos a trabalhos espontaneos, por effeito da acção por elles exercida sobre os orgãos constitutivos da nossa individualidade.

E assim convencido, como geralmente suppomos os nossos semelhantes da verdade desta doutrina, por bem pago nos damos dos esforços feitos para sobresairmos dentre a classe mais

vulgar, recebendo lisonjeiras provas de benevolencia, que nos incitam a commemorar incessantemente os serviços dos nossos maritimos, que o tempo e o descuido do seu registo, fariam esquecer para sempre.

Os prestados pelo capitão de mar e guerra Bernardino Pedro de Araujo estão no caso de mencionar-se com gosto, e tomâmos esta tarefa, não só pelo nosso desejo de honrar a memoria de quem vestio o uniforme de Marinha e pelejou sobre as agoas do mar, se não por que fomos seu amigo, servimos ás suas ordens no cerco do Porto, e nos distinguio de modo muito superior a tudo que de nós presumiamos. E posto que elle não defendesse a bandeira nacional em hum navio de guerra atacado por outro tambem de guerra, onde os brios e leis militares o chamassem a desembainhar a espada e a perder a vida na defesa do seu paiz como devem fazer todos que se gloriam de pertencer ao exercito de mar ou de terra; comtudo procedeo com igual galhardia, em hum vaso de commercio, contra hum corsario insurgente que o atacou da maneira mais atrevida, matando-lhe onze homens, e ferindo-lhe treze, em dois diversos encontros, que tiveram logar nos dias 2, e 5 de Julho de 1819; nos quaes este official e a equipagem do navio *Princeza,* deram provas de muito valor, muita dedicação, e muita intelligencia, de que se fará melhor ideia, na presença da parte dada ao ministro e secretario d'estado dos negocios da Marinha D. Miguel Pereira Forjaz, em que se relatam as circumstancias do successo, pelo qual o mesmo Bernardino obteve o soldo dobrado da sua patente e das mais que ao diante fosse merecendo. Eis aqui o officio que veio publicado na Gazeta de Lisboa n.º 208 de Sexta feira 3 de Setembro de 1819:

«Lisboa 2 *de Setembro. Copia de hum Officio do Capitão «de Mar e Guerra graduado* Bernardino Pedro de Araujo, «*Commandante do Navio Mercante armado* Princesa do Bra-«sil, *participando ao Illustrissimo e Excellentissimo Secre-«tario dos Negocios da Marinha o successo dos combates que «teve com hum Corsario Insurgente.*

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: — Tenho a honra «de levar á presença de V. E., que, seguindo viagem do *Rio* «*de Janeiro* para a Cidade de *Lisboa,* no dia Sexta feira 2 de «Julho de 1819, ás cinco horas da manhã se vio na alheta de «estibordo huma Embarcação que seguia a rumo de Leste, as- «sim como nós com vento Sudoeste bonançoso. Ás 11 horas e «hum quarto, tendo-se aproximado com muita rapidez, vi ser «hum brigue; icei bandeira e flamula Portugueza e lhe fiz «fogo com hum dos guarda-lemes, e não tendo no espaço de «hum quarto de hora içado bandeira alguma, lhe fiz outro «tiro; içou então bandeira e flamula *Ingleza;* e vendo que «não desvelejava, lhe mandei fazer fogo. Achando-se elle já «em pequena distancia ao meio dia Lat. N. 39° 12′, e 36° 3′ «(Long.) a O. de *Greenwich,* carregou a véla grande, e eu «meti de ló a offerecer-lhe o costado, o que elle fez tambem «arreando a bandeira *Ingleza,* e içando a dos Insurgentes que «içou com huma banda, matando-nos tres homens. Continuando «o fogo por dez minutos, arribou para a minha pôpa, o que «igualmente fiz, offerecendo-lhe o costado de bombordo, onde «houve hum vivissimo fogo de parte a parte que durou duas «horas e meia.

«Deitou então o Corsario em cheio, pondo-se em distancia «sufficiente para tapar rombos, e reparar os damnos da acção, «fazendo eu o mesmo, tendo-nos causado muito damno na mas- «treação, velame e maçame, e huma andaina de panno per- «dido, vindo metade da verga grande abaixo no conflicto da «acção, entrando igualmente nesta ruina alguns ovens de en- «xarcias reaes, estay do traquete, e a maior parte dos cabos «de laborar, servindo-me de alguns que tinha mandado do- «brar. O mastareo do velacho foi passado por huma balla de «metralha de 36, o costado com tres rombos ao lume d'agua «de ballas de 18, e mui crivado de metralha.—Vi que o Cor- «sario tinha dez portas, e trazia montadas oito caronadas de «calibre 18, por banda, e huma peça de 36, que foi a que me «causou todo o damno na mastreação, velame, e aparelho. Tive «mais 5 feridos, sendo 2 gravemente. A mim, huma balla de

«pyramide me deitou o oculo fora da mão, deixando-lhe im-
«pressa a cavidade, o qual conservo.

«Tendo eu logo que acabei a acção tratado de me arranjar
«para outra, érão 5 horas e tres quartos, o Brigue se dirigio
«á minha pôpa, e achando-se já proximo meti de ló, e lhe of-
«fereci novo combate, o que elle evitou metendo igualmente
«de ló, e não o podia alcançar pela grande differença da mar-
«cha. Conservando-se assim emparelhado comigo todo o resto
«da tarde, e de noite, puxou para a minha prôa, passando para
«sotavento a tomar o Navio *Hercules;* mas arribando eu sobre
«elle, deitou em cheio, e se poz fora de vista, tornando a ap-
«parecer por meu barlavento ás 3 horas da manhã, e ahi se
«conservou fora de tiro de balla os dias 3, e 4.

«No dia 5 ás 10 horas da manhã, tendo de todo acalmado
«o vento, deitou remos fora, e se dirigio para nós; mas tor-
«nando a vir aragem com que se podia dar movimento ao Na-
«vio, meteo os remos dentro, e desistio do seu projecto. Sendo
«11 horas tornou o vento a acalmar, deitou novamente os re-
«mos fora, e se dirigio para a minha pôpa; porém arribando
«de per si o Navio, nos ficou pelò travez de bombordo, e ten-
«do-se aproximado a tiro de metralha, icei a minha bandeira,
«e com elle rompi o fogo: dirigio-se para a minha prôa, donde
«lhe fiz fogo com os cachorros, e passando para meu estibor-
«do, se firmou no meu travez por espaço de huma hora a tiro
«de espingarda; veio depois á minha pôpa, onde se demorou
«pouco tempo, havendo de parte a parte em todas estas posi-
«ções hum fogo activissimo. Passando-se daqui para meu bom-
«bordo, firmou-se no travez a meio tiro de espingarda, onde
«houve reciproco e vivissimo fogo por duas horas e meia. Desta
«posição fez cabeça com os remos, ficando aproado ás mezas
«grandes, projectando abordar; mas continuando nós o fogo,
«se foi passando para as mezas da gata, recebendo muito fogo
«d'artilheria e mosquetaria, que em todos os precedentes pon-
«tos obrou em consequencia da proximidade. Dirigio-se então
«pela minha pôpa, remando para o Navio *Hercules*, continuan-
«do nós o fogo até muito proximo de lhe abordar.

«Durou esta acção quatro horas e dez minutos; ficarão-me «cortadas as enxarcias reaes, a verga do traquete partida no «terço, o estay da gavia, e todos os cabos de laborar, brandaes, «enxarcias de gavea, etc.: duas ballas de 18 cravadas no mas-«tro grande; 6 ao lume d'agua; o costado todo crivado de me-«tralha; mastareos de gavea e gata escalados por balas, e muitos «rombos pelas obras mortas, e outra andayna de panno per-«dida. — O Corsario pegou a reboque no Navio *Hercules*, e o «conduzio fora do alcance de balla.

«Tive nesta acção 7 mortos, e 7 feridos, entrando em o nu-«mero destes o meu segundo Official Piloto com as pernas que-«bradas logo no principio da acção, do que morreo. Eu tive a «felicidade de que, passando-me huma balla de metralha a «copa do chapéo pela frente, me sahio pela parte opposta, indo «em direcção obliqua, sentindo levar porção de cabellos no «lugar do craneo.

«O inimigo foi igualmente muito destroçado nas duas acções, «pois se lhe fizerão muitos rombos, todo o velame crivado, o «maçame cortado, e algumas vergas partidas.

«Ás 7 horas e meia da tarde recebi a bordo 39 pessoas, que «fazião a guarnição, e passageiros, *(do Navio Hercules)* vindas «na lancha do mesmo Navio. — A esta confessarão que tinhão «tido nas duas acções 24 mortos e hum grande numero de «feridos, e que havia vinte dias que tinhão sahido da *America* «*Ingleza*. Tambem perguntarão pela outra Galera que em «nossa companhia sahira do *Rio de Janeiro*. — O comman-«dante do navio *Hercules*, sendo levado a bordo do Corsario, «esteve na camara com o Commandante *Americano-Inglez*, «que estava ferido no peito, arquejando entre travesseiros.

«A mesma guarnição do *Hercules* me asseverou que quan-«tos lhe tinhão saltado dentro se achavão feridos mais ou me-«nos; o que não podia deixar de ser, visto o muito fogo que «se lhe fez d'artilheria e armas de mão em huma tão curta «distancia.

«Pela presente exposição V. Exc. verá o esforço que a Guar-«nição de hum Navio Mercante armado fez para destruir, e re-

«pellir hum inimigo tão poderoso em forças, fazendo-se deste «modo digna da Regia contemplação de S. M., que não deixará «de attender a vassallos tão benemeritos, que com tanta con-«stancia sustentárão a dignidade da sua Bandeira, a honra da «sua Nação, e os direitos de S. M.

«Deos guarde a V. Exc. muitos annos. Bordo do Navio *Prin-«ceza do Brasil* — Faial 20 de Julho de 1819. — Illustrissimo «e Excellentissimo Senhor *D. Miguel Pereira Forjaz,* Secre-«tario dos Negocios da Marinha. = *Bernardino Pedro de «Araujo,* Capitão de Mar e Guerra Graduado, e Comman-«dante.»

«*Relação dos mortos e feridos que houve a bordo do Navio* «Princesa do Brasil *nos combates de 2 e 5 de Julho referidos «no precedente Officio.*

«*Mortos. O Piloto* Thomás José Francisco da Cruz; *o Con-«destavel* Joaquim Rodrigues; *os Marinheiros* João Antonio, «Bartholomeu Serra, Marcellino da Rocha, e Antonio de Mat-«tos: *os Grumetes* Manoel Nunes, João Luiz, Rozendo Paz, «José Domingues.

«*Feridos. Os Condestaveis* José Mello, e José Cabral; *os «Marinheiros* José Francisco da Silva, Jeronymo Ferreira, «Manoel Joaquim 3.º, Francisco Coelho, e Manoel José Vi-«cente; *os Grumetes* João Pereira, Zacarias Nunes, José Cli-«mane, Francisco Pinto, José Silvestre, e Antonio Francisco «(com huma perna quebrada e poucas esperanças de vida).

«*Estropeados. Os Marinheiros* Alexandre de Sequeira, e «João de Sousa.

«N. B. Excepto os estropeados, e o ultimo ferido, os mais «se achão restabelecidos. Faial 15 de Agosto de 1819.»

Aqui temos dois combates de hum navio mercante com hum corsario, dos quaes foram victimas vinte e cinco pessoas, ficando logo mortas dez, treze feridas, e duas estropeadas. Aqui não houve imposturas de muito fogo, muita sciencia, muita valentia, muito alarde de manobras, sem a final morrer ninguem, ou haverem avarias de parte a parte como já ouvimos e lemos

de certos casos apregoados e allegados para se darem póstos e condecoraçoens a pessoas que pertenderam favorecer-se: Aqui, nestes combates do navio *Princeza* não houve nada imaginario, tudo foi verdadeiro, houve fogo a valer, a meio alcance de fuzil, que partio vergas, cortou cabos, rompeo o pano, e matou, e ferio vinte e cinco pessoas, começando pelo piloto da embarcação. Aqui houve sciencia, houve manobras e valor de toda a gente, de toda a equipagem que, vendo cahir tres homens della mortos á primeira çurriada do inimigo, não desanimou no segundo dia em que foi atacada, apesar d'aquellas cruentas amostras da sorte a que se expunha. Não foi necessaria a disciplina militar, nem as penas dos Artigos de guerra, para forçar os Marinheiros do commercio e só de commercio á peleja, da qual viam os terriveis effeitos! Huma guarnição de quarenta e seis pessoas que estava reduzida a vinte e huma, não esmoreceo, nem deixou de conservar-se firme ao pé das bocas de fogo que defendia, e honravam a sua bandeira.

Deste galhardo proceder, se concluem dois factos bem salientes, que vem a ser: Primeiro, o valor e o patriotismo da gente portugueza: Segundo, a confiança que lhe inspirava a habilidade e brioso caracter do commandante Bernardino Pedro de Araujo! Que mais faria, e mais se poderia esperar de huma guarnição, e de hum navio propriamente de guerra?! E assim, se confirma o que já noutro volume desta obra avançámos, de que: não ha differença entre Marinheiros militares, ou não militares, quando se trata de defender a Bandeira Portugueza. Estamos persaudido de que a bordo do navio *Princeza do Brasil* ninguem teria a fraqueza de pegar na adriça della para ser arriada, quando a maioria da sua guarnição jazesse estendida no convés, como aconteceo á do brigue *Minerva* que hia submergir-se còm ella na profundesa dos mares, se os seus generosos inimigos não acudissem a salvar tão heroicos defensores. Ainda outra consideração: Bernardino Pedro de Araujo que emigrou para o Porto em capitão de mar e guerra, que servio ali o cargo de Major General, que foi promovido a chefe de divisão, morreo sem ser commendador!

Nunca lhe ouvimos alardear os seus serviços, o seu patriotismo, nem a falta de consideração do governo para com elle; e como se vê tinha bastantes, e bastante patriotismo que o determinou a emigrar numa idade avançada, não por especulação, pois não se prevaleceo desse acto civico para obter recompensas: nunca o vimos invejoso das que se davam aos outros, e temos quasi a certeza de que todas quantas se deram aos officiaes de Marinha no tempo do cerco, foram devidas aos honrosos informes que elle deo a respeito da sua valerosa conducta. Hoje quantas commendas, quantos distinctivos de mérito, quantas medalhas da Torre e Espada avultam nas ábas de muita farda que nunca chamuscou o fumo da polvora, queimada perigosa e patrioticamente na defeza do seu paiz?! O primeiro Major General da Armada da Senhora D. Maria 2.ª morreo sem Carta de Conselho, sem a medalha da Torre e Espada, e sem huma commenda!

## XXIV

### TRES OFFICIAES DISTINCTOS

1863. Corre o nono mez do sexagesimo anno do seculo XIX, faltando apenas trinta e sete solsticios de Cancro para elle findar. Quantos nomes de maritimos portuguezes pertencentes á geração actual, figurarão nas paginas que depois se imprimirem, commemorativas dos feitos desta arma em honra do paiz que deve defender? Por grande que seja a lista, receamos que o historiador, seja menos feliz do que temos sido na resenha que nos occupa, em vista das tendencias pacificas de toda a Europa, que affastam dos seus habitantes, quaesquer ideias bellicosas, como essas que nos cincoenta annos ultimamente decorridos, deram occasião a que nós, e outros póvos andassemos armados, e aggredindo-nos mutuamente, donde resultaram esses rasgos de valor e de patriotismo que huns e outros á porfia tem buscado exaltar. Pela nossa parte, não nos descuidaremos de proseguir no epilogo dos que nos dizem respeito, para prova de que, se então nos suppòserem menos aguerridos por falta da sua noticia, he porque assim o pede a época de equilibrio social, mais regrada nas perturbaçoens da ordem publica; mas quando a ellas provocados, não deixaremos de proceder com igual galhardia, e o mesmo valor, instinctivos da raça latina, que tão recommendavel sempre a tornaram na peninsula hiberica defendendo os seus fóros e direitos patrios.

Quem se der a esta gostosa empreza de recordar o nobre proceder dos nossos maritimos, tanto de guerra como de commercio, quando atacados pelos seus inimigos, hade a todo o instante gloriar-se de lhes chamar Portuguezes, e honrar-se de pertencer a tão generosa nação; porque a generalidade das suas obras, revella huma prudencia, huma logica, hum fundo de razão, e huma indole de justiça que mal se acharão reunidas em nenhuma outra. Referindo-nos á Marinha que he o nosso objecto, medite-se bem que, durante as guerras com os Francezes, Hespanhoes, e os insurgentes da America do Sul, nunca armámos hum barco de côrso! A nossa Marinha militar cruzava contra os corsarios inimigos, e a nossa Marinha do commercio, andava armada para se defender delles, mas nunca para usar de represalias, nem impellida da ideia de fazer presas. Apesar dos exemplos dados por Francezes, Hespanhoes, Inglezes, Hollandezes, e Americanos do Norte e do Sul que infestaram os mares de piratas, nunca hum navio portuguez se armou para côrso: Todos os que levavam artilharia, faziam-no para sua guarda, e não para roubar á sombra da sua heroica bandeira; nenhuma das outras póde ostentar tamanha lealdade! A bandeira portugueza nunca tremulou para cobrir traição, roubo, ou falsidade; nunca metteo medo a nenhum navio amigo ou inimigo, como a outras acontecia. O navio armado portuguez, significava só, força, direito, resistencia legal, e não ideia de aggressão injusta na forma ou na essencia, posto que geralmente toleradas. Daqui vem que os nossos homens do mar, dotados da magnanima indole do povo deste paiz, mostraram sempre a bordo dos vasos que tripulavam, hum certo caracter que os fazia respeitar dos inimigos que os venciam. Vamos porém aos factos que determinaram a adopção do titulo deste capitulo.

O capitão tenente Antonio Gabriel Pereira Pessoa, nosso commandante de quarto no castello a bordo da fragata *Successo,* na viagem que ella fez de Lisboa para o Rio de Janeiro em Agosto de 1819, éra de huma communicabilidade tão attrahente e expansiva, que fazia desapparecer a distancia que

nesse tempo havia entre hum voluntario e hum official superior, dando por isso logar a confidencias, contando cada hum a sua vida, ou entretendo-se com as alheias, sobretudo nos quartos de noite, onde no castello apenas se estava álerta para executar o que mandava quem vigiava na tolda. Daqui veio sabermos a maneira distincta com que em duas viagens, este digno official combatera no seu brigue os corsarios francezes, fazendo fugir da primeira vez o inimigo, mas ficando prisioneiro da segunda, e levado para França onde esteve seis annos, até que foi trocado. Quanto então lhe ouvimos, pareceo-nos ser exacto, mas não havendo provas que abonem o relatorio, deixamos de o reproduzir, bem que lhe démos inteiro credito, e só daremos hoje a noticia do seu combate no brigue *Providencia* com dois corsarios de Artigas, dos quaes se publicaram as circumstancias officialmente, e que lhe ouvimos repetir no Porto, a bordo da curveta *Regencia* que elle commandava em 1832, muito detalhadamente.

Como porém o que deve interessar o publico para fazer juizo do valor e merito deste habil e valente militar são os factos essenciaes do seu combate, e não os episodios que dariam a esta recordação delle o caracter de romance, passaremos desde já a copiar do Diario do Governo, de Terça feira 11 de Dezembro de 1821, o que elle declara a este respeito.

«Artigos de Officio.

«Manda El-Rei, pela Secretaria de Estado dos Negocios da «Marinha, remetter ao Conselho do Almirantado para sua de«vida intelligencia a copia inclusa do Officio dirigido da Pro«vincia do *Rio de Janeiro* pelo Commandante do Bergantim «*Providencia* o Capitão Tenente Antonio Gabriel Pereira Pes«soa, no qual relata o combate que teve com hum Bergantim «Corsario ao Sul das Ilhas de *Cabo Verde* no dia 8 de Agosto «proximo passado, cujo Bergantim andando em companhia de «huma Corveta, esta pelo seu menor andamento estava bastan«te distanciada na occasião do combate, que durou duas horas «e meia, do qual pôde conseguir retirar-se aquelle Bergantim

«para barlavento, em razão de ser mais veleiro, e como se po-
«sesse fóra do combate, e já com bastante avaria, a esperar a
«reunião da Corveta, fez o dito Commandante toda a força de
«vella, sofrendo com tudo, logo que se effectuou a reunião,
«bastante fogo pela pôpa, até que metendo-se a noite, pelos
«differentes rumos, e manobras que fez, conseguio no dia se-
«guinte ver-se muito distanciado da Corveta, não se atrevendo
«o Bergantim que se achava mais proximo a barlavento, a tra-
«var novo combate; e então se retirou seguindo a sua viagem
«ao *Rio de Janeiro* na conformidade das Ordens que tinha
«recebido. O mesmo Commandante no dito seu Officio, expõe
«o denodado valor que mostrárão os seus Officiaes, e toda a
«mais Guarnição naquelle Combate, do qual resultou ficarem
«cinco feridos e hum delles gravemente, e o Bergantim com
«bastante avaria, o que o Conselho do Almirantado deve ter
«em contemplação, mandando fazer as compettentes notas
«nos assentamentos daquelles Officiaes. Palacio de *Queluz*
«em 9 de Dezembro de 1821. == *Joaquim José Monteiro*
«*Torres.*»

Procurámos a copia do Officio a que se refere esta Portaria, mas não nos foi possivel encontra-la na Secretaria d'Estado, no Quartel General, nem na secretaria do Conselho Supremo Militar por onde transitou. Sabemos os promenores deste combate, referidos pelo proprio commandante, no qual o seu immediato, o primeiro tenente Rodrigo José de Lima Felner mostrou o maior desembaraço, e bem como a tripulação, huma coragem merecedores de todo o elogio, mas entendemos não dever confundir o que apenas ouvimos aos interessados, com as participaçoens authenticas, e depois comprovadas por testimunhas insuspeitas.

Comtudo o procedimento do commandante Pessoa e da sua guarnição, mereceo que o ministro almirante Torres, como intelligente apreciador das cousas navaes, mandasse pôr notas nos seus assentamentos, e notas que não éram em seu desabono como se deprehende do contexto da Portaria que dei-

xamos transcripta por onde se demonstra o interesse que os actos do mesmo commandante suscitavam.

*Diogo Luiz Pereira,* capitão de fragata, e commandante da curveta *Lealdade* assim que ella armou logo ao cahir no mar, éra hum official dos mais acreditados na nossa Marinha, tanto pelo seu saber, como pela sua probidade; *probidade,* que nem todos então, como hoje, gosam deste bom conceito, e o caso he que nesta materia podemos repetir aquelles versos do nosso epico:

«O Magalhães, no feito com verdade
«Portuguez, porém não na lealdade.

Mas com effeito, Diogo Luiz éra merecedor da boa fama que alcançara, tanto em subalterno e de guarnição a bordo dos navios que foram a Argel, a Tunis, e a Malta, como nos da esquadra do Canal, e por isso teve a honra de ser nomeado commandante da nova curveta *Lealdade* que se armou para cruzar na costa, e combater a curveta insurgente e mais navios de corso que infestavam os mares portuguezes do continente, e das ilhas dos Açores e Madeira. Desde Agosto de 1819 que a *Lealdade* sahio a cruzar, não houve mais prezas nestas paragens porque ella affugentava os corsarios, procurando-os com huma felicidade e audacia a que nenhum inimigo resistia. A *Lealdade* visse huma, duas, ou tres velas suspeitas, hia procura-las, e com tal arreganho e galhardia, que raras vezes a esperavam para o combate. Fomos até testimunhas do ardimento do bravo commandante Diogo Luiz, quando em 26 de Agosto de 1820, regressavamos do Rio de Janeiro na charrua *Magnanimo,* que apparentava de fragata, a curveta *Lealdade* nos deo caça e nos tentou reconhecer pondo-se a barlavento em acção de combate, sem que os dois navios se reconhecessem, ou içassem bandeira; tanto porque de bordo da *Magnanimo* desconfiaram da curveta nova ser insurgente; como porque de bordo della supposeram que a *Magnanimo* éra a celebre *Heroina,* depois apresada pela fragata *Perola.* No entretanto, vio-se que o commandante Diogo Luiz Pereira buscou magistral, e audazmente hum navio de su-

perior força que julgou inimigo, e se dispunha a bater-se com elle, sem nenhum temor da sua superioridade. Mas emfim, vamos a hum facto que prova o animo e a pericia deste benemerito official, de que ha toda a certeza, pela participação official que em seguida trasladamos:

«Illustrissimo e Excellentissimo Sr. — Em observancia das «Ordens que recebi de V. Ex.ª no dia hum do corrente, fiz-me «de véla pelas 5 horas da manhã do dia 2, e da mesma fórma «o Bergantim *Audaz*, e ás 8 horas deitámos de Barra fora; ás «9 horas dei vista de tres Embarcações por barlavento da Prôa, «dirigi-me logo a dar-lhe cassa, e algum tempo depois conheci «que huma das ditas Embarcações éra a Corveta Insurgente, «outra a Escuna, e a terceira hum Bergantim Estrangeiro, que «a mesma Escuna parecia estar registando: ás 10 horas, a Cor- «veta Insurgente deitou em cheio para mim com bandeira *Por-* «*tugueza*, e eu esperei atravessado, com Bandeira e Flamula «*Franceza*, logo que a dita Corveta chegou ao meu través, «orçou em distancia de me chegar a sua peça de rodisio: im- «mediatamente mariei com força de véla, arriei a bandeira que «tinha issada, e firmei a *Portugueza* com tres tiros de bala: «A Escuna Insurgente, que se achava nesta occasião atraves- «sada, e mais a barlavento, deitou em cheio a reunir-se á Cor- «veta, e insarão bandeira meia branca, e meia azul horisontal, «com huma diagonal encarnada, a qual firmou a Corveta com «dois tiros de metralha, que cahio a meia distancia, e eu segui «atirando alguns tiros, aos quaes me respondeu a Corveta, e «a Escuna logo que se reunirão, e seguirão depois fazendo-me «fogo com as peças de rodizio, cujas ballas cahirão a meu so- «tavento, cruzando-me os mastros: eu fui respondendo com «mais alguns tiros, não me propondo a romper hum vivo fogo «pela grande distancia em que me achava do Inimigo, e quasi «fora do alcance da Artilheria da Corveta. O Inimigo manobrou «sempre com todo o panno largo, e eu da mesma forma dili- «genciando chegar-me mais para barlavento, o que tambem o «Inimigo pertendia, e conseguio a Corveta por andar mais que

«a do meu Commando, e da mesma fórma a Escuna de muito «mais andar que a dita Corveta. Ás quatro horas e meia da «tarde cessou o fogo, por se ter augmentado a distancia entre «mim e o Inimigo, não só para vante, mas tambem para bar- «lavento, cuja distancia se foi progressivamente augmentando, «até que ás 10 horas da noite não se avistava o Inimigo, nem «o Bergantim *Audaz,* que pelo seu pouco andar, se achava em «grande distancia pela minha alheta de sotavento, apezar de «ter forçado de véla. As 11 horas da noite atravessei a Gata a «fim de se me reunir o *Audaz,* o que se verificou á huma hora «da manhã do dia 3. Ás 4 horas da manhã do mesmo dia avis- «tou-se a Escuna Inimiga pela amura de barlavento, quasi ala- «gada, não apparecendo a Corveta em todo o horisonte, ou «Embarcação que o parecesse. Fui sempre continuando em «dar cassa á Escuna, a qual manobrou, orçando, arribando, e «diminuindo de panno, e assim mesmo augmentando sempre «a distancia, ou pela minha prôa, ou para barlavento, até que «finalmente virou de bordo; e vendo eu que a dita Escuna se «não tinha perdido de vista, assim como a Corveta andando «menos, acreditei que terião combinado, a Escuna attrahir-me «para longe da Costa, e a Corveta aproximar-se, a fim de fazer «a seu salvo algumas prezas: em consequencia dirigi-me a con- «sultar o Commandante do Bergantim *Audaz,* communican- «do-lhe o meu modo de pensar, o que foi por elle apoiado, e «consequentemente dirigi-me desde logo para o *Cabo da Roca.* «Durante o fim da tarde avistarão-se algumas Embarcações «Mercantes; comecei então a dar cassa a hum Bergantim que «julguei *Portuguez;* ás 9 horas e meia lhe fallei, e com effeito «encontrei ser *Portuguez,* denominado *Esperança,* vindo do «*Rio de Janeiro* para *Lisboa:* Ordenei logo ao seu Comman- «dante, o 2.° Tenente *Botelho,* de navegar em minha conserva, «até o pôr em segurança. Ás 5 horas da manhã do dia de hoje «avistei o *Cabo da Roca,* sem ver nestas immediações Embar- «cação alguma de suspeita. Cumpre-me finalmente communi- «car a V. Ex.ª, que durante o pequeno combate que tive com «os Insurgentes, os meus Officiaes, Voluntarios, e toda a mais

«guarnição, me dérão exemplo de valor, e socego de espirito, «gritando todos por muitas vezes com o mais decisivo enthu- «siasmo —Viva a Constituição, e viva El Rei, viva o Governo «de *Portugal.* He quanto se me offerece participar a V. Ex.ª

«Deos guarde a V. Ex.ª Bordo da Corveta *Lealdade* á véla «duas legoas ao Sudoeste[1] do *Cabo da Roca,* ás 10 horas da «manhã do dia 4 de Junho de 1821.—Illustrissimo e Excel- «lentissimo Senhor *Francisco Maximiliano de Sousa.—Diogo «Luiz Pereira de Sousa,* Capitão de Fragata Commandante.»

Deste Officio se conclue que o Commandante Diogo Luiz, procurou bater-se desacompanhado do brigue *Audaz,* com huma curveta e huma escuna armadas com rodizios, tendo elle apenas caronadas na *Lealdade,* e que se não chegou a medir-se com elles, foi porque éram de superior marcha, levando-lhe vantagem até no melhor pé, para as manobras. Vê-se que elle e a sua guarnição éram valentes, e queriam distinguir-se, e se mais não fizeram, foi por culpa dos inimigos que se retiraram.

*João Victor Jorge.* Este Official éra considerado dos mais habeis do seu tempo, quer pelos seus estudos e amor aos livros, quer pela sua esmerada educação, e quer pela sua pratica do mar, para o qual tinha huma certa queda, indicadora dos bons serviços que elle ali podia prestar. Por causa disto, e de saber fallar bem a lingua ingleza foi posto ás ordens do almirante *Berkeley,* commandante das forças navaes inglezas e portuguezas, em cujo serviço desempenhou commissoens importantes, sendo huma d'ellas destroir as baterias inimigas em *Moguer,* que lhe mereceo o posto immediato, como refere a Gazeta de Lisboa n.º 64 de Sexta feira 15 de Março de 1811.

[1] Este digno e habil Commandante, escrevendo a hum ministro da Marinha, tambem Official do mesmo officio que entendia as abreviaturas da orthographia naval, escrevia por extenso os rumos da Agulha, e os aristarcos e doutores que presumem saber de tudo, censuravam-me de proceder da mesma maneira, não attendendo a que hum romance, huma historia, e até hum Officio não he hum *Diario Nautico.* Obrigado meus mestres, e senhores.

Diz ella:

«Por Decreto de 4 de Novembro de 1810 foi nomeado o «Almirante *Berkeley* por Conselheiro do Almirantado.

«O segundo Tenente *João Victor Jorge* foi promovido a pri-«meiro Tenente por Portaria do Governo do Reino datada de «27 de Fevereiro de 1811, cujo theor he o seguinte:

«O Principe Regente Nosso Senhor, attendendo ao valor com «que se houve o segundo Tenente *João Victor Jorge* no ataque, «e destruição de huma bateria inimiga em *Moguer*, e á recom-«mendação do Almirante *Berkeley*, Commandante em Chefe «da Marinha neste Reino, pela actividade, e zelo, com que o «dito Official se tem distinguido no exercicio de seu Ajudante «de Ordens: Ha por bem promovello ao Posto de primeiro Te-«nente da Armada Real, e he servido que o Conselho do Almi-«rantado passe as Ordens necessarias para que se lhe dê o exer-«cicio do referido Posto, independente da apresentação da sua «Patente. Palacio do Governo em 27 de Fevereiro de 1811.— «Com tres Rubricas.

«Secretaria do Conselho do Almirantado em 12 de Março «de 1811.

«*Antonio Pires Alves de Miranda.*»

Como estes que acabam de mencionar-se, e mal se enxergavam entre a multidão de tantos que passaram desapercebidos a sua existencia servindo a patria, e dos quaes ninguem hoje se lembra, nem para o futuro havia lembrar-se, se hum velho admirador das suas virtudes guerreiras fosse menos fervoroso em os tornar memoraveis; outros hão-de receber igual preito, á proporção que o tempo e o desempenho impreterivel de deveres officiaes o permittir, pois a lista dos que tem direito a que o seu nome não fique esquecido neste escripto, he ainda bastante extensa. Mas antes de proseguirmos na glorificação de quantos Marinheiros de guerra tivemos por mestres, e amigos na carreira que abraçámos, mencionaremos alguns documentos honrosos, que a sua exemplar conducta lhe soube conquistar.

Dois delles provieram do ultimo cruzeiro do Estreito, em que a nossa esquadra perseguindo incessantemente a esquadra tunezina, e quantos chavecos desta regencia foram avistados, os forçou a buscar abrigo debaixo das baterias de Gibraltar, onde se conservaram dezeseis mezes, sem ousarem sahir ao mar, porque a nossa vigilancia era tal, e a certesa do castigo tão evidente, que tomaram o consul inglez e o Governador da praça por medianeiros, para concluirem huma tregua de dois annos, como a alcansaram, mas ficando tão escarmentados, que mesmo depois da tregua finda, não hostilisaram mais a bandeira portugueza. Os documentos que se referem a este facto, descripto em muitas correspondencias de Gibraltar, onde a officialidade portugueza deixou gratas lembranças, são os seguintes:

«Hespanha. *Gibraltar* 22 *de Setembro.* 1818.

«Chegou a esta Praça hum Embaixador do Bey de *Tunez*, «o qual o Governador recebeo com huma salva de artilheria, «e mais honras devidas ao seu caracter e pessoa que repre«senta. O Embaixador, cuja presença infunde respeito, se mos«trou agradecido a todos os obsequios que lhe fez o Governa«dor, e deo publicas demonstrações do seu agradecimento.

«Hum dos objectos principaes da sua missão, segundo pa«rece, he tratar a paz com os *Portuguezes*, os quaes ha oito «mezes tem bloqueados nesta Bahia huma Corveta *(ou Brigue)* «e huma Goleta *(ou Escuna)* de guerra *Tunezinas*, que per«tencião a huma Divisão destinada para o *Oceano*, natural«mente para hostilisar contra a bandeira *Portugueza*, em ra«zão de se ter acabado a trégua que havia entre as duas Po«tencias.—O primeiro passo que deo o Embaixador foi mandar «desapparelhar a Corveta e a Goleta, e fretar hum Bergantim «*Inglez* para transportar a *Tunez* as tripulações, pois não tem «já meios de subsistencia.—O Commandante da Divisão *Por«tugueza* que as bloqueia, logo que soube desta disposição, «officiou ao Governador fazendo-lhe presente, que se veria na «necessidade de deter o dito Bergantim e conduzir a *Lisboa*

«prizioneiros os *Tunezinos,* por pertencerem a embarcações
«de guerra.—Não sabemos qual foi a resposta do Governador,
«mas o resultado foi anular-se o frete do Bergantim, e prin-
«cipiarem-se a apparelhar de novo os dois vasos *Tunezinos.*
«—Depois se tem sabido positivamente que o Embaixador ti-
«vera varias conferencias com o Commandante da Divisão *Por-*
«*tugueza,* e em consequencia dellas, foi expedida para *Tunez*
«no dia 13 huma Goleta *(Escuna)* com cartas para o Bey, do
«qual se espera a paz definitiva, ou huma trégua para tratar
«das condições della entre os dois Governos.—Os bons resul-
«tados que se espérão, neste negocio, se devem sem duvida
«ao Governo de *Portugal* por ter enviado em tempo oppor-
«tuno forças capazes de conter a passagem dos Corsarios *Tu-*
«*nezinos* ao Oceano, e juntamente á vigilancia e actividade dos
«Commandantes e Officialidade da Divisão *Portugueza,* que
«conseguirão não só bloquear n'esta Bahia os referidos vasos,
«mas tambem impedir os outros que tratavão de eludir o cru-
«zeiro estabelecido constantemente entre esta Praça, e a de
«*Ceuta.*—A Divisão *Portugueza* compõe-se das Fragatas *Pe-*
«*rola* de 44 peças, *Amazona* da mesma força, *Venus* de 36, e
«do Brigue-Escuna *Constancia* de 12. *(Diario Mercantil de*
«*Cadiz de* 29 *de Setembro.)*—Gazeta de Lisboa Num. 251
«de Sexta feira 23 de Outubro de 1818.»

O segundo documento vem na mesma Gazeta Num. 104 de 4 de Maio de 1819, que se expressa da maneira seguinte:

«Lisboa 3 de *Maio* de 1819.

«Temos a satisfação de transcrever o artigo seguinte, que
«extrahimos da Gazeta *Ingleza* de *Gibraltar* de 17 do pas-
«sado mez de Abril:

«No dia 13 do corrente ao meio dia a Esquadra *Portugueza,*
«e os Navios de guerra *Tunezinos* surtos nesta Bahia, emban-
«deirárão e salvárão com huma salva de 21 tiros, por haver
«assignado o Commandante da Esquadra *Portugueza* huma
«Convenção de Trégua e suspensão d'armas por dois annos

«entre S. M. Fidellissima, e o Bey de *Tunez*, e para o que se «achava devidamente authorisado pelo seu Governo. A Esqua- «dra *Portugueza* está prompta a fazer-se á véla para *Lisboa* «logo que o vento aponte pelo *Levante*, e os Navios *Tunezinos* «voltaráõ ao seu paiz. — Por espaço de 16 mezes estivérão os «Navios *Portuguezes* nas aguas desta Bahia, e as suas Equipa- «gens conservárão-se sempre em tal disciplina, que nem hum «só habitante desta Praça foi molestado, nem infringidas as «Leis do Paiz no mais pequeno ponto. — S. Exc.ª o General «Governador teve sempre toda a contemplação pelo Comman- «dante e Officiaes da Esquadra, que na verdade se fizérão della «bem merecedores. — *Gibraltar* 15 de Abril de 1819.»

Se ha elogio mais completo, mais insuspeito, mais honroso de qualquer força naval, e onde se abone a sciencia, a activi- dade, a vigilancia, a moderação de todos os sujeitos della, que o publiquem, assim como hoje fazemos, para comemorar os nomes do capitão de Mar e guerra José Maria Monteiro, com- mandante da fragata *Perola* e da Esquadra; do capitão de mar e guerra graduado Manoel de Vasconcellos Pereira de Mello commandante da fragata *Amazona*; do capitão de fragata Diogo Luiz Pereira commandante da fragata *Venus*; e do primeiro tenente João Victor Jorge commandante do brigue-escuna *Constancia*. A esquadra ainda comprehendia huma pequena embarcação de que a Gazeta de Cadiz se esqueceo pela sua in- significancia, que éra hum chaveco armado em Gibraltar, mas que deve ser aqui nomeado muito especial e gostosamente pela maneira da sua acquisição, á qual não faremos o menor com- mentario em vista da noticia official que se publicou a seu res- peito. Ei-la:

«Gazeta de *Lisboa* num. 60. Quarta feira 11 de Março de «1818.

«Tendo os Negociantes *Portuguezes*, na Praça de *Gibral- «tar, Antonio Cerqueira de Carvalho*, e *Manoel de Andrade «e Silva*, offerecido ao Commandante da Esquadra *Portugueza*

«no Estreito de *Gibraltar*, hum chaveco que comprárão, ar-
«márão, e equipárão á sua propria custa, para auxilio do cru-
«zeiro em que actualmente se emprega a mesma Esquadra:
«Foi Sua Magestade Servido approvar a acceitação que o mes-
«mo Commandante fez de tão generosa offerta, e mandou ex-
«pedir aos referidos Negociantes, pela Secretaria d'estado dos
«Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos o Aviso que
«abaixo temos a satisfação de transcrever, pelo qual lhes man-
«dou louvar esta prova do seu zello, e patriotismo.

«*Para Antonio Cerqueira de Carvalho, e Manoel de Andrade*
«*e Silva, Negociantes da Praça de Gibraltar.*

«Pelo Officio de 2 do corrente mez, que o Commandante
«das Forças Navaes de Sua Magestade no cruzeiro de *Gibral-*
«*tar*, me dirigio, foi presente aos Governadores do Reino o lou-
«vavel, e distincto patriotismo com que V. M.[ces] offerecêrão para
«o serviço e auxilio das mesmas forças, hum Chaveco armado,
«e prompto á sua custa para ser empregado como convier, sem
«que fique por conta do Estado qualquer damno ou prejuizo
«que possa experimentar, e correndo o seu risco inteiramente
«por conta de V. M.[ces]: Os Governadores do Reino approvando
«a acceitação feita pelo dito Commandante desta generosa, e
«interessante offerta, assim como o apropriado nome de *Bom*
«*Portuguez* que o Commandante lhe deo, pela analogia que
«tem com a nobre acção que V. M.[ces] praticárão, me ordenão
«de agradecer a V. M.[ces] em Nome de Sua Magestade a cujo
«Real Conhecimento a vão fazer subir, esta clara, e importante
«prova do seu zelo e interesse pelo bem do Serviço do seu
«Soberano e da sua Nação.

«Deos guarde a V. M.[ces] — Palacio do Governo em 21 de
«Fevereiro de 1818. — *D. Miguel Pereira Forjaz.*»

Os cruzeiros de Gibraltar, e a caça aos corsarios barbares-
cos, foram sempre honrosos aos Portuguezes, de que já démos
hum lisonjeiro documento na *Paz de Tripoli* que descrevemos
circumstanciadamente, e serviam de escola á nossa Marinha,

que ali se adestrava, e entretinha os habitos bellicosos, que a punham a par das primeiras Marinhas do mundo, se não no numero de vasos e força de canhoens, ao menos no arreganho, habitos militares, e gosto de combater, que são naturaes, e caracteristicos de todo o militar que folga, se endurece, e honra de arvorar a bandeira do seu paiz sobre as agoas do mar. Sem repetir o que ácerca desta materia vai relatado nos muitos capitulos dos dois tomos por nós escriptos, trasladaremos sómente de hum periodico da época, a noticia que então veio do cruzeiro da náo *Vasco da Gama* em Dezembro de 1803, donde se evidencia o gosto com que os nossos Officiaes procuravam o inimigo, e faziam consistir nos seus serviços, e habitos navaes, o seu verdadeiro merito e singular patriotismo.

«Num. 49.—Gazeta de Lisboa. Terça feira 6 de Dezembro «de 1803.

«*Extracto de huma Carta escrita por um Official* Portuguez, «*a bordo da náo* Vasco da Gama, *a hum amigo de* Lisboa, «*com data de* 22 *de Novembro de* 1803 *na bahia de* Ali-«cante.

«Aproveito a primeira occasião que se me offerece para vos «tirar do cuidado em que vos terá posto a falta de noticias mi-«nhas, motivada pelo dilatado cruzeiro, de que passo a refe-«rir-vos as principaes circumstancias.

«Desejando ardentemente encontrar as embarcações *Arge-«linas,* que nesta estação infestão as costas do *Mediterraneo,* «sahimos de *Gibraltar* a 15 de Setembro; e no dia 25, achan-«do-nos diante de *Argel,* reconhecemos que todos os corsarios «andávão fóra, e immediatamente largámos em cata delles.

«A 7 d'Outubro avistámos hum chaveco; e entendendo ser «*Argelino,* o seguimos fazendo-lhe fogo: arreou bandeira; re-«gistámos os seus passaportes; e conhecendo ser *Tunezino* «de 20 peças, e 140 homens, largamo-lo por não termos or-«dem de aprezar os navios daquella Regencia.

«Com este chaveco, tinha fallado hum navio *Raguzano,* que

«lhe deo noticia de 11 corsarios *Argelinos,* que o havião visi-
«tado.

«A 9 d'Outubro arribámos a *Syracusa,* onde soubemos que
«aquelles corsarios, dias antes, tinhão praticado hum desem-
«barque, e aprehendido alguma gente perto daquelle Porto.

«Com estas informações fomos proseguindo o nosso cru-
«zeiro com o intuito de os toparmos.

«A 19 avistamos na altura de *Sicilia* a Esquadra *Argelina,*
«composta de duas fragatas, e hum chaveco de 36, e outro de
«24, hum bergantim de 22, tres polacas de 24 e huma escuna
«de 16 péças[1]; fizemos força de véla, com vento fresco, que
«abonançou, quando já nos apropinquavamos do Inimigo, que
«por esta causa teve tempo de unir suas forças, ficando nós na
«impossibilidade de o atacarmos; conservando-nos todavia á
«vista, navegando em seu seguimento, esperando com ancia
«que refrescasse o vento para o accommettermos; porém ás
«10 horas da noite, sobrevindo huma trovoada, acompanhada
«de copiosa chuva, e vento rijo, o Inimigo, aproveitando-se da
«escuridão da noite, e favorecido pelo tempo, teve a fortuna
«de escapar-se.

«Continuando a cruzar nas costas de *Sicilia,* e canal de *Mal-*
*«ta,* descubrimos no dia 24 huma fragata, que julgámos ser
«*Argelina;* demos-lhe caça até o Sol posto; mas a força exces-
«siva do vento, que nos obrigou a ferrar todo o panno, e na-
«vegar só em vélas d'estae, e a noite que nos encubria o seu
«rumo, tornárão baldadas todas as nossas diligencias.

«Finalmente fomos procurar os *Argelinos* sobre as costas
«mesmo de *Argel,* onde nos conservámos, sem os encontrar,
«até que o tempo nos obrigou a voltar, e arribar a este Porto.

«Nada póde igualar a resolução e boa ordem, com que os
«nossos se preparavão para hum combate, em que esperávão

(1) Eram duas fragatas, hum chaveco de 36, outro de 24, hum bergantim de 22, tres polacas de 24, e huma escuna de 16 peças; quer dizer nove embarcaçoens com 244 bocas de fogo, e fugiram de huma náo de 70 que, apesar daquella triplicada força, buscava combatel-as.

«distinguir-se, a não ser a mágoa de ver frustrados os nossos «desejos, por circumstancias independentes da nossa vontade.»

Mas não éra só nos mares da Europa que os nossos Marinheiros de guerra ou do commercio hiam ganhando direito a fallar-se alguma vez na sua brilhante maneira de proceder: Os mares de Africa, da America, da India, e da China foram sem cessar, atroados pelos canhoens dos seus navios, onde elles ficaram sempre victoriosos, merecendo Diogo Jorge de Brito, Francisco Antonio da Silva Pacheco, Rufino Peres Baptista, João Baptista Lourenço, Valadim, os dois Andréas, e Offdiner em Pernambuco e Rio da Prata: Candido José Mourão Garcez Palha, Victorino Freire da Cunha Gusmão, e José Joaquim (o Pipía) no Malabar: e Theotonio da Silva Braga, com José Golçalves Carocha, Luiz Carlos de Miranda, Anacleto José da Silva, José Alves, e Felix José dos Remedios na China, promoçoens e louvores pelos actos de coragem ali praticados, alguns dos quaes já indicámos.

Quando pois neste capitulo XXIV fizemos só menção de *Tres Officiaes distinctos*, não foi para inculcar que elles se avantajavam aos mais que pelejaram longe da Europa, agrupáram-se, por terem commandado navios contra os corsarios de Artigas desde 1818 a 1822, terem navegado á nossa vista em vasos do mesmo comboi, ou do mesmo cruzeiro, serem nossos amigos pessoaes, e de hum liberalismo que ninguem excederia: Distinctos havia muitos que hão de igualmente agrupar-se noutras paragens, taes como a Bahia, onde José Joaquim Alves, Joaquim da Cunha, Francisco de Borja Pereira de Sá, Bento José Cardoso, Joaquim Maria Bruno de Moraes, e Torquato Martiniano da Silva mostraram a sua intelligencia, e patriotismo; e á proporção que nos formos habilitando com algumas noticias donde se conclua facto honroso a estes ultimos, dar-lhe-hemos aqui logar, tanto para se fazer justiça ao seu merito, como para prova de que não improvisamos, nem louvamos huns, em prejuizo de outros. Por hoje tractaremos de coordenar os dados relativos aos serviços do capitão de

mar e guerra José Joaquim Alves, fallecido vice-almirante, a cujas ordens servimos commandando elle a fragata *Successo* em 1819, que foi nosso amigo, nosso protector em quanto dependeo delle auxiliar-nos com os seus informes e abonaçoens, a quem retribuimos os bons officios recebidos quando nos coube mostrar o nosso agradecimento, e a quem hoje pagamos hum tributo de respeito e gratidão trazendo á memoria dos presentes, e lembrando aos futuros, a maneira digna de hum militar valente, desinteressado, e patriota com que sempre procedeo.

## XXV

### JOSÉ JOAQUIM ALVES

Os Quadros Navaes e Epopeia Naval Portugueza não foram escriptos, nem se vão ampliando com a ideia de publicar as biographias de todos os militares da Armada, porque tal trabalho supporia huma existencia dedicada sómente á indagação de grande numero de vidas alheias, e a hum estudo, incompativel com os deveres de homem publico, forçado a cumprir funcçoens que lhe levam mais de metade dos dias uteis de que póde dispôr, e que já n'huma idade avançada (70 annos) pouco podem produzir. O fim principal desta obra he, traduzir em linguagem commum, os termos technicos do vocabulario maritimo, e fazer-lhe sobresahir em pinturas pouco pretenciosas, muitas scenas navaes, que mal se comprehendem longe da praia e assente em terreno firme, e de que se não faz ideia longe da onda desdobrando-se por cima da areia ou no cume das agoas; e he trazer á memoria os serviços de muitos Marinheiros a quem deve a patria, gostosa e honrada lembrança, por seus actos de valor e civismo praticados sobre as agoas do mar. Daqui vem, que só esses actos devem fazer parte da obra, que apenas repete os écos da voz publica ou da imprensa, relativos a certas e determinadas pessoas. Hoje trataremos apenas dos serviços do nosso amigo, e commandante da fragata *Successo,* José Joaquim Alves, de que temos presentes as pro-

vas, não que elle as fornecesse, mas achadas, entre outras, nos papeis publicos que vamos compulsando.

O capitão de Mar e Guerra Alves era apenas subalterno quando foi nomeado para a esquadrilha do Guadiana, tendo servido como tal, e Guarda Marinha nas esquadras do Estreito commandadas pelo Marquez de Niza, e Escarnichia, onde se fez notar. O primeiro tenente Alves, pouco tempo depois de estar ás ordens do capitão tenente Antonio Pio dos Santos, merecêo que se publicasse d'elle a seguinte noticia, transcripta no n.º 131 da Gazeta de Lisboa de Sexta feira 1 de Junho de 1810:

«O Capitão Tenente d'Armada Real *Antonio Pio dos Santos*, «Commandante da Escuna *Conceição*, e mais Embarcaçoens «pequenas que defendem a passagem do *Guadiana*, participa «em data de 19 de Maio que tendo-lhe constado que os *Fran-«cezes* tinhão chegado a *Huelba* embarcados em pequenas Em-«barcaçoens, mandou a este Porto o 1.º Tenente *José Joaquim «Alves* com tres Embarcaçoens a fim de atacar, e destruir as «que alli se achassem do inimigo: E por carta deste Official «em data de 23 do mesmo mez, consta que elle executou com «muita actividade esta Commissão, aprisionando duas das di-«tas Embarcaçoens debaixo d'hum continuo fogo, das quaes «huma estava com trigo, e outra com fazendas, e queimando «mais cinco, e inutilizando as munições e artilheria, que os ini-«migos tinhão na Torre de *Umbria*, donde trouxe huma peça, «e algumas munições. O dito 1.º Tenente dá conta que todos «os empregados nesta Commissão se portárão com muito va-«lor, e zelo, distinguindo-se com muita particularidade o Mestre «da Escuna *Conceição Domingos Aniceto*, e o Sargento da Bri-«gada Real da Marinha, *Luiz Pereira Leite*, o Soldado da Com-«panhia de Bombeiros do Regimento de Artilheria n.º 2, *Anto-«nio Affonso*, os Soldados da Brigada, *José Pereira*, *José Maria*, «e *Pedro Julião*, e o Piloto *Joaquim José Pereira da Silva*.»

«Num. 144.—Gazeta de Lisboa. Sabbado 16 de Junho de «1810.

«*Expedição de Huelba pelo 1.° Tenente da Armada Real*
«*José Joaquim Alves.*

«Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.: Tenho a honra de pôr na presença
«de V. E. que em consequencia das Ordens, que recebi do
«Capitão Tenente Antonio Pio dos Santos Commandante das
«Forças Navaes do *Guadiana* com data de 19 do corrente, e
«cuja copia exacta tenho a honra de apresentar a V. E. me di-
«rigi a *Huelba* com a canhoneira n.° 5, e a bombardeira n.° 3,
«e alli cheguei no dia 20 pelo meio dia; indo tambem acom-
«panhado da lancha da escuna *Conceição* armada de tres pe-
«dreiros de libra, e alguma fuzilaria. Logo que cheguei a en-
«trar a barra do sobredito Porto desembarquei em terra a fim
«de reconhecer hum Bosque, que estava na nossa frente, acom-
«panhado de sete homens armados dos mais capazes, que co-
«migo levava, e mandei situar as canhoneiras em sitio oppor-
«tuno para qualquer caso que podesse ter logar, ás ordens do
«Piloto da Escuna *Conceição,* por nome *Joaquim Pereira da*
«*Silva,* que tambem me acompanhou, e auxiliado unicamente
«da lancha me encaminhei por terra até á Torre chamada de
«*Arenilha,* a qual visitei; nella nem no Bosque achei coisa al-
«guma, e me retirei a bordo.

«Pelas 5 horas da tarde me embarquei na lancha acompa-
«nhado da gente que escolhi, e que me pareceo mais idonea,
«que ao todo montava a 18 pessoas entrando 11 remeiros, e
«Patrão, pois que a pequenez da dita não permittia mais; e
«deste módo me encaminhei pelo caneiro de *Moguer,* a fim de
«cumprir com as ordens que tinha recebido: durante o tran-
«sito que fiz por este até defronte da sobredita Villa fiz retirar
«para baixo tres Barcos, que nelle se achávão, dos quaes hum
«estava carregado de fazendas de contrabando, e os outros dois
«embargados pelos *Francezes* para transportar tropas. Perto
«das 3 horas da noite pouco mais ou menos cheguei defronte
«de *Moguer,* onde se achávão cinco grandes Misticos fundea-
«dos, aos quaes os *Francezes* tinhão tirado o leme, e mais
«aparelho, como igualmente a coberta pondo-os habeis para

«embarcar cavallaria; mais acima se achava outro barco car-
«regado de trigo, ao qual me dirigi depois de ter visitado os
«sobreditos Misticos, e cujo os *Francezes* tinhão vindo buscar
«a *Huelba* para seu uso no dia antecedente; ao aproximar-me
«deste Barco os *Francezes,* que se achavão de guarda em hu-
«ma pequena altura, me bradárão, porém nada lhes respondi;
«e segui minha empreza buscando atacar ao sobredito. Du-
«rante que lhe passava hum reboque, e o visitava, os *France-*
«*zes,* rompêrão sobre mim o fogo com bastante actividade, ao
«qual immediatamente respondi com os Pedreiros da lancha,
«fuzileria, buscando ao mesmo tempo retirar o barco a rebo-
«que, o que consegui com felicidade debaixo de hum aturado
«fogo, que sobre a lancha dirigião os inimigos, em hum ca-
«neiro que apenas tem de largo 100, ou 120 passos; em huma
«noite de lua assaz clara, contra a corrente, e cujo fogo durou
«aturado por mais de meia hora: e vendo que as circumstan-
«cias, e os pequenos recursos, com que me achava a respeito
«de embarcações idoneas para rebocar, e a impossibilidade
«em que se achávão os misticos, de que acima fiz menção, e
«que se achávão no mesmo Porto, me resolvi queima-los se-
«gundo se me ordenava nas minhas Instrucções, o que foi exe-
«cutado pelo Mestre da escuna *Conceição* por nome *Domingos*
«*Aniceto,* o qual em todo o tempo, que durou esta expedição se
«comportou com todo o valor, sangue frio, e actividade, e pelo
«qual tenho a honra de pedir a V. Excellencia que o patrocine
«em tudo o que se lhe offereça: Este digno Official embarcado
«em huma pequena embarcação de pescadores, das que eu tinha
«retido durante a minha jornada até este ponto, acompanhado
«de mais alguns marinheiros e soldados, praticou o que acabo
«de referir com toda a pontualidade, durante que eu na lancha
«da escuna sustentava o fogo inimigo, e rebocava o barco car-
«regado que tinha apresado. Os *Francezes* me seguirão por
«toda a extensão do caneiro, o qual terá pouco mais ou menos
«2 legoas de extensão, o que reconheci por alguns tiros soltos
«que de quando em quando me fazião; porém tendo a maré
«mudado, e soprando huma aragem de vento favoravel lar-

«guei o reboque ao barco, o qual se fez de vela tendo a seu «bordo guarda sufficiente, que o conduziu até *Huelba,* onde «se achávão as canhoneiras. Pouco depois de ter passado o si- «tio, onde se acha edificado hum Convento, que lhe chamão «*Arrabida,* os *Francezes* ali chegárão, e principiárão a fazer «fogo sobre as canhoneiras, ao qual se lhes respondeo com «alguma metralha e bala, depois do qual os *Francezes* se re- «tirárão a hum pinhal contiguo.

«Pouco depois me fiz á véla com a outra canhoneira, lancha «e barcos apresados para a Torre de *Umbria,* onde sabia acha- «rem-se tres peças de artilheria e algumas munições de guerra, «e onde os *Francezes* deverião ir naquelle mesmo dia busca- «las, pelo que me adiantei, e pude salvar huma, algumas balas, «e destruir e queimar as carretas e mais munições que alli ha- «via, deixando as outras duas peças encravadas, de maneira «que se achão de todo impossibilitadas, e inuteis: as circum- «stancias me não permittirão trazer as outras peças, pois não «tinha meios alguns para as conduzir a bordo com a precisa «promptidão; achava-me em seco, e em hum esteiro, além de «estreito vadeavel principalmente por cavallaria, e a toda a «hora esperando os *Francezes,* e em estado de não poder obrar «cousa alguma, pelo que me retirei para fóra, logo que me «achei a nado, e segui a minha derrota a *Villa Real,* trazendo «em minha companhia os barcos que tinha apresado. Ao ama- «nhecer do dia 22 encontrei a escuna *Conceição* hum pouco a «*Oeste* de *Huelba,* da qual fui á falla, e depois de ter dado «conta da minha expedição o seu Commandante me ordenou «o que se contém na Copia N.º 2, e elle mesmo dispensou al- «guns dos barcos que tinha apresado, e depois me dirigi a «*Villa Real* unicamente com as duas canhoneiras, lancha, e o «barco carregado de trigo apresado em *Moguer,* trazendo tam- «bem a meu bordo a fazenda de contrabando de que já fallei, «e para o seu destino espero as ordens de V. Excellencia: a «escuna *Conceição* seguio sua derrota para *Levante,* e o seu «Commandante me intimou que hia em busca de hum Corsario «*Francez,* que se acha defronte de *S. Lucar* cruzando. No dia

«23 pela manhã dei fundo fóra do Porto de *Villa Real* defronte «da fortaleza da *Ponta de Areia,* conforme me tinha sido or-«denado, e onde se achão as outras canhoneiras debaixo do «meu commando, esperando as ordens de V. Excellencia, ás «quaes darei inteiro cumprimento com todo o zelo e actividade.

«Não posso deixar de recommendar á alta protecção de V. «Excellencia o bom serviço, que em geral praticárão os que «me acompanharão nesta pequena, mas arriscada operação; «entre elles além do Mestre, de que já fiz menção, merecem «muito louvor os seguintes: o Sargento da Brigada Real da «Marinha *Luiz Pereira Leite,* o soldado da companhia de bom-«beiros do 2.º Regimento de artilheria por nome *Antonio Af-«fonso,* os soldados da Brigada da Marinha *José Pereira, José «Maria* e *Pedro Julião;* não merece menos elogio o Piloto «*Joaquim José Pereira da Silva,* de que acima fallei, o qual «tinha ficado em *Huelba* incumbido de guardar aquelle ponto «com as duas canhoneiras, e impedir todo o transito de barcos «pelo caneiro de *Moguer,* e *Porto de Palas.*

«Esta he, Excellentissimo Senhor, a exacta relação do que «pratiquei em cumprimento das ordens, que recebi do Com-«mandante destas Forças Navaes, a que me acho unido.

«Deos guarde a V. Excellencia. Bordo do cahique canho-«neira N.º 1, 23 de Maio de 1810.—Illustrissimo e Excellen-«tissimo Senhor *D. Miguel Pereira Forjaz.*—*José Joaquim «Alves,* 1.º Tenente Commandante das Canhoneiras.»

«O Principe Regente Nosso Senhor, attendendo ao distincto «serviço, que fez na expedição a que foi mandado a *Huelba* o «1.º Tenente da sua Real Armada *José Joaquim Alves,* e ao «muito que se distinguio nos dias 6, 7 e 8 de Junho de 1809, «concorrendo com a escuna do seu commando para rechaçar «os inimigos na Ponte de *S. Paio,* merecendo por isso huma «particular recommendação do Official da Marinha *Hespanhola* «naquella estação: Ha por bem promovêl-o ao Posto de Capi-«tão Tenente da mesma Sua Real Armada, vencendo logo co-«mo tal os soldos que competirem, não obstante a falta da pa-

«tente, que S. A. R. ordena se lhe lavre no Conselho do Al-
«mirantado, para subir á sua Real Assignatura. Palacio do
«Governo em 11 de Junho de 1810.=*Com duas Rubricas*
«*dos Governadores do Reino.*»

«*Despachos do Commandante, Officiaes e mais pessoas, que*
«*se distinguirão na expedição de Huelba.*

«*Luiz Pereira Leite,* Sargento da Brigada Real da Marinha,
«promovido ao Posto de 2.º Tenente da mesma Brigada, por
«decreto de 11 de junho de 1810.

«O 1.º Piloto *Joaquim José Pereira da Silva,* promovido
«ao posto de 2.º Tenente da Armada Real, por Decreto da
«mesma data.

«*Por Aviso expedido ao Conselho do Almirantado na mesma*
«*data os seguintes:*

«O Mestre da escuna *Conceição, Domingos Aniceto,* com
«mais meio soldo do seu actual vencimento.

«O Soldado do Regimento d'Artilheria n.º 2 *Antonio Affon-*
«*so,* com a graduação e soldo de Sargento, ficando por ora ser-
«vindo a bordo da escuna *Conceição.*

«Os soldados da Brigada Real da Marinha *José Pereira,*
«*José Maria,* e *Pedro Julião,* com mais meio soldo do seu
«actual vencimento.»

### INSTRUCÇOENS DADAS PELO COMMANDANTE PIO AO TENENTE ALVES

«Constando-me que os inimigos vierão a *Moguer,* e *Huelba,*
«a fim de se apoderarem dos barcos que ahi existião, e da pol-
«vora que ha em a torre que fica a Leste da entrada deste, que
«monta a dezeseis quintaes: Ordeno a V. M.ce que immediata-
«mente se faça de vela com a Bombardeira, Barca N.º 5, e a mi-
«nha lancha armada, dando-lhe em soccorro dez marinheiros
«armados, dois Cabos e doze Soldados tambem armados, além
«da tripulação da Bombardeira, e Barca. O objecto principal da

«sua Commissão consistirá em desalojar o inimigo onde quer «que se ache nestes dois pontos, ou no de Palos: fazer sahir «todas as embarcações para fóra, ainda que sem leme, pois os «inimigos lhos tirarão; e as que não quizerem ou as impossi«bilitadas, V. M.ce lhe deitará fogo: com todo o exacto proce«dimento fará que lhe entreguem a polvora, que ahi existir, a «fim de se reentregar neste porto á sua volta á Suprema Junta «de Sevilha, e lhe poderá passar a competente cautella; em «summa V. M.ce podendo cortar os inimigos, aprisional-os, ou «destruil-os, eu lhe dou todos os poderes para capitulal-os, «enganal-os com estratagemas, fazendo-lhes o mesmo que elles «costumão, como por huma particular Politica, ás nações da «Europa.

«Outro sim, permittindo-lhe o tempo e circumstancias: «V. M.ce hirá dar huma visita á barra de *S. Lucar,* e se podér, «sem que arrisque muito a gente, e embarcações, entrará den«tro, mas de noite, calculando a hora da maré, tomará, e quei«mará as barcas que elles estão construindo, e todas as outras «embarcações que ahi se acharem, pois estando em porto oc«cupado pelo inimigo tudo são inimigos: em summa V. M.ce «porá em execução, o zelo, actividade, e conhecimentos seus, «segundo lhe grangearem as circumstancias, que só o Todo «Poderoso póde previnir; e sem a mais pequena demora vol«tará a este, dando hum exacto cumprimento ás minhas or«dens, encostando-se sempre mais á piedade do que ao terror, «mas acautellando-se de alguma surpreza, ou sublevação. Se «acaso houver, pelas más circumstancias, alguma razão da de«mora V. M.ce me mandará participar os motivos que tem para «ella, a fim de eu a pôr na Presença de S. A. R. pela compe«tente secretaria d'estado. Deos guarde a V. M.ce Bordo da Es«cuna *Conceição,* em 19 de maio de 1810.— *Antonio Pio dos «Santos,* Capitão Tenente Commandante das Forças Navaes. «— Snr. *José Joaquim Alves,* Primeiro Tenente Commandante «das Barcas.»

«Officios do Almirante G. Berkeley.

«Recebi as suas cartas de 9, 10, 17, e 19 do corrente, e fico «certo no seu contehudo.

«Fico muito satisfeito com a conducta do Voluntario *Manoel «da Silva Capaz,* cujos serviços fiz patentes ao Secretario dos «Negocios da Marinha, para os pôr na presença do Governo: «espero a sua resposta para ver o que se póde fazer em seu «beneficio.

«Estou na ideia de reforçar essa Esquadrilha com uma Lan-«cha mais que está armada com hum obuz de 8 polegadas e «huma caronada de 18, a qual no caso de hir acompanhará a «Escuna *Curiosa;* com as quaes julgo ficará ahi com forças «bastantes para rebater quaesquer tentativas do inimigo.

«Vejo o que me diz respeito ao Cabo Francisco Anselmo «d'Andrade. V. M.ce receberá ordens para lhe mandar formar «ahi o seu processo, o qual deve ser remetido com o Réo para «aqui, para se lhe fazer conselho de guerra.

«A conducta do Voluntario *Fortunato José Ferreira,* tanto «nesta occazião, como nas mais que lhe tem proporcionado, «meréce a minha maior approvação, e V. M.ce lhe communi-«cará isto mesmo da minha parte, dizendo-lhe, que procurarei «os meios do seu adiantamento.

«A sua bem acertada escolha de Officiaes habeis para as «occasiões de desempenho, me dá ideia não só dos seus ta-«lentos, como do seu grande patriotismo, e lhe asseguro que «tem merecido hum geral applauzo, o denodado valor com «que se tem portado todos os individuos de que se compoem «as Guarnições da Esquadrilha debaixo do seu Commando, o «que publicamente lhe fará patente da minha parte, e que «porei na Presença de S. A. R. isto mesmo para lhe ser remu-«nerado. Deos guarde a V. M.ce Quartel General da Marinha, «em 25 de Outubro de 1811.—*G. Berkeley.*—S.r *José Joa-«quim Alves.*

«Accuso a recepção da sua carta de 17 do corrente a qual «me encheo da maior satisfação, pelo prompto soccorro que

«ministrou ao Brigue de Guerra de S. M. B. o *Tuscain,* que
«encalhou n'essa barra no dia 14; pelo que agradeço muito a
«V. M.ce, e a todos os Officiaes, e Tripulações da Esquadrilha,
«e muito particularmente áquelles que V. M.ce nomeia sepa-
«radamente; cujos agradecimentos mandei fazer publico na
«Ordem do Dia, e V. M.ce lhos communicará, publica e indivi-
«dualmente: E o farei patente a este Governo para que lhe
«leve em conta hum serviço que faz tanta honra á Nação Por-
«tugueza.—Deos guarde a V. M.ce—Quartel General da Ma-
«rinha, em 24 de Março de 1812.

*«G. Berkeley.»*

«S.r *José Joaquim Alves,* Commandante da Esquadrilha
«no *Guadiana.*

«Recebi a Carta que V. M.ce me dirigio em data de 17 do
«mez passado; e ficando os Governadores do Reino na intelli-
«gencia do seu contehudo, mandão louvar a V. M.ce da parte
«do Principe Regente Nosso Senhor pelo seu bom serviço no
«commando da Esquadrilha, e pela promptidão com que pres-
«tou os possiveis soccorros para ajudar a salvar o Bergantim
«inglez *Toscain* que havia encalhado na occasião de sahir a
«barra desse rio.

«Deos guarde a V. M.ce Lisboa. Palacio do Governo, em o
«1.º de Abril de 1812.—*D. Miguel Pereira Forjaz.*

«S.r *José Joaquim Alves.»*

«O Commandante das Forças Navaes Hespanholas nas Rias
«de Vigo, acaba de dar parte da exemplar conducta, e distin-
«cto serviço prestado por V. M.ce nos dias 6, 7, e 8 do corrente,
«occasião em que ali se achava com a Escuna do seu Commando:
«E Informado o Principe Regente Nosso Senhor do modo, com
«que V. M.ce se houve, o Manda louvar no Seu Real Nome, e
«Espera que continuará sempre a dirigir-se de igual maneira.

«Deos guarde a V. M.ce—Palacio do Governo, em 19 de
«Junho de 1809.—*D. Miguel Pereira Forjaz.*—S.r *José Joa-*
*«quim Alves.»*

Os serviços prestados pela Marinha Nacional nas costas do Algarve, e no Guadiana, foram considerados pelo Congresso, e Cortes Constituintes iguaes aos prestados pelo Exercito na guerra peninsular, a fim de se conceder aos Officiaes da Esquadrilha a Cruz de Campanha, pela forma seguinte:

«Para o Conde de Sampaio.

«Ill.^mo^ e Ex.^mo^ S.^r^—As Cortes Geraes, e Extraordinarias «da Nação Portugueza, Tomando em consideração o requeri«mento dos Officiaes da Armada Real, que serviram na esqua«drilha do Guadiana no tempo da campanha desde 1809 até «1814, para que, attentos os seus serviços, sejão declarados «comprehendidos na mercê da Cruz de Campanha, concedida «aos Officiaes do Exercito, pelo Decreto de 28 de Junho de «1816;

«Mandão remetter o mesmo requerimento á Regencia do «Reino com os respectivos documentos, a fim de que me«diando, as devidas habilitações, sejam os Supplicantes con«templados na referida condecoração. O que V. Ex.^a^ fará pre«sente na Regencia para sua intelligencia e execução.

«Palacio das Côrtes, 31 de Março de 1821.—*João Baptista «Felgueiras.*»

Tinha pois em virtude deste Decreto o fallecido almirante José Joaquim Alves, direito á Medalha da Guerra Peninsular, com o n.º 4.

Por ultimo, ainda publicaremos outro documento de louvor que lhe diz respeito.

«Manda ElRei, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Ma«rinha, significar ao Capitão de Mar e Guerra José Joaquim «Alves que lhe foram presentes os seus Officios numero seis «de trinta e hum de Julho, e numero sete e oito de quinze de «Agosto do anno corrente; e folgando muito com a chegada a «essa cidade da Curveta =Calipso= com o batalhão Numero «hum, que conduzia debaixo do seu comboy, sem que prece-

«dessem as consequencias funestas de huma acção maritima;
«Ha por Bem Approvar as medidas offensivas, e defensivas de
«mar e terra, que se haviam tomado para obstar a qualquer
«insulto, ou invazão da parte dos Navios sahidos do Rio de Ja-
«neiro; ficando Sua Magestade na certeza, que se desgraçada-
«mente fosse necessario oppor a força, á força, todas as guar-
«nições se comportariam como cumpre a verdadeiros Portu-
«guezes. Palacio de Queluz, em vinte e nove de Outubro de
«1822. = *Ignacio da Costa Quintella.*»

Do nosso excellente amigo, e excellente commandante da fragata *Successo*, capitão de mar e guerra José Joaquim Alves, temos ainda a publicar o que a respeito do seu valor e briosa conducta, se publicou por incidente no n.º 49 da Gazeta de Lisboa de Sexta feira 28 de Junho de 1809:

«Grã-Bretanha. *Londres 4 de Julho.*

«*Copia de duas Cartas do Capitão M'Kenley do Navio de*
«*S. M. a Lively defronte de Vigo ao Honrado Wiliam Wel-*
«*lesley Pole.*

«*Lively 7 de Junho de* 1809.

«Senhor, tende a bondade de informar os Senhores Com-
«missarios do Almirantado que hontem á boca da noite che-
«gou hum expresso de hum Official *Hespanhol* de *S. Paio* ao
«Commandante *D. João Carransas*, com a participação de
«que o Conde de *Noronha* se retirava com a sua Divisão do
«Exercito da *Galliza* de *Ponte-Vedra* para aquella Praça, e
«que desejava se achassem alli embarcações para o trans-
«portarem e a sua tropa além do rio, por se haver lançado
«abaixo a ponte em 7 de Maio. E pedindo soccorro o Com-
«mandante *D. João Carransas*, o Capitão *Winter* com o *Cad-*
«*mus* (que se vira obrigado a atrazar-se pela força do vento)
«immediatamente navegou rio acima acompanhado da Escuna
«*Portugueza* a *Curiosa*, debaixo das minhas ordens, segundo
«as que recebêra do Honrado Vice-Almirante *Berkeley*, da

«Escuna *Hespanhola* de guerra, o *Tigre,* e de quantos botes «e embarcações de guerra foi possivel ajuntar.

«Este movimento retrogrado me deo muito cuidado, e esta «manhã muito cedo subi no escaler para *S. Payo,* aonde achei «o Brigadeiro General *Carreras* fortemente postado na parte «do Sul da Ponte (estando o Conde *Noronha* em *Redondella*) «e na minha conferencia com elle soube que o inimigo, depois «do Brigadeiro General tomar *Sant-Iago,* unira as suas forças «de *Lugo* ás da *Corunha,* que ao todo érão 8$ homens, e 2$500 «cavallos com varias peças de campanha, algumas de doze.

«Como esta força fosse muito superior á do Brigadeiro, re-«tirou-se para *Caldas* e *Pontevedra,* aonde se incorporou com «o Conde *Noronha*. Por motivo das excessivas e aturadas chu-«vas que temos soffrido ultimamente, grande parte das muni-«ções se tinha arruinado, o que não se pôde evitar; e como «*Pontevedra* ficasse muito distante para receber outras quan-«do fosse atacada, pareceo acertado recuar de huma posição, «posto que tão forte; e assim se executou com toda a destreza. «Na altura sobranceira á ponte tinhão assestado huma bateria «de duas peças de 18, e o seu Exercito tinha crescido de 6 «para 7$ homens, e 3$ mancebos fortes sem armas, 120 ca-«vallos e 9 peças de campanha, servindo debaixo das ordens «immediatas do Brigadeiro General.

«Ás 9 horas appareceo o inimigo do outro lado do rio com «grande força, e posto que as tropas de *Galliza* tinhão sup-«portado muita fadiga, além da grande inclemencia do tempo «a que havião estado constantemente expostas; comtudo era «incomparavel, a animosidade e o espirito dos soldados ao «avesinharem-se do inimigo. E deixando eu o Brigadeiro Ge-«neral, fui saudado pelo inimigo com as suas peças de campa-«nha, porém sem damno, posto que a tiro de espingarda. Ás «9 e meia desfechárão o fogo sobre os *Hespanhoes,* que foi «muito animosamente correspondido, sendo manejada a sua «artilheria com a maior viveza, além de bem servida.

«Tornando para bordo fiz desembarcar no Castello a minha «brigada, e 25 marinheiros, os quaes havia recebido a bordo

«alguns dias antes; e o Tenente Coronel *Carroll* com a mais «guapa e zeloza maneira offereceo o seu serviço para ajudar «o Capitão *Crawford* na defeza do Castello. Sessenta soldados, «que trouxera comsigo de *Gijon* (parte do nosso Exercito) pelo «requererem ardentemente, desembarcárão, e eu lhes submi-«nistrei armas. E tudo estava posto na melhor ordem possivel «de defeza pelo General *D. João Carransas*, e *D. Bernardo* «*Gonçalez* o Governador, e pelo Capitão *Crawford* do navio «de S. M. a *Venus*. Tenho a honra de ser, etc.

*«(Assignado) Jorge M'Kinley.»*

*«Lively.—Vigo 12 de Junho.*

«Senhor, eu conclui a minha carta de 7 proximo, que tive «a honra de vos escrever, para vos inteirar, e disto informar-«des aos Senhores Commissarios do Almirantado, de que o «inimigo começára hum ataque depois das nove e meia da-«quella manhã contra as tropas *Hespanholas* commandadas «pelo Brigadeiro General *Carrera* no lado do Sul da Ponte «de *S. Payo*.

«Tenho que supplicar-vos que vos digneis informar a suas «Senhorias, que o Inimigo tendo-se postado no lado do Norte «da Ponte a tiro cruzado de pistola nas casas, e no bosque pouco «abaixo, manteve o seu ataque sustentado com artilheria de «campanha, e tres peças de doze com grande vivacidade, du-«rante todo aquelle dia 7, e que foi sustido pelo exercito dos «*Gallegos* com a maior firmeza e valor.

«Durante a noite de 7, o inimigo assestou huma bateria. «O Commandante *D. João Carransas* mandou pelo rio acima «tres canhoneiras, huma das quaes o Capitão *Winar* esqui-«pou debaixo do commando do tenente *Jefferson*, seu Pri-«meiro Tenente. A 8, já dia claro principiou o inimigo a fa-«zer fogo tanto sobre as tropas dos *Gallegos*, como as canho-«neiras; e a mencionada do Tenente *Jefferson* em razão da «maré-cheia se pôde avisinhar, e destruio as baterias do ini-«migo. Na vasante fez o inimigo duas investidas desesperadas, «para atravessar por baixo da ponte com a sua Cavallaria e

«Infanteria; porem o grande valor e espirito, que os nossos
«amigos manifestárão, o repellio com grande mortandade.
«Hum corpo marchou pela altura sobranceira ao rio para a
«Ponte *Sottomaior;* porém destacado para lhe fazer rosto o
«muito activo e bravo Official *D. Paulo Morillo,* o inimigo
«depois de perseverar quasi hora e meia, foi obrigado a dar
«as costas á superior intrepidez dos *Hespanhoes*, e se retirou
«para *S. Payo,* aonde o inimigo, durante hum grande ne-
«voeiro, repetio outro ataque, no qual, como nos primeiros,
«foi rechaçado. E o Marechal *Ney,* que commandava as tro-
«pas *Francezas,* compostas de 8$ homens, 2$500 cavallos,
«com hum parque de artilheria e 2 peças de 12, foi derro-
«tado por hum Exercito recentemente levantado, composto
«de 6$ homens armados, e 3$ sem armas, e de alguma arti-
«lheria de campanha de pequeno calibre, e duas peças de 18:
«e se retirárão de noite, deixando alguns dos seus feridos.
«O inimigo queimou muitos dos seus mortos, e se descobri-
«rão 30 enterrados em huma cóva. Por tanto a sua perda de-
«via ter sido grande. Da parte dos *Hespanhoes* foi de pouca
«monta, somente de 110 entre mortos e feridos. O Capitão
«*Winter,* que se demorára algum tempo no campo, e que
«por pouco tinha escapado de ser morto, havendo-lhe huma
«bala roçado o chapéo me escreveo que era tal o ardor das
«tropas *Hespanholas,* que com grande difficuldade os seus
«officiaes as podião conter, de se entranharem pelo inimigo.

«Tal he, Senhor, o valor e boa conducta desta Divisão do
«Exercito *Hespanhol* da *Galliza*, o qual, posto que pela maior
«parte mal vestido, e exposto a pezadas chuvas, sem abrigo,
«mostrou á sua propria Nação, e á Europa toda quanto esta-
«vão inspirados com o ardor de libertar o seu paiz do cruel
«Usurpador; sentimento que só póde ter hum bravo e leal
«povo; e o merecimento dos seus Commandantes tem huma
«tão conspicua parte nesta gloria que V. Senhorias o avalia-
«rãõ muito melhor, do que eu posso ter a liberdade de lhes
«expressar o de officiaes superiores á minha graduação. E não
«póde deixar de ser justo o dizer que os Officiaes emprega-

«dos nas canhoneiras executárão bem as instrucções recebi-
«das de *D. João Carransas,* cuja incansavel attenção em dar
«todo o soccorro e adjutorio ao exercito com a mais activa
«presteza excitou toda a admiração.

«O Tenente *Toledo,* Commandante da Escuna *Hespanhola*
«de guerra o *Tigre* que estava rio acima para dar soccorro,
«foi muito activo. O Tenente *Alves,* Commandante da Escuna
«*Portugueza,* a *Curiosa,* foi vigilante e zeloso na sustentação
«da mesma causa. E tereis tambem a bondade de expressar
«a Suas Senhorias a satisfação, que experimento, de estar au-
«thorisado para os informar que o Capitão *Winter* e os officiaes
«*Britannicos,* e todos os mais sentírão todo aquelle fervor de
«soccorrer os seus amigos, que he inherente ao seu caracter.
«Tenho a honra de ser, etc.

«*(Assignado) Jorge M'Kinley.*»

«Estas duas Cartas officiaes são interessantes pelos deta-
«lhes que contém, e que nos erão desconhecidos.»

Aqui findamos a relação dos documentos relativos aos serviços do nosso commandante Alves, na primeira viagem que fizemos a bordo da fragata *Successo* em 1819, bem satisfeitos de prestar á sua memoria este tributo de amisade, e de respeito aos seus talentos, como maritimo, e como militar valente, que tantos superiores authorisados abonavam; mas que não lhe valeram para lhe darem hum titulo do Conselho, nem siquer huma commenda! O vice-almirante José Joaquim Alves, tinha apenas o habito de S. Bento de Aviz, e a Cruz de Campanha da Guerra Peninsular com o numero 5: vice-almirante, emigrado, e servindo no Cerco do Porto, na expedição da Bahia em 1825, nas rias de Vigo, e nas costas do Algarve contra os Francezes, morreo quasi esquecido; e poucos viriam a saber quanto elle se empenhara no serviço da patria, se hum seu admirador e antigo subordinado; não reunisse huns poucos de officios dispersos que ninguem trata de examinar, onde hoje se patenteiam os seus actos de coragem e de patriotismo.

## XXVI

### O NAVIO *ESPADA DE FERRO*

O genio e caracter de quem manda, imperam efficazmente na alma e proceder de quem he mandado. Se o maioral de hum grupo de funccionarios he affavel, zeloso e honesto, os seus subordinados participam das condiçoens do chefe sendo lhanos, officiosos e prestadios; se pelo contrario elle he grosseiro, descortez, e altivo, quem lhe obedece só respira insolencias, rapina, e má vontade. Isto he vulgar e visivel em toda a parte. Do mesmo modo, hum capitão valente, communica a sua audacia a quantos soldados o observam ou lhe ouvem a voz; como o pusillanime avilta e enfraquece aquelles, que até já deram provas de valor. Applicando estes exemplos á vida do mar, onde a influencia dos chefes sobre a gente de bordo he mais directa pela intimidade e contacto que os cinge entre as amuradas e cobertas da embarcação, he sabido que, nas occasioens de perigo, o capitão resoluto e de confiança, anima a marinhagem, que vence as maiores difficuldades com admiraveis esforços e nunca imaginado arrojo; quando outro que não acode á manobra, ou dá as suas ordens transido de susto, enche de terror quem deve trabalhar, que esmorece no momento de desinvolver a maior dedicação e presença de espirito, não se determinando a nenhum acto de coragem, perdendo-se o navio, e perecendo a equipagem que, de bra-

ços cruzados, ou levantando as mãos ao céo, deixou de aproveitar-se de algum meio de salvação, que huma sóta, hum meio fortuito lhe proporcionasse.

Mas nos combates, he onde a influencia dos mandatarios mais se faz sentir, e onde se tem visto os resultados mais transcendentes que della resultam, já dando a victoria a hum punhado de valentes que pouca presumpção tinham de vencer, já tornando vencidos aquelles que por todos os meios disponiveis, e razão de triumphar deveriam ficar vencedores.

Entre varios exemplos já citados, e acontecidos a bordo de navios portuguezes, recordaremos o do *Espada de Ferro*, de que fizemos ligeira menção no primeiro tomo tratando dos *Sonhos*, descrevendo-o agora mais amplamente, não só para confirmar a conveniencia de escolher para o commando dos navios, officiaes de reconhecida intrepidez e sabedoria, se não para desempenhar a nossa missão de escriptor maritimo, enriquecendo a chronica dos nossos feitos navaes com mais hum de grande merecimento, e a lista dos nossos homens do mar, com os nomes de hum capitão audacissimo, e de huns poucos de marinheiros da sua equipagem, que o governo da Senhora D. Maria Primeira galardoou, e recommendou á posteridade, declarando officialmente os seus serviços, e os prémios que lhes merecêo tamanha, e tão justa recompensa. Eis aqui o facto, e o que se publicou a tal respeito:

«Supplemento á Gazeta de Lisboa numero XXXVII. Com «Privilegio de Sua Magestade. Sesta feira 14 de Se«tembro de 1798.

«Lisboa 14 *de Setembro.*

«Em 5 do corrente entrou n'este Porto o Navio denominado «*Espada de ferro,* commandado por *João Leite da Luz,* o qual «tinha sido atacado no primeiro deste mez por hum Corsario «*Francez* de 18 peças. Travou-se hum porfiado combate; e «vindo o Corsario á abordagem, e lançando harpéos, foi vi«vissimo o fogo de parte a parte por espaço de huma hora, até «que os Inimigos não podendo resistir ao furor com que os

«nossos combatião, e ao estrago que tinhão recebido procu-
«rárão desaferrar-se; mas os nossos conhecendo já a victoria
«decidida a seu favor, os embaraçárão, e por fim arreárão os
«*Francezes* a sua bandeira. Neste tempo succedeo arreben-
«tar o batoque a que estava prezo o arpéo; e ficando o Corsa-
«rio por este acontecimento solto do navio, se poz em fugida.
«A perda do Inimigo em mortos e feridos julga-se ter sido de
«metade da sua equipagem, que se suppõe ser de 150 pes-
«soas. Dos nossos morrêrão dous, e ficarão gravemente feri-
«dos seis, hum delles na acção de repellir o Inimigo, que quiz
«lançar mão da nossa bandeira, tendo já antes cortado as mãos,
«e lançado ao mar o primeiro que fez esta tentativa. He elle
«hum Grumete de 17 annos, chamado *José da Silva.*

«Em attenção a esta valoroza defeza, foi S. M. servida no-
«mear o commandante do dito Navio, Primeiro Tenente da
«Armada Real.

«O Contramestre, *Manoel Leite dos Reis,* Sargento de Mar
«e Guerra.

«O Piloto, *Francisco Rodrigues de Lima Pinto,* Primeiro
«Piloto da Marinha Real.

«Á Mãi de hum dos mórtos, e á Irman de outro se derão
«de pensão cem reis por dia a cada huma, durante a sua vida.

«A *Joaquim Nobre,* Calafate; a *Pedro Francisco,* e a *Ma-*
«*nuel José da Costa,* Serventes, cem reis por dia a cada hum,
«durante a sua vida.

«A *José da Silva,* Servente, que tão gloriosamente defen-
«deu a bandeira *Portugueza,* duzentos reis por dia vitalicios;
«e succedendo morrer das feridas, ficará esta pensão a sua Mãi,
«ou Irmans.

«A cada hum dos outros feridos huma pensão vitalicia de
«cem réis por dia.

«Aos Marinheiros-Artilheiros, que vinhão neste Navio, a
«gratificação de hum mez dos seus soldos.

«Aos outros Marinheiros, o serem alistados na Brigada-Real
«da Marinha, dispensados por seis annos do serviço desta Bri-
«gada.»

Se isto que acabâmos de referir, se este combate do Navio *Espada de Ferro* não tivesse tido logar vai por sessenta e cinco annos, mas nos tempos que vão correndo, que pomposo relatorio não encheria as columnas dos papeis officiaes, e de mercês honorificas se liberalisariam á gente que ali se distinguio! Mas então, apenas se mencionaram os factos principaes da acção, que mostram quanto ella foi renhida, sem disso se fazer alarde.

Vê-se que os inimigos, desesperando de que os tiros da sua artilharia fizessem o effeito que esperavam no vaso portuguez, o abordaram, e abordaram persuadidos de que seria sua preza, que lhe lançaram arpéos: Invadiram o navio, e quizeram arriar-lhe a bandeira no conflicto da acção, mas o Grumete que a defendia, cortou as mãos ao primeiro que tentou fazel-o atirando com elle ao mar, e repellio o segundo! Vê-se que o capitão, o bravo e intelligente *João Leite da Luz*, depois de manobrar como convinha para responder ao fogo do corsario, dispoz a sua equipagem de modo, que não só lhe resistio á abordagem, se não obteve rebatel-a, forçando-o a arriar bandeira; e escolhendo para guarda e defeza da do seu navio, o valentissimo rapaz *José da Silva* de 17 annos de idade, tão singularmente designado pela Soberana. O Decreto das mercês concedidas á equipagem do Navio *Espada de Ferro*, e a Gazeta que o publicou, não desceram a descrever o modo do ataque do corsario, nem a defeza do navio atacado que, indubitavelmente foi brilhante: não declaram que numero de inimigos ficou morto no convés do *Espada de Ferro*, concluindo sómente que deveriam ser metade da sua guarnição orçada em 150 pessoas, igualando a supposta perda a 70, ou 80 homens. N'uma palavra, a Gazeta, não disse que manobras se fizeram de parte, a parte, mas disse quanto bastou, para todo o technico maritimo, conhecer que o capitão *João Leite da Luz* éra hum habil e denodado official do seu officio, que inspirava confiança á sua equipagem, que havia disposto alegre e animosamente todos, e tudo para a briga, com hum inimigo superior em forças; que os seus marinheiros éram valentissimos,

que nem os tiros de artilharia os atemorisaram, nem o assalto dos inimigos dentro do navio lhe afrouxou o animo, justificando o admiravel resultado da acção, os talentos, o golpe de vista, a constancia, e o denodo do brioso capitão *João Leite da Luz* que o fizeram admittir no corpo da Armada Portugueza, bem como os seus pilotos, artifices e marinhagem, que todos ficaram pertencendo á Marinha de guerra pela dedicação, e audacissima maneira por que defenderam a bandeira nacional.

E veja-se bem qual éra o espirito do povo nessa epoca; o que então se desejava geralmente, éra huma occasião de batalhar com Francezes: ninguem aspirava ou requeria premios da sua dedicação civica, ninguem pedia recompensas dos seus sacrificios, dos seus donativos, dos seus actos de coragem que todos suppunham devidos á Patria; o alvo, o fim de todos os esforços, éra somente vencer o inimigo commum. Quando o Governo galardoava qualquer acto de bravura ou de generosidade, éra por deliberação espontanea, e nunca por solicitação dos interessados. Offerecimentos de navios, subscripçoens até dos pobrissimos pescadores para as urgencias do Estado, criação de companhias de cavallos por homens abastados, e muitas outras demonstraçoens de amor patrio, éram despidas de sordido interesse, e daqui vinha hum modo de proceder tão generoso, e tão geralmente seguido pela nação Portugueza, que os commettimentos mais audazes lhe éram familiares; principalmente nos Marinheiros que todos aspiravam, e morriam por ser heroes, e morriam alguns como acabamos de demonstrar.

Quanto ás subscripçoens dos *pobrissimos* pescadores, como dissémos, aqui damos o documento, a fim de conhecer-se o patriotismo que animava então todas as classes da nossa sociedade, especialmente a classe da gente maritima que toda deo provas da maior dedicação, desinteresse, e valor, que nenhuma das outras igualou.

«Tendo sido presentes a S. M. os Officios que Vossa Senho-
«ria me dirigio sobre o zelo e distincta lealdade com que os

«Mestres e Mandadores dos Portos de *Cezimbra* e da *Ericeira*
«offerecêrão aos Pescadores, que voluntarios viessem offere-
«cer-se para o serviço da Real Marinha, o conservar-lhes o seu
«quinhão que lhes pertenceria, ficando naquellas Pescarias:
«he S. M. servida que Vossa Senhoria lhes mande segurar no
«seu Real Nome, que fica muito presente na sua memoria este
«feito de generosa fidelidade; que em todo o tempo, como o
«pede o bem do Reino, e do Real Serviço, procurará ampliar
«e favorecer as Pescarias dos seus Dominios; mas que sempre
«terá em particular consideração aquelles, que acabão de dar
«tão brilhantes provas de incomparavel fidelidade, que em to-
«dos os seculos formou o distinctivo da Nação *Portugueza*, e
«que servírão de base aos sentimentos de amor e veneração,
«que tributárão constantemente aos seus Augustos Soberanos,
«a cujas incomparaveis virtudes Religiosas e Politicas deverão
«a felecidade e doçura do governo paternal, que sabem avaliar,
«e de que gozão tão ditosamente. S. M. authoriza a Vossa Se-
«nhoria para que faça publicar com toda a authenticidade estes
«seus Reaes sentimentos para vassallos tão fieis, e que vão de
«par com os que tem exprimido toda a Nação, considerada nas
«differentes Classes que a compõem.==Deus guarde a Vossa
«Senhoria. Palacio de *Quéluz* em 23 de Fevereiro de 1797.
«==*D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*==

«Senhor *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

«Supplemento á Gazeta de Lisboa numero IX. Sesta feira 3
«de Março de 1793.»

E ha quem estranhe o enthusiasmo com que alguns velhos fallam das cousas do seu tempo, e acham preferivel quanto então se fazia, ao que hoje se tem por melhor?! Pois não deve ser assim! Referindo-nos sómente ao combate do *Espada*, imaginemos por hum pouco, que essas curvetas actuaes, a *Estephania* por exemplo, era atacada por huma fragata, que depois de trocados cincoenta ou sessenta tiros com o inimigo, ella não desarvorava, nem arriava a sua bandeira, e por isso a fragata muito superior em força, em marcha, em construcção

lhe dava huma violenta abordagem lançando-lhe arpéos; que, cem ou duzentos homens cubiçosos de vencer e ébrios da sua superioridade e do amor do ganho e dos despojos que esperavam encontrar-lhe, lhe invadiam o convés, e vinte ou trinta lhe subiam ao tombadilho tentando arriar-lhe a bandeira; mas que o Official de guarda a ella, cortava as mãos ao primeiro que lhe pegava na adriça atirando com elle ao mar, e aos outros que o seguiam foi acutilando de modo que nunca poderam arriar-lhe a bandeira, ficando o defensor mutilado igualmente e quasi a expirar; que o convés atulhado de mortos e feridos, jorrava sangue até pelos embornaes, e que a final os inimigos não só desistiram da peleja, se não até arriaram a sua bandeira; mas que arrebentando os batoques dos arpéos se desatracárão, e poderam fugir. Digam-nos se hum tal combate, huma tão heroica defesa, não mereceria ao commandante hum fôro de fidalgo, ao immediato huma commenda, e aos officiaes outras condecoraçoens? De certo que sim, mas então nada disto aconteceo, e procederam apenas como éra logico e de razão segundo as ideias da época, hoje mesmo aceitaveis no nosso modo de pensar. Ordenou-se que o valente capitão do navio, sendo paizano, mas comportando-se como denodado homem de guerra passasse a incorporar-se no numero dos que usam da espada por officio: o piloto, tendo mostrado que, alem de saber conduzir navios pacificamente, sabia tambem defendel-os, e dirigil-os debaixo de fogo, deram-lhe exercicio correspondente na marinha militar: a tripulação que toda déra provas de bem manejar as armas, chamuscada pelo fogo inimigo, e golpeada pelas suas armas, sem temer os inimigos do seu paiz, deram-lhe a consideração e vantagens inherentes ao perigoso e nobre serviço de brigar pela Patria; mas tudo isto como se fosse huma deducção logica de principios estabelecidos, e como consequencia necessaria de leis decretadas, que não existiam, mas estavam na mente do governo, e dos governados por hum accordo tacito, e bem entendido por todos. Hoje fazem-se leis, o poder executivo dá-lhes a sua sancção e não parece recuzal-as, porém logo as esquece, e faz quanto lhe

vem á mente sem respeito nem consideração ao voto, e desejos do paiz. Então adivinhavão-se estes desejos, que o povo retribuia com donativos, com sacrificios, com obediencia e boa vontade aos mandados soberanos; hoje violam-se as leis publicadas e aceitas por todos, resultando daqui representaçoens, disgostos, e revoltas. Portanto não se leve a mal, que os velhos achem bons e melhores os costumes e usos do seu tempo, do que os de agora.

# XXVII

## ALGUM FAVOR Á MARINHA

Houve tempo em que parecia tratar-se a nossa Marinha com algum favor, convergindo os actos do governo e as vistas do paiz para lhe dar importancia, tanto honrando-se os officiaes d'ella, e buscando-se dar-lhe a maior instrucção possivel, como tambem construindo-se o maior numero de navios, e os melhores que a sciencia da architectura naval podesse realisar. Até para dar a esta arma a preferencia sobre todas as outras, entendeo-se que ninguem deveria desempenhar o seu serviço como official, que não fosse nobre! No Exercito, os soldados podiam aspirar aos principaes póstos delle, havendo comtudo huma classe dos mesmos a quem esse accesso mais se facilitava, por descenderem de pessoas distinctas, e que se destinavam só a mandar, que éra a classe dos cadetes, porém na Armada, foi esse accesso, em tempo, restricto só aos guardas marinhas que principiavam por huma cathegoria igual á de alferes do Exercito, que todos deveriam ser nobres; donde resultava ser ella composta de sujeitos pertencentes ás primeiras camadas sociaes, cuja posição a abrilhantava, reflectindo a consideração inherente á importancia das suas familias, no corpo em que serviam. E de ordinario, a constituição da Marinha, que só comprehendia gente qualificada, á qual sem repugnancia concedemos educação e instrucção, exercia sobre o

espirito publico hum certo effeito que lhe éra favoravel, e que a maioria dos seus officiaes justificava por huma briosa conducta.

Até os retumbantes titulos de suas primeiras entidades, como que inculcavam a excellencia do seu serviço começando pelo do *Capitão General dos Galeoens da Armada Real d'Alto Bordo do Mar Oceano* (ainda em 1783), Tenentes Generaes, Marechaes de Campo com exercicio na Marinha, Coroneis do Mar, Capitaens de Mar e Guerra, e mais póstos inferiores, mas todos acompanhados de adjectivos sonóros e euphonicos, para darem á Marinha toda a consideração que éra devida á Arma, julgada então, mais prestante e mais necessaria á honra e gloria do paiz. Então criou-se para o seu serviço, a especialidade inicial dos Guardas Marinhas em numero de vinte e quatro, e depois a Companhia de Guardas Marinhas, que o conde de S. Vicente, marechal de campo do Exercito passando a ter exercicio na Marinha foi commandar, pela maneira e forma seguinte, como diz a Gazeta de Lisboa no seu numero trinta e quatro de Terça feira 20 de Agosto de 1782:

«S. M. foi servida por decreto de 2 do corrente mez con«ceder ao Excellentissimo Conde de *S. Vicente,* Marechal de «Campo dos Reaes Exercitos, passagem com o mesmo posto «para o serviço de mar, e nomeallo Ajudante das ordens do Ex«cellentissimo Marquez *d'Angeja,* General da Armada Real.»

Logo que se criou a companhia pelo Decreto que abaixo irá transcripto, foi este conde nomeado commandante della nos termos que a Gazeta de Lisboa, numero 33 de Terça feira 19 de Agosto de 1783 o declara, que vem a ser:

«Em consequencia do decreto de 14 de Dezembro do anno «passado, pelo qual S. M. foi servida crear huma Companhia «de 48 Guardas-Marinhas, foi a mesma Senhora tambem ser«vida ordenar o estabelecimento d'huma Academia de Mari«nha para a instrucção da mesma Companhia, incumbindo da

«direcção della o Excellentissimo Marquez *d'Angeja,* Capitão «General d'Armada Real, e Inspector geral da Marinha, o «qual encarregou a sua execução ao Excellentissimo Conde de «*S. Vicente,* Marechal de Campo com exercicio na Marinha e «seu Ajudante d'ordens.

«Em observancia da dita ordem se achão já estabelecidas «as seguintes lições. Desde 24 de Março deste anno, as de De- «senho, Architectura naval, Apparelho pratico e Manobra, Ma- «nejo d'arma e Evoluções d'Infanteria. Desde 25 de Junho a «de Mathematica; e desde 2 de Julho a da lingua *Franceza.* «Todos estes exercicios se pratícão na magnifica casa das for- «mas do Arsenal Real da Marinha, em differentes horas, de «manhã e de tarde, com tal distribuição, que cada huma das «Brigadas dos Guardas-Marinhas he instruida particularmente, «duas vezes por semana, em todas as Artes e Sciencias pro- «prias da sua profissão: e toda a Companhia o he todos os dias «de manhã na Mathematica, e nas segundas, quartas, e sestas «feiras na lingua *Franceza.* Devendo esperar-se da conhecida «capacidade dos Professores, e da boa ordem das lições, que «este estabelecimento seja huma propria Officina dos mais ha- «beis Officiaes de mar, como promette já o gosto com que se «applicão os Alumnos.»

O Decreto da criação da Companhia he o seguinte:

«Por quanto tendo-se creado, por Decreto de 2 de Julho de «1762, vinte e quatro Guardas-Marinhas para s'empregarem «no serviço da Marinha, a fim de que exercitando-se nelle, se «fizessem dignos de serem promovidos aos postos maiores: e «havendo-se depois abolido a disposição do mesmo Decreto «pelo outro de 9 de Julho de 1774, por algumas circumstan- «cias, que então occorrêrão: E considerando o muito que con- «vem ao meu Real Serviço, que na Marinha haja Officiaes ha- «beis, e instruidos para me servirem com utilidade naquelle «exercicio: Sou servida excitar a observancia do dito primeiro «Decreto, na parte somente que neste se declara, e crear de «novo huma Companhia de Guardas-Marinhas, para a qual te-

«nho mandado fazer o Regulamento que hade observar, assim
«a respeito do numero de Officiaes, e Guardas-Marinhas, co-
«mo do exercicio, que deve ter no mar, e na terra. E em quanto
«não mando publicar o dito Regulamento: Sou outrosim Ser-
«vida ordenar que se admittão até o numero de quarenta e oito
«Guardas-Marinhas, não tendo cada hum delles menos idade
«que a de quatorze annos, e não excedendo a de dezoito, os
«quaes não poderão ser admittidos sem mostrarem, e fazerem
«as qualificações expressadas no Alvará de 16 de Março de
«1757 sobre as qualidades dos Cadetes das Tropas de terra,
«no que lhes for applicavel: não sendo porém obrigados a fa-
«zer as mesmas qualificações aquelles, que pedindo entrar no
«referido Corpo de Guardas-Marinhas, mostrarem ser filhos
«d'Officiaes da Marinha, de Capitão Tenente inclusivamente
«para sima, e de Sargentos móres para sima das minhas Tro-
«pas de terra: podendo tambem ser admittidos aquelles Dis-
«cipulos d'Academia Real da Marinha, que houverem tido o
«partido, que Eu tenho estabelecido, para os que nos exames
«mostrarem a maior applicação, e habilidade. E por que estes
«excederão na idade assima declarada aos outros, que quize-
«rem occupar-se no serviço do Mar: Tenho determinado ao
«Marquez *d'Angeja,* Capitão General dos Galeões da minha
«Armada Real de Alto Bordo, que não os admitta sem primeiro
«mo fazer presente para Eu os dispensar, sendo servida: prati-
«cando o mesmo a respeito de todos os mais, que s'offerece-
«rem para o dito serviço, e de tudo o que julgar ser conve-
«niente que s'altere o que neste meu Real Decreto tenho de-
«terminado, em ordem a cujos fins Sou servida derogar o ou-
«tro de 9 de Julho de 1774, na parte que possa obstar á dis-
«posição neste ordenada. O Conselho de Guerra o tenha assim
«entendido e faça observar pelo que lhe pertence. Palacio de
«N. Senhora *d'Ajuda,* em 14 de Dezembro de 1782.

«*Com a Rubrica de Sua Magestade.*»

Nesse tempo criaram-se os póstos superiores da Marinha
com designação apropriada, acabando-se a anomalia de have-

rem officiaes do Exercito *com exercicio na Marinha*, como se huma arma tão especial, e tão especial serviço, comportassem hum *exercicio* de commissão! Crearam-se os póstos de Vice-Almirante, Chefe de Esquadra, Chefe de Divisão; e os Capitaens de Mar e Guerra, ficaram sendo effectivos, e não provisorios, ou por viagens como estava em pratica, e se mostra da seguinte declaração, transcripta no Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa numero IV de Sabbado 1 de Fevereiro de 1783:

«Por Decreto de 17 dito (Janeiro de 1783) fez a mesma Se-«nhora mercê a *Francisco Xavier Lobo da Gama e Almada*, «Capitão Tenente da Armada Real do Estado da *India*, que «veio commandando a fragata *Santa Anna*, e volta na mesma, «do Posto de Capitão de Mar e Guerra, para servir no mesmo «Estado até nova ordem, fazendo-lhe bom o dito Posto, quando «voltar com licença a este Reino.»

Era capitão de Mar e Guerra até *nova ordem!*

Este estado provisorio, e indefinido desappareceo quando se crearam os postos propriamente de Marinha, e se equipararam aos do Exercito de huma maneira invariavel, pelo Decreto de 16 de Dezembro de 1789, do qual a Gazeta de Lisboa numero 3 de Terça feira 19 de Janeiro de 1790 nos deo noticia assim:

«Lisboa 19 de *Janeiro*.

«S. M. attendendo a que os Postos, de que actualmente se «compõe o Corpo dos Officiaes da Armada Real, se não achão «estabelecidos com a precisa regularidade e proporção, houve «por bem ordenar por Decreto de 16 de Dezembro de 1789: «que ficando os Postos de Capitão General da Armada, e de «Almirante no mesmo pé da sua creação, se componha daqui «por diante o Corpo de Officiaes da mesma Armada de Vice-«Almirantes, Tenentes Generaes, Chefes de Esquadra, Chefes «de Divisão, Capitães de Mar e Guerra, Capitães de Fragata, «Capitães Tenentes, Tenentes de Mar, e Segundos Tenentes.

«Igualmente ordena que, na concorrencia de graduações dos
«ditos Officiaes da Armada, e na correspondencia delles com
«as dos Officiaes do Exercito, se fique observando o seguinte:
«a graduação de Vice-Almirante, immediatamente depois de
«Marechal General do Exercito; a de Tenente General da Ar-
«mada, igual á de Tenente General do Exercito; a de Chefe
«de Esquadra, igual á de Marechal de Campo; a de Chefe de
«Divisão, igual á de Brigadeiro; a de Capitão de Mar e Guerra,
«igual á de Coronel d'Infanteria; a de Capitão de Fragata, igual
«á de Tenente Coronel; a de Capitão Tenente, igual á de Ma-
«jor; a de Tenente de Mar, igual á de Capitão de Infanteria;
«e a de Segundo Tenente, igual á de Tenente da mesma In-
«fanteria. Não sendo porém da Real intenção da Soberana pri-
«var os actuaes Capitães Tenentes da graduação que lhes com-
«pete de Tenentes Coroneis, ficallahão conservando, em quanto
«occuparem o dito Posto.»

Eis aqui os Vice-Almirantes *immediatamente depois* de Ma-
rechal do Exercito, donde se evidencia que o Almirante lhe
éra superior, e o Capitão General da Armada considerado o
mais eminente posto da Milicia do paiz. As primeiras pessoas
delle buscaram pertencer a esta arma, e por isso destinou-se
ao seu serviço o filho natural do infante D. Francisco, o qual
para ganhar pratica, embarcou a primeira vez de voluntario
em Junho de 1754 na náo *S. Thiago Mayor,* como declarou
a Gazeta de Lisboa, numero 27 de Quinta feira 4 de Julho de
1754 assim:

«Na 4. feira 26 do passado sahiu do porto desta Cidade huã
«Esquadra de guerra a correr as costas d'este Reyno, composta
«das naus *N. S. da Arrabida, N. S. da Estrella,* e *Santiago*
«*Mayor,* á ordẽ do Capitão de Mar e Guerra *Joam da Costa de*
«*Brito,* e nella se embarcou como particular o *Senhor D. Joam,*
«filho do Serenissimo Senhor Infante *D. Francisco,*» etc.

Fazendo alguns exercicios passou a servir effectivamente na

Marinha no posto de Coronel do Mar, na forma que o annunciou a mesma Gazeta numero 3 de 24 de Julho do seguinte anno de 1755, que diz no artigo *Portugal:*

«*Lisboa* 24 *de Julho.*

«Está prompta a sahir huma esquadra de duas naus de «guerra para ir correr as costas do Reyno, e dar cassa aos «Corsarios de Barbaria, e he Commandante della o Senhor «D. Joam com a Patente de Coronel do Mar.»

Depois em Novembro de 1757 foi promovido a Capitão General da Armada, como vemos na Gazeta numero 45 de 10 de Novembro do dito anno de 1757, onde no referido Artigo *Portugal. Lisboa* 10 *de Novembro* vem a seguinte noticia:

«Foy o Rey Nosso Senhor servido promover para Capitam «General da sua Armada Real ao *Senhor Dom João,* filho na«tural do Serenissimo Senhor Infante *Dom Francisco,* que «Santa Gloria haja, nomeando-lhe para Ajudantes das suas «ordens ao Capitão Tenente *Nuno da Cunha de Ataide,* e a «Manoel de Almeida de Souza, com graduaçam de Capitão.»

Este filho do infante éra muito affeiçoado ás cousas do mar como seu pai que andava constantemente pelo rio no seu hiate, acompanhando os navios de guerra que entravam e sahiam; mas não éra só elle que mostrava gosto pela Marinha, éra El-Rei que subia a bordo dos navios, éra a Rainha que os hia ver sahir a barra, e na falta destes espectaculos divertia-se a passear pelo Tejo nos bergantins reaes, seguidos de faluas com atabales, trompas, rebecas, e outros instrumentos, de que daremos adiante mais circumstanciada noticia, donde hade ver-se que, por mais de hum seculo, em Portugal, todas as attençoens e interesses pareciam dirigir-se para o mar, construindo-se navios, a cujo cahimento assistiam sempre Suas Magestades, que os visitavam por dentro antes de lançados ao mar, que depois desse acto, subiam á sala do risco a presencearem os exerci-

cios dos Guardas Marinhas, e dando outras provas de quanto ella lhe éra aceita, e ao publico movido por esta tendencia da côrte, e correndo espontaneamente a toda a parte onde havia objectos navaes.

Para se fazer ideia deste interesse e quasi paixão pelas cousas do mar, vamos resumir os avisos que as Gazetas fizeram das viagens de Suas Magestades pelo rio, preferindo o transito por agoa de Belem á Madre de Deos, a Caxias, e outros pontos, ao transporte por terra; assim como hiremos fazendo resenha das náos e fragatas lançadas ao mar desde o anno de 1715. Passeio pelo rio:

«Gazeta de Lisboa. Num. 10. *Sabbado* 12 *de Outubro* «*de* 1715.

«Portugal. *Lisboa,* 12 *de Outubro.* Suas Magestades e AA. «logrão boa saude. A Rainha nossa Senhora sahio Domingo a «divertirse nas faluas Reaes pelo Tejo abayxo acompanhada «das suas Damas, e de muytos Officiaes da sua Casa, e che«gou até o Convento de N. Senhora do Bom Successo das Re«ligiosas Dominicas Irlandezas, onde se celebrava a festa do «Rosario, fazendo mais agradavel o passeo a harmonia de cla«rins e atabales, que a acompanhavão» etc.

«Num. 28. Gazeta de Lisboa. *Sabbado* 11 *de Julho de* 1716.

«No Sabbado foy S. Mag. com o Senhor Infante D. Antonio, «acompanhados do Cardeal da Cunha, e de varios Cavalheyros «ver as naos, e jantou na quinta de Pedrouços, para as ver sa«hir. A Rainha N. S. acompanhada da Senhora Infante D. Fran«cisca, e de varias Damas passou á enseada de S. Joseph, entrou «na Capitania, e nas cartas de marear que entende perfeita«mente, esteve vendo a derrota que havia de seguir a armada.»

«Num. 36. Gazeta de Lisboa. *Sabbado* 5 *de Setembro de* «1716.

«*Lisboa* 5. *de Setembro.*

«A Rainha nossa Senhora se divertio Domingo de tarde no

«Rio com as suas Damas, e criados, fazendo mais suave o pas-
«seyo a harmonia dos clarins... etc. Quarta feyra de tarde as-
«sistirão SS. MM. e AA. a ver lançar ao mar hum navio de
«guerra de 58. peças, a que se deu o nome S. Lourenço, feyto
«pela repartição da Junta do Commercio; o que se fez com
«bom successo, e D. Lourenço de Almada, Presidente da dita
«Junta deu na casa do despacho dos Almazens della, huma
«magnifica merenda a SS. MM. e AA.»

«Num. 15. Gazeta de Lisboa. *Quinta feyra* 15. *de Abril*
«*de* 1717.

«Portugal. *Lisboa* 15. *de Abril.*

«A Rainha nossa Senhora continua com muyta applicação
«no despacho dos negocios do Reyno na ausencia delRey N. S.,
«que continua a divertir-se em Salvaterra, onde o acompanhão
«os Senhores Infantes seus irmãos; e na tarde de terça feyra
«se divertio com a Senhora Infante D. Francisca, e as suas Da-
«mas no passeyo do Rio.»

«Num. 17. Gazeta de Lisboa. *Quinta feyra* 29. *de Abril*
«*de* 1717.

«Portugal. *Lisboa* 29. *de Abril.*

«ElRey nosso Senhor voltou sexta feyra de tarde de Salva-
«terra, e antes de entrar no Paço andou vendo os navios da
«Esquadra, destinada ao soccorro das armas Christãas contra
«os infieis, os quaes achou já promptos a se fazerem à véla
«pelo incansavel cuydado com que o Marquez de Fronteira se
«applicou ao seu apresto, regulando o seu disvelo pelo empe-
«nho, que S. Magestade tem de elles chegarem ao Levante a
«tempo conveniente. Toda a esquadra salvou a Sua Magestade,
«que se recolheo muy satisfeyto della. No dia seguinte a foy
«ver Mons. Bicchi, Nuncio de S. Santidade, a quem o conde
«de S. Vicente deo huma magnifica merenda a bordo da sua
«nao. No Domingo de tarde, para estar mais prompta a sair
«do porto com o primeiro vento favoravel, se fez á véla para
«a enseada de S. Joseph, onde a foi ver no mesmo dia a Rai-

«nha nossa Senhora com todas as Damas, e Officiaes da sua «casa nos Bergantins Reaes; e S. Magestade, e os Senhores «Infantes a virão em Pedrouços. Hontem pela manhãa sahio «deste Porto com vento prospero à ordem do Conde do Rio «Grande, do Conselho de Guerra de S. Magestade, Almirante «da Armada Real, fazendo a funcção de Almirante della o «Conde de S. Vicente Manoel de Tavora, Sargento môr de «Batalha do mar, e a de Fiscal, Pedro de Sousa de Castello «Branco, Coronel do Regimento da Armada. Esta Esquadra «se compõem dos navios seguintes:

| «*Num.* | *Nomes* | *Capitaens* | *Peças* | |
|---|---|---|---|---|
| «1. | A Conceyção. | Antonio Duarte.<br>Luiz de Abreu Prego.......<br>Joseph Gonçalves Lage. | 80 | |
| «2. | N. S. do Pilar. | Manoel André dos Santos...<br>Luis de Queirós.<br>Pedro de Oliveira Muge. | 84 | |
| «3. | Assumpção de N. Senhora.. | Simão Porto...............<br>Francisco Dias Rego. | 66 | |
| «4. | N. S. das Necessidades.. | Gillet du Bucage........... | 66 | |
| «5. | Santa Rosa... | João Bautista Rolhano...... | 66 | |
| «6. | Rainha dos Anjos...... | Joseph Preyra de Avila..... | 56 | |
| «7. | S. Lourenço.. | Bertholameu Freyre........ | 56 | |
| «8. | S. Antonio de Padua...... | Jorze Mathias de Soutomayor | 8 | Brulote. |
| «9. | S. Antonio de Lisboa..... | Thomás Tully.............. | 8 | Brulote. |
| «10. | S. Thomás de Cantuaria... | Mestre Antonio dos Santos... | 20 | Transporte. |
| «11. | Tartana...... | Mestre José Barganha...... | 8 | e 16 pedreiros. |

«Além dos Capitães nomeados nesta lista vão tambem os «Capitães Tenentes, Pedro de Albuquerque, Joseph de Aze«vedo, Antonio Prereyra Borges, Pedro da Silveyra, Gaspar «Vieyra da Sylva, Pedro Dias Falcão, Agostinho Morial, André «Gonçalves Nogueyra. Cavalheyros voluntarios, que se embar«cárão nesta occasião, o Brigadeyro Rodrigo Cesar de Mene«zes, os Capitães de Cavallo, Joseph Bernardo de Tavora, e «D. Antonio da Sylveyra, Antonio de Mello de Castro, D. Af«fonso de Noronha, filho dos Condes dos Arcos, o Capitão de

«Infanteria João de Sousa Coutinho, irmão do Correyo môr do «Reyno, com a sua companhia; D. Rodrigo de Brito Monroy, «Cavalleyro da Ordem de Malta, filho de D. Affonso de Aguil«lar Mexia, e Antonio Carlos Cary, Cavalleiro Inglez. Os Re«gimentos que guarnecem estes navios são os da Marinha, a «que se unirão muytos Soldados dos melhores da Corte. Vão «providos com mantimentos para cinco mezes, e todas as ar«mas, e petrechos em abundancia, com muyto dinheyro, e «creditos para haverem mais, sendolhes necessario, e no tran«sporte muitos mastros, enxarcias, e os mais materiaes so«brecelentes.»

«Num. 30. Gazeta de Lisboa. *Quinta feyra* 29. *de Julho «de* 1717.

«Portugal. *Lisboa* 29. *de Julho.*

«ElRey nosso Senhor veyo Domingo passado a esta Cidade «para ver lançar ao rio das janellas do Paço huma nao nova «de guerra de 66. peças que aqui se fez, debayxo da protecção «dos nomes Madre de Deos, e S. João Euangelista, o que se «executou felizmente, sem embargo de sair já acabada de todo «do estaleyro. O Senhor Infante D. Francisco assistio na ri«beyra das naos vendo esta operação.»

«Num. 36. Gazeta de Lisboa. *Quinta feyra* 9. *de Setem«bro de* 1717.

«Portugal. *Lisboa* 9. *de Setembro.*

«A Rainha nossa Senhora se divertio Domingo no passeyo «do Rio com as suas Damas; e terça feyra em que a mesma «Senhora cumpria annos, concorreo a palacio toda a Nobreza «da Corte vestida de gala, e adornada de joyas a beijar a mão «a Sua Mag. a quem tambem cumprimentarão com o mesmo «motivo o Nuncio de S. Santidade, e o Embayxador de França. «ElRey Nosso Senhor esteve a semana passada em a Villa de «Cintra donde passou à de Mafra, a ver hũ sitio para hũ Con«vento de Capuchos Arrabidos que alli quer fundar.»

N. B. Depois a real Basilica.

«Num. 1. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feyra 6.
«de Janeyro de 1718.

«Portugal. *Lisboa* 6. *de Janeiro.*

«A Rainha nossa Senhora, com o Serenissimo Principe, e as «Serenissimas Senhoras Infantes D. Maria, e D. Francisca, vi-«sitou no prymeiro dia deste anno a Casa do Noviciado da «Companhia de Jesus, onde estava o Lausperenne, e depois «passárão a ver o Presepio dos Noviços, e ouvirão os Colo-«quios que dous delles fizerão ao Menino Deos. Os Religio-«sos lhe tinhão prevenido huma collação com toda a magnifi-«cencia. No dia seguinte foy a mesma Senhora passear pelo «Rio no seu Bergantim Real, e desembarcando em Alcanta-«ra,» etc.

«Num. 4. Gazeta de Lisboa Occidental. *Quinta feyra* 27.
«*de Janeyro de* 1718.

«Portugal. *Lisboa* 27. *de Janeyro.*

«Quarta feyra 25. se divertio a Rainha N. S. passeando «pelo Rio no seu Bergantim Real, acõpanhada das suas Da-«mas, e Officiaes da Casa, seguida por huma falua com ata-«bales, e clarins; e este mesmo divertimento teve na tarde «de Domingo passado.»

«Num. 10. Gazeta de Lisboa Occidental. *Quinta feyra*
«9. *de Março de* 1719.

«Portugal. *Lisboa* 9. *de Março.*

«Hontem de tarde se lançou ao mar huma náo de 52 peças «na presença de Suas Magestades, e Altezas, e se lhe deu o «nome de N. Senhora da Atalaya.»

«Num. 33. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feyra 17.
«de Agosto de 1719.

«Portugal. *Lisboa* 17. *de Agosto.*

«A Rainha N. Senhora passeou Domingo pelo Tejo no seu «Bragantim Real.»

«Num. 48. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feyra 27.
«de Novembro de 1721.

«Portugal. *Lisboa* 27. *de Novembro.*

«Sesta feyra 21. do presente se lançárão ao mar duas náos «de guerra, que se fabricárão nos estaleyros dos armazens «Reaes com os nomes de N. Senhora da Oliveyra, e N. Senhora «da Nazareth, de cincoenta peças cada huma, o que se execu«tou com grandissima velocidade. Suas Magestades, e Altezas «acompanhados das Damas, e Officiaes da Casa Real assistirão «a este acto em huma magnifica casa de madeyra, que expres«samente se tinha formado na Ribeyra das naos, adornada de «ricas tapeçarias, e damascos guarnecidos de ouro, para onde «tinhão passado nos bargantins Reaes, e depois de Suas Ma«gestades, e Altezas se recolherem pela mesma ponte da casa «da India, onde se havião embarcado, houve na casa da Aula «hum copioso refresco de varios doces, e bebidas na fórma «que sempre se costuma (1) em semelhantes occasioens.»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feyra
«22. de Abril de 1723.

«Portugal. *Lisboa* 22. *de Abril.*

«Hontem se lançou ao mar huma fragata de guerra de 50. «peças, a que se impoz o nome de N. Senhora do Rosario, na «presença de SS. MM., e AA.»

(1) *Na fórma que sempre se costuma.* Porque se costuma? Qual será a razão deste regosijo official? *Fórma que sempre se costuma,* denota uso antigo, e o mais he que ainda hoje no anno de 1863, o mesmo *costume* continúa sem ter havido interrupção desde aquella antiga época. Parece-nos que a razão do festejo, provem de considerar-se o cahimento de hum navio de guerra no mar, huma funcção nacional. O acto só em si he grandioso! A quéda da immensa maquina, e a sua carreira, a que nenhuma potencia deo impulso, a elegancia das fórmas do navio, a magestade da sua grandeza, o encanto da sua pintura, a ideia da sua força, tudo concorre para despertar no animo do observador singular interesse; mas o que mais o impressiona, he a outra ideia, a ideia de augmentar o poder e força nacional com hum novo instrumento de guerra! Daqui vem, cremos nós o motivo de ser tão

«Num. 21. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 24.
«de Mayo de 1725.

«Portugal. *Lisboa 24. de Mayo.*

«As noticias, que chegàrão do Brasil com a nao Concordia «consistem, em que todo aquelle Paiz se acha abundante de «tudo; e que houvera nelle grande safra de assucar, e tabaco: «que a Costa se acha livre de piratas, depois que se lhe appli-«cou o remedio de andarem cruzando sempre aquelles mares «duas naos de guerra: que se tinha lançado ao mar, no mez «de Agosto, huma náo nova de guerra de grande lotação: que «huma, que desta Cidade partio para a India, em Abril de 1724, «tinha arribado àquella Bahia,» etc.

«Num. 40. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 4.
«de Outubro de 1725.

«Portugal. *Lisboa 4. de Outubro.*

«Na segunda feira se vestio toda a Corte de gala festejando «os annos do Senhor Emperador. No mesmo dia começou a «entrar a frota da Bahia de todos os Santos, composta de 34. «navios de commercio, e duas náos da India Oriental, com 73. «dias de viagem, comboyados todos por tres naos de guerra, das «quaes foy huma novamente fabricada na mesma Bahia,» etc.

Num. 47. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 22.
«de Novembro de 1725.

«Portugal. *Lisboa 22. de Novembro.*

«A Rainha Nossa Senhora foy quinta feira passada por mar «com o Principe nosso Senhor, e a Senhora Infante D. Maria «a Paço de Arcos, e jantárão,» etc.

«Num. 41. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 10.
«de Outubro de 1726.

«Portugal. *Lisboa 10. de Outubro.*

«Terça feira da semana passada, em que se celebrou a festa

festejado o cahimento de hum navio de guerra no mar, como sempre tem sido, e continua a ser.

«dos Santos Martyres de Lisboa Verissimo, Maxima, e Julia, «visitou a Rainha N. S. a igreja Parochial onde se venera a «sua sepultura, e parte das suas Reliquias. Na quarta feira foy «a Bellas visitar o Senhor Infante D. Carlos. Na quinta feira se «foy a divertir na Tapada Real de Alcantara na caça aos Coe-«lhos. Na sexta visitou o real mosteiro de S. Francisco, onde «se celebrava a festa deste Glorioso Patriarcha. ElRei nosso «Senhor foy no mesmo dia acompanhado dos Senhores Infan-«tes D. Francisco, e D. Antonio visitar o de S. Joseph de Ri-«bamar; onde jantârão com os Religiosos. No Sabbado vespera «de S. Bruno foi a Rainha N. S. visitar a Igreja dos Monges Car-«tuxos de Laveiras nos Brigantins Reaes, e Domingo,» etc.

«Num. 8. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira.

«Portugal. *Lisboa* 24. *de Fevereiro.*

«Sabbado de tarde foy o Principe nosso Senhor com os Se-«nhores Infantes D. Carlos e D. Pedro divertirse na pesca na «casa Real de Campo de Belem, onde concorreo tambem a «Rainha nossa Senhora, com a Senhora Princeza, e a Senhora «Infante D. Francisca,» etc.

«Num. 18. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 1. «de Mayo de 1727.

«Portugal. *Lisboa* 1. *de Mayo.*

«A Rainha nossa Senhora foy quarta feira da semana pas-«sada ver o Senhor Infante D. Carlos, que se acha muy con-«valecido da sua queixa: na quinta feira se divertio na caça «dos coelhos na tapada de Alcantara. No Sabbado continuou «as suas costumadas devoções, no Domingo andou passeando «no rio nos brigantins Reaes; e na segunda feira foy a Palhavã «ver a quinta do Conde de Sarzedas.»

«Num. 26. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 26. «de Junho de 1727.

«Portugal. *Lisboa* 26. *de Junho.*

«A 21. se lançou ao mar na presença de SS. Mag. e AA.

«huma fragata de guerra de 50. peças com o nome de N. S. da «Lampadosa.»

«Num. 29. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 17. «de Julho de 1727.

«Portugal. *Lisboa* 17. *de Julho.*

«Na quinta, e sexta feira da semana passada se divertio a «Rainha nossa Senhora passeando pelo rio nos Brigantins «Reaes, etc.»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 4. «de Dezembro de 1727.

«Portugal. *Lisboa* 4. *de Dezembro.*

«Havendo partido desta Corte a Rainha N. S. quinta feira «13. do mez passado com o Principe nosso S. e a Senhora «Infante D. Maria, desembarcàrão nos Brigantins Reaes no «porto de Coyna, e foraõ ver a fabrica dos espelhos, e vidros «christalinos, estabellecida naquella Villa.» etc.

«Num. 25. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 17. «de Junho de 1728.

«Portugal. *Lisboa* 1. *de Julho.*

«A Rainha nossa Senhora foy estes dias ao mar, à Tapa-«da,» etc.

«Num. 35. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 26. «de Agosto de 1728.

«Portugal. *Lisboa* 26. *de Agosto.*

«Quarta feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-«nhora, com a Senhora Princeza de Asturias, o Senhor In-«fante D. Pedro, e a Senhora Infanta D. Francisca a divertirse «na sua Casa Real de Campo de Belem; e de noite se recolhe-«rão por mar.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 21.
«de Outubro de 1728.

«Portugal. *Lisboa* 21 *de Outubro.*

«A Rainha nossa Senhora foy na quarta feira da semana pas-
«sada por mar, com o Principe nosso Senhor, e a Senhora In-
«fanta D. Francisca a divertir-se na caça, e lebres, no sitio de
«Paço de arcos; salvando a Sua Mag. e AA. os navios de Malta,
«Inglezes, Francezes, Holandezes, e das outras naçoens, que
«estavão surtos neste porto.»

«Num. 48. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 25.
«de Novembro de 1728.

«Portugal. *Lisboa* 25. *de Novembro.*

«O Principe nosso Senhor foy na semana passada divertir-se
«na caça da outra parte do Tejo; e na sua passagem foy sal-
«vado pelas náus de guerra de Malta, e por outras q̃. estavão
«no mesmo rio.»

«Num. 13. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 30.
«de Março de 1730.

«Portugal. *Lisboa* 30. *de Março.*

«Na quarta feira da semana passada foy a Rainha, Principe,
«e a Princeza nossos Senhores, e o Senhor Infante D. Pedro a
«divertir-se nos Brigantins Reaes até ao sitio de Xabregas, on-
«de desembarcárão, e forão fazer oração na Igreja da Madre
«de Deus... Na sexta feira forão por mar a Belem fazer ora-
«ção á Imagem do Senhor dos Passos...» etc.

«Num. 15. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 13.
«de Abril de 1730.

«Portugal. *Lisboa* 13. *de Abril.*

«Segunda feira primeira oitava da Pascoa beijou toda a No-
«breza a mão a Suas Magestades, e Altezas, e o Marquez de
«Capicelabro Embaixador delRey Catholico, comprimentou a
«toda a familia Real na fórma costumada. No mesmo dia foy
«a Rainha, e Princeza nossas Senhoras, o Senhor Infante D. Pe-

«dro, e a Senhora Infanta D. Francisca, ao Campo pequeno, vi-
«sitar ao Senhor Infante D. Carlos; e na terça feira foraõ por
«mar com o principe a S. Bento de Xabregas.»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 20.
«de Abril de 1730.

«Portugal. *Lisboa* 20. *de Abril.*

«Na manhã de quinta feira da semana passada foy a Rainha,
«Principe, e Princeza nossos Senhores, com o Senhor Infante
«D. Pedro, a divertir-se na tapada de Alcantara, onde em hu-
«ma batida matàrão hum grande numero de coelhos.

«Na sesta feira se divertirão no passeyo do rio, mandando
«fazer lanços aos pescadores,» etc.

«Num. 17. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 27.
«de Abril de 1730.

«Portugal. *Lisboa* 27. *de Abril.*

«Na quinta feira foraõ a Rainha, e Princeza nossas Senhoras
«com o Senhor Infante D. Pedro, a divertirse em huma das
«Cazas Reaes de campo no sitio de Belem, onde já se achava
«o Principe nosso Senhor. No Sabbado foraõ à sua costumada
«devoção de visitar a Imagem de N. Senhora das Necessidades;
«e na segunda feira a divertir-se no rio até Marvilla, onde des-
«embarcárão à porta da quinta do Marquez de Marialva; e de-
«pois de haver passeado nella algum tempo, se recolherão ou-
«tra vez pelo rio ao Paço.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 11.
«de Maio de 1730.

«Portugal. *Lisboa* 11. *de Maio.*

«Na terça feira 2. do corrente se festejàrão os annos do Se-
«nhor Infante D. Carlos, que neste dia veyo do Campo pequeno
«para o Paço, onde de noite houve huma musica particular no
«quarto de Sua Magestade, a que assistio com os Principes nos-
«nos Senhores, Senhores Infantes, e a Senhora Infanta D. Fran-

«cisca. Na quarta feira se andàrão divertindo no rio a Rainha, «os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro,» etc.

«Num. 31. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 3. «de Agosto de 1730.

«Portugal. *Lisboa 3. de Agosto.*

«Na quinta feira da semana passada foy a Rainha nossa Se«nhora por mar, com a Senhora Princeza e o Senhor Infante «D. Pedro à Ermida de S. Joaquim, onde se achava o *Laus«perenne;* e no Sabbado,» etc.

«Num. 36. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 7. «de Setembro de 1730.

«Portugal. *Lisboa 7. de Setembro.*

«Na manhãa de quarta feira da semana passada, aprovei«tando-se da serenidade do dia foy a Rainha nossa Senhora, «os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro por mar até o si«tio de Belem; e desembarcando dos Bergantins Reaes mon«tàrão Suas Altezas a cavallo e andàrão vendo todas as casas «de campo, que El Rey nosso Senhor tem naquelle sitio, don«de se recolheraõ por mar ao Palacio Real desta Corte;» etc.

«Num. 22. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 29. «de Mayo de 1732.

«Portugal. *Lisboa 29. de Mayo.*

«Na segunda feira foy a Rainha com os Principes, e o «Senhor Infante D. Pedro por mar atè Paço de Arcos, onde «jantàrão na quinta de D. Jorge Henriques, Senhor das Al«caçovas, e depois andàrão vendo varias quintas nos lugares «de Oeiras, e Carcavelos, e se recolheraõ para o Paço tam«bem por mar.»

«Num. 37. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 11. «de Setembro de 1732.

«Portugal. *Lisboa 11. de Setembro.*

«A Academia Real se ajuntou no Paço, e fez os seus costu-

«mados Panegyricos; e de noite houve serenata no quarto da «mesma Senhora que na segunda feira foy com os Principes, «e com o Senhor Infante D. Pedro a divertirse no passeyo do «rio.»

«Num. 38. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 18. «de Setembro de 1732.

«Portugal. *Lisboa* 18. *de Setembro.*

«Na quarta feira foram a Cascaes visitar o Senhor In«fante D. Carlos a Rainha N. Senhora, os Principes, e o Se«nhor Infante D. Pedro; fizeram a sua viagem por mar atè «*Paço de Arcos,* donde a continuàram nos coches, e o mes«mo observàram embarcando-se quando se recolheram a «Lisboa.»

«Num. 39. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 25. «de Setembro de 1732.

«Portugal. *Lisboa* 25. *de Setembro.*

«No domingo andou a Rainha nossa Senhora com Suas Al«tezas e o Senhor Infante D. Pedro, passeando pelo Tejo nos «Bergantins Reaes.»

«Num. 25. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 18. «de Junho de 1733.

«Portugal. *Lisboa* 18. *de Junho.*

«Terça feira da semana passada desceu El Rey nosso Se«nhor, que Deos guarde, à Ribeira das naos, com o Senhor «Infante D. Francisco, e com o Senhor Infante D. Antonio «para verem huma, que se achava acabada no estaleiro de 74. «peças, com o nome de nossa Senhora da Conceição, e S. João «Bautista. O Principe nosso Senhor, a Senhora Princeza, e o «Senhor Infante D. Pedro, fizerão o mesmo na quarta feira «de tarde. E na tarde de sesta feira foy a Rainha nossa Senho«ra; com os Principes, o Senhor Infante D. Pedro, e o Se«nhor Infante D. Francisco à mesma Ribeira, donde virão lan«çar ao mar a referida nao, com felicissimo successo; e na

«ida, e volta forão Sua Magestade, e Altezas salvados com des-
«cargas de artelharia, do Hyate do Senhor Infante D. Fran-
«cisco, e de huma nao de guerra Ingleza.»

«Num. 26. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 25.
«de Junho de 1733.

«Portugal. *Lisboa 25. de Junho.*

«Terça feira da semana passada, se divertirão no passeyo
«do Tejo, a Rainha nossa Senhora, os Principes, e o Senhor
«Infante D. Pedro; e desembarcando no sitio do Grillo, visi-
«tàrão a Igreja das Religiosas Descalças de Santo Agostinho,
«onde se achava o Lausperenne. Na sesta feira de manhã fo-
«rão tambem nos escaleres Reaes ao Convento dos Religiosos
«Arrabidos de S. Josè de Riba-mar, onde ouvirão Missa, e
«dalli passárão a huma das cazas Reaes de campo do lugar de
«Bellem.»

«Num. 33. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 13.
«de Agosto de 1733.

«Portugal. *Lisboa, 13 de Agosto.*

«A Rainha nossa Senhora, com a Senhora Princeza, e o Se-
«nhor Infante D. Pedro, forão a 4. dia do Patriarca S. Domin-
«gos fazer oração à Igreja dos seus Religiosos; e a 5. visitou
«o Convento de Nossa Senhora do Bom Successo da mesma
«ordem. A 7. vizitàrão a Igreja dos Padres Teatinos, que ce-
«lebravão a festa do seu glorioso Patriarca, e dalli forão a di-
«vertirse no passeyo do rio, onde tambem se achou o Prin-
«cipe nosso Senhor.»

«Num. 39. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 24
«de Setembro de 1733.

«Portugal. *Lisboa 24 de Setembro.*

«Domingo passado se andou divertindo no passeyo do rio
«a Rainha nossa Senhora, com a Senhora Princeza, e o Senhor
«Infante D. Pedro.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 22.
«de Outubro de 1733.

«Portugal. *Lisboa* 22. *de Outubro.*

«Segunda feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-«nhora com os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro ao si-«tio de Paço de Arcos, e jantàrão na quinta de D. Jorge Hen-«riques Pereira, Senhor das Alcaçovas, fazendo a sua jornada «pelo rio, na ida, e na volta.»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 3.
«de Dezembro de 1733.

«Portugal. *Lisboa* 3. *de Dezembro.*

«Segunda feira da semana passada se divertirão na pesca, «na banda dalèm do Tejo, a Rainha nossa Senhora, os Prin-«cipes, e os Senhores Infantes, D. Carlos, e D. Pedro; e pas-«sando daquelle sitio ao de Bellem, se recolhèrão no mesmo «dia a Lisboa. Na sesta feira se divertirão no passeyo do Rio, «e depois forão ouvir cantar a Ladainha na Igreja das Religio-«sas da Madre de Deos» ([1]).

«Num. 38. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 2.
«de Setembro de 1734.

«Portugal. *Lisboa* 2. *de Setembro.*

«...; aonde foram no Sabbado 28. a Rainha N. S. com a «Princeza, e o Senhor Infante D. Pedro, que no dia 31. fo-«ram por mar a divertirse em hũa das cazas Reaes de campo «do sitio de Bellem.»

«Num. 47. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 24.
«de Novembro de 1735.

«Portugal. *Lisboa* 24. *de Novembro.*

«A semana passada se lançou ao mar huma nau nova de

([1]) Nem os frios de Dezembro, desviavam a familia real então, dos seus divertimentos do rio, e andando por elle depois de noite, como se conclue de regressarem depois de se cantar a Ladainha, que sempre era á noite. O gosto então, era todo aquatico, e todo pela Marinha.

«de guerra de 70. peças na presença de Suas Magestades, e «Altezas, à qual se deu o nome de N. Senhora da Esperança.»

«Num. 28. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 12. «de Julho de 1736.

«Portugal. *Lisboa* 12. *de Julho de* 1736.

«Segunda feira viram Suas Magestades, e Altezas da Ribeira «das naus lançar ao mar huma nau nova de 62. peças, a que «se poz o nome de N. Senhora da Arrabida.»

Num. 19. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 9. «de Mayo de 1737.

«Portugal. *Lisboa* 9. *de Mayo.*

«No dia 30. do mez passado viram Suas Magestades, e Al-«tezas lançar ao mar huma nau nova de guerra de 74. peças, «fabricada no estalleiro da Ribeira das naus d'esta Cidade, a «que se deu o nome de Nossa Senhora da Gloria.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 24. «de Outubro de 1737.

«Portugal. *Lisboa* 24. *de Outubro.*

«Na quinta feira se divertio a Rainha nossa Senhora com o «Principe, e com o Senhor Infante D. Pedro na caça dos coe-«lhos no sitio de Paço de Arcos, e jantáram na quinta de D. An-«tonio Henriques Pereira, Védor da Casa da mesma Senhora, «fazendo esta jornada por mar.»

«Num. 48. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 28. «de Novembro de 1737.

«Portugal. *Lisboa* 28. *de Novembro.*

«A Rainha nossa Senhora com os Principes, e o Senhor In-«fante D. Pedro, foram segunda feira da semana passada à «outra banda do Tejo, e se divertiram com a pesca na costa «da Trafaria.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 8.
«de Mayo de 1738.

«Portugal. *Lisboa* 8. *de Mayo.*

«A Rainha nossa Senhora foy na terça feira 29. ao Convento «de S. José de Ribamar a ver sahir as naus da India, e frota «do Rio de Janeiro, que no mesmo dia leváram ferro do Porto «desta Cidade; mas pondose-lhes o vento contrario, ficáram «surtas na Enseada de S. José, e partiram na quarta feira 30. «de Abril. As naus que foram para a India, sam Nossa Senhora «da Vitoria, e Nossa Senhora do Bom Successo. Da primeira «vay por Capitam, e Cabo de ambas *D. José de Mello Manoel,* «irmam de D. Pedro Manoel de Mello, Senhor do Morgado da «*Ribeirinha,* da Ilha de S. Miguel; e da Segunda, que vay por «Almiranta, Bernardo Antonio Rebello da Fonseca, Fidalgo «da Casa de Sua Mag. e Capitam de Mar e guerra.

«A frota do Rio de Janeiro se compunha de 18. navios de «commercio, e com elles partiram juntamente 2. navios para «a *Bahia de Todos os Santos,* 3. para o *Maranham,* e *Gram* «*Pará,* 3. para o Reino de *Angola,* 1. para *Pernambuco,* 1. «para *Santos,* portos da Capitania de S. Paulo.»

«Num. 31. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 31.
«de Julho de 1738.

«Portugal. *Lisboa* 31. *de Julho.*

«No dia 22. do corrente entrou no porto desta Cidade hu«ma nau nova de guerra fabricada no estalleiro da Cidade do «Porto, dedicada a *Nossa Senhora da Oliveira de Guimaraens* «com tres dias de viagem, mandada pelo Capitam de Mar e «guerra João Pereira Santos, e nella vieram embarcados os «dezasete Mouros, em que se falou a semana passada.»

«Num. 36. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 4
«de Setembro de 1738.

«Portugal. *Lisboa* 4. *de Setembro.*

«A Rainha nossa Senhora tambem visitou no mesmo dia a «Igreja de Nossa Senhora da Graça; e no Domingo de tarde

«andou passeando pelo Rio nos Brigantins Reaes, gozando da «amenidade do dia.

«A 27. partiu do porto desta Cidade a nau nova ([1]) de guer-«ra Nossa Senhora do Carmo, commandada pelo Capitam de «mar e guerra D. Pedro de Etrées, comboyando os quatro «navios que vieram com a frota de Pernambuco pertencentes «ãos Negociantes da Cidade do Porto»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 4. «de Dezembro de 1738.

«Portugal. *Lisboa 4. de Dezembro.*

«Na quinta feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-«nhora, com a Senhora Princeza do Brazil visitar a Igreja Par-«roquial de Nossa Senhora da Ajuda no sitio de Bellem onde «estava o *Lausperenne.* Na sesta feira foram as mesmas Se-«nhoras com o Principe nosso Senhor, e o Senhor Infante «D. Pedro, pelo rio, embarcados nos bergantins Reaes, visi-«tar o Convento dos Religiosos Arrabidos de Santa Catharina «de Ribamar; e na sua passagem foram salvados com 147. pe-«ças de canham pelas sete naus de guerra da Gram Bretanha, «que entam se achavam neste rio.»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 16. «de Abril de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 16. *de Abril.*

«Na quinta feira 9. do corrente viram Suas Magestades, e «Altezas lançar ao mar huma nau nova de 56. peças, que se «acabou no estaleiro da ribeira das naus, e se dedicou á pro-«tecçam de Nossa Senhora da *Penha de França.*

«Num. 18. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 30. «de Abril de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 30. *de Abril.*

«Na sesta feira 24. do corrente foy a Rainha nossa Senhora

([1]) Não encontrámos a noticia do lançamento desta nova nao ao mar,

«a *Bellem,* e se divertio passeando em huma das Casas Reaes «de Campo daquelle sitio. No sabbado foy a mesma Senhora «com os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro, a passear no «rio desta Cidade no seu Brigantim Real; e desembarcando «foram á sua costumada devoçam de Nossa Senhora das Ne«cessidades.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 7. «de Mayo de 1739.

«Portugal. *Lisboa 7. de Mayo.*

«Na segunda feira da semana passada 27. de Abril, foy a «Rainha nossa Senhora ao sitio de S. José de Ribamar, para «delle ver sahir a frota que partio do porto desta Cidade para «o Brasil, a qual consistia em 29. navios de commercio de que «foram dez para a *Bahia* de todas os Santos, sete para a Ca«pitania de *Pernambuco,* quatro para o *Maranham,* e *Gram* «*Pará,* tres para o *Rio de Janeiro,* hum para a Paraiba, e ou«tro para *Santos* com escala ao Rio de Janeiro. Partiram com «a mesma frota a nau de guerra Nossa Senhora da Conceiçam «para o Estado da *India,* dous para o Reino de *Angola,* e hum «para *Benguela;* todos debaixo do Comboy da nau de guerra «Nossa Senhora do Pilar, á ordem do Capitam de mar e guer«ra Fr. José de Vasconcellos, a quem Sua Mag. fez a mercê «de mandar dar soldo dobrado em atençam do merecimento «dos seus serviços.»

«Num. 20. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 25. «de Junho de 1739.

«Portugal. *Lisboa 25. de Junho.*

«Sesta feira 19. fez exercicio no terreiro do Paço na presen«ça de Suas Magestades, e Altezas hum (havia mais de hum) «dos Regimentos da Marinha, de que he Coronel *D. Francisco* «*Mascarenhas,* fazendo todas as evoluções militares com ge«ral aplauso, e extraordinaria destreza.»

porém o declarar-se que ella era *nova* bem demonstra que a Marinha se augmentara com mais este vaso de guerra.

Num. 29. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 16.
«de Julho de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 16. *de Julho.*

«Na quarta feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-
«nhora com o Principe, a Senhora Princeza, e o Senhor Infan-
«te D. Pedro ao sitio de *Bellem,* e se divertiram em huma das
«Casas Reaes de Campo, fazendo a sua viagem pelo rio na ida,
«e na volta. Na sesta feira repetiu Sua Mag. a mesma jornada
«e concorreram ao mesmo sitio o Principe nosso Senhor, e
«Senhor Infante D. Pedro.»

«Num. 30. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 23.
«de Julho de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 23. *de Julho.*

«Terça feira da semana passada a Rainha nossa Senhora com
«os Principes, e com o Senhor Infante D. Pedro, andáram lo-
«grando no passeyo do Tejo a amenidade do dia; e no sabado
«de manhan, foy com os Principes, e o Senhor Infante D. Pe-
«dro á Igreja da Madre de Deos, fazendo a sua viagem pelo rio
«á ida, e á volta.»

«Num. 32. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 6.
«de Agosto de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 6. *de Agosto.*

«...No dia seguinte foy a mesma Senhora com os Princi-
«pes, e o Senhor Infante D. Pedro á sua costumada devoçam
«de N. S. das Necessidades; e por conta dos nove sabados da
«Senhora Princeza. Foram, e voltáram pelo rio nos Brigantins
«Reaes.»

«Num. 35. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 27.
«de Agosto de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 27. *de Agosto.*

«Quarta feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-
«nhora com os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro, em-
«barcados no Brigantim Real, para se divertirem no passeyo

«do rio, e lograrem a amenidade da Estaçam. Nã quinta, por «ser dia dedicado á festa do glorioso S. Bernardo, foy a mes- «ma Senhora visitar o Convento das Religiosas de S. Bernar- «do no sitio do Mocambo. Sabado de manhan foy com os Prin- «cipes, e o Senhor Infante D. Pedro ao Convento de Nossa Se- «nhora do Livramento dos Religiosos da Santissima Trindade «no sitio de Alcantara, fazendo a sua viagem pelo rio, na ida, «e na volta.»

«Num. 36. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 3. «de Setembro de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 3. *de Setembro.*

«Quinta feira 27. do passado se andaram divertindo em hu- «ma das casas Reaes de campo do sitio de Bellem a Rainha «nossa Senhora, com os Principes, e o Senhor Infante D. Pe- «dro, havendo ido, e voltado pelo rio.»

«Num. 37. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 10. «de Setembro de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 10. *de Setembro.*

«Na quarta feira 2. do corrente foy a Rainha nossa Senhora «com os Principes, e o Senhor Infante D. Pedro embarcados «em hum Bergantim Real até o sitio de *Bellem,* onde em hu- «ma das casas Reaes de campo se andaram divertindo no pas- «seyo, e se recolheram depois ao Paço, na mesma embarca- «çam.»

«Num. 42. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 15. «de Outubro de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 15. *de Outubro.*

«Na terça feira da semana passada, dia do glorioso Sam Bru- «no, fundador da Cartuxa, foy a Rainha nossa Senhora por mar «ao sitio de *Laveiras* visitar a Igreja dos seus Religiosos, e se «recolheu tambem por mar.»

«Num. 45. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 5.
«de Novembro de 1739.

«Portugal. *Lisboa* 5. *de Novembro.*

«Na manhan de quinta feira passada foy a Rainha nossa Se-«nhora acompanhada do Principe, e do Senhor Infante D. Pe-«dro ao sitio de *Paço de Arcos*. Jantáram na quinta de D. An-«tonio Henriques Pereira seu Viador. Divertiram-se de tarde «na caça dos coelhos; e havendo feito esta jornada por mar, «se recolheram ao Paço por terra.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa Occidental, Quinta feira 12.
«de Mayo de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 12. *de Mayo.*

«Em 7. do corrente partio deste porto com vento favoravel «a Esquadra destinada para o Estado da India, e commandada «pelo novo Vice-Rey o Marquez de Louriçal, a qual se compõem «de seis naus de guerra, a saber *N. Senhora da Esperança*, «em que vai embarcado o mesmo Marquez; e por Comman-«dante della o Coronel de mar Luis de Abreu Prégo: *N. S. do* «*Carmo*, que vay servindo de Almirante, governada pelo Ge-«neral de Batalha D. Francisco Xavier Mascarenhas, Comman-«dante dos 4. Batalhoens de tropas veteranas, que passam a «servir no mesmo Estado: *N. Senhora das Mercês*, de que he «Commandante o Coronel Luis de Pierrepont com exercicio «de Tenente Coronel das mesmas Tropas: o *Bom Jesus de* «*Villanova*, Commandada pelo Tenente Coronel com exerci-«cio de Sargento mor José Caetano de Mattos: *N. Senhora da* «*Conceiçam*, de que vay por Commandante o Capitam de mar, «e guerra Antonio Carlos Pereira de Sousa: e *Nossa Senhora* «*de Nazareth*, que Commanda o Capitam de mar, e guerra «Bernardo Antonio Rebello da Fonseca.

«El-Rey N. S. embarcando em hum hyacte com o Principe, «e os Senhores Infantes D. Pedro, e D. Antonio, foram até «perto de Cascaes para ver sahir da barra a dita Esquadra. «A Rainha N. Senhora, e a Senhora Princeza do Brazil a foram «tambem ver do Convento da Boaviagem, e o Senhor Infante

«D. Francisco fez o mesmo embarcado em hum dos seus hya-
«ctes. O concurso de hum grande numero de embarcaçoens
«ligeiras, em que a Nobreza da Corte, e muitas pessoas par-
«ticulares foram cumprimentar a bordo o Vice-Rey, e depois
«acompanháram as naus até á barra, faziam no rio hum agra-
«davel espetaculo.»

«Num. 23. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 9.
«de Junho de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 9. *de Junho.*

«Na terça feira da semana passada foy a Rainha nossa Se-
«nhora por mar ao sitio da *Granja* com o Principe nosso Se-
«nhor, a Senhora Princeza, e o Senhor Infante D. Pedro para
«verem a quinta do Monteiro mór do Reino onde jantáram.»

«Num. 24. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 16.
«de Junho de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 16. *de Junho.*

«Quinta feira 9. do corrente se andou divertindo no passeyo
«do rio a Rainha nossa Senhora com os Principes, e o Senhor
«Infante D. Pedro; e desembarcando no sitio de Xabregas, vi-
«sitáram a Igreja da Madre de Deos, e alli ouviram a Ladainha
«cantada pelas Religiosas do mesmo Convento.»

«Num. 31. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 4.
«de Agosto de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 4. *de Agosto.*

«Sesta feira de tarde se divertiram no passeyo do rio a Rai-
«nha, e a Princeza do Brasil nossas Senhoras. Recebeo-se,» etc.

«Num. 41. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 13.
«de Outubro de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 13. *de Outubro.*

«Na quarta feira por ser vespera do glorioso *S. Bruno,* foy
«ElRey nosso Senhor ao sitio de *Laveiras* fazer oraçam á Igreja
«dos Religiosos Cartuxos, onde a Rainha com os Principes nos-

«sos Senhores, e o Senhor Infante D. Pedro foram de manhan «por mar, e se recolhêram tambem nos seus Brigantins.»

«Num. 42. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 20. «de Outubro de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 20. *de Outubro.*

«A 17. foy Sua Magestade por mar com o Principe, e Prin-«ceza nossos Senhores, e o Senhor Infante D. Pedro a Paço de «Arcos, onde se divertiram na caça dos coelhos; e jantáram na «caza de campo, que tem naquelle sitio D. Antonio Henriques «Pereira Senhor das Alcaçovas, e Vedor da Caza da mesma Se-«nhora.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 27. «de Outubro de 1740.

«Portugal. *Lisboa* 27. *de Outubro.*

«Na sesta feira 21. tiveram Suas Magestades, e Altezas o di-«vertimento de ver lançar ao mar huma nau de guerra de 64. «peças, fabricada no estalleiro da Ribeira das naus, com o no-«me de Madre de Deos.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa Occidental. Quinta feira 26. «de Outubro de 1741.

«Portugal. *Lisboa* 26. *de Outubro.*

«Na terça feira da semana passada de manhan se divertio a «Rainha nossa Senhora com o Principe nosso Senhor, e o Se-«nhor Infante D. Pedro com a caça dos coelhos no sitio de *Paço «de Arcos,* e jantáram na quinta de D. Antonio Henriques Pe-«reira Senhor das Alcaçovas, e Védor da casa da mesma Se-«nhora, onde foram, e vieram por mar.»

«Num. 29. Gazeta de Lisboa. Terça feira 17 de Julho de «1742.

«Portugal. *Lisboa* 17 *de Julho.*

«As noticias, que chegam das Caldas, nos continuam o gosto «de ouvir prosegue com mais seguras circumstancias a melhora

«delRei N. Senhor, que chegou com feliz successo à villa das
«Caldas, tendo partido desta Cidade a 9. do corrente a Rainha,
«e Princeza Nossas Senhoras partiram quarta feira passada de-
«pois do meyo dia para a mesma parte, fazendo a sua jornada
«pelo Tejo nos Bargantins reaes até *Villa nova.*»

«Num. 17. Gazeta de Lisboa. Terça feira 23 de Abril de
«1743.

«Portugal. *Lisboa* 23 *de Abril.*

«A melhoria delRey nosso Senhor continúa de modo, que
«se tem ido divertir varias tardes no seu Bergantim Real pelo
«Tejo acima, chegando algumas vezes até Sacavem; e quinta
«feira visitou a Sagrada Imagem da *Madre de Deos* do Real
«Mosteiro de Xabregas, acompanhado do Senhor Infante
«*D. Pedro.*»

«Num. 40. Gazeta de Lisboa. Terça feira 1 de Outubro
«de 1743.

«Portugal. *Lisboa* 1 *de Outubro.*

«A 28 partio ElRey nosso Senhor, acompanhado do Principe
«nosso Senhor, e dos Senhores D. Pedro, e D. Antonio, para
«Villa-nova da Rainha no seu Bergantim Real, e dalli prose-
«guirá a sua viagem por terra para a Villa das Caldas.»

«Num. 26. Gazeta de Lisboa. Terça feira 30 de Junho de
«1744.

«Portugal. *Lisboa* 30 *de Junho.*

«Quinta feira 25 se lançou ao mar huma náu nova de 60
«peças, entregue á Protecçam de *Nossa Senhora de Nazareth.*»

«Num. 13. Gazeta de Lisboa. Terça feira 30 de Março de
«1745.

«Portugal. *Lisboa* 30 *de Março.*

«No Sabado 20 do corrente se embarcáram no Tejo a Rai-
«nha, e Princeza nossas Senhoras, com o Principe nosso Se-
«nhor, e o Senhor Infante D. Pedro, e foram ao sitio de Belêm,

«onde desembarcáram do Bergantim real, e foram fazer ora-
«çam na Igreja dos Monges de *S. Jeronymo* para ante a sa-
«grada Imagem do Senhor dos Passos. Voltáram por terra
«para *Lisboa*, e no sitio de Alcantara visitáram a Igreja das
«Religiosas Flamengas onde estava o *Lausperenne.*»

«Num. 14. Gazeta de Lisboa. Terça feira 6 de Abril de
«1745.

«Portugal. *Lisboa* 6 *de Abril.*

«Na Segunda feira da semana passada se embarcáram em
«hum dos brigantins reaes a Rainha, e Principes nossos Se-
«nhores, com o Senhor Infante D. Pedro, e foram pelo Téjo
«até o sitio de *Belèm*, onde desembarcáram, e foram á Real
«Igreja dos Monges de S. Jeronymo fazer oraçam, e visitar a
«veneravel Imagem do Senhor dos Passos; e depois á das re-
«ligiosas Irlandezas de N. Senhora do Bom Successo, onde es-
«tava o *Lausperenne*. Lográram ultimamente o divertimento
«do passeyo em huma das casas Reaes de campo d'aquelle si-
«tio; e tornando a embarcar-se, se recolhêram ao Paço.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa. Terça feira 11 de Mayo de
«1745.

«Portugal. *Lisboa* 11 *de Maio.*

«Terça feira 4 do corrente partiu ElRey N. S. para a vila
«das Caldas antes das 8 horas da manhan, acompanhado do
«Principe N. S. e dos Senhores Infantes D. Pedro, e D. Anto-
«nio. Chegou pelo meyo dia e 3 quartos a Vila nova da Rainha
«onde desembarcou do bergantim Real, em que deu principio
«á sua jornada... No dia seguinte partiram para a mesma parte
«(tambem embarcadas no seu bergantim) a Rainha, e Princeza
«nossas Senhoras, que fizéram felîmente a sua viagem.»

«Num. 18. Gazeta de Lisboa. Terça feira 3 de Mayo de
«1746.

«Portugal. *Lisboa* 3 *de Mayo.*

«ElRey N. S. depois de haver ouvido Missa na sua Real tri-

«buna da Santa Basilica Patrialcal, pelas 2 horas da madrugada
«de Quinta feira 28 de Abril se embarcou pelas 3 no seu ber-
«gantim Real, e com prospera navegaçam foy desembarcar em
«*Vila-nova da Rainha*, acompanhado do Principe N. S., e dos
«Senhores Infantes D. Pedro, e D. Antonio; e metendo-se em
«coche, fez aquella jornada tam aceleradamẽte, q̃ pôde che-
«gar pelas 11 horas da manhan á vila das Caldas, onde logo foy
«fazer oraçam na Igreja Matriz, e se deterá somente 15 dias
«naquelle sitio.»

«Suplemento á Gazeta de Lisboa Numero 18.
«Quinta feira 5 de Mayo de 1746.
«Portugal. *Lisboa 5 de Mayo.*
«Na sesta feira 29 do mez passado foram a divertir-se em
«huma das casas Reaes de campo do sitio de *Belem* a Rainha,
«e Princeza, nossas Senhoras, com a Senhora Princeza da *Bei-*
«*ra*, e as Serenissimas Senhoras Infantas suas irmans. Fizéram
«a sua jornada de ida, e volta pelo rio nos bergantins Reaes.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa. Terça feira 10 de Mayo de
«1746.
«Portugal. *Lisboa 10 de Mayo.*
«Na Quarta feira foram a Rainha, e Princezas nossas Senho-
«ras, com a Senhora Princeza da Beira, e as Serenissimas Se-
«nhoras Infantas suas irmans, embarcadas no bergantim Real,
«ao sitio de Belêm; e havendo-se divertido em huma das ca-
«sas Reaes de campo que nelle há, se tornáram a recolher pelo
«rio ao Paço.»

«Num. 20. Gazeta de Lisboa. Terça feira 17 de Mayo.
«Portugal. *Lisboa 17 de Mayo.*
«A Rainha e Princezas nossas Senhoras, foram na manhan
«de Sabado 7 do corrante visitar a Igreja dos religiosos Arra-
«bidos de N. Senhora da Boa Viagem, e depois a dos religio-
«sos Cartuxos, havendo feito a viagem pelo rio nos bergantins
«Reaes.»

«Num. 21. Gazeta de Lisboa. Terça feira 24 de Mayo de
«1746.

«Portugal. *Lisboa 24 de Mayo.*

«Na manham de Sabado 14 do corrente se embarcáram nos
«bergantins reaes, e deceram pelo Tejo até o sitio de *Alcan-*
«*tara,* a Rainha, Principe, e Princeza nossos Senhores com o
«Senhor Infante D. Pedro, e foram fazer oraçam, e ouvir Missa
«na Igreja de N. S. do Livramento, do convento dos religiosos
«da Santissima Trindade; e no Sabado 21 de manhan foram
«tambem pelo rio a Rainha e Principes nossos Senhores, com
«o Senhor Infante D. Pedro, ao sitio de *Belém,* donde passá-
«ram a fazer oraçam á Igreja parroquial de N. Senhora da Aju-
«da, e embarcando-se depois, se recolhêram ao paço.»

«Num. 23. Gazeta de Lisboa. Terça feira 7 de Junho de
«1746.

«Portugal. *Lisboa 7 de Junho.*

«Na manhan de Sabado passado foram a Rainha, e Princi-
«pes nossos Senhores, com o Senhor Infante D. Pedro, em-
«barcados nos bergantins Reaes, ouvir Missa, e fazer oraçam
«na Igreja de N. Senhora de Belém do Real mosteiro dos Mon-
«jes de S. Jeronymo, e se recolhêram tambem pelo rio ao paço.»

«Num. 24. Gazeta de Lisboa. Terça feira 14 de Junho
«de 1746.

«Portugal. *Lisboa 14 de Junho.*

«A Rainha, e Principes nossos Senhores, acompanhados do
«Senhor Infante D. Pedro, foram na manhan de Sabado 4 do
«corrente por mar fazer oraçam na Igreja de N. Senhora do
«Bom Successo das religiosas Irlandezas da Ordem de S. Do-
«mingos; e se recolhêram tambem por mar ao paço.»

«Num. 29. Gazeta de Lisboa. Terça feira 19 de Julho de
«1746.

«Portugal. *Lisboa 19 de Julho.*

«No Sabado 9 do corrente se embarcáram nos bergantins

«reaes, a Rainha, Principe, e Princeza nossos Senhores, com
«a Senhora Princeza da Beira, e as Senhoras Infantas, Dona
«Maria Anna, e Dona Maria Francisca, com o Senhor Infante
«Dom Pedro, Gram Prior do Cráto, e descendo pelo Tejo até
«o sitio de *Belém*, foram fazer oraçam na Real Igreja dos mon-
«jes de S. Jeronymo; onde estava o *Lausperenne*. Divertiram-
«se depois em huma das casas Reaes de campo daquelle dis-
«tricto, e se recolhêram tambem nos bergantins ao paço.»

«Num. 39. Gazeta de Lisboa. Terça feira 27 de Setem-
«bro de 1746.

«Portugal. *Lisboa 27 de Setembro.*

«Na segunda feira 26 partio El Rey N. Senhor, para a vila
«das Caldas acompanhado do Principe N. Senhor, e dos Senho-
«res Infantes *D. Pedro*, e *D. Antonio*, fazendo a sua viagem
«pelo Téjo até Vila-nova.»

«Num. 44. Gazeta de Lisboa. Terça feira 1 de Novembro
«de 1746.

«Portugal. *Lisboa 1 de Novembro.*

«Suas Magestades, e Altezas logram boa saude. O Principe
«nosso Senhor se tem divertido alguns dias na caça na Tapa-
«da, e Coutada Real, e outros na pesca no sitio da *Trafaria*.»

«Num. 9. Gazeta de Lisboa. Terça feira 28 de Fevereiro
«de 1747.

«Portugal. *Lisboa 28 de Fevereiro.*

«Sabado 25 se lançou felizmente ao mar huma náu nóva de
«70 péças, fabricada no estaleiro da Ribeira das náus desta Ci-
«dade, a q̃ se pôz o nome de *N. S. das Necessidades*.»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa. Terça feira 5 de Dezembro
«de 1747.

«Portugal. *Lisboa 5 de Dezembro.*

«Na Sesta feira 24 do mez passado visitáram a Rainha, e
«Princeza nossas Senhoras, com a Senhora Princeza da Beira,

«e as Serenis. Senhoras Infantas a Igreja Parroquial de *Santa* «*Catharina de Monte Sinay,* por ser vespera da festa desta «gloriosa Santa, e se achar ali o *Lausperenne;* e na manhan «seguinte se embarcárão nos bergantîs Reaes a Rainha, e Prin-«cipe, e Princeza nossos Senhores, com o Senhor Infante D. «Pedro, e foram visitar a Igreja dos religiosos Arrabidos de «Ribamar dedicada á mesma Santa.»

«Num. 31. Gazeta de Lisboa. Terça feira 30 de Julho de «1748.

«Portugal. *Lisboa* 30 *de Julho.*

«Na quinta feira se embarcáram as mesmas Senhoras, o Prin-«cipe nosso Senhor, e o Senhor Infante D. Pedro no bergan-«tim Real, e foram pelo Tejo até o sitio do Bom Succésso; e «fazendo oraçam na Igreja das Religiosas Dominicas Irlande-«zas, se tornáram a recolher ao Paço na mesma embarcaçam.»

«Num. 4. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 25 de Janeiro «de 1753.

«Portugal. *Lisboa* 25 *de Janeiro.*

«A 19 partiram SS. Magestades, e Altezas em dous mages-«tozos [1] Brigantins com 48. Remeiros em cada hum, para a «caza Real de Campo de *Salvaterra,* acompanhados de outros, «com muitos Senhores da Corte, e chegaram com feliz su-«cesso àquelle sitio.»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 19. de Abril de «1753.

«Portugal. *Lisboa* 19. *de Abril.*

«Na quarta feira 4. do corrente se lançaram ao Mar na pre-«sença de SS. MM. e AA. duas fragatas fabricadas nos estalei-

[1] Magestosos Brigantins. Do que vai escripto em todo este artigo se evidencia o gosto da côrte pelas cousas do mar, sem disso a dissuadir os frios de Novembro, Dezembro, e Janeiro em que se dávam as pessoas Reaes á pesca, etc. Os Brigantins éram *magestosos,* D. Francisco divertia-se nos seus *Hiates,* etc.

«ros da Ribeira das naus, huma de 42. portas a que se deu o
«nome de N. S. das Mercês, outra de 50. chamada N. S. da
«Arrabida.»

«Num. 46. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 17 de Novem-
«bro de 1757.
«Portugal. *Lisboa* 17 *de Novembro.*
«Suas Magestades Fidelissimas, e Suas Altezas continuão
«com feliz saude a sua residencia na vizinhança de Belem, e
«se tem divertido estes dias no passeyo do Tejo.»

«Num. 15. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 13 de Abril
«de 1758.
«Portugal. *Lisboa* 13 *de Abril.*
«Na 6. feira 31 do mez passado etc.... Sabado 1 do cor-
«rẽte se embarcarão SS. MM. fidelissimas no seu Real hiate, e
«forão ver sahir a primeira nau da esquadra destinada para a
«India em q̃ foi embarcado o Illustrissimo, e Excelẽtissimo Cõ-
«de da *Ega* com a dignidade de Vice-Rey daquelle Estado, q̃
«seguirão no dia ĩmediato ás outras naus.»

«Num. 14. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 5 de Abril de
«1759.
«Portugal. *Lisboa* 5 *de Abril.*
«Suas Magestades Fidelissimas, e toda a Real Familia vié-
«ram quinta feira 29 de Março ao Arsenal desta Cidade para
«verem lançar ao Mar huma nau de guerra de 68 portas que
«estava acabada no estaleiro, o que se fez com bom successo,
«com o nome de N. Senhora da Ajuda, e S. Pedro de Alcan-
«tara; feita pelo Constructor (Portuguez,) Manoel Vicente Nu-
«nes, e no Domingo antecedẽte, tinhão ido ver a dita nao SS.
«MM., e AA. andando por dentro della ([1]); e sahindo na Tri-

([1]) Era tal o interesse pelas couzas do mar, e pelos navios, que não só ElRei e as Senhoras da sua familia andavam sempre pelo rio, de inverno e de verão, de noite e de dia, acompanhando os navios á sa-

«buna em que estiveram se embarcarão nos seus Escaleres, e «a andaram rodeando a dita nao no rio. Dizem que logo se po-«ram nos estaleiros as quilhas para duas fragatas de 50 peças «cada huma.

«Num. 45. Gazeta de Lisboa. Quinta feira 8 de Novembro «de 1759.

«Portugal. *Lisboa* 8 *de Novembro.*

«Suas Magestades Fidelissimas partiram na madrugada de «segunda feira 29 do passado no sitio de N. S. da *Ajuda* com «toda a Familia Real, e huma magestoza cometiva, e embar-«cando-se no seu Hiacte, seguido de muitos Brigantins atra-«vessarão felizmente o *Tejo,* e desembarcàram no porto de «*Aldea Gallega,* donde proseguiram a sua viàje para *Villa-vi-«çoza.*»

«XII. Lisboa. Com Privilegio de ElRey N. Senhor. Terça «feira 24 de Março de 1761.

«Portugal. *Lisboa* 24 *de Março.*

«Sabbado 21 do corrente forão SS. MM. e Altezas ao Arse-«nal para verem lançar à agoa a Nao que ultimamente se con-«struio em hum dos Estaleiros do mesmo Arsenal.»

Até 24 de Março de 1762, tivémos Gazetas, das quaes podémos extrahir quantas noticias davam ideia do movimento maritimo do nosso paiz; porém desde essa época em que ellas foram supprimidas, até Agosto de 1778 que se tornaram a publicar, nada achámos que podesse guiar-nos confiadamente, na resenha de successos navaes que emprendemos referir, e analysar; e com quanto diligenciaremos supprir esta lacuna com informaçoens particulares, e corolarios deduzidos de pu-

hida da barra, ou subindo ás alturas para os verem navegar, se não entravam nelles ainda nos estaleiros, examinandò-os, e vendo-os cahir no mar, embarcando-se para os rodearem e analysarem assentes na agoa! Havia gosto, havia interesse, e como paixão pela Marinha.

blicaçoens diversas authorisadas pelo governo, nem por isso pertendemos que a esta parte do escripto se dê o mesmo crédito que á outra onde copiamos textualmente trechos de papeis officiaes que servem ao nosso proposito, e de fundamento ao titulo deste artigo: *Algum Favor á Marinha.*

Não démos documento official de quantos navios se construiram no Arsenal de Lisboa, ou nos estaleiros do Porto e do ultramar desde 1762, e até o anno de 1778, por que faltaram as Gazetas destes dezeseis annos onde o facto do cahimento dos navios novos, ou a sua entrada no Tejo se referia; e os Mercurios Historicos, nenhum esclarecimento nos dão a tal respeito; mas temos as Gazetas posteriores ao ultimo dos ditos annos, que se publicaram dahi em diante sem interrupção, onde se mencionam as entradas e sahidas dos navios de guerra, com a designação dos seus commandantes; e por esta resenha se conhece o acrescimo de vazos da Esquadra, dos quaes até aquella época (1762) nenhuma noticia havia, concluindo-se desta novidade que elles foram construidos, ou se adquiriram de qualquer maneira no decurso dos dezeseis annos indicados, ignorando-se a sua procedencia desde 1762, até 1778. Até ao anno de 1716 encontramos a existencia dos seguintes navios:

Náo *Conceição.* 80 peças.
Náo *Assumpção.* 66.
Náo *N. S.ª das Necessidades.* 66. Perdida em 1726.
Náo *Rainha dos Anjos.* 56.
Náo *N. S.ª do Pilar e S.to Antonio a Cannanêa.* 84.
Charruas: *S.to Antonio de Padua.*
*S.to Antonio de Lisboa.*
*S. Thomaz de Cantuaria.*
*Charrua de Sardinha* (por andar com agoa aberta, diz a Chronica).
Charrua hospital *S. Domingos.*
Huma Tartana.
Dois hiates.

De 1716 em diante até 1762 apparecem navegando, ou lançados ao mar os seguintes navios do Estado:

1716. Abril. Náo nova *S. Lourenço* de 58 peças lançada ao mar em Setembro de 1716.

1717. Julho. Lançou-se ao mar em Lisboa a Náo *N. S.ª Madre de Deos* de 66 peças. Em Novembro do mesmo anno chegaram de Hollanda quatro Náos novas da força de 74, 70, 68, e 66 peças, das quaes se não diz o nome.

1718. Janeiro. Lançou-se ao mar na Ribeira das Náos, huma debaixo da protecção de *N. S.ª da Penha de França.*

1718. Apparecem navegando as duas Náos, *N. S.ª do Cabo,* e *N. S.ª da Piedade,* provavelmente pertencentes ás quatro construidas em Holanda.

1719. Março. Foi lançada ao mar a Náo *N. S.ª da Atalaya,* da força de 52 peças. Apesar de se lhe chamar Náo, suppomos ser fragata pelo numero das suas bocas de fogo.

1719. Apparece navegando a Náo *N. S.ª da Guia,* que suppomos seria das compradas em Holanda, porque não ha indicio da sua proveniencia.

1720. Apparece igualmente navegando de guarda costa a Náo *N. S.ª da Palma,* que suppomos ser a ultima das quatro vindas de Holanda.

1721. Novembro. SS. MM. e Altezas foram á Ribeyra das Náos, ver lançar ao mar duas fragatas de 50 peças cada huma, denominadas *N. S.ª da Oliveira*, e *N. S.ª da Nazareth.*

1721. Náo de Guerra *S. João Bautista,* Charrua *S. Christovam.*

1722. Chegada de tres charruas com madeira ao Tejo.

1723. Abril. Foram lançadas ao mar dos estaleiros da Ribeira das Náos, as fragatas *N. S.ª do Rosario,* do lote de 50 peças, e *N. S.ª da Oliveira* de 44, cujo cahimento teve logar na presença de SS. MM. e Altezas.

1723. Setembro. Cahio no mar a Náo *Victoria* de 64. Esta Náo apresou hum corsario barbaresco de 36, e ardeo por descuido na noite de 5 de Janeiro de 1780.

1724. Construio-se na Bahia *huma Náo de grande lotação,* da qual não se declara o nome, constando porém que

entrou em Lisboa comboyando varios navios, no seguinte anno de 1725.

1724. Partio para a India a Náo *Santo Antonio Flores,* de náo de viagem; e chegou de Goa, *N. S.ª da Boa Viagem.*

1725. Apparecem navegando duas Náos *N. S.ª das Ondas,* e *N. S.ª do Rosario,* commandadas por Capitaens de Mar, e Guerra, correndo a costa, e comboyando navios, das quaes não consta a procedencia, nem a força.

1725. Novembro. Foi lançada ao mar na India, a Náo *N. S.ª do Livramento.*

1726. Novembro. — India. — Náo *Santa Thereza de Jezus.*

1727. Apparecem navegando nas costas de Portugal as duas Náos de *guerra, N. S.ª Apparecida,* e *N. S.ª de Monte do Carmo.*

1727. Junho. SS. MM. e Altezas foram á Ribeyra das Náos, ver lançar ao mar, huma fragata de 50 peças a que se impôs o nome de *N. S.ª da Lampadosa.*

1729. Agosto. Foram SS. MM. e Altezas ver cahir ao mar a Náo *N. S.ª da Estrella,* e chegou da India a Charrua *S. Thomaz de Cantuaria,* de náo de viagem.

1733. Junho. SS. MM. e Altezas assistiram na Ribeyra das Náos, ao cahimento da Náo *S. João Bautista* e *N. S.ª da Conceição* do lote de 74 peças. O S.r Infante D. Francisco vio esta operação de bordo do seu Hyate, e depois andou de roda della.

1733. Apparecem navegando as duas Náos *N. S.ª da Barroquinha,* e *N. S.ª da Ajuda.*

1735. Novembro. SS. MM. e Altezas foram á Ribeyra das Náos assistir ao cahimento da Náo *N. S.ª da Esperança,* do lote de 70 peças.

1736. Julho. SS. MM. e Altezas foram assistir ao cahimento da Náo *N. S.ª da Arrabida* do lote de 62 peças. Apparecem navegando duas Náos, *Padre Eterno,* e *Europa.*

1737. Maio. SS. MM. e Altezas foram á Ribeyra ver lançar ao mar huma Náo nova de 74 peças, da invocação de *N. S.ª da Gloria.*

1738. Abril. Chegou do Porto a fragata por nome *N. S.ª da Oliveira de Guimarães,* construida nos estaleiros daquella cidade.

1739. Abril. Assistiram SS. MM. e Altezas ao cahimento da Náo *N. S.ª da Penha de França* do lote de 56 peças. Esta Náo apparece em 1780 com o nome de *N. S.ª da Penha de França e Santo Estevam.* He a mesma náo, com mais este nome.

1740. Mayo. Lançou-se ao mar a Náo *N. S.ª das Mercês,* ou *S. José e Mercês.* Apparece igualmente vinda da India *O Bom Jesus de Villa Nova.*

1740. Outubro. SS. MM. e Altezas foram assistir ao cahimento da Náo nova do lote de 64 peças, da invocação *N. S.ª Madre de Deos, e S.to Antonio.*

1741. Outubro. Fragata *S. Francisco Xavier* de 50 peças, construida na Bahia.

1744. Junho. Náo de 60 *N. S.ª da Nazareth.*

Até este anno de 1744 vê-se que havia na India, ou foram ali construidos os seguintes vasos de guerra:

Fragata nova *N. S.ª do Vencimento* (que joga 58 peças, dizia o Conde da Ega para Lisboa).
*N. S.ª de Monte Alegre.* 44.
*N. S.ª da Conceição.* 40.
*N. S.ª da Oliveira.* 30.
Palla *S. Pedro.* 26.
Pataxo *S. Miguel.* 26.
*S. Miguel e Almas.* 18.
Galia *N. S.ª da Conceição.* 10.
*S.ta Ritta.* 8.
*N. S.ª do Bom Successo.* 8.
Manchua *S. Antonio.* 6.
*N. S.ª da Penha de França.* 6.
*N. S.ª do Rosario.* 6.
*N. S.ª dos Remedios.* 4, e quatro pedreiros.

1746. Neste anno apparece navegando a Náo *N. S.ª da Piedade.*

1747. Fevereiro. Foi lançada ao mar em Lisboa a Náo *N. S.ª das Necessidades* do lote de 70 peças.

1748. Náo *S. Jorge o Galleano.*

1751. Náo *S. Thiago Mayor,* e os chavecos (ou chaveques, pois se acham escriptos das duas maneiras), *S. José, S. Francisco,* e *O Galera náo S. Jorze;* e bem assim a Náo *N. S.ª de Monte Alegre.*

1753. Abril. SS. MM. e Altezas viram lançar ao mar dos estaleiros da Ribeyra das Náos, as fragatas *N. S.ª das Mercês* de 42 peças, e *N. S.ª da Arrabida* de 50.

1758. Abril. Náo *N. S.ª da Assumpção.*

1759. Abril. SS. MM. e Altezas foram ver a Náo nova *N. S.ª da Ajuda e S. Pedro de Alcantara* construida nos Estaleiros da Ribeira das Náos de 64 peças.

1761. Março. SS. MM. e Altezas foram assistir ao cahimento da Náo nova, que se fez nos Estaleyros Reaes.

Eis aqui os vasos da Armada portugueza que sommam entre náos, fragatas e charruas, desde o anno de 1716 até 1761, em que não póde haver confusão 56, a saber:

| NÁOS SEM QUESTÃO | NÁOS DUVIDOSAS | FRAGATAS SEM QUESTÃO | CHARRUAS OU NÁOS DIVERSAS, BRULOTES, ETC. |
|---|---|---|---|
| 1 de 80 *Conceição.* | 1 de 56 *Rainha dos Anjos.* | 1 de 44 *N. S.ª da Oliveira.* | 1 *S. Christovam.* |
| 1 de 66 *Assumpção.* | 1 de 58 *S. Lourenço.* | 1 de 40 *St.ª Thereza.* | 1 *S. Antonio de Padua.* |
| 1 de 66 *N. S.ª das Necessidades.* | 1 de 52 *N. S.ª da Atalaya.* | 1 de 44 *N. S.ª de Guimarães.* | 1 *S. Antonio de Lisboa.* |
| 1 de 84 *N S.ª do Pilar.* | 1 de 50 *N. S.ª da Oliveira.* | 1 de 44 *N. S.ª de Monte Alegre.* | 1 *S. Thomaz de Cantuaria.* |
| 1 de 66 *Madre de Deos.* | 1 de 60 *N. S.ª da Nazareth.* | 1 de 40 *N. S.ª da Conceição.* | 1 *Charrua da Sardinha,* por andar com agua aberta. |
| 1 de 74 *Nova de Hollanda.* | 1 de 50 *N. S.ª do Rosario.* | 1 de 36 *S. Pedro.* | 1 *S. Domingos.* |
| 1 de 70 *Nova de Hollanda.* | 1 de 50 *N. S.ª do Livramento.* | 1 de 26 *S. Miguel.* | 1 *N. S.ª d'Ajuda.* |
| 1 de 68 *Nova de Hollanda.* | 1 de 56 *N. S.ª da Penha de França.* | 1 de 50 *S. Francisco Xavier.* | 1 *St.º Antonio Flores.* |
| 1 de 66 *Nova de Hollanda.* | 1 de 50 *N. S.ª da Lampadosa.* | 1 de 50 *N. S.ª da Nazareth.* | 1 *S.ª da Palma.* |
| 1 de 70 *N. S.ª da Penha de França.* | 1 de 58 *N. S.ª do Vencimento.* | Náo da India. | 1 *S.ª da Barroquinha.* |
| 1 de 64 *N. S.ª da Victoria.* | 1 ... *Padre Eterno.* | Náo da India. | 1 *Polyphemo.* |
| 1 de 70 *O Gigante.* | 1 ... *Europa.* | Náo da India. | 1 *Europa.* |
| 1 de 74 *S. João Bautista e N. S.ª da Conceição.* | | Náo da India. | 1 *Padre Eterno.* |
| 1 de 70 *N. S.ª da Estrella.* | | Náo da India. | 1 *N. S.ª da Boa Viagem.* |
| 1 de 62 *N. S.ª da Arrabida.* | | Náo da India. | 1 *N. S.ª das Ondas.* |
| 1 de 74 *N. S.ª da Gloria.* | | Náo da India. | 1 *N. S.ª do Rosario.* |
| 1 de 70 *N. S.ª da Esperança.* | | Náo da India. | |
| 1 de 70 *S. José e Mercês.* | | Náo da India. | |
| 1 de 74 *N. S.ª do Monte do Carmo.* | | | |
| 1 de 64 *N. S.ª Madre de Deos e St.º Antonio.* | | | |
| 20 | 10 | 9 | 17 |

Quer dizer, havia vinte náos de 62 peças para cima até 84, e dez de 50 a 58 que talvez podessem hoje considerar-se fragatas; e nove fragatas propriamente ditas, com dezesete charruas, ao todo cincoenta e seis embarcaçoens de guerra, cuja principal força consistia em Náos.

Vamos agora fazer resenha dos navios lançados ao mar desde 1778, de que as Gazetas nos dão noticia, e do interesse com que Suas Magestades e Altezas assistiam ao seu cahimento: E nisto insistimos, para se conhecer o apreço que se dava á Marinha e ás cousas do mar, bem differentemente do que hoje acontece, porque agora, assistem Suas Magestades e Altezas a esta funcção, como solemnidade official, onde concorrem e a corte por méra etiqueta; mas então o caso éra outro, os Senhores Reys D. João 5.° e D. José 1.°, e as Rainhas suas espozas com os Principes e Princezas seus filhos não só assistiam ao acto do cahimento, se não visitavam os navios por dentro, e por fóra, e depois hiam vê-los no mar. E não éra só este interesse de verem huma fabrica admiravel a todos os respeitos, custosa, e atrahente da multidão que sempre concorria e concorre ao seu contacto com o mar; o interesse dos soberanos e da familia real, manifestava-se na visita a bordo dos navios da Esquadra promptos a largar do Tejo para alguma expedição longiqua, para huma batalha, para hum cruzeiro, para hum exercicio de evoluçoens navaes, chegando ao Cabo da Roca para observar as suas manobras! O gosto maritimo éra tal que, para percorrer a distancia do Terreiro do Paço a Alcantara, preferiam-se os bergantins aos coches reaes; os passeios a Belem, eram por mar, montando-se a cavallo para correrem as quintas daquelle sitio, mas regressando pelo rio, e isto depois de noite; o cheiro da marezia, do limo da praia, e o baloiçar das embarcaçoens, deleitavam as Senhoras Rainhas mulheres de D. João 5.° e de D. Josè, bem como as Princezas, e Principes seus filhos que a todo o instante buscavam distracçoens sobre a agoa salgada, já atravessando o Tejo do Norte ao Sul, já navegando perto das suas margens, já entretendo-se com a pesca nos frios mezes de Dezembro e Janeiro, e já final-

mente propondo premios aos pescadores para os verem lançar as suas redes. E daqui: a consideração aos Officiaes da Esquadra, o desejo destes se distinguirem, a construcção dos vasos de guerra, e o aperfeiçoamento das nossas cousas navaes. Então podia haver, e havia sem ser hum epygramma, não hum, mas varios Almirantes; Trinta e nove Naos! ou mesmo dezenove, e dezesete fragatas!! Huma fragata para ensino dos Guardas Marinhas commandada por hum chefe de esquadra, e guarnecida com Capitaens de Mar e Guerra: Suas Magestades e Altezas concorrendo á sala do risco para observarem os exercicios da respectiva companhia, e sendo a propria Rainha Reynante quem indicava o capitulo da lição que os alumnos, como em exame vago haviam dar, e davam com effeito na presença de tão nobre e conspicuo auditorio!! Isto hé que éra animador, isto he que influia a mocidade, e enchia de orgulho os veteranos e respeitaveis officiaes da nossa armada que não se pejavam de servir nos postos mais elevados, de segundos e de terceiros nos navios della; segundos, e terceiros capitaens de mar e guerra nas náos commandadas por almirantes ou tenentes generaes, e sempre hum capitão de mar e guerra de immediato em navio commandado por chefe de esquadra, ou de divisão!

Mas nesse tempo havia *Armadas*, 1.ª e 2.ª, e por tanto *esquadras*, e *divisoens*, e divisoens em actividade, e não de reserva! Vejamos:

«*Outubro de* 1793.

«A 3 do corrente voltou de *Portsmouth* a este porto, a Esquadra de S. M. com 11 dias de viagem, commandada pelo Tenente General *José Sanches de Brito,* composta das náos *N. Senhora da Conceição* em que se achava o dito Tenente General; *Vasco da Gama,* Commandante o Chefe de Esquadra *Antonio Januario do Valle; Rainha de Portugal,* Commandante o Chefe de Esquadra *Pedro de Mendonça e Moura; Maria Primeira,* Commandante o Chefe de Divisão *Pedro Schuverin;* das fragatas *Fenis,* Commandante o Capitão de Fragata *Alvaro Sanches de Brito;* e *Ulisses,* Commandada

pelo Capitão de Fragata *Jaime Scarniche*, e do bergantim *Serpente*, Commandante *Antonio da Rosa*.»

E não era só esta esquadra, éram quatro e cinco, de que daremos noticia, mas continuaremos por hora a enumerar os passeios da familia real pelo rio, as suas visitas ao arsenal na occasião dos vasos cahirem no mar, a subida á sala do risco para honrar os exercicios da Companhia de Guardas Marinhas, a subida a bordo dos navios da Esquadra quando estava para dar á vela, a observação das suas manobras quando desaferrava do porto, e outros actos de interesse maritimo, para comprovar o favor que esta Arma merecia, e merecêo, até á fatal invasão franceza de 1807 que devastou este paiz, e o empobrecêo e reduzio ao abatimento em que jaz.

«Num. 6. Gazeta de Lisboa. Terça feira 8 de Setembro «de 1778.

«Portugal. *Lisboa 8 de Setembro.*

«Terça feira passada entrou neste porto a náo de S. M. N. «Senhora de Belém, vinda do Rio de Janeiro, e ultimamente «da Bahia.»

*N. B.* Suppomos ser esta Náo, lançada ao mar no decurso dos dezoito annos em que não houve Gazetas, por que até o anno de 1762, não se deo noticia do seu cahimento no mar, nem se dá ideia da sua existencia, quer navegando, quer surgindo no porto de Lisboa, ao mesmo tempo que figura no numero das Náos da Esquadra do Sul, commandada por Antonio Januario do Valle, nos dois annos de 1775, e 1776, com a força de 54 peças; porém temos a certeza de lhe ver 64 portas quando servia de quartel da Brigada Real da Marinha surta em frente da Torre de Belém, e depois quando a vimos encalhar ao pé da Ponte da Lama na praia do Cáes do Tojo, e ali desmancharse.

Igualmente vemos figurar nesta dita Esquadra do Sul, a Náo chefe *S.to Antonio* representando a força de 66 peças, do com-

mando de José de Sousa Pimentel, quando ella era de 70, como teremos occasião de provar quando tratarmos dos navios que entraram no dique; mas havia então o systema, de occultar a verdadeira força dos navios de guerra, por motivos que ao diante indicaremos.

Tambem figuraram na mesma Esquadra, a Náo *N. S. da Ajuda* de 64, a Náo *N. S. dos Prazeres* de 62, e as fragatas *Nazareth,* de 42; *Principe do Brazil,* de 34; *N. S. da Gloria,* de 26; *N. S. da Assumpção,* de 24; *N. S. da Graça,* de 42; *Princeza do Brazil,* de 28; *N. S. do Pilar,* de 26; e *N. S. da Graça,* de 24. Hora ainda que alguns destes nomes possam á primeira vista tomar-se, como pertencentes a outros navios de que já se fallou, vê-se que não lhes correspondem, por ser a sua lotação muito differente. Donde concluimos que foram lançados ao mar no intervalo de tempo decorrido, desde 1762, a 1778, em que principia a nova série de Gazetas, e a resenha dos novos navios que se foram construindo até á partida da familia real para o Brazil; e dizemos que não lhes podem corresponder, por que, qualquer das duas fragatas *N. S. da Graça* do Mappa que juntamos e vai copiado fielmente, huma das quaes figura com a força de 42 peças, e a outra com ella de 24, não póde nenhuma pertencer á fragata *Graça,* ou *Fenix Graça* que foi queimada na Bahia, e éra da força de 56 peças, tendo quatro destas na coberta, como já dissémos no primeiro tomo, quando fallámos do *Typo Portuguez:* fragata que bem conhecemos, e só acabou e foi queimada de proposito na Bahia, em 1819, para se lhe aproveitar a ferragem.

O Mappa que neste logar reproduzimos, não só mostra a força da Esquadra em bocas de fogo, e numero de praças, se não a forma, arvoredo, e pintura dos navios, servindo todas estas circumstancias para a historia da Marinha, e para a archeologia naval portugueza; por que esta pintura, indicando huma só alcaxa nas Náos, e duas nas fragatas como se vê na *Fenix,* sendo a das Náos tão larga que abrangia as duas linhas de portas, e se acham representadas em varias gravuras da batalba do Nilo; e como até vimos nas duas Náos *Conde Hen-*

*rique*, e *Princeza da Beira*, antes da partida de El Rey para o Rio de Janeiro, servem para o estudo do gosto que então reinava a este respeito, e a extravagancia de se incluirem na mesma alcaxa as duas baterias, tão differentes do que hoje se usa; e que á primeira vista, mostra logo se a Náo he de duas, ou de tres baterias.

Por este Mappa se reconhece igualmente a intelligencia, e dedicação com que os Officiaes da nossa velha Marinha, cumpriam os seus deveres.

«Num. 38. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Setem-
«bro 1779.

«Lisboa 21 *de Setembro.*

«A 13 do corrente sahio deste porto a náo de S. M. o *Gigan-*
«*te*, destinada a conduzir á Bahia o Excellentissimo Marquez
«de Valença, nomeado Governador daquella Cidade, donde
«procederá para o *Rio de Janeiro*, conduzindo o Excellentis-
«simo Marquez de Marialva, nomeado Governador de Minas,
«e o Excellentissimo Bispo de Mariana D. Frei Domingos da
«Incarnação, da Ordem dos Prégadores.»

Desta Náo ignoramos a procedencia, nem quando foi lançada ao mar, donde concluimos que foi construida nos dezeseis annos em que não houve Gazetas, isto he, desde 1762 até 1778, e he dos taes navios que depois desta época, apparecem navegando.

«Num. 12. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Março
«1780.

«Lisboa 21 de Março.

«Quinta feira passada sahio do nosso porto a náo de guerra
«*N. S. do Bom Successo* de que he Commandante o Capitão
«de Mar e guerra *Bernardo Ramires Esquivel.*

«Em sua companhia sahio a náo de viagem dirigida para a
«*India Oriental*, fazendo escala pela Bahia, chamada o *Prin-*
«*cipe da Beira*, de que he Commandante *Mattheus Pereira.*

«Esta náo vai esquipada, e carregada por conta da Companhia «de *Pernambuco.*»

Acrescentamos pelo saber, communicado pelo fallecido capitão de mar e guerra Joaquim José da Silva que nella fez viagem, ser este navio huma fragata, e não huma Náo, a qual tambem foi á China, sendo o seu Commandante tão respeitado e temido em Macáo, que os Chinas lhe chamavam o *Tigre:* Era pois fragata, e não Náo.

«Supplemento á Gazeta de Lisboa. Numero XIV. Sesta «feira 7 de Abril 1780.

«Lisboa 8 *de Abril.*

«No dia 4 deste mez se abrírão no Collegio dos Nobres as «Aulas da Academia Real da Marinha, que S. M. foi servida «instituir nesta Cidade, em que se principiará o Curso de Ma«thematica, e Nautica.»

Dissemos que a bordo das Náos commandadas por officiaes generaes, embarcavam capitaens de mar e guerra, de immediatos dos capitaens desta mesma graduação, que éram aquelles aos quaes se dava o titulo de *Capitaens de Bandeira*, que éram realmente os commandantes dos navios em que havia *bandeira* do commandante da esquadra, ou mesmo de navio escoteiro, como se vê da noticia seguinte, e verá de outras que apontaremos.

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLIV. «Sabbado 4 de Novembro 1780.

«Lisboa. *Relação das Náos, e Fragatas, que S. M. manda pôr «promptas; e dos Commandantes, e Officiaes, que as hão «de guarnecer.* (1)

«*Náo Conceição.*

«Commandante o Coronel do Mar *José Sanches de Brito:*

(1) Ainda que esta relação de navios de guerra e seus officiaes já

«Capitão de Mar e Guerra *Marcos da Cunha:* Capitão de Mar «e Guerra em segundo *João da Ponte Ferreira* (1): Capitão «Tenente *Pedro de Mariz Sarmento:* Capitão Tenente *José «Caetano de Lima:* Tenente do Mar *Antonio de Saldanha de «Castro Ribafria:* Tenente do Mar *Luiz de Mello e Menezes:* «Tenente do Mar *Alvaro Sanches de Brito:* Sargentos *Jero-«nymo dos Santos da Silva* e *Ricardo José.*

«*Náo Pilar.*

«Commandante o Coronel do Mar *Bernardo Ramires Es-«quivel.* Capitão de Mar e Guerra *D. Thomaz de Mello:* Capi-«tão Tenente *Manuel Antonio Pinheiro da Camara:* Capitão «Tenente *Manuel Carlos de Tam*: Tenente do Mar *Herculano «José de Barros:* Tenente do Mar *João Domingos Maldonado:* «Tenente do Mar *José Milner:* Sargentos *Joaquim José Vieira* «e *Manoel José Tavares.*»

«*Náo Santo Antonio.* (2)

«Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Guilherme Ro-«berts:* Capitão de Mar e Guerra em segundo *Pedro de Men-«donça e Moura:* Capitão Tenente *Joaquim José dos Santos «Cação:* Capitão Tenente *João Baptista Gigoz:* Tenente do «Mar *José Joaquim Ribeiro:* Tenente do Mar *Antonio José Va-«lente:* Sargento *Bartholomeo Gomes.*

«*Náo Bom Successo.*

«Capitão de Mar e Guerra *José de Sousa Castello-branco:* «Capitão Tenente *Antonio da Cunha Souto-maior:* Capitão

apparecesse nesta obra, convém aqui reproduzil-a para corroborar a demonstração que temos em vista, e á qual he necessaria.

(1) Dissemos que nos navios de *bandeira* embarcavam capitaens de mar e guerra, de immediatos, e aqui temos, alem do Capitão de Mar e Guerra *Marcos da Cunha*, o Capitão de Mar e Guerra *em segundo, João da Ponte Ferreira.*

(2) A Náo *Santo Antonio* apparece no numero dos navios da Esquadra, sem que até o anno de 1762 se faça menção do seu cahimento no

«Tenente *Manoel Ferreira Nobre:* Tenente do Mar *José Ma-*
«*ria de Medeiros:* Tenente do Mar *Diogo Coelho de Mello:*
«Sargento *Luiz Antonio Correa.*

«*Náo S. José e Mercês.*

«Capitão de Mar e Guerra *João Caetano Viganego.* Capitão
«Tenente *Filippe Neri da Silva:* Capitão Tenente *Manuel*
«*Gomes Ferreira:* Tenente do Mar *Luiz Antanio de Oliveira:*
«Tenente do Mar *Antonio João da Serra:* Sargento *Diogo José*
«*da Silva.*

«*Náo S. Sebastião.* (1)

«Capitão de Mar e Guerra *Tristão da Cunha:* Capitão de
«Mar e Guerra em segundo (2) *Guilherme Galway:* Capitão
«Tenente *José Jacinto de Azevedo Leiria:* Capitão Tenente
«*Francisco de Azevedo Leitão:* Tenente do Mar *Bernardino*
«*José da Costa:* Tenente do Mar *Jeronymo Pereira:* Sargento
«*Joaquim José Damasio.*

«*Náo Ajuda.*

«Capitão de Mar e Guerra *Antonio Januario do Valle:* Ca-
«pitão Tenente *Paulo José da Silva Gama:* Capitão Tenente
«*Joaquim Ferreira da Costa:* Tenente do Mar *João da Ponte*
«*Ferreira:* Tenente do Mar *Antonio Salema Lobo:* Sargento
«*José Pinto Rebello.*

mar, e por isso he de suppor que ella fosse construida depois, até o anno de 1778. Serve este reparo de mostrar o numero de navios novos, dos dois reinados do Sr. D. João V. e do Sr. D. José 1.º para se ver quanta attenção merecêo a Marinha áquelles dois monarchas.

(1) Já declarámos que não constava officialmente a procedencia desta náo, que vimos virar de quarena, e metter hum talão de quilha no mar, em que o Constructor Antonio Joaquim d'Oliveira (o Gago) quiz mostrar a sua habilidade; mas sabemos por tradição, que foi hum offerecimento da cidade do Rio de Janeiro a El Rey D. José, e construida no intervalo de tempo em que não se publicaram Gazetas.

(2) Note-se que tornam a declarar-se os Capitaens de Mar e Guerra *em segundos.*

«*Náo Prazeres.*

«Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Bitancurt Prestelli:* «Capitão Tenente *Joaquim Manoel do Couto:* Capitão Tenen- «te *José Rodrigues:* Tenente do Mar *Pedro de Moraes:* Te- «nente do Mar *Antonio da Cunha Sampaio:* Sargento *Salva- «dor José.*

«*Náo Belém.* (1)

«Capitão de Mar e Guerra *Jorge Hard Castle*: Capitão Te- «nente *Bernardo Manoel de Sousa e Vasconcellos:* Capitão «Tenente *Francisco Carneiro de Figueiroa:* Tenente do Mar «*Antonio Leite Pereira Lobo:* Tenente do Mar *Luis Pinto da* «*Fonseca:* Sargento *Joaquim Pedro.*

«*Fragata Nazareth.*

«Capitão de Mar e Guerra *Antonio José Pegado de Bulhões:* «Capitão Tenente *Francisco Xavier da Silva*: Capitão Tenen- «te *D. Lourenço de Amorim:* Tenente do Mar *Luiz Pereira* «*Coutinho de Vilhena:* Tenente do Mar *José Pereira Couti- «nho de Vilhena:* Sargento *Pedro Leocadio.*

«*Fragata S. João.*

«Capitão de Mar e Guerra *Antonio José de Oliveira:* Capi- «tão Tenente *Francisco de Paula Leite:* Capitão Tenente *Joa- «quim de Almeida:* Tenente de Mar *José Fidelis:* Tenente de «Mar *Diogo José de Paiva*: Sargento *Manoel dos Santos.*

«*Fragata Cisne.*

«Capitão de Mar e Guerra *Pedro Schevrim:* Capitão Te- «nente *Joaquim de Mello e Povoas;* Capitão Tenente *Antonio* «*Lopes Cardoso:* Tenente de Mar *João Victo da Silva:* Sar- «gento *Francisco Manoel Souto-maior.*»

Reproduzimos novamente esta relação dos navios promptos

(1) Já dissémos que esta Náo deveria ser construida no decurso dos dezoito annos da suppressão das Gazetas.

a dar á vela, tanto para mostrar a actividade que reinava no serviço da Marinha, como para demonstrar aquelle que faziam os officiaes, differente do que hoje se usa; e por outras consideraçoens que ao diante expenderemos, deduzidas da composição das guarniçoens dos navios da Armada; mas que deixamos para outro logar, a fim de não interrompermos a resenha dos actos de sympatia que esta Arma dispertava, quer nos reinantes, e familia real, quer em todo o paiz que parecia votarlhe affectos, e respeitos. Antes porém de proseguir cumpre notar, que apparece outro navio de guerra, do qual até 1762 não há noticia, e deve por isso julgar-se que foi construido no decurso dos dezaseis annos já indicados; he elle a fragata *Graça Divina* que ardeo no Tejo a 19 de Junho de 1781, como o annunciou a Gazeta em 22 do mesmo mez e anno da maneira seguinte:

«Lisboa 22 *de Junho*. 1781.

«A 19 do corrente se queimou infelizmente no nosso rio a «fragata de S. M. denominada a *Graça Divina:* o fogo pegou «primeiro em huma barca, em que se derretia alcatrão, e com«municando-se della á fragata, se ateou logo de modo, que foi «impraticavel o extinquillo: todo o cuidado se dirigio em im«pedir a communicação aos outros navios, levando a reboque «a fragata incendiada para a outra banda do rio, onde lhe não «ficou se não a quilha.»

«Num. 37. Gazeta de Lisboa. Terça feira 2 de Julho 1782.

«Lisboa 2 *de Julho*.

«A 27 do passado vierão Suas Magestades, e Real Familia «de *Queluz* a esta Cidade ver lançar ao mar huma bella fra«gata novamente construida, de porte de 40 peças, denomi«nada o *Golfinho* e *N. S.ª do Livramento,* e voltárão no mesmo «dia para *Queluz*.»

«Num. 27. Gazeta de Lisboa.

«Lisboa 20 *d'Agosto*.

«S. M. foi servida por Decreto de 2 deste mez conceder ao

«Excellentissimo Conde de *S. Vicente*, Marechal de Campo dos «Reaes Exercitos, passagem com o mesmo posto para o serviço «de mar, e nomeallo ajudante das ordens do Excellentissimo «Marquez *d'Angeja*, General d'Armada Real.»

«Num. 50. Gazeta de Lisboa. Terça feira 10 de Dezembro «1782.

«Lisboa 10 *de Dezembro.*

«No dia 5 entrárão neste porto duas náos de viagem da *In-«dia;* o *Polifemo,* ou *Santo Antonio,* e a *Santa Anna* e *S. Joa-«quim,* commandadas, a primeira, pelo Capitão Tenente *Ma-«noel Ferreira Nobre;* e a segunda, pelo Capitão Tenente «*Francisco Xavier Laçue:* Trazem 8 mezes menos 7 dias de «viagem com escala por *Angola.*»

«1783.—Lisboa 14 *de Março.*

«Huma embarcação vinda ultimamente do *Rio de Janeiro,* «trouxe a noticia de terem alli chegado com bom successo a «náo de S. M. os *Prazeres,* e a fragata a *Graça.*»

«Lisboa 15 *d'Abril.* 1783.

«A 12 do corrente se fez á véla para a *India* a fragata de «Sua Magestade a *Santa Anna,* Commandante o Capitão Te-«nente *Francisco Xavier Lobo da Gama.* Alguns dias antes «havião partido com o mesmo destino dous navios de viagem.»

«Lisboa 13 *de Maio.* 1783.

«A 9 do corrente sahio deste porto a náo de S. M. *N. Se-«nhora do Bom Successo,* Commandante o Capitão de mar e «guerra *José da Silva Pimentel,* e a fragata *S. João Baptista,* «Commandante o Capitão de mar e guerra *Pedro de Men-«donça.*»

«Lisboa 10 *de Junho.* 1783.

«A 7 do corrente se fizérão á vela deste porto as fragatas de «S. M. a *Senhora da Nazareth,* e o *Cisne,* commandadas pe-

«los capitães de Mar e Guerra *José de Sousa Castello Branco,*
«e *José Ardecastel.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXVI. Sesta
«feira 4 de Julho de 1783.

«Lisboa 4 *de Julho.*

«A 29 do mez passado concorrêrão os Ministros Estrangei-
«ros, e toda a Corte ao Paço para cumprimentarem a Suas
«Magestades e AA. por occasião da festividade daquelle dia,
«dedicado ao Santo, de que ElRei N. S. tem o nome.

«No dia seguinte SS. MM. e AA. forão á Ribeira das náos
«ver lançar á agua huma nova fragata de guerra: o que se exe-
«cutou felizmente na presença d'hum brilhante, e numeroso
«concurso: a fragata tem por nome *Tritão,* e he do porte de
«44 peças.»

«Lisboa 15 *de Julho.* 1783.

«A 11 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M. a
«*Senhora do Bom Successo,* e a fragata *S. João Baptista,* que
«daqui havião sahido a 9 de Maio.»

«Lisboa 5 *d'Agosto.* 1783.

«A 30 do mez passado entrou neste porto a fragata de S. M.
«a *Nazareth,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José*
«*de Sousa Castello Branco,* que havia sahido a 7 com a fragata
«o *Cisne.*»

«Lisboa 8 *de Agosto.* 1783.

«A 4 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. o
«*Cisne,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José Ar-*
«*decastle,* que havia sahido a 7 de Junho.»

«Lisboa 5 *de Setembro.* 1783.

«No primeiro deste mez sahio deste porto a charrua de S. M.
«a *Aguia* que conduz ao *Pará* o Excellentissimo *Martinho de*
«*Sousa Albuquerque,* Governador daquella Colonia.»

Esta charrua tambem apparece navegando, sem preceder annuncio do seu cahimento no mar, entrando por isso no numero dos navios que suppomos construidos desde 1762 a 1778.

Lisboa 7 *de Outubro.* 1783.

«A 2 deste mez entrou neste porto a náo de S. M. *N. Se-*
«*nhora dos Prazeres,* commandada pelo Capitão de Mar e
«Guerra o Illustrissimo *José de Mello Breiner,* vinda do *Rio*
«*de Janeiro* em 64 dias,» etc.

«Lisboa 31 *de Outubro.* 1783.

«A 22 deste mez entrou aqui a náo de viagem o *Senhor do*
«*Bom Fim,* commandada pelo Capitão Tenente *Joaquim d'Al-*
«*meida,* vinda da *India* em 7 mezes e meio.

«Num. 25. Gazeta de Lisboa. Terça feira 22 de Junho
«1784.

«Lisboa 22 *de Junho.*

«No dia 19 do corrente se fez á véla deste porto a Esquadra
«de S. M., composta das náos o *Santo Antonio,* commandada
«pelo Coronel do Mar *Bernardo Ramires Esquivel,* Comman-
«dante em Chefe da Esquadra, e o *Bom Successo,* comman-
«dada pelo Capitão de Mar e Guerra *José de Mello:* e as fra-
«gatas o *Golfinho,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra
«*D. Thomaz de Mello,* e o *Tritão,* commandada pelo Capitão
«de Mar e Guerra *Pedro de Mendonça.*»

«Lisboa 20 *de Maio.* 1785.

«A 17 entrou neste porto a náo de S. M. a *N. Senhora de*
«*Belém,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Jorge*
«*Hardclastle,* vinda do *Rio de Janeiro* com 109 dias de via-
«gem.»

Já notámos que do cahimento e construcção desta náo, nenhuma noticia constava ou se publicara nas Gazetas de Lisboa

até o anno de 1762, pelo que, deve concluir-se que ella foi construida desde esse anno até o de 1778, em que deixaram de publicar-se as mesmas Gazetas.

«Lisboa 8 *de Julho*. 1785.

«A 5 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. a «*S. João Baptista,* commandada pelo Coronel do Mar *Gaspar* «*Pinheiro da Camara Manoel,* vinda do *Rio de Janeiro* em «68 dias.

«Com a mesma entrou tambem a charrua *N. S. do Pilar,* «que traz da *Bahia* o Capitão de Mar e Guerra *Antonio Ja-* «*nuario do Vale* com o resto da guarnição da fragata a *Graça,* «que elle commandava, e que ficou alli desmantelada.»

Advertimos que esta fragata *Graça,* não deve confundir-se com a outra *Graça,* ou *Fenix Graça,* de que já tratamos, queimada na mesma cidade em 1819 para se lhe aproveitar a ferragem; e que vimos navegar muitos annos depois da que ali ficou desmantellada; a *Fenix Graça* teve muitas commissões durante a guerra peninsular, foi a Passages levar mantimentos e petrechos para o exercito, de huma das vezes arribou entrando por isso em conselho de guerra o seu commandante, etc. pelo que não he a mesma *Graça* de que acima se trata, commandada por *Antonio Januario.*

«Lisboa 15 *de Julho*. 1785.

«Hontem se fizéram á vèla deste porto as fragatas de S. M. «o *Tritam* e o *Cisne,* commandadas pelos Capitães de Mar e «Guerra *Bitancur Pristello,* da primeira, e *Francisco de Pau-* «*la Leite,* da segunda.»

«Lisboa 26 *de Julho*. 1785.

«A 23 sahírão deste porto a náo e fragata de S. M. *N. Se-* «*nhora d'Ajuda,* e *Golfinho,* commandadas pelo Coronel do «mar *José Sanches de Brito,* a bordo da primeira do que he «segundo Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Paulo*

«*José da Silva:* e da segunda o Capitão de mar e Guerra *Ma-*
«*noel Ferreira Nobre.*»

«Lisboa 9 *d'Agosto.* 1785.

«A 7 sahirão deste porto a náo de S. M. o *Santo Antonio,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Jorge Hardcas-*
«*tle,* e a fragata a *Princeza do Brazil* pelo Capitão de Mar e
«Guerra *José Caetano de Lima.*»

«Lisboa 30 *d'Agosto.* 1785.

«A 27 sahio deste porto a fragata de S. M. *S. João Baptista*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Guilherme Ga-*
«*lway.*»

«Lisboa 18 *d'Outubro.* 1785.

«A 15 do corrente sahirão deste porto varios navios mer-
«cantes para os seus respectivos destinos, comboiados pela
«fragata de S. M. o *Golfinho,* que commanda o Capitão de Mar
«e Guerra *Manoel Ferreira Nobre.*

«A 16 entrou a fragata de S. M. a *Princeza do Brazil,* com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José Caetano de Li-*
«*ma.*»

«Lisboa 25 *d'Outubro.* 1785.

«A 20 do corrente entrou neste porto a não de S. Mages-
«tade a *Santo Antonio,* e a 22 sahio a náo de S. M. a *Senhora*
«*d'Ajuda,* commandada pelo Coronel do Mar *José Sanches de*
«*Brito.*»

«Lisboa 29 *d'Outubro.* 1785.

«S. M. attendendo á boa informação, que tem, da applicação
«e talento de *Francisco de Borja Garção Stocqueler,* foi ser-
«vida, por Decreto de 5 do corrente, nomeallo para Lente
«Substituto da primeira Cadeira de Mathematica da Acade-
«mia Real da Marinha, de que he Proprietario o Doutor *João*
«*Angelo Brunelli,* passando para Substituto da terceira *Cus-*

«*todio Gomes de Villas Boas,* que até agora o tinha sido da pri-
«meira.»

Todos estes professores tiveram fama no paiz, e chegaram a ser conhecidos na Europa, muito especialmente *Stocqueler* pelo seu saber mathematico, e outros muitos conhecimentos. Até nesta escolha de gente douta para habilitar os alumnos da Marinha, ella se honrava cuidadosamente.

«Lisboa 11 *de Novembro.* 1785.
«A 6 do corrente entráram neste porto as fragatas de S. M.
«o *Tritão,* e o *Cisne.*»

«Lisboa 13 *de Novembro.* 1785.
«A 12 sahio deste porto, para diversos destinos, huma frota
«de navios mercantes, comboiada pelas fragatas de S. M. o *Tri-*
«*tão* e o *Cisne,* de que são Commandantes os Capitães de Mar
«e Guerra *Francisco Bitancur Pristello,* e *Francisco de Paula*
«*Leite.*»

«Lisboa 20 *de Dezembro.* 1785.
«A 15 entrou n'este porto a náo de S.M. *N. Senhora d'Ajuda.*»

«Lisboa 30 *de Dezembro.* 1785.
«A 25 do corrente entrárão neste porto as fragatas de S. M.
«o *Tritão,* e o *Cisne.*»

«Lisboa 21 *d'Abril.* 1786.
«No dia 15 sahio a náo de S. M. a *Nossa Senhora d'Ajuda,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Bi-*
«*tancourt Prestello,* com destino ao *Rio de Janeiro* devendo
«comboiar varios navios até certa altura.»

«Lisboa 5 *de Maio.* 1786.
«A 2 do corrente mez sahirão deste porto a náo e fragatas
«de S. M. o *Bom Successo,* commandada pelo Capitão de mar

«e guerra *Antonio Januario do Valle,* o *Tritão* pelo Capitão «de mar e guerra *Manoel Ferreira Nobre,* e o *Cisne* pelo Ca-«pitão de mar e guerra *Francisco de Paula Leite.*»

«*Lisboa* 13 *de Julho.* 1786.

«A 13 do corrente sahírão deste porto a náo, e fragatas de «S. M. o *S. José e Mercês,* commandada pelo Coronel do Mar «*José de Mello,* tendo por Capitão de bandeira *Joaquim Fran-«cisco de Mello Povoas:* o *Tritão* commandada pelo Capitão «de mar e guerra *Pedro Maris de Sousa Sarmento:* e o *Gol-«finho* pelo Capitão de mar e guerra *Manoel da Cunha Souto-«maior.* No dia seguinte entrárão a náo o *Bom Successo,* e as «fragatas o *Cisne,* e a *Princeza do Brazil.*»

«Num. 35. Gazeta de Lisboa. Terça feira 29 de Agosto «1786.

«Lisboa 29 *d'Agosto.*

«A 24 do corrente foi Sua Magestade, e mais pessoas Reaes «ao Arsenal Real da Marinha para ver botar do estaleiro a náo «nova denominada a *Meduza* de 74 peças, a qual principiou a «correr pelas 3 horas e hum minuto da tarde, executando-se «a operação com o melhor successo, e excellente ordem, á vis-«ta d'hum immenso concurso, que cercava o lugar por terra, «e por agua. Acabada a operação, S. M. e AA. passárão á gran-«de sala chamada das *formas,* e ahi se dignárão conceder á «Companhia dos Guardas Marinhas a honra de presencear os «exercicios da Real Academia. Como as próvas que os ditos «Guardas-Marinhas dérão nestes exercicios da sua habilidade, «instrucção, e desembaraço, merecérão a approvação de S. M. «e AA., e admirárão a Corte, e o grande numero de pessoas «distintas, que alli se achárão, se fará delles mais individual «menção no segundo Supplemento.»

Com effeito vieram no Segundo Supplemento os exercicios da Companhia de Guardas Marinhas, relatados extensamente, parecendo-nos bastar para se fazer ideia delles o seguinte:

«Todos os sobreditos exercicios forão mandados pelos seus «respectivos Lentes. Estes são todos Portuguezes, e trabalhão «immediatamente debaixo da ordem do Excellentissimo Conde «de *S. Vicente*, Marechal de Campo, com exercicio na Mari-«nha, e Ajudante d'Ordens do Excellentissimo Marquez d'*An-«geja*, Capitão General da Armada, o qual o tem encarregado «desta direcção; e com a influencia dos seus acertados Planos «mereceo a Companhia a distinção de S. M. e AA. approva-«rem quanto naquelle dia executou.»

Nesta exposição dos exercicios da Companhia de Guardas Marinhas declara-se com huma especie de enfase que todos foram mandados pelos seus respectivos Lentes *todos Portuguezes*. A Marinha nacional éra inspirada, instruida, e governada patrioticamente, e gloriava-se disso; hoje...! hoje parece que até a denominação de Portugueza lhe he pesada!

«*Lisboa* 23 *de Setembro.*

«*Extracto d'huma carta escrita de* Gibraltar *por hum Grande «Official de mar com data de* 30 *d'Agosto* 1786.

«A peste, que se receia seja communicada de *Bonna* ao «porto d'*Argel*, nos causa aqui grande susto, e obriga a man-«dar fazer a todas as embarcações longa quarentena. O Chefe «da Esquadra *Portugueza*, e as suas duas fragatas dão grande «honra á sua Nação: elles se exercitam, como verdadeiros Ma-«ritimos, na boca do Estreito: são muito activos, e estão sem-«pre á lerta: tem bloqueado na bahia hum corsario *Argelino*, «e tem prevenido muitos males, etc.»

«Lisboa 21 *de Novembro* 1786.

«A 15 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. a «*Princeza do Brazil*.»

«Lisboa 28 *de Novembro* 1786.

«Nas visinhanças da *Nazareth*, perdeo-se a charrua *Portu-*

«*gueza* denominada a *Tetis,* vinda do *Rio de Janeiro,* da qual
«só se salvárão sete pessoas.»

«Lisboa 1.º *de Dezembro* 1786.
«A 27 do mez passado entrárão neste porto a náo, e fraga-
«tas de S. M. a *S. José e Mercés,* o *Tritão,* e o *Golfinho.*»

«Lisboa 26 *de Dezembro* 1786.
«A náo de S. M. *N. Senhora d'Ajuda* entrou a 24, vinda do
«*Rio de Janeiro,* com os quintos, tendo-se achado em grande
«trabalho por alguns dias antes de entrar.»

«Num. 13. Gazeta de Lisboa. Terça feira 27 de Março
«1787.
«Lisboa 27 *de Março.*
«S. M. e AA. forão na tarde de 23 do corrente ver a Real
«Esquadra, que se acha promta para sahir deste porto: subí-
«rão a bordo da náo a *Meduza,* e mostrárão a sua satisfação
«da excellente ordem, em que tudo se achava disposto. Ao
«retirar-se os navios de guerra, de que a dita Esquadra se
«compôe, salvárão a S. M. e AA. com descargas d'artilhe-
«ria.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa. Numero XIII. Sesta
«feira 30 de Março 1787.
«Lisboa 30 *de Março.*
«A 28 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M.
«composta da náo a *Meduza,* em que vai o Coronel de Mar
«*José de Mello,* Commandante da Esquadra; e o Capitão de
«Mar e Guerra Bernardo Manoel de Vasconcellos; das fraga-
«tas o *Cisne,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Gui-*
«*lherme Galway;* e o *S. João Baptista,* pelo Capitão de Mar
«e Guerra *Paulo José da Silva;* dos cuters a *Coroa* e a *União,*
«commandados pelos Capitães Tenentes *Mattheus Pereira,* e
«*Daniel Tompson,* e de dous cahiques. Ao mesmo tempo sa-
«hio a náo de viagem para a *India* a *Conceição,* que vai por

«conta de S. M., commandada pelo Capitão Tenente *Dionysio*
«*Ferreira Portugal.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa. Numero XVII. Sesta
«feira 27 de Abril 1787.

«Lisboa 27 *d'Abril.*

«Aqui vieram noticias de que a Esquadra de S. M., que an-
«da no mar, soffrêra fortes temporaes, de que a náo ficara da-
«mnificada, e huma fragata chegára a tocar nos baixos perto
«de *Algeziras,* donde foi salva pela boa manobra, sem maior
«perigo das tripulaçõos. S. M. ordenou logo que se preparasse
«outra náo, e fragata para irem substituir as que necessitão
«reparação.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XVIII. Sesta
«feira 4 de Maio 1787.

«Lisboa 4 *de Maio.*

«A 30 do mez passado sahirão deste porto as náo e fragata
«de S. M. a *N. Senhora do Bom Successo,* e o *Golfinho,* com-
«mandadas, a primeira pelo Capitão de Mar e Guerra *Antonio*
«*Januario do Valle;* e a segunda pelo Capitão de Mar e Guerra
«*Jorge Hardcastle,* que vão substituir as que se achão damni-
«ficadas no Estreito de *Gibraltar.*»

«Lisboa 29 *de Maio.*

«A 24 do corrente sahio deste porto o cuter de S. M. *Galgo.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXVI. Sesta
«feira 29. de Junho 1787.

«Lisboa 29 *de Junho.*

«A Rainha N. S. e toda a Real Familia voltárão a esta cidade
«na tarde de 26 do corrente, e se recolhêrão ao Palacio da
«Praça do Commercio por meio dos *vivas* d'hum concurso im-
«menso que enchia a dita praça, e que exprimia nas suas ac-
«clamações o prazer que infunde nos animos de todos a pre-
«sença de tão benigna Soberana. No rio huma grande multidão

«de barcos pescadores, ornados com ramos e bandeiras, e cu-
«bertos de povo, formavam uma extensa ala, presentando o
«mais vistoso espectaculo, e o mais interessante, pelas demon-
«strações com que, ao passar o escaler de S. M., aquella in-
«dustriosa gente significava a sua gratidão pelas graças que
«lhes concedêra a Real beneficencia. Aos repetidos clamores
«se unia o som de timbales que havia nos barcos, e hum chu-
«veiro de foguetes hia espalhar no ar os testemunhos de jubi-
«lo, que redundava nos corações. S. M., sensivel á affeição do
«seu povo, não quiz servir-se dos coches que a esperavão no
«caes, e por entre a multidão foi a pé até ao Palacio, dando to-
«das as Pessoas Reaes os sinaes mais urbanos do quanto lhes
«erão gratos os applausos d'hum povo, que sabe bem apreciar
«a urbanidade dos seus Principes.»

«Num. 27. Gazeta de Lisboa. Terça feira 3 de Julho 1787.
«Lisboa 3 *de Julho.*

«Por huma carta escrita pelo Capitão de Mar e Guerra *Paulo*
«*José da Silva,* que commanda a fragata de S. M. o *S. João*
«*Baptista,* consta que a dita fragata, e o cuter a *Coroa* entrá-
«rão no porto de *Gibraltar* a 25 de Maio; e alli se aprompta-
«rão para ir cruzar na boca do Estreito. O resto da Esquadra
«de S. M. tinha entrado para o *Mediterraneo.*

«Aqui se rompeo a voz de que a dita Esquadra havia des-
«truido dois chavecos *Argelinos;* já temos informação authen-
«tica deste successo; mas ainda não das suas circumstancias.»

«Lisboa 21 *de Julho.* 1787.

«A 14 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. o
«*S. João Baptista,* e o cuter a *União,* que se achão em qua-
«rentena.

«Lisboa 14 *d'Agosto* 1787.

«A 12 do corrente sahio deste porto de guarda-costa a Nao
«de S. M. o *Bom Successo,* commandada pelo Capitão de Mar
«e Guerra *Antonio Januario do Valle.*»

«Lisboa 28 *d'Agosto.* 1787.

«A náo de S. M. a *Meduza*, commandada pelo Capitão de «Mar e Guerra *Jorge Hardcastle*, que entrou n'este porto a «21 do corrente, se acha fazendo quarentena.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXI. Sesta «feira 1 de Agosto 1788.

«Lisboa 1.º *d'Agosto.*

«S. M. pelo Decreto que foi servida publicar, com data de «14 de Julho de 1778, a respeito dos Alumnos da Marinha, «houve por bem augmentar provisoriamente a Companhia dos «48 Guardas Marinhas creada por Decreto de 14 de Dezembro «de 1782, de mais 12 Praças, e além d'ellas, de 24 Aspirantes «Guardas Marinhas, que manda crear de novo. Nenhuma pes«soa, de qualquer qualidade, ou condição que seja, poderá en«trar em Guarda Marinha, sem ser primeiramente admittida a «Aspirante; e para o ser, terá as qualidades que o precedente «Decreto prescreve para os Guardas Marinhas. Os ditos Aspi«rantes, em quanto o forem, venceraõ metade do soldo que «vencem os Guardas Marinhas, conferindo-se-lhes além disto «os seus uniformes.»

«Lisboa 15 *d'Agosto.* 1788.

«No dia 11 do corrente sahio deste porto huma Esquadra «*Portugueza*, commandada pelo Marechal de Campo *Bernar«do Ramires Esquivel*, o qual vai render a que precedente«mente dera á véla. Compõe-se da náo *Prazeres*, em que vai «o dito Chefe, levando por seu Capitão de Bandeira *Francisco «de Mello e Povoas;* das fragatas *Tritão*, Capitão *Pedro Ma«riz Soares Sarmento*, e *Princeza do Brazil*, Capitão *José «Caetano de Lima;* e do cuter *União*, commandado pelo Ca«pitão Tenente *Antonio da Rosa*.»

«Lisboa 9 *de Setembro.*

«A Esquadra *Portugueza* que sahira daqui commandada «pelo Coronel de Mar *José Sanches de Brito*, e que fora ren-

«dida pela que ultimamente largára debaixo do mando do
«Marechal de Campo *Bernardo Ramires Esquivel,* tornou
«sabbado passado a entrar pela barra deste porto, menos a
«fragata *Golfinho,* e hontem pela manhã deo fundo defronte
«da praia de *Santos,* depois de ter ficado até então a baixo da
«Torre de *Belém.*»

«Lisboa 7 *d'Outubro.* 1788.

«No dia 3 do corrente sahio deste porto a fragata de S. M.
«*S. João Baptista,* commandada pelo Capitão Tenente *José*
«*Maria,* a qual vai com escala pela *Bahia* ao *Rio de Janeiro* bus-
«car madeira, cuja carregação completará nas Ilhas á vinda.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLI. Sesta feira
«10 de Outubro de 1788.

«Lisboa 10 *d'Outubro.*

«No dia 7 do corrente ancorou no nosso porto a fragata de
«S. M. *N. Senhora da Graça,* construida na *Bahia,* a qual
«trouxe o Excellentissimo *D. Rodrigo de Menezes,* Governa-
«dor que foi d'aquella Capitania, por quem veio commandada,
«com 58 dias de viagem.»

*N. B.* Vê-se pois que esta não póde confundir-se com aquel-
la que ali ficou desmantelada, do commando do Capitão de Mar
e Guerra *Antonio Januario do Vale:* esta foi a que depois se
mandou queimar em 1819, para lhe aproveitar a pregadura:
durou 31 annos.

«Num. 43. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Outubro
«de 1788.

«Lisboa 21 *d'Outubro.*

«No dia 16 do corrente se botou do estaleiro da Ribeira das
«Náos ao mar o cuter de S. M. denominado a *Lebre,* de 24 pe-
«ças, assistindo a este acto o Excellentissimo Inspector da mes-
«ma Ribeira *Martinho de Mello e Castro,* e huma grande parte
«do Corpo da Marinha.»

Já observámos noutro logar deste livro, que tanto a *Lebre,* como a *União,* o *Galgo,* e a *Serpente* éram tão grandes, que passaram a ser brigues, e este ultimo até foi curveta, á qual se pôz o nome de *Calipso* commandada pelo Conde de Cea; e o brigue *Lebre* conhecemos nós commandado pelo nosso amigo José Joaquim Xavier de Velasco, então Capitão de Mar e Guerra.

«Lisboa 25 *de Novembro.* 1788.

«A 19 do corrente sahio deste porto para as Ilhas a fragata «de S. M. denominada a *Princeza do Brazil,* debaixo do man-«do do Capitão de Mar e Guerra *Daniel Thompson.*»

«Lisboa 2 *de Dezembro.* 1788.

«No dia 27 entrárão neste porto o cuter de S. M. a *União,* «commandado pelo Capitão Tenente *Antonio da Rosa,* e o ber-«gantim o *Galgo* commandado pelo Capitão Tenente *José Joa-«quim Ribeiro,* vindos de *Gibraltar* em 9 dias.»

*N. B.* Aqui apparéce o *Galgo* já como bergantim, quando há pouco éra cuter, e do mesmo modo havemos de ver a *Lebre,* e a *União* transformados em bergantins.

«Lisboa 16 *de Dezembro.* 1788.

«O cuter de S. M. a *União,* commandado pelo Capitão Te-«nente *Antonio da Rosa,* entrou quinta feira passada neste «porto, e a 14 a náo de S. M. denominada *Belém,* que, com-«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Paula «Leite,* tinha ido conduzir os novos Governadores á *America,* «e que trouxe o Governador que foi das *Minas D. Luiz da «Cunha.*»

«Lisboa 6 *de Março.* 1789.

«S. M. e AA. havendo a 3 do corrente partido do Real Sitio «de *Salvaterra de Magos* por agua, desembarcárão ás 4 da «tarde no Caes de *Belém,* donde, com grande contentamento

«de toda esta cidade, se restituírão felizmente ao Real Palacio «*d'Ajuda.*»

«Lisboa 27 *de Março.* 1789.

«No dia 24 do corrente sahio deste porto com destino para «*Goa* a náo *Conceição,* debaixo do mando do Capitão Tenente «da Armada Real *José Joaquim Ribeiro.*»

«Lisboa 31 *de Março.* 1789.

«Com 51 dias de viagem voltou de *Pernambuco* a este porto «a 27 do corrente a fragata de S. M. *S. João Baptista* debaixo «do mando do Capitão Tenente da Armada *José Maria de Me-«deiros.*»

«Lisboa 3 *d'Abril.* 1789.

«No dia 31 do mez passado sahio deste porto a fragata de «S. M. o *Golfinho* debaixo do mando do Capitão Tenente *José «Maria de Medeiros.*»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Abril de 1789.

«A fragata de S. M. o *Tritão,* commandada pelo capitão de «Mar e Guerra *Pedro de Mariz de Sousa Sarmento,* sahio «desta barra quarta feira passada para o *Rio de Janeiro.*

«No sabbado 18 tambem sahio do nosso porto huma Esqua-«dra nacional, debaixo do mando do Coronel de Mar *José de «Mello Breyner,* composta da náo *Conceição,* em que vai o «dito Chefe, levando por seu Capitão de Bandeira o Capitão «de Mar e Guerra *Joaquim José dos Santos;* das fragatas *Mi-«nerva* e *Fenis,* commandadas pelos Capitães de Mar e Guerra «*Manoel da Cunha Souto Maior,* e *Paulo José da Silva Gama,* «dos bergantins *Galgo* e *Lebre,* commandados pelos Capitães «Tenentes *Herculano José de Barros,* e *Daniel Thompson;* «e do cuter a *Coroa,* commandado pelo Capitão Tenente *Ma-«theus Pereira de Campos.* Achando-se esta Esquadra perto «da Torre de *Belém,* disposta para dar á véla, S. M. e AA.

«acompanhadas do Excellentissimo *Martinho de Mello e Cas-*
«*tro,* Secretario d'estado dos Negocios da Marinha, e do Pro-
«vedor da Ribeira das Náos, foram no dia 14 a bordo da Ca-
«pitania, e da fragata *Minerva.*»

«Lisboa 12 *de Maio.* 1789.

«Quinta feira passada partio daqui S. A. R. o Principe N.
«S. por agua para a *Azambuja,* a fim de assistir á ferra dos
«potros destinados ás Reaes Cavalhariças, e no mesmo dia se
«restituio ao Real Palacio d'*Ajuda.*»

«Lisboa 19 *de Junho.* 1789.

«No dia 15 do corrente voltou destacado a este porto o ber-
«gantim *Lebre,* debaixo do mando do Capitão Tenente da Ar-
«mada Real *Daniel Thompson,* conduzindo hum navio *Fran-*
«*cez,* que tirára do poder dos *Argelinos* a Esquadra de S. M.
«commandada pelo Coronel de Mar *José de Mello Breyner.*»

«Lisboa 30 *de Junho.* 1789.

«O bergantim *Lebre,* que debaixo do mando do Capitão Te-
«nente *Daniel Thompson* conduzíra a este porto o navio *Fran-*
«*cez* o *Desirable,* que a Esquadra de S. M. tirára do poder
«dos Argelinos, tornou a sahir para o Estreito a 24 do cor-
«rente.»

«Lisboa 4 *de Setembro.* 1789.

«A 31 do mez passado entrou neste porto a náo de Guerra
«*Conceição,* em a qual veio o Coronel de Mar *José de Mello*
«*Breyner,* com o seu Capitão de Bandeira, o Capitão de Mar
«e Guerra *Joaquim José dos Santos,* e no dia seguinte se co-
«meçou a desarmar.»

«Num. 43. Gazeta de Lisboa. Terça feira 27 de Outubro
«de 1789.

«A 19 do corrente voltou a este porto a náo *Aguia,* e *Co-*
«*ração de Jesus,* commandada pelo Tenente do Mar *Antonio*

«*José Monteiro,* a qual tinha ido ao Pará buscar o Excellen-«tissimo Bispo daquella Diocese *D. Frei Caetano Brandão,* «por se achar nomeado para a Sede Arcebispal de *Braga.*»

«Lisboa 10 *de Novembro.* 1789.

«Havendo o Excellentissimo Marquez de *Marialva D. Diogo* «por ordem de S. M. passado ao *Caya* para conduzir o Senhor «Infante *D. Pedro* a *Aldea Galega,* S. A. ahi chegou felizmente «a 4 do corrente á noite: no dia seguinte pela manhã toda a «Real familia passou por entre huma salva de artilheria dos «navios e fortalezas, a buscallo áquelle lugar; e depois de vi-«rem desembarcar ao *Caes de Belém,* aonde se achava postado «o Regimento d'Infanteria de *Lipe,* S. M. e AA. se restituírão «ao Palacio *d'Ajuda* com o augusto Hospede, a cuja chegada se «repetio a mesma salva.»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa. Terça feira, 8 de Dezem-«bro de 1789.

«Lisboa 8 *de Dezembro.*

«S. M. e AA. fôrão quinta feira passada de tarde ao Arsenal «para ver a náo, e fragata, que se achão promptas a sahir do «estaleiro: depois do que passárão á sala do estudo da Mari-«nha, aonde, vendo manobrar varios Alumnos da mesma, se «demorárão até depois de noite.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero L. Sesta feira «18 de Dezembro de 1789.

«Lisboa 18 *de Dezembro.*

«A 13 do corrente voltou a este porto a Esquadra de S. M. «commandada pelo Coronel de Mar *Pedro de Mendonça e Mou-«ra,* constando das fragatas a *Fenis* em que vinha o dito Che-«fe, e *Minerva,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra «Manoel da Cunha Souto-maior; dos bergantins *Galgo,* Com-«mandante o Capitão Tenente *Herculano José de Barros e* «*Vasconcellos,* e *Lebre,* Commandante *Daniel Thompson;* e «dos cuters *Coróa,* Commandante o Capitão Tenente *Mattheus*

«*Pereira de Campos*, e *União*, Commandante o Tenente de
«Mar *Eugenio Ganecarnice.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero LI. Sesta feira
«25 de Dezembro de 1789.
«Lisboa 25 *de Dezembro.*
«A 18 do corrente de tarde, estando presentes S. M. e AA.,
«todo o Corpo da Marinha, e hum grande numero de pessoas
«de graduação, se lançárão do Arsenal Real da Marinha ao mar
«huma náo nova, denominada *Maria Primeira*, de 70 peças,
«e huma fragata igualmente nova, por nome *Principe do Bra-*
«*zil*, de 40. Ninguem poderá reflectir, que em menos tempo
«do que levava a construcção d'hum só vaso se fabricárão os
«dous referidos, sem admirar o infatigavel zelo, com que o Ex-
«cellentissimo *Martinho de Mello e Castro*, Ministro da Mari-
«nha, faz executar prompta, e completamente todos os obje-
«ctos da sua inspecção.»

«Num. 1. Gazeta de Lisboa. Terça feira 5 de Janeiro de
«1790.
«Lisboa 5 *de Janeiro.*
«No decurso do anno proximo passado de 1789 entrárão
«neste porto 678 navios mercantes, que vem a ser: 88 *Portu-*
«*guezes*, 288 *Inglezes*, 73 *Francezes*, 20 *Hespanhoes*, 23 *Di-*
«*namarquezes*, 59 *Hollandezes*, 74 *Americanos*, 8 *Prussia-*
«*nos*, 2 *Suecos*, 10 *Hamburguezes*, 11 *Venezianos*, 7 *Ragu-*
«*sanos*, 3 *Bremezes*, 6 *Imperiaes*, 5 *Lubequezes*, e 1 *Geno-*
«*vez. (Noutra Folha apontaremos o numero dos navios de*
«*guerra, assim nacionaes, como estrangeiros, paquetes, e*
«*charruas de S. M. vindas do* Brazil, *que entrárão no* Tejo
«*durante o mesmo espaço de tempo.)*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero IV. Sesta feira
«29 de Janeiro de 1790.
«Lisboa 30 *de Janeiro.*
«Por Decreto de 16 de Dezembro de 1789 foi S. M. servida

«regular os postos do Corpo da Marinha; e sendo preciso es-
«tabelecer os soldos, que hão de vencer os Officiaes que os
«occupam, e occuparem os ditos póstos, assim em terra, como
«embarcados, ordena: que os Vice-Almirantes vençâo por mez
«em terra, 200$000 reis; embarcados, 400$000 reis: os Te-
«nentes Generaes em terra, 100$000 reis; embarcados, reis
«200$000: os Chefes de Esquadra em terra 50$000 reis; em-
«barcados, 100$000 reis; os Chefes de Divisão em terra, reis
«40$000; embarcados, 80$000 reis; os Capitães de Mar e
«Guerra em terra 30$000 reis; embarcados 45$000 reis: os
«Capitães de Fragata em terra, 24$000 reis; embarcados, reis
«36$000: os Capitães Tenentes em terra, 20$000 reis; em-
«barcados, 30$000 reis: os Tenentes de Mar em terra, reis
«10$000; embarcados, 15$000 reis: os Segundos Tenentes
«em terra, 8$000 reis; embarcados, 12$000 reis. Quanto á
«meza, e mais vencimentos dos ditos Officiaes, andando em-
«barcados, a seu tempo dará S. M. providencias.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero x. Sesta feira
«12 de Março de 1790.

«Lisboa 12 *de Março.*

«Ante-hontem sahio deste porto a náo de S. M. *N. Senhora
«de Belém,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Ma-
«noel Ferreira Nobre, para effeito de conduzir primeiro ao
«*Rio de Janeiro* o novo Vice-Rei do Estado do *Brazil* Conde
«de *Rezende,* e depois a *Angola* o novo Governador *Manoel
«d'Almeida Vasconcellos.*»

«Lisboa 16 *de Março.* 1790.

«S. M. e AA. se restituiram felizmente por agua a 13 deste
«mez á noite do Real sitio de *Salvaterra de Magos* ao Real
«Palacio *d'Ajuda.*»

«Num. 14. Gazeta de Lisboa. Terça feira 6 de Abril de
«1790.

«Lisboa 6 *d'Abril.*

«A 27 do mez passado voltárão a este porto a fragata de

«S. M. *S. João Baptista,* commandados pelo Capitão Tenente «*José Maria de Medeiros;* o bergantim *Lebre,* pelo Capitão «Tenente *Daniel Thompson,* e o cuter *União* pelo Tenente «de Mar *Jacomo Escarnichia.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero xx. Sesta feira «21 de Maio de 1790.

«Lisboa 21 *de Maio.*

«No dia 15 do corrente desafferrou deste porto, para andar «de guarda costa huma Esquadra nacional, commandada pelo «Tenente General *Bernardo Ramires Esquivel.* Compõem-se «da náo *Maria Primeira,* de 74 peças, em que vai o dito Che-«fe, levando por seu Capitão de Bandeira o Capitão de Mar e «Guerra *Bernardo Manoel de Vasconcellos;* das fragatas: *Fe-«nis,* Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Joaquim Fran-«cisco de Mello Povoas,* e *Principe do Brazil,* Commandante «o Capitão de Fragata *D. Domingos de Lima;* do bergantim «*Galgo,* Commandante o Capitão Tenente *Bernardino José de «Castro,* e do cuter *União,* Commandante o Capitão Tenente «*Herculano José de Barros e Vasconcellos.* S. M. e AA., que «tinhão ido a bordo desta Esquadra a 12, passárão ao sitio de «*Caxias* para a verem dar á véla.» [1]

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero xxviii. Sesta «feira 16 de Julho de 1790.

«Lisboa 16 *de Julho.*

«A 12 do corrente sahio deste porto a fragata de S. M. o «*Cisne* de 44 peças, commandada pelo Excellentissimo Conde «de *S. Vicente,* Tenente General da Armada Real, que leva ás

[1] Não podemos resistir ao desejo de chamar a attenção do leitor, sobre este gosto da Rainha e mais familia Real de verem os navios, e andarem no mar: S. M., Principe, e Princezas haviam subido a bordo da Esquadra no dia 12, e no dia 15, foram a *Caxias,* para a verem fazer de véla. E éra huma Senhora que tomava este interesse pelas cousas do mar, e que folgava de subir a bordo dos navios, o que he sempre mais incommodo ás Senhoras, do que aos homens?!

«suas ordens os Capitães de Mar e Guerra *Joaquim José dos* «*Santos Cassão*, e *Paulo José da Silva Gama*. Nella vão em- «barcados a maior parte dos Officiaes, Guardas Marinhas, e «Aspirantes, pertencentes ao Corpo dos Alumnos da Marinha «para effeito de se instruirem na pratica do mar. O sobredito «Chefe leva tambem debaixo das suas ordens hum bergantim «de 24 peças, commandado pelo Capitão Tenente *José Maria* «*de Medeiros.*»

«Num. 38. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Setembro «de 1790.

«Lisboa 21 *de Setembro.*

«A 18 do corrente entrou neste porto a Fragata *N. Senhora* «*das Necessidades Tritão*, commandada pelo Capitão de Mar «e Guerra *Pedro Mariz de Sousa Sarmento*, vinda, com os «quintos de S. M., e dinheiro de Particulares, do *Rio de Ja-* «*neiro*, donde conduzio a esta cidade o Ex-Vice-Rei do Estado «do *Brazil Luiz de Vasconcellos e Sousa.*

«No mesmo dia voltou do Estreito a este porto a Náo *Maria* «*Primeira*, debaixo do mando do Tenente General *Bernardo* «*Ramires Esquivel*, e de seu Capitão de Bandeira o Capitão de «Mar e Guerra *Bernardo Manoel de Sousa e Vasconcellos*, tra- «zendo ás suas ordens a Fragata *Principe do Brazil*, comman- «dada pelo Capitão de Fragata *D. Domingos Xavier de Lima.*»

«Lisboa 5 *d'Outubro.*

«A fragata de S. M. o *Cisne*, que, commandada pelo Excel- «lentissimo Conde de *S. Vicente*, Tenente General da Armada «Real, levando ás suas ordens os Capitães de Mar e Guerra «*Joaquim José dos Santos Cassão*, e *Paulo José da Silva Ga-* «*ma*, sahira daqui a 12 de Julho para instruir os Alumnos da «Marinha na pratica do mar, voltou a este porto a 28 de Se- «tembro com o bergantim o *Falcão*, commandado pelo Capitão «Tenente *José Maria de Medeiros.*»

«Lisboa 14 *de Dezembro.* 1790.

«No dia 9 do corrente sahio deste porto a fragata *Cisne*,

«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Paulo José da* «*Silva Gama,* levando a bordo o Brigadeiro *Jacques Filippe de Lendreset,* que vai com a Embaixada de S. M. ao *Rei de* «*Marrocos.*»

«Lisboa 4 *de Janeiro.* 1791.

«Ante-hontem voltou do Estreito a este porto a fragata de «S. M. a *Minerva,* commandada pelo Chefe de Esquadra *José* «*de Mello Breyner,* com os bergantins *Lebre,* commandado «pelo Capitão Tenente *Daniel Thompson,* e *Galgo,* comman-«dado pelo Capitão Tenente *Bernardino José de Barros.*»

«Lisboa 18 *de Janeiro.* 1791.

«*Em o anno de* 1790 *entrárão e sahirão do porto de* Lis-«boa *os seguintes navios:*

| | Entrárão | Sahirão |
|---|---|---|
| *Americanos* | 84 | 81 |
| *Bremezes* | 4 | 3 |
| *Dinamarquezes* | 53 | 48 |
| *Francezes* | 62 | 59 |
| *Genovezes* | 3 | 1 |
| *Hespanhoes* | 26 incluso 1 de guerra | 24 incluso 1 de guerra. |
| *Hollandezes* | 85 incluso 1 de guerra | 86 inclusos 7 de guerra. |
| *Hamburguezes* | 12 | 8 |
| *Inglezes* | 364 inclusos 14 de guerra. | 371 inclusos 14 de guerra. |
| *Imperiaes* | 2 | 3 |
| *Lubequezes* | 4 | 6 |
| *Maltezes* | 1 de guerra | 1 de guerra. |
| *Meklemburguezes.* | 2 | 2 |
| *Portuguezes* | 241 inclusos 8 de guerra. | 223 inclusos 15 de guerra. |
| *Prussianos* | 6 | 8 |
| *Raguzanos* | 19 | 20 |
| *Suécos* | 8 | 5 |
| *Venezianos* | 8 | 10 |
| Total... | 984 inclusos 25 de guerra. | 959 inclusos 38 de guerra. |

«Lisboa 18 *de Março.* 1791.

«A 13 do corrente voltárão do Estreito a este porto a fra-«gata de guerra *Fenis,* commandada pelo Capitão de Mar e

«Guerra *Joaquim Francisco de Mello e Povoas;* os bergantins «*Voador,* commandado pelo Capitão Tenente *José Maria de Me-* «*deiros,* e *Falcão,* commandado pelo Tenente *Jacome Scarni-* «*chia.* Com estas embarcações tambem voltou a fragata de guer- «ra *Cisne,* que, debaixo do mando do Capitão de Mar e Guerra «*Paulo José da Silva Gama,* tinha levado o Brigadeiro *Jaques* «*Filippe de Landreset* com a Embaixada de S. M. a *Marrocos.*»

«Num. 18. Gazeta de Lisboa. Terça feyra 3 de Maio de «1791.

«Lisboa 3 *de Maio.*

«A 28 do mez passado sahio deste porto huma Esquadra «*Portugueza* debaixo do mando do Chefe de Esquadra *José* «*de Mello Breyner,* composta da náo *Medusa,* em que vai em- «barcado o dito Commandante, levando por seu Capitão de Ban- «deira o Capitão de Mar e Guerra *João Caetano Viganego;* das «fragatas *Minerva,* commandada pelo Chefe de Divisão *Anto-* «*nio Januario do Valle; Tritão,* commandada pelo Capitão de «Mar e Guerra *Francisco de Paula Leite;* e *Cisne,* comman- «dada pelo Capitão de Mar e Guerra *Paulo José da Silva Ga-* «*ma:* dos bergantins *Lebre,* commandado pelo Capitão de Fra- «gata *Manoel Antonio Pinheiro da Camara; Falcão,* comman- «dado pelo Capitão Tenente *José Maria de Medeiros; Voador,* «commandado pelo Capitão Tenente *Diogo José de Paiva;* e «*Galgo,* commandado pelo Tenente do Mar *Jacome Escarni-* «*chia:* e do cuter *União,* commandado pelo Capitão Tenente «*Herculano José de Barros.* SS. MM. e AA. tinhão ido no dia «precedente ver a dita Esquadra, e passárão para bordo da Ca- «pitânia, e da fragata *Minerva.*

«No mesmo dia 28 deo á véla a náo de viagem N. Senhora «da *Conceição* e *Santo Antonio,* a qual, debaixo do mando do «Capitão Tenente José Joaquim Ribeiro, vai á *India* com os «degradados.»

«Lisboa 24 *de Maio.* 1791.

«A 18 do corrente voltárão a este porto duas embarcações

«da Esquadra de S. M., que são o bergantim *Lebre* comman-
«dado pelo capitão de Fragata *Manoel Antonio Pinheiro da Ca-
«mara;* e o cuter *Corôa,* commandado pelo Capitão Tenente
«*Herculano José de Barros.* Ambos chegárão de *Setubal,* e o
«segundo vinha com o mastro rendido, e agua aberta.»

«Lisboa 14 *de Junho.* 1791.

«A 7 do corrente mez sahio deste porto o bergantim de
«guerra *Portuguez* denominado *Lebre,* debaixo do mando do
«Capitão de Fragata *Manoel Antonio Pinheiro da Camara.*»

Lisboa 12 *de Julho.* 1791.

«A 4 do corrente entrou neste porto a charrua de S. M. de-
«nominada *Aguia,* vinda do *Pará* debaixo do mando do Te-
«nente do Mar *Filippe Alberto Patroni.*»

«Lisboa 16 *d'Agosto.* 1791.

«A 10 do corrente voltou do *Estreito* a este porto a fragata
«de S. M., denominada o *Cisne,* debaixo do mando do Capi-
«tão de Mar e Guerra *Paulo José da Silva Gama.*

«No dia 12 sahio deste porto a fragata de S. M. o *Golfinho,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Manoel da Cunha*
«*Souto-maior,* na qual vai embarcado o Tenente General *Ber-*
«*nardo Ramires Esquivel* para commandar a Esquadra de S.
«M. que anda no *Estreito.*»

«Lisboa 13 *de Setembro.* 1791.

«A 4 do corrente entrou neste porto debaixo do mando do
«Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Paula Leite,* a fra-
«gata de S. M., denominada *Tritão,* vinda de *Gibraltar* em
«10 dias.»

«Num. 39. Gazeta de Lisboa. Terça feira 27 de Setem-
«bro de 1791.

«Lisboa 27 *de Setembro.*

«S. M. e AA. viérão no dia 24 deste mez á Ribeira das náos,

«visitárão os navios de guerra, que se achão prestes a lançar-se «ao mar, examinárão a obra do Dique que alli se constroe, e «de que se mostrárão satisfeitas, e voltárão no mesmo dia para «*Queluz*.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXIX. Sesta «feira 30 de Setembro de 1791.

«Lisboa 30 *de Setembro.*

«S. M., e toda a Real Familia vierão ante-hontem ver dei«tar á agua huma náo de guerra de 74 peças, huma fragata «de 44, e hum bergantim, que se achávão prestes no estaleiro. «Esta operação se fez com o mais feliz successo, causando gran«de gosto a hum immenso concurso de espectadores que se «achavão nas praias, e em innumeraveis embarcaçoens de que «estava qualhado o rio. (1)

«S. M. e AA. depois se dignárão de assistir aos exercicios «dos Alumnos da Academia da Marinha, nos quaes mostrárão «distinctos progressos em todas as partes da instrucção, e des«treza que podem constituir hum completo Official de mar, «merecendo a Real approvação, e o geral applauso de todos «os assistentes, a quem foi patente o quanto são bem empre«gados os desvelos que emprega nesta instituição o Illustre «Chefe, a quem ella deve a existencia, e a quem o Estado de«verá as utilidades que dalli devem resultar. S. M. foi servida «determinar por esta occasião algumas promoções, *de que se «dará conta em outro lugar*.»

«Lisboa 22 *de Novembro.* 1791.

«No temporal que houve na noite de 12 para 13 se omittio «dizer que cahio hum raio sobre o mastaréo do traquete da «charrua de S. M. *Polyfemo;* mas por felicidade não offendeo «a pessoa alguma, nem causou damno á embarcação.»

(1) Os nomes dos navios que se lançaram ao mar, foram: Náo *Rainha de Portugal,* Fragatas *Princeza Carlota,* Bergantim *Serpente.*

«Lisboa 10 *de Janeiro*. 1792.

«A 3 do corrente sahírão deste porto as fragatas de S. M. «*Nossa Senhora das Necessidades*, o *Tritão*, commandada «pelo Chefe de Esquadra *Pedro de Mendonça e Moura;* e «*Principe do Brazil* commandada pelo Capitão de Mar e Guer-«ra *Mattheus Pereira de Campos.*»

«Lisboa 10 *de Fevereiro*. 1792.

«A 6 do corrente entrou neste porto vindo do Estreito em «6 dias, a náo de S. M. *N. Senhora do Monte do Carmo*, e os «Bergantins o *Falcão*, e o *Voador*, debaixo do mando do Te-«nente General *Bernardo Ramires Esquivel.*» ([1])

«Num. 12. Gazeta de Lisboa. Terça feira 20 de Março de «1792.

«Lisboa 20 *de Março*.

«S. M. tem continuado a sahir sobre o rio acompanhada «sempre do Principe N. Senhor, cujo extremoso zelo pelo res-«tabelecimento de sua Augusta Mãi, e cuja rectidão, e vigilan-«cia nas funcções da Administração, tem feito mais prespicuas «as excellentes qualidades que adornão o seu caracter, conci-«liando-lhe a veneração e amor de toda a Nação *Portugueza*, «e sendo até hum digno objecto da admiração de toda a *Eu-«ropa*.

«A 12 do corrente sahírão deste porto, para andar de guar-«da-costa, a fragata de S. M. a *Fenis*, commandada pelo Capi-«tão de Mar e Guerra *José Caetano de Lima;* e o bergantim «de guerra *Serpente*, commandado pelo Capitão Tenente *An-«tonio da Rosa*.»

«Lisboa 30 *de Março*. 1792.

«A 21 do corrente entrárão neste porto a fragata de S. M.

([1]) Vimos annunciada a partida deste Tenente General na fragata *Golfinho* em 12 de Agosto de 1791 para commandar a Esquadra do Estreito, mas não se deo noticia desta náo *Nossa Senhora do Monte do Car-*

«a *Minerva,* commandada pelo Chefe d'Esquadra *Antonio Ja-*
«*nuario do Valle,* o bergantim *Lebre,* e o bergantim *Galgo.*»

«Lisboa 19 *de Junho.* 1792.

«A 16 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M.
«com destino para o *Mediterraneo,* commandada pelo Chefe
«d'Esquadra *José Sanches de Brito,* e composta da náo de
«Guerra a *Rainha de Portugal,* em que vai o Commandante,
«levando por Capitão de bandeira, o Capitão de Mar e Guer-
«ra *Francisco de Paula Leite;* da fragata de Guerra a *Prin-*
«*ceza do Brasil,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra
«o Excellentissimo Marquez de Niza [1]; e dos Bergantins a
«*Lebre*, o *Voador,* e a *Serpente* commandados, o primeiro
«pelo Capitão de Fragata *Alvaro Sanches de Brito;* o segun-
«do pelo Capitão Tenente *João Gomes da Silva Telles;* e o
«terceiro pelo Capitão Tenente *Antonio da Rosa.* Na fragata
«vai embarcado o Illustrissimo *D. Lourenço de Lima,* Envia-
«do extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. M. *Fi-*
«*dellissima,* junto ao Rei de *Sardenha.*»

«Num. 35. Gazeta de Lisboa. Terça feira 28 de Agosto
«de 1792.

«Lisboa 28 *d'Agosto.*

«De *Napoles* se recebeo noticia de haver alli chegado a Es-
«quadra de S. M. Fidellissima, commandada pelo Chefe d'Es-
«quadra *José Sanches de Brito,* e de haver S. M. *Siciliana*
«ido a bordo da dita Esquadra, e dado sinaes da sua maior sa-
«tisfação, pela boa ordem que nella admira: e d'haver feito aos
«Commandantes das embarcações a honra de os convidar a
«jantar á sua meza: a satisfação do Soberano se fez commum
«a todos os habitantes, que admirárão a belleza dos navios

*mo,* nem mesmo do seu cahimento no mar; apparece agora regressando do Estreito, sem constar a sua existencia até esta época, nem se dar noticia da sua partida de Lisboa.

[1] He a primeira vez que se falla nas Gazetas, do Marquez de Niza, e delle commandar navio.

«*Portuguezes,* e o luzimento e conducta das suas guarni-«ções.» «*No seguinte Supplemento se dará huma mais cir-«cumstanciada relação a este respeito.*»

«Lisboa 4 *de Setembro.* 1792.

«A 28 do mez passado entrou neste porto a fragata de S. M. «o *Golfinho,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Ma-«noel da Cunha Souto-maior,* vinda em 65 do *Rio de Janeiro* «com os quintos de S. M.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXVIII. Sesta «feira 21 de Setembro de 1792.

«Napoles 14 *d'Agosto.*

«São por extremo grandes as attenções com que os nossos «Soberanos continúão a honrar os Officiaes da Esquadra Por-«tugueza surta neste porto. O Marquez de *Niza* com seu ir-«mão e Primo, e o Cavalheiro *Paes,* sobrinho do Ministro de «*Portugal,* partiram daqui a 7 do corrente para *Ischia,* no in-«tento de irem alli jantar com o Balío d'*Almeida,* o qual com «alvoroço os esperava pelos grandes desejos, que tinha de co-«nhecer pessoalmente os tres sobreditos seus parentes. Antes «de chegarem porém ao sitio de *Lacco,* onde se acha o Balío, «forão desembarcar na praia contigua á Casa de campo do Rei «para lhe fazerem os devidos obzequios. S. M. os recebeo im-«mediatamente sem a menor ceremonia; e pelo modo mais «affavel, os convidou a jantar, accrescentando que acabada a «comida os conduziria no seu Escaler até á casa do Balío, a «quem desejava conhecer pessoalmente, por haver muito «tempo que pela reputação o conhecia. Com aquella benigni-«dade que he tão natural a este Monarca, assim que chegou á «porta do Balío, pegou no braço do Cavalheiro *Paes,* dizendo-«lhe que o apresentasse ao Dono da casa. Esta inopinada Real «visita causou nos entorpecidos nervos do Balío o mais favo-«ravel effeito, que elle até então alli tinha experimentado, fi-«cando como encantado da incomparavel affabilidade do Mo-«narca, e dos elogios, que lhe ouvio fazer á Nação *Portugueza*

«em geral, e em especial á perfeita construcção, e asseio da «Esquadra, e bello comportamento dos seus Officiaes. No dia «10 partírão para *Ischia* os Bergantins da mesma Esquadra, «os quaes a 11 tiverão a honra de acompanhar a este porto o «nosso Soberano, que depois de visitar aqui a sua Real Fami-«lia, passou no mesmo dia por terra a *Castellamare*. Daquelle «estaleiro foi hontem lançada felizmente ao mar a náo nova de «74 peças denominada *Samnite*, que he a quarta de igual força, «que alli se tem construido debaixo da direcção d'hum Mestre «*Francez*. O Chefe da Esquadra *Portugueza*, e alguns dos «Commandantes da mesma assistírão a esta funcção, e tiverão «depois a honra de jantar com SS. MM. em duas numerosas «mezas, a huma das quaes estava o Rei, e á outra a Rainha, «que chamou para o pé de si o Chefe *Portuguez*, a quem com «as mais obsequiosas expressões procurou persuadir que se «demorasse aqui ao menos até á célebre funcção de *Pié di* «*grotta*, que he a 8 de Setembro. Na mesma occasião propoz «o Rei aos sobreditos Chefe e Commandantes o irem d'hoje a «8 dias ver *Caserta*, e *Santo Leucio*, convidando-os para jan-«tar á sua meza naquella nova Colonia. Em summa, não ha «genero algum de attenção a mais distincta, que não se haja «praticado com a Esquadra *Portugueza*, principiando pela or-«dem que logo se deo, para que nada do que entrasse, ou sa-«hisse della fosse visitado: ordem tão inutil, como bem me-«recida, pela severissima disciplina que na mesma se observa, «e que tanto edifica, como dá que admirar a todos.»

«Lisboa 13 *de Novembro*. 1792.

«A Esquadra de S. Magestade, que entrou neste porto a 8 «do corrente, vinha commandada pelo Chefe de Esquadra *Pe-* «*dro de Mendonça e Moura*, a bordo da fragata *Fenis*, acom-«panhada da fragata a *Princeza do Brazil*, commandada pelo «Excellentissimo Marquez de *Niza*, e pelo Bergantim *Ser-* «*pente*, commandado pelo Capitão Tenente *Antonio da Rosa*. «A fragata o *Tritão*, commandada pelo Capitão de Mar e Guer-«ra *José Caetano de Lima*, entrou no dia 10. O Chefe de Es-

«quadra *José Sanches de Brito* na náo a *Rainha de Portugal,* «com as outras embarcações de guerra, que se achão fóra, fi-«cou no Estreito.»

«Lisboa 11 *de Dezembro.* 1792.

«A 3 do corrente sahio deste porto, para andar de guarda «costa, a Esquadra de S. M., composta das fragatas a *Prin-«ceza Carlota,* commandada pelo Chefe de Divisão *Pedro «Mariz de Sousa Sarmento,* e a *Venus,* commandada pelo Ca-«pitão de Mar e Guerra *Manoel Ferreira Nobre;* e do Cuter «o *Balão* (vimo-lo brigue commandado pelo Conde de Cea) «commandado pelo Capitão Tenente *Daniel Thompson.* No «dia seguinte sahio tambem, para unir-se com a mesma Es-«quadra, o bergantim o *Gaivota do Mar,* commandado por «*Antonio Joaquim Valente.*»

Já declarámos que todos estes brigues, como agora se lhes chama, e *bergantins* como se lhes chamava no seculo passado, éram grandes cuters ao principio, armando-se depois á brigue. O *Balão* que agora sahio armado á cuter, já éra brigue quando teve logar a infame execução do almirante Caracciolo no laes da verga da fragata napolitana, como consta do Diario Nautico de Nelson, de que démos noticia a pag. 331 do Tomo II desta obra. Os outros cuters, todos passaram a ter duas gavias, ou a serem brigues, como já demonstrámos.

«Num. 51. Gazeta de Lisboa. Terça feira 18 de Dezembro «de 1792.

«Lisboa 18 *de Dezembro.*

«A 15 do corrente mez foi o Principe N. S. ver lançar á «agua tres embarcações de guerra, que se achávão construi-«das no estaleiro da Ribeira das náos: operação que se exe-«cutou com o melhor successo, á vista d'hum immenso con-«curso d'espectadores. As embarcações são huma náo de linha, «a que se poz o nome *Vasco da Gama,* huma fragata com o «nome *Ulisses,* e hum brigue (aqui já o barco de duas gavias

«he *brigue,* e não bergantim, ou brigantim, como até hoje os «appellidavam) ou bergantim, denominado *Palhaço.* S. A. as-«sistio depois aos exercicios que executárão os Alumnos da «Academia da Marinha, de que se mostrou muito satisfeito. «Todos os assistentes admirárão os progressos que faz nas «suas differentes applicações aquella Mocidade destinada ao «serviço de mar, debaixo da direcção do Excellentissimo Con-«de de *S. Vicente,* a cujo zelo deve o Estado esta tão util insti-«tuição. S. A. já no dia 13 tinha assistido á primeira parte dos «ditos exercicios, por occasião de ter ido ver as mesmas em-«barcações.»

«Lisboa 25 *de Dezembro.* 1792.

«A 21 do corrente entrou neste porto a náo de S. M. a *Rai-«nha de Portugal,* commandada pelo Tenente General *José «Sanches de Brito,* acompanhada dos dous bergantins, que «com ella tinhão ficado no Estreito.»

«Num. 2. Gazeta de Lisboa. Terça feira 8 de Janeiro de «1793.

«Lisboa 8 *de Janeiro.*

«A 2 do corrente entrou neste porto a charrua de S. M. a «*Aguia,* commandada por *Filippe Alberto Patroni,* vinda do «*Pará* e *Maranhão* com 79 dias de viagem.

«No seguinte dia entrou tambem a fragata de guerra *S. João «Principe do Brazil,* commandada por *José Maria de Medei-«ros,* vinda de *Gibraltar* em 15 dias.»

«Num. 12. Gazeta de Lisboa. Terça feira 19 de Março «de 1793.

«Lisboa 19 *de Março.*

«O Principe N. S. foi servido admittir, sabbado passado, á «honra de lhe beijarem a mão todos os Officiaes, que se áchão «nomeados para guarnecer a Esquadra que actualmente se «aprompta no nosso porto, os quaes forão conduzidos á pre-«sença de S. A. pelo Tenente General *Bernardo Ramires Es-*

«*quivel,* nomeado para Commandante em chefe da dita Esqua-
«dra. *No Supplemento daremos a lista dos ditos Officiaes, e*
«*das embarcações que devem guarnecer.*»

«Lisboa 23 *de Março.* 1793.

«*Lista das Embarcações, e principaes Officiaes da Esquadra,*
«*que se está aprompta ndo neste porto.*

«*Primeira Divisão*

«Náo *Conceição.* Commandante em chefe, o Tenente Gene-
«ral *Bernardo Ramires Esquivel:* segundos Commandantes,
«o Chefe de Divisão *João Caetano Viganego,* o Capitão de Fra-
«gata *Herculano:* Capitães Tenentes *Antonio dos Santos, José*
«*Joaquim Ribeiro.*

«Náo *Maria Primeira.* Commandante, o Chefe de Divisão
«*Pedro Schuérem;* Capitães Tenentes, *Diogo Coelho de Mello,*
«*José Fidelis Lopes da Costa.*

«Náo *Vasco da Gama.* Commandante, o Capitão de Mar e
«Guerra o Marquez de *Niza:* Capitães Tenentes, *Rodrigo José*
«*Pinto, Joaquim José Monteiro Torres.*

«Fragata *Fenis.* Commandante, o Capitão de Fragata *Alvaro*
«*Sanches de Brito:* Capitães Tenentes, *Estaniláo Antonio de*
«*Mendonça, Filippe de Barros e Vasconcellos.*

«Bergantim *Serpente.* Commandante, o Capitão Tenente
«*Filippe Alberto Patroni.*

«*Segunda Divisão*

Náo *Rainha de Portugal.* Primeiro Commandante, o Chefe
«d'Esquadra *Antonio Januario do Valle.* Segundo Comman-
«dante, o Chefe de Divisão *Bernardo Manoel de Sousa e Vas-*
«*concellos*: Capitães Tenentes, o Capitão de Fragata *Agostinho*
«*da Rosa Coelho, João da Costa de Quevedo.*

«Náo *Bom Successo.* Commandante, o Capitão de Mar e
«Guerra *José Caetano de Lima:* Capitães Tenentes, o Capitão
«de Fragata *Bernardino José de Castro, Francisco de Assis*
«*Tavares.*

«Náo *Santo Antonio.* Commandante o Capitão de Mar e «Guerra *Francisco de Paula Leite:* Capitães Tenentes *Ma-«noel Carlos de Tam, João da Ponte.*

«Fragata *Ulisses.* Commandante, o Capitão de Fragata *João «Gomes da Silva Telles:* Capitães Tenentes, *Jaime Escarni-«chia, Manoel de Jesus Tavares.*

«Bergantim *Novo,* Commandante *Antonio Pussich.*»

«Lisboa 12 *de Abril.* 1793.

«A Esquadra de S. M., achando-se já prompta a dar á véla, «se postou ultimamente em duas linhas neste porto desde a «*Junqueira* até *Belém:* náos formão a linha da parte septen-«trional; e as outras embarcações a da parte meridional.»

«Lisboa 28 *de Maio.* 1793.

«A 23 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M., «que nelle se achava surta, e a 25 foi o Principe N. S. ao Cabo «da *Roca* afim de presencear as evoluções da mesma Esqua-«dra.»

«Lisboa 25 *de Junho.* 1793.

«A 22 entrárão 9 embarcações da Esquadra de S. M., tres «das quaes a náo *Rainha de Portugal,* a náo *Conceição,* e a «fragata *Fenis* vièrão desarvoradas por effeito de hum tem-«poral que lhes sobreviera na noite de 18 para 19. As tres «embarcações da mesma Esquadra, que ficárão fora, são as «náos *Santo Antonio,* e *Bom Successo,* e hum bergantim.»

«Num. 27. Gazeta de Lisboa. Terça feira 2 de Julho de «1793.

«Lisboa 2 *de Julho.*

«Da Esquadra de S. M. ficárão fóra da barra 4 embarcações «havendo por conseguinte entrado neste porto só 8, que são «as náos *Conceição, Rainha de Portugal, Vasco da Gama,* e «*Maria Primeira;* as fragatas *N. Senhora da Graça,* e *Ulis-«ses;* e os bergantins *Voador,* e *Serpente.* Estas embarcações

«não viérão desarvoradas, como se disse, ainda que experi-
«mentárão algumas avarias.»

«Lisboa 5 *de Julho.* 1793.
«A 3 do corrente tornou a sahir deste porto a Esquadra de
«S. M., indo commandada pelo Tenente General *José Sanches*
«*de Brito.*»

«Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa Nume-
«ro XXVIII. Sesta feira 12 de Julho de 1793.
«Segunda feira 1.º de Julho na Academia Real da Marinha
«se principiárão os Exames de Algebra, Geometria, e Trigo-
«nometria, que fazem o objecto do 1.º anno, sendo primeiros
«Examinados, e que no dia antecedente tirárão ponto em cada
«huma das ditas Sciencias o Illustrissimo *Aires Pinto de Sou-*
«*sa,* e *André José de Vasconcellos,* e *Antonio Bernardo de Al-*
«*meida Pereira e Sousa,* os quaes pelo seu grande engenho,
«e notavel applicação com que ouvírão as lições do seu incan-
«savel Lente *Custodio Gomes Villas Boas,* merecêrão ser ap-
«provados por todos os Examinadores, concorrendo a este acto
«algumas Pessoas distinctas, que admirárão o numeroso con-
«curso de Discipulos de todas as tres Aulas, que se achavão
«presentes.»

«Lisboa 16 *de Julho.* 1793.
«A 11 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M.
«*Santo Antonio,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra
«*Francisco de Paula Leite,* e o bergantim de guerra o *Sem*
«*Nome,* com 2 charruas, e a galera *Santos Martyres,* que
«conduzírão os dous Regimentos d'Infanteria do *Porto* em 4
«dias de viagem.»

«Num. 31. Gazeta de Lisboa. Terça feira 30 de Julho de
«1793.
«Lisboa 30 *de Julho.*
«Por Alvará de 3 de Junho de 1793 foi S. M. servida extin-

«guir a Propriedade do Officio de Provedor, e de todos os «mais Officios dos Armazens de *Guiné* e *India*, e do Arsenal «Real da Marinha, estabelecendo nova fórma de Administração «e Escripturação, e creando para isso hum Intendente, e huma «nova Contadoria.»

«Lisboa 6 *d'Agosto*. 1793.

«A 31 do mez passado entrou neste porto a náo de guerra «de S. M. *Medusa*, commandada pelo Chefe de Divisão *Pedro* «*Mariz* vinda de *Gibraltar* em 10 dias.»

«A 28 do mesmo mez sahio o bergantim *Sem Nome*, com«mandado pelo Segundo Tenente *Antonio Jeronymo Pussich*: «e no dia 1.º do corrente a náo *Santo Antonio*, commandada «pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Paula Leite*.»

«Num. 33. Gazeta de Lisboa. Terça feira 13 de Agosto de 1793.

«Lisboa 13 *d'Agosto*.

«A 8 do corrente veio o Principe N. S. de *Quéluz* a *Belém*, «e d'alli por agua á Ribeira das náos para ver sahir do Dique «a náo *Ajuda* de 64 peças, que alli tinha entrado a 28 de De«zembro passado e que se acha inteiramente renovada e for«rada de cobre, tendo agora a denominação de *Princeza da* «*Beira* ([1]). A operação se fez com o melhor successo: S. A. «chegou á Ribeira das náos ás 3 horas; e antes das 4 já a dita «náo se achava no rio, e em seu lugar, dentro do Dique, a náo «*Pilar* de 74 peças. Esta celeridade, e a com que se effeituou «hum tão consideravel concerto, deixa patente a utilidade da«quelle edificio, que será hum duravel monumento do incan«savel zêlo com que serve o Estado o Ministro que o projectou, «e da habil intelligencia das pessoas encarregadas da sua exe«cução.

([1]) Foi huma das que ficou, da nossa Armada, no Tejo em 1807, e que os Francezes artilharam para a defesa do rio, entre as torres Velha e de Belem. Acabou em Cabrea no anno de 1821.

«Na noite do mesmo dia se tornárão a embarcar as prince-
«zas *Marroquinas* com toda a sua comitiva, havendo-se fretado
«para o seu transporte huma embarcação maior e mais com-
«moda, em lugar da que se fretára na Ilha da *Madeira:* e no
«seguinte esta embarcação, e as duas que lhes pertencem, se
«fizérão á véla, para prosseguir na sua viagem para *Tangere.*
«A náo de S. M. a *Meduza,* commandada pelo Chefe de Divi-
«são *Pedro Mariz de Sousa Sarmento,* as foi acompanhando.»

«Lisboa 20 *d'Agosto.*

«A 10 do corrente voltou a este porto a náo de S. M. o *Bom*
«*Successo,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José*
«*Caetano de Lima;* e o cuter o *Balão,* commandado pelo Ca-
«pitão Tenente *Francisco Manoel de Souto-maior;* e a 15 a
«náo *Santo Antonio,* commandada pelo Capitão de Mar e
«Guerra *Francisco de Paula Leite.*»

«Lisboa 30 *d'Agosto.* 1793.

«A 26 do corrente voltou de *Tangere* a este porto a náo de
«S. M. a *Meduza.*»

«Lisboa 3 *de Setembro.* 1793.

«A 26 do mez passado entrou neste porto o bergantim de
«guerra o *Sem Nome,* commandado pelo 2.° Tenente *Jerony-*
«*mo Pussich,* vindo da Ilha *Terceira* com 16 dias de viagem,
«trazendo tres navios mercantes debaixo do seu comboio.»

«Lisboa 10 *de Setembro.* 1793.

«A 2 do corrente sahio deste porto para a *India* com os de-
«gradados a náo *N. Senhora da Conceição* e *Santo Antonio,*
«commandada pelo Capitão Tenente *José Joaquim Ribeiro.*

«No mesmo dia sahírão para andar de guarda costa a náo
«de S. M. o *Santo Antonio,* commandada pelo Capitão de Mar
«e Guerra *Francisco de Paula Leite;* e o bergantim o *Sem*
«*Nome,* commandado pelo Segundo Tenente *Jeronymo Pus-*
«*sich.*»

«Num. 39. Gazeta de Lisboa. Terça feira 24 de Setembro «de 1793.

«Lisboa 24 *de Setembro.*

«Na tarde de 20 do corrente sahio deste porto a Esquadra «de S. M. composta da náo a *Meduza*, commandada pelo Chefe «de Divisão *Pedro de Mariz de Sousa Sarmento:* a náo *Bom* «*Successo,* Commandante o Capitão de Mar e Guerra *José Cae-* «*tano de Lima:* a náo *S. Sebastião,* Commandante o Capitão «de Mar e Guerra *João Dilkes:* a fragata *Venus,* Commandante «o Capitão de Fragata *Sampson Mitchel;* e quatorze navios de «transporte, em que entra a náo de guerra *S. José e Mercês,* «commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Guilherme Ga-* «*lway:* conduzindo os seis Regimentos d'Infanteria, e hum «Corpo de Artilheria, que compõe o Exercito que passa como «Auxiliar ao serviço de *Hespanha,* de que he Commandante «o Tenente General *João Forbes de Skellater,* Ajudante Ge- «neral o Excellentissimo Conde d'*Assumar,* e Quartel Mestre «General o Coronel do Corpo da Engenharia *José de Moraes* «*d'Antas Machado.*»

«Lisboa 27 *de Setembro.* 1793.

«A 22 do corrente sahio deste porto a fragata de S. M. o «*Cisne* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Mr. *Or-* «*ford.*»

«Num. 41. Gazeta de Lisboa. Terça feira 8 de Outubro de «1793.

«Lisboa 8 *d'Outubro.*

«A 3 do corrente voltou de *Portsmuth* a este porto, com 11 «dias de viagem, a Esquadra de S. M. commandada pelo Te- «nente General *José Sanches de Brito,* composta das náos «*N. Senhora da Conceição,* em que se achava o dito Tenente «General; *Vasco da Gama,* Commandante o Chefe de Esqua- «dra *Antonio Januario do Valle: Rainha de Portugal,* Com- «mandante o Chefe d'Esquadra *Pedro de Mendonça e Moura;* «*Maria Primeira,* Commandante o Chefe de Divisão *Pedro*

«*Schwerin;* das fragatas *Fenis,* Commandante o Capitão de «Fragata *Alvaro Sanches de Brito;* e *Ulisses,* Commandante «o Capitão de Fragata *Jaime Scarniche,* e do bergantim *Ser-* «*pente,* commandante o Capitão Tenente *Antonio da Rosa.*»

«Lisboa 15 *d'Outubro.* 1793.
«A 10 do corrente voltou de *Gibraltar* a este porto, com 3 «dias de viagem, a fragata de S. M. *S. Rafael* e *Princeza do* «*Brazil,* commandada pelo Capitão de Fragata *Diogo José de* «*Paiva.*»

«Lisboa 1.º *de Novembro.* 1793.
«A 24 do mez passado entrou neste porto a náo de S. M. «*Santo Antonio,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra «*Francisco de Paula Leite:* e no dia seguinte o bergantim o «*Sem Nome,* commandado pelo Tenente *Antonio Pussich.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLV. Sesta «feira 8 de Novembro de 1793.
Lisboa 8 *de Novembro.*
«A 4 de Novembro sahio deste porto huma frota de 49 em- «barcações mercantes de differentes Nações, comboiadas por «huma Esquadra de S. M., composta das náos de guerra *Vasco* «*da Gama,* Commandante o Chefe de Esquadra *Antonio Ja-* «*nuario do Valle*: *Maria I,* Commandante o Chefe de Divi- «são *Pedro Schwerin: Princeza da Beira,* Commandante «*Mr. Campbell:* das fragatas *Fenis,* Commandante o Capitão «de Fragata *Alvaro Sanches de Brito: S. Raphael,* Comman- «dante o Capitão de Fragata *Diogo José de Paiva:* e dos ber- «gantins *Sem Nome,* Commandante o 2.º Tenente *Antonio Je-* «*ronymo Pussich*: *Serpente,* Commandante o Capitão Tenente «*Antonio da Rosa.*»

«Lisboa 19 *de Novembro.* 1793.
«A 14 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M. o «*Vasco da Gama,* e a fragata o *Cisne,* que voltárão da ilha da

«*Madeira* em 12 dias, e conduzirão hum navio *Francez*, que «se achava retido naquella Ilha.»

«Lisboa 14 *de Dezembro*. 1793.

«A 8 do corrente entrou neste porto a náo de guerra «de S. M. o *Bom Successo;* a 9 entrou a náo *S. Sebastião;* «e a 11 entrou a náo *Meduza*. O resto da Esquadra de S. M. «que volta do porto de *Rozas*, se annuncia perto do nosso «porto.»

«Lisboa 20 *de Dezembro*. 1793.

«A 14 entrou a fragata de S. M. a *Venus*, vinda do *Estreito*.»

«A 15 entrou a fragata de S. M. a *Ulisses*, Commandante o «Capitão Tenente *Jaime Escarniche*, vinda de *Argel* e *Gibral*-«*tar* em 38 dias.»

«Lisboa 11 *de Janeiro*. 1794.

«De *Ovar* avisão que, naufragando a náo *S. José* e *N. Se*-«*nhora das Mercês* (a mesma de que fallámos no Folhetim XII do tomo I, a bordo da qual morreo afogado o filho de Matheus Pereira de Campos por effeito das Pragas, huma das quaes foi: *Assim a tua geração morra afogada*, á qual náo chamámos a *Giganta*, como então se lhe chamava por corrupção do *Gigante*, mas cujo nome de baptismo era este de *N. S. das Mercês*), 15 leguas arredado daquella Villa, e procurando sal-«var-se na lancha o Piloto, Contra-mestre, Commissario, Ci-«rurgião, e 38 marinheiros, chegárão com muito trabalho na «noite de 19 do mez passado desfalecidos, e no mais deplora-«vel estado a huma enseada daquella barra, onde forão efficaz-«mente soccorridos pelo Doutor *Manoel da Costa Monteiro* «*de Carvalho*, Juiz de Fóra da mesma Villa, o qual levou hu-«ma grande parte daquella infeliz gente para sua casa, onde «foi assistida com o maior desvelo, piedade, e grandeza, e re-«partio o resto pelas casas de differentes pessoas, que á porfia «se offerecião para lhe valer:» etc.

«Lisboa 21 *de Janeiro*. 1794.

«A 13 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M. *Prin-*
«*ceza da Beira*, commandada pelo Chefe d'Esquadra *Antonio*
«*Januario do Valle;* a fragata de guerra *S. João e Principe*,
«commandada pelo Capitão de Fragata *José Maria de Medei-*
«*ros;* e o bergantim de guerra a *Serpente*, commandada pelo
«Capitão de Fragata *Antonio da Rosa*, vindos de *Gibraltar* em
«10 dias.

«A 15 sahírão a fragata de Guerra o *Ulisses*, commandada
«pelo Capitão de Fragata *Jaime Scarnichea* destinada para o
«*Estreito:* a fragata de guerra *Venus*, commandante *Sampson*
«*Mitchel* comboiando o navio *Inglez Peggy*, que leva tropas da
«mesma Nação: e a fragata de guerra *Hollandeza Vigillancia*.»

«Lisboa 1.° *d'Abril*. 1794.

«A 28 do mez passado sahírão as fragatas de S. M. *Ulis-*
«*ses*, e *Tritão*, a primeira comboiando alguns navios mercan-
«tes *Anglo-Americanos*, e a segunda para *Rosas*, conduzindo
«os Excellentissimos Condes de *Tarouca, Licutau* e de *Cha-*
«*lons* filho do Excellentissimo Embaixador de *França;* o Prin-
«cipe de *Montmorency*, e o Tenente Coronel *Manuel Ignacio*
«*Martins Pamplona Corte-Real*.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa. Numero XIII. Sesta
«feira 4 de Abril 1794.

«Lisboa 4 *d'Abril*.

«No 1.° deste mez foi o Principe N. S. á *Ribeira das Náos*
«ver sahir do Dique a náo *Pillar*, a que agora se deo o nome
«de *Conde Henrique*, e que alli fora completamente renovada.
«Depois entrou no mesmo Dique a náo *Santo Antonio* para re-
«ceber huma igual reparação: ambas as operações se executá-
«rão com o melhor successo.»

«Lisboa 15 *d'Abril*. 1794.

«A 10 do corrente tornou a sahir deste porto o bergantim
«de guerra a *Serpente*.

«A 12 sahirão de Guarda Costa as náos de S. M. o *Vasco da «Gama,* commandada pelo Chefe de Esquadra *Antonio Janua-«rio do Valle,* e a *Meduza,* commandada pelo Capitão de Mar «e Guerra *Eduardo Roe.*

«De *Gibraltar* veio noticia de ter alli chegado com bom «successo a fragata de S. M. o *Tritão,* donde devia continuar «a sua viagem para *Rosas.*»

«Lisboa 25 *d'Abril.* 1794.

«A 19 do corrente voltou a este porto a fragata de S. M. «*Ulisses,* commandada pelo Capitão de Fragata *Jaime Escar-«nichea,* aqual com os bergantins *Falcão* e *Serpente* sahíra «comboiando 33 navios mercantes *Americanos* e *Hamburgue-«zes.* A despedida do referido comboio se fez pelo modo mais «brilhante, havendo todos aquelles navios ao passar á falla do «Commandante *Portuguez* dado as mais evidentes provas de «gratidão, significando o quanto érão obrigados a S. M. *Fidel-«lissima* pela protecção que lhes concedêra, e a elle Comman-«dante pelas sabias providencias com que os comboiára, sem «que, apezar do máo tempo que sobreviéra, faltasse a sua at-«tenção para com algum delles: finalisando aquella acção com «repetidos vivas e salvas de artilheria.»

«Lisboa 9 *de Maio.*

«A 6 do corrente sahio a fragata de S. M. o *Golfinho,* com-«mandado pelo Capitão Tenente *Filippe Alberto Patroni,* com «destino para o *Pará,* para onde conduz o Bispo daquella Dio-«cese, e leva de conserva 3 charruas de S. M.»

«Num. 24. Gazeta de Lisboa. Terça feira 17 de Junho «de 1794.

«Lisboa 17 *de Junho.*

«A 14 do corrente sahio do dique concertada a náo *Santo «Antonio,* que agora tem o nome de *Infante D. Pedro.* Devia «entrar no mesmo dique outra náo, mas a maré se achava muito «adiantada pra emprehender a operação, que ficou differida.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXVIII. Sesta «feira 18 de Julho de 1794.

«Lisboa 18 *de Julho.*

«A 12 do corrente sahírão deste porto as náos de S. M. «*Vasco da Gama*, commandada pelo Chefe de Esquadra *An*«*tonio Januario do Valle: Maria Primeira*, commandada «pelo Chefe de Divisão *Pedro Mariz de Sousa Sarmento:* «*Rainha de Portugal*, Commandante o Excellentissimo Mar«quez de *Niza:* Conde *D. Henrique*, Commandante o Capi«tão de Mar e Guerra *Daniel Campbel;* e os bergantins *Voa*«*dor*, Commandante o Capitão de Fragata *Daniel Thompson*, «*Falcão*, Commandante o Capitão Tenente *Manoel de Jesus* «*Tavares.*»

«Lisboa 1.º *d'Agosto.* 1794.

«A 27 do mez passado entrárão neste porto, a náo de S. M. «a *Meduza*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Duar*«*te Roy*, vinda de *Gibraltar* em 10 dias; e a fragata *Ulisses* «commandada pelo Capitão de Fragata *Jaime Scarnichea.*»

«Lisboa 12 *d'Agosto.* 1794.

«A Serenissima Princeza do *Brazil*, Viuva, se embarcou a «8 do corrente na *Ribeira das Náos* para Villa Nova, donde «proseguio na sua jornada para a Villa das *Caldas da Rainha*, «a fim de fazer uso daquellas aguas.»

«Lisboa 19 *d'Agosto.* 1794.

«A 10 do corrente sahio deste porto a fragata de S. M. «*S. Rafael*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José* «*Maria de Medeiros.*» (Esta fragata, chama-se tambem *Princeza do Brazil.*)

Lisboa 9 *de Setembro.* 1794.

«A 4 do corrente sahírão deste porto a náo de S. M. *Medu*«*za*, commandada por *Eduardo Roe;* e hum bergantim de «guerra.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXVII. Sesta
«feira 19 de Setembro de 1794.

«Lisboa 19 *de Setembro.*

«A 14 do corrente mez entrou neste porto a náo de S. M.
«o *Bom Successo* vinda de *Rosas*, e ultimamente de *Gibral-*
«*tar* com 16 dias de viagem.

«De *Inglaterra* veio a triste noticia de se ter perdido na
«entrada de *Portsmouth* a fragata de S. M. o *S. Rafael*, com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José Maria de Me-*
«*deiros:* salvou-se porém a equipagem, ou ao menos a maior
«parte della.»

«Lisboa 26 *de Setembro.* 1794.

«A 23 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. o
«*Tritão*, vinda de *Gibraltar*, em cuja conserva veio de *Rosas*
«a charrua que traz os doentes e inválidos do Exercito *Portu-*
«*guez.*»

«Lisboa 8 *de Novembro.* 1794.

«A 4 do corrente entrou neste porto o bergantim de guerra
«*Lebre* commandado pelo Capitão de Fragata *Antonio da Rosa.*»

«Lisboa 11 *de Noembro.* 1794.

«A 6 entrou a náo de S. M. a *Meduza* vinda de guarda-cos-
«ta, maltratada pelos temporaes.»

«Lisboa 18 *de Novembro.* 1794.

«A 11 do corrente sahio deste porto o bergantim de guerra
«*Guivota do Mar*, commandado pelo Capitão Tenente *Samuel*
«*Wickham.*»

«Lisboa 2 *de Dezembro.* 1794.

«A 27 do passado sahírão deste porto a náo de S. M. o *In-*
«*fante D. Pedro Carlos*, commandada pelo Chefe de Divisão
«*Bernardo Manoel de Vasconcellos;* a fragata *Fenis*, comman-
«dada pelo Capitão de Mar e Guerra *Antonio José Valente;* e

«o bergantim *Gaivota*, commandado pelo Capitão Tenente *Sa-*
«*muel Wicham.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero LI. Sesta feira
«26 de Dezembro de 1794.

«Lisboa. 26 *de Dezembro.*

«A 26 veio o Principe Nosso Senhor com o Senhor Infante
«*D. Pedro* á Ribeira das Náos ver sahir do dique inteiramente
«reparada a náo *Conceição*, á qual se poz o nome de *Princi-*
«*pe Real*, executando-se esta operação com o melhor successo.
«No mesmo dia voltárão SS. AA. para *Quéluz.*»

«Lisboa 24 *de Janeiro.* 1795.

«O Engenheiro Hydraulico, que felizmente concluio no rio
«*Douro* a memoravel obra de extinguir o cachão de *S. Salva-*
«*dor da Pesqueira*, a 8 de Setembro de 1786 na presença de
«S. M. e de toda a Real Familia, de varios Ministros estran-
«geiros, de muitos Fidalgos e de huma immensa multidão de
«povo executou defronte do *Terreiro do Paço* a operação de
«descer ao fundo do mar fechado dentro de huma maquina hy-
«draulica, que lhe deixava as mãos e os pés em liberdade de
«fazer qualquer exercicio; e debaixo das aguas cantou com to-
«do o socego varios hymnos e psalmos: o que o Principe N.
«S. estando no seu escaler por sima do sitio onde o dito En-
«genheiro se achava submergido, ouvio, como tambem as res-
«postas que este deo ás perguntas que se lhe fizérão de cima
«da agua. Daqui se vê não ser novo o invento de huma tal má-
«quina hydraulica communicado á Convenção de *París*, se-
«gundo se annunciou no Supplemento á Gazeta N. 2., pois que
«ha tanto tempo se vio praticado neste Paiz.»

«Lisboa 10 *de Fevereiro.* 1795.

«A 3 do corrente sahírão deste porto a náo de S. M. a *Me-*
«*dusa*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Duarte Roe;*
«e o bergantim de guerra *Lebre*, commandado pelo Capitão
«de Fragata *Antonio da Rosa.*»

«Lisboa 24 *de Fevereiro.* 1795.

«A 18 deste mez entrou neste porto a náo de S. M. a *Me-*
«*duza* algum tanto damnificada por causa do tempo. O ber-
«gantim de guerra *Lebre,* que havia sahido a 3 do corrente,
«entrou a 17, e a 20 tornou a sahir.»

«Lisboa 27 *de Fevereiro.* 1795.

«A 23 do corrente tornou a entrar neste porto o bergantim
«de guerra *Lebre* obrigado do temporal, que, dirigindo-se
«para o *Porto,* foi levado até aos mares do *Norte.*»

«Lisboa 6 *de Março.* 1795.

«No 1.° deste mez voltou d'*Inglaterra* a este porto em 14
«dias a Esquadra de S. M. commandada pelo Chefe d'Esqua-
«dra *Antonio Januario do Valle,* composta das náos *Vasco da*
«*Gama, Maria Primeira, Rainha de Portugal, Conde D. Hen-*
«*rique,* e *Princeza da Beira;* da Fragata *Carlota,* e dos ber-
«gantins *Voador e Falcão.* A náo *Maria Primeira,* que já vi-
«nha desarvorada pelos temporaes, e por isso de conserva com
«o *Conde D. Henrique,* tocou ao entrar na barra; e não se po-
«de tornar a pôr a nado se não no dia seguinte de tarde. Nesta
«Esquadra vem a equipagem da fragata *S. Rafael,* que se per-
«deo no canal da *Mancha.*»

«Lisboa 17 *de Março.* 1795.

«A 8 do corrente sahírão deste rio para o *Porto* a fragata
«de S. M. *Princeza Carlota,* commandada pelo Capitão de
«Fragata *Filippe Hancorn;* e o bergantim de guerra *Lebre,*
«commandado pelo Capitão de Fragata *Francisco de Borja*
«*Salema.*»

«Londres 3 *de Março.* 1795.

«A Armada *Britanica,* composta de 36 náos de linha, 11
«fragatas, e 4 outras embarcações, debaixo do commando do
«Lor *Howe,* deo á véla de *Torbay* a 15 de Fevereiro, havendo
«sahido de *Plymouth* para unir-se com ella 9 navios de guer-

«ra, e a Esquadra *Portugueza*. ...A dita Armada, depois de «ter escoltado as frotas das *Indias Occidentaes*, e do *Estreito* «até o Cabo de *Finis terræ*, donde se separou da Esquadra «*Portugueza*, voltou a salvamento a *Spithead* a 25. etc.»

«Lisboa 31 *de Março*. 1795.

«A 26 do corrente entrárão neste porto, vindos de Gibral-«*tar* em 6 dias, a náo de S. M. o *Infante D. Pedro*, a fragata «*Venus*, e o bergantim *Serpente*.

«A 28 do corrente voltou do *Porto* a este rio a fragata de «S. M. *Princeza Carlota*, trazendo debaixo da sua escolta 12 «navios mercantes; e no dia seguinte voltou o bergantim de «guerra *Lebre* escoltando 3 navios mercantes.»

«Lisboa 10 *d'Abril*. 1795.

«A 5 sahírão deste porto as fragatas de S. M. a *Fenis*, com-«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Antonio José Valen-«te*: o *Tritão*, commandado pelo Capitão de Fragata *Thomaz «Stone*; e o *Cisne*, commandado pelo Capitão de Fragata *Da-«niel Thompson*; e o bergantim o *Voador*, commandado pelo «Capitão de Fragata *Francisco Manoel de Souto*, levando em «sua conserva 3 charruas de S. M., o Paquete de *Pernambu-«co* com 33 navios da Praça de *Lisboa*, e 17 da do *Porto* pa-«ra varios pórtos da *América*, *Asia*, e Ilhas.»

«Num. 19. Gazeta de Lisboa. Terça feira 12 de Máio de «1795.

«Lisboa 12 *de Maio*.

«Por Decreto de 25 d'Abril de 1795 S. M. sendo-lhe pre-«sente a indispensavel necessidade que ha de se crear e esta-«belecer hum Conselho de Almirantado, pelo qual se deva re-«ger para o futuro tudo quanto possa dizer respeito á boa ad-«ministração da Marinha em todos os ramos da sua dependen-«cia: foi servida crear, e estabelecer provisionalmente o mes-«mo Conselho, que será composto de hum Presidente, e de «quatro Conselheiros, além das mais pessoas, que irão descri-

«tas no Regimento da sua Instituição. E por quanto se faz igual-
«mente necessario que o mesmo Almirantado se congregue
«com a maior brevidade possivel para os differentes objectos
«do seu expediente: foi outro sim servida a mesma Senhora
«ordenar que as suas sessões hajão de ter effeito no 1.º de Ju-
«nho proximo futuro, que será o dia prefixo para a abertura
«do mesmo Tribunal.»

«Lisboa 26 *de Maio*. 1795.

«A 23 entrárão neste porto as fragatas de S. M. a *Fenis*, o
«*Tritão*, e o *Cisne*, e o bergantim o *Voador*, que tinhão sahido
«a 5 do mez passado, comboiando a frota mercante.

«Lisboa 9 *de Junho*. 1795.

«A 31 de Maio sahírão deste porto para o *Rio de Janeiro*
«a náo de S. M. o *Infante D. Pedro e Santo Antonio*, com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Manoel da Cunha*
«*Souto Maior*; a fragata de guerra *Venus*, commandada pelo
«Capitão de Fragata *Rodrigo José Pereira Pinto*; e o ber-
«gantim de guerra *Falcão*, commandado pelo Capitão Te-
«nente *Manoel de Jesus Tavares*. A 3 entrou a fragata de
«S. M. *Carlota*, que tinha sahido havia 33 dias com a náo da
«*India*.»

«Lisboa 27 *de Junho*. 1795.

«A 22 do corrente teve a sua primeira sessão o Conselho
«do Almirantado com assistencia do seu Presidente o Excel-
«lentissimo Conde de *S. Vicente*, e dos Conselheiros os Te-
«nentes Generaes *Bernardo Ramires Esquivel*, e *José San-*
«*ches de Brito*, e dos Chefes de Esquadra *Antonio Januario*
«*do Valle*, e *Pedro de Mendonça e Moura*.»

«Lisboa 4 *de Julho*. 1795.

«Por Decreto de 30 de Setembro de 1791, attendendo S. M.
«aos graves perjuizos que nos armazens de *Guiné* e *India* tem
«resultado á sua Real Fazenda dos abusos alli praticados, pri-

«cipalmente nos livros da receita e despeza, os quaes, sendo «a base fundamental de toda a boa Administração, e Arreca- «dação da mesma Real Fazenda, se achão reduzidos a hum «chaos de confusão e desordens; e não se podendo occorrer «a esta perniciosa relaxação com opportunas providencias «sem preceder hum Inventario geral, que até agora se não «tem podido conseguir, de todos os generos, effeitos, e fazen- «das existentes, assim nos Armazens da Ribeira das Náos, «como a bordo das mesmas náos, e em outras partes: or- «dena ao seu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios «da Marinha e Dominios Ultramarinos que logo mande pro- «ceder ao dito Inventario, empregando nesta importante «obra, e na Escrituração della as Pessoas que lhe parecerem «mais habeis e intelligentes, as quaes, sendo nomeadas por «elle, terão todo o credito e legalidade: e logo que estiver «concluido, subirá á Real Presença de S. M., para determinar «o que for servida.»

«Lisboa 17 *de Julho*. 1795.

«Alvará de 25 de Junho de 1795, por que S. M. ha por bem «elevar o Conselho do Almirantado á Dignidade de Tribunal «Regio com toda a jurisdicção que lhe competir em virtude «do Regimento da sua instituição.»

Num. 30. Gazeta de Lisboa. Terça feira 28 de Julho de «1795.

«Lisboa 28 *de Julho*.

«A 22 do corrente sahio deste porto para o *Estreito* a Es- «quadra de S. M. composta da náo de guerra o *Conde D. Hen- «rique,* commandada pelo Chefe de Divisão *Joaquim Fran- «cisco de Mello Povoas;* das fragatas *Fenis,* commandada pelo «Capitão de Mar e Guerra *Antonio José Valente,* e *Carlota,* «commandada pelo Capitão de Fragata *Filippe Hancorn;* e «dos bergantins *Voador,* commandado pelo Capitão de Fraga- «ta *Francisco Manoel Souto-Maior,* e *Lebre,* commandado «pelo Capitão de Fragata *Luiz da Mota Feio.*»

«Lisboa 14 *d'Agosto.* 1795.

«A 12 do corrente entrou neste porto a Esquadra de S. M. «composta da náo de guerra *S. Sebastião,* das fragatas *S. João* «*Principe,* e *Ulisses,* e dos bergantins *Gaivota,* e *Sem Nome,* «vindo do *Estreito* em 15 dias.»

«Num. 37. Gazeta de Lisboa. Terça feira 15. de Setem-«bro de 1795.

«Lisboa 15 *de Setembro.*

«A 10 do corrente foi o Principe N. S. assistir á sessão do «Almirantado: dahi foi ver as náos que se prepárão neste rio, «e depois de jantar foi desembarcar a *Oeiras,* donde voltou «para *Quéluz.*»

«Lisboa 22 *de Setembro.* 1795.

«A 19 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M. «commandada pelo Chefe de Divisão o Excellentissimo Mar-«quez de *Niza,* composta das náos *Rainha de Portugal,* em «que vai o dito Chefe, e *Princeza da Beira,* commandada pelo «Capitão de Mar e Guerra *Diogo José de Paiva:* das fragatas «*Ulisses,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *João Go-«mes da Silva Telles,* e *Tritão,* commandada pelo Capitão de «Fragata *Thomaz Stone;* e do bergantim *Gaivota,* comman-«dado pelo Capitão Tenente *João da Ponte Ferreira.* Na dita «Esquadra vão de Voluntarios o Excellentissimo Marquez *d'A-«lorna D. Pedro,* e o Illustrissimo *D. Miguel da Silva Pessa-«nha.*»

«Lisboa 29 *de Setembro.* 1795.

«A 26 veio o Principe N. S. pela manhã cedo visitar as náos «que se apromptão neste porto.»

«Lisboa 2. *d'Outubro. Provimentos Militares.*

«Por Decreto de 7 de Setembro, foi nomeado *Nicoláo José* «*Rodrigues,* Mestre de Apparelho, e Manobra da Academia dos «Guardas Marinhas, Segundo Tenente da Armada Real.»

«Lisboa 3 *d'Outubro*. 1795.

«A Esquadra de S. M., que ultimamente sahíra deste porto, «tornou a entrar nelle no 1.º do corrente mez.»

«Lisboa 6 *d'Outubro*. 1795.

«A Esquadra de S. M., que, debaixo do commando do Che-«fe d'Esquadra o Excellentissimo Marquez de *Niza* voltou a «este porto no 1.º do corrente, soffreo hum grande temporal, «por effeito do qual veio alguma cousa damnificada a náo *Rai-«nha de Portugal*.»

«Lisboa 13 *d'Outubro*. 1795.

«A 7 do corrente sahio deste porto, debaixo do commando «do Chefe de Divisão *Francisco de Paula Leite*, a Esquadra «de S. M. composta sómente da náo *Vasco da Gama*, em que «vai o dito Chefe; e duas fragatas, havendo as outras embar-«cações ficado no porto. O Principe N. S. vio embarcado no «rio a sahida da dita Esquadra.»

«Lisboa 16 *d'Outubro*. 1795.

«A 14 do corrente entrou neste porto a náo de S. M. o *Vas-«co da Gama* alguma cousa damnificada pelos temporaes, e as «fragatas *Tritão*, e *Ulisses*.»

«Lisboa 7 *de Novembro*. 1795.

«Por Decreto de 31 de Maio de 1795 forão nomeados, o Con-«de de *S. Vicente*, Presidente do Conselho do Almirantado: os «Tenentes Generaes da Armada Real *Bernardo Ramires Es-«quivel*, e *José Sanches de Brito*, e os Chefes de Esquadra «*Antonio Januario do Valle*, e *Pedro de Mendonça e Mou-«ra*, Conselheiros do mesmo Tribunal.»

«Lisboa 17 *de Novembro*. 1795.

«A 11 do corrente sahírão deste porto as fragatas de S. M. «*S. João Principe*, commandada pelo Capitão de Mar e Guer-«ra *Herculano José de Barros*; e *Ulisses*, commandada pelo «Capitão do Mar e Guerra *João Gomes da Silva Telles*.»

«Lisboa 22 *de Dezembro*. 1795.

«A 15 do corrente entrárão neste porto a fragata de S. M. «*S. João Principe,* commandada pelo Capitão de Mar e Guer-«ra *Herculano José de Barros;* e a fragata *Ingleza Dido,* de «34 peças, vinda de *Gibraltar* em 15 dias.

«A Esquadra de S. M. que se acha prompta neste porto, «mostrou, com os mesmos signaes d'applauso, a fiel affeição «dos *Portuguezes* á sua Soberana.»

«Lisboa 29 *de Dezembro*. 1795.

«A 25 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M. «composta das náos *Principe Real,* commandada pelo Tenente «General *Bernardo Ramires Esquivel: Maria* 1.ª, comman-«dante o Chefe de Divisão *Joaquim José dos Santos Cassão:* «*Vasco da Gama,* Commandante o Chefe de Divisão, *Fran-«cisco de Paula Leite: Princeza da Beira,* Commandante o «Capitão de Mar e Guerra *Diogo José de Paiva:* e da fragata «*Ulisses,* Commandante o Capitão de Mar e Guerra *João Go-«mes da Silva Telles.* Esta Esquadra leva em sua conserva 23 «navios mercantes para os portos da America.»

«Num. 1. Gazeta de Lisboa. Terça feira 5 de Janeiro de «1796.

«Lisboa 5 *de Janeiro*.

«Com a Esquadra de S. M. sahida deste porto, segundo se «annunciou na precedente Gazeta, vai tambem a fragata *Tri-«tão,* commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Thomaz* «*Stone.*»

«Lisboa 26 *de Abril*. 1796.

«A 20 do corrente sahio deste porto o bergantim de guer-«ra *Gaivota* commandado pelo Capitão Tenente *João da Ponte* «*Ferreira.*»

«Lisboa 13 *de Maio*. 1796.

«A 8 do corrente entrou neste porto a náo de S. M. o *Con-*

«*de D. Henrique* commandada pelo Chefe de Divisão *Joaquim* «*Francisco de Mello e Povoas.*»

«Lisboa 17 *de Maio.* 1796.

«No dia 14 do corrente foi o Conselho do Almirantado á «Academia dos Guardas Marinhas; e na frente da Companhia «e Corpo Academico, fez ler pelo Secretario do mesmo Tribu-«nal os novos Estatutos pelos quaes S. M. manda regular da-«qui em diante aquella Corporação.»

«Lisboa 16 *d'Agosto.* 1796.

«Deste porto sahio a 7 do corrente o bergantim de guerra «*Portuguez* denominado *Sem-Nome,* Commandante o Capitão «Tenente *Pio Antonio dos Santos.*»

«Lisboa 23 *d'Agosto.* 1796.

«A 18 entrou a Esquadra de S. M. que tinha sahido a 2 pa-«ra andar de guarda costa.»

«Lisboa 26 *d'Agosto.* 1796.

«A 21 do corrente entrárão neste porto o bergantim de S. «M. o *Diligente,* e o cuter *Inglez Expedition,* commandado pe! «Mr. *Bippon* vindos de *Portsmouth* em 9 dias.»

«Num. 36. Gazeta de Lisboa. Terça feira, 6 de Setem-«bro de 1796.

«A 26 do mez passado sahírão deste porto a fragata de S. «M. *Ulisses,* commandada pelo Capitão de Fragata *Daniel* «*Thompson;* e o bergantim *Falcão,* commandado pelo Capi-«tão de Fragata Antonio da Rosa, comboiando alguns navios «destinados para o Porto.

«A 30 sahio a Esquadra de S. M. composta da náo o *Conde* «*D. Henrique,* commandada pelo Chefe de Divisão *Joaquim* «*Francisco de Mello Povoas;* da fragata *Cisne,* commandada «pelo Capitão de Mar e Guerra *Herculano José de Barros:* e «dos bergantins *Diligente,* commandado pelo Capitão Tenen-

«te *Pio Antonio dos Santos;* e *Gaivota,* commandado pelo Ca-
«pitão Tenente *João da Ponte Ferreira.*»

«Num. 37. Gazeta de Lisboa. Terça feira 13 de Setem-
«bro de 1796.

«Lisboa 13 de Setembro.

«S. M. foi servida nomear para Ministro e Secretario de Es-
«tado dos Negocios da Marinha e Dominios *Ultramarinos* o
«Excellentissimo *D. Rodrigo de Sousa Coutinho,* o qual vol-
«tou de Turim, aonde tinha residido como Enviado Extraor-
«dinario e Ministro Plenipotenciario da mesma Senhora.»

«Lisboa 16 *de Setembro.* 1796.

«Por Decreto do 1.º de Setembro de 1796 houve S. M. por
«bem promover ao Posto de Segundo Tenente do Regimento
«d'Artilheria da Marinha a *José do Valle Teixeira,* Sargento
«da Companhia de Mineiros, do d'Artilheria do *Porto.*»

«Lisboa 24 *de Setembro.* 1796.

«A 19 do corrente entrárão neste porto a fragata de S. M.
«*Ulisses,* e o bergantim *Falcão,* os quaes tinhão sahido a 26
«do mez passado.»

«Lisboa 4 *d'Outubro.* 1796.

«A 29 do mez passado sahirão deste porto para cruzar sobre
«a nossa costa as fragatas de S. M. *Thetis,* commandada pelo
«Capitão de Fragata *Rodrigo José Pinto;* e *Ulisses,* comman-
«dada pelo Capitão de Fragata *Jayme Scarniche;* e o bergan-
«tim *Serpente,* commandado pelo Capitão Tenente *Manoel de*
«*Jesus Tavares.*—Apôs estas embarcações sahio com outro
«destino a fragata da mesma Senhora o *Tritão,* commandada
«pelo Capitão de Fragata *Daniel Thompson.*»

«Num. 41. Gazeta de Lisboa. Terça feira 11 de Outubro
«de 1796.

«Lisboa 11 *d'Outubro.*

«A 30 do mez passado entrárão neste porto a náo de S. M.

«o *Conde D. Henrique,* e o bergantim de guerra *Gaivota;* e «a 4 do corrente entrou a fragata da mesma Senhora o *Cisne.*

«A 6 do corrente sahio a Esquadra de S. M. composta da «náo a *Princeza da Beira,* commandada pelo Capitão de Mar «e Guerra *Diogo José de Paiva;* da fragata *S. João Principe,* «commandada pelo Capitão de Fragata *Sampson Mitchel;* do «bergantim *Falcão,* commandado pelo Capitão de Fragata *An-«tonio da Rosa,* e do cuter *Balão,* commandado pelo Capitão «Tenente *Francisco de Assis Tavares.*»

«Lisboa 18 *d'Outubro.* 1796.

«A 8 entrou o bergantim de S. M. o *Diligente* commandado «pelo Capitão Tenente *Pio Antonio dos Santos.*»

«Lisboa 22 d'Outubro. 1796.

«A 17 do corrente entrou neste porto o cuter de guerra o «*Balão,* commandado pelo Capitão Tenente *Francisso de As-«sis Tavares.* No mesmo dia sahio a náo de S. M. o *Infante «D. Pedro* commandada pelo Chefe de Divisão *Manoel da Cu-«nha Souto-maior,* e o bergantim o *Diligente,* commandado «pelo Capitão Tenente *Pio Antonio dos Santos.*»

«Lisboa 22 *de Novembro.* 1796.

«A 16 do corrente sahirão a fragata de S. M. *Ulisses,* com-«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Daniel Thompon;* e «o cuter *Balão,* commandado pelo Capitão Tenente *Jorge «Thompson.*»

«Lisboa 26 *de Novembro.* 1796.

«A 18 do corrente mez entrárão neste porto a fragata de S. «M. *Princeza Carlota,* e os bergantins *Lebre* e *Voador,* vin-«dos de Gibraltar em 18 dias, e o bergantim *Diligente.*»

«Num. 49. Gazeta de Lisboa. Terça feira 6 de Dezembro de 1796.

«Lisboa 6 *de Dezembro.*

«No 1.º do corrente entrou a Esquadra de S. M. composta

«da náo *Princeza da Beira,* da fragata *S. João Principe,* e do «bergantim *Falcão.*»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero «XILIX. Sabbado 10 de Dezembro de 1796.

«Lisboa 10 *de Dezembro.*

«Carta de Lei de 26 d'Outubro de 1796, pela qual he S. «M. servida não só dar huma nova fórma ao Conselho do Al«mirantado, do qual daqui em diante será sempre Presidente «o Ministro e Secretario d'Estado da Repartição da Marinha, «e Dominios *Ultramarinos,* prescrevendo-lhe definitivamente «em adequado Regimento os limites da sua jurisdicção, que «provisionalmente forão determinados; mas outrosim crear «huma nova Junta de Fazenda, elevada á Dignidade de Tribu«nal Regio, debaixo do titulo de *Real Junta da Fazenda da* «*Marinha,* composta d'hum Presidente, que será sempre o «sobredito Ministro d'Estado, e de 5 Deputados, com hum Se«cretario, etc. a cujo cargo ficarão inteiramente os aprovisio«namentos do Arsenal, toda a parte administrativa, e a execu«ção das novas construcções, e outros trabalhos que S. M. for «servida mandar executar no Arsenal Real, unindo-lhe: 1.º a «Inspecção e Direcção da Real Fabrica de Cordoaria: 2.º a In«specção dos Armazens, que se achão no Rio de *Coina:* e 3.º «a Inspecção e Direcção dos Pinhaes Reaes, o que tudo consta «do Regimento da nova Junta, publicado na mesma data: e fi«nalmente he S. M. servida crear hum novo Corpo de Enge«nheiros Constructores, deixando a Inspecção do mesmo, e «dos seus estudos ao referido Ministro d'Estado, com as de«mais providencias, que ha por bem prescrever na mesma «Carta de Lei.

«A 3 do corrente sahírão deste porto a fragata de S. M. *Ve*«*nus,* e o bergantim *Voador,* e a 5 tornárão a entrar.»

«Lisboa 13 *de Dezembro.* 1796.

«A 3 do corrente sahio deste porto o bergantim de S. M. «*Gaivota,* commandado pelo Capitão de Fragata *João da*

«*Ponte Ferreira;* e a 6 sahio o bergantim *Falcão* comman-
«dado pelo Capitão de Fragata *Donald Campbell.*»

«Lisboa 27 *de Dezembro.* 1796.

«A 19 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M. o
«*Infante D. Pedro,* e a fragata de guerra *Ulisses.*»

«Num. 3. Gazeta de Lisboa. Terça feira 17 de Janeiro de
«1797.

«Lisboa 17 *de Janeiro.*

«A 10 do corrente entrou neste porto, vindo de guarda
«costa, a fragata de S. M. *Tritão,* e o bergantim *Serpente.* A
«8 sahio para a costa de *Berberia* a fragata de S. M. *Ulisses,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Luiz da Mota*
«*Feio.*»

«Lisboa 24 *de Janeiro.* 1797.

«A 14 sahio o bergantim de S. M. o *Diligente,* commanda-
«do pelo Capitão Tenente *João Felis Pereira de Campos,* com-
«boyando para o *Porto* 2 hyates carregados com trigo, ceva-
«da, e outros generos.

«A 20 sahírão para os pórtos da *America* e Ilhas 46 navios
«mercantes debaixo do comboio da Esquadra de S. M. com-
«posta das náos *Conde D. Henrique,* em que vai o Chefe d'Es-
«quadra *Antonio Januario do Valle;* como Major General *Fi-*
«*lippe Hancorn,* e como Commandante o Capitão de Mar e
«Guerra *João da Costa de Quevedo: Maria Primeira,* em que
«vai o Chefe de Divisão *Joaquim José dos Santos Cassão,* e o
«Capitão de Mar e Guerra *José Jacinto d'Azevedo Levis: Vas-*
«*co da Gama,* em que vai o Chefe de Divisão *Francisco de*
«*Paula Leite,* e o Capitão de Mar e Guerra *Agostinho da Rosa*
«*Coelho: Princeza da Beira,* Commandante o Capitão de Mar
«e Guerra *Diogo José de Paiva: Rainha de Portugal,* Com-
«mandante o Capitão de Mar e Guerra *Thomaz Hertou:* e *In-*
«*fante D. Pedro,* Commandante o Capitão de Mar e Guerra
«*Daniel Thompson:* das fragatas *Golfinho,* Commandante o

«Capitão de Mar e Guerra *Bernardino José de Castro: S. João* «*Principe*, commandante o Capitão de Mar e Guerra *Francisco* «*Manoel Souto-maior: Cisne*, commandante o Capitão de Mar «e Guerra *Joaquim José Monteiro Torres;* e *Venus*, Comman- «dante o Capitão de Mar e Guerra *Francisco de Borja Sale-* «*ma:* e dos bergantins *Voador, Gaivota*, e *Europa*.»

«Lisboa 31 *de Janeiro.* 1797.

«Alvará com força de lei de 7 de Janeiro de 1797, pelo qual «S. M. he servida crear huma Junta de Fazenda a bordo de «cada huma das suas Reaes Esquadras, que sahirem do porto «de *Lisboa*, a cujo cargo fique todo o aprovisionamento pre- «ciso durante a expedição, e todas as mais providencias uteis, «para que não falte o necessario, e ao mesmo tempo haja hu- «ma bem entendida economia, tanto a respeito da compra dos «generos, como do seu consumo e conservação: com hum Al- «vará de Regimento, na mesma data, pelo qual a mesma Se- «nhora he servida estabelecer huma nova fórma de Arrecada- «ção da sua Real Fazenda a bordo das embarcações da Arma- «da Real, creando para esse fim o novo lugar de Commissarios «a bordo de cada huma das ditas embarcações, com as outras «determinações que se contém no mesmo Regimento.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero VI. Sesta feira «10 de Fevereiro de 1797.

«Lisboa 10 *de Fevereiro.*

«A 4 do corrente entrou neste porto o bergantim de S. M. «*Serpente*.

«A 5 sahírão a fragata da mesma Senhora o *Tritão*, com- «mandada pelo Capitão de Fragata *Donald Campbell;* e os ber- «gantins *Falcão*, commandado pelo Capitão Tenente *José Ma-* «*ria d'Almeida;* e *Diligente*, commandado pelo Capitão Te- «nente *João Felis Pereira*.

«Lisboa 21 *de Fevereiro.* 1797.

«A 11 do corrente entrou neste porto o bergantim de S. M.

«o *Diligente.* No mesmo dia sahírão a fragata de S. M. *Fenis,*
«commandada pelo Capitão de Fragata *Manoel de Jesus Ta-*
«*vares,* e o bergantim *Serpente,* commandado pelo Capitão
«Tenente *Braz Cardoso Barreto Pimentel.*»

«Lisboa 7 *de Março.* 1797.

«A 27 do passado sahirão as fragatas de S. M. *Carlota,* com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *José Pedro de Sousa*
«*Pereira Leite;* e *Thetis,* commandada pelo Visconde de *Ro-*
«*quefeuil.*

«Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa Nume-
«ro XII. Sabbado 25 de Março de 1797.

«Lisboa 25 *de Março.*

«Alvará de 31 de Janeiro de 1797, pelo qual S. M. ha por
«bem que o Juiz Relator do Conselho do Almirantado, e os
«Ministros, que lhe succederem no mesmo emprego, sejão con-
«decorados com o Titulo do seu Conselho.»

«Por Decreto de 22 de Fevereiro de 1797 foi S. M. servi-
«da ordenar que daqui em diante os Tenentes Generaes da
«sua Real Armada sejão denominados Vice-Almirantes, e con-
«servem o mesmo soldo, honras, e prerogativas dos Tenentes
«Generaes; e que os Almirantes tenhão o soldo, honras, e pre-
«rogativas, que antes havia estabelecido para os Vice-Almiran-
«tes, supprimindo para o futuro a denominação de Tenentes
«Generaes no Real Corpo da Marinha.

«No dia 13 do corrente veio o Principe Nosso Senhor á *Ri-*
«*beira das Náos* para ver lançar ao mar a fragata nova deno-
«minada *Andorinha.*

«A 15 sahio do dique a náo *Nossa Senhora dos Prazeres,*
«a que se poz agora o nome de *Affonso de Albuquerque,* a qual
«foi alli inteiramente reparada.»

«Lisboa 11 *d'Abril.* 1797.

«A 31 do mez passado sahío a náo de S. M. *S. Sebastião,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Sampsão Mit-*

«*chel,* comboiando dous navios para o *Porto* carregados de di-«versos generos.

«A 4 sahírão a fragata de S. M. *Ulisses* commandada pelo «Capitão de Mar e Guerra *Antonio da Rosa:* os navios de S. «M. *Senhora da Conceição,* commandado pelo Capitão de Mar «e Guerra *José Joaquim Ribeiro,* para os Estados da *India;* «e *Marquez de Angeja,* commandado pelo segundo Tenente «do Mar *Antonio José Freire,* com varios generos, e degrada-«dos para os portos da *Asia;* a charrua de S. M. *S. Carlos Au-«gusto,* commandada pelo segundo Tenente do Mar *João Fran-«co,* para o *Pará,* e o hyate de S. M. *N. Senhora do Bom Des-«pacho,* para as Ilhas dé *Cabo-Verde.*

«A 2 do corrente entrárão a fragata de S. M. *Fenis,* e o ber-«gantim *Serpente* vindos das Ilhas.

«Lisboa 9 *de Maio.* 1797.

«A 2 do corrente sahio o cuter de S. M. o *Balão,* comman-«dado pelo Capitão Tenente *Jorge Thompson;* e a 4 a fragata «da mesma Senhora a *Andorinha,* commandada pelo Capitão «de Fragata *Francisco José do Canto.*»

«Lisboa 23 *de Maio.* 1797.

«A 18 sahio o bergantim de S. M. o *Diligente,* commandado «pelo Capitão Tenente João *Felis Pereira de Campos.*»

«Lisboa 6 *de Junho.* 1797

«A 27 do mez passado entrou neste porto o bergantim de «S. M. o *Diligente,* commandado pelo Capitão Tenente *João «Felis Pereira de Campos.*

«A 30 entrou hum Comboio *Portuguez* vindo do *Porto,* de-«baixo da escolta da náo de S. M. *S. Sebastião,* da fragata *An-«dorinha,* do cuter *Balão,* e d'hum bergantim construido no «estaleiro daquella Cidade.»

«Lisboa 10 *de Junho.* 1797.

«Por Decreto de 5 de Junho de 1797. Graduados em Almi-

«rantes, os Vices-Almirantes: *Bernardo Ramires Esquivel,*
«*José Sanches de Brito.* Graduados em Vices-Almirantes, os
«Chefes de Esquadra: *Antonio Januario do Valle. Pedro de*
«*Mendonça de Moura.* E o capitão de Mar e Guerra *José de*
«*Sousa de Castello-branco.*

«Para Chefes de Esquadra, os Chefes de Divisão: *Antonio*
«*José de Oliveira. Pedro de Marís de Sousa Sarmento. Ma-*
«*noel da Cunha Souto-maior.* Marquez de *Niza. D. Francis-*
«*co Mauricio de Sousa Coutinho:* Effectivos. *D. Thomaz José*
«*de Mello. Joaquim Francisco de Mello e Povoas. Francisco*
«*de Paula Leite. Paulo José da Silva Gama:* Graduados.

«Para Chefe de Divisão, o Capitão de Mar e Guerra *Tristão*
«*da Cunha e Menezes.*

«Para Capitães de Mar e Guerra, os Capitães de Fragata:
«*João Douglas. João da Ponte Ferreira. João do Canto Cas-*
«*tro e Mascarenhas. Filippe Alberto Patroni. Henrique da*
«*Fonseca de Sousa Prégo. João Feo Cardoso.* O Commendador
«*De la Bourdonnay. Francisco José do Canto de Castro e Mas-*
«*carenhas.* O Cavalheiro *D'Ubraye.*»

Mais seis Capitães de Fragata, de que ommittimos os nomes, bem como de sete Capitaens Tenentes, e de trinta e seis Primeiros e Segundos Tenentes. O facto principal desta promoção vem a ser os dois Almirantes, os tres Vice-Almirantes, nove Chefes de Esquadra, e hum Chefe de Divisão: Quer dizer quinze officiaes generaes, alem dos que já havia.

«Lisboa 13 *de Junho.* 1797.

«A 4 do corrente sahio deste porto o bergantim de S. M.
«o *Diligente,* commandado pelo Capitão Tenente *D. Manoel*
«*de Menezes.* A 6 sahio a fragata de S. M. *Andorinha,* com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco José do*
«*Canto de Castro Mascarenhas.*»

«Lisboa 11 *de Julho.* 1797.

«A 2 do corrente sahio deste porto a fragata de S. M. *An-*

«*dorinha*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Fran-*
«*cisco José do Canto.*

«A 4 entrou o bergantim de S. M. o *Serpente*, commandado
«pelo Capitão Tenente *Braz Cardoso Barreto Pimentel*, vinda
«das Ilhas com marinheiros.»

«Lisboa 25 *de Julho*. 1797.

«A 16 do corrente sahio deste porto o bergantim de S. M.
«o *Serpente*, commandado pelo Capitão Tenente *Braz Cardoso*
«*Barreto Pimentel.*

«A 19 entrou o bergantim de S. M. o *Dragão.*

«Lisboa 1.° *d'Agosto*. 1797.

«A 27 do mez passado sahio deste porto a Esquadra de S. M.
«composta das náos *Principe Real*, Commandante o Chefe de
«Esquadra Marquez de *Niza; Rainha de Portugal*, Comman-
«dante o Capitão de Mar e Guerra *Thomaz Stone; Affonso de*
«*Albuquerque*, Commandante o Capitão de Fragata *Antonio*
«*José Monteiro; Medusa*, Commandante o Capitão de Mar e
«Guerra *Antonio José Valente; S. Sebastião*, Commandante o
«Capitão de Mar e Guerra *Sampson Mitchel;* da fragata *An-*
«*dorinha*, Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Francisco*
«*José do Canto;* e do bergantim *Lebre*, Commandante o Ca-
«pitão Tenente Conde de *Blosseville.*»

«Lisboa 8 *d'Agosto*. 1797.

«No 1.° do corrente entrou neste porto o bergantim de S. M.
«*Serpente*, commandado pelo Capitão Tenente *Braz Cardoso*
«*Barreto Pimentel*, com huma embarcação que aprezára.»

«Lisboa 15 *d'Agosto*. 1797.

«A 6 do corrente sahio d'este porto o bergantim de S. M.
«*Mercurio*, comboiando para a costa de *Berberia* 13 navios
«mercantes em lastro.

«A 7 sahírão as fragatas da mesma Senhora *Carlota*, Com-
«mandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco Manoel*

«*Souto-Maior*, e *Activo*, Commandante o Capitão de Mar e «Guerra *Filippe Alberto Patroni*; e o bergantim *Gavião*, Com-«mandante o Capitão Tenente *João Felis Pereira de Campos*; «e a charrua de S. M. *Neptuno*, comboiando para os portos do «*Brazil* 28 navios mercantes, carregados de diversos generos.

«A 8 sahírão debaixo de comboi 19 navios mercantes do «*Porto*, huns para o *Rio de Janeiro*, e outros para a *Bahia* e «*Pernambuco*.

«Em 12 do corrente entrou neste porto a fragata *Minerva*, «commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *James Scarni-«chia*, trazendo o Corsario *Francez Epervieu* de 6 peças, e «59 Pessoas, que aprezára no dia antecedente.»

«Lisboa 29 *d'Agosto*. 1797.

«A 19 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. *An-«dorinha*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Fran-«cisco José do Canto e Castro*, com huma embarcação que «aprezára.

«A 21 sahio a fragata da mesma Senhora *Fenis*, comman-«dada pelo Capitão de Mar e Guerra *Manoel de Jesus Tava-«res*, levando em sua conserva 2 navios mercantes.»

«Lisboa 12 *de Setembro*. 1797.

«A 2 do corrente entrou neste porto o cuter de S. M. *Ba-«lão*, commandado pelo Capitão Tenente *Jorge Tompson*, vin-«do dos portos de *Berberia*, com 15 dias, trazendo debaixo do «seu comboio 8 bergantins e 9 hyates *Portuguezes* com trigo «para esta Cidade.

«A 5 sahio o bergantim da mesma Senhora *Mercurio*, com-«mandado pelo Primeiro Tenente *Nicoláo Wolf*, e a 6 tornou «a sahir o cuter *Balão* debaixo das ordens do sobredito Capi-«tão Tenente.»

«Lisboa 19 *de Setembro*. 1797.

«A 12 sahio a fragata de S. M. *Andorinha*, commandada «pelo Capitão de Mar e Guerra *Francisco José do Canto*. No

«mesmo dia entrárão a náo de S. M. *Rainha de Portugal,*
«commandada pelo Capitão de Mar e Guerra *Thomaz Stone;*
«e o bergantim da mesma Senhora *Mercurio,* Commandante
«*Nicoláo Wolf.* A 13 entrou o bergantim de S. M. *Serpente,*
«commandado pelo Capitão de Fragata *Braz Cardoso Bar-*
«*reto Pimentel.*»

«Lisboa 26 *de Setembro.* 1797.

«A 16 do corrente sahio deste porto o bergantim de S. M.
«o *Serpente,* commandado pelo Capitão Tenente *Braz Car-*
«*doso Barreto Pimentel.*

«Lisboa 3 *d'Outubro.* 1797.

«A 13 do mez passado sahio deste porto a Esquadra de S. M.
«composta das náos *Principe Real,* commandada pelo Chefe de
«Divisão Marquez de *Niza; S. Sebastião,* Commandante o Ca-
«pitão de Mar e Guerra *Sampson Mitchel;* e *Affonso d'Albu-*
«*querque,* Commandante o Capitão de Fragata *Antonio José*
«*Monteiro.*»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLI.

«Sabbado 24 de Outubro de 1797.

«Lisboa 14 *d'Outubro.* 1797.

«Alvará de 28 d'Agosto de 1797, pelo qual ha S. M. por
«bem mandar crear hum Corpo de Artilheiros Marinheiros,
«de Fuzileiros Marinheiros, e de Artifices e Lastradores Ma-
«rinheiros, debaixo da denominação de Brigada Real da Ma-
«rinha, para a guarnição das náos e mais embarcações de guer-
«ra, e para o mais serviço da Marinha Real, ordenando que se
«principiem a organisar successivamente as Companhias de
«Artilheiros Marinheiros, e que depois se passe ás Companhias
«de Fuzileiros Marinheiros, e de Artifices e Lastradores Mari-
«nheiros; para o que se irão tirando gradualmente dos dous
«Regimentos da Armada, e do Regimento de Artilheria da Ma-
«rinha os Officiaes e Soldados, que forem necessarios, e tive-
«rem aptidão para este serviço, ficando desde já supprimidos

«e totalmente extinctos os ditos tres Regimentos, para se in-
«corparem na Brigada Real da Marinha, á excepção dos Offi-
«ciaes do Estado Maior, e dos que não tiverem as precisas dis-
«posições para o serviço do Mar, os quaes deverão ser incor-
«porados no Exercito de S. M.»

«Lisboa 17 *d'Outubro.* 1797.

«A 8 sahio a náo de S. M. *Affonso d'Albuquerque,* Comman-
«dada pelo Capitão de Fragata *Antonio Joaquim dos Reis Por-
«tugal,* com destino para o Algarve.

«A 10 sahio o bergantim da mesma Senhora o *Balão,* com-
«mandado pelo Capitão Tenente *Jorge Thompson,* para a costa
«de *Berberia,* comboiando 8 navios mercantes em lastro, e 19
«hyates.»

«Lisboa 20 *d'Outubro.* 1797.

«Alvará com força de lei de 27 de Setembro de 1797, pelo
«qual he S. M. servida mandar abrir hum Emprestimo de
«150$ mil cruzados, a juro de 5 por cento, para se erigir hum
«Edificio, que sirva de Hospital da Marinha Real, de Labora-
«torio Quimico, e Dispensatorio Farmaceutico; nomeando a
«mesma Senhora seis Negociantes desta Praça, para Recebe-
«dores e Depositarios do mesmo Emprestimo, e para Recebe-
«dores e Clavicularios da somma que annualmente destina para
«pagamento do juro, e capital.»

«Lisboa 21 *d'Outubro.* 1797.

«Alvará de 12 d'Agosto de 1797, pelo qual he S. M. servida
«estabelecer huma nova fórma para o Governo dos Arsenaes
«das differentes Capitanias da *America,* creando para cada
«hum delles o lugar de Intendente da Marinha.»

«Lisboa 24 *d'Outubro.* 1797.

«A 15 do corrente entrou neste porto o bergantim de S. M.
«*Falcão,* vindo de guarda costa.

«A 17 entrárão o bergantim da mesma Senhora *Diligente,*

«e a fragata *Fenis,* vindos da costa de *Berberia,* e a 18 a fra-
«gata *Tritão,* vinda da mesma costa. Debaixo do comboio des-
«tas embarcações viérão dalli varios navios mercantes carre-
«gados de trigo para esta Cidade.»

«Lisboa 21 *de Novembro.* 1797.

«A 12 do corrente entrou neste porto o bergantim de S. M.
«*Lebre;* e a 15 entrárão a náo da mesma Senhora *Meduza,* a
«fragata *Minerva,* e o brigue *Mercurio.*»

«Lisboa 28 *de Novembro.* 1797.

«*Aviso*

«Havendo S. M. determinado que no 1.º de Janeiro do anno
«proximo futuro sahia deste porto hum Bergantim, como Cor-
«reio Maritimo, em direitura ao porto de *Assú,* na Capitania
«de *Pernambuco,* levando cartas para a dita Capitania, e para
«a da *Bahia,* que deixará no sobredito porto de *Assú,* e no
«mesmo receberá as que vierem das mencionadas Capitanias
«para *Portugal,* devendo depois seguir a sua derrota pelos
«portos de *Paraiba, Paranaiba, Piauhy, Maranhão,* e *Sal-
«linas* na Capitania do *Pará,* e d'alli para o Reino, deixando
«e tomando cartas em todos estes portos; dá-se a saber ao
«Público que no Correio desta Corte, e na repartição onde se
«distribuem as cartas do *Brazil,* se acha huma Caixa com sua
«abertura, e o letreiro *Correio Maritimo,* na qual, quem hou-
«ver de escrever pelo dito Correio Maritimo, fará lançar as
«suas cartas: as que se remetterem da Cidade do *Porto,* e
«mais terras do Reino pelos Correios para serem expedidas
«do desta Corte pelo mencionado Correio Maritimo, he neces-
«sario que tragão esta declaração no sobrescripto: Custará o
«porte de cada carta oitenta reis, sendo do tamanho ordinario.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLVIII. Sesta
«feira 1.º de Dezembro de 1797.

«*Avisos*

«Sendo conveniente que o porte de oitenta reis, que deve

«pagar cada Carta do Correio Maritimo, se regule a pezo, a «fim de que por hum modo uniforme, e com razão sufficiente «se estipule a taxa das Cartas mais grossas: dá-se a saber ao «Publico, que toda a Carta do dito Correio Maritimo, que pe«zar até quatro oitavas *inclusive*, pagará somente oitenta reis; «as que excederem este pezo, pagaráõ trinta reis por cada oi«tava que mais pezarem, além das quatro; ficando sujeitos á «mesma taxa os massos, papeis, ou vias: e tendo occorrido «motivos, que não permittem a partida do dito Correio Mari«timo no 1.° de Janeiro proximo futuro, como se annunciou, «ella fica differida por todo o mez de Janeiro.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero v. Sesta feira «2 de Fevereiro de 1798.

«Lisboa 2 *de Fevereiro*. 1798.

«Entrou neste Porto huma Fragata denominada *la Buonne «aventure*, que monta vinte e seis peças, do calivre de seis, «Guarnição cento e quarenta e seis Pessoas, aprezada pela náo «*Medusa*, de que he Commandante o Capitão de Mar e Guerra «*José Pedro de Sousa Pereira Leite*.»

«Lisboa 6 *de Março*. 1798.

«Por alvará de 20 de Janeiro de 1798, foi S. M. servida de«terminar que do porto desta Cidade partão de dous em dous «mezes, principiando no 1.° do corrente mez de Março, dous «Paquetes Correios maritimos para os portos do *Brazil*, hum «em direitura a *Assú*, que levará e trará as Cartas das Capita«nias de *Pernambuco*, *Maranhão*, e *Pará*, indo ao Porto de «*Salinas*; e outro em direitura á Cidade da *Bahia*, donde pas«sará ao *Rio de Janeiro*, e dalli para *Portugal*; e sendo pra«ticavel, fará o seu regresso pela *Bahia*. Pelos mencionados «Paquetes se expediráõ Cartas para todo o Continente do *Bra«zil*, onde a mesma Senhora manda estabelecer Correios, co«mo tambem nas Ilhas dos *Assores* e *Madeira*; e attendendo «outro sim aos graves perjuizos que tem resultado ao Com«mercio, e particulares interesses de seus Vassallos, de se re-

«metterem as Cartas pelos navios mercantes sem fórma algu-
«ma de arrecadação e segurança, e a que, subsistindo a mes-
«ma prática e extravio, he impossivel conservarem-se os Cor-
«reios maritimos, foi servida prohibilla, determinando, que
«para o futuro por todos os navios que sahirem dos portos
«deste Reino para os do *Brazil*, e Ilhas dos *Assores* e *Madei-*
«*ra*, ou vierem dos mesmos portos para este Reino, sejão as
«Cartas remettidas dos Correios em malas fechadas, e que nos
«mesmos Correios se estabeleção caixas ou saccos com os no-
«mes dos navios quando partirem, para serem lançadas as Car-
«tas com distincção, segundo pertenderem seus donos, annun-
«ciando-se ao público quinze dias antes o da partida, e até que
«hora se recebem, ficando as que forem ou vierem do *Brazil*
«ou Ilhas pelos navios mercantes sujeitas ás mesmas taxas e
«portes do Correio maritimo.»

«Lisboa 13 *de Março*. 1798.

«Por Resolução de 25 de Novembro de 1797, tomada em
«Consulta do Conselho do Almirantado, foi S. M. servida or-
«denar que na falta ou impedimento do Secretario do referido
«Tribunal, sirva o seu lugar o Conselheiro mais moderno, e
«que igualmente o Official Maior da Secretaria do Conselho do
«Almirantado haja de servir nos impedimentos do Porteiro do
«mesmo Tribunal. Tendo porém a mesma Senhora em consi-
«deração o direito já adquirido pelo actual Official Maior, *An-*
«*tonio Pires Alvares de Miranda*, determina que a observan-
«cia desta sua Real Disposição se não entenda com elle, que
«fica conservado na posse das mesmas honras que até aqui
«gozou, devendo a mesma Disposição só ter principio, quando
«elle cessar de servir o mesmo lugar.»

«Lisboa 23 *de Março*. 1798.

«A 19 do corrente entrou neste porto a náo *Rainha de Por-*
«*tugal*, commandada pelo Chefe de Divisão *Thomaz Stone*.»

«Lisboa 24 *de Março*. 1798.

«Por Resoluções de 22 d'Agosto de 1795 e 22 de Março de

«1797, tomadas em Consultas do Conselho do Almirantado,
«S. M. attendendo á instante necessidade que este lhe fez pre-
«sente de se estabelecerem novamente empregos de Patrões
«Móres nos portos de algumas das Ilhas dos *Açores*, e nos prin-
«cipaes das suas Conquistas *Ultramarinas*, foi servida orde-
«nar que ao Conselho do Almirantado privativamente compete
«a creação de novos Patrões Móres nos portos *Ultramarinos*,
«aonde convier estabelecellos, assim como a nomeação de to-
«dos os mais que se houverem de prover para o futuro, cujos
«empregos, perdendo a natureza de officios que dantes tinhão,
«fiquem daqui por diante sendo meros empregos vitalicios, e
«amoviveis: dando outrosim ao mesmo conselho a authoridade
«de nomear serventuarios aos mesmos empregos, nos casos
«em que qualquer dos provídos nelles de propriedade se ache
«incapaz de os servir por causa de molestia, ou de idade avan-
«çada: e que finalmente sejão escolhidos entre os Officiaes ma-
«rinheiros da Mestrança da sua Real Armada sujeitos, que, ten-
«do dado provas da sua intelligencia e prestimo, se considerem
«habeis para occupar os referidos empregos.»

«Lisboa 27 *de Março.* 1798.

«A 21 do corrente entrou neste porto a fragata de S. M. *Mi-*
«*nerva*, Commandante *Jaime Escarnichea;* e no dia seguinte
«entrou o bergantim da mesma Senhora *Falcão*, Comman-
«dante *João Felis Pereira de Campos.*»

«Lisboa 31 *de Março.* 1798.

«Por Aviso de S. M. de 8, e Portaria do Conselho do Almi-
«rantado de 10 de Março do corrente anno, se assentou Praça
«de Guarda Marinha a *José Manoel de Lima*, filho do Chefe de
«Esquadra *José Caetano de Lima*, com obrigação de não per-
«tender adiantamento sem fazer exame rigoroso, e ser appro-
«vado nos estudos ordenados ao corpo dos Guardas Marinhas.»

«Lisboa 3 *d'Abril.* 1798.

«A 24 do mez passado sahio a fragata de S. M. *Minerva*,
«commandada pelo Chefe de Divisão *Thomaz Stone.*»

«Lisboa 6 *d'Abril*. 1798.

«Por Aviso de S. M. de 29 de Março de 1798, e numera-«mento do Conselho do Almirantado de 31 dito, foi nomeado «*Antonio Pinto Madeira* por Sargento de Mar e Guerra, com «a clausula de dar conta dos estudos todos os annos, sob pena «de se lhe dar baixa.

«Por despacho do Conselho do Almirantado de 29 de Março «de 1798 forão matriculados por Aspirantes Guardas Mari-«nhas *João Ernesto Cabral de Vasconcellos Teive do Canto*, «e *Francisco Maria Xavier*.

«Por outro Despacho do Conselho do Almirantado da mes-«ma data foi admittido por Voluntario d'Armada Real *Thomaz* «*José Fernandes*.

«Por Portaria do mesmo Conselho de 31 dito assentou Praça «de Guarda Marinha *João Vieira d'Abreu e Paiva*, Aspirante, «sendo obrigado a dar conta dos seus estudos antes de perten-«der adiantamento.»

«Lisboa 15 *de Maio*. 1798.

«A 5 do corrente sahio deste porto a Esquadra de S. M «commandada pelo Chefe de Esquadra Marquez de *Niza*, com-«posta das Náos *Principe Real*, em que vai o dito Chefe, le-«vando por Capitão de Bandeira, o Chefe de Divisão Marquez «de *Puisigur*; *Rainha de Portugal*, Commandante o Chefe «de Divisão *Thomaz Stone*; *Meduza*, Commandante o Chefe «de Divisão *Antonio José Valente*; da fragata *Fenis*, Comman-«dante o Capitão de Mar e Guerra *Manoel de Jesus Tavares*; «e dos bergantins *Serpente*, Commandante o Capitão Tenente «*Manoel Pinto Franco*; e *Caçador*, Commandante o Primeiro «Tenente *Antonio Joaquim de Avellar*. No mesmo dia sahírão «para *Marrocos* a fragata *Thetis*, Commandante o Capitão de «Mar e Guerra *José Pedro de Sousa Pereira Leite*; e a fragata «*Tritão*, Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Luiz de* «*Abreu Vieira Paiva*, comboiando a Náo da India *Marquez* «*d'Angeja*, Commandante o Capitão de Mar e Guerra *Antonio* «*Joaquim dos Reis Portugal*.»

«Lisboa 13 *de Julho.* 1798.

«Por Decreto de 6 de Junho de 1798, em Resolução de «Consulta do Conselho do Almirantado de 5 do dito, julgando «S. M. ser mui conveniente ao seu Real Serviço que os Alum-«nos das duas Reaes Academias da Marinha, destinadas a en-«trar no Corpo dos Officiaes da Armada Real, ou na Classe dos «Pilotos da mesma Armada, e Navegação mercantil, sejão in-«struidos nas manobras dos instrumentos nauticos, e nos cal-«culos das observações Astronomicas uteis á Pilotagem, foi «servida ordenar que nenhuns dos referidos Alumnos possão «ser admittidos nos Navios de guerra na qualidade de Volun-«tarios, nem ser propostos para Segundos Tenentes, sem mos-«trarem approvação legal da sua instrucção nos exercicios pra-«ticos do Observatorio Real da Marinha, em cuja frequencia «devem adquirir os conhecimentes necessarios.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXI. Sesta «feira 3 d'Agosto de 1798.

«Lisboa 3 *d'Agosto.*

«Alvará com força de lei de 30 de junho de 1798, pelo qual «desejando S. M. por todos os modos possiveis ampliar e favo-«recer aquelles uteis conhecimentos, que tem uma connexão «mais immediata, seja com a grandeza e augmento da sua Ma-«rinha Real e Mercante, seja com a melhor defensa dos seus «Estados, ou com a extensão das luzes, de que depende o mais «exacto conhecimento de todos os seus Dominios, para poder «elevallos ao melhor estado de cultura, e promover as com-«municações interiores, assim como favorecer o estabeleci-«mento de Manufacturas, que se naturalizem facilmente, «achando huma situação territorial que mais lhes convenha: «e sendo-lhe presente de huma parte a falta, que sente a sua «Marinha Real e Mercante de boas Cartas Hydrographicas, «achando-se na necessidade de comprar as das Nações es-«trangeiras, e de se servir muitas vezes de algumas, que pela «sua incorrecção expoem os Navegantes a gravissimos peri-«gos: e da outra parte reconhecendo a necessidade de publi-

«car-se a grande e exacta Carta Geral do Reino, em que tem «mandado trabalhar Pessoas de grande merecimento, e que «nada tem que invejar, no que se acha já principiado, aos ou-«tros estabelecimentos da mesma natureza que existem na «*Europa:* e sentindo igualmente a necessidade de fazer gra-«var para o serviço dos seus exercitos Cartas Militares, assim «como Cartas em que se deliniem as Obras Hydraulicas dos «Canaes, e outras similhantes: He servida crear huma Socie-«dade Real Maritima, Militar e Geographica para o Desenho, «Gravura, e Impressão das Cartas Hydrographicas, Geogra-«phicas, e Militares, organisada e composta na forma decla-«rada nos 7 Artigos do mesmo Alvará.»

Não temos presente este Alvará, porém sabemos que no pessoal da sociedade éram comprehendidos os Socios da Academia Real das Sciencias, da Academia da Marinha, e da Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho; e que Sua Alteza o Principe Real, Regente em nome de Sua Augusta mãi a Rainha Dona Maria I presidia ás sessoens da Sociedade Real Maritima na Sala do Risco, onde o Sr. Pedro Celestino Soares, nosso pai, como Lente da Escola Militar, denominada *Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho,* assistio como membro nato daquella sociedade, ás Sessões da Sociedade Real Maritima e Militar, que, muitas vezes o Principe Regente ali comparecia á noite, onde se liam Memorias, e se tratavam assumptos, e discutiam assumptos maritimos de interesse commum.

«Lisboa 7 *d'Agosto.* 1798.

«S. M. em consideração á chegada do Comboio de *Pernam-«buco* (que entrou neste porto a 31 do mez passado debaixo «da escolta da fragata de guerra *Cisne)* e para bem do com-«mercio, foi servida mandar demorar, e transferir para o dia «10 do corrente mez a partida dos Correios Maritimos — Para «os portos da *Bahia,* e *Rio de Janeiro* vai o Correio Maritimo «*Alvacora,* Commandante o Primeiro Tenente *Henrique José*

«*de Carvalho*, e com derrota pela *Paraiba, Maranhão*, e *Pará* «vai o Correio Maritimo o *Voador*, Commandante o Primeiro «Tenente *Antonio Garcia Alvares*. (Valente soldado, de que «já fizemos honrosa menção, e ao qual não deixaremos de tri-«butar sempre os devidos louvores). As cartas devem ser lan-«çadas no Correio até á meia noite do dia 9.

«A mesma Senhora he servida permittir, em beneficio do «Commercio, que toda a pessoa que passar dos portos deste «Reino para os Estados do *Brazil, India*, e *Ilhas*, ou voltar «dalli para *Portugal*, possa conduzir cartas, levando-as pri-«meiramente ao Correio para serem marcadas, e pagando an-«tecipadamente o seu porte: o que se faz publico pela repar-«tição do Correio desta Corte de ordem de S. M., para que «chegue á noticia de todos.»

«Num. 38. Gazeta de Lisboa. Terça feira 18 de Setembro «de 1798.

«Lisboa 18 *de Setembro*.

«Nos dias 9 e 10 do corrente entrou n'este porto o Comboio «do *Brazil*, composto de 122 navios carregados de differentes «generos Coloniaes, debaixo da escolta da Esquadra de S. M. «Commandada pelo Chefe d'Esquadra *Francisco de Paula* «*Leite*, composta das náos *Vasco da Gama*, e *Princeza da Bei-«ra*, e das fragatas *Ulisses, Activa*, e *Carlota*.»

«Lisboa 12 *d'Outubro*. 1798.

«A 30 do mez passado sahio d'este porto a fragata de S. M. «*Cisne*, commandada pelo Illustrissimo *D. Manoel de Menezes*, «Capitão Tenente da Armada Real, o qual vai conduzir a *In-«glaterra* sua Irmã a Illustrissima *D. Izabel de Menezes* pro-«ximamente desposada com o Illustrissimo *D. João d'Almeida* «*Mello e Castro*, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipo-«tenciario de S. M. na Corte de *Londres*.

«Lisboa 9 *de Novembro*. 1798.

«A 4 do corrente mez entrou neste porto a fragata de S. M.

«a *Fenis,* vinda das Ilhas dos *Açores,* comboiando os navios da «Praça. No transito das Ilhas para aqui encontrou a mesma «fragata, e aprezou hum corsario *Francez,* denominado a *Vi-«ctoria,* de 10 peças, que já tinha tomado dous navios do dito «comboio, hum dos quaes foi represado pela nossa fragata, «mas o outro pode escapar á vigilancia do seu Commandante.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLVI. Sesta «feira 16 de Novembro de 1798.

«Lisboa 16 *de Novembro.*

«Por Decreto de 19 d'Outubro de 1798 foi S. M. servida «nomear para Membros da Sociedade Real Maritima, Militar «e Geographica os Tenentes Generaes: *Bartholomeu da Costa. «João de Ordáz e Queirós. Gonçalo Lourenço Botelho de Cas-«tro.* Os Brigadeiros do Real Corpo de Engenheiros: *Luiz Can-«dido Cordeiro Pinheiro Furtado. José de Sande e Vasconcel-«los.* Os Coroneis do mesmo Real Corpo: *Reinaldo Oudinot.* «O Conde de *Robien. Francisco de Alincourt.* Os Tenentes «Coroneis do mesmo: *José Antonio Raposo. Ricardo Luiz «Antonio Raposo. José Champolimaud de Nussane. José Car-«los Mardel.* Os Sargentos Mores do mesmo: *Joaquim de Oli-«veira. Henrique Niemeyer. José Offdiner.* Os Capitães do «mesmo: *Francisco Antonio Raposo. Carlos Frederico Ber-«nardo de Caula. Pedro Folk. Luiz Gomes de Carvalho. «João Manoel da Silva.* O Primeiro Tenente do mesmo, *Cus-«todio José Gomes Villasboas.* O Coronel d'Artilheria *Antonio «Teixeira Rebello.* O Tenente Coronel de Cavallaria Marquez «de *Marialva D. Pedro,* e o Capitão d'Artilheria, *Ayres Pinto «de Souza.*»

Desta Sociedade éram membros natos os Lentes das duas Academias de Marinha, e da Academia Real de Fortificação, Artilheria e Desenho.

«Lisboa 8 *de Dezembro.* 1798.

«S. M. por sua Real Resolução de 17 d'Outubro de 1798,

«tomada em Consulta do Conselho do Almirantado de 10 do «mesmo mez, tendo attenção ao que lhe representou o mesmo «Conselho, e querendo continuar os effeitos da sua Real Be-«nignidade para com os Alumnos da Real Academia de Mari-«nha, houve por bem permittir, que, além dos prémios já es-«tabelecidos pela sua Regia Carta de 5 d'Agosto de 1779, se-«jão admittidos por Aspirantes de Pilotos, com o seu compe-«tente vencimento, trinta d'aquelles Alumnos, que sendo ap-«provados no curso do primeiro anno, passarem ao segundo «com o destino de servir na Armada Real, os quaes continuá-«rão a ser considerados como taes Aspirantes de Pilotos, em «quanto pela assidua applicação, e progressos nos seus estu-«dos se fizerem dignos d'aquella Graça; o que deveráõ fazer «constar por Certidão do seu respectivo Lente na Real Junta «da Fazenda da Marinha, para que lhes sejão abonados os seus «vencimentos.»

«Lisboa 22 *de Dezembro*. 1798.

«No dia 6 do corrente deo á costa, junto á *Villa do Conde*, «o bergantim de guerra *Dragão*, tendo-se perdido o seu Com-«mandante, o segundo Official de Marinha, o Capellão, e algu-«ma gente mais da equipagem. Annunciando-se ao nosso Au-«gusto Principe este successo, e que quasi tudo o que era da «Fazenda Real se tinha salvado, e que só havia a perda do ha-«bil Commandante, e mais pessoas da equipagem que fosse «digna de lastima, o mesmo Augusto Senhor, sem hesitar, «respondou que antes se houvesse perdido toda a sua Real «Fazenda, do que tão habeis Officiaes, e Vassallos, que érão «aos seus olhos de hum valor inestimavel. Este dito he huma «verdadeira pintura da humanidade, e das incomparaveis vir-«tudes que ornão a grande Alma deste Principe, o Idolo dos «seus Póvos, e a quem *Portugal* deve a sua actual felicidade «no meio da quasi universal desgraça da *Europa*.»

«Lisboa 5 *de Janeiro*. 1799.

«No dia 22 do mez passado se instalou a Sociedade Real

«Maritima, Militar, e Hydrografica e deo principio aos seus «trabalhos de que a Nação *Portugueza* espera os melhores «fructos, fazendo-lhe Sua Alteza Real o Principe Nosso Senhor «seu Augusto Fundador a honra de assistir a esta primeira Ses- «são, e dignando-se dar assim hum público testimunho das «suas luzes, a favor de hum Estabelecimento que he creação «do mesmo Augusto Senhor. Nesta primeira Sessão, depois «de ler-se o Alvará de creação da Sociedade, expoz o ministro «de Estado da Repartição da Marinha as intenções de Sua Al- «teza Real, fundando esta nova Sociedade Litteraria, e mui «succintamente renovou a memoria de todos os grandes Esta- «belecimentos, que Sua Alteza Real tem creado no tempo da «sua Regencia, e de todas as grandes Resoluções politicas do «mesmo Augusto Senhor, a que *Portugal* deve a sua actual «prosperidade. Leo tambem depois o Professor *José Maria* «*d'Antas* outro douto Discurso sobre os trabalhos que se ha- «vião feito antes da creação da Sociedade, e terminou-se a ses- «são com a escolha do Secretario, para que foi nomeado o Pro- «fessor *Francisco de Paula Travassos,* sendo proposto pelo «Presidente, que he o Excellentissimo Marquez Mordomo «Mor, Ministro de Estado da Fazenda. Depois de terminada a «Sessão, teve a honra de apresentar a Sua Alteza Real o Pro- «fessor *Ciera* os trabalhos grandes e luminosos com que tem «adiantado a Carta do Reino, de que está encarregado, e de «que já se acha terminada uma serie de Triangulos. Teve «tambem a honra de apresentar a Sua Alteza Real Mr. *Dupui* «os bellos Desenhos de alguns Instrumentos, que se hão de «construir para maior facilidade, e exacção de Cartas que se «hão de abrir.»

«Num. 2. Gazeta de Lisboa. Terça feira 8 de Janeiro de «1799.

«Sahírão á luz: Efemerides Nauticas para o anno de 1799, «calculadas de ordem de S. Alteza Real o Principe N. S. no «Observatorio Real da Marinha, pelo Ajudante do mesmo Ob- «servatorio *Maria Carlos Theodoro Dumoiseau de Monfort.*

«Vendem-se na loja da Imprensão Regia á *Praça do Com-*
«*mercio,* e na da Viuva *Bertrand* e filho aos *Martyres,* a 480
«réis bruchadas.» Taboa da Declinação do Sol, calculada para
«o meio dia do Meridiano de *Lisboa:* a que se seguem muitas
«outras Taboas accessorias na Navegação.»

Ainda que nesta obra se tenha dado noticia dos combates que sustentou a curveta *Andorinha,* (no seu tempo fragata, pois nessa época tanto valia ter convés e tolda, convés e tombadilho, ou convéz somente, para merecer a denominação de fragata, especies que hoje distinguimos pelos pavimentos que possuem) e muito especialmente daquelle que o mesmo navio teve na costa de Portugal com huma fragata franceza de superior força (julgámos que éra tambem curveta, pelo que abaixo se declara, de ter *onze peças por banda),* de que já tratámos; comtudo, apparecendo-nos huma relação mais detalhada do que a primeira donde tirámos o extracto da mencionada acção; e tambem por vir agora na ordem chronologica dos successos maritimos que vamos colligindo das Gazetas de Lisboa, aqui o transcrevemos textualmente de novo, não só para corroborar a que já referimos a tal respeito, se não para demonstração do facto incontestavel de que os Portuguezes não cediam, nem cedem a primazia a nenhumas forças militares que lhes disputem preferencias, porque, ou morrem gloriosamente na defesa dos seus direitos, ou conquistão a preeminencia que julgam merecer, como se verificou no caso presente, e se evidencia pelo relatorio official que vai em seguida.

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero VII. Sesta feira
«15 de Fevereiro de 1799.

«Lisboa 15 *de Fevereiro.*

«Entre a fragata de S. M, a *Andorinha,* e huma fragata
«*Franceza* houve ultimamente hum combate, cuja relação he
«a seguinte:

«No dia 27 de Janeiro andando a fragata de S. M. a *Ando-*

«*rinha* cruzando sobre as costas da Provincia do *Minho,* pelas
«7 horas da manhã dérão os Gageiros parte que se avistava
«pela poppa hum Navio, que vinha ao mesmo bordo; e conser-
«vando ella o mesmo panno, se foi aproximando d'elle para o
«reconhecer; porém ainda em alguma distancia içou o dito Na-
«vio bandeira *Franceza* no tópe de prôa, e logo depois no pe-
«nol da mezena, firmando-a com hum tiro de peça: ao que
«correspondemos, firmando igualmente a *Portugueza* com
«outro tiro. Como reconhecessemos então ser huma fragata
«*Franceza,* virámos logo de bordo sobre ella, apezar de ser
«muito superior em forças á nossa; e tendo-lhe tomado o bar-
«lavento, nos prolongámos em distancia de tiro de pistola, e
«começámos a dar-lhe fogo. O combate se travou de parte a
«parte com bastante actividade por espaço de huma hora, no
«fim da qual os Inimigos, não podendo supportar a violencia
«da nossa artilheria, que lhes causou muito estrago no casco
«da sua embarcação, e na equipagem, arriárão bandeira, e ce-
«dêrão-nos a victoria, que tão gloriosamente lhes ganhámos.
«Démos então os vivas da victoria, a que os *Francezes* corres-
«pondêrão, acenando com os chapéos; e assim se deo a acção
«por acabada. Tratámos logo de deitar escaleres fóra; e tendo
«virado em roda sobre a fragata inimiga, a fim de nos assegu-
«rarmos da bordagem, faltárão-nos os braços grande, e seco,
«e gata por estarem cortados da metralha, ficando consequen-
«temente o nosso panno sobre por algum tempo: o que deo
«lugar a que os *Francezes* mareassem o seu panno, e largas-
«sem, fazendo toda a força de véla; e deitando ao mar todas
«as cousas que os empachávão, como barricas, e até oculos das
«peças, fugírão á caça que lhes démos com todo o panno até
«o meio dia, não nos tendo sido possivel alcançar a fragata ini-
«miga, por ser de melhor pé, e barlaventear melhor que a
«nossa.

«A fragata inimiga era muito superior em forças á nossa,
«pois tinha onze peças por banda, e dous grandes guarda-le-
«mes; e a sua artilheria era do calibre de doze, ao mesmo
«tempo que a nossa só era de nove.

«Em toda a nossa guarnição só houve 5 feridos, 2 mari-«nheiros, 2 grumetes, e 1 soldado: o Commandante ficou tam-«bem levemente ferido em huma mão. O costado da nossa fra-«gata soffreo sinco rombos, que promptamente forão tapados «com pranchas, além de outros mais que não forão tão pene-«trantes: o panno ficou muito crivado, e varios cabos corta-«dos, como braços, cabos de laborar, enxarcia, estai da gata, «além de outros muitos, e a verga da sobregata partida.

«Tal he a relação do successo; e S. M. querendo mostrar o «seu Real Agrado, e recompensar a valerosa conducta do Com-«mandante *Crawford Duncan,* Officiaes, e Equipagem da fra-«gata *Andorinha*, que tão gloriosamente se batérão por huma «hora em distancia de tiro de pistóla com huma fragata *Fran-«ceza* de superior força, que se rendeo, e arreou bandeira, mas «depois fugio, faltando á fé de prisioneira de guerra: Foi ser-«vida premiar com o Posto de accesso ao Commandante, e a «todos os Officiaes, que se achárão neste glorioso combate; «com tres mezes de soldo em gratificação aos que ficárão fe-«ridos, e com hum mez de soldo ao resto da Equipagem.»

«Lisboa 26 *de Fevereiro*. 1799.

*«Por Decreto de* 12 *de Dezembro de* 1789.

«Segundo tenente *Antonio Leocadio Pereira,* Piloto do Pa-«quete empregado na carreira das Ilhas de *S. Thomé e Prin-«cipe*, e outros portos do *Brazil,* ficando com o mesmo exer-«cicio.»

Perguntarão talvez o que tem o *Algum Favor á Marinha* com este despacho do Piloto?

Responderemos: Nada em si, mas demonstra o exercicio d'esta arma; e posto que as Gazetas deste anno de 1779 comecem a ser ommissas relativamente ás entradas e sahidas dos navios da nossa Armada, reconhece-se por factos incidentes, que ella não estava ociosa. Aproveitámos esta succinta declaração do piloto promovido, *andar empregado no Pa-*

*quete da carreira das Ilhas de S. Thomé e Principe,* como demonstração de que havia paquetes regulares para aquellas paragens, e os seus commandantes attendidos.

«Pela Repartição do Correio desta Corte se faz público que «partindo no dia 25 do corrente para o *Pará* a fragata de S. «M. *Venus;* para *Pernambuco* o navio *Polifemo;* e para a Ba«hia e Rio de Janeiro a náo *Princeza da Beira:* deve quem «quizer escrever por estas embarcações, fazer lançar as suas «cartas no Correio até á meia noite do dia 14.—»

As Gazetas deste anno de 1799 já nos não informam do movimento do porto de Lisboa, nem da actividade da nossa Armada, e apenas sabemos que navios della tivéram serviço, pelos avisos do correio para quem havia de servirse das malas dellas para as suas correspondencias. Do aviso acima, consta que a náo *Princeza da Beira,* a fragata *Venus,* e a charrua *Polyfemo* andaram armadas, porém ignorando-se qual o seu especial serviço. Apesar desta pobreza de informaçoens, hiremos collegindo as poucas que encontrarmos, que sirvam á demonstração da nossa thése.

«Num. 13. Gazeta de Lisboa. Terça feira 26 de Março de «1799.

«Lisboa 26 *de Março.*

«No decurso do anno de 1798 se contárão neste porto os «seguintes navios

| | Sahidos | Entrados |
|---|---|---|
| «*Americanos*........ | 95 | ........... 83 |
| «*Bremezes*.......... | 12 | ........... 11 |
| «*Dinamarquezes*..... | 181 | ........... 147 |
| «*Dantziquezes*....... | 8 | ........... 0 |
| «*Genovezes*.......... | 10 | ........... 11 |
| «*Hamburguezes*...... | 51 | ........... 39 |
| «*Hespanhoes*......... | 8 | ........... 4 |
| «*Imperiaes*.......... | 10 | ........... 13 |
| | 375 | 308 |

| | Sahidos | Entrados |
|---|---|---|
| «Transporte... | 375 | 308 |
| «*Inglezes* | 489 | 411 |
| «*Dito de guerra* | 140 | 145 |
| «*Dito Paquetes* | 31 | 32 |
| «*Lubequezes* | 7 | 5 |
| «*Meklemburguezes* | 1 | 1 |
| «*Marroquinos* | 17 | 10 |
| «*Napolitanos* | 1 | 1 |
| «*Ottomanos* | 24 | 21 |
| «*Oldemburguezes* | 3 | 2 |
| «*Portuguezes* | 334 | 343 |
| «*Dito de guerra* | 80 | 86 |
| «*Prussianos* | 59 | 37 |
| «*Papemburguezes* | 1 | 1 |
| «*Raguzanos* | 18 | 15 |
| «*Suecos* | 116 | 104 |
| «Total... | 1696 | 1521 |

«Lisboa 6 *d'Abril.* 1799.

«Pela Repartição do Correio desta Corte se faz publico, que «os Correios Maritimos hão de partir para os portos do *Bra-«zil* no dia 15 do presente mez. Para a *Bahia* vai o Correio «Maritimo denominado *Neptuno*, Commandante o primeiro «Tenente *José Maria Gonçalves;* e com derrota por *Pernam-«buco, Paraiba, Maranhão,* e *Pará* o Correio Maritimo deno-«minado *Caçador,* Commandante o segundo Tenente *Joaquim «José Mendes.* As cartas devem ser lançadas no Correio até á «meia noite do dia 14.»

«Lisboa 20 *d'Abril.* 1799.

«O Primeiro Tenente da Armada Real *Vitto José de Mello,* «appresentando á Sociedade Real Maritima Militar e Geogra-«fica a sua Derrota da *Bahia* para *Lisboa,* que acaba de fazer «no bergantim *Principe Real,* Correio Maritimo, refere o en-«contro de huma embarcação desarvorada, pela qual passara «em distancia de tres quartos de legua, que lhe pareceo enca-«lhada sobre algum baixo que não descobria, cuja posição cal-

«cula ser na latitude de 35.° 45.′ 47.″ Norte, e longitude 328.°
«32.′ 4.″ Leste da Ilha de *Ferro.* E como tal baixo não éra
«conhecido, nem notado em Carta alguma, faz-se esta noticia
«pública para cautela e vigia dos navegantes, em quanto se
«não póde dar delle toda a certeza nas Cartas Hydrograficas
«que se hão-de publicar.»

«Lisboa 30 *d'Abril.* 1799.

«*Por Decreto de* 29 *de Novembro de* 1798.

«Segundo Tenente na Segunda Divisão da Brigada Real da
«Marinha, *Pedro de Amorim Pessoa e Aragão,* Cadete do se-
«gundo Regimento da Armada.

«Por Decreto de 12 de Fevereiro de 1799 foi S. M. servida
«promover a segundos Tenentes: *Joaquim José Xavier,* Sar-
«gento da primeira Divisão da Brigada Real da Marinha *João*
«*Baptista Escrivanis,* Sargento de Mar e Guerra. *Diogo José*
«*Bitancourt,* Guarda Marinha, e *Francisco de Paula Bequier,*
«Voluntario: attendendo a que se achárão embarcados na fra-
«gata *Andorinha* na occasião em que tão valerosamente se ba-
«teo a tiro de pistola com a fragata *Franceza,* até o ponto de
«a fazer arriar bandeira, e render-se; com a clausula porém
«de darem conta dos seus Estudos antes de terem antiguida-
«de e passarem aos Postos immediatos.»

«Lisboa 14 *de Maio.* 1799.

«*Provimentos Militares.*

«*Por Decreto de* 20 *d'Abril de* 1799.

«*Segundos Tenentes da Armada Real.*

«*Manoel Lopes de Carvalho. José Joaquim d'Amorim, José*
«*Leocadio Botelho Torrezão. José Rodrigues d'Oliveira. Jo-*
«*sé Pedro Alvares. João da Cruz dos Reis. João Antonio Viei-*
«*ra,* Sargento de Mar e Guerra. *José Militão Peynide Chateau-*
«*neuf,* Guarda-Marinha. *Jacinto Manoel Mendes Peres. Ber-*
«*nardo Antonio Machado Pinto. Mauricio José de Mello Cou-*
«*tinho Corte-Real. Antonio Luiz Franco d'Oliveira. Antonio*

«*José de Sousa Paulet. Luiz da Cunha Moreira. José Ber-*
«*nardino Lopes. Bernardo Antonio Machado Ximenes d'Ara-*
«*gão. João Antonio da Silva Vieira. José Antonio Ferreira.*
«*José Carlos d'Almeida. José Joaquim Severim,* Voluntarios
«da Real Academia da Marinha. *José Mathias dos Santos. Joa-*
«*quim José Pereira,* Aspirantes Constructores, sem perjuizo
«de outros, que forem promovidos posteriormente.»

Temos deixado de publicar muitas promoçoens de Marinha, para não tornarmos este tomo mais volumoso do que já o está, posto que tão repetidos despachos na Armada, servissem ao nosso intento de provar quanto ella estava presente a S. M. e quanto a queria considerar; mas esta que acabâmos de trasladar, pareceo-nos mais significativa, tanto por ser numerosa, como por ser animadora da gente que se dedicava ao serviço do mar: os promovidos foram, ou Sargentos de Mar e Guerra, ou Guardas Marinhas, Voluntarios, ou Aspirantes Constructores, donde se vê que o pensamento de S. M. não éra premiar serviços já feitos, porém sim animar a mocidade estudiosa, e as praças menos favorecidas da sorte, como eram os Sargentos de Mar e Guerra, a merecerem maiores recompensas. Foi esta a rasão que nos levou a fallar da promoção, assim como havemos occuparnos de outros assumptos que parecerão menos proprios de aqui figurarem, mas que o merecem, ponderando-se a relação que elles tem, ou podem ter com o objecto principal de: *Algum favor á Marinha.*

«Lisboa 24 *de Maio.* 1799.

«Com data de 29 d'Abril de 1799 baixou ao Conselho do
«Almirantado hum Decreto, pelo qual considerando S. M. o
«muito que importa ao seu Real Serviço que a Brigada Real
«da Marinha tenha sempre o numero de praças de soldados,
«que pela Lei da sua creação foi servida ordenar; e convindo
«igualmente que se fixem e estabeleção os Districtos, donde
«a mesma Brigada tire as recrutas, que lhe sejão necessarias,
«determina que os Districtos nomeados em huma Relação,

«junta ao mesmo Decreto, os quaes antes pertencião aos dous «Regimentos extinctos da Armada, fiquem privativamente per- «tencendo para o dito recrutamento.

«E por outro Decreto, expedido na mesma data ao Inten- «dente Geral da Policia, lhe ordena a mesma Senhora que pro- «ceda immediatamente a huma exacta resenha e numeração «de todos os fogos e almas dos Districtos que ficão privativa- «mente pertencendo para o recrutamento da Brigada Real da «Marinha assima referida; devendo o mesmo Magistrado es- «tabelecer a ordem com que as respectivas Freguezias terão «de contribuir para o recrutamento, dando huma recruta por «cada cem almas, logo que estas lhe sejão pedidas, não de- «vendo contribuir humas Freguezias, sem que todas hajão «successivamente pelo seu turno dado a recruta, que lhe com- «petir: e ficará outrosim obrigada cada huma das mesmas Fre- «guezias a fornecer extraordinariamente outra recruta por «aquella, que desertar, a fim de que se interessem em fazer «boas escolhas, e vigiem que as recrutas, que derem, não de- «sertem.»

«Lisboa 25 *de Junho*. 1799.

«Ao Conselho do Almirantado baixou hum Decreto, em data «de 27 de Maio de 1799, pelo qual tendo S. M. consideração «á necessidade que ha presentemente de conservar hum gran- «de Armamento Naval, tanto para defender o porto de *Lis- «boa,* como para a segurança do commercio em beneficio dos «seus fieis Vassallos foi servida ordenar que, durante a guer- «ra actual, se augmentem 20 praças supranumerarias em cada «huma das Companhias da primeira Divisão da Real Brigada «da Marinha.»

Nesta occasião de guerra, em que a Marinha teve maior acti- vidade, e andava effectivamente em cruzeiros, e comboyando os navios de commercio, foi que as Gazetas emmudeceram a seu respeito, e deixaram de noticiar o movimento do porto de Lisboa.

«Lisboa 3 *de Julho*. 1799.

«Procurando S. M. combinar os principios da sua Real Mu-«nificencia com os effeitos da economia pública, foi servida «ordenar, por Decreto de 20 de Junho de 1779, dirigido ao «Conselho de Guerra, que da referida data em diante todas «as Graduações que se concederem aos Officiaes do seu Exer-«cito, sejão puramente honorificas, e que para o futuro os mes-«mos Officiaes graduados não possão perceber outro soldo «mais do que aquelle que corresponder aos Postos que effe-«ctivamente exercitarem.»

Este decreto explica a razão de apparecerem despachados Pedro de Mendonça, Pedro de Mariz, José Caetano de Lima, Almirantes, e Vice-Almirantes sem soldo. Alguns destes obtiveram soldo, pela vagatura de outros mais antigos, em cujos logares foram entrando.

«Lisboa 5 *de Junho*. 1799.

«*Avisos.*

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se faz «público, que estando destinada a partir ámanhã para os portos «da *Bahia* e *Rio de Janeiro* a fragata de S. M. *Thetis*, devem as «cartas ser lançadas no Correio até á meia noite do dia de hoje.»

«Num. 29. Gazeta de Lisboa. Terça feira 16 de Julho de «1799.

«Lisboa 16 *de Julho*.

«A 7 do corrente entrárão neste porto a fragata de S. M. «*S. João Principe*, e o bergantim de guerra *Lebre*, trazendo «debaixo do seu comboyo 62 navios, vindos 21 da *Bahia*, e «41 de *Pernambuco*, inclusos 5 destinados para o *Porto*, to-«dos carregados de diversos generos.»

«Num. 30. Gazeta de Lisboa. Terça feira 23 de Julho «de 1799.

«Lisboa 23 *de Julho*.

«Por Decreto de 7 de Maio de 1799 foi S. M. servida por

«graça especial, que não servirá de exemplo, promover ao «Posto de Segundo Tenente da Armada Real a *D. José Tho-«maz de Menezes,* Guarda Marinha, com a clausula de não con-«tar antiguidade se não depois que tiver feito os seus exames, «e mostrado ter todos os conhecimentos práticos e theoricos «de hum Official de Marinha.» (Hoje ha menos escrupulos de fazer concessoens identicas para a Armada.)

«O Principe N. S. houve por bem expedir o seguinte De-«creto:

«Tendo consideração a que em virtude das Leis fundamen-«taes da Monarchia *Portugueza* todos os Direitos da Sobera-«nia se devolvêrão na Minha Pessoa, por occasião da funesta, «verificada, e assás notoria enfermidade, que infelizmente poz «a Rainha Minha Senhora e Mãe na impossibilidade de os con-«tinuar a exercer; e achando-me pela dilatada experiencia de «sete annos, em que o cuidado, e assistencia dos Medicos mais «acreditados tem sido inteiramente inuteis; convencido de que «a mesma enfermidade, humanamente fallando, se deve repu-«tar insanavel, Me pareceo que nas actuaes circumstancias dos «Negocios Publicos, assim pelo que respeita ás relações exter-«nas, como á Administração interna do Reino, o bem dos Fieis «Vassallos *Portuguezes,* e o Meu Pessoal Decóro, se achão «igualmente interessados, em que Eu, revogando o Meu De-«creto de 10 de Fevereiro de 1792, o qual somente Me foi «dictado pelos sentimentos de respeito, e amor Filial, de que «sempre desejei, e desejo dar á Rainha Minha Senhora e Mãi «as mais exuberantes provas, continúe de hoje em diante o «Governo destes Reinos, e seus Dominios, debaixo do Meu «Proprio Nome, e Suprema Auctoridade: Pelo que sem sepa-«rar-me dos expressados sentimentos, mas reconhecendo que «elles da sua natureza devem ser subordinados ao bem dos «Povos, e ao Decóro da Soberania, tenho resolvido, que da «data do presente Decreto em diante, todas as Leis, Alvarás, «Decretos, Resoluções, e Ordens, que deverião ser expedidos «em Nome da Rainha Minha Senhora e Mãi, se Ella se achasse

«effectivamente governando esta Monarquia, sejão lavrados e «expedidos em Meu Nome, como Principe Regente que sou, «durante o seu actual impedimento; e que similhantemente «sejão a Mim expressamente dirigidas todas as Consultas, Re-«querimentos, Súpplicas, e Representações, que para o futu-«ro houverem de subir á Minha Presença. *José de Seabra da* «*Silva,* do Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Es-«tado dos Negocios do Reino, o tenha assim entendido, e faça «executar, expedindo este por cópia ás partes a que tocar.= «Palacio de *Quéluz* em 15 de Julho de 1799.»

*«Com a Rubrica do Principe nosso Senhor.»*

«A 15 do corrente entrárão neste porto a náo de S. M. *Ma-«ria Primeira,* e os bergantins de guerra *Diligente* e *Santo* «*Antonio Paquete,* trazendo debaixo do seu comboio 49 na-«vios, vindos da *Bahia* e do *Rio de Janeiro,* inclusos 18 des-«tinados para o *Porto,* carregados todos de diversos generos «para ambas as Praças.»

«Lisboa 10 *d'Agosto.* 1799.

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se «faz público que os Correios Maritimos, que hão de partir «para os portos do *Brazil* a 15 do presente mez, são os se-«guintes: Para a *Bahia* e *Rio de Janeiro,* o Correio Mariti-«mo *Espadarte,* Commandante o primeiro Tenente *Antonio* «*José de Sousa Miranda.* Para *Pernambuco, Paraiba, Ma-«ranhão,* e *Pará,* o Correio Maritimo *Principe Real,* Com-«mandante o primeiro Tenente *José da Trindade Carboni.* «As cartas devem ser lançadas no Correio até á meia noite do «dia 14.»

Lisboa 7 *de Setembro.* 1799.

«Com data de 29 de Julho de 1799 se affixou aqui hum «Edital, por onde o Principe Regente nosso Senhor, amplian-«do o Decreto de 14 de Setembro de 1798 pelas Resoluções «de nove de Fevereiro, e seis de Julho seguintes, dirigidas

«ao Tribunal Supremo da Real Junta do Commercio, foi ser-
«vido declarar, que a gratificação de hum e meio por cento
«concedida no mesmo Decreto ás Tripulações, que se defen-
«dessem valerosamente do inimigo, competisse a todos os na-
«vios mercantes ou armados, ou não armados em guerra, e
«não comboiados; com tanto que mostrassem no mesmo Tri-
«bunal ter havido ataque, e resistencia acompanhada de feliz
«successo: que para aquella gratificação contribuisse o valor
«da carga, e o do navio com o do massame, e fretes, avaliado
«tudo por Louvados da nomeação das partes, os quaes busca-
«rão o valor médio de todas estas cousas ao tempo de chegar
«o navio ao porto, depois do combate: devendo o Tribunal
«corrigir qualquer discordancia dos louvados, a fim de que as
«avaliações sejão sempre favoraveis ao commercio: ficando ou-
«trosi ao arbitrio do Tribunal estabelecer hum methodo sim-
«ples para a arrecadação, e repartição da contribuição por
«meio d'hum Magistrado intelligente, e activo na execução
«das Reaes Ordens; e que a distribuição do premio seja em
«proporção com os salarios das equipagens; e devendo suc-
«ceder nella o herdeiro ou herdeiros de qualquer dos comba-
«tentes que morrer.»

«Lisboa 1.º *d'Outubro.* 1799.

«A 21 do mez passado entrárão neste porto a náo de guer-
«ra a *Meduza,* a fragata de guerra a *Amazona,* trazendo de-
«baixo da sua escolta o Comboio do *Rio de Janeiro,* composto
«de 30 embarcações carregadas de diversos generos coloniaes.

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se faz
«público, que os Correios Maritimos hão de partir no dia 10
«do corrente mez; a saber: para os portos da *Bahia,* e *Rio de
«Janeiro* o Correio Maritimo *Gavião,* Commandante o 2.º Te-
«nente *Joaquim Gomes da Rócha;* e para os de *Pernambu-
«co, Paraiba, Maranhão* e *Pará* o Correio Maritimo *Vigilan-
«te,* Commandante o 2.º Tenente *José Rodrigues de Oliveira
«Tezo.* Quem por elles quizer escrever, fará lançar as suas
«cartas no Correio até á meia noute do dia 9.»

«Lisboa 1.º *de Novembro*. 1799.

«Com data de 11 do mez passado se publicou huma Deter-«minação do Principe Regente N. S. pela qual, havendo em «Resolução de 18 do mez precedente, dada em Consulta da «sua Real Junta da Fazenda da Marinha, ordenado as provi-«dencias convenientes para que nem no Arsenal della, nem «aos navios dos Particulares faltem os officiaes de carpinteiro «e calafate, manda S. A. R. que nenhum official de carpinteiro «de machado e calafate, principalmente dos que á custa da sua «Real Fazenda forão ensinados, e matriculados no Arsenal, «possa trabalhar em obras, ou embarcações particulares, sem «licença da Intendencia da Marinha; e o que sem ella for acha-«do a trabalhar, será conduzido á Cadeia do Arsenal, gratifi-«cando-se o Official de Justiça conductor com 800 réis pela «primeira vez, com 1200 reis pela segunda, e com 1600 reis «pela terceira; tendo-se proporcionalmente attenção com os «que vierem de fóra do Termo desta Cidade á custa dos «conduzidos, a quem se fará o desconto no jornal, que debaixo «de prizão devem ganhar: que o Proprietario, que acceitar «nas suas obras de mar e terra taes officiaes sem a referida «licença, pagará executivamente 20$ reis pelo primeiro lapso, «30$ reis pela segundo, e 40$ reis pelo terceiro com 6 mezes «de Cadeia; e pela reincidente contumacia se dará conta a S. «A. R. para se augmentarem as penas condicionaes: que no «ultimo dia de cada mez regulará o mesmo tribunal o nume-«ro dos sobreditos operarios, que deverão empregarse no Ar-«senal pelo seguinte mez, concedendo-se licenças aos rema-«nescentes por hum mez para livremente trabalharem fóra «delle; e que quem quizer aprender os referidos officios, re-«quererá na Intendencia, ficando os pais, tutores ou parentes «dos aprendizes obrigados a concorrer, para que estes com-«pletem o tempo aprazado, sem que por isso se perceba emo-«lumento algum.»

«Lisboa 26 *de Novembro*. 1799.

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se faz

«público que estão destinados a partir a 12 de Dezembro pro-
«ximo para a *Bahia*, e *Rio de Janeiro* o Correio Maritimo *Pos-
«tilhão da America*, Commandante o primeiro Tenente *Rufi-
«no Peres Baptista:* e para *Pernambuco, Paraiba, Mara-
«nhão*, e *Pará* o Correio Maritimo *Santo Antonio Olinda*,
«Commandante o segundo Tenente *Joaquim Manoel Mendes.*
«Quem por elles quizer escrever, fará lançar as suas cartas
«no Correio até á meia noite do dia 11.»

«Lisboa 3 *de Dezembro*. 1799.

«Ao Conselho do Almirantado baixou hum Decreto, em data
«de 5 de Novembro de 1799, pelo qual, como fosse presente
«ao Principe Regente N. S. haverem algumas pessoas perten-
«dido obter Revistas ordinarias das Decisões daquelle Conse-
«lho nas Causas de sua competencia; e sendo ao mesmo passo
«certo que a Ordenação do Livro 3.°, tit. 95, o Regimento do
«Desembargo do Paço, e a Carta de Lei de 1768, só havendo
«nullidade manifesta, ou notoria injustiça, admittem hum si-
«milhante recurso das Sentenças proferidas nas Relações do
«Reino, o que não deve extenderse aos outros Tribunaes su-
«premos, qual he o referido Conselho pelo Alvará da sua crea-
«ção; sem que possão servir de exemplo em contrario as pou-
«cas Revistas, que por meio extraordinaria, e por Graça espe-
«cialissima se tem permittido de algumas Decisões dos mes-
«mos Tribnnaes; nem tão pouco deve authorisar aquella per-
«tenção o costume de algumas Nações da *Europa*, onde as se-
«gundas Supplicações ou Revistas são frequentes, pois que
«neste Reino se julgão tão exorbitantes e odiosas, que só po-
«dem impetrar-se por Graça especial: foi S. A. R. servido or-
«denar (á maneira do que se acha resolvido a respeito do Des-
«embargo do Paço, e outros Tribunaes supremos) que das Sen-
«tenças e Decisões do Conselho do Almirantado se não conce-
«dão Revistas ordinarias; ficando ao seu Real Arbitrio o per-
«mittir-lhe por Graça especialissima, quando o julgar conve-
«niente, e conforme á indefectivel Justiça, que costuma pra-
«ticar.»

«Lisboa 13 *de Dezembro*. 1799.

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se faz «público que os Correios Maritimos, que estavão destinados a «partir hontem para os Portos de *America*, ficam demorados «até 10 dias depois da sahida do Comboio.»

«Lisboa 3 *de Janeiro*. 1800.

«Pela Administração do Correio Maritimo desta Corte se faz «público, que a 6 do corrente mez está destinada a sahir para «as Ilhas dos *Açores* a Fragata da Marinha Real *Fenis*, Com«mandante o Capitão de Fragata *Candido José de Sequeira*. «Quem por ella quizer escrever para os ditos portos, fará lan«çar as suas cartas no Correio até á meia noite do dia 5.» (1)

«Num. 3. Gazeta de Lisboa. Terça feira 21 de Janeiro de «1800.

«Lisboa 21 *de Janeiro*.

«Com data de 8 do corrente fez público o Conselho do Al«mirantado que o Principe Regente N. S. attendendo á Pro«posta, que o mesmo Conselho poz em Consulta na sua Real «Presença, foi servido resolver em 11 de Dezembro de 1779, «que se alterassem os Estatutos da Academia dos Guardas Ma«rinhas nos Artigos v., e xvi. da Admissão, e Promoção dos «Discipulos, mandando que se observe de hoje em diante o «seguinte: *Primo:* Que o Curso Mathematico seja o mesmo, «e as suas materias divididas pelos annos em que se achão es«tabelecidas na Real Academia da Marinha. *Secundo:* Que o «anno de embarque, que os Guardas Marinhas érão obrigados «a fazer no fim do Curso do primeiro anno, passando logo de «Aspirantes a Guardas Marinha, seja transferido para o faze«rem findo todo o Curso Mathematico, e não devendo ser pro«movidos a Segundos Tenentes, sem terem satisfeito os em-

(1) Esta Fragata, e o seu Commandante são, navio e official dos quaes se tratou a pag. 51 do Tom. 1.º no Artigo VIII sob a denominação *Typo Portuguez*, e foi neste cruzeiro que aconteceo aquelle caso.

«barques, e satisfazerem ás mais condições, que Sua Alteza «Real foi servido impôr aos Voluntarios da Real Academia da «Marinha, pelo seu Alvará de 20 de Maio de 1796.»

«Num. 5. Gazeta de Lisboa. Terça feira 4 de Fevereiro «de 1800.

«Lisboa 4 *de Fevereiro.*

«Ao Conselho do Almirantado baixou hum Decreto, em data «de 14 de Dezembro de 1799, pelo qual o Principe Regente «N. S., attendendo ao grande numero de Discipulos, que con«correm a matricular-se no primeiro anno do Curso Mathe«matico da Academia Real da Marinha, para a instrucção dos «quaes não póde ser sufficiente hum só Lente, foi servido de«terminar, que em todos os annos, que concorrer hum grande «número, se congrerem todos os Lentes da dita Academia, «e regulem pelo modo mais conveniente a separação dos Dis«cipulos em duas Classes, ficando a primeira a cargo do Lente «Proprietario, e a segunda do Substituto, a quem pertencer «por seu turno; e ao qual por este assiduo trabalho, deter«mina se iguale o Ordenado com o do referido Proprietario «naquelle anno sómente, em que reger Cadeira. E attendendo «outrosim a que muitos destes Discipulos, ou por falta de ca«pacidade, ou da necessaria applicação, perdem o tempo na «Academia sem fructo, que podem tirar de outras applica«ções, foi o mesmo Senhor igualmente servido ordenar, que «logo que no primeiro anno se findar a explicação de Arithe«metica, se examinem todos os Discipulos pelo Lente Proprie«tario, e por dous Substitutos, que estiverem sem exercicio «fazendo-se estes exames de maneira, que se não interrompa «o curso das Lições; e todos os que forem reprovados, e os «que sem justa causa não concorrerem ao exame no dia que «lhes for assignado, serão irremissivelmente excluidos da «Academia, e não poderão mais frequentar a Aula do pri«meiro anno até ao novo Curso, ou concorrer a qualquer das «outras, para evitar a perturbação, que nellas necessaria«mente causão ouvintes, que não podem entender, nem apro-

«veitar-se do que se explica: ficando a cargo dos respectivos
«Lentes o darem por escrito ao Intendente Geral da Policia
«os nomes dos que se oppuzerem a esta Disposição para se-
«rem reputados por vadios.»

«Lisboa 14 *de Novembro.* 1800.

«Ao Conselho do Almirantado baixou hum Decreto em data
«de 27 de Setembro de 1800, pelo qual o Principe Regente
«N. S., attendendo a huma Informação, que em data de 16 do
«mesmo mez fizérão subir á sua Real Presença os Lentes da
«Academia Real da Marinha sobre os notorios abusos e rela-
«xações, que insensivelmente se havião introduzido na disci-
«plina e ordem das respectivas Aulas, por causa do conside-
«ravel numero de discipulos, que alli concorrem agora; e que-
«rendo atalhar taes abusos, foi servido determinar: 1.º que os
«Estudantes, que sem justa causa fizerem 20 faltas, e faltarem
«a duas Sabbatinas, percão o anno: 2.º que a justificação das
«faltas se faça logo no primeiro dia em que o Estudante voltar
«á Aula, apresentando ao seu Lente Certidão jurada, pela qual
«se prove o justo motivo, que para isso teve; e não o cumprindo
«assim, as faltas, que tiver feito, se reputarāō sem causa: 3.º
«que todos os Estudantes, que perderem o anno lectivo, serão
«publicamente avisados pelo seu respectivo Lente, para não
«continuarem mais a frequentar a Aula, com a pena determi-
«nada no Decreto de 14 de Dezembro de 1799. Attendendo
«o mesmo Senhor ás boas qualidades, e prestimo, com que o
«tem servido no lugar de Secretario da sobredita Real Acade-
«mia *José Lucio Correa de Sousa,* segundo a Informação que
«a seu respeito lhe derão os mesmos Lentes, determina que
«se alterem na maneira seguinte os tenues emolumentos, que
«até agora percebia, com a condição de se não fazer dispen-
«dio algum da sua Real Fazenda: por cada Matricula, Infor-
«mação, Certidão ou Attestação de frequencia, levará 480
«reis: pela busca dos *Livros* pertencentes a cada anno, 180
«reis: por cada Carta de Approvação no 3.º anno, sendo o
«Curso completo, 2400 reis; e sendo Carta de 3.º anno do

«Curso do Pilotos, 1600 reis. E attendendo tambem S. A. R.
«ao augmento de trabalho, que tem o Porteiro da mesma Real
«Academia *José Pereira de Miranda,* por se abrirem as Aulas
«de manhã e de tarde, ordena que da data deste Decreto em
«diante, haja de ter por dia 480 reis; muito principalmente
«por se achar incapaz de servir o seu actual companheiro.»

«Lisboa 22 *de Novembro.* 1800.

«Na Sociedade Real Maritima se hão de conferir por todo
«o mez de Dezembro os Premios annuaes de 200$000 reis,
«estabelecidos pelo Alvará de 30 de Junho de 1798. Quem
«houver de concorrer aos ditos Premios, deve apresentar as
«suas Memorias, ou Roteiros na Secretaria da mesma Socie-
«dade neste mez de Novembro.

«Lisboa 26 *de Dezembro.* 1800.

«Ao Conselho do Almirantado baixou hum Decreto, em
«data de 13 de Novembro de 1800, por onde, sendo pre-
«sente a S. A. R. a perplexidade, e dúvidas excitadas sobre
«o gráo de nobreza necessaria para qualquer Candidato ser
«admittido a Aspirante Guarda Marinha, como tambem a ne-
«cessidade de estabelecer hum methodo fixo para regular o
«systema a este respeito, e a ordem que se deve seguir para
«o futuro nas Propostas dos Officiaes do Corpo da Marinha,
«manda que se observem inalteravelmente as seguintes dis-
«posições:

«Que daqui em diante ninguem será admittido a Guarda-
«Marinha, sem ter o Foro de Fidalgo, por seu pai, ou mãi,
«devendo além disso provar que seus pais vivêrão á Lei da
«Nobreza: que ninguem poderá para o futuro pertender ser
«Official da Marinha se não os Guardas-Marinhas que tiverem
«acabado os seus estudos e feito os seus embarques; os Dis-
«cipulos da Academia da Marinha, que houverem vencido Pre-
«mios e Partidos em todos os annos do seu Curso, e houverem
«embarcado como Voluntarios, e feito o curso de Construcção,
«Apparelho, Manobra, Tactica-Naval e Artilheria, os quaes, de-

«pois de acabarem o seu Curso na Academia de Marinha, po-
«derão ser admittidos como Guardas-Marinhas Extraordina-
«rios: os Primeiros Pilotos, que tiverem como taes 5 annos
«de exercicio; os Engenheiros-Constructores, que houverem
«acabado os seus estudos, e os Voluntarios actualmente em-
«pregados: que daqui em diante em cada Proposta, que o
«Conselho do Almirantado fizer subir á presença de S. A. R.
«para Promoção de Officiaes da Marinha, as tres quartas par-
«tes das propostas em cada Posto, o sejão pela antiguidade,
«rigorosamente observada, e huma quarta parte o seja só
«pelo merecimento, expondo o Conselho as causas, por que
«são propostos os mesmos Officiaes com huma tão particular
«consideração: e finalmente que, sendo indispensavel que em
«tempo de paz se exercitem os Guardas-Marinhas e Volunta-
«rios para esse fim, em todos os annos de paz, se prepare,
«durante os mezes de ferias, huma Curveta, onde embarquem,
«não só os Guardas-Marinhas e Voluntarios, mas ainda os que
«o Commandante da Companhia destinar para se irem provar
«nos Exercicios do Mar, praticando-se a bordo da mesma Cur-
«veta o mais rigoroso serviço.»

«Lisboa 27 *de Dezembro*. 1800.

«Pela Administração do Correio Maritimo se faz publico,
«que para os principios do mez que vem se destinão a partir,
«dando comboio a todos os navios que se apromptarem, a náo
«*D. João de Castro,* Commandante o Chefe de Divisão *Ma-*
«*theus Pereira de Campos;* e o brigue *Voador,* Commandante
«o primeiro Tenente *D. João Manoel,* para os Portos da *Bahia,*
«e *Rio de Janeiro;* e para o de *Pernambuco* a Charrua *S. João*
«*Magnanimo,* Commandante o primeiro Tenente *José dos*
«*Santos Lopes.* A 4 do dito mez sahirá para o Porto de *Ma-*
«*cáo* com escala pelo *Rio de Janeiro* o navio *Constança,* Com-
«mandante o primeiro Tenente *Francisco José da Victoria.*
«Em conserva do navio *Senhora do Rosario Modesta* hão de
«sahir a 6 do dito para o *Rio de Janeiro* os navios *Lapa,* Ca-
«pitão *Manoel Fernandes Bitancourt,* e *Anna do Rio,* Capitão

«*Martinho José dos Santos;* e a 15 dito para o mesmo Porto «armados em guerra a náo *D. Rodrigo de Sousa,* Capitão *João* «*Gualdino Pontes,* e o navio *Ulisses,* Capitão *Joaquim Fer-* «*reira.* As cartas serão lançadas no Correio até á meia noite «da vespera das partidas.»

«Supplemento á Gazetta de Lisboa Numero II. Sesta feira «16 de Janeiro de 1801.

«Lisboa 16 *de Janeiro.*

«*Provimentos Militares para a Armada Real.* (1)

«Por Decreto de 5 de Novembro de 1800, attendendo o «Principe Regente N. S. ao valor com que se houve o Com- «mandante, Officiaes e Tripulação do bergantim *Minerva* no «combate que tiverão com huma fragata *Franceza* de 30 pe- «ças por espaço de 3 horas e meia, foi servido promover a «Capitão de Fragata, o Primeiro Tenente, Commandante do «dito bergantim, *Luiz da Cunha Moreira:* a Primeiro Te- «nente, o Segundo Tenente *José Bernardo de Lacerda;* e a «Segundo Tenente, com obrigação de completar os seus Es- «tudos, o Voluntario *José Antonio Caminha.* O Piloto do mes- «mo bergantim, *Sebastião José Baptista,* foi promovido a Pri- «meiro Official Piloto d'Armada Real, com licença por hum «anno, com vencimento de soldo e tempo, para embarcar em «navios da Praça. Ao Capellão, Commissario e Escrivão do «mesmo bergantim, concedeo S. A. R. a gratificação de 4 me- «zes de soldo: a todas as pessoas da sua equipagem, que ficá- «rão feridas no combate, 4 mezes de soldo; e a todas as mais «pessoas da mesma equipagem 2 mezes de soldo.»

(1) Ainda que os Decretos relativos aos combates dos navios *Minerva* e *Cleopatra* já fossem publicados por extracto no Primeiro Tomo dos Quadros Navaes, no Folhetim os *Sonhos,* pareceo-nos conveniente dal-os aqui na sua integra, tanto por entrarem com os mais documentos comprovativos do *Favor á Marinha* na sua ordem chronologica, como para se apreciarem bem os fundamentos e justiça desse merecido favor.

«*Por Decreto de 12 dito.*

«Segundo Tenente, em attenção aos grandes serviços, que «tem feito, como pratico da navegação das costas do *Brasil*, «em especial nas visinhanças do *Pará, Francisco Soares Viei-«ra*, Primeiro Official Piloto da Armada Real.»

«Por Decreto de 3 de Dezembro dito, attendendo S. A. R. «ao valor com que se houve o Commandante, Officiaes e Tri-«pulação do navio *Cleopatra* no combate que tivérão com hum «corsario *Francez* por mais de 2 horas, até que o puzérão «em fugida, foi servida promover a Capitão Tenente o Com-«mandante do dito navio *José Severiano Moreira*, Capitão Te-«nente Honorario: a Primeiro Tenente o Piloto *Manoel João «Pereira*, Primeiro Tenente Honorario; e a Segundo Tenente «do Regimento d'Artilheria de *Pernambuco* a *Francisco de «Paula da Silva*, Sargento do extincto Regimento d'Artilhe-«ria da Marinha. O Praticante de Piloto do mesmo navio *João «Paulo* foi promovido a Aspirante de Piloto d'Armada Real: «o Contra-Mestre *Manoel José Rodrigues*, a Mestre do N.º «d'Armada Real, ou Extraordinario, se estiver completo o «N.º: o marinheiro *João Francisco*, a Guardião do N.º d'Ar-«mada Real, ou Extraordinario dito; e as demais pessoas da «marinhagem forão dispensadas de servir nos navios da Ar-«mada Real por 6 annos.»

«*Sesta feira* 6 *de Fevereiro de* 1801.

«*Avisos.*

«Pela Administração do Correio Maritimo se faz publico, «que no 1.º do mez que vem sahirá para a *Bahia* e *Rio de «Janeiro* o Correio Maritimo *Postilhão d'America*, Comman-«dante o Primeiro Tenente *André Jacob*; e para *Pernambuco, «Paraiba, Maranhão* e *Pará* o Correio Maritimo *Santo An-«tonio Olinda*, Commandante o segundo Tenente *Joaquim «Manoel Mendes*. As Cartas serão lançadas no Correio até á «meia noite da vespera das suas partidas.»

«Lisboa 20 *de Fevereiro*. 1801.

«O Principe Regente N. S., tendo-se conformado com o pa-«recer do Conselho do Almirantado, que subio á sua Real Pre-«sença, foi servido, em Resolução de 19 de Dezembro de 1800, «ampliar o Decreto de 13 de Novembro precedente, sobre as «qualidades necessarias para entrar no Corpo da Armada Real, «determinando que sejão tambem admittidos por Aspirantes «Guardas-Marinhas os filhos de Chefes de Divisão e de Briga-«deiros, como tambem os de Capitães de Mar e Guerra, e de «Coroneis.»

«N.º 20. Gazeta de Lisboa. Terça feira 19 de Maio de 1801.

«*Aviso.*

«Pela Administração do Correio Maritimo se faz publico, «que no dia 3 de Junho do presente anno partirá para o Porto «do *Rio de Janeiro* e *Bahia* o Correio Maritimo *Gavião*, Com-«mandante o primeiro Tenente *Joaquim Gomes da Rocha;* e «para os Portos de *Pernambuco, Paraiba, Maranhão* e *Pará* «o Correio Maritimo *Paquete Real*, Commandante *José Joa-«quim Pereira*. As Cartas serão lançadas no Correio até á «meia noite da vespera da sua partida.»

«Lisboa 7 *de Julho*. 1801.

«Por Decreto de 19 de Junho de 1801 foi o Principe Re-«gente N. S. servido nomear os Lentes seguintes:

«*Para a Real Academia da Marinha.*

«Lente da Cadeira de Cálculo e Foronomia, que exerceo «*Francisco de Borja Garção Stockeler*, o Capitão Tenente da «Armada Real *Francisco de Paula Travassos*, Lente Substi-«tuto e Extraordinario das duas Reaes Academias com o com-«petente ordenado.

«Lente Substituto da Cadeira d'Arithmetica, substituida por «*João Manoel d'Abreu*, o Segundo Tenente d'Armada Real «*Francisco Villela Barbosa*, com o competente ordenado.

«Lente Substituto da Cadeira de Cálculo e Foronomia, sub-«stituida por *Manoel Jacinto Nogueira,* o Segundo Tenente «d'Armada Real *Francisco Simões Marjiochi,* com o compe-«tente ordenado.

*«Para a Real Academia de Guardas Marinhas.*

«Lente Substituto da Cadeira, Substituida por *Manoel Pedro «de Mello,* o Primeiro Tenente d'Armada Real, *Antonio Cae-«tano Sequeira Serio,* com o competente ordenado.

«Lente Substituto da Cadeira, substituida por *Tristão Alva-«res da Costa, Manoel Ferreira d'Araujo Guimarães,* actual-«mente empregado no Observatorio Real da Marinha, com o «competente ordenado.

«Lisboa 21 *de Julho.* 1801.

«Pela Administração do Correio Maritimo se faz publico, «que a 8 do mez que vem sahirá para o Porto da *Bahia* e *Rio «de Janeiro* o Correio Maritimo *Espadarte,* Commandante o «Primeiro Tenente *João Pinto Rio;* e para os Portos de *Per-«nambuco, Paraiba, Maranhão* e *Pará* o Correio Maritimo *Vi-«gilante,* Commandante o Primeiro Tenente *Francisco Igna-«cio Ferreira Nobre.* As cartas serão lançadas no Correio até «á meia noite dos dias antecedentes.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXII.

«Sabbado 15 de Agosto de 1801.

«Lisboa 15 *d'Agosto.*

*«Provimentos Militares para a Armada Real.*

*«Por Decreto de 12 de Julho de 1801.*

«Almirante effectivo, *Bernardo Ramires Esquivel,* Al-«mirante Graduado.

*«Por Decreto de 6 d'Agosto dito.*

«Vice-Almirantes effectivos: *Antonio Januario do Valle. «Pedro de Mendonça de Moura.* Vice-Almirantes Gradua-

«dos: *Antonio José d'Oliveira. Pedro de Maris de Sousa* «*Sarmento,* Chefes de Esquadra.

«*Por Decreto de 3 de Junho de 1801.*

«Cirurgião Mór da Armada Real, *Antonio José Martins da* «*Lomba,* Cirurgião do Hospital Real da Marinha.»

«Lisboa 22 *d'Agosto.* 1801.

«*Provimentos Militares para a Armada Real.*

«*Em Resolução de 15 de Maio de 1801.*

«Confirmado na Patente de Capitão de Mar e Guerra do Es-«tado da *India, João Vicente Roncosa.*

«*Em Resolução de 20 dito.*

«Graduado no Posto de Capitão Tenente, *Bonifacio Martins* «*d'Almeida,* Official Maior da Secretaria da Real Brigada da «Marinha.

«*Por Decreto de 19 de Junho dito.*

«Primeiro Tenente, *José Fortunato de Castro Rio e Men-*«*donça,* Segundo Tenente.

«Segundo Tenente, *Antonio Maria Furtado de Castro Rio e* «*Mendonça,* Alferes do Regimento de Cavallaria de *Alcantara.*

«*Por Decreto de 27 de Julho dito.*

«Lente Substituto da Real Academia dos Guardas Marinhas, «o Bacharel *José Joaquim Pereira.*»

«*Em Resolução de 12 d'Agosto dito.*

«Segundos Tenentes, os Guardas Marinhas: *Joaquim de Sou-*«*sa Pereira Pato. Gaspar Placido de Passos. Antonio Ber-*«*nardino Pereira do Lago.*

«Por Decreto de 12 dito foi o mesmo Senhor Servido fazer «mercê do Habito da Ordem de *Christo* a *Verissimo Maximo* «*d'Almeida,* Segundo Tenente da Armada Real.»

«Lisboa 1.º *de Maio.* 1802.

«Por Decreto de 30 de Março de 1802 foi o Principe Re-«gente N. S. servido crear o emprego de Cirurgião Mór da «Real Brigada da Marinha, e seis Cirurgiões Ajudantes da «mesma Real Brigada, que serão propostos pelo Cirurgião «Mór ao Chefe do referido Corpo, para este os nomear, ven-«cendo de soldo por mez, o Cirurgião Mór 15$ reis, e cada «hum dos Cirurgiões Ajudantes 10$ reis; e nomeou para o «dito emprego de Cirurgião *Antonio José Martins da Lomba*, «Cirurgião Mór da Armada Real, que tambem o fica exercen-«do; e ao dito Cirurgião Mór d'Armada Real, foi S. A. R. ser-«vido, em Resolução de Consulta de 20 do mesmo mez, con-«ceder a graduação de Primeiro Tenente.

«Por Decreto de 15 d'Abril dito foi o Principe Regente N. S. «servido, por justos motivos, que lhe forão presentes, perdoar «a *Jorge Tompson*, restituindo-o ao Posto de Capitão de Fra-«gata, com a mesma antiguidade que tinha, discontando-se-«lhe sómente o tempo que esteve fóra do Real Serviço.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXX.
«Sabbado 31 de Julho de 1802.
«Lisboa 31 *de Julho.*

«*Provimentos Militares para a Armada Real.*

«*Por Decretos de* 19 *de Junho de* 1802.

«Segundo Tenente, *João dos Santos d'Oliveira*, em attenção «ao valor com que se defendeo na corveta *S. João*, de que éra «Piloto. (1)

(1) Não achámos noticia alguma do combate d'esta curveta *S. João*, no qual o seu piloto se distinguio e *defendeo* valerosamente, como diz o Decreto da sua promoção a Tenente. Mas, éra este o uso de então, occultando-se de ordinario a narração de factos gloriosos para a Marinha e para o Paiz, de que hoje se poderiam tirar proveitosos argumentos. No entretanto basta-nos para as paginas desta Epopeia, a publicação do Decreto que promoveo o Piloto João dos Santos d'Oliveira a Tenente, pelo valor com que se defendeo na curveta *S. João*. Foi acto de valor, que o recommendou, e tanto basta.

«Segundo Tenente, aggregado á Brigada Real da Marinha, «*Antonio José Claudino Pimentel*, Cadete do extincto Regi- «mento d'Artilheria da Marinha.

«*Por Decretos de 24 dito.*

«Capitão Tenente, *Antonio Ramos de Queirós*, Sargento «Mór de Milicias.

«Segundo Tenente da Segunda Divisão da Brigada Real da «Marinha, *Antonio Janella*, Porta Bandeira.»

«Lisboa 28 *de Setembro*. 1802.

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo d'esta Corte «se faz público, que a 10 do mez d'Outubro, partirão para a «*Bahia*, e *Rio de Janeiro* o Correio Maritimo *Vigilante*, Com- «mandante o 1.º Tenente *Joaquim Ignacio Lobo;* para o *Ma-* «*ranhão, Pernambuco*, e *Pará* o Correio Maritimo *Paquete* «*Real*, Commandante o 2.º Tenente *Paulo José Miguel*.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLVI.

«Sabbado 20 de Novembro de 1802.

«Lisboa 20 *de Novembro*.

«*Augmento de soldos na Marinha por Decreto de 14 de Novembro de 1802.*

| | | Soldos | |
|---|---|---|---|
| | | Que vencião actualmente | Que hão de vencer daqui em diante |
| «Capitães de Fragata que vencião | em Terra por mez. | 24$000 réis. | 28$000 rs. |
| | no Mar dito...... | 36$000 | 40$000 |
| «Capitães Tenentes.. | em Terra dito.... | 20$000 | 26$000 |
| | no Mar dito...... | 30$000 | 38$000 |
| «Primeiros Tenentes. | em Terra dito.... | 10$000 | 14$000 |
| | no Mar dito...... | 15$000 | 20$000 |
| «Segundos Tenentes. | em Terra........ | 8$000 | 10$000 |
| | no Mar......... | 12$000 | 15$000 |

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero L.

«Sabbado 18 de Dezembro de 1802.

«Lisboa 18 *de Dezembro*.

«O Principe Regente N. S., por effeito da sua Real Piedade,

«e benigna attenção com que promove o bem dos seus Vassal-
«los, houve por bem, por sua Real Resolução de 30 d'Outubro
«deste anno, tomada em Consulta do Conselho da Fazenda,
«eximir a Corporação Maritima da Casa do *Espirito Santo*
«da Villa de *Cezimbra* de pagar os vinte por cento, que até
«agora pagava de todo o peixe escalado, secco, ou empilhado,
«que conduzir aos Portos desta Cidade; assim e da mesma ma-
«neira, que foi concedido aos Pescadores do Reino do *Algarve*
«pelo Alvará de 15 de Janeiro de 1773.»

«Segundo Supplemento á Gazeta Numero x. Sabbado 12
«de Março de 1803.

«Lisboa 12 *de Março.*

«Alvará de 4 de Fevereiro de 1803, pelo qual o Principe
«Regente N. S. houve por bem crear e estabelecer huma Es-
«cola de Praticos das Costas do *Maranhão* e *Pará* composta
«d'hum Director, hum Ajudante, e 12 Discipulos, devendo
«duas embarcações armadas á escuna destinarse para este fim
«no Porto da *Parnaiba,* por ser o mais commodo que se acha
«a barlavento daquellas Costas; ficando o Conselho do Almi-
«rantado incumbido de toda a inspecção desta Escola: e na
«conformidade da proposta do mesmo Conselho, foi S. A. R.
«tambem servido nomear para Director della o Capitão de
«Fragata *Manoel da Silva Thomaz,* e para seu Ajudante o se-
«gundo Tenente do Mar *José Joaquim Prereira,* pelos am-
«plos conhecimentos que tem daquellas Costas; vencendo am-
«bos, alem dos soldos e comedorias de embarcados, que cor-
«respondem ás suas Patentes, os soldos de 12$ reis cada hum
«por mez, como Praticos embarcados; e os 12 Discipulos (que
«deveráõ ter pelo menos o Curso de Mathematica, destinado
«para os Pilotos mercantes) venceráõ 8$000 reis por mez, e
«huma ração do purão. Outrosim ordena o mesmo Senhor
«que aos Discipulos, que se habilitarem por Praticos, tendo
«obtido Certidão do Director da Escola, se lhes passem pelo
«Consêlho do Almirantado suas Cartas, para poderem exer-
«citar a sua Arte como taes: e que daqui em diante os Prati-

«cos das Costas do *Maranhão* e *Pará,* que forem admittidos «ao serviço da Marinha Real (cujo numero será de 12) venção «em terra 6$ reis por mez, e 12$ reis embarcados, quando «com effeito tiverem exercicio de Praticos.»

«Lisboa 19 *de Março.* 1803.

«Por decreto de 19 de Março de 1803, tomando o Principe «Regente N. S. em consideração as representações, que se lhe «fizérão sobre a validade e invalidade de differentes Prezas, «que entrárão em diversos Portos destes Reinos, assim du- «rante a Neutralidade, como no tempo da Guerra felizmente «terminada; e querendo remover as delongas e outros incon- «venientes, que resultão de similhantes recursos extraordi- «narios, foi servida ordenar que no Tribunal do Conselho do «Almirantado se decidão summariamente todas as controver- «sias e discussões sobre Prezas, ficando salvo o direito dos li- «tigantes para huma discussão ordinaria, instaurada perante o «mesmo Tribunal, caso se não conformem, em que as suas «reclamações se ventilem summariamente.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XVI «de Sabbado 23 d'Abril de 1803.

«Alvará de 26 de Março de 1803, pelo qual o Principe Re- «gente N. S. foi servido mandar crear uma Junta de Justiça «na Cidade do *Nome de Deos de Macáo,* na *China,* para se «sentenciarem todas as Causas crimes de réos militares ou «paizanos, sem necessidade de recurso a *Goa,* menos no caso «especifico de se dever impôr a pena capital.»

«Lisboa 4 *de Maio.*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte «se faz público, que sahirá para o *Rio de Janeiro* e *Santos* a «charrua *S. João Magnanimo,* Commandante o Segundo Te- «nente *Guilherme da Silva Garso:* Para o *Maranhão* e *Pará* «os hiates *S. Martinho,* Commandante o Segundo Tenente «*José Joaquim Pereira,* e *N. Senhora do Livramento.* Com-

«mandante *Manoel da Silva Thomaz:* e a 15 de Junho, para «o Maranhão, o navio *Jorge Melhores Amigos,* Capitão *Fran-«cisco Jacques Caldeira.* As Cartas serão lançadas no Correio «até á meia noite dos dias antecedentes.»

«Lisboa 3 *de Setembro.* 1803.

«*Provimentos Militares.*

«*Por Decretos de* 8 *d'Agosto de* 1803.

«Cirurgião Mór da Armada Real, com a permissão de usar «do Uniforme de Capitão de Fragata, concedida aos Medicos «da mesma Armada, *Theodoro Ferreira d'Aguiar,* Primeiro «Cirurgião do Hospital Real da Marinha.

«Cirurgião Mór da Brigada Real da Marinha *Jeronymo Al-«vares de Moura.* Ajudante do mesmo lugar, vago por falle-«cimento de *Antonio José Martins de Lomba.*

«*Por Decreto de* 16 *dito.*

«Primeiro Tenente da Brigada Real da Marinha, com exer-«cicio d'Ajudante d'Ordens do Inspector Commandante da «mesma Brigada, *Antonio Genelle,* 2.º Tenente da 2.ª Divisão «da referida Brigada.»

«Num. 16. Gazeta de Lisboa. Terça feira 17 d'Abril de «1804.

«Lisboa 17 *d'Abril.*

«Tendo o Principe Regente N. S. mandado crear, por De-«creto de 21 de Março de 1802, huma Junta, denominada do «*Codigo Penal Militar,* composta de Officiaes Generaes e ou-«tros Officiaes Militares, e diversos Jurisconsultos, á qual foi «o mesmo Senhor servido confiar e incumbir a organisação de «hum Codigo penal Militar, adoptavel para todo o seu Real «Exercito, incumbindo-a outrosim do exame do estado actual «das Caudelarias do Reino; foi S. A. R. servido, por outro De-«creto de 23 de Fevereiro de 1804, ampliar o da creação da «referida Junta, encarregando-a da organisação de hum Co-

«digo Criminal Militar de Marinha, em que se fixem as preci-
«sas e impreteriveis normas, que devem servir de base aos
«Processos, que se houverem de fazer a bordo das suas em-
«cações de guerra, armadas á véla, ou em os portos estran-
«geiros, ou nos das Colonias *Portuguezas;* e nomeou para
«Vogaes da mesma Junta ao Vice-Almirante *Pedro de Men-*
«*donça e Moura,* ao Capitão de Mar e Guerra *Ignacio da Cos-*
«*ta Quintella,* e ao Desembargador *José Antonio de Oliveira*
«*Leite de Barros.* E achando-se vago o lugar de Presidente
«da referida Junta por fallecimento do Tenente General Barão
«de *Castello Novo,* foi S. A. R. servido, por Decreto de 8 de
«Março de 1804, tomando em consideração a importancia dos
«objectos que houve por bem encarregar-lhe, querendo pro-
«mover a conclusão dos uteis trabalhos em que os Vogaes da
«mesma Junta tem perfeitamente correspondido ao conceito
«que delles fez, quando se dignou de nomeallos, e sendo-lhe
«presente o zelo, eficazes desejos, e desvélo com que o tem
«servido o Marquez de *Angeja,* dos seus Conselhos d'Estado e
«Guerra, e Tenente General dos seus Exercitos, houve por
«bem de o nomear para Presidente da mesma Junta.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXI. Sesta
«feira 3 de Agosto de 1804.

«Lisboa 3 *d'Agosto.*

«O Principe Regente N. S. foi servido expedir o Decreto
«seguinte:

«Tomando em consideração as informações a que Mandei
«proceder por Magistrados inteiros, e dignos da Minha Real
«Confiança sobre o Processo e Sentença do Conselho de Justiça
«do Almirantado, com toda a rectidão proferida contra os Offi-
«ciaes da Guarnição da Fragata *Fenix,* em consequencia do
«crime que se lhes formou, e provou de insubordinação: Co-
«nhecendo pelas mencionadas informações que o zelo indiscreto
«fora o unico e originario motivo daquella desordem; e con-
«stando-me outrosim, por outras vias, igualmente para mim
«muito attendiveis, o merecimento e serviços anteriores de al-

«guns dos referidos Officiaes: Hei por bem, fazendo uso da «Minha Real Clemencia, de lhes perdoar as penas a que forão «condemnados: E ordeno que todos elles sejão reintegrados «nos mesmos postos, que antes tinhão, para continuarem a «empregar-se no Meu Real Serviço: O Conselho do Almiran- «tado o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio de *Qué- «luz* em 6 de Julho de 1804.»

*Com a Rubríca do Principe Regente N. S.*»

«Lisboa 24 *d'Agosto.* 1804.

«*Avisos*

«Imprimio-se o Regimento de Signaes para os Telegraphos «da Marinha, feito por ordem de S. A. R. Deste Regimento se «principiou a fazer uso no 1.° de Janeiro do presente anno: «agora porém, por occasião da impressão, se lhe fizerão mui- «tas addições; e conservando-se sem variação alguma o sys- «tema de distinctivos, adoptado tanto para os navios de guer- «ra, como para os mercantes, fizerão-se-lhe todas as mudanças «que a experiencia mostrou serem necessarias. Por tanto ad- «verte-se, que as cópias manuscriptas, tiradas antes da impres- «são, não devem servir de governo desde o dia em que se prin- «cipiarem a transmittir os annuncios pelo Regimento impresso, «o que será para o mez de Setembro proximo, e se fará pú- «blico por meio do signal (5), que ficará içado por todo o dia «no Telegrafo do Castello de *S. Jorge de Lisboa.*» [1]

Na Gazeta de Lisboa numero 47 de 20 de Novembro de 1804, por occasião do contagio que appareceo em Malaga, e providencias que se tomaram a esse respeito, foi huma dellas:

[1] Por este *Aviso* póde avaliarse a maneira porque então se dava publicidade aos actos officiaes. Havia hum Telegrafo de signaes maritimos (público ao que paréce), alterouse a sua numeração, ou significação de bandeiras, e apenas o mesmo Público tem disso conhecimento, pela venda do dito Regimento impresso! A ideia da publicidade apparéce, mas não se acata publicante o direito que a elle se tem.

«mandar transferir os prezos, que se achavão na *Trafaria*, pa-
«ra a náo *Belem.*»

Quer pois isto dizer que, ainda em Novembro daquelle anno de 1804, a mesma náo figurava no numero dos navios da nossa Armada, como já n'outra parte o dissemos, e que a vimos desmanchar em 1807 encostada á ponte da lama no sitio do Caes do Tojo, sem alquebrar ou fazer agoa. Venderam-na por ser pequena, mas éra hum navio lindo, e de optimas qualidades nauticas, segundo ouvimos a varios officiaes que nella embarcaram. Neste estaleiro se desmancharam igualmente, depois da restauração da Carta Constitucional, a Charrua *Magnanimo,* sem igualmente fazer agoa, ou estar alquebrada; a fragata *Diana* e a fragata *Duqueza de Bragança* que acabaram no mesmo sitio, sendo ambas da mesma idade, e tendo cahido ao mar com o mesmo nome de *Constituição,* huma em Lisboa, outra na Bahia. Quando se proclamaram os chamados *Innauferiveis,* chrismaram a *Constituição* de Lisboa em *Princeza Real,* e a *Constituição* da Bahia em *Diana*. Esta ultima acabou com este nome, porém a *Princeza Real* teve nova Chrisma, e chamaram-lhe então *Duqueza de Bragança,* quando foi tomada na acção do Cabo de S. Vicente pela esquadra libertadora, soffrendo a medida geral applicada aos navios ali aprehendidos, que todos mudaram de nome, começando pela náo *Rainha* que ficou sendo *Cabo de S. Vicente*, a fragata *Princeza Real, Duqueza de Bragança,* a curveta *Princeza Real*, curveta *Cacella,* etc. Mas estas consideraçoens occorreram, para demonstrar que dois navios novos, feitos de optimas madeiras, lançados ao mar em 1821, com o mesmo nome, e debaixo dos melhores auspicios para durarem eternidades, foram vendidos, e desmanchados no mesmo local, podendo ainda conservar-se se os tivessem fabricado opportunamente.

As Gazetas dos dois annos de 1805 e 1806, são desprovidas de interesse maritimo, por que apenas nos dão noticia da partida de algumas charruas, para receberem as malas do correio: não se annuncia a entrada ou sahida de vasos de guerra, de-

vendo porém ser activo o movimento da esquadra. Nem os cruzeiros do Estreito, nem as guardas costas, nem os comboyos se mencionam, quando ao mesmo tempo se manda augmentar a contribuição de 2 por cento a 3 para as fragatas da maneira seguinte:

«Lisboa 20 *de Abril* de 1805.

«Ao Conselho da Fazenda baixou um Decreto, em data de «3 do corrente pelo qual o Principe Regente N. S. conside-«rando as inevitaveis e urgentes circumstancias, que fazem «indispensavel o continuar com forças maiores a guerra, em «que está empenhada a Coroa destes Reinos contra algumas «potencias *Barbarescas;* e que para a continuação della he «necessario providenciar que a contribuição applicada para es-«te fim se regule de sorte que para isso possa supprir: houve «por bem determinar que em todas as Alfandegas destes Rei-«nos e Ilhas adjacentes se cobre para a Contribuição das Fraga-«tas de Guerra 3 por cento, em lugar de 2 por cento que até ago-«ra se cobravão; sendo obrigados a este pagamento todos os «generos que entrão ou sahem pela Foz, sem excepção da-«quelles mesmos que se dão livres de direitos por algum ti-«tulo; ficando tão sómente exceptuados o pescado, trigo, mi-«lho, centeio, farinha e legumes, como tambem os generos que «se despachão pelo Porto Franco, que só terão de pagar hum «por cento para esta contribuição, em attenção ao Privilegio «concedido a esta Alfandega.»

Quando se allega o estado de guerra maritima para se impôr hum augmento de contribuição para as *Fragatas de Guerra*, he que a Gazeta deixa de mencionar o movimento naval, que dantes nunca esquecia! Fosse porém qual fosse o motivo de tão irracional silencio, he certo que nada consta a semelhante respeito, ignorando-se que forças navaes entraram, ou sahiram do Tejo nestes dois referidos annos de 1805, e 1806. E note-se bem, que não éra por se descurarem os interesses da Marinha para a qual se olhava com summa attenção como

se prova pelas providencias que lhe diziam respeito, huma das quaes he a seguinte:

«Lisboa 8 *de Março* de 1805.

«Tendo sido presente ao Principe Regente N. S., em Con«sulta da Real Junta da Fazenda da Marinha de 9 de Outubro «de 1804, que para reprimir os desvios da Real Fazenda nas «frequentes achadas de pregos, ferro, e outros generos nas «mãos dos Operarios, e mais Serventes na sahida do Arsenal «Real da Marinha, parecia conveniente instaurar o antigo cos«tume, que nelle se praticava por via de correcção, de conde«mnar á calceta os que assim érão aprehendidos para continua«rem a servir dentro do mesmo Arsenal pelo tempo que se «julgava, conforme a gravidade do furto; visto não haver bas«tado para cohibir similhantes descaminhos a providencia, de «serem expulsos do mesmo Serviço depois de alguns dias de «detenção na Cadea do Arsenal: foi o mesmo Senhor servido, «pela sua Real Resolução de 8 de Novembro dito, authorisar «a Real Junta da Fazenda da Marinha para mandar inflingir «aos Culpados em furtos de maior entidade, e no caso de re«incidencia, o Castigo consultado, e proposto.»

Por aqui se vê que não se descuravam os interesses da Marinha, mas na falta de outras noticias que provem o interesse que ella inspiravá, hiremos dando os annuncios das partidas das charruas, como Correios Maritimos.

«Lisboa 2 *de Março* de 1805.

«*Avisos*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte «se faz público, que a 8 do corrente sahirá para *Pernambuco* «a charrua de S. A. R., *Principe da Beira,* Commandante o «Segundo Tenente do Mar *Antonio Lopes da Costa Almeida:* «As cartas serão lançadas no Correio até á meia noite do dia «antecedente.»

«Lisboa 27 *de Julho* de 1805.

«*Avisos*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte «se faz público, que com brevidade sahirá para *Pernambuco,* «e *Paraíba,* a charrua de S. A. R. *Princeza da Beira,* Com-«mandante o Primeiro Tenente do Mar *Guilherme Merriatt.* «As cartas serão lançadas no Correio até á meia noite dos dias «antecedentes.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XXXIV. Sexta «feira 23 de Agosto de 1805.

«Lisboa 23 *de Agosto.*

«*Continuação dos despachos publicados na Corte «no plausivel dia 15 do corrente.*

«*Para o Real Corpo da Marinha.*

«Chefes de Esquadra Graduados: *Rodrigo Pinto Guedes.* «*Donald Campbell.*

«Segundos Tenentes do Mar: Os Guardas Marinhas, *Luiz «Pedro Pinto de Figueiroa. Manoel de Sousa Mello e Alvim. «Rodrigo Martins da Luz. Antonio José Falcão da Frota. «Francisco de Assis Cabral. Anastacio Antonio de Miranda. «Manoel de Novaes Corrêa. José Pedro Marcellino Schultz. «João de Fontes Pereira de Mello. Silverio da Silva Pinto. «Timotheo Herenio Machado. Francisco Maria Xavier Gor-«dilho. Felis Joaquim dos Santos Cassão. Marcos Caetano «d'Abreu,* com exercicio na brigada. *José Maria Regadas, «Marcos Antonio de Almada. Miguel Lino de Moraes. Hen-«rique Izidoro Xavier de Brito.* Os Voluntarios, *Felizardo «Antonio de Miranda. José de Lemos Vianna. João Baptista «Lourenço. Thomás de Aquino Penalva. José Candido Cor-«rêa. João Maria da Cunha Cabral. João Maria de Abreu. «Raimundo Eustaquio Monteiro.*

«Secretaria do Conselho do Almirantado, *Antonio Pires «Alvares de Miranda.*»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLIII. Sexta
«feira 25 de Outubro. 1805.

«*Avisos.*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte
«se faz público, que para o porto do *Pará* sahirá com brevi-
«dade a charrua de S. A. R. *S. Carlos Augusto*, Commandante
«o primeiro Tenente do Mar *João Urbano de Seixas*. As car-
«tas serão lançadas no Correio até á meia noite do dia antece-
«dente.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero X.
Sabbado 15 de Março de 1806.

«Lisboa 15 *de Março.*

«Por Decreto de 4 de Fevereiro de 1806 foi nomeado Go-
«vernador da Capitania de *Rio Negro*, o Capitão de Fragata
«*José Joaquim Victorio da Costa*, actualmente Intendente da
«Marinha do *Pará:* e pelo mesmo Decreto foi promovido no
«dito emprego de Intendente, o primeiro Tenente da Armada
«Real *Alexandre Luiz de Sousa Malheiro e Menezes*, sendo
«confirmado igualmente no Posto de Capitão Tenente que lhe
«tinha sido conferido a 9 de Março 1801 por *Donald Camp-*
«*bell*, quando Commandava a Esquadra da *America*.»

«Num. 14. Gazeta de Lisboa. Terça feira 8 de Abril de
«1806.

«*Avisos.*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo d'esta Corte
«se faz público que a 13 do presente mez sahirá para o *Rio de*
«*Janeiro, Moçambique* e *Goa*, a náo de viagem *Ceilão Novo*,
«Commandante o Capitão de Fragata *Braz Cardoso Barreto*
«*Pimentel*. As cartas serão lançadas no Correio até á meia
noite do dia antecedente.»

A viagem d'este navio acima annunciada foi a ultima que elle
fez, por dar á costa na Talaxeira, segundo o que relatámos no
primeiro tomo dos *Quadros*, dizendo no Folhetim *Os Agoiros*,
que o immediato Manoel João Pereira se salvara, e á sua imi-

tação o commandante Braz Cardoso, calafetando hum bahú, e servindo-se delle como boia. Foi aquelle onde aconteceo a fatalidade de cahirem ao mar alguns Baniames na occasião do *botafora* na Agoada, de se demorar por este facto algumas horas na sahida, e de invernar por lhe sobrevir a travessia. e finalmente, de se hir perder tão desgraçadamente.

E de todo o exposto, se deve concluir, e acreditar, que não alterámos a verdade de facto algum aqui descripto, pois temos o maior escrupulo em accusar as testimunhas que os presenciaram, ou os documentos que os authorisam. Não descansamos de o repetir, e neste proposito insistimos, tornando a affirmar que, de quanto havemos escripto, houve ou ha testimunhas, ou documentos dignos de fé.

O que porém se vê dos extractos das Gazetas d'estes ultimos annos, principalmente das collecçoens de 1805 e 1806, he que falta o movimento do porto, sem se poder avaliar o serviço naval dessa época. Apenas pelos avisos do Correio Maritimo para a remessa das cartas expedidas por aquella repartição, consta que huma *Charrua*, ou hum *Correio* largavam do Tejo com as mallas para certos e indicados pontos; mas do serviço da Esquadra, da entrada ou sahida dos navios de guerra, nada consta, como se fazia até então; quando alias deveria constar o activissimo serviço em que ella andava no Mediterraneo, no Oceano, na India, e no Brasil. Mas não interrompamos a serie de extractos das Gazetas até á partida do Regente para o Brasil, a fim de concluirmos o juizo que temos em vista.

«Num. 14. Gazeta de Lisboa. Terça feira 7 de Abril de «1807.

«*Avisos.*

«Pela Administração Geral do Correio Maritimo desta Corte «se faz público, que a 13 do corrente sahirá para o *Rio de Ja-«neiro, Moçambique* e *Goa,* a náo de viagem, *Conceição,* Com-«mandante o Capitão Tenente *Antonio José Freire;* a 15 dito «para *Pernambuco* o navio *Pensamento Ligeiro,* Capitão *Ma-«noel Bernardino Pereira;* a 20 dito para o mesmo porto o

«navio *Bella Africana,* Capitão *João Pedro d'Almeida;* e para
«o *Maranhão* o navio *Pernambucana,* Capitão *José Francisco*
«*da Silva;* e a 28 dito para *Pernambuco* o navio *S. Marcos,*
«Capitão *Matheus Vieira da Silva.* As cartas serão lançadas
«no Correio até á meia noite dos dias antecedentes.»

A viagem d'esta náo acima annunciada, foi tambem, como a do *Ceilão,* a ultima que este bello e grande navio fez, pelo inopinado, traçoeiro, e nunca supposto ou esperado ataque soffrido perto da Costa do Natal que lhe fez o corsario francez *Sourcouf,* donde resultou ser tomada e conduzida á Ilha de França, onde a final foi desmanchada. Tinhamos quatorze annos quando fomos ao bota fóra da náo, em companhia da familia do commandante Freire e da nossa, que éram de intima amizade, e ali presenceámos os *Agoiros* de que démos noticia, morrendo por imprevistas fatalidades, os barqueiros das fragatas de carga, os curiosos que estavam nos enfrexates, e mais pessoas de que fizemos menção no Folhetim os *Agoiros.* Hoje apenas repetimos summariamente o que nessa occasião dissemos, e vem a ser que, a *Conceição* estava surta na Agoada em Gôa quando ali surgio huma curveta franceza, sem artilharia, ou com ella no purão; que de bordo da náo, mandaram cumprimentar, como é costume naquellas paragens, o commandante e officiaes do barco recemchegado; que o seu capitão ou commandante foram agradecer a visita, segundo o uso estabelecido, recebidos como amigos; que foram depois apresentados em Palacio, e recebidos por toda a gente de Pangim e Gôa na mais franca intimidade, como ali he de usança com os estrangeiros de boa educação, e o Corsario Sourcouf, que hum pensamento infame dominava, abusando da hospitalidade dos habitantes de Gôa, de quem fôra recebido como amigo, que ignoravam a declaração de guerra, e a noticia da invasão de Portugal, levadas á Ilha de França pela escuna *La Mouche,* largou d'ali, para atacar á traição a náo, onde fôra recebido cortezmente. O corsario Sourcouf, abusou da hospitalidade que lhe deram os habitantes de Gôa, da honra com que foi

recebido á mesa do Vice-Rei Conde de Sarzedas (tido por Jacobino e afrancezado logo que chegou de Pariz, onde estava por nosso Ministro, pelo que foi mandado para a India sem beijar a mão ao Principe Regente), abusou da franqueza e fraternidade maçonica com que o Sobre-Carga Moller e Commandante Freire o receberam a bordo da náo *Conceição*, para examinar o seu estado de empachamento, e impossibilidade do combater, para a surprender e atacar d'improviso e á traição, chegando á falla, estando em dialogo com o commandante Freire, mandando-lhe arriar a bandeira, e rompendo o fogo que ninguem esperava, pérto da Costa do Natal, matando-lhe e ferindo-lhe logo muita gente, que chegara á borda para ver a curveta, e ouvir as novidades. Tocou-se a póstos a bordo da náo, desempacharam-se algumas peças do convés, debaixo do fogo inimigo, e trocaram-se alguns tiros, dados com as peças da tolda da náo; mas pegando fogo nos fardos d'algodão do convés, e queimando-se alguns serventes pela explosão de hum polvarinho, pela confuzão de tão inesperado ataque, sendo preciso acudir ao incendio que lavrava espantosamente, hum passageiro correo a arriar a bandeira, que ninguem mais tratou de içar! E assim se perdeo hum bello e grande navio, ao qual tiraram os mastros para huma fragata que da Ilha de França mandaram para a Europa, e sendo julgado e condemnado em conselho de guerra o excellente Freire a perder a farda quando chegou ao Rio de Janeiro. Tudo isto dissémos por extenso, e agora só o resummimos para que o fiquem sabendo os leitores que passassem desapercebidos do que vai relatado no primeiro volume dos *Quadros Navaes*.

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XX. Sabbado «23 de Maio de 1807.

«Lisboa 23 *de Maio*.

«*Por Decreto de* 13 *de Maio de* 1807.

«Capitão de Fragata d'Armada Real, *Francisco Ignacio de* «*Miranda Everard*, Capitão Tenente.

«Capitão Tenente da Brigada Real da Marinha, por passa-
«gem, *José Corrêa Picanço,* Capitão Tenente d'Armada Real.

«Por Decreto da mesma data, querendo S. A. R. evitar as
«dúvidas sobre a antiguidade e graduação dos Guardas Mari-
«nhas, a respeito dos Sargentos de Mar e Guerra; e interes-
«sando ao mesmo tempo fazer o novo Plano dos Uniformes do
«Corpo da Armada Real ir de acordo com as graduações, que
«competem aos individuos daquellas duas classes, renovando
«o Decreto de 11 de Novembro de 1768, foi servido declarar
«que os Guardas Marinhas devem ser considerados como alfe-
«res, e que portanto lhes tocam as honras que pertencem a si-
«milhante Posto.»

«Num. 38. Gazeta de Lisboa. Terça feira 22 de Setembro
«de 1807.

«Lisboa 22 *de Setembro.*

«Alvará de 10 de Setembro de 1807, pelo qual S. A. R. foi
«servido dar huma nova fórma á Brigada Real da Marinha.»

«Segundo Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLII.
«Sabbado 24 de Outubro de 1807.

«Lisboa 24 *d'Outubro.*

«Em resolução de 3 de Julho de 1807, tomada em Consulta
«do Conselho do Almirantado, foi o Principe Regente N. S.
«servido graduar os Escrivães de número das Náos e Fragatas
«d'Armada Real, aos primeiros em segundos Tenentes, e aos
«segundos em Alferes.»

«Supplemento á Gazeta de Lisboa Numero XLIV. Sesta
«feira 6 de Novembro de 1807.

«Lisboa 6 *de Novembro.*

«Ao Concelho do Almirantado baixou hum Decreto em data
«de 16 de Outubro de 1807, pelo qual o Principe Regente N. S.
«houve por bem confirmar o §. 7.º do Tit. 4.º do Alvará do
«Regimento do mesmo Conselho de 26 de Outubro de 1796,
«ordenando que a authoridade e jurisdicção, que o §. 1.º do

«Tit. 3.º do dito Alvará, e o §. 3.º do Tit. 1.º da Carta de Lei
«da mesma data concedem cumulativameute ao Conselho do
«Almirantado, e ao seu Presidente, fiquem daqui em diante
«sem interrrupção ou limite de tempo competindo unicamente
«ao mesmo Presidente, e por quanto este, conforme a disposi-
«ção do §. 2.º do Tit. 1.º do sobredito alvará, deve ser sempre o
«Ministro e Secretario d'Estado da Repartição da Marinha, sen-
«do que tenha de achar-se algumas vezes em distancia, que lhe
«difficulte e até o impossibilite de dar pessoalmento a Ordem,
«Santo, e quaesquer outras providencias, com que seja preciso
«occorrer promptamente, houve S. A. R. outrosim por bem
«crear para este fim o Posto de Major General da Armada Real,
«o qual será quem distribúa o Santo, tanto para o Corpo da
«mesma Armada, como para a Brigada Real da Marinha, e
«para os navios armados, recebendo do Presidente do Conselho
«o Santo da Repartição da Marinha, e participando jnntamente
«o que se communicar do Quartel General da Corte, não dando
«ordens se não em nome do mesmo Presidente ou declarando
«que são por determinação de S. A. R., quando tenha prece-
«dido Aviso, e regulando-se em tudo segundo as instrucções,
«que do dito Presidente tiver recebido. Determina o mesmo
«Decreto que o Official, que houver de ser promovido ao dito
«Posto, não tenha menor Patente que a de Chefe d'Esquadra;
«e que o Major General da Armada Real seja sempre Conse-
«lheiro do Almirantado.»

«Num. 45. Gazeta de Lisboa. Terça feira 10 de Novembro
de 1807.

«Lisboa 10 *de Novembro.*

«Por Decreto de 19 de Outubro de 1807, foi o Principe Re-
«gente N. S. servido nomear para Major General da Armada
«Real, ao Chefe d'Esquadra e Conselheiro do Almirantado,
«*Rodrigo Pinto Guedes.*»

Aqui findam os extractos das Gazetas de Lisboa relativos ao
movimento maritimo do nosso porto, que bem ommissas fo-

ram a este respeito nos annos de 1805, 1806, e neste de 1807. Entraram e sahiram muitos navios de guerra, apromptaram-se e déram á vela oito náos, quatro fragatas, tres brigues e duas escunas, partindo a náo *Principe Real* com o Principe Regente, e outros navios da Esquadra, que acompanharam trinta e seis vasos da praça, a Rainha D. Maria 1.ª e familia real, como ao diante relataremos; entraram e sahiram do dique varios navios, sendo o ultimo a náo *Martim de Freitas* (a que chamavam a náo *Cão*, por ter na proa a figura deste animal com humas chaves na boca, alludindo á fidelidade daquelle honrado governador de Coimbra), e nem huma só noticia nos deo a Gazeta deste estrondoso facto naval e politico, constando apenas pelo Edital publicado na Gazeta Numero XLVIII, de Sexta feira 4 de Dezembro, em que o general Junot annunciou aos habitantes de Lisboa que o seu Exercito hia entrar na Capital, que Sua Alteza havia deixado o paiz, entregando-se aos seus *inimigos!!*

Por esta occasião, cabe aqui declarar solemnemente, e para rectificar hum facto, que se acha escripto, e corre o mundo asseverado pelo notavel escriptor Cesar Cantu, sem fundamento, que Sua Alteza, não se entregou aos seus *inimigos*, nem se embarcou em nenhum navio da esquadra ingleza, como elle avança. O Principe Regente embarcou-se na náo *Principe Real*, como já dissemos no artigo *A Barca Charles, et Georges;* não foi á mercê da esquadra ingleza, embarcou em huma náo portugueza de noventa peças, e da maior quilha que então havia na Europa, construida no anno de 1771, de 202 pés de quilha e 6 pollegadas, com cincoenta pés de boca e quarenta de pontal, entrando no Dique assim que elle funccionou, e sahindo delle como nova. As outras náos que acompanharam o Principe foram: A *Conde Henrique*, de 74; *Rainha de Portugal*, de 74; *Meduza*, de 74; *Principe do Brazil*, de 74; *Affonso de Albuquerque*, de 74; *D. João de Castro*, de 74; e *Martim de Freitas*, de 74. Foram mais as fragatas *Carlota*, de 50; *Minerva*, de 44; *Golfinho*, de 40; *Urania*, de 36; Brigues *Voador*, de 22; *Lebre*, de 22; *Vingança*, de 22; e escuna *Curiosa*, de 6; Charrua *Magnanimo*, de 26, e outras char-

ruas, com o correio *S. Boa Ventura*, e trinta e tantos navios da praça. Tudo isto, foi já por nós escripto, mas como apparecem livros em francez, e portuguez negando os factos presentes, e falsificando a verdade, que os vindouros poderão acreditar, he indispensavel combater taes erros, e não descansar de repetir a cada instante as provas da sua falsidade.

Foram pois com o Principe Regente as oito náos acima indicadas, as quatro fragatas, os tres brigues, as duas escunas, (de huma das quaes, a *Curiosa*, éra commandante o nosso velho amigo Isidoro Francisco Guimarães), a Charrua *Magnanimo*, e o brigue correio *S. Boa Ventura*. Em Lisboa ficaram, por não haver tripulaçoens para elles, pois estavam no melhor estado, como depois se mostrou pelas campanhas que fizeram até ao anno de 1830, os seguintes navios: Náos *Maria Primeira*, de 74; *Vasco da Gama*, de 74; *Princeza da Beira*, de 70; *S. Sebastião*, de 64: Fragatas *Fenix*, de 52; *Amazona*, de 50; *Perola*, de 44; *Venus*, de 36; *Tritão*, de 36; curveta *Benjamin*, de 20; brigue *Gaivota*, de 22; charrua *Princeza Real*, de 26, e outros navios pequenos, incluindo o hiate *Monte-d'oiro* que foi mandado depois para o Rio de Janeiro dentro da náo *S. Sebastião*, e regressou a Portugal, na alheta da náo *D. João Sexto*, commandado pelo chefe de divisão Pio Antonio dos Santos.

Sua Alteza não embarcou em vaso estrangeiro, mas foi na sua esquadra, toda nacional de dezenove navios de guerra, e trinta e dois ou trinta e trez mercantes, todos portuguezes, acompanhada até á Madeira por seis náos inglezas commandadas pelo contra-almirante o Cavalleiro Sydney Smith na náo *Hibernia;* dando-se aquelle memoravel caso, do nosso almirante Manoel da Cunha Souto Maior, com licença do Principe Regente, receber de lais, para lais das vergas grandes das duas náos *Principe Real*, e *Hibernia* debaixo de hum forte temporal, o presente que o almirante inglez destinava a Sua Alteza, e não podia mandar-lho por não ser possivel arriar hum escaler ao mar. Da Madeira por diante, foi a esquadra acompanhada pelas náos inglezas *Malborough* em

que hia o commodoro Moore, e as tres *London*, *Monarch*, e *Bedfort*.

Tudo o mais que o Snr. Cesar Cantu diz relativamente á partida do Principe Regente he inexacto, e posto não nos pertença relatar aqui factos puramente pertencentes á historia de Portugal, que as chronicas do tempo relatarão, e pennas mais habilitadas do que a nossa hão de necessariamente descrever; comtudo, por ser o embarque do Principe Regente e da familia Real, e a sua viagem para o Brasil, hum facto maritimo, dos mais transcendentes para o Velho e Novo Mundo, sendo causa do abandono e decadencia da nossa Armada, tratámos de o referir circumstanciadamente; não só para nos servir de prova dos argumentos que produzimos; se não como de correctivo das cerebrinas e infundadas historias, com que certos authores adulteram quanto respeita ao nosso paiz.

Restringindo-nos porém ao facto do favor á Marinha, da sua importancia durante alguns annos, dos serviços que ella prestou, e do apreço em que éra tida dentro e fóra de Portugal, vamos tratar de resumir e agrupar as multiplicadas noticias que reproduzimos neste capitulo, a ver se demonstramos este mesmo favor, e quanto elle influio nos destinos e na liberdade desta terra, e talvez do mundo inteiro.

Favor á Marinha e paixão pelas cousas do mar vê-se que existiam desde o reinado do Snr. D. João Quinto, não só pelas construcçoens ordenadas e construidas nos arsenaes de Lisboa, da Bahia, do Pará, e do Rio de Janeiro, se não pelas quatro náos compradas em Hollanda; e mais que tudo, pelo gosto dominante da côrte de andar sempre embarcada, sendo as suas distracçoens ordínarias e continuas, passeios pelo Tejo, com musicas, de dia e de noite, péscas, e viagens a huma e outra parte, assistindo Suas Magestades e Altezas a quantos cahimentos de navios se lançavam ao mar, e visitando-os no acto de largarem o porto, e até subindo a Rainha e suas Damas a bordo das náos e fragatas, ao fazerem-se de véla. Este gosto, e favor, manifestados por aquelle Rei e a Rainha sua espoza, continuaram no reinado do Snr. D. José, entretendo-se igual-

mente a Rainha sua esposa naquellas diversoens aquaticas, sendo o gosto das cousas do mar no animo destes monarchas tão grande, que a medicina lhe aconselhava e elles davam passeios pelo rio, para os distrahir, quando se achavam mais doentes; acontecendo outro tanto á Snr.ª D. Maria Primeira, a quem o Principe Regente acompanhava n'estas pequenas viagens, como se evidencía dos extractos das Gazetas aqui transcriptos muito de proposito para esta demonstração. Talvez, antes de o explicarmos, tivessem por ociosidade e desejo de compor hum grosso volume, os centenares de annuncios dos passeios das duas Rainhas D. Maria Anna d'Austria, e D. Marianna Victoria; porém depois de indicarmos o motivo que a isso nos conduzio, claro está que hum tal registo éra necessario á nossa argumentação. Para Suas Magestades hirem do Terreiro do Paço a Alcantara ou á Madre de Deos preferiam os bergantins reaes aos coches, embora o fizessem por commodidade ou deleite nas suas diversoens a Belem, Paço d'Arcos, Oeiras e Cascaes, ou pelo Tejo acima até Sacavem; mas para gosarem hum quarto de hora de duas ou trez duzias de remadas e dos dialogos dos Algarvios, mostra-se que só por muita inclinação podia fazer-se pelas cousas do mar.

Nesse tempo começaram a ter grande importancia os nossos Marinheiros, e a merecerem os gabos dos aliados que atacaram os Turcos e as potencias barbarescas, sendo requerida a nossa Esquadra pelo papa Clemente II, a qual foi a Corfu, bloqueada pelos infieis; e segunda vez a Corfu, que se achava novamente bloqueada, commandada pelo Conde do Rio Grande em Julho de 1716, sendo ella quem singularmente desbaratou a Esquadra Othomana, de que já tratámos, em outro logar desta obra. Tanta consideração e crédito, que passados annos, mandou a Imperatriz da Russia pedir officiaes portuguezes para instructores da sua Esquadra, que foram com effeito ás ordens do Coronel do Mar José Sanches de Brito, tendo a honra de o acompanhar como seus ajudantes, o Marquez de Alorna e Manoel Ignacio Martins Pamplona, que éram Guardas Marinhas, os quaes depois passaram para o Exercito, introduzindo o mesmo Mar-

quez o uso do apito de bordo, nos toques marciaes da Legião de Tropas Ligeiras que elle creou. Favor e gosto pela Marinha na erecção dos seus grandes estabelecimentos que ainda hoje avultam, pelas leis que lhe diziam respeito, pelas contínuas promoçoens que se faziam, pela designação, e classificação dos póstos, e pela sua comparação com os correspondentes no Exercito. Mas este gosto, e este favor á Marinha chegou ao seu auge no reinado da Senhora D. Maria 1.ª e Regencia do Principe D. João, auxiliado pelo seu ministro Martinho de Mello e Castro. Foi elle que mandou construir o Dique, onde entraram, e se reformaram ficando como novas, todas as náos antigas que podiam melhorar-se e tranformar-se, como fomos já informando os nossos leitores, chegando a compor duas Armadas para as quaes se crearam os dois regimentos com uniforme verde, da Primeira e Segunda Armada, e hum Regimento de Artilharia da Marinha, fundindo-se mais tarde todos tres, na Brigáda Real da Marinha, de que démos noticia, transcrevendo varios Decretos a este respeito, e até dizendo que a Primeira Divisão da mesma Brigada teve por quartel a náo *Belem,* surta hum pouco acima da torre deste nome, que vimos sendo ainda de poucos annos quando a nossa familia partia por mar para a quinta de Leceia, pertencente hoje ao Tenente General José Pedro Celestino Soares, nosso irmão maior, que tomou o titulo de Visconde daquella propriedade.

Parecerá extrema diffusão, introduzir nos fastos da Marinha Portugueza que relatamos, huma pequena digressão que fizemos pelo Tejo, vai por sessenta annos, porém serve ella para comprovar que, no anno de 1803, ainda a náo *Belém* éra navio armado, desmanchandose, como dissemos, no estaleiro do Caes de Tojo, encostada á Ponte da Lama, sem ter o menor alquebramento, sem fazer pinga d'agoa, sem estar podre, e só por que não éra *náo de linha;* como então se queriam todas as da nossa Armada, assim como hoje se querem para ella só navios com propulsores mecanicos, e até couraçados! E sirva esta observação de estudo, para avaliar as fazes por que tem passado o nosso systema maritimo, tanto a respeito do lote dos

navios, como em relação ás suas construcçoens, que por incidente nos acudio aos bicos da penna.

Do exposto se vê porém que Portugal no auge da sua grandeza maritima, chegou a ter duas Armadas regulares de náos e fragatas, com muitos outros navios de diversas cathegorias, como declarámos, e de novo mencionaremos para fixar bem o poder naval do nosso paiz, desde o começo do reinado do Snr. D. João Quinto, até á partida da familia Real para o Brazil, em 29 de Novembro de 1807.

Alem de muitos navios de guerra que pertenciam á Esquadra Portugueza, cujos nomes hiremos declarando, conforme o serviço que prestaram, ou prestavam de andar de guarda costa, de comboiar as frotas mercantís, de conduzir os governadores e soccorros para a India e Colonias da Africa e da America, temos os vasos expressamente designados e classificados pelo seu pórte, que se mandaram, a pedido do Papa Clemente II, em auxilio dos aliados, contra os Turcos que bloqueavam Corfu, e que os bateram, como já dissemos, tratando da batalha do Cabo Matapam, na qual o Conde do Rio Grande e os nossos Officiaes, obrando maravilhas, salvaram a Esquadra veneziana, merecendo que o mesmo Papa mandasse agradecer a El-Rei D. João Quinto aquelle soccorro, e expedisse huma Bulla ao Conde do Rio Grande que principiava dizendo: *Dilecte filie, nobilis Vir,* que vem citada por Damião de Goes na Historia de Portugal. Alem das náos de guarda costa, e das empregadas no comboio das frotas, temos as que foram ás ordens daquelle Almirante, que são as seguintes, partidas do Tejo em 11 de Julho de 1716:

1.º Náo *Conceição*....... 90. Em 19 de Dezembro de 1794 sahio do dique huma náo *Conceição,* chrismada em *Principe Real,* não se encontrando registo donde se possa concluir seguramente qual náo ella éra, se esta, capitania da Esquadra do Levante, se outra do mesmo nome lançada ao mar em Lisboa, a 9 de Junho de 1733; ou se finalmente ainda outra *Conceição,* lançada em 1771, tambem de 90 peças. Sendo a primeira, contava 78 annos de existencia quando entrou no dique, parecendo-nos que, vaso tão maduro não mereceria tão grande fabrico, e não se lhe fazendo com effeito grandes reparos, visto que só esteve oito mezes dentro do mesmo dique, co-

mo se demonstrará por ordem chronologica. Sendo a segunda, tinha quando a fabricaram sessenta e hum annos, estando quasi nos mesmos termos da primeira; e sendo a ultima das tres *Conceições*, contava na epoca do fabríco vinte e tres annos, havendo coincidencia de ter o mesmo numero de bocas de fogo; pelo que nos inclinamos a suppor que foi ella a que sahio com o nome de *Principe Real*, e que teve a honra de o conduzir ao Rio de Janeiro em Novembro de 1807, sendo por nós observada e sem o menor alquebramento, ao pé da ilha das Cobras, nos dois annos de 1819 e 1820 que estivemos naquelle porto. Mas vamos á Esquadra do Levante.

2.ª *Nossa Senhora do Pilar*, chamada commummente a *Cananêa* ..... 84. Ignoramos a época da sua construcção, que devia anteceder o seu serviço na batalha do Cabo Matapam; o que não padece duvida pela declaração da Gazeta, he que esta, ou outra do mesmo nome (de que não ha noticia), sahio do dique, 8 mezes antes da *Conceição;* isto he, no 1.º de Abril de 1794, com o nome de *Conde D. Henrique*. Sendo a mesma *Pilar* da Esquadra do Conde do Rio Grande, tinha setenta e oito annos quando a fabricaram, e contava cento e quatro annos quando a vimos no Rio de Janeiro a par da *Principe Real*, pois foi huma das que acompanhou a Esquadra conductora da familia real para o Brasil. Por huma nota de hum nosso camarada, consta que ella fôra lançada ao mar no anno de 1763, e tinha 188 pés de quilha; 47 de bôca; 36,6 pollegadas de pontal. Esta minuciosidade nas dimensoens, faz acreditar na exactidão da época do cahimento no mar, e quasi prova a impossibilidade da existencia de hum navio com mais de hum seculo, ainda sem alquebramento, como a vimos em 1820. He de suppor que fosse construida naquelle dito anno para substituir a outra náo *Pilar*, mas como faltam as Gazetas já referidas, não ha meio de verificar a sua idade, que mal póde pertencer á mesma *Pilar* que foi a Corfu, e concorrêo para desmantelar a Armada Othomana que bloqueava áquella ilha.

3.ª *N. S.ª da Assumpção*. 66. Pertencêo como as duas antecedentes á mesma Esquadra do Levante.

4.ª *N. S.ª das Necessidades*.................. 66. Fez igualmente parte da dita Esquadra, e não deve confundir-se com outra do mesmo nome, lançada ao mar em Lisboa aos 25 de Janeiro de 1747, a qual éra do lote de 70 peças, como ao diante se verá, e não de 66 como esta. Tambem se construio huma fragata com igual invocação, do lote de 50 peças, da qual se dará noticia chronologicamente. Esta náo affecta do n.º 4.º, perdeo-se no anno de 1726, de cujo naufragio nos occuparemos noutro logar.

5.ª *Santa Rosa*.......... 66. Fez parte da mesma Esquadra, como consta do relatorio pertencente á batalha do Cabo Matapam.

6.ª *S. Lourenço*......... 58. Tambem fez parte da mesma. Foi lançada ao mar em Lisboa, a 2 de Setembro de 1716.

7.ª *Rainha dos Anjos* .... 56. Pertencêo á dita Esquadra, e mais lhe pertenceram a charrua *S. Thomaz de Cantuaria* de 20 peças, que depois foi á India de náo de viagem; outra *N. S.ª do Pilar*, de 40; huma charrua *S. Domingos*, de 12 peças para hospital; dois bru-

| | |
|---|---|
| | lotes, *St.º Antonio de Padua, St.º Antonio de Lisboa*, e huma tartana armada em Guerra. |
| 8.ª ........... 74.<br>9.ª ........... 72.<br>10.ª ........... 76.<br>11.ª ........... 66. | Entraram no Tejo vindas de Holanda onde se compraram, no dia 7 de Novembro de 1717 estas quatro náos de 66 a 74 peças como declara a Gazeta, das quaes não diz o nome; porém pelo movimento do porto, posterior a esta entrada, se conclue que deveriam ser: *N. S.ª das Ondas, N. S.ª do Monte do Carmo, N. S.ª do Livramento*, e *N. S.ª do Cabo*, as quaes apparecem logo depois correndo a costa, comboyando frotas, dando caça aos Mouros, e fazendo outros serviços. |
| 12.ª *N. S.ª Madre de Deos e S. João Evangelista*.. 66. | Lançada ao mar em Lisboa aos 25 de Julho de 1717. |
| 13.ª *N. S.ª da Penha de França*. ........... » | Apparece navegando esta náo no registo do porto, do dia 22 de Março de 1718, sem que possa avaliar-se a sua força; bem como outras duas náos *N. S.ª da Palma*, e *N. S.ª da Guia*, que não incluimos na relação dos vasos de duas cobertas, por não sabermos a qual das cathegorias pertenciam; mas em summa, eram grandes navios pertencentes á Esquadra. |
| 14.ª *N. S.ª da Piedade*. | Nova da Bahia, que entrou a 11 de Novembro de 1717, conduzindo os *Quintos* para S. Magestade consistindo em hum milhão para ElRei, e dezenove milhoens de cruzados para particulares; isto he, 34 @. 26 ₶. 9 onças. 6 oyt. 18 grãos de ouro, além de 24$701 moedas; 1 ₶. 2 on. 5. oyt. e 36. gr. com 844 moédas para a Real Fazenda, e 73. oyt., e 182 moédas pela repartição do Fisco. |
| 15.ª *N. S.ª da Atalaya*... 52. | Lançada ao mar em Lisboa, a 7 de Março de 1721. Neste dia entraram tres charruas com madeiras do Brasil. |
| 16.ª *N. S.ª da Oliveira*... 50.<br>17.ª *N. S.ª da Nazareth*.. 50. | Lançadas ao mar em Lisboa no mesmo dia 21 de Novembro de 1721. |
| 18.ª *N. S.ª da Palma*.... » | Entrada em Lisboa a 6 de Novembro de 1721 commandada pelo Capitão de Mar e Guerra João Antunes. Ignoramos a sua lotação, mas o posto do commandante, faz suppor que se não éra náo, pelo menos seria fragata, ainda que o registo diz ser da primeira cathegoria. Charrua *S. Christovam* no mesmo diá. |
| 19.ª *Victoria*, ou *N. S.ª da Victoria*............ 64. | Entrou em Lisboa aos 20 de Novembro de 1723 commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Guilhelmo Jansen Hooft com huma presa Argelina de 36 peças, chamada *Reyaulim* ou *Laslizes* do Arraes Turco *Altly*. Ardeo na noite de Terça feyra 3 de Janeiro de 1730, por descuido, no Tejo. |
| 20.ª *N. S.ª do Rosario*... 50. | Lançada ao mar em Lisboa, aos 21 de Abril de 1733. Entrou huma charrua *S. João Bautista*. |
| 21.ª Chegou de Goa á Bahia huma náo nova, que julgamos ser *N. S.ª do Vencimento*......... 58. | Dizia o Conde da Ega nos seus officios para a côrte: Fragata que joga 58 peças, etc., chegou á Bahia em 4 de Janeiro de 1724. |
| 22.ª Náo nova construida na Bahia que julgamos ser a *St.º Antonio*..... 74. | Construida em Agosto de 1724. Entrou em Lisboa a 2 de Outubro de 1725, com mais outras duas e 34 navios de commercio. Diz a Gazeta, huma náo nova, e de grande lotação. Ora suppomos que seria a *St.º Antonio* que éra de 74, e porque logo depois desta época, apparece no movimento do porto a *St.º Antonio* a entrar e a sahir. Sendo esta co- |

mo julgamos, entrou no dique em 1 de Abril de 1794, e sahio fabricada aos 14 de Junho do mesmo anno com o nome de *Infante D. Pedro Carlos.* Depois tornou a entrar nelle em 1806, e sahio fabricada em 1807, para acompanhar como acompanhou, com o nome de *Martim de Freitas,* a Esquadra conductora da familia real para o Brasil. Foi nosso quartel, e da guarnição da fragata *Successo* em 1819, e 1820 para onde aquella passou, em quanto se cuidou de fabricar a mesma fragata. No decurso d'este tempo ouvimos repetidas vezes dizer a todos os officiaes velhos ali embarcados, que ella éra a *St.° Antonio.* Estava então sem o menor alquebramento, e tão boa, que a armaram e chrismaram em *Pedro* 1.° logo que o Brasil se proclamou independente, mandando-a â Bahia com outros navios, commandada por Lord Kochrane, em cujos mares se bateo com a esquadra de João Felix. Foi o navio chefe da Esquadra do Sul na campanha de 1776 contra os Hespanhoes, onde o chefe Mac-Duval içava a sua bandeira, como dissemos no primeiro tomo dos *Quadros Navaes,* debaixo da Epygraphe — A *Inadvertencia,* — e hoje se demonstra pela planta junta, onde se reproduzem as fórmas e condiçoens dos navios da referida Esquadra. Quanto escrevemos he com escrupulosa consciencia, e comprovado tudo com documentos insuspeitos, que designamos, e o logar onde podem consultar-se. Ha no escripto, conjecturas e corollarios mais, ou menos bem deduzidos, apresentando comtudo as premissas que lhe serviram de base; mas nunca alterámos os factos, para os affeiçoarmos a huma idéa qualquer. O que he invenção, apparece com o seu caracter distinctivo; o que he tradicção, patentea-se pelos nomes das pessoas a quem a ouvimos; e o que he facto historico, he sempre acompanhado da citação do original donde o trasladámos. Daqui vem certa prolixidade, que torna a obra fastidiosa para quem a quizer reputar hum romance; mas para aquelles que a considerarem de outro modo, e como hum resumo de noticias navaes do nosso paiz, acharão que ella não he só repertorio dos successos mais notaveis da nossa Marinha, se não a biographia dos sujeitos que mais a honraram no decurso destes ultimos seculos; e tambem hão-de achar, que, á busca de tantos nomes de navios e campanhas que estes fizeram, nomes dos Marinheiros que os guarneceram, épocas a que correspondem, encontrado tudo por entre duzentas mil paginas de cem volumes de Gazetas, de Chronicas, e de varios escriptos, significa huma constancia de estudo, e huma dedicação a servir o paiz, crédora de benevolencia, para alguma inexactidão, ou incorrecção que neste immenso trabalho venha a encontrar-se.

23.ª *N. S.ª da Lampadosa* 50. Lançada ao mar em Lisboa, aos 21 de Junho de 1727.

24.ª *N. S.ª da Estrella*... 64. Lançada em Lisboa ao mar em 11 de Agosto de 1729.

25.ª *N. S.ª da Conceição e S. João Bautista*..... 74. Lançada ao mar em Lisboa aos 9 de Junho de 1732. Esta náo *Conceição,* he aquella segunda do nome que indicámos, tratando da primeira *Conceição* affecta do n.° 1. Como se vê, he barco de 74, e não de 90, como éra a Capitania da Esquadra do Conde do Rio Grande, que as Gazetas dos

annos de 1716, e 1717 dão, hora do lote de 80, hora do lote de 90 peças; pelo que he evidente que não foi esta, a mesma que sahio do dique em Dezembro de 1794 com o nome de *Principe Real*, e 90 portas para 90 bôcas de fogo.

26.ª *N. S.ª da Esperança* 70. Lançada ao mar em Lisboa aos 18 de Novembro de 1735.

27.ª *N. S.ª da Arrabida*.. 62. Lançada ao mar em Lisboa aos 2 de Julho de 1736.

28.ª *N. S.ª da Boa Viagem* ». Entrou a 4 de Agosto de 1736 comboyando a frota de Pernambuco. Ignoramos a procedencia desta náo, que julgamos construida na America, e persuadimo-nos que éra vaso de força, quer por ser commandada por Capitaens de Mar e Guerra, quer por ser a Capitania da frota.

29.ª *N. S.ª da Gloria*.... 74. Lançada ao mar em Lisboa, no dia 30 de Abril de 1737.

30.ª *N. S.ª do Bom Successo*................ 64. Em 29 de Maio de 1738 foi a Rainha a S. José de Ribamar ver sahir as náos *N. S.ª do Bom Successo*, e *N. S.ª da Victoria*. Desta ultima já demos noticia no n.º 19.ª desta resenha, porém da náo *Bom Successo* mal podémos dar atégora nenhuma noticia por ser a primeira vez que as Gazetas a mencionaram; porém obtivémos huma nota curiosa sobre varios navios antigos, onde lêmos que esta náo fôra lançada ao mar na Bahia, em 1764, e entrou no dique em 1799, sahindo dali com o nome de *D. João de Castro:* Tinha 182 pés de quilha, 44 de bôca, e 34. e 6 polegadas de pontal como a náo *Pilar*. Fez parte da Esquadra que levou a familia real ao Brasil em Novembro de 1807; e lá estava no Rio de Janeiro com as suas companheiras ao pé da Ilha das Cobras em 1820, que principiaram a fabrical-a.

31.ª *N. S.ª da Oliveira de Guimaraens*.......... 52. Em 22 de Julho de 1738 entrou huma náo nova fabricada nos estaleiros da cidade do Porto, denominada *N. S.ª da Oliveira de Guimaraens*.

32.ª *N. S.ª do Monte do Carmo*............... ». A 27 de Agosto de 1738 partio do porto desta cidade a náo nova *N. S.ª do Monte do Carmo*, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra D. Pedro de Etrées. Não podémos obter noticia alguma da procedencia desta náo, nem mesmo da sua entrada em Lisboa, caso ella fosse construida no Brasil. O movimento do porto, apenas a indica por nova, commandada por aquelle fidalgo francez ao nosso serviço, e depois por outros commandantes portuguezes.

33.ª *N. S.ª da Penha de França e St.º Estevam*. 56. Lançada ao mar em Lisboa, aos 9 de Abril de 1739. He evidente que não é a mesma deste nome que já navegava em 22 de março de 1718, e vai nesta resenha affecta do n.º 13.ª Mais de huma vez temos encontrado navios com o mesmo nome, lançados ao mar em épocas muito distantes humas das outras, e já nos nossos dias se lançou ao mar a náo *Vasco da Gama* (no ministerio do Sr. Pestana) tendo-se desmanchado no Rio de Janeiro a primeira *Vasco*, de que trataremos mais adiante. Quanto á *Penha de França* que nos occupa, ainda que a sua lotação de 56 peças não indique navio de duas cobertas, temos que pertencia a esta cathegoria pelos valores que lhe confiaram. Foram elles: 10$270 moédas de ouro para S. Magestade: 165$151 para particulares: 759$125 oytavas de oiro: 7$794 cayxas: 959 feyxes, e 128 caras de assucar: 11$238 rolos de tabaco: 21$751 meyos de sola, e 105 couros em cabello: 55 milheiros de coquilhos: 92 barriz de mel: 104 escravos, e huma

grande quantidade de madeyras por conta da Real Fazenda de S. Magestade (textual) mandado tudo do Rio de Janeiro. Vê-se pois que éra não pela capacidade, e o devia ser pelos valores conduzidos.

34.ª *Madre de Deos*..... 64. Lançada ao mar em Lisboa aos 21 de Outubro de 1740.

35.ª *N. S.ª da Nazareth*.. 60. Lançada ao mar em Lisboa aos 25 de Fevereiro de 1743.

36.ª *N. S.ª das Necessidades*................. 70. Lançada ao mar em Lisboa no dia 25 de Junho de 1744.

37.ª *N. S.ª da Natividade* » «Partio a náo *N. S.ª da Natividade*, aos 28 de Abril de 1753 para Angola com o Governador Trinchante mor de S. Magestade.» Ignoramos a procedencia desta náo, mas fosse ou não barco desta cathegoria, ou de lote inferior, a chronica assim a considera, e não nos julgamos authorisados a contrarial-a, rebaixando a qualidade do vaso, por mingua de esclarecimentos que a isso nos conduzam.

38.ª *N. S.ª das Mercês*... 42.
39.ª *N. S.ª da Arrabida*. 50. } Lançadas ao mar em Lisboa aos 4 de Abril de 1753, no mesmo dia. Pelo numero de bocas de fogo se vê que éram fragatas.

40.ª *S Thiago Maior*.... » Largou de Lisboa aos 23 de Agosto de 1753 para dar caça aos Mouros, commandada pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Miguel Ayres. Náo, ou fragata, éra navio grande da Esquadra, a quem pertencia hum commandante desta patente. Como se verá no decurso desta obra, navios de menor lote, ou charruas, éram apenas commandadas por Tenentes do Mar; e mesmo náos da India, tinham por commandantes Tenentes, ou quando muito Capitaens Tenentes, donde se conclue que os navios commandados por Capitaens de Mar e Guerra, se não eram náos, eram pelo menos fragatas, ou náos de 50, a 60 peças, mas sempre navios de duas cobertas, náos.

41.ª *N. S.ª da Assumpção*. 34. Esta fragata apparece a navegar, no registo do porto, sem podermos designar a sua procedencia. Quanto á sua força, diz o mappa dos navios da Esquadra do Sul, que éra de 34, tendo 240 praças de guarnição.

42.ª *N. S.ª das Brotas*... » Partio para a India a 11 de Abril de 1754, levando o vice rei Conde d'Alva, capitania de mais tres náos para aquelle estado. A Gazeta não declara a sua lotação, mas enuméra os petrexos de guerra que se mandaram nesta occasião, e mais circumstancias, que fazem suppor, ser este vaso náo propriamente dita, e não vaso de inferior cathegoria.

43.ª *Galera Náo S. Jorze o Galeano*............ » Largou de Lisboa em 11 de Junho de 1754 a correr a costa, commandada por Capitão de Mar e Guerra. Não declara a Gazeta o seu pórte, nem a sua procedencia. No entre tanto chama-lhe náo, e por isso aqui a incluimos no numero d'ellas; mas fosse ou não, éra navio da Esquadra ao qual se dava este nome, devendo por tal motivo considerar-se no numero d'ellas.

44.ª *N.S.ª da Assumpção*. 64. Largou de Lisboa em 5 de Outubro de 1758 para correr a costa e dar caça aos Mouros. Foi lançada ao mar dos estaleiros da Ribeira das náos, aos 25 de Abril de 1758, e logo apparelhada para bater os inimigos.

45.ª *N S.ª da Ajuda e S. Pedro de Alcantara*.... 68. Lançada ao mar em Lisboa, aos 29 de Março de 1759. Construida pelo Portuguez Manoel Vicente. Entrou no dique em 28 de Setembro de 1792, e sahio em 8 de Agosto de

1793, com o nome de *Princeza da Beira*. Foi huma das que ficou em Lisboa, e não acompanhou o Regente para o Brasil em Novembro de 1807 por falta de tripulação. Os francezes aproveitaram-na com as outras que ficaram no Tejo por igual motivo, que foram a *Vasco*, a *Maria Primeira*, e a *S. Sebastião* para reforçarem a esquadra Russa, pondo todas em linha com as fragatas, entre a torre Velha, e a torre de Belem. O inspector do arsenal Carlos May, conseguio do ministro D. Miguel Pereira Forjaz authorisação para a converter em *Cabrea*, e assim ficou até ser substituida pela náo *Rainha* em 1834. As suas dimensoens eram as seguintes: 182 pés de quilha, 44 de bôca, 34. e 6 pollegadas de pontal.

46.ª *N. S.ª das Mercês*, ou *S. José e Mercês*, por outro nome o *Gigante*, ou ainda por corrupção a náo *Giganta!* ........ 64. — Cahio no mar esta náo aos 21 de Março de 1761. Não podemos asseverar que a sua denominação vá exacta, porque a Gazeta apenas menciona o seu cahimento no mar sem declarar o seu nome; porém affirmaram-nos pessoas antigas que ella assim se chamava, e como tal foi em transporte incorporada á Esquadra que levou o Exercito auxiliar á Hespanha, e tambem suppomos que devia assim chamar-se, porque logo depois daquella época do mez de Março, apparece navegando, e fazendo varios serviços huma náo assim denominada. Sendo esta como julgamos, tocou em Rosas, e esteve huma noite encalhada, pelo que abrio agoa, e foi aquella em que perecêo desgraçamente o filho de Matheus Pereira, segundo referimos no Folhetim XII do primeiro volume com o titulo *As Pragas*, das quaes huma foi: *Assim a tua géração morra afogada.* — Foi a pique em Janeiro de 1794 no seu regresso da Catalunha perto de Ovar, salvandose na lancha em Aveiro o Piloto, Contra-mestre, Capellão, Cirurgião e 28 praças de marinhagem, como muito extensamente o refere a Gazeta, encarecendo os serviços do Juiz de Fóra de Ovar, e de outras pessoas que soccorreram os naufragos.

47.ª *Graça Divina*....... 50. — Ardeo no Tejo por descuido na noite de 19 de Junho de 1781.

48.ª *Golfinho e N. S.ª do Livramento* ....... .. 40. — Lançada ao mar em Lisboa, aos 27 de Junho de 1782.

49.ª *Principe da Beira*... 44. — 21 de Março de 1780. Sahio esta fragata commandada por Matheus Pereira de Campos. Até esta época não se dá noticia della, pelo que nada podemos dizer ácerca da sua construcção, como de muitas outras de que ao diante trataremos, taes como a *Venus*, a *Amazona*, a *Perola*, com as charruas *Polyphemo*, *Magnanimo*, *Princeza Real*, etc.

50.ª *Tritão e N. S.ª das Necessidades*, ou *N. S.ª das Necessidades Tritão* 44. — Lançada ao mar em Lisboa aos 30 de Maio de 1783. Servio de hospital á Esquadra ingleza durante a guerra peninsular. Estava surta defronte da Rocha do Conde d'Obidos até 1814, em que se vendeo para desmanchar: éra huma fragata muito airosa, e de boas qualidades nauticas.

51.ª *Cisne*.............. 44. — Entrou a 4 de Agosto do mesmo anno com a charrua *Aguia*. Julgamos que foi construida na Bahia; fosse porém onde fosse, os Argelinos tomaram-na por surpresa, morrendo valerosamente ao portaló o seu commandante Mr. Droucour, fidalgo francez ao nosso serviço.

52.ª *N. S.ª de Belem*, ou simplesmente *Náo Belem* ................ 64. Temos fallado varias vezes nesta náo, e poderiamos escrever hum capitulo das suas campanhas, sendo huma dellas a da guerra do Sul contra os Hespanhoes nos annos de 1766 e 1777, fazendo parte da Esquadra do chefe Mac-Duval. Nessa occasião éra considerada navio de 54, mas nós que a conhecemos bem, e a vimos desmanchar encostada á Ponte da Lama do Cáes do Tojo, contámos-lhe muitas vezes 64 portas. Não tivémos noticia exacta da sua construcção, posto ouvirmos dizer que procedia da Bahia; e pela época em que apparece navegando, concluimos que foi lançada ao mar no decurso dos dezoito annos da suppressão das Gazetas, no ministerio do Marquez de Pombal. O que podemos dizer com verdade he que nos parecia lindo barco, e a namoravamos quando a descobriamos surta a Leste da Torre de Belem, servindo de quartel da Brigada Real da Marinha em 1804, e 1805. Quando a encalharam para ser desmanchada, não tinha o menor alquebramento, e até ao fim do seu desmancho, nunca fez agoa. Venderam-na por não ser *Náo de Linha*, pois nesse tempo havia com os navios desta classe, as mesmas sympatias que hoje há com os vasos de propulsores mechanicos; nem para transporte a quizeram, tendo servido como tal para a India, onde foi tres vezes de Náo de Viagem, commandada pelo Capitão Tenente Perné.

53.ª *Meduza* ........... 74. Lançada ao mar em Lisboa, aos 29 de Agosto de 1786. Tinha 171 pés e 6 polegadas de quilha, 45 de bôca, e 37 de pontal. Foi huma das que acompanhou o Regente ao Brasil em Novembro de 1807. Servia de Cabrea no Rio de Janeiro onde a vimos em Agosto de 1819, até Junho de 1820.

54.ª *Maria 1.ª* .......... 70. Lançada ao mar em Lisboa a 25 de Dezembro de 1789. Ficou em Lisboa quando o Regente partio para o Brasil. Os francezes tiveram-na sempre armada, e armada esteve até que sendo mandada a Cadiz em soccorro de Fernando 7.º contra os populares, ali foi a pique por causa de hum grande vendaval, tendo no purão perto de cem peças de artilharia de bronze que a Regencia do Reino lhe mandara metter para fugir nella, quando o Exercito de Massena ameaçou entrar na capital. Era huma náo elegante, mas de más qualidades nauticas, portando-se pessimamente com mar cavado, desarvorando a cada passo, sendo o seu ultimo desarvoramento quando hia para Angola, commandada por Francisco de Paula Leite, o qual ficou tão escarmentado da borrasca e temeroso do mar que, sendo já chefe de divisão passou para o Exercito em brigadeiro, fallecendo tenente general e governador das armas da corte, com o titulo de Visconde de Veiros.

55.ª *Rainha de Portugal*. 74. Lançada ao mar em Lisboa aos 30 de Setembro de 1791. Bem como a fragata *Princeza do Brasil e S. Raphael* de 44, e o brigue *Gaivota* de 24. Fez parte da Esquadra conductora da familia real em Novembro de 1807. Por causa do temporal que lhe sobreveio logo á sahida, foi arribada a Inglaterra, e éra voz constante que entrando no dique, os Inglezes lhe tiraram as formas. Quando regressou a Lisboa, trazia as duas alcaxas pintadas de branco, differentemente

do que até ali se usava, que éra huma so alcaxa muito larga abragendo as duas baterias, como ainda se observa em gravuras dessa época. Mal chegou ao Rio de Janeiro foi entregue a D. João Tancos, depois marquez de Vianna, que a commandou até á partida de ElRei para Portugal; chegou a Lisboa conduzindo passageiros de estado em 1823, desarmou, porém tornou a armar no governo do usurpador, e figurou galhardamente na batalha do Cabo de S. Vicente. O almirante Napier pedio e obteve que lhe mudassem o nome, e acabou em cabrea chamando-se com effeito náo *Cabo de S. Vicente*. Era hum bello navio, e de optimas qualidades nauticas. Nelson dá noticia della, e do brigue *Balão* no seu Diario Nautico.

56.ª *S. Raphael Princeza do Brasil*........... 44. Cahio no mar juntamente com a *Rainha*, como dissémos, e perdeo-se á entrada de Portsmouth em 14 de Setembro de 1794.

57.ª *Gaivota*........... 24. Este brigue entra agora na numeração das náos e fragatas, por causa da chronologia, e mostrar que actividade reinava então no arsenal da Marinha, lançando-se á agoa no mesmo dia tres embarcaçoens de guerra.

58.ª *N. S.ª da Conceição*. 90. Lançada ao mar em Lisboa no anno de 1771. Não declara a nota dos navios antigos que temos presente o dia e o mez em que ella cahio no mar e só nos dá as suas dimensoens que são: 206 pés e 6 polegadas de quilha, 50 pés de bôca, e 38 de pontal. Esta náo, segundo paréce, não póde confundir-se com as outras duas do mesmo nome, pois sendo do mesmo lote da primeira, éra velha aquella para merecer fabríco; e quando este fabrico durou apenas sete mezes; para ser a segunda, mal se compadece similhante igualdade com a differença das bôcas de fogo, pelo que suppomos que éra differente, e construida no anno acima indicado. Entrou no dique aos 15 de Junho e sahio no 1.º de Dezembro de 1794, chrismada em *Principe Real*, e foi na *Principe Real* que o Principe Real Regente do Reino se embarcou para o Rio de Janeiro em Novembro de 1807, chegando áquelle porto sem a menor avaria. Quando largámos do Rio para Lisboa em Junho de 1820, parecia-nos que ella não estava alquebrada; mas algum defeito tinha, para não figurar na Esquadra do novo imperio, nem alguma das suas companheiras de viagem, se não a *Martim de Freitas* que passou a ser *Pedro 1.º*, como por vezes temos declarado.

59.ª *N. S. dos Prazeres*. 64. 1765. Não declara a nota já citada, o dia do mez em que esta náo foi ao mar, porém as Gazetas dão-na sahindo do dique chrismada em *Affonso de Albuquerque*, a 15 de Março de 1797. Fez parte da Esquadra que levou a familia real ao Brasil, e lá estava surta ao pé da Ilha das Cobras em Junho de 1820 quando largamos para Portugal. Estava em fabríco, mas não a vimos figurar no numero dos vasos belligerantes do imperio.

60.ª *S. Sebastião*....... 64. Foi presente da cidade do Rio de Janeiro a ElRei D. José. Não consta authenticamente esta dadiva, porém ouvimos a tradição em Lisboa, e no Rio. Esta náo virou de querena, e meteo hum talão de quilha no mar, quando o dique não podia servir por falta de portas, em cujo fabrico o habil constructor Antonio Joaquim mostrou a sua pericia.

Depois de fabricada foi levar ao Rio de Janeiro o hiate *Monte d'Oiro*, o qual regressou na alheta da náo *D. João Sexto*, commandado pelo chefe de divisão Pio dos Santos. A mesma náo foi por apparato a Liorne, acompanhando a dita *D. João Sexto* conductora da princeza Leopoldina, e depois transportou a Cadiz as duas infantas despozadas com Fernando 7.º e D. Carlos, regressando a Lisboa em 1818, donde nunca mais sahio, sendo desmanchada ao pé do reducto da Inspecção. A sua quilha éra de arco, foi affeiçoada para a curveta *D. Antonia*, e parece que algum talão se aproveitou para o vapor *Barão de Lazarim.*

61.ª *Vasco da Gama* .... 74. Lançada ao mar em Lisboa aos 15 de Dezembro de 1792, juntamente com a fragata *Ulisses* ou *Urania*, e o brigue *Palhaço.* Foi ao Rio de Janeiro em 1819, e lá ficou, tendo feito huma viagem ao Rio da Prata.

62.ª *Urania* ou *Ulisses* . 44. Lançada como acima he dito, juntamente com a *Vasco da Gama.* Formou parte da Esquadra que levou a familia real em 1807.

63.ª *Palhaço* ........... 24. Lançado com os ditos dois vasos, fazendo-se aqui menção delle, apenas para demonstrar a boa ordem de trabalhos do Arsenal da Marinha.

64.ª *Bergantim Novo*.... 22
65.ª Bergantim *O sem Nome* ................. 22
Lançados ao mar em Lisboa no mesmo dia 24 de Janeiro de 1793.

66.ª *Princeza Carlota*... 44. Sahio do Tejo em 8 de Março de 1795. Ignoramos onde foi construida, se bem nos hajam affirmado que éra procedente dos estaleiros da Bahia. Esta fragata, e as que se lhe seguem, formaram parte da Esquadra que levou a familia real ao Brasil.

67.ª *Minerva*........... 44. Como a *Carlota,* ignorando a epoca e local do seu cahimento no mar.

68.ª *Principe do Brasil*.. 74. Lançada ao mar na Bahia em 1804, construida por Manoel da Costa. As suas dimensoens éram 192 pés de quilha, 48 de bôca, e 39 de pontal. Foi huma das que acompanharam a familia real em 1807. Quando a vimos no Rio de Janeiro em 1819 servia de Presiganga, e estava tão alquebrada que parecia impossivel agoentar-se ao de cima d'agoa: Todas as outras muito mais velhas, não tinham o menor alquebramento, e esta éra hum arco de rebeca, sendo moderna em relação ás outras.

69.ª *Andorinha*......... 26. Lançada ao mar em Lisboa aos 13 de Março de 1797.

70.ª S. *João. Principe do Brasil*, ou simplesmente *S. João Principe*.... 40. Lançada ao mar em Lisboa, aos 25 de Dezembro de 1789, juntamente com a náo *Maria Primeira.* Perdida na praia de Estepona a Este do Morro de Gibraltar na noite de 4 de Abril de 1807, commandada por Rodrigo Lobo, de cujo sinistro demos larga noticia no primeiro volume debaixo da epygrafe = *O Naufragio* =.

71.ª *Lebre*............. 24. Lançado ao mar em Lisboa aos 16 de Outubro de 1788. Acompanhou tambem a Esquadra que transportou a familia real ao Brasil.

72.ª *Voador*............ 22. Como o precedente, fez parte daquella Esquadra. Não alcansámos noticia do seu cahimento no mar.

73.ª *Vingança*.......... 20. Como os precedentes, sem termos nenhums dados para avaliarmos a sua procedencia.

74.ª *S. Francisco Xavier* 50. Pertencêo ao departamento de Gôa, e vendeo-se quando elle se extinguio. A sua amarração éra defronte da Rocha do Conde d'Obidos. Ainda existia no anno de 1819; quando regressamos do Rio de Janeiro em Junho de 1820, já não o vimos, constando-nos que o haviam desmanchado.

75.ª *N. S.ª da Graça*.... 44. Construida na Bahia em 1787, e entrada em Lisboa a 7 de Outubro de 1788, em substituição da outra *Graça* que lá ficou desmantellada.

76.ª *Fenix Graça*....... 52. Ouvimos dizer a bordo da *Successo* aos Capitaens Tenentes Pessoa, Guedes, e José Candido Corrêa, que fôra construida no Porto. Fosse ou não, he certo que ella formava parte da Esquadra do Sul, bem como outra *Graça*, que não éra de certo a antecedente, que apparece a navegar em 1788, e esta lá fazia parte daquella Esquadra no anno de 1776. O facto he que lhe largaram fogo na Bahia em 1818 para lhe aproveitarem a ferragem.

77.ª *N. S.ª da Gloria* ... 26. Pertencêo á Esquadra do Sul, nos annos de 1776, e 1777. A sua guarnição éra de 200 praças.

78.ª *S.ª do Pilar* ...... 26. Como a precedente formava parte da Esquadra do Chefe Mac Duval na guerra do Sul. A sua Guarnição éra de 220 praças.

79.ª *S.ª da Graça*....... 24. Como as precedentes pertencêo á mesma Esquadra. A sua guarnição éra de 200 praças.

80.ª *Princeza* .......... 28. Como as antecedentes. A sua guarnição éra de 200 praças. Tudo que respeita a esta Esquadra foi por nós referido no primeiro volume dos *Quadros Navaes,* debaixo da epygrafe =*A Inadvertencia*=; e agora mais se evidencia, pelo mappa aqui junto, no qual se figuram os navios que fizeram aquella campanha, com todas as curiosas circumstancias que lhes dizem respeito.

81.ª *Amazona*.......... 50. Esta fragata existia desde que tivemos uso de rasão. Na resenha dos serviços que a nossa Marinha prestou, apparéce vantajosamente mencionada a fragata *Amazona*, sobre tudo nos cruzeiros do Estreito, commandada pelo capitão de mar e Guerra José Maria Monteiro. Foi levada para Brest pela Esquadra do almirante Roussin, quando ella entrou em Lisboa, exigindo do governo do Usurpador, reparação dos aggravos feitos ao francez Bonhomme.

82.ª *Perola* ............ 44. Foi igualmente conduzida para Brest por aquella Esquadra franceza, e lá ficou. Tanto huma como outra, foram construidas no Pará, e éram excellentes navios, quer em qualidades de madeiras, quer em qualidades nauticas. Tanto huma como outra não tinham o menor alquebramento em 1828 quando as levaram para França. O primeiro *Folhetim Maritimo* que nos sahio da penna, resultou das inextinguiveis impressoens que nos assaltaram no cruzeiro da fragata *Perola* em 1820, e nos induziram a escrever sobre factos navaes: A *Perola* éra huma bellissima e boa fragata, e o seu commandante o sr. Manoel de Vasconcellos Pereira de Mello, hum habil e honrado commandante da Marinha Portugueza; nunca deixaremos de lhe prestar veneração e amizade, assim como aos seus officiaes João Ignacio Silveira da Motta, Capitão de fragata; Francisco de Paula Borges da Silveira, e Joaquim José de Castro Guedes, Ca-

pitaens Tenentes, e mais camaradagem, que mostraram valor e sciencia nas occasioens difficeis em que nos achámos.

83.ª *N. S.ª da Conceição e S.t.º Antonio, ou N. S.ª da Conceição Asia Feliz*.................. 58. Ignoramos a procedencia desta náo, mas temos certas presumpçoens de que ella foi construida em Lisboa, e lançada ao mar no ministerio do Marquez de Pombal. Seja como for, andava encarreirada para a India, e della nos temos occupado varias vezes, sendo a primeira quando escrevemos o folhetim *As Pragas* do primeiro volume dos *Quadros Navaes*. Era navio de duas cobertas, como a náo *Belem*. Foi tomada pelo corsario Surcoufe á traição perto da Costa do Natal em 1808, como já declarámos, conduzida á Ilha de França, onde lhe tiraram os mastros para huma fragata que dali mandaram para a Europa. O seu ultimo commandante, foi o amigo da nossa familia, o bondoso Capitão Tenente Antonio José Freire, o qual respondeo a conselho de guerra no Rio de Janeiro, foi condemnado a perder a farda, mas o Principe Regente perdoou-lhe, sendo a final promovido a Capitão de Fragata, em cuja patente falleceo, sem mais voltar a Portugal, deixando a sua familia na orfandade e na desgraça. Só na sua carteira trazia 30 mil cruzados, em perolas, que se lhe foram ao fundo na passagem de bordo da náo para bordo da curveta. A náo até áquella epoca desempenhava a designação do baptismo =*Asia Feliz*= porém naquelle desastrado dia toda a felicidade lhe fugio, soffrendo o commandante Freire milhares de transtornos, e o seu Piloto Joaquim Francisco d'Almada, nosso primo, milhares de inclemencias, sendo prisioneiro dos Inglezes, lançado nos Pontoens de Inglaterra como francez, e devendo a sua soltura a D. Domingos, depois Conde do Funchal, nosso ministro em Londres. A náo *Conceição Asia Feliz*, foi desgraçadissima para quantos nella navegaram ultimamente.

84.ª *Magnanimó*........ 26. Esta charrua, éra como huma fragata. Fez parte da Esquadra conductora da familia real ao Brasil em 1807. Viémos nella do Rio de Janeiro para a Europa em 1820, e fomos nella á India em 1822. Quando regressou correram-lhe a tolda até á prôa, ficando exactamente huma fragata Era hum bom o bello navio, assim como a sua irman *Princeza Real*, construidas ambas no Pará, e lançadas ao mar conjunctamente. Tambem fomos á India nesta outra charrua em 1827, conduzindo o governador D. Manoel de Portugal. Tinha as mesmas boas qualidades da *S. João Magnanimo*. Ambas ellas foram desmanchadas em 1853, huma na Azinheira por conta do Estado, outra no estaleiro da praia de Santos perto da Ponte da Lama. Eram navios fortissimos de madeira de secupira, nenhum estava alquebrado, nem fez agoa, até ao seu final desmancho. Hum genio destruidor os fez desmanchar.

85.ª *Princeza Real*...... 26. He o barco de que acabamos de fallar. Por ser muito velho, tinha as costuras hum pouco abertas, mas não fazia agoa, nem estava alquebrado. Era navio sadío para viagens de longo curso, nunca desgovernava, agoentador, de grande capacidade pois comportava 1.200 toneladas, e éra de hu-

ma marcha regular. Não podia haver melhor transporte, nem mais elegante. Quando em 1837 o commandámos com a fragata *D. Pedro,* os inglezes da Esquadra que surgio comnosco na Madeira, perguntaram-nos como se chamava aquella fragata, e éra realmente fragata.

86.ª *Princeza* .......... 44. Não podemos assignar bem a epoca do cahimento desta fragata no mar, porém sabemos que foi construida no arsenal de Lisboa, que pegou na carreira, e ganhou hum grande defeito, donde lhe resultou ficarem-lhe chamando a *Torta,* pois com effeito tinha tal, ou qual tortuosidade. Conduzio a Goa o Conde de Sarzedas, commandada por Luiz d'Abreu, e foi perderse aos 30 de Maio de 1807 na praia de Gaspar Dias, salvando-se a muito custo o mesmo conde e a guarnição, da qual fazia parte o nosso bom amigo Manoel Pereira de Macedo, que morreo em Capitão de Mar e Guerra, Vogal do Conselho Supremo de Justiça, que nos contou as circumstancias daquelle desastre, do qual demos noticia amplamente nos dois volumes dos *Quadros Navaes.*

87.ª *Dragão*........... 20. Dezembro de 1798. Não sabemos a época da construcção deste brigue, mas encontrâmol-o a navegar desde então em diante.

88.ª *Caçador* .......... 20. Como acima, apparecendo no registo do porto desde Maio de 1798.

89.ª *Mercurio* .......... 20. Navegava em Agosto de 1797.

90.ª *Neptuno*........... » Charrua. Apparece a navegar na mesma epoca.

91.ª *Gavião* ............ 22. Apparece igualmente fazendo serviço em Março de 1799.

92.ª *Espadarte* ......... 20. Como o antecedente, mas em Janeiro de 1801.

93.ª *Vigilante* ......... » O mesmo que o precedente.

94.ª *Marquez de Angeja.* » Partio de Lisboa, como náo de viagem, em Março de 1798. Foi vendido para a praça e acabou pertencendo a Antonio José Ferreira da Solla. Entrou no Rio de Janeiro armado em guerra com o *Grão Canoa* em 1819. Depois que acabaram os corsarios de Artigas fez algumas viagens com felicidade, e desmancharam-no em 1823.

95.ª *Venus*............. 44. Esta fragata éra do tempo da Snr.ª D. Maria Primeira, pelo que rezam os annuncios do movimento do Porto; fazia parte da Esquadra de que éra capitania a fragata *Successo* em 1819, como já dissemos no artigo *Os Agoiros.* Ainda navegava em 1822, ignorando com tudo, quando a desmancharam. Era hum navio comprido, máo andador, e até feio bastante.

96.ª *Galgo* ............. 20. Lançado ao mar em Lisboa aos 16 de Outubro de 1788 como cuter; mas depois transformado em brigue como o *Balão,* a *União,* a *Corôa,* e outros que seguem.

97.ª *União*............. 20. Como o antecedente.

98.ª *Balão* ............. 20. Dito. Este cuter, depois brigue, já foi por nós indicado, e mencionado por constar do Diario Nautico de Nelson, que estava surto á vista daquelle almirante, bem como a náo *Rainha,* quando infamemente enforcaram no lais do traquete da fragata napolitana o honrado almirante Francisco Caraciolo.

99.ª *Benjamim* ......... 99. Esta lindissima curveta ficou em Lisboa quando o Regente largou para o Rio de Janeiro, e aqui esteve, até que o nosso amigo Garção a foi commandar, para conduzir á côrte

Joaquim Severino, encarregado de pedir as mãos das infantes de Portugal para espozas de Fernando 7.º e de D. Carlos em 1816. Regressou, e não nos recordamos do seu fim.

100. *Principesinho* ...... 20. Este brigue apesar de pequeno éra excellente, e davam-lhe tanta importancia que, ainda em 1818 veio a Lisboa commandado por hum capitão de mar e guerra a que chamavam o Zaranza. Quando partimos do Rio de Janeiro em 1820, ficava armado.

101.ª *Principe Real* ..... » Era huma charrua pequena e desastrada. Julgamos que a venderam pelos annos de 1817, ou 18.

102.ª *S. Carlos Augusto*. 20. Era huma grande charrua que foi varias vezes á India de náo de viagem.

103.ª *St.ª Anna e St.º Antonio* ................ 40. Pertenceo á Marinha de Gôa, vindo a Lisboa de náo de viagem. Desta fragata fallamos noutro logar, ignorando que fim levou.

De muitos outros vasos do estado dão noticia as Gazetas, mesmo chamando-lhes náos, porém não os relacionamos, por que temos por sufficientes os que citamos, para prova da importancia da nossa força naval, e da actividade em que andou nos reinados do Snr. D. João Quinto, D. José, D. Maria 1.ª e Regencia do Snr. D. João Principe do Brasil. Tinhamos com effeito duas Armadas pelo numero de navios, e pelo pessoal militar que as guarnecia, composto de dois regimentos de infanteria e hum de artilharia, que depois se fundiram na Brigada Real da Marinha composta de duas Divisoens computadas em quatro mil homens effectivos, e os navios de duas cobertas em trinta e sete náos, trinta e quatro fragatas, e trinta e dois brigues e charruas, e outras muitas embarcaçoens que deixamos de mencionar, sommando talvez cento e cincoenta vasos de guerra, os quaes concorriam audazmente com as Esquadras inglezas, hespanholas, maltezas, e napolitanas. Ainda quando a familia real partio para o Brasil, foi acompanhada das náos *Principe Real, Rainha de Portugal, Conde Henrique, Meduza, Principe do Brasil, Affonso de Alboquerque, D. João de Castro, Martim de Freitas;* Fragatas *Carlota, Minerva, Golfinho, Urania;* brigues *Voador, Lebre, Vingança;* Escunas *Curiosa,* e *Ninfa,* e charrua *Magnanimo.* Ficando no Tejo as náos *Princeza da Beira, Maria 1.ª, Vasco da Gama* e *S. Sebastião;* Fragatas *Phenix, Amazona, Perola, Venus, Tritão;* Curveta

*Benjamim,* brigue *Gaivota,* e Charrua *Princeza Real.* Aqui temos pois doze náos que ainda fluctuavam no anno de 1820; nove fragatas, quatro brigues, huma curveta, duas charruas, e duas escunas; quer dizer trinta embarcaçoens de guerra que podiam compor tres boas Esquadras; e o seu pessoal habilitadissimo para apparecer em toda a parte do mundo sem vergonha, como bem o provou o commandante da náo *Principe Real,* convidando o almirante Sir Sydney Smith, a tocar os lais grandes da sua náo *Hibernia* nos lais da *Principe Real,* para receber o presente que o dito almirante destinava a Sua Alteza, como se executou da maneira mais audaz, mais habil, e mais graciosa que imaginar se podia. E esta Armada, foi ainda reforçada até ao anno de 1820 com a náo *D. João Sexto,* fragata *Constituição,* curvetas *Lealdade,* e *Congresso,* brigues *Providencia,* e *Tejo* em Lisboa; fragatas *Principe D. Pedro,* e *União* na Bahia, cahindo logo após daquelles estaleiros a curveta *Dez de Fevereiro,* e a fragata *Constituição* depois *Diana;* de Pernambuco a curveta *Princeza Real,* e a escuna *Maria Zepherina;* do Pará a escuna *Velha de Diu;* da India a fragata Real *Carolina,* curveta *Salamandra,* e brigue *S. João Baptista;* comprandose no Rio de Janeiro a fragata *Successo,* curveta *Maria da Gloria,* brigues *Treze de Maio* e *Infante D. Sebastião,* escunas *Leopoldina,* e *Maria Emilia,* charruas *Luconia,* e *Orestes,* com muitos outros navios para a campanha do Rio da Prata.

De todo o expendido se conclue, que fomos nação maritima, quando não da primeira ordem, pelo menos da segunda, e o éramos com effeito, ainda quando Sua Magestade regressou á Europa. Hoje não temos Armada, nem Esquadra, pois não as podemos compôr, falhos de navios de duas cobertas; e quando muito viremos a reunir huma pequena Esquadra ligeira com insignificantes e pessimas curvetas mystas. Do expendido se conclue que, o grande impulso e protecção dados á Marinha Nacional, datam do reinado do Snr. D. João Quinto, o qual, além de mandar comprar quatro náos a Hollanda, que chegaram a Lisboa em 7 de Novembro de 1717, como dito fica.

vio lançar ao mar trinta e dois vasos de guerra, pela maior parte náos; explicando-se este interesse e gosto que a mesma Arma inspirava, tanto pelos divertimentos aquaticos a que a Rainha e a côrte se entregavam, como pelo affan com que a mesma Snr.ª accudia ao cahimento dos navios no mar, a presencear os seus botasfora, a visital-os no estaleiro, ou a subir a seu bordo quando levavam ferro. Depois este interesse, posto que mais regrado, mas sempre indicando favor, continuou no reinado do Snr. D. José, que vio lançar ao mar dezoito embarcaçoens de alto bórdo, havendo da parte da Rainha sua espoza o mesmo gosto pelas scenas e divertimentos navaes; e finalmente, o mais decidido favor á Marinha, manifestou-se no reinado da Snr.ª D. Maria 1.ª, e regencia do principe seu filho, depois D. João Sexto, até á sua partida para o Brasil. No decurso deste periodo, lançaram-se ao mar trinta e cinco vasos de diversas grandezas, acontecendo por duas vezes, cahirem juntamente no mesmo dia, náo, fragata e brigue! Estabeleceo-se o Hospital da Marinha, reformou-se a contabilidade, e a administração desta Arma, creou-se o Conselho do Almirantado, e fundiram-se na Brigada Real da Marinha os dois regimentos da 1.ª e 2.ª Armada, com o Regimento de Artilharia da Marinha; e finalmente, criou-se a Sociedade Real Maritima de que Sua Alteza era presidente, e a cujas sessoens assistia varias vezes; elevando-se em memoria deste facto, na sala do risco o significativo monumento que lá se ostenta, do favor e sympatia do Regente pela Marinha. A estatua collossal do Principe, que avulta no topo da grandiosa sala, e que gente ignorante designou em letras de bronze por D. João VI, com offensa da chronologia, do bom senso, da historia, e de todos os factos contemporaneos e sabidos, appoia-se na Marinha, representada por hum Leme: Não he acto ordinario, nem procedente desse logar commum de *dirigir a náo do estado;* não, o Principe Regente, no vigor dos annos, com os seus atavios da Realesa, e uniforme de Marinha, calça justa e *botifarra* como éra usança então, está encostado, ou appoiado a hum Leme, symbolisando o appoio que esperava, ou a Marinha

dava ao seu governo; assistindo aos exercicios dos alumnos da respectiva companhia, ordenando os seus embarques em optimas fragatas, commandadas pelas pessoas mais authorisadas, mais competentes, e mais empenhadas no seu credito, e merecida reputação; promovendo as suas diversas classes repetidas vezes, e admittindo-as aos cortejos do paço por singular distincção.

O grande impulso e favor, começou pois no reinado do Snr. D. João Quinto, como acabamos de exemplificar, seguiose-lhe tambem favor no reinado do Snr. D. José, no qual tudo éram aspiraçoens magestosas em todos os ramos de administração e honra nacional, mas com especialidade no que respeitava á Marinha; e por ultimo, no reinado da Snr.ª D. Maria 1.ª que demonstrou este favor, e se caracterisou de Maritimo, ordenando o cahimento das náos ao mar, *Rainha de Portugal*, e *Maria 1.ª* acompanhadas de duas fragatas e dois brigues, presidindo a estes actos, o patriotismo de ordenar a chrisma dos navios velhos dedicados a quantos asceticos figuram no Flos Santorum, em nomes de heroes que mais fama deram, e mais serviços prestaram a este paiz, taes como *Affonso de Alboquerque, D. João de Castro, Martim de Freitas, Vasco da Gama*, e outros muitos; ou apropriando-lhes nomes historicos, ou da fabula, como *Urania, Ulisses, Minerva, Polyfemo, Tritão;* e mais ainda outros allegoricos de velocidade e ligeireza como *Lebre, Galgo, Diligente, Activo, Andorinha*, e milhares de outros indicadores de boas qualidades nauticas, aconselhados pelo bom senso, e pela intelligencia de quem os inspirava. Com a invasão do exercito francez, e a partida da familia real para o Brasil em 1807, e a guerra de sete annos que lhe succedeo, todos os recursos do paiz se exhauriram, as ideias tomaram varia direcção, as luctas intestinas absorveram todos os cuidados para os negocios internos, e a Marinha quasi que esqueceo.

No meio deste cataclismo, alguns espiritos bem nascidos e amantes da sua terra entraram a lembrar os serviços della, e a conveniencia de a proteger, lamentando o seu desamparo:

Trinta annos de chascos, e de injurias aos seus apaixonados e defensores, não lhe entibiaram o zelo de a defender; até que, no fim deste lapso de tempo, parece que o paiz acordou do lethargo em que jazia para reanimar a sua Marinha, votando-lhe sufficientes meios para lhe dar vida, e tornal-a capaz de lhe fazer serviços.

He porém huma triste convicção nossa que, apezar desta boa vontade nacional, o resultado não corresponderá ao empenho, e ás precisoens do paiz; quer pelo systema de construcçoens ultimamente seguido, contrario no nosso intender a todas as regras de architectura naval; quer pelo desuso em que o pessoal vai ficando de manobrar com os navios de vela, sendo as viagens commummente confiadas aos engenheiros machinistas.

FIM

# INDICE

# ERRATAS

| PAG. | LIN. | LÊ-SE | LEIA-SE |
|---|---|---|---|
| 20 | 23 | Agua | Agoa |
| 33 | 35 | Agua | Agoa |
| 85 | 32 | *S. Thomaz* | *S. Thomaz de Cantuaria* |
| 123 | 1 | IX | X |
| 163 | » | Aguas Livres | Agoas Livres |
| 273 | » | Um | hum |
| » | 3 | é | hé |
| 287 | 1 | é | hé |
| » | » | cê | de |
| » | 20 | da | *de* |
| 142 | 33 | entranhas | extranhas |

Ha outros erros que facilmente pódem corregir-se, vendo-se que não deveria ser aquella palavra, ou mesmo aquella orthographia, a genuina, empregada pelo author.